

Milena Ribeiro Martins

Júlia Lopes de Almeida



colaboradora regular d'O Paiz: 1906 a 1912

Editora FE Unicamp



JÚLIA LOPES DE ALMEIDA
colaboradora regular d'*O Paiz*:
1906 a 1912

- Volume 5 -

COLEÇÃO
As Mulheres no Jornal *O Paiz*

EDITORA DO VOL. 5:
Milena Ribeiro Martins

ORGANIZADORES DA COLEÇÃO:
Alexandro Henrique Paixão
Ana Cláudia Suriani da Silva
Tania Regina de Luca

Editora FE – Unicamp
Campinas
2025

FICHA TÉCNICA

COPYRIGHT: Creative Commons CC-BY

TIRAGEM: e-Book

NORMALIZAÇÃO, PREPARAÇÃO E REVISÃO TEXTUAL

Helen de Oliveira Silva (hdeosilva@gmail.com)

Milena Ribeiro Martins (milenamartins@ufpr.br)

PUBLICAÇÕES | Biblioteca | Faculdade de Educação – Unicamp

Supervisão: Roberta Pozzuto

Diagramação Final (miolo): Eduarda Esporta Vieira

Capa: Recorte de foto de Júlia Lopes de Almeida e filhos [s.d.]. | Fonte: acervo de Cláudio Lopes de Almeida e família.

Apoio: CNPq, UCL, UFPR, Unesp e Unicamp

EDITORA FE – UNICAMP

Série Editorial: Pesquisas

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado

Profa. Dra. Helena Sampaio

Profa. Dra. Maria Inês F. Petrucci-Rosa

(*Editora-chefe*)

Prof. Dr. Nelson Schapochnik

Roberta R. Fiolo Pozzuto

Prof. Dr. Roberto Nardi

Simone Lucas G. Oliveira

Prof. Dr. Walter Omar Kohan

FICHA CATALOGRÁFICA

Catálogo na Publicação (CIP) elaborada por Rosemary Passos – CRB-8ª/5751.

J942 Júlia Lopes de Almeida colaboradora regular d'O Paiz: 1906-1912 [e-book] / [editora] Milena Ribeiro Martins — Campinas, SP: FE/UNICAMP, 2025. 865 p. — (Coleção As Mulheres no Jornal O Paiz; 5).

Série editorial: Pesquisas.

Organizadores da coleção: Alexandro Henrique Paixão; Ana Cláudia Suriani da Silva; Tania Regina de Luca

ISBN: 978-65-87175-76-8

1. Almeida, Júlia Lopes de, 1862-1934. 2. Crônicas brasileiras. 3. Mulheres na literatura I. Martins, Milena Ribeiro (ed.). II. Título.

20ª CDD - 869



SUMÁRIO

AS MULHERES NO JORNAL *O PAIZ* 7

(por *Alexandro Henrique Paixão, Ana Cláudia Suriani da Silva e Tania Regina de Luca*)

CIDADANIA E SUBJETIVIDADE EM CRÔNICAS DE AUTORIA FEMININA 10

(por *Milena Ribeiro Martins*)

TEXTOS DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA 1906-1912

1906

1. POBRE TARTARUGA!.....	72
2. RINDO.....	76
3. WOMEN-CLUB	79
4. MAMÃE... ..	83
5. UM DIA DE SOL!	86
6. ANGÚSTIAS.....	88
7. UM PRESENTE RÉGIO	91
8. SABOROSO VENENO!.....	95
9. O PÃO E O LAR	98
10. A NOSSA BANDEIRA.....	104
11. STELLA DE MAGALHÃES.....	109
12. GRITOS	114
13. RESTOS... ..	118
14. UM MAR INTERIOR	122
15. REFLEXÕES DE UM MARIDO	126
16. HORA DIFÍCIL.....	130
17. UMA VOZ NO DESERTO	134
18. INVENTORES!.....	138
19. OITO GRAUS ABAIXO DE ZERO.....	142
20. REFLEXÕES DE UMA ESPOSA	146
21. A MENINA DAS ANDORINHAS	151
22. LEGÍTIMA	157
23. TERRAS DE PORTUGAL.....	162
24. ARTISTAS	166
25. NA CIDADE E NO MATO	170
26. BOA OCASIÃO	174
27. É PRECISO!.....	178

28. INDÍCIOS DE BOM CARÁTER	182
29. REFLEXÕES DE UM MARIDO	186
30. QUANTIDADE OU QUALIDADE?.....	190
31. TUDO É POSSÍVEL	194
32. AS GRANDES FESTAS	198
33. O NOSSO PATRIOTISMO	202
34. FLORES MISTERIOSAS...	206
35. [NÃO POSSO TER UMA ABSTRAÇÃO].....	210
36. MIECIO HORSZOWSKI.....	214
37. BENDITOS OLHOS.....	218
38. ÚLTIMA ESPERANÇA	222
39. REFLEXÕES DE UM MARIDO	225
40. PÁGINAS LIDAS.....	229
41. ADEUSES E BOAS VINDAS	234
42. REFLEXÕES DE UM MARIDO	237
43. GUERRA!.....	241
44. UM BOM MOVIMENTO	245
45. O TRIUNFO DA MARMELADA	249
46. O SANGUE DA TERRA	254
47. VÍCIO VULGAR	258
48. PÁGINAS ALHEIAS	262
1907	
49. REFLEXÕES DE UMA ESPOSA	266
50. ORQUÍDEAS!.....	271
51. DURANTE A CHUVA	275
52. ABANDONADOS.....	280
53. CARTA A JOÃO LUSO	284
54. MEMÓRIAS DE UM DOIDO	289
55. REFLEXÕES DE UMA ESPOSA	293
56. TRÊS CARTAS	297
57. ALMA CARIOCA	302
58. O DOTE	307
59. NEM CARNE NEM PEIXE!.....	311
60. ESCULTURAS.....	316
61. JUSTIÇA SANGUINOSA.....	320
62. REFLEXÕES DE UM MARIDO	324
63. ÂNSIA DE IMORTALIDADE	329

64. DA BAHIA A MINAS	334
65. A CURIOSIDADE E A RAZÃO	338
66. REFLEXÕES DE UMA ESPOSA	343
67. O DIABO AMARELO	346
68. NOTAS E RIMAS.....	350
69. UMA NOITE DE ARTE.....	353
70. CRIANÇAS E FLORES.....	356
71. O INIMIGO	360
72. A DANÇA DAS LETRAS	365
73. REFLEXÕES DE UM MARIDO	369
74. WOMEN-CLUB.....	373
75. REFLEXÕES DE UMA ESPOSA	377
1908	
76. A AGONIA DAS ÁRVORES	381
77. UM POUCO DE FEMINISMO	386
78. REFLEXÕES DE UMA VIÚVA	391
79. OS NOSSOS BARCOS	395
80. REFLEXÕES DE UM MARIDO	399
81. O NEGREGADO ESPANTALHO	403
82. O PAVILHÃO DE FLORA	406
83. OS BONDS	410
84. ETERNA FASCINAÇÃO	414
85. REFLEXÕES DE UM MARIDO	418
86. A FORÇA DOS FRACOS.....	422
87. ZOLA E O PANTHÉON.....	426
88. ADEUS, MEDICINA!.....	430
89. CARTA ABERTA	435
90. ELES E ELAS.....	440
91. OS NOSSOS CAMPÔNIOS	447
92. REFLEXÕES DE UM MARIDO	451
93. UM BELO GESTO	455
94. ASPECTOS DA ITÁLIA.....	459
95. UM ARTISTA	463
96. DE SOBRE AS MONTANHAS.....	466
97. REFLEXÕES DE UMA ESPOSA	470
98. EM PROL DO VERSO	474
99. CÃES E GATOS	478

100. REFLEXÕES DE UMA ESPOSA	482
101. QUADROS E VERSOS.....	487
102. NOITES DE ARTE	491
103. REFLEXÕES DE UM MARIDO.....	496
104. AMOR QUE NÃO ENGANA	501
105. CENA DE COMÉDIA	505
106. O FUNDO DO QUADRO.....	513
107. O PODER DO MISTÉRIO	517
108. REFLEXÕES DE UM MARIDO.....	521
109. SAUDADES	525
110. REFLEXÕES DE UMA ESPOSA	529
111. QUE TRISTEZA	534
112. OBRAS D'ARTE	538
113. SUPREMUM VALE	544
114. UMA OBRA SIMPÁTICA	548
115. FEIÇÕES POPULARES	552
116. OS VÍCIOS DELES	556
117. SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO	561
1909	
118. OS VELHINHOS.....	565
119. ESPÓLIO SAGRADO.....	568
120. RUMO AO MAR.....	573
121. SONHAR É VIVER!	579
122. ALMAS FRACAS	584
123. O CATIVEIRO ESCOLAR	588
124. UMA OBRA ÚTIL.....	592
125. DE SANDÁLIAS A BOTINAS	596
126. REFLEXÕES DE UMA ESPOSA	600
127. PERGUNTAS EMBARAÇOSAS	604
128. SI CETTE HISTOIRE VOUS EMBÊTE.....	608
129. ARTISTAS ILUSTRES	613
130. CARTA ABERTA.....	618
131. OS OUTROS.....	623
132. OS VENCIDOS DA VIDA	627
133. A GRANDE ARTISTA.....	631
134. SEGREDOS INDECIFRÁVEIS	635
135. O PERIGO DAS CARTAS	639

136. PELO TEATRO	644
137. O NARIZ POSTIÇO DAS OPINIÕES.....	648
138. UMA CHAGA URBANA	652
139. GUERRA À GUERRA!	656
1910	
140. NUVEM NEGRA...	660
141. MALES DO ESTIO.....	664
142. CRIME PREMEDITADO.....	670
143. CRIME PREMEDITADO.....	674
144. CRIME... CONSUMADO?	678
145. NICÁCIO UP TO DATE	683
146. UM DEVER ESQUECIDO	687
147. DE POÇOS DE CALDAS	692
148. DE POÇOS DE CALDAS	696
149. CRÔNICA DA SAUDADE.....	700
150. 2ª CRÔNICA DA SAUDADE.....	704
151. NOTAS DE UMA VIAJANTE.....	709
152. VIA FÉRREA... DOLOROSA.....	714
153. NO BOJO DO COLOSSO	719
154. NÃO VALE A PENA	724
155. A SEGREGADA	728
156. RESPEITO ÀS BARBAS	731
157. REFLEXÕES DE UM FILANTROPO.....	735
158. COMO A FLOR DO LÓTUS.....	739
159. UMA FESTA LITERÁRIA	743
160. CARMEN DOLORES	748
161. UM GRANDE SERVIÇO.....	751
162. SIC TRANSIT GLORIA...	756
1911	
163. CARTA A UM DESANIMADO	761
164. A FESTA DAS HORTÊNSIAS	766
165. TEATRO MUNICIPAL	770
166. ESCOLAS E LIVROS	774
167. PELOS FLAGELADOS	778
168. PALAVRAS	783
169. UM DIA DO POVO	787
170. MONÓLOGO DO ROCHA	792

171. BAZAR DE ALMAS	796
172. PREÇOS POPULARES... ..	800
173. EM BRANCO E OURO	805
174. EXEMPLO A SEGUIR	809
175. MME. CATULLE MENDÈS	813
176. UMA GLÓRIA DA CIDADE	818
1912	
177. A FORTUNA DO SIMÃO	822
ÍNDICES	826
ÍNDICE DE INDIVÍDUOS	826
ÍNDICE DE OBRAS.....	840
ÍNDICE DE LUGARES.....	845
ÍNDICE DE PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS.....	859
BIOGRAFIA DA EDITORA DESTE VOLUME.....	861

AS MULHERES NO JORNAL O PAIZ

Alexandro Henrique Paixão, Unicamp

Ana Cláudia Suriani da Silva, UCL

Tania Regina de Luca, Unesp/CNPq

A coleção “As mulheres no jornal O Paiz” reúne resultados do projeto de pesquisa “É preciso falar sobre as ausentes: a colaboração feminina no jornal O Paiz”, que se propõe a levantar, de forma exaustiva, a colaboração das escritoras Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921), Délia, pseudônimo de Maria Benedita Câmara Bormann (1887-1892), Carmen Dolores, pseudônimo de Emília Moncorvo Bandeira de Melo (1852-1910) e Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), desde a fundação do matutino até o ano de 1912. Cabe destacar que, no decorrer da investigação, um conjunto diversificado, que soma mais de trinta nomes, foi localizado, aí incluídas as quatro autoras cuja produção foi recolhida, a saber: Avozinha, Adalgisa Monteiro, Adelina Lopes Vieira, Alba, Anna Cezar, Anna de Castro Ozorio, Anna Maria Ribeiro de Sá, Branca de Gonta Colaço, Brites D’Almeida, Carmen Dolores, Carmen Rios, Chrysanthème, Corina Coaracy, Délia, Deolinda Cardoso, Dra. Ninon de Lenclos, Francisca Júlia da Silva, Guiomar Torrezão, Ignez Sabino, Ive Close, Julia Cezar, Júlia Lopes de Almeida, Juliette Adam, Judith Ferreira, Maria Amália Vaz de Carvalho, Maria Clara da Cunha Santos, Maria Clara Vilhena da Cunha, Marie Delaroziere, Marina, Matilde Serão, Paola Lombroso Carrara, Rose Méryss, Rosália Sandoval, Sylvia Seffala, Tia Luiza e Vera Cleser, o que perfaz mais de mil textos, dos mais variados gêneros, dirigidos sobretudo ao crescente público feminino leitor de cotidianos, e convida a reavaliar a presença das mulheres de letras na grande imprensa e a sua atuação enquanto mediadoras culturais e formadoras de opinião.

As contribuições das autoras estudadas no projeto são disponibilizadas ao público em edições digitais de acesso aberto, acompanhados de alentados estudos sobre as trajetórias pessoais e intelectuais das colaboradoras, análise dos textos, em termos dos ideais expressos, espaço ocupado na geografia do impresso e diálogos mantidos com os demais conteúdos e com o contexto sociopolítico brasileiro. O desafio foi o de colocar em tela o papel social, cultural e intelectual das escritoras que ocuparam as páginas do periódico. A escolha de *O Paiz* justifica-se tanto pelas posturas políticas abraçadas, quanto pela presença significativa de colaboradoras em suas páginas. A pesquisa evidencia a relevância da escrita feminina num jornal que defendia valores republicanos e abolicionistas, expressos por colunistas do sexo masculino, como Joaquim Nabuco e Quintino Bocaiúva, e que visava atingir público amplo e diversificado. Os livros, publicados com ortografia atualizada e textos críticos, preenchem significativa lacuna na história da imprensa e da cultura letrada brasileira, graças aos aportes que trazem a respeito da trajetória da crônica, da escrita feminina e do início da formação de um campo intelectual na *Belle Époque*. Cabe ressaltar, ainda, que a presença nos jornais abria possibilidades de experimentação literária e profissionalização das atividades intelectuais, com todas as consequências advindas, inclusive para o processo criativo. A temporalidade rápida dos periódicos obrigava as escritoras a curvarem-se aos prazos das rotativas, espaço das colunas e demandas editoriais.

Num mundo dominado por homens, algumas escritoras conseguiram impor-se, daí a importância de se indagar acerca das estratégias mobilizadas e das redes de sociabilidade nas quais se inseriram. Localizar, publicar e examinar sistematicamente esses textos, em grande parte não recolhidos em livros, representa mais um passo na construção de novas perspectivas sobre as vozes femininas que, em larga medida, seguem ausentes da história cultural brasileira. Além de contribuir para o conhecimento da história da imprensa e das estratégias de diversificação do seu público, os resultados inserem-se nos estudos de gênero,

ao recuperarem textos ainda desconhecidos e convidar a refletir sobre os avanços e recuos da agenda feminista e suas aproximações e distanciamentos das lutas sociopolíticas de *O Paiz*. Os ventos trazidos pela nova ordem burguesa tendiam, apesar das resistências dos que se apegavam à ordem estabelecida, a embaralhar marcadores sociais, abrir fissuras e espaços de negociação, processo no interior do qual a escrita feminina em periódicos desempenhou papel relevante, como evidenciam os livros que compõem a coleção.

Este volume é dedicado à colaboração regular de Júlia Lopes de Almeida, no período de 1906 a 1912, e resulta do trabalho de uma equipe coordenada por Milena Ribeiro Martins (UFPR), composta pelos estudantes Juliana Carolina de Castilhos (UFPR), Sábatha Yasmim Raizer (UFPR), Tiago Rodrigues Fernandes (UFPR), Jacqueline Lourenço Paschoim (Unesp), Lucas Antonio Mansano Moraes (Unesp), Paulo Silva (Unesp) e Daphne Nathielle Goulart da Costa (Unicamp), além da bolsista de apoio técnico à pesquisa Helen de Oliveira Silva (Unesp).

CIDADANIA E SUBJETIVIDADE EM CRÔNICAS DE AUTORIA FEMININA

Milena Ribeiro Martins, UFPR/Capes PrInt

Júlia Lopes de Almeida, cujo nome de batismo foi Júlia Valentina da Silveira Lopes, conhecida por seus contemporâneos como Dona Júlia, nasceu no Rio de Janeiro em 24 de setembro de 1862. Pouco depois a família instalou-se, por alguns anos, em Nova Friburgo e retornou à capital quando a menina tinha por volta de seis anos. Nova mudança em 1870, desta feita para a promissora Campinas, que florescia graças ao cultivo do café, que começava a se espalhar pelo chamado Oeste Paulista. Educada em casa pela mãe, Antônia Adelina, portuguesa que estudara no Conservatório de Lisboa, e pela irmã doze anos mais velha, Adelina Amélia, Júlia teve no pai, o também português, médico, dramaturgo e tradutor Valentim José Silveira Lopes, um incentivador. A primeira viagem à Europa ocorreu em 1875 e, antes do regresso a Campinas, a família passou dois anos em Montevideu por conta de problemas de saúde do Doutor Valentim.

É bastante conhecido o depoimento da escritora a João do Rio em 1905, oportunidade em que rememorou, em termos vívidos, os primeiros poemas escritos às escondidas e a estreia em 1881 na *Gazeta de Campinas* (1869-1888), com texto supostamente encomendado pelo diretor da folha ao seu pai, que a encarregou de cumprir a tarefa sob alegação de falta de tempo. De fato, o convite nunca existiu e, nas suas palavras, “Só mais tarde, muito mais tarde, é que vim a saber a doce invenção de meu pai”. (Rio, 2019, p. 65) Importa destacar o inusitado apoio do Dr. Valentim, que mantinha sólidos laços com a elite cultural da cidade, a quem franqueava a sua residência.

Contudo, foi o talento da jovem que assegurou sua presença nas páginas da *Gazeta de Campinas* até março de 1886, quando a família decidiu passar uma longa temporada em Lisboa. Antes da mudança, nos anos de 1884 e 1885, seu nome começava a se espalhar por periódicos de grande importância na capital federal, como *O Paiz* (Rio de Janeiro, 1884-1934), *A Estação* (Rio de Janeiro, 1879-1904) e *A Semana* (Rio de Janeiro, 1885-1888 e 1893-1895). Nessa década e na seguinte, seus textos também seriam publicados em jornais de uma variedade de cidades pelo país afora, como por exemplo em Vitória (ES), Juiz de Fora (MG), Curitiba (PR), Desterro (SC), Belém (PA) e São Luís (MA), o que evidencia o alcance e a boa aceitação do seu nome.¹ É provável que boa parte das publicações em jornais das províncias seja reprodução de textos antes publicados em jornais da capital, como sugerem alguns achados da pesquisa de Guilherme Barp (2023, p. 49).

A recém-lançada revista *A Semana* (na qual Júlia colaborou ao lado de Aluísio Azevedo, Olavo Bilac, Raimundo Correia e Raul Pompeia, dentre outros) era dirigida pelo escritor Valentim Magalhães e pelo poeta Francisco Filinto de Almeida, português desde muito jovem radicado no Rio de Janeiro, com quem Júlia se casou, em Lisboa, em fins de 1887.

O convite para que ela fosse colaboradora dessa revista foi feito por Valentim Magalhães, segundo a escritora informou em crônica publicada por ocasião da morte do amigo jornalista (Almeida, 25 maio 1903). A informação contradiz a apresentada por Michele Fanini (2009, p. 320), que atribuiu o convite a Olavo Bilac. Na ausência da carta que documente o fato, a crônica serve como indício, ainda que sujeita aos deslizes da memória. De toda forma, evidencia-se que a jovem se inseria no mundo intelectual a partir de convites que lhe eram dirigidos por nomes já estabelecidos no mundo letrado.²

¹ Para maiores informações, conferir: Lobato 2016, Barp 2023 e Silva [no prelo].

² Os parágrafos introdutórios deste texto, até este ponto, repetem informações e formulações apresentadas no artigo "Do lar à rua: a construção de uma cronista", que introduz o volume 4 desta coleção. Para mais

Alguns meses antes de estrear na *Semana*, Júlia iniciou sua colaboração com *O Paiz*, provavelmente o periódico ao qual ela esteve vinculada por mais tempo, durante sua extensa carreira literária. Nesse jornal diário, a colaboração da escritora conheceu diferentes fases: no período entre 1884 e 1905, Júlia colaborou sem regularidade, tendo assinado 51 textos com seu próprio nome e outros 107 com o pseudônimo Ecila Worms.³ Em 1906 iniciou-se uma nova fase, de colaboração regular com o jornal: a escritora passou a publicar semanalmente e, como consequência, o volume de seus textos aumentou significativamente; pelo menos 317 textos seus foram publicados no jornal no período de 1906 a 1912.⁴ A título de comparação, observe-se na Tabela 1 a quantidade de textos publicados a cada ano na fase de colaboração eventual (até 1905) e na fase de colaboração regular (a partir de 1906).

Não encontramos no jornal uma notinha que anunciasse que a escritora havia sido "promovida" de colaboradora eventual a colaboradora regular, mas o volume de textos e sua periodicidade nos permitem distinguir esse período do anterior. Apesar da falta de documentação dessa mudança de status, imaginamos que tenha havido uma situação, talvez iniciada por uma conversa informal, na qual a escritora tenha manifestado seu interesse em colaborar com mais assiduidade, ou (quem sabe?) uma reunião no novo edifício da redação do jornal, na qual ela tenha sido formalmente convidada a se tornar colaboradora regular.

informações a respeito dos anos iniciais da vida e da carreira de Júlia Lopes de Almeida, vide o mencionado artigo. (Luca e Martins, 2024)

³ A colaboração eventual e a colaboração sob pseudônimo estão reunidas nos volumes 3 e 4 desta coleção; o volume 3 foi organizado por Ana Cláudia Suriani da Silva e Tania Regina de Luca; e o volume 4 foi organizado por Milena Ribeiro Martins e Tania Regina de Luca.

⁴ Apesar da reconhecida qualidade da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, a coleção do jornal *O Paiz* não está completa nesse acervo. No ano de 1908 localiza-se a mais expressiva lacuna, no que concerne a esta pesquisa: estão faltando os exemplares de setembro a dezembro; isso explica a imprecisão quanto ao número de textos publicados pela escritora. É provável que, nesses meses, a escritora tenha publicado cerca de 17 textos.

Quais terão sido os termos do contrato firmado entre a escritora e o jornal? Ela terá feito alguma exigência, como, por exemplo, de liberdade para tratar dos assuntos de seu interesse? Quanto o jornal lhe pagaria por texto? Era o mesmo valor que pagava a outros colaboradores? São perguntas às quais este texto não responde, mas que, formuladas, ajudam a explicitar quão pouco se sabe sobre a atividade profissional das mulheres de letras no Brasil da Primeira República.

TABELA 1. Quantidade de textos publicados por Júlia Lopes de Almeida n'*O Paiz*

TIPO	ANO	TEXTOS PUBLICADOS	OBSERVAÇÕES
colaboradora eventual e sob pseudônimo	1884	1	
	1885	1	
	1892	12	Todos assinados com o pseudônimo Ecila Worms.
	1893	8	Todos assinados com o pseudônimo Ecila Worms.
	1894	12	9 deles assinados com o pseudônimo Ecila Worms.
	1895	19	15 deles assinados com o pseudônimo Ecila Worms.
	1896	8	Todos assinados com o pseudônimo Ecila Worms.
	1897	18	14 deles assinados com o pseudônimo Ecila Worms.
	1898	16	14 deles assinados com o pseudônimo Ecila Worms.
	1899	10	9 deles assinados com o pseudônimo Ecila Worms.
	1900	11	Todos assinados com o pseudônimo Ecila Worms.
	1901	23	7 deles assinados com o pseudônimo Ecila Worms.
	1902	4	
	1903	9	
	1904	3	
	1905	2	
colaboradora regular	1906	48	
	1907	34	Não estão incluídos os textos publicados entre setembro e dezembro, por falta de acesso aos jornais.
	1908	51	
	1909	49	
	1910	52	
	1911	51	Não tivemos acesso ao jornal de 31/01/1911.
	1912	32	O último texto assinado pela escritora foi publicado em 27/08/1912.

Fonte: Elaborada pela autora.

O Paiz em novo endereço

O início da colaboração regular de Júlia Lopes de Almeida com *O Paiz* coincidiu com um período de mudanças físicas e simbólicas no jornal. No contexto das reformas urbanas do Rio de Janeiro do início do século, o jornal anunciou a mudança de endereço de suas instalações: paulatinamente, ele saiu da Rua Moreira César 63 e 65 (antiga Rua do Ouvidor) e passou a ocupar o suntuoso edifício construído na Avenida Central. A mudança foi anunciada em novembro de 1904, embora não tenha se concluído nessa data: primeiro se instalaram no novo edifício as oficinas; a redação levaria mais de um ano para ser transferida. O anúncio informa que "*O Paiz* passa desde hoje a funcionar na casa da Rua Sete de Setembro n. 79 e no seu novo edifício da Avenida; a redação naquela e as oficinas neste." (*O Paiz*, 27 nov. 1904) Louvando a evangelização republicana de Quintino Bocaiúva, o abolicionismo de Joaquim Nabuco e os textos políticos do também abolicionista Joaquim Serra, o editorial de tom histórico e emocional nomeia ainda alguns operários, responsáveis por funções técnicas, como Miranda, o paginador, e Almeida, o chefe de máquinas, anunciando que eles continuariam trabalhando no jornal, no seu novo endereço. Muda o espaço, mas a essência permanece — é o que o jornal parece sinalizar. A mudança se completa no início de 1906, com a instalação da redação e do escritório junto das oficinas, "na parte já concluída do edifício na Avenida Central." (*O Paiz*, 11 jan. 1906) A expressão "parte já concluída" faz supor que havia previsão de desdobramentos futuros, ajustes ou ampliações. Essa notinha, muito mais breve do que o texto anterior, foi estampada com destaque, no alto da primeira página, ocupando o espaço de duas colunas, como se pode ver na Figura 1.



Figura 1: Parte superior da primeira página do jornal *O Paiz*, 11 de janeiro de 1906. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/178691_03/10691. Acesso em 24 maio 2024.

A mudança de endereço, revestida da aura de modernização que o edifício na prestigiosa Avenida trazia consigo, fez-se acompanhar de outras mudanças no jornal. No processo de coleta das crônicas, ao folhearmos cada um dos exemplares disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, observamos que, a partir de 1906, houve um aumento no número de páginas do periódico: das usuais 4 a 6 páginas, o jornal passou a ter 8 e, não raro, 12 páginas. Além disso, a primeira página passou a trazer ilustrações, fotografias e charges (vide Figuras 2 e 3). Destaca-se, nesse período, o nome de Julião Machado, cujas charges mesclavam ilustração, textos e, vez ou outra, referências literárias.

Além dessas, observa-se uma terceira inovação: a partir de 1905, houve um aumento considerável da quantidade de textos de autoria feminina no jornal. É verdade que, desde sua inauguração, em 1884, o jornal contara com mulheres entre seus colaboradores, dentre as quais estavam Maria Amália Vaz de Carvalho, Délia (pseudônimo de Maria Benedita Câmara Bormann) e Corina Coaracy, por exemplo; Júlia Lopes de Almeida, Emília Moncorvo Bandeira de Melo (sob o pseudônimo Júlio de Castro) e outras também colaboraram no século XIX, mas de modo irregular. No entanto, nos primeiros anos do século XX,

especialmente entre 1902 e 1904, a quantidade de textos de autoria feminina diminuiu significativamente. Depois desse breve interregno, as mulheres voltaram a ocupar o jornal e, o que é mais interessante, passaram a fazê-lo com regularidade. Disso deriva a suposição da existência de contratos formais, a partir de 1905, vinculados a uma decisão programática de contar com mais mulheres nos quadros fixos do jornal, garantindo-lhes reconhecimento, relações mais estáveis de trabalho e (quem sabe?) liberdade para tratar de assuntos do seu interesse. Em janeiro de 1905, Emília Moncorvo Bandeira de Mello, sob o pseudônimo Carmen Dolores, começou a assinar a coluna "A Semana", na primeira página do periódico, e lá ela se manteria até 1909, ano de sua morte.⁵ Em 1906, foi a vez de Júlia Lopes de Almeida estreitar sua colaboração semanal, situação que se manteria até 1912. Ao longo de 1906, foram publicados também alguns poucos textos assinados por Chrysanthème,⁶ de tal modo que, em alguns domingos, o leitor encontrou textos dessas três mulheres num mesmo exemplar d'*O Paiz*. A elas se juntariam os nomes de "Tia Luíza", em 1906 e 1908, e Ana de Castro Osório,⁷ em 1908, além de outras que publicaram mais esporadicamente no mesmo período.

⁵ Um dos volumes da coleção "As mulheres no jornal *O Paiz*" será dedicado às crônicas de Carmen Dolores. O organizador do volume é Álvaro dos Santos Simões Júnior.

⁶ Em nosso levantamento, encontramos 7 textos assinados por Chrysanthème, todos publicados no início de 1906: "Dor de uma rosa (Conto para moças)", em 14/01; "O pássaro azul (História para crianças)", em 21/01; "A fidelidade de Liou", em 11/02; "A mão de Dadir", em 18/02; "A última fantasia", em 25/02; "A viagem de um anjo", em 04/03; "A mulher gata (História de fadas)", em 18/03. Todos eles foram publicados aos domingos, mesmo dia em que saíam as colunas de Carmen Dolores (Emília Moncorvo, mãe de Cecília Moncorvo, ambas sob pseudônimo) e de Júlia Lopes de Almeida. A pesquisa de Maria de Lourdes de Melo Pinto (2006) faz um levantamento da colaboração jornalística de Chrysanthème a partir de 1914 e, portanto, não inclui esses textos.

⁷ Ana de Castro Osório (1872-1935) foi uma escritora portuguesa, líder feminista e militante de movimentos republicanos. Segundo Marisa Lajolo (2000), a escritora manteve relações estreitas com o Brasil, tendo morado em São Paulo entre 1911 e 1914 (portanto depois de sua colaboração com o jornal *O Paiz*) e tendo incluído o país em sua obra infantil *Viagens aventurosas de Felício e Felizarda ao Brasil* (1923).

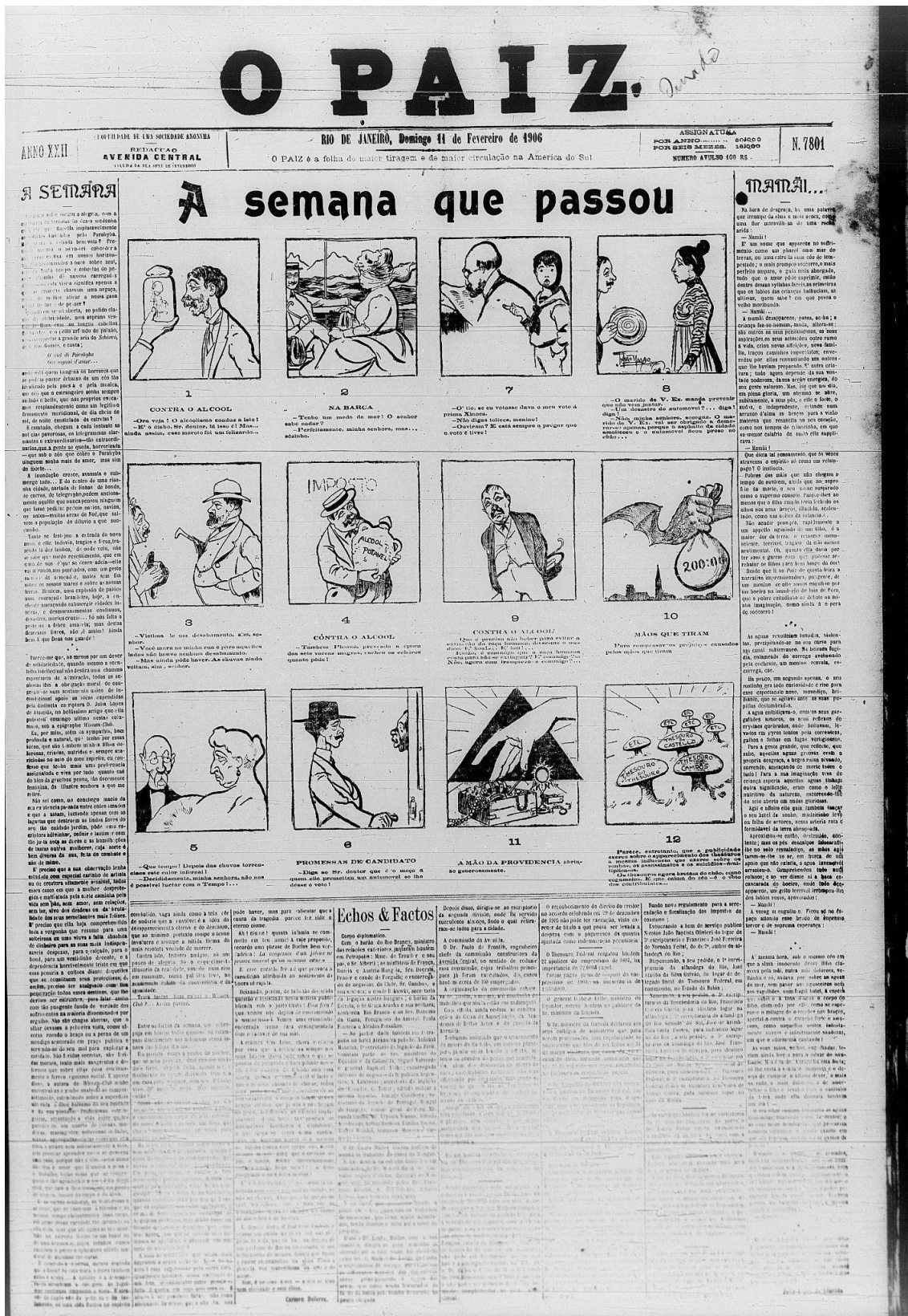


Figura 2: Primeira página do jornal *O Paiz*, 11 de fevereiro de 1906. No centro da página, vê-se a arte de Júlia Lopes de Almeida, ocupando espaço significativo do jornal. Do seu lado esquerdo, uma crônica de Carmen Dolores; do seu lado direito, uma crônica de Júlia Lopes de Almeida. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/178691_03/10864. Acesso em 24 maio 2024.



Figura 3: Primeira página do jornal *O Paiz*, 20 de maio de 1906. No centro da página, vê-se a arte de Julião Machado, ocupando espaço significativo do jornal. Do seu lado esquerdo e acima dela, uma crônica de Carmen Dolores, que ocupa quase todas as colunas; do seu lado direito, uma crônica de Júlia Lopes de Almeida. Tanto a arte gráfica como a segunda crônica estão incompletas; concluem-se ambas na página 2. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/178691_03/11536. Acesso em 24 maio 2024.

Profissional das letras

Ao se tornar colaboradora regular do jornal, Júlia ocupava uma posição de relevo na cena literária brasileira: além de ser autora de textos teatrais e colaboradora em uma variedade de periódicos, no começo do século ela já tinha uma boa coleção de livros publicados e começava a conquistar espaço no catálogo das principais editoras do país.

TABELA 2. Livros de autoria de Júlia Lopes de Almeida, desde sua estreia até 1905

ANO	TÍTULO	CIDADE	EDITORIA
1886	<i>Contos infantis em verso e prosa</i> (coautora: Adelina Lopes Vieira)	Lisboa	Livraria Editora de Matos Moreira e Companhia
1887	<i>Traços e iluminuras</i>	Lisboa	Tipografia Castro Irmão
1892	<i>A família Medeiros</i>	Rio de Janeiro	Companhia Editora Fluminense
1896	<i>Livro das Noivas</i>	Lisboa	Tipografia da Companhia Nacional Editora
1897	<i>A Viúva Simões</i>	Lisboa	António Maria Pereira
1899	<i>Memórias de Marta</i>	Sorocaba	Casa Durski editora
1901	<i>A falência</i>	Rio de Janeiro	Officinas de Obras d'A Tribuna
1903	<i>Ânsia eterna</i>	Rio de Janeiro	Editora Garnier

FONTE: Elaborada pela autora.

Seus primeiros dois livros foram publicados em Lisboa, prática comum entre escritores brasileiros de então (Hallewell 2005, p. 284); no Brasil, ela ensaiou por tipografias e editoras de pouco renome, até que em 1903 teve um livro publicado pela prestigiosa editora Garnier.⁸ Em 1902, seu romance *A Falência* foi objeto de atenção do crítico José Veríssimo, que qualificou a autora como "um escritor já na posse de todos os seus meios" (1905, p. 151).⁹ Em 1906, no mesmo

⁸ É possível que o livro tenha começado a circular no Brasil em dezembro de 1902, embora a data estampada no frontispício seja 1903. Em 01 de janeiro de 1903, Renato de Castro publicou um texto bastante elogioso sobre *Ânsia eterna*, em que informava que o livro havia sido lançado em dezembro de 1902. (Castro, 01 jan. 1903, p. 02)

⁹ O texto de José Veríssimo foi publicado originalmente no *Correio da Manhã*, em 04 fev. 1902, como informa Rachel Bertol Domingues (2016, p. 125).

ano em que seu nome ganhou destaque e frequência na primeira página do jornal *O Paiz*, Júlia teve seu *Livro das donas e donzelas* publicado pela Francisco Alves, que se tornaria sua principal editora durante uma década, como se pode ver na listagem apresentada na Tabela 3.

TABELA 3. Livros de Júlia Lopes de Almeida, publicados a partir de 1906

Ano	Título	Cidade	Editora
1906	<i>Livro das donas e donzelas</i>	Rio de Janeiro	Francisco Alves & Cia.
1907	<i>Histórias da nossa terra</i>	Rio de Janeiro	Francisco Alves & Cia.
1908	<i>A Intrusa</i>	Rio de Janeiro	Livraria Francisco Alves - editor
1909	<i>A herança: peça em um ato</i>	Rio de Janeiro	Tipografia do Jornal do Comércio
1910	<i>Eles e elas</i>	Rio de Janeiro	Francisco Alves & Cia.
1911	<i>Cruel Amor</i>	Rio de Janeiro / Paris	Francisco Alves e Cia. / Aillaud, Alves & Cia.
1913	<i>Correio da roça</i>	Rio de Janeiro / Paris	Francisco Alves e Cia. / Aillaud, Alves & Cia.
1914	<i>A Silveirinha (crônica de um verão)</i>	Rio de Janeiro / Paris	Francisco Alves e Cia. / Aillaud, Alves & Cia.
1916	<i>A árvore</i> (em coautoria com Afonso Lopes de Almeida)	Rio de Janeiro	Livraria Francisco Alves
1917	<i>Era uma vez...</i>	Rio de Janeiro	Jacinto Ribeiro dos Santos
1917	<i>Teatro: Quem não perdoa, Doidos de amor, Nos jardins de Saul</i>	Porto	Edição da Renascença Portuguesa
1920	<i>Jornadas no meu país</i>	Rio de Janeiro	Livraria Francisco Alves
1922	<i>Jardim florido (jardinagem)</i>	Rio de Janeiro	Editora A Livraria Leite Ribeiro
1923	<i>Oração a Santa Dorotea</i>	Rio de Janeiro	Livraria Francisco Alves
1923	<i>A isca</i>	Rio de Janeiro	Editora A Livraria Leite Ribeiro
[1925]	<i>Maternidade</i>	Rio de Janeiro	Olivia Herdy de Cabral Peixoto
1932	<i>A Casa Verde</i> (em coautoria com Filinto de Almeida)	São Paulo	Companhia Editora Nacional
1934	<i>Pássaro Tonto</i>	São Paulo	Companhia Editora Nacional

FONTE: Elaborada pela autora.

Segundo Aníbal Bragança (2016, p. 35), “Francisco Alves foi o primeiro editor brasileiro a quem os autores levavam originais, sabendo que, quando lhe serviam, logo poderiam ter um contrato assinado, registrado em cartório de notas, e receberiam direitos na hora e bem.” Trata-se de uma editora reconhecida, portanto, por seus bons contratos editoriais, que remunerava generosamente os autores.¹⁰ Em suas crônicas, por duas vezes a escritora menciona Francisco Alves. Na primeira ocasião, em 1907, ela se refere à dificuldade de encontrar quem se interessasse por um de seus livros, depois publicado com sucesso pelo editor luso-brasileiro:

[...] pensei calada nos doze anos que o meu último livrinho para leituras escolares — “Histórias da nossa terra” — curtiu, ora no fundo da minha secretária, ora nas dos conselhos de instrução pública do Rio e de S. Paulo, ora no Pará, sem encontrar bafejo que o animasse a saltar do manuscrito para a letra de forma, até que um dia o editor Francisco Alves, percebendo a boa intenção da obra, a incluiu no seu catálogo. (Texto n. 70)¹¹

É a literatura para crianças o assunto central dessa crônica: depois de uma certa teorização sobre o gênero, a cronista apresenta e analisa a obra de Ana de Castro Osório, percorrendo sobre suas publicações em periódicos, seus livros autorais e traduções.

Menos de um ano depois, Júlia inicia uma outra crônica referindo-se a uma conversa que tivera quando saía da editora, cansada, “depois de ter assinado mil e quatrocentos exemplares de uma obra reeditada”. (Texto n. 88) O tema dessa crônica (um médico propõe o uso terapêutico de automóveis) não tem relação

¹⁰ Segundo Bragança (2001, p. 116), os contratos feitos entre Francisco Alves e Júlia Lopes de Almeida para a primeira edição de *A Intrusa* (1908) e *Cruel Amor* (1911) e para a oitava edição de *Contos infantis* (1910) foram do tipo “parceria”, isto é, a autora recebia participação de 50% dos lucros da edição. Segundo os contratos, a remuneração pelos dois romances seria anual, e semestral no que diz respeito aos *Contos infantis*.

¹¹ Ao nos referirmos a textos (crônicas, cartas ou esquetes ficcionais) de Júlia Lopes de Almeida reunidos neste volume, mencionaremos entre parênteses o número por meio do qual cada um deles pode ser localizado no índice. A referência bibliográfica completa está incluída ao final de cada texto.

direta com a editora, nem com a assinatura de exemplares de livros; mas a menção a um episódio da vida profissional da escritora — a editora como espaço de trabalho; a assinatura de exemplares como forma de reconhecimento de propriedade; a tiragem de uma reedição; o adjetivo *reeditada* — dá ensejo a que ela delineie sua auto-imagem como uma profissional bem-sucedida, inserida num circuito ao qual ela se refere com aparente casualidade. Sua inserção profissional num mundo masculino por excelência e seu reconhecimento público como escritora permitem-lhe circular com autonomia pela cidade e lhe propiciam encontros surpreendentes e significativos, os quais ela narra e comenta em seus textos publicados num jornal de grande circulação, como era *O Paiz*.

A profissionalização da atividade literária é assunto frequente em suas crônicas d'*O Paiz*, com apresentação de dificuldades e propostas para o seu enfrentamento. Num texto de 1907, o assunto é tratado com viés analítico, revestido de um certo sarcasmo. Um dos entraves à profissionalização, segundo a cronista, era a falta de leitores, derivada do baixo índice de alfabetização no país e, dentre os alfabetizados, da falta de interesse por literatura. Sem renda advinda dos livros, os escritores que almejassem viver das letras só poderiam contar com o jornal: "Ninguém ignora que no Brasil as letras, infelizmente, não chegam a constituir uma profissão, a não ser no jornal. O livro, que representa o verdadeiro e o mais sério trabalho do escritor, é quase uma caçoadá..." (Texto n. 63) Em contraposição a esse cenário desolador para escritores e editores, a cronista menciona a criação, na França, de um prêmio literário para incentivar poetas iniciantes. No Brasil, no entanto, apesar do "fervor literário" que estava na raiz da criação de academias de letras em cidades onde nem escolas havia, a literatura ainda era "uma deusa ignota". Aqui, o desinteresse dos "capitalistas e ricos" por literatura era um impeditivo para que eles se tornassem financiadores das letras:

Ora, não lendo livros da literatura nacional, como poderão os homens de fortuna sentir tremeluzir-lhes na alma a estrelinha de simpatia pelos seus autores, sentimento que os leve a legar no seu testamento uma verba a este ou àquele escritor, como manifestação do seu apreço, ou a instituir um prêmio para os futuros estreantes do gênero literário, seu preferido? (Texto n. 63)

Coincidentemente ou não, uma década depois Francisco Alves legaria seu patrimônio para a Academia Brasileira de Letras, vinculando essa doação ao compromisso de criação de concursos que incentivassem financeiramente as letras e o ensino. (Bragança, 2009. p. XVIII)

Até mesmo entre os membros da Academia Brasileira de Letras a cronista identificou desinteresse pela literatura (nesse caso, por eventos literários). Na ocasião da posse de Paulo Barreto¹², a cronista puxa as orelhas dos acadêmicos que não compareceram a uma sessão solene. Ela até compreende a ausência dos que moravam em outros estados, mas não a de quatorze acadêmicos residentes no Rio. Ela não especula sobre suas razões; refere-se de passagem a eventuais "motivos de força maior", mas considera danosa para o prestígio da instituição a ausência de um número tão significativo de escritores: "uma indiferença [...] inexplicável e absurda, que não podia deixar de ser notada e causar estranheza a toda a gente que se apinhava ali, em *toilette* de festa". (Texto n. 159)

Alguém poderia supor que a admoestação fosse uma alfinetada à ABL, resposta tardia à sua recusa em acolher a escritora entre seus membros fundadores; não obstante, o texto não poupa elogios à Academia, a seus membros atuantes, seus ritos e ações, por meio das quais a instituição se mostrava útil à intelectualidade brasileira.

No pólo oposto desse cenário nacional de carestia e desinteresse, em outro texto a cronista se regozija ao noticiar que Gabriele D'Annunzio fora convidado para fazer conferências muito bem remuneradas em Nova York — convite que

¹² Nessa e em outra ocasião, a cronista se refere ao escritor pelo nome, não pelo pseudônimo João do Rio, pelo qual ele se tornou mais conhecido.

ele, no entanto, recusara. O prazer advém, por um lado, da percepção de que o tratamento do artista como celebridade é perturbador e, nesse caso, a recusa representaria uma forma de insubmissão; por outro lado, o prazer advém também do contraste entre a histórica condição de pobreza do artista e, nos tempos modernos, sua eventual riqueza sendo usada como uma declaração de independência:

Feliz Europa, como vê longe os séculos em que os seus famosos trovadores e cronistas viviam como mendigos, atravessando os pátios dos fidalgos para adular imbecis, fazendo madrigais a duquesas ou escrevendo dedicatórias em livros, só para não morrerem de fome... [...] D'Annunzio recusou ir falar de estrelas ou de cambiantes de luz aos ouvidos metálicos do formidável tio Sam. Eu, cá do meu cantinho, senti com essa recusa uma espécie de alegria absurda e toda literária: é que me pareceu ver nesse ato vingada toda a horda dos antigos bardos, que de gibão surrado, sapatos cambaios, bolsos sem vintém, escreviam odes divinas a troco de um mísero frango assado, ou de um copo e vinho... Feliz D'Annunzio! (Texto n. 67)

O caso de D'Annunzio é atípico, como se pode imaginar, e não se aplicava ao Brasil do início do século: "No Brasil o escritor não acha em torno de si senão motivos de desalento. É preciso ter fibras de aço, a obsessão do trabalho, a raiva de produzir, é preciso esgotar os seus nervos, dissipar em variadas formas o seu talento, para se pôr uma criatura ao serviço exclusivo das letras!" (Texto n. 17)

Em outros textos, Júlia deixa de lado propostas pontuais, ações individuais, e passa a defender (e a dar voz a quem defendesse) a ação do Estado como financiador da produção literária. Uma vez que o Estado brasileiro financiava artistas plásticos e músicos, parecia-lhe legítimo e desejável que o financiamento alcançasse também os escritores. O assunto apareceu pela primeira vez em 1906, na voz da cronista e, em 1911, de modo mais raivoso na voz de um escritor novato, de nome não identificado, muito provavelmente um personagem por meio do qual ela reapresentou a ideia com outra roupagem:

Realmente a mim sempre me pareceu injusta a preterição de escritores nesse gênero de acoroçoamento, tanto mais que a literatura é a alma do povo, é ela que principalmente o reflete, que lhe transmite os sentimentos e as ações através dos tempos! Por que hão de inspirar mais simpatia o pincel e o escopro, se ainda é a pena que lhes leva a fama aos mais longínquos lugares, vibrando aos seus triunfos, notando as suas belezas, arrancando-os quantas vezes à obscuridade, para os elevar num triunfo ao sétimo céu da glória? Em crônicas, revistas, livros, conferências ou folhetos, o escritor enaltece o pintor, o escultor, o arquiteto ou o músico. (Texto n. 17)

O nosso governo não preza nem considera as letras. [...] Creia, minha senhora, os escritores não têm aqui a consideração que merecem, quer da parte do povo, que não sabe ler, quer do governo, que só [lê] os anais da câmara e os relatórios que ele mesmo fabrica. [...] temos que fazer tudo à custa do nosso esforço. Escola de jornalismo não há. Não há um curso superior de letras. Fazemos crítica de arte sem ter educado a vista e a observação em obras de mestres. (Texto n. 163)

Desanimado, o jovem escritor observava que o governo brasileiro não investia na tradução de obras nacionais, que cursos e conferências sobre obras brasileiras no exterior eram frutos de ações de indivíduos, e não de programas de governo, e que portanto era vazias as palavras do jornal *Figaro* quando se referia ao "esforço do Brasil em revelar-se intelectualmente ao velho mundo". (idem) As acusações de indiferença e falta de ação política são semelhantes, em 1906 e 1911, mas alcançam governos distintos (primeiro, de Rodrigues Alves; depois, de Hermes da Fonseca), evidenciando o contínuo e duradouro desinteresse da política nacional pelas Letras.

A cronista também defendia que o Estado agisse propositivamente na preservação da memória literária do país. Por ocasião da morte de Artur Azevedo, por exemplo, além de refletir sobre as dificuldades financeiras da viúva e dos filhos do falecido escritor e amigo, Júlia propôs que o Estado criasse a função de (digamos) pesquisador de história literária, que se dedicaria a recuperar e publicar os textos que o escritor deixara dispersos em jornais:

Quantos e quantos volumes de boa literatura dariam as páginas esparsas de Artur Azevedo? Quantos contos deliciosos ficam esquecidos por essas colunas de jornais, e quantos encantadores sonetos dormem abafados em álbuns de salão ou em velhas folhas de almanaques que ninguém já lê?

Para essa espécie de abandono literário, deveria o Estado inventar um remédio, quando o caso valesse a pena, encarregando uma pessoa competente de pesquisar em papeladas de redações e bibliotecas escritos de autores mortos, para reedições definitivas. (Texto n. 111)

A idealização de uma iniciativa de edição das obras esparsas dos escritores-jornalistas se repete na ocasião da morte de Carmen Dolores (Júlia se refere a ela por seu pseudônimo, não por seu nome civil):

As homenagens prestadas a Carmen Dolores no seu enterro, em que se fez representar o presidente da República, se à pobre morta nenhuma espécie de consolação ofereceram, deram-nas a nós outros a impressão de que ao menos o tempo das ingratidões e da indiferença pelas letras passou... Há, porém, uma outra homenagem a prestar a essa escritora: a de lhe enfeixarem as crônicas melhores em um volume bem editado, bem cuidado e em que figurem o seu retrato e a sua biografia. Será a única maneira de não deixar morrer com ela a maior e a melhor parte da sua obra. (Texto n. 160)

Teria passado o tempo da indiferença pelas letras? Esse julgamento benevolente ou esperançoso parece desconsiderar a hipótese de que o sobrenome tradicional de Emília Moncorvo Bandeira de Mello (e não sua obra) tenha sido a motivação para a presença de altas autoridades no funeral.¹³

De todo modo, é digna de registro a preocupação da cronista com a preservação da produção literária do seu tempo, parcialmente inédita, esquecida em jornais velhos. Ironicamente, só conhecemos essa sua preocupação porque o Estado, por meio do fomento à pesquisa acadêmica, incentivou e financiou pesquisas como esta, que se dedicam a recolher a produção jornalística das "ausentes". Não obstante a existência de algum investimento, é mais do que sabido que as humanidades são a prima pobre em qualquer edital nacional de financiamento de pesquisas.

¹³ É essa, também, a interpretação de Risolette Maria Hellmann (2021, p. 20).

A dificuldade de acesso a obras de autores falecidos — e mais ainda de autoras — havia sido assunto de uma crônica em 1906, quando, interessada em conhecer a obra de Nísia Floresta (1810-1885), Júlia se declarou incapaz de encontrar registro de sua obra e de sua memória:

Há poucos dias andei de livraria em livraria, pressurosamente, indagando de um livro, ao menos um, de uma escritora que deixou muitos, e afirmam que bons, que era brasileira, que conviveu no estrangeiro com os melhores espíritos da sua época, que fechou os olhos para o último sono há apenas uns vinte ou vinte e poucos anos e... cujo nome eu nunca ouvira na minha vida!

Uma notícia do *Jornal* revelara-me num domingo o nome da escritora brasileira, Nísia Floresta, e já na segunda-feira eu curiosa de conhecer o espírito dessa patricia ilustre e desejosa de lhe render a minha homenagem, desci à cidade, reclamei as suas obras nas grandes e nas pequenas livrarias, não encontrando delas, visto que ninguém as conhecia, nem o mais débil eco... (Texto n. 40)

Eis um exemplo do apagamento dos traços, tanto públicos quanto privados, da história das mulheres (tal qual analisado por Michelle Perrot (2005)), um prenúncio do apagamento que durante décadas acometeria a obra da própria Júlia Lopes de Almeida, assim como as de suas colegas de redação — Emília Moncorvo Bandeira de Mello, Corina Coaracy, Maria Amália Vaz de Carvalho, Maria Benedita Borman e tantas outras escritoras da Primeira República, que ousaram ocupar espaços públicos e desempenhar funções usualmente executadas por homens.

A despeito das dificuldades, Júlia se concebia como uma "profissional das letras", termo empregado por ela, *ipsis litteris*, numa crônica de 1909, na qual ela levanta mais uma bandeira em prol das letras nacionais, defendendo a proposta de "fundação e manutenção de uma escola dramática na capital do Brasil." (Texto n. 136) Opondo-se ao mutismo predominante entre escritores brasileiros, no que dizia respeito a esse assunto, Júlia não apenas se posiciona pela criação da escola, como também apresenta uma lista de razões que subsidiam sua posição, dentre elas: o teatro como fonte de renda dos escritores, o aumento da qualidade dos

textos teatrais, o aumento da qualidade da formação e atuação dos atores, a formação de público para o teatro, a melhoria da qualidade do uso da língua portuguesa nos palcos. A última razão listada é a mais ampla e a menos questionável de todas: "Num país novo, em que se debatem elementos tão heterogêneos, ninguém se deve opor à fundação de nenhuma escola, seja ela de primeiras letras ou de últimas, de *a b c* ou de filosofia, de ofícios manuais ou de belas artes." (idem)

Escritora-cidadã

Como a frase acima sugere, a defesa da criação da "escola dramática" se vincula a uma preocupação mais abrangente e duradoura da escritora com a quantidade e a qualidade da oferta de escolas pelo país, tema que aparecerá em uma variedade de crônicas, seja quando ela se indigna contra o analfabetismo de crianças na região serrana do Rio (Texto n. 128), seja quando defende a criação de escolas ambulantes, que alcançassem também os trabalhadores agrícolas (Textos n. 151 e 161), seja ainda quando discute a relação entre literatura infantil e a formação (linguística, cultural e ideológica) dos filhos de estrangeiros radicados no Brasil. (Texto n. 166)

Essas são algumas das pautas de cunho mais sociopolítico delineadas pela escritora em suas crônicas no período de colaboração regular (1906 a 1912). Outras pautas dignas de destaque são: voto feminino, feminismo, recenseamento, saneamento básico, saúde pública, reformas urbanas, combate a uma variedade de doenças, moradia para trabalhadores, creches para filhos de trabalhadoras, violência, políticas protecionistas, assistencialismo etc. Os assuntos são muitos: essa lista é apenas uma amostra.

Como outros escritores do seu tempo, Júlia usa o espaço do jornal de modo político, defendendo ideias, apontando problemas sociais, propondo soluções para eles ou demandando ações dos entes responsáveis. Essa sua faceta mais cidadã acentuou-se com sua ascensão à posição de colaboradora regular.

Ainda assim, a marca da autoria feminina (ou seu modo de responder à imagem socialmente construída do que concernia à escrita feminina) aparece, aqui e ali, por exemplo quando ela se apresenta como "pobre dona de casa atarefada" (Texto n. 09), e quando pede licença para, sendo mulher, tratar de assuntos mais explicitamente políticos: "Creio que não me será difícil fazer acreditar, a toda a gente que me conhece, que de política não entendo absolutamente nada! / Na minha idade essa ignorância deixa de ser uma peculiaridade natural do sexo, para constituir um notável defeito de capacidade intelectual, que eu lamento mais do que ninguém, [...]" (Texto n. 64) Tais afirmações não devem ser interpretadas literalmente, mas como recursos retóricos possíveis ou necessários no seu tempo. Com o passar dos anos, a escritora assumiu outra postura no tratamento de temas políticos: deixando de lado a alegada ignorância, declara-se interessada — "a política é tão atraente para os espíritos como para a imaginação as aventuras de viagem" (Texto n. 168) — e dirige-se diretamente a políticos e figuras influentes, como nas cartas abertas à Primeira-Dama, Anita Peçanha (Texto n. 130), e ao Ministro da Justiça, Esmeraldino Bandeira (Texto n. 155). Na primeira, ela propõe ações filantrópicas em favor de mulheres pobres e propõe também que o papel de primeira-dama seja menos decorativo, mais engajado em questões sociais; na segunda, solicita a conservação de uma obra de arte e sua reintegração ao público. Em ambas, o jornal é usado como instrumento de acesso a autoridades, na medida em que funciona como amplificador da voz da remetente:

Não perderei tempo em desculpar-me e limitar-me-ei a dizer a V. Ex. por que motivo esta carta, em vez de ir discretamente fechada e pelo correio, vai assim, sem diminuição do seu respeito, aberta e pelo jornal. É que tenho a impressão de que em uma carta fechada eu entraria sozinha no palácio e que assim entro acompanhada pela pequena legião dos meus leitores, que, embora invisível, dará às minhas palavras o influxo da sua simpatia. Além do que, a letra de forma tem um certo magnetismo que por si só predispõe à benevolência, melhor do que a mais fina caligrafia, sem contar que a minha é péssima e notoriamente feia.

Há ainda uma circunstância: uma carta escrita à mão é muito particular, muito pessoal; enquanto que uma assim impressa representa menos uma carta do que uma voz. Isto é, portanto, uma voz subindo do meio da multidão e nada mais. (Texto n. 130)

O conhecimento dessas crônicas de teor sociopolítico, explicitamente interessadas em participar da vida social e em refletir sobre temas candentes, erode (ou perturba) a impressão deixada pelos seus *Livro das noivas* e *Livro das donas e donzelas*, como também pela crítica, que insistia em representá-la (apenas) como esposa, mãe e dona de casa, dissociando sua imagem da vida pública. Para tomarmos um exemplo paradigmático da construção e reiteração dessa imagem, observemos o texto produzido por João do Rio para *O momento literário* (2019, pp. 63-74).

A entrevista conduzida em 1905 com o casal Júlia e Filinto associa a criação literária *dela* à maternidade — "D. Júlia [...] trata os personagens da fantasia como educa os seus filhos" —, sugerindo que ela se surpreendia com o desenvolvimento de seus personagens da ficção para além dos planos iniciais de suas obras. Vários escritores aludem a uma dissociação entre plano e realização, como também à autonomia dos personagens, mas é rara a qualificação do escritor como pai ou mãe que educa sua prole. Além disso, o entrevistador descreve os momentos em que a escritora interrompe a entrevista para dar atenção aos filhos e dá destaque à sua justificativa de que lê pouco porque, sendo dona de casa, "não pod[ia] perder tanto tempo" com livros. Quando Júlia se ausenta do ambiente da entrevista, Filinto analisa a importância do jornalismo na profissionalização dos escritores, com seus méritos e óbices; a ela, não coube analisar o jornalismo, mas reiterar que as tarefas a que se dedicava como mãe e

esposa lhe tornavam escasso o tempo necessário para a produção intelectual: "Já não escrevo para os jornais, porque é impossível fazer crônicas, trabalhos de começar e acabar." Apesar do que, a alguns ouvidos, pode soar como excesso de reclamações, o entrevistador identifica naquela casa "uma suave atmosfera de bondade" e de "mútua admiração".

Convém lembrar que a entrevista foi feita *antes* que Júlia tivesse se tornado colaboradora regular do jornal *O Paiz*, situação que mudaria no ano seguinte. É pouco provável que, de um ano para o outro, sua vida pessoal tenha mudado de modo tão expressivo que ela subitamente tenha encontrado tempo para o jornalismo. Como compreender, então, a sucessão dos fatos: em 1905, afirma que lhe falta tempo, por causa da rotina de dona de casa; em 1906, compromete-se com a atividade jornalística regular (e cumpre o compromisso)?

Peggy Sharpe matiza o que pode parecer categórico nas afirmações da escritora nesse trecho da entrevista, especialmente quanto ao conflito (expresso de modo melancólico e ressentido, segundo sua interpretação) entre o desejo de ler e a ausência de tempo para se dedicar a isso, por considerar que Júlia tinha "perfeita consciência de uma certa tensão que circunda o duplo papel por ela desempenhado". (Sharpe, 2004, p. 205)

Concordando com essa análise e colocando-a em outros termos: a tensão, a melancolia e o ressentimento da cena sugerem a dificuldade e os ônus da conciliação das funções domésticas e profissionais. A boa condição econômica de sua família muito provavelmente atenuou suas dificuldades na conciliação das atividades profissionais com as demandas da casa e da maternidade, uma vez que lhe permitiu se cercar de um bom número de empregadas (ou *criadas*, palavra mais usual naquele tempo). É o que se supõe a partir de menções, aqui e ali, em entrevistas e crônicas, a pessoas que trabalhavam na sua casa: "É inevitável; não há escritor, salvo quando a não tenha, que se não veja obrigado a apresentar em público a sua cozinheira, ao menos uma vez na vida." (Texto n. 59) Ainda que as crônicas não sejam necessariamente realistas, o hibridismo do gênero permite

delinear alguns traços biográficos da cronista, sempre com a ressalva de que essa é a auto-imagem construída por ela.

A entrevista durou pelo menos duas horas, das quais conhecemos apenas o breve relato do entrevistador. É de se supor que, durante esse tempo ou parte dele, Júlia tenha desempenhado um papel, que tenha em algum grau atendido às expectativas do entrevistador. Sem que isso signifique dizer que ela foi mascarada, ou fingida, o que pretendemos com essa hipótese é trazer à tona a densidade da cena doméstica, da qual o repórter percebe ou reproduz apenas o verniz de um colóquio agradável. A sensação de que havia algo mais (não percebido pelo entrevistador, ou não condizente com o plano do seu texto) está sugerida na identificação de uma vaga ironia no olhar da escritora, quando ele lhe perguntou sobre o feminismo. A breve resposta, tal qual interpretada e registrada por ele, alude a alguma agremiação de mulheres intelectuais, ao mesmo tempo em que busca acalmá-lo (e ao marido, e aos leitores) ao sugerir que o movimento é pequeno e que seu envolvimento presente não ultrapassaria certos limites previsíveis e respeitáveis:

- E o feminismo, que pensa do feminismo?
- Parece-me ver nos olhos de D. Júlia um brilho de vaga ironia.
- Sim, com efeito, há algumas senhoras que pensam nisso. No Brasil o movimento não é contudo grande. Acabo de receber um convite de Júlia Cortines para colaborar numa revista dedicada às mulheres. Descanse! Há uma seção de modas, é uma revista no gênero da *Femina*...
- Já passa de duas horas o tempo em que eu, numa *causeuse* de couro, interrogo inquisitoriamente os dois artistas. Levanto-me.
- Vai-se embora? Tão cedo? (Rio, 2019, p. 73)

Júlia já havia escrito sobre o feminismo em algumas crônicas e na ficção; o tema reapareceria com todas as letras em crônicas produzidas nos anos seguintes a essa entrevista. Por exemplo, em "Um pouco de feminismo", crônica de 1908, ela defende o direito das mulheres ao voto. Contrapondo-se ao menoscabismo e sarcasmo masculinos com relação ao sufragismo, a cronista argumenta que a luta pelo direito ao voto era consequência "[d]a razão, [d]o sofrimento, [d]a injustiça";

preludia que o direito seria conquistado, mais cedo ou mais tarde: "A questão é de tempo; mais nada. Todas as mulheres empenhadas nessa contenda saberão esperar, porque nas lutas da sua vida íntima aprenderam à sua custa a adquirir paciência, que é a magna virtude para se suportar essas crises." (Texto n. 77)

Essa retomada do texto de João do Rio não tem por objetivo desmerecer a imagem de esposa/mãe virtuosa — ou de "mãe republicana" (Sharpe, 2004, p. 205) — usualmente associada ao perfil da escritora, mas, reconhecendo a força desse estereótipo, perceber aquilo que o entrevistador deixou nas sombras, por ser imperceptível, indesejável ou, quem sabe, menosprezado por seus contemporâneos.

A reunião de suas crônicas torna mais evidente o imbricamento de sua produção com o seu tempo presente, com questões sociais e políticas, cotidianas e estruturais, que permitem caracterizá-la como uma intelectual participativa. Segundo ela mesma sugere (em crônica já mencionada), a centralidade em sua obra do "calor ardente da comunidade" deriva de sua dedicação ao teatro e ao jornalismo:

A não serem o teatro e o jornal, os outros gêneros literários como que isolam os autores do calor ardente da comunidade.

O jornalista, mesmo o mais aristocrático ou o mais independente, é um familiar, um amigo de todos os dias, espectador como nós das mesmas cenas, misturado a nossa vida pela cadeia forte das opiniões.

Os outros escritores são mais ou menos idealistas, mais ou menos sonhadores, e a bem pouca gente interessa o sonho dos outros... (Texto n. 159)

Não precisamos fechar questão e aceitar a análise da autora como a última palavra sobre sua obra; sua dedicação ao jornalismo tanto pode ser causa como consequência de enredamento de sua produção com as grandes questões de seu tempo. Mas é digna de interesse, no curso da literatura brasileira do século XX, essa espécie de declaração de princípio, de opção por um realismo engajado, em detrimento de um idealismo mais inefável.

O espaço doméstico

Numa reunião de um número significativo de crônicas, como se faz neste volume, é esperado que os assuntos discutidos pela cronista em sua coluna semanal fossem muito variados e, portanto, a tentativa de apresentá-los objetivamente e de destacar alguns como predominantes corre o inevitável risco da simplificação. A cronista — como seus pares — borboleteava por temas, tocava de leve em alguns, aprofundava-se em outros, usava metáforas, ficcionalizações, recursos de estilo que lhe permitiram amarrar assuntos diversos num mesmo texto, comentando ora um fato noticiado pelo jornal, ora um livro lido, a visita a uma exposição, uma viagem, uma pessoa, uma tendência...

Além disso, também houve espaço, nesse intervalo de seis anos e meio, para textos assumidamente ficcionais. Por definição, as crônicas são potencialmente construídas a partir de recursos ficcionais, seja a criação de uma persona para a figura autoral, seja a apresentação de um evento fictício como tendo sido factual, ou de um personagem, como se fosse uma pessoa.

Para além desses recursos, que tornam difusos os limites entre o factual e o ficcional, Júlia também publicou no *Paiz* um bom número de breves textos ficcionais, que ela planejava publicar em dois livros: *Eles e Elas* e *Os outros*. A informação de que esses textos ficcionais viriam a ser publicados em livros aparecia estampada no jornal, ao final de cada texto, junto do nome da escritora. Assim, o leitor seu contemporâneo era informado de que alguns textos faziam parte de um conjunto, estavam vinculados uns aos outros por um projeto editorial. Se o projeto era um desejo da escritora, apenas enunciado, ou se tinha por trás de si a materialidade de um contrato, disso o leitor não podia ter certeza, até que o livro viesse a ser publicado.

Eles e elas de fato tomou corpo: o livro saiu em 1910 pela Francisco Alves. Quanto a *Os outros*, não temos notícia de que o livro tenha sido publicado; o projeto parece ter sido engavetado, por razões que desconhecemos.

Dos 37 textos que compõem o livro *Eles e Elas*, 29 foram publicados n'O *Paiz*, entre maio de 1906 e abril de 1909. Oito textos do livro não foram encontrados no jornal (podem ter sido publicados, mas não foram localizados por esta pesquisa). Apenas quatro dos textos do jornal *não* trazem a indicação de que fariam parte do livro. Outra sugestão de unidade se dá pela repetição dos títulos dos textos, nessa sua primeira versão publicada no jornal: 21 deles se intitulavam "Reflexões de um marido" ou "Reflexões de uma esposa" ou ainda "Reflexões de uma viúva". Ao serem reunidos no livro, os títulos de todos os textos foram modificados. (vide Tabela 4)

TABELA 4. Do jornal *O Paiz* até o livro *Eles e Elas*

TÍTULO DO TEXTO NO JORNAL	DATA DE PUBLICAÇÃO NO JORNAL	TÍTULO NO LIVRO (1910)
Reflexões de um marido	06/05/1906	Em consciência
Reflexões de uma esposa	10/06/1906	Cada vez que
Reflexões de um marido	19/08/1906	Não há nada mais fastidioso
[título mutilado]	30/09/1906	Não posso ter uma abstração
Reflexões de um marido	28/10/1906	O que eu admiro
Reflexões de um marido	18/11/1906	Não posso mais
Reflexões de uma esposa	06/01/1907	Se eu fosse outra
Reflexões de uma esposa	18/02/1907	Já desanimei
Reflexões de um marido	08/04/1907	As mulheres pensam
A curiosidade e a razão	06/05/1907	A curiosidade e a Razão
Reflexões de uma esposa	13/05/1907	Maninha veio hoje
O inimigo	01/07/1907	O inimigo
Reflexões de um marido	22/07/1907	Ah os senhores feministas!
Reflexões de uma esposa	12/08/1907	Ninguém poderá dizer
Reflexões de uma viúva	20/01/1908	Nessa mesma tarde
Reflexões de um marido	10/02/1908	Estou bem aviado
Reflexões de um marido	16/03/1908	Reparaste?
Eles e elas	20/04/1908	Mas se é assim
Reflexões de um marido	04/05/1908	Se por um cataclismo
Reflexões de uma esposa	08/06/1908	Os serões familiares

CIDADANIA E SUBJETIVIDADE EM CRÔNICAS DE AUTORIA FEMININA

Reflexões de uma esposa	29/06/1908	É esquisito
Reflexões de um marido	21/07/1908	O rosto triangular
Cena de comédia	11/08/1908	Cena de comédia
Reflexões de um marido	29/09/1908	Não sei por que será
Reflexões de uma esposa	13/10/1908	Só dois anos de casados
Os vícios deles	15/12/1908	Os vícios deles
Sonhar é viver!	23/02/1909	Sonhar é viver!
Reflexões de uma esposa	06/04/1909	Quem diria
Males do Estio	25/01/1910	Males do Estio

FONTE: Elaborada pela autora

Essas breves narrativas, ou "esquetes humorísticos" (Sharpe, 2004, p. 206), alguns deles próximos de cenas teatrais, não chegam a se estruturar com o grau de desenvolvimento e coesão interna de contos tradicionais; são econômicos quanto aos elementos narrativos, concentrando-se quase sempre nas reflexões de um só personagem — donde se compreende seus títulos predominantes: "Reflexões de...".

Em alguns poucos casos, a estrutura teatral é evidente; veja-se, por exemplo, "Cena de comédia", "Os vícios deles", "A curiosidade e a razão", todos com marcas textuais próprias de texto teatral: em um, o título; nos outros, as didascálias e a atribuição de falas a cada personagem. Esses três textos apresentam conversas: entre amigos, entre amigas e, no inconsciente de uma mulher, entre "ela mesma", a Razão e a Curiosidade, transformadas em personagens alegóricos. Sendo diálogos entre personagens, esses textos (e alguns poucos outros) se distinguem dos demais e, talvez por isso, não compartilham com eles o título "Reflexões de...".

Predominam, porém, os solilóquios, em que um personagem (marido, esposa ou viúva) rememora acontecimentos cotidianos e reflete sobre eles, com humor e ironia, revelando minudências da vida doméstica de um casal burguês. Algumas dessas reflexões revelam a pequenez dos personagens, por meio da explicitação de seu contrassenso, irracionalidade ou da superficialidade de seu modo de ver o mundo. Na chave levemente humorística dos textos, é comum que os maridos sejam estereotipados, infiéis, pouco inteligentes, rápidos em apresentar os defeitos das esposas, de quem estão cansados, dispostos a ver qualidades apenas nas outras mulheres.

Da estereotipia tendente ao humor, talvez resulte pouca complexidade dos personagens, mas resulta também o desvelamento das hipocrisias sociais, a que homens e mulheres estavam submetidos. O caráter privado dos diálogos e, mais ainda, dos solilóquios permite a revelação sem pudores dos pensamentos mais íntimos dos personagens, mesmo que soem imorais, ácidos ou contraditórios. A esse respeito, pondera um marido: "É incrível o que se tem coragem de pensar e não se tem coragem de dizer... Como eu escandalizaria a sociedade se encaixasse em palavras, ditas ou escritas, estas barbaridades que estou pensando... e pensando com muita convicção!" (Texto n. 39)

O humor, por vezes, aparece como um tempero leve, polvilhado sobre o sofrimento da personagem, contribuindo para amenizar o tom pesado das reflexões. É o caso da situação vivida por uma esposa que, tendo sido ofendida pelo marido, considera a hipótese de se suicidar, para expor seu sofrimento e fazer com que o marido se arrependesse das suas "bofetadas morais". Ela não só não chega às vias de fato, como também não reage de nenhum dos modos imaginados, explicitando uma tensão entre sua aparente passividade e seus incansáveis exercícios mentais, seus desejos e planos nunca realizados. Enquanto aguarda o retorno do marido, a esposa coroa sua reflexão com conclusões mais amplas do que o seu caso particular, como esta: "Os homens fortes abusam dos entes fracos... É um distintivo do seu caráter..." (Texto n. 49)

Há um texto levemente distinto dos demais, intitulado "Eles e elas" (como o livro). Nele, um casal conversa sobre a aparente infelicidade conjugal da filha; ela depois entra em cena, sugerindo que suas hipóteses tinham fundamento. As reflexões do pai sobre a infelicidade da filha dão motivo para que sua esposa lhe apresente suas contradições como pai e como marido. Como pai, ele é capaz de observar o comportamento de sua filha e, indo além das aparências, filosofar racional e criticamente sobre os ditos e não-ditos. É dele esta reflexão:

[...] todas as mulheres verdadeiramente amantes de seus maridos, quando sentem necessidade de se queixarem deles a alguém, invertem a queixa em elogio. [...] Todas as mulheres são fáceis em inventar atenuantes para as culpas dos maridos. Só uma ofensa muito rude e muito direta tem força para abater nelas essa compaixão, que, bem examinada, não será talvez senão um dos característicos do nosso amor próprio; porque a verdade é que não há mulher que consinta em passar aos olhos dos outros, principalmente aos da própria família, por esposa infeliz. (Texto n. 90)

Como marido, ainda segundo sua esposa, ele estimula a submissão feminina, assim como o fazem todos os homens: " — As imperfeições que agora condenas nas mulheres são as virtudes através das quais vocês nos respeitam e nos amam. O mundo ensinou-nos a criar os filhos para a liberdade e as filhas para os homens; o erro vem de longe e requer muita coragem para ser emendado." (idem) Confrontado com a contradição, o pai/marido reage com irritação, incapaz de autocrítica.

Para além da problemática privada de um casal, as reflexões conduzem portanto a uma análise das relações de gênero no Brasil do começo do século. É o que se nota, também, no caso de uma esposa que gostaria muito de trair seu marido e, ao mesmo tempo, de conhecer seus segredos. Eis as ponderações dela sobre as diferenças entre os gêneros:

Em consciência não há homens nem mulheres: há seres com iguais direitos naturais, mesmas fraquezas e iguais responsabilidades...

Mas não há meio dos homens admitirem semelhantes verdades. Eles teceram a sociedade com malhas de dois tamanhos — grandes para eles, para que os seus pecados e faltas saiam e entrem sem deixar sinais; e extremamente miudinhas para nós. O mais curto dos nossos "flirts" fica logo seguro na rede como irrecusável prova de um crime tenebroso! E o pitoresco é que nós mesmas nos convencemos disto! (Texto n. 55)

Da abertura da alma das personagens e dos embates entre opiniões divergentes, resultam por vezes fragmentos nada desprezíveis de análise social, como nas "reflexões" citadas acima. Como se pode perceber, são as próprias personagens que sinalizam a amplitude de suas reflexões, ao aplicarem as conclusões extraídas dos seus casos particulares na análise das relações sociais entre homens e mulheres do seu tempo. Não se trata, porém, de textos moralistas; as formulações generalizantes, acima citadas, não são apresentadas como máximas, nem como conclusões "acima de qualquer suspeita", mas como fragmentos de ideias e valores de um determinado tempo.

Numa notinha no jornal, a escritora veio a público reiterar o caráter ficcional desses seus textos, dissociando-se do estilo linguístico de uma personagem: "espero que esses mesmos leitores não atribuam à autora, mas à sua personagem, certas frases extravagantes deste artigo, tais como deusas empalhadas, comeu como um nababo etc., etc." (Texto n. 110)

É fácil compreender a intenção da nota, mas sua motivação só pode ser imaginada. Algum acontecimento levou a escritora a perceber a necessidade de explicitar a dissociação entre criadora e criatura? Algum leitor ou leitora teria projetado uma sobre a outra, teria sugerido que as reflexões conjugais derivariam de sua vida privada? Se, ainda hoje, a associação entre autor e personagem causa rumores e mal-entendidos, não é demais supor que a mesma coisa acontecesse no começo do século. A breve notinha vem responder a esse problema, com clareza, sem formulações teóricas, sugerindo o desejo de ser compreendida por um público amplo.

Ao construir esses seus personagens com economia de recursos, mostrando-os através de suas memórias, seus pensamentos e emoções, mais do que de sua aparência e ações, a escritora intensifica a representação das subjetividades em sua produção ficcional. A subjetividade masculina é assaz

conhecida em textos ficcionais de autoria masculina; já a subjetividade feminina construída por autoria feminina estava apenas se delineando na ficção brasileira, naquele começo de século, de modo que a prosa de Júlia Lopes de Almeida representa uma voz distinta, especial pela sua raridade até então.

Os recursos expressivos e mesmo a representação de gênero, nessas reflexões de maridos e esposas, parecem antecipar alguns elementos e pontos de vista que depois se apresentariam em *Gritos femininos* (1922), de Chrysanthème. Como é pouco conhecida a ficção brasileira de autoria feminina desse começo de século, parece-nos importante observar essa aparente vinculação entre obras para as quais ainda não há estudos críticos suficientes.

Um projeto de livro

Os textos ficcionais que viriam a fazer parte do livro *Os outros* compartilham alguns elementos estruturantes das "reflexões" conjugais, mas não narram cenas domésticas: apresentam personagens masculinos, embebidos em seus pensamentos, quase sempre motivados por situações sociais em que se viram confrontados por pensamentos ou atitudes distintas das suas. Se, nas reflexões de maridos e esposas, a alteridade era representada pelo gênero, nesses outros textos ficcionais a alteridade é social, ainda que numa mesma classe.

São 7 os textos que, publicados n'*O Paiz* entre agosto de 1909 e setembro de 1910, viriam a fazer parte desse livro (aparentemente) gorado: "Os outros", "Segredos indecifráveis", "O nariz postiço das opiniões", "Nicácio up to date", "Reflexões de um filantropo", "Monólogo do Rocha" e "A fortuna do Simão (Reflexões de um amigo velho)". O fato de todos eles sucederem as "reflexões conjugais" e delas herdarem algumas características — como a entrega de um personagem a seus próprios pensamentos e a palavra "reflexões" em um título e um subtítulo — sugerem que esse projeto editorial era derivado do anterior.

No arquivo Múcio Leão, na Academia Brasileira de Letras, encontramos um esboço do índice de *Os outros*, provavelmente produzido pela escritora (vide Figura 4). A lista datiloscrita (com erros e rasuras que sugerem tratar-se de um esboço) contém 34 textos, sendo um deles inserido posteriormente a lápis. Há um título repetido, cremos que não intencionalmente. Por esses elementos, pode-se concluir que o livro foi planejado, foi estruturado, ainda que saibamos tão pouco sobre ele.

Cotejando os textos d'*O Paiz* com esse índice, observa-se que pelo menos dois contos tiveram seus títulos modificados: "Monólogo do Rocha" provavelmente passaria a se chamar "Monólogo do Meira", e "Segredos indecifráveis" pode ter sido modificado para "Confissões de um capitalista" — o teor do texto é condizente com esse título. Além disso, a leitura do índice também revela que outros três textos publicados n'*O Paiz* foram escolhidos pela escritora para integrar o livro, ainda que isso não tenha sido informado no momento de sua publicação no jornal: "Durante a chuva", "Adeus, medicina!" e "Respeito às barbas".

Como se vê, pelo menos dez textos de *O Paiz* fariam parte de *Os outros*, quase um terço do total de textos do livro projetado. É provável que os demais contos listados no índice continuem inéditos em livro, talvez publicados apenas em periódicos.

Além desses, a lenda "A menina das andorinhas" e o conto "Memórias de um doido" são outros dois textos ficcionais publicados pela autora n'*O Paiz*, mas não incluídos em nenhuma de suas coletâneas de contos. Salvo engano, estavam inéditos em livro até a publicação deste volume.

INDICE

Máscaras *Reclame*

A Filha do Vidigal

Tríplice Aliança

Cogitações de um Capitalista

O Noturneiro

Quando Ela Toca

Quando Ela Toca

Eicacio up to date

Doménico

Mademoiselle?

Durante a Chuva

Nos Bonds de Segunda Classe

O Homem de Branco

Confissões de um chefe de família

O nariz postigo

Como seria bom se...

Os dois filhos do dr.

Adieu Medecina

Reflexões de u. Filantropo

O Luto da Inez

É Esquisito..

A Fortuna di Simão

Arrogante Militar!

A Cara do Meu Visinho

De Passagem

Diverciados

O Valor da Ilusão

Monologo do Meira

Por cincoenta francos

Notas de um engenheiro

Um Caso de Consciencia

O Serriso...

Como se escrev a Historia.

Respeito ás Barbas

Figura 4: Índice do livro inédito *Os outros*, provavelmente feito e corrigido por Júlia Lopes de Almeida. Sem data. Fonte: Arquivo Múcio Leão, Academia Brasileira de Letras. Código da imagem: FA JLA pi_43.1.

Os limites deste volume

Por razões editoriais, escolhemos não incluir neste volume dois conjuntos de textos da autora publicados n'*O Paiz* no período da colaboração regular: (a) um conjunto de 119 crônicas intituladas "Dois dedos de prosa", que serão publicadas separadamente, no próximo volume desta coleção¹⁴; e (b) capítulos do que viria a ser o romance epistolar *Correio da Roça* (1913), publicados no jornal com intervalos ora curtos (de uma semana), ora longos (de dois meses). Os longos intervalos sugerem que o processo de escrita foi lento e entrecortado; alguns leitores chegaram a interpelar a escritora perguntando-lhe se ela havia abandonado as cartas: "P. S. – Às pessoas que me perguntam se deixei por completo ou se interrompi apenas a publicação do *Correio da roça*, respondo que essa correspondência será reencetada logo que se me ofereça oportunidade para isso." (Almeida, 03 maio 1910)

Os capítulos do romance epistolar *Correio da Roça* não foram incluídos neste volume porque o projeto *É preciso falar sobre as ausentes* limita-se à publicação de contos e crônicas, deixando de lado romances e outros gêneros (poéticos, por exemplo). Não obstante, inserimo-los na tabela abaixo de modo a evidenciar que a escrita do romance se vincula temporal e tematicamente à das crônicas jornalísticas.

A Tabela 5 registra todos os textos da autora (os que pudemos encontrar) publicados n'*O Paiz* entre 1906 e 1912, para que se possa ter uma dimensão da quantidade de textos publicados nesse período e, também, para que se perceba a regularidade de sua colaboração semanal, interrompida por poucos intervalos.

¹⁴ Volume organizado por Ana Cláudia Suriani da Silva. Em preparação.

Como os dados organizados permitirão perceber, a coluna da escritora era publicada num mesmo dia da semana: por pouco mais de um ano, seus textos foram publicados aos domingos; depois, o dia de publicação mudou para as segundas-feiras, e assim se manteve por aproximadamente um ano e meio; em seguida, mudou para as terças-feiras, tendo se mantido nesse dia da semana por quatro anos. A regularidade cria e satisfaz expectativas dos leitores, além de permitir organização ao trabalho da escritora — elemento indicativo da mencionada relação profissional entre ela e *O Paiz*.

A primeira coluna da tabela informa o número do texto neste volume, motivo pelo qual não foram numerados nem as crônicas intituladas "Dois dedos de prosa", nem os capítulos do *Correio da roça*.

Tabela 5. Títulos dos textos, sua localização no jornal e total de textos por ano.

NÚMERO NESTE VOLUME	TÍTULO	DATA	EDIÇÃO	PÁGINA	DIA DA SEMANA	TEXTOS NO ANO
1906, ano XXII						48
01	Pobre tartaruga!	14/01/1906	7768	1	domingo	
02	Rindo	21/01/1906	7775	1	domingo	
03	Women-club	04/02/1906	7794	1-2	domingo	
04	Mamãe...	11/02/1906	7801	1	domingo	
05	Um dia de sol!	18/02/1906	7808	1	domingo	
06	Angústias	25/02/1906	7815	1	domingo	
07	Um presente régio	04/03/1906	7822	1-2	domingo	
08	Saboroso veneno	11/03/1906	7829	1	domingo	
09	O pão e o lar	18/03/1906	7836	1-2	domingo	
10	A nossa bandeira	25/03/1906	7843	1	domingo	
11	Stella de Magalhães	08/04/1906	7857	9	domingo	
12	Gritos	15/04/1906	7864	1	domingo	
13	Restos...	22/04/1906	7871	1	domingo	
14	Um mar interior	29/04/1906	7878	1	domingo	
15	Reflexões de um marido	06/05/1906	7885	1	domingo	
16	Hora difícil	13/05/1906	7892	1	domingo	

CIDADANIA E SUBJETIVIDADE EM CRÔNICAS DE AUTORIA FEMININA

17	Uma voz no deserto	20/05/1906	7899	1-2	domingo
18	Inventores	27/05/1906	7906	1	domingo
19	Oito graus abaixo de zero	03/06/1906	7913	2	domingo
20	Reflexões de uma esposa	10/06/1906	7920	1	domingo
21	A menina das andorinhas (lenda brasileira)	17/06/1906	7927	1	domingo
22	Legítima!	24/06/1906	7934	1	domingo
23	Terras de Portugal	08/07/1906	7948	1	domingo
24	Artistas	15/07/1906	7955	1	domingo
25	Na cidade e no mato	22/07/1906	7962	1-2	domingo
26	Boa ocasião	29/07/1906	7969	1-2	domingo
27	É preciso!	05/08/1906	7976	1	domingo
28	Indícios de bom caráter	12/08/1906	7983	1	domingo
29	Reflexões de um marido	19/08/1906	7990	1-2	domingo
30	Quantidade ou qualidade?	26/08/1906	7997	1	domingo
31	Tudo é possível	02/09/1906	8004	1-2	domingo
32	As grandes festas	09/09/1906	8011	1	domingo
33	O nosso patriotismo	16/09/1906	8018	1-2	domingo
34	Flores misteriosas	23/09/1906	8025	1-2	domingo
35	Não posso ter uma abstração	30/09/1906	8032	1-2	domingo
36	Miecio Horzowski	07/10/1906	8039	1-2	domingo

CIDADANIA E SUBJETIVIDADE EM CRÔNICAS DE AUTORIA FEMININA

37	Benditos olhos	14/10/1906	8046	1-2	domingo	
38	Última esperança	21/10/1906	8053	3	domingo	
39	Reflexões de um marido	28/10/1906	8060	3	domingo	
40	Páginas lidas	04/11/1906	8067	1-2	domingo	
41	Adeuses e boas vindas	11/11/1906	8074	1-2	domingo	
42	Reflexões de um marido	18/11/1906	8081	1-2	domingo	
43	Guerra!	25/11/1906	8088	1-2	domingo	
44	Um bom movimento	02/12/1906	8095	1-2	domingo	
45	O triunfo da marmelada	09/12/1906	8102	1-2	domingo	
46	O sangue da terra	16/12/1906	8109	1-2	domingo	
47	Vício vulgar	23/12/1906	8116	1-2	domingo	
48	Páginas alheias	30/12/1906	8123	1-2	domingo	
1907, ano XXIII						34
49	Reflexões de uma esposa	06/01/1907	8130	1-2	domingo	
50	Orquídeas!	13/01/1907	8137	1-2	domingo	
51	Durante a chuva	20/01/1907	8144	1	domingo	
52	Abandonados	28/01/1907	8152	1	segunda-feira	
53	Carta a João Luso	04/02/1907	8159	1	segunda-feira	
54	Memórias de um doido	10/02/1907	8165	1	domingo	
55	Reflexões de uma esposa	18/02/1907	8173	1	segunda-feira	

CIDADANIA E SUBJETIVIDADE EM CRÔNICAS DE AUTORIA FEMININA

56	Três cartas	25/02/1907	8180	1	segunda-feira
57	Alma carioca	04/03/1907	8187	1	segunda-feira
58	O dote	11/03/1907	8194	1	segunda-feira
59	Nem carne nem peixe!	18/03/1907	8201	1	segunda-feira
60	Esculturas	25/03/1907	8208	1	segunda-feira
61	Justiça sanguinosa	01/04/1907	8215	1	segunda-feira
62	Reflexões de um marido	08/04/1907	8222	1	segunda-feira
63	Ânsia de imortalidade	15/04/1907	8229	1	segunda-feira
64	Da Bahia a Minas	22/04/1907	8236	1	segunda-feira
*	Dois dedos de prosa	29/04/1907	8243	1	segunda-feira
65	A curiosidade e a razão	06/05/1907	8250	1	segunda-feira
66	Reflexões de uma esposa	13/05/1907	8257	1	segunda-feira
*	Dois dedos de prosa	20/05/1907	8264	1	segunda-feira
67	O diabo amarelo	27/05/1907	8271	1	segunda-feira
*	Dois dedos de prosa	03/06/1907	8278	1	segunda-feira
68	Notas e rimas	10/06/1907	8285	1	segunda-feira
69	Uma noite de arte	17/06/1907	8292	1	segunda-feira
70	Crianças e flores	24/06/1907	8299	1	segunda-feira
71	O inimigo	01/07/1907	8306	1	segunda-feira
*	Dois dedos de prosa	08/07/1907	8313	1	segunda-feira

CIDADANIA E SUBJETIVIDADE EM CRÔNICAS DE AUTORIA FEMININA

72	A dança das letras	15/07/1907	8320	1	segunda-feira	
73	Reflexões de um marido	22/07/1907	8327	1	segunda-feira	
74	Women-club	29/07/1907	8334	1	segunda-feira	
*	Dois dedos de prosa	05/08/1907	8341	1	segunda-feira	
75	Reflexões de uma esposa	12/08/1907	8348	1	segunda-feira	
*	Dois dedos de prosa	19/08/1907	8355	1	segunda-feira	
*	Dois dedos de prosa	26/08/1907	8362	1	segunda-feira	
1908, ano XXIV						51
76	A agonia das árvores	06/01/1908	8495	1	segunda-feira	
77	Um pouco de feminismo	13/01/1908	8502	1	segunda-feira	
78	Reflexões de uma viúva	20/01/1908	8509	1	segunda-feira	
79	Os nossos barcos	27/01/1908	8516	1	segunda-feira	
*	Dois dedos de prosa	03/02/1908	8523	4	segunda-feira	
80	Reflexões de um marido	10/02/1908	8530	1	segunda-feira	
81	O negregado espantalho	17/02/1908	8537	1	segunda-feira	
82	O pavilhão de Flora	24/02/1908	8544	1	segunda-feira	
83	Os bonds	02/03/1908	8551	1	segunda-feira	
84	Eterna fascinação	09/03/1908	8558	1	segunda-feira	
85	Reflexões de um marido	16/03/1908	8565	1	segunda-feira	
86	A força dos fracos	23/03/1908	8572	1	segunda-feira	

CIDADANIA E SUBJETIVIDADE EM CRÔNICAS DE AUTORIA FEMININA

87	Zola e o Panteon	30/03/1908	8579	1	segunda-feira
88	Adeus, medicina!	06/04/1908	8586	1	segunda-feira
89	Carta aberta	13/04/1908	8593	1	segunda-feira
90	Eles e elas	20/04/1908	8600	1	segunda-feira
91	Os nossos campônios	27/04/1908	8607	1	segunda-feira
92	Reflexões de um marido	04/05/1908	8614	1	segunda-feira
93	Um belo gesto	11/05/1908	8621	1	segunda-feira
94	Aspectos da Itália	18/05/1908	8628	1	segunda-feira
95	Um artista	25/05/1908	8635	1	segunda-feira
96	De sobre as montanhas	01/06/1908	8642	1	segunda-feira
97	Reflexões de uma esposa	08/06/1908	8649	1	segunda-feira
98	Em prol do verso	15/06/1908	8656	1	segunda-feira
99	Cães e gatos	22/06/1908	8663	1	segunda-feira
100	Reflexões de uma esposa	29/06/1908	8670	1	segunda-feira
101	Quadros e versos	06/07/1908	8677	1	segunda-feira
102	Noites de arte	14/07/1908	8685	1	terça-feira
103	Reflexões de um marido	21/07/1908	8692	1	terça-feira
104	Amor que não engana	04/08/1908	8706	1	terça-feira
105	Cena de comédia	11/08/1908	8713	2	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	18/08/1908	8720	1	terça-feira

CIDADANIA E SUBJETIVIDADE EM CRÔNICAS DE AUTORIA FEMININA

*	Dois dedos de prosa	25/08/1908	8727	1	terça-feira
106	O fundo do quadro	01/09/1908	8734	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	08/09/1908	8741	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	15/09/1908	8748	1	terça-feira
107	O poder do mistério	22/09/1908	8755	1	terça-feira
108	Reflexões de um marido	29/09/1908	8762	1	terça-feira
109	Saudades	06/10/1908	8769	1	terça-feira
110	Reflexões de uma esposa	13/10/1908	8776	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	20/10/1908	8783	1	terça-feira
111	Que tristeza	27/10/1908	8790	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	03/11/1908	8797	1	terça-feira
112	Obras d'arte	10/11/1908	8804	1	terça-feira
113	Supremum vale	17/11/1908	8811	1	terça-feira
114	Uma obra simpática	24/11/1908	8818	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	01/12/1908	8825	1	terça-feira
115	Feições populares	08/12/1908	8832	1	terça-feira
116	Os vícios deles	15/12/1908	8839	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	22/12/1908	8846	1	terça-feira
117	Sonho de uma noite de verão	29/12/1908	8853	1	terça-feira

CIDADANIA E SUBJETIVIDADE EM CRÔNICAS DE AUTORIA FEMININA

1909, ano XXV						49
118	Os velhinhos	05/01/1909	8860	1	terça-feira	
*	Dois dedos de prosa	12/01/1909	8867	1	terça-feira	
*	Dois dedos de prosa	19/01/1909	8874	1	terça-feira	
*	Dois dedos de prosa	26/01/1909	8881	1	terça-feira	
*	Dois dedos de prosa	02/02/1909	8888	1	terça-feira	
119	Espólio sagrado	09/02/1909	8895	1	terça-feira	
120	Rumo ao mar	16/02/1909	8902	1	terça-feira	
121	Sonhar é viver!	23/02/1909	8909	1	terça-feira	
122	Almas fracas	02/03/1909	8915	1	terça-feira	
123	O cativo escolar	09/03/1909	8922	1	terça-feira	
124	Uma obra útil	16/03/1909	8929	1	terça-feira	
125	Da sandálias a botinas	23/03/1909	8936	1	terça-feira	
*	Dois dedos de prosa	30/03/1909	8943	1	terça-feira	
126	Reflexões de uma esposa	06/04/1909	8950	1	terça-feira	
127	Perguntas embaraçosas	20/04/1909	8964	1	terça-feira	
128	Si cette histoire vous embête	27/04/1909	8971	1	terça-feira	
*	Dois dedos de prosa	11/05/1909	8985	1	terça-feira	
*	Dois dedos de prosa	19/05/1909	8993	1	quarta-feira	

CIDADANIA E SUBJETIVIDADE EM CRÔNICAS DE AUTORIA FEMININA

*	Dois dedos de prosa	26/05/1909	9000	1	quarta-feira
*	Dois dedos de prosa	01/06/1909	9006	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	08/06/1909	9013	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	15/06/1909	9020	4	terça-feira
129	Artistas ilustres	22/06/1909	9027	1	terça-feira
130	Carta aberta à Exma. Sra. D. Anita Peçanha	29/06/1909	9034	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	06/07/1909	9041	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	13/07/1909	9048	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	20/07/1909	9055	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	27/07/1909	9062	1	terça-feira
131	Os outros	03/08/1909	9069	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	10/08/1909	9076	1	terça-feira
132	Os vencidos da vida	17/08/1909	9083	1	terça-feira
133	A grande artista	24/08/1909	9090	1	terça-feira
134	Segredos indecifráveis	31/08/1909	9097	1	terça-feira
135	O perigo das cartas	07/09/1909	9104	1	terça-feira
*	Correio da roça	14/09/1909	9111	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	21/09/1909	9118	1	terça-feira
*	Correio da roça (II)	28/09/1909	9125	1	terça-feira
136	Pelo teatro	05/10/1909	9132	1	terça-feira

CIDADANIA E SUBJETIVIDADE EM CRÔNICAS DE AUTORIA FEMININA

*	Correio da roça (III)	12/10/1909	9139	1	terça-feira	
*	Dois dedos de prosa	19/10/1909	9146	1	terça-feira	
137	O nariz postiço das opiniões	26/10/1909	9153	1	terça-feira	
*	Correio da roça (IV)	02/11/1909	9160	1	terça-feira	
*	Dois dedos de prosa	09/11/1909	9167	1	terça-feira	
*	Correio da roça (VI)	16/11/1909	9174	1	terça-feira	
*	Dois dedos de prosa	23/11/1909	9181	1	terça-feira	
*	Correio da roça (VII)	30/11/1909	9188	1	terça-feira	
*	Correio da roça (VIII)	14/12/1909	9202	1	terça-feira	
138	Uma chaga urbana	21/12/1909	9209	1	terça-feira	
139	Guerra à guerra	28/12/1909	9216	1	terça-feira	
1910, ano XXVI						52
*	Dois dedos de prosa	04/01/1910	9223	1	terça-feira	
140	Nuvem negra...	11/01/1910	9230	1	terça-feira	
*	Correio da roça (IX e X)	18/01/1910	9237	1	terça-feira	
141	Males do estio	25/01/1910	9244	1	terça-feira	
*	Dois dedos de prosa	01/02/1910	9251	1	terça-feira	
142	Crime premeditado	08/02/1910	9258	1	terça-feira	
143	Crime premeditado	15/02/1910	9264	1	terça-feira	
144	Crime... consumado?	22/02/1910	9271	1	terça-feira	

CIDADANIA E SUBJETIVIDADE EM CRÔNICAS DE AUTORIA FEMININA

145	Nicacio up to date	01/03/1910	9278	1	terça-feira
*	Correio da roça (XI)	08/03/1910	9285	1	terça-feira
146	Um dever esquecido	15/03/1910	9292	1	terça-feira
147	De Poços de Caldas	22/03/1910	9299	1	terça-feira
148	De Poços de Caldas (II)	29/03/1910	9306	1	terça-feira
149	Crônica da saudade	05/04/1910	9313	1	terça-feira
150	2ª crônica da saudade	12/04/1910	9320	1	terça-feira
151	Notas de uma viajante	19/04/1910	9327	1	terça-feira
152	Via férrea... dolorosa	26/04/1910	9334	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	03/05/1910	9341	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	10/05/1910	9348	1	terça-feira
153	No bojo do colosso	17/05/1910	9355	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	24/5/1910	9362	1	terça-feira
*	Correio da roça (XII e XIII)	31/05/1910	9369	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	07/06/1910	9376	1	terça-feira
154	Não vale a pena	14/06/1910	9383	1	terça-feira
155	A Segregada	21/06/1910	9390	1	terça-feira
156	Respeito às barbas	28/06/1910	9397	1	terça-feira
*	Correio da roça (XIV)	05/07/1910	9404	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	12/07/1910	9411	1	terça-feira

CIDADANIA E SUBJETIVIDADE EM CRÔNICAS DE AUTORIA FEMININA

*	Dois dedos de prosa	19/07/1910	9418	1	terça-feira
157	Reflexões de um filantropo	26/07/1910	9425	1	terça-feira
158	Como a flor do lótus	02/08/1910	9432	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	09/08/1910	9439	1	terça-feira
159	Uma festa literária	16/08/1910	9446	1	terça-feira
160	Carmen Dolores	23/08/1910	9453	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	30/08/1910	9460	1	terça-feira
*	Correio da roça (XV a XXI)	06/09/1910	9467	1	terça-feira
161	Um grande serviço	13/09/1910	9474	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	20/09/1910	9481	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	27/09/1910	9488	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	04/10/1910	9495	1	terça-feira
162	Sic transit gloria...	11/10/1910	9502	3-4	terça-feira
*	Correio da roça (XXII-XXIII)	18/10/1910	9509	1	terça-feira
*	Correio da roça (XXIV-XXVI)	25/10/1910	9516	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	01/11/1910	9523	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	08/11/1910	9530	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	15/11/1910	9537	6	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	22/11/1910	9544	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	29/11/1910	9551	1	terça-feira

CIDADANIA E SUBJETIVIDADE EM CRÔNICAS DE AUTORIA FEMININA

*	Dois dedos de prosa	06/12/1910	9558	1	terça-feira
*	Correio da roça (XXVII-XXX)	13/12/1910	9565	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	20/12/1910	9572	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	27/12/1910	9579	1	terça-feira
1911, ano XXVII					
*	Dois dedos de prosa	03/01/1911	9586	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	10/01/1911	9593	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	17/01/1911	9600	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	24/01/1911	9607	1	terça-feira
*	Correio da roça (XXXI)	07/02/1911	9621	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	14/02/1911	9628	1	terça-feira
163	Carta a um desanimado	21/02/1911	9635	1	terça-feira
164	A festa das hortênsias (carta aberta ao Sr. Roberto Escragnoille)	28/02/1911	9642	1	terça-feira
*	Correio da roça (XXXII)	07/03/1911	9648	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	14/03/1911	9655	1	terça-feira
165	Teatro municipal	21/03/1911	9663	1	terça-feira
166	Escolas e livros	28/03/1911	9669	1	terça-feira
*	Correio da roça (XXXIV-XXXIX)	04/04/1911	9677	1	terça-feira
167	Pelos flagelados	11/04/1911	9684	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	18/04/1911	9690	1	terça-feira

CIDADANIA E SUBJETIVIDADE EM CRÔNICAS DE AUTORIA FEMININA

168	Palavras	25/04/1911	9697	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	02/05/1911	9704	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	09/05/1911	9711	1	terça-feira
169	Um dia do povo	16/05/1911	9718	1	terça-feira
*	Correio da roça (XL-XLI)	23/05/1911	9725	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	30/05/1911	9732	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	06/06/1911	9739	1	terça-feira
170	Monólogo do Rocha	13/06/1911	9746	1	terça-feira
171	Bazar de almas	20/06/1911	9753	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	27/06/1911	9760	1	terça-feira
172	Preços populares...	04/07/1911	9767	1	terça-feira
*	Correio da Roça (XLII-XLIV)	11/7/1911	9774	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	18/7/1911	9781	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	25/7/1911	9788	1	terça-feira
173	Em branco e em ouro	01/08/1911	9795	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	08/08/1911	9802	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	15/8/1911	9809	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	22/8/1911	9816	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	29/8/1911	9823	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	5/9/1911	9830	1	terça-feira

CIDADANIA E SUBJETIVIDADE EM CRÔNICAS DE AUTORIA FEMININA

174	Exemplo a seguir	12/9/1911	9837	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	19/9/1911	9844	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	26/9/1911	9851	1	terça-feira
175	Mme. Catulle Mendés	3/10/1911	9858	1	terça-feira
176	Uma glória da cidade	10/10/1911	9865	1	terça-feira
*	Correio da Roça (XLV)	17/10/1911	9872	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	24/10/1911	9879	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	31/10/1911	9886	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	7/11/1911	9893	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	14/11/1911	9900	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	21/11/1911	9907	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	28/11/1911	9914	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	5/12/1911	9921	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	12/12/1911	9928	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	19/12/1911	9935	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	26/12/1911	9942	1	terça-feira
1912, ano XXVIII					
*	Dois dedos de prosa	02/01/1912	9949	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	09/01/1912	9956	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	16/1/1912	9963	1	terça-feira

32

CIDADANIA E SUBJETIVIDADE EM CRÔNICAS DE AUTORIA FEMININA

*	Dois dedos de prosa	23/1/1912	9970	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	30/1/1912	9977	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	06/02/1912	9984	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	13/2/1912	9991	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	20/2/1912	9998	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	27/2/1912	10005	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	05/03/1912	10012	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	12/3/1912	10019	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	19/3/1912	10026	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	26/3/1912	10033	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	16/4/1912	10054	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	23/4/1912	10061	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	30/04/1912	10068	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	07/05/1912	10075	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	14/5/1912	10082	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	21/5/1912	10089	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	28/5/1912	10096	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	04/06/1912	10103	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	11/6/1912	10110	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	18/6/1912	10117	1	terça-feira

CIDADANIA E SUBJETIVIDADE EM CRÔNICAS DE AUTORIA FEMININA

*	Dois dedos de prosa	25/6/1912	10124	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	9/7/1912	10138	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	16/7/1912	10145	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	23/7/1912	10152	1	terça-feira
177	A fortuna do Simão	30/7/1912	10159	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	06/08/1912	10166	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	13/8/1912	10173	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	20/8/1912	10180	1	terça-feira
*	Dois dedos de prosa	27/8/1912	10187	1	terça-feira
Total de textos entre 1906 e 1912					317

FONTE: Elaborada pela autora.

Crêterios de transcriçãe e estabelecimento do texto

Em relaçaõ aos crêterios utilizados nesta ediçaõ de crônicas e breves textos ficcionais, como nos demais volumes desta coleçaõ, a pesquisa partiu das páginas do jornal *O Paiz*, conforme versãe disponibilizada na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Para a localizaçaõ e transcriçaõ dos 177 textos reunidos neste volume, contamos com a preciosa colaboraçaõ de estudantes da UFPR, Unesp e Unicamp, a quem agradecemos: Juliana Carolina de Castilhos (UFPR), Sábatha Yasmim Raizer (UFPR), Tiago Rodrigues Fernandes (UFPR), Jacqueline Lourenço Paschoim (Unesp), Lucas Antonio Mansano Moraes (Unesp), Paulo Silva (Unesp) e Daphne Nathielle Goulart da Costa (Unicamp). Primeiro, folheamos as páginas digitalizadas do jornal, uma a uma, em busca de textos da escritora. Em seguida, transcrevemos todos os que encontramos. Fizemos o cotejo entre texto transcrito e texto impresso, corrigindo erros de transcriçaõ e gralhas tipográficas evidentes. Por fim, fizemos a atualizaçaõ ortográfica, evitando modificar o sabor do texto antigo e o estilo da escritora.

Quanto aos estrangeirismos, não atualizamos sua ortografia, por uniformidade editorial: mantivemo-los no texto, destacando-os com itálico ou aspas apenas quando essa foi a forma usada no texto impresso. Observamos que, num mesmo texto, usou-se ora o estrangeirismo *restaurant*, ora a grafia da palavra em língua portuguesa, *restaurante*, o que indicia a progressiva incorporaçaõ da palavra ao léxico da língua portuguesa. (Texto n. 25) Não sabemos qual teria sido a escolha da escritora, qual a eventual correçaõ efetuada pelos revisores do jornal.

Também não modificamos a grafia de palavras que têm duas formas dicionarizadas. É o caso de *xaile*, *maribondo*, *lentejoula* e *hóspeda*, dentre outras. Ainda que o uso recente registre com mais frequência outras grafias (*xale*, *marimbondo*, *lantejoula* e *hóspede*), o registro antigo permite documentar um estágio dos usos linguísticos e, assim, conhecer a complexidade que se esconde nas dobras do registro convencional.

Modificamos a grafia de nomes próprios, para refletir o modo correto ou atual de grafá-los: assim, modificamos *Lafontaine* para *La Fontaine*; *Demoulins* para *Demolins*; *Shakspeare* para *Shakespeare*, *Cavallaria rusticana* para *Cavalleria rusticana*, *Cavalliére* para *Cavalière* etc. Da mesma forma, corrigimos erros evidentes, substituindo "cher madame" por "chère madame", "das fregueses" por "dos fregueses" etc. Inserimos notas de rodapé, identificadas com a abreviação "N. da E." ("Nota da edição"), para sinalizar possíveis erros tipográficos.

O uso de vírgulas era notadamente diverso no início do século XX. Fizemos alterações mínimas, inserindo algumas e apagando outras, para fins de clareza e organização textual. Apagamos a vírgula usada pela autora antes da palavra "etc.". Mantivemo-la apenas na expressão "etc., etc." Algumas vezes, vírgulas eram usadas antes de advérbios, mas não depois deles; antes de orações adverbiais, mas não depois delas; nesses casos, inserimos vírgulas quando necessário para adequar as frases ao padrão gramatical atual.

A autora usa travessões de modo distinto do que usamos hoje em dia. Algumas vezes, usa travessão onde hoje usaríamos dois pontos; outras, onde usaríamos aspas, abrindo e fechando uma citação ou palavra destacada. Mantivemos o seu uso.

Houve casos em que o jornal disponibilizado pela Biblioteca Nacional estava manchado ou mutilado. Nos casos de manchas, fizemos o possível para identificar as palavras, usando colchetes para indicar nossas suposições. Quando não foi possível ler o texto, inserimos entre colchetes a informação "texto ilegível", ou "palavra ilegível". Quando se tratava de texto publicado posteriormente em livro, usamos os livros para dirimir dúvidas ou completar o texto mutilado.

Quando a autora citou textos literários, cotejamo-los com os originais, quando possível. Optamos por corrigir eventuais erros de transcrição — erros da escritora, do tipógrafo ou do revisor do jornal.

Nas páginas finais, inserimos índices de indivíduos, lugares, obras (literárias, artísticas, históricas etc.) e publicações periódicas mencionadas nos textos. Não compõem o índice personagens literários e mitológicos.

Recados aos revisores e aos leitores

Alguns erros ou escolhas são de responsabilidade dos revisores, a quem a cronista escreveu um importante bilhete, ao final de uma crônica, pedindo a eles, por exemplo, que respeitassem o modo de grafar nomes próprios estrangeiros e, mais grave, que tomassem o cuidado de não suprimir linhas dos seus textos:

Para terminar, vou conversar um pouco com gente de casa: — os senhores revisores do “Paiz”.

Chegou também a minha vez:

Como a minha caligrafia é caprichosa, embora eu procure torná-la clara e simples, um ou outro engano que tenho visto em meus artigos, como por exemplo a mudança de uma palavra por outra parecida, mas de sentido oposto etc., atiro-a para cima dos meus próprios ombros e calo-me... Não entenderam, a culpada fui eu... paciência!...

Outras vezes, porém, apesar de toda a minha abnegação, percebo que a culpa não é da minha letra e resolvo-me a intervir na defesa do meu estilo. [...]

Por indolência, por... nem sei por que, enquanto esses erros só me podiam prejudicar a mim, não os apoquentei com o menor pedido de retificação, não é verdade? pois talvez ainda hoje eu nada dissesse se a prejudicada tivesse sido eu só... Façamos, pois, agora um pacto: de ora em diante nem mais um erro; sim? (Texto n. 64)

Por que dirigir-se publicamente aos revisores, em vez de conversar com eles no ambiente do jornal? Uma hipótese é que a escritora tenha, sim, conversado com os revisores e que o bilhete no jornal reiterasse a advertência feita pessoalmente. Outra hipótese é que a escritora trabalhasse apenas em casa e, como outros cronistas, enviasse seus textos por meio de um mensageiro, tendo portanto poucas oportunidades de encontrar os revisores. Ainda assim, ela poderia ter lhes enviado um bilhete privado. Advertindo-os publicamente, Júlia acabou por explicitar o caráter coletivo da forma final do texto, a despeito das

tentativas da autora de controlá-las. Em outras palavras, por mais que a *autoria* seja da escritora, a forma do texto no jornal depende de outras pessoas, como depende também da tecnologia disponível no seu tempo.

Em outra ocasião, Júlia pediu a benevolência de seus leitores para que relevassem os erros evidentes percebidos nos textos: "lendo o meu último artigo sobre Machado de Assis e encontrando nele erros de imprensa que fortemente o prejudicaram eu não procurei retificá-los por confiar que a fina inteligência dos leitores o tivesse de algum modo corrigido". (Texto n. 110)

Estendemos o pedido da autora aos leitores atuais, com cuja benevolência e fina inteligência contamos: embora tenhamos nos esforçado para evitar erros e para fazer as escolhas que nos pareceram mais acertadas, é provável que alguns detalhes tenham escapado aos nossos olhos ou à nossa avaliação.

Referências

ALMEIDA, Júlia Lopes de. A Valentim Magalhães (página íntima). In: *O Paiz*, ano XIX, n. 6803, segunda-feira, 25 maio 1903, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/6033. Acesso em 29 set. 2023.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Livro das donas e donzelas*. Desenhos de Jeanne Mahieu. Rio de Janeiro: Francisco Alves & C., 1906. Disponível em: <https://ia800603.us.archive.org/15/items/3522362/3522362.pdf>. Acesso em 14 jun. 2024.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. Dois dedos de prosa. In: *O Paiz*, p. 1, 03 maio 1910. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/178691_04/1630. Acesso em 12 jun. 2024.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Correio da roça*. Rio de Janeiro: Francisco Alves & C., 1913. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/461>. Acesso em 14 jun. 2024.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Livro das noivas*. Desenhos de E. Casanova, Roque Gameiro, Julião Machado e outros. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves & C., 1914. Disponível em: <https://ia601508.us.archive.org/11/items/livrodasnoivas00alme/livrodasnoivas00alme.pdf>. Acesso em 14 jun. 2024.

BARP, Guilherme. *Os contos esquecidos de Júlia Lopes de Almeida*: resgate e edição atualizada. Dissertação de mestrado. Porto Alegre, UFRGS, 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/258945>. Acesso em 20 dez. 2023.

BRAGANÇA, Aníbal. A Francisco Alves na História do Livro: uma introdução. In: MONIZ, Edmundo. *Francisco Alves de Oliveira (livreiro e autor)*. 2. ed. Rio de Janeiro: ABL, 2009. Disponível em: https://www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/francisco_alves_de_oliveira_-_edmundo_moniz_-_para_internet.pdf. Acesso em 17 maio 2024.

BRAGANÇA, Aníbal. *Eros pedagógico*: Uma história cultural do editor de livros. Tese de doutorado - Escola de Comunicações e Artes, USP. São Paulo, 2001. Disponível em: https://www.academia.edu/41853942/Anibal_Braganca_EROS_PEDAGOGICO_Uma_historia_cultural_do_editor_de_livros?sm=b. Acesso em: 14 jun. 2024.

BRAGANÇA, Aníbal. O livreiro-editor Francisco Alves e os direitos de autor. In: ____ (org.) *Rei do Livro*. Francisco Alves na história do livro e da leitura no Brasil. São Paulo: Edusp; Niterói: Lihed-UFF, 2016. pp. 31-54.

CASTRO, Renato de. "Ânsia eterna", o último livro da Sra. Júlia Lopes de Almeida. *Gazeta de Notícias*, ano XXX, n. 1. Rio de Janeiro, 01 jan. 1903, p. 02. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/103730_04/5093. Acesso em 15 maio 2024.

COSTRUBA, Deivid. *Para além do sufragismo*: A contribuição de Júlia Lopes de Almeida à história do feminismo no Brasil (1892-1934). Tese de Doutorado. Unesp, Assis-SP, 2017. Disponível em https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNSP_d1a10dfb79804a1a1510000365349da1. Acesso em 21 set. 2023.

CHRYSANTHÈME. *Gritos femininos*. São Paulo: Monteiro Lobato & C. editores, 1922.

DOMINGUES, Rachel Bertol. *A crítica literária em circuitos jornalísticos: José Veríssimo na imprensa da 'belle époque' carioca*. Tese de Doutorado, UFRJ. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: https://www.pos.eco.ufrj.br/site/download.php?arquivo=upload/tese_rdomingues_2016.pdf. Acesso em 24 maio 2024.

FANINI, Michele Asmar. Júlia Lopes de Almeida: entre o salão literário e a antessala da Academia Brasileira de Letras. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v. 14, n. 27, 2009. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/1941>. Acesso em: 04 dez. 2023.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 2. ed. revista e aumentada. Tradução: Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Edusp, 2005.

HELLMANN, Risolette Maria. Carmen Dolores, uma escritora brasileira do século XIX. In: DOLORES, Carmen. *Um drama na roça*. Brasília: Senado Federal, 2021, pp. 09-32. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/587237/Drama_roca.pdf. Acesso em 16 maio 2024.

LAJOLO, Marisa. Correspondência de Anna de Castro Osório e Monteiro Lobato. *Convergência Lusíada*, v. 15, n. 17, p. 305-311, 2000. Disponível em: <https://convergencia.emnuvens.com.br/rcl/article/view/877/645>. Acesso em 21 jun. 2024.

LOBATO, Denise Araújo. *Prosas de Júlia Lopes de Almeida em jornais paraenses oitocentistas*. Dissertação de mestrado. Belém: UFPA, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/8115>. Acesso em 20 dez. 2023.

LUCA, Tania Regina de; SILVA, Ana Cláudia Suriani da (orgs.). *Júlia Lopes de Almeida (pseudônimo Ecila Worms): A Moda (1892- 1901)*. Campinas, SP: FE/UNICAMP, 2024. Disponível em: https://editora.fe.unicamp.br/index.php/fe/catalog/book/ecila_worms. Acesso em 06 jan. 2025

LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Milena Ribeiro. Do lar à rua: a construção de uma cronista. In: LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Milena Ribeiro (orgs.). *Júlia Lopes de Almeida em O Paiz: 1884 a 1905*. Coleção: As Mulheres no Jornal O Paiz, volume 4. Campinas-SP: Editora FE-Unicamp, 2024. pp. 09-52.

LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Milena Ribeiro (orgs.). *Júlia Lopes de Almeida em O Paiz: 1884 a 1905*. Campinas, SP: FE/UNICAMP, 2024. Disponível em: https://editora.fe.unicamp.br/index.php/fe/catalog/book/julia_lopes-A. Acesso em 06 jan. 2025.

MACHADO, Julião. A semana que passou. In: *O Paiz*, ano XXII, n. 07801, 11 fev. 1906, p. 01. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/178691_03/10864. Acesso em 24 maio 2024.

MACHADO, Julião. A América. In: *O Paiz*, ano XXII, n. 07899, 20 maio 1906, p. 01-02. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/178691_03/11536. Acesso em 24 maio 2024.

O PAIZ, In: *O Paiz*, ano XXI, n. 07355, 27 nov. 1904, p. 01. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/178691_03/8711. Acesso em 08 maio 2024.

O PAIZ, In: *O Paiz*, ano XXII, n. 07765, 11 jan. 1906, p. 01. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/178691_03/10691. Acesso em 24 maio 2024.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Tradução: Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PINTO, Maria de Lourdes de Melo. *Memória de autoria feminina nas primeiras décadas do século XX: a emergência da obra periodística de Chrysanthème*. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/25/teses/685964.pdf>. Acesso em: 24 maio 2024.

RIO, João do. O momento literário. *Org., intr. e notas de Sílvia Maria Azevedo e Tania Regina de Luca*. São Paulo: Rafael Copetti, 2019.

SILVA, Ana Cláudia Suriani da. Júlia Lopes de Almeida's fashion column in *O País* (1892–1901). In: LUCA, Tania Regina de; SILVA, Ana Cláudia Suriani da (eds.). *Women's Voices in Brazilian Journalism and Literature*. Londres: Tamesis. [no prelo]

SHARPE, Peggy. Júlia Lopes de Almeida. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. v. 2. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. p. 188-238.

SIMÕES Jr., Alvaro Santos (org.) *Carmen Dolores: A semana (1905-1910)*. Campinas, SP: FE/UNICAMP, 2025. [no prelo]

VERÍSSIMO, José. Um romance da vida fluminense. In: *Estudos de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1905, p. 141-151. Disponível em: <http://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/6613>. Acesso em 12 jun. 2024.

POBRE TARTARUGA!

UMA SENHORA FRANCESCA DIZIA-ME HÁ DIAS, toda arrepiada, expandindo-se entre exclamações de horror:

— *Oh! chère madame*, asseguro-lhe que não há nenhum país em todo o mundo onde se maltratam tanto os animais como aqui!

Como eu protestasse, alegando a piedade natural do nosso caráter e o grau adiantado da nossa civilização, ela teimou, batendo com os nós dos dedos sobre a mesa:

— Quem está no calorzinho do ninho, mal imagina o que se passa lá fora, porque vê tudo só através da imaginação; mas a imaginação é enganadora e dá a todas as coisas a forma que melhor nos parece. Desgraçadamente, eu não vivo encolhida num canto, não tenho interior, a minha profissão obriga-me ao quarto da pensão, a palmilhar as ruas, faça sol ou chuva, desde manhã até a noite, a atravessar de extremo a extremo esta grande cidade, mais egoísta do que se pensa, a frequentar famílias de desigual posição, a comer em *restaurants* de porta aberta, no meio de uma turba sempre renovada, sempre desconhecida, a surpreender movimentos de indivíduos de todas as classes, a estar em contato, a sentir o povo, o povo detestável, e que a senhora imagina conforme a conveniência do seu patriotismo!

Para conhecer-se uma cidade é preciso viver-se na rua, ter os ombros doridos pelo peso do trabalho e os encontrões com os transeuntes apressados ou indiferentes, como tenho os meus; e nem por isso, asseguro-lhe, deixo de os levantar bem alto quando protesto contra as cenas com que vejo brutalizar aqui os animais, em plena rua, em plena civilização, como se fosse um ato natural e justo!

Oh! chère madame, os pobres bois instigados pela aguilhada, morro abaixo, morro acima, arrastando pesos enormes, superiores talvez às suas forças... Por mais que poetas e filósofos tenham cantado e descrito a bondade, a paciência

desses grandes bichos sossegados, o povo que lhe importa, não se comove quando os vê passar, jungidos à canga, suados, vergados, espicaçados! Para mim é um quadro sempre doloroso. A minha alma relaciona-se com todas as forças vivas da natureza e protesta contra o sofrimento que lhe é imposto.

E os burros, *madame*?

Ah! se a senhora visse tantas vezes como eu os desgraçados burros, trôpegos, arrastando a ambição desmedida do homem, sob chicotadas que lhes lanham do sangue o lombo magro... De arranco em arranco, a mal, nunca a bem, eles lá puxam pelos varais dos carroções, até que algum deles tropeça e cai. É a morte. O burro morre arreventado. Morre no trabalho, embaixo de uma praga. E o homem que o aproveitou, chora? Não. Animais não merecem tais consagrações. Quando muito, ele amaldiçoa o fato, portador de prejuízo. Dizem que há sociedades protetoras de animais; mas a sua vigilância em que consiste?

Não nego que já se abusa menos; mas afianço-lhe que a Europa é bem mais suave para os irracionais... A Inglaterra foi a iniciadora dessas associações de proteção. A França imitou-a logo. Que fazem essas sociedades? Distribuem medalhas e várias recompensas aos inventores de aparelhos feitos com o fito de aliviar o trabalho dos animais; aos autores de publicações úteis à propaganda dos seus princípios; aos criadores, aos pastores, aos cocheiros, aos zagais, aos empregados de estrebaria que demonstrem zelo e bondade para com os animais à sua guarda. Os membros desses *clubs* exercem as suas funções com grande atividade e não relaxam os mínimos detalhes de artigos e parágrafos dos seus estatutos.

Pode ser que no Brasil se faça o mesmo, mas não parece... Sorri? pensa que estou falando por falar? Escute:

Ontem, à porta do *restaurant* onde janto, estava uma grande tartaruga de papo para o ar, em exposição. Não direi toda, para não parecer exagerada, mas quase toda a gente que passava entendia dever bulir no infeliz animal, forçado àquela inércia pela posição que lhe haviam dado.

Sozinha na minha mesa, eu assistia revoltada a todos aqueles pontações de bengalas e de guarda-chuvas, que excitavam a pobre tartaruga a encolher-se na sua couraça, com manifestado desagrado. Era uma curiosidade doentia e brutal a dos transeuntes, martirizando um pobre bicho já condenado à morte. Eu impacientava-me, perdia o pouco apetite, sentindo pruridos de levantar-me e ficar de sentinela ao desgraçado réptil... E olhe que, de todas as classes de animais, a dos répteis é a da minha antipatia! Mas, afinal, que culpa tinha aquela tartaruga de a terem deslocado do seu ambiente, arrancado à frescura de um rio e das suas areias, na serena solidão dos campos, para a exporem rente a uma calçada barulhenta, sob globos de gás e nuvens de poeira, numa atitude contrafeita, que lhe paralisava a ação?

Enquanto espera a faca do cozinheiro, que lhe raspará a carne da concha, o desgraçado réptil não mereceria uns momentos de repouso? Ah! a nossa voracidade não conseguirá nunca discriminar no sabor dos alimentos a peçonha que a nossa maldade infiltrou neles! Somos bárbaros, e para desculpar a nossa crueldade negamos aos outros animais uma consciência! Mas que faz a nossa, *madame*?! Se a natureza exige (se exige!) do nosso organismo que comamos outros animais, não os torturemos, ao menos! A pobre tartaruga imóvel na soleira, com a casca unida às tábuas, recebia continuadas desfeitas de toda a garotada e de muitos sujeitos de colarinhos engomados, que passavam experimentando nela a ponteira das bengalas, quando entrou no *restaurant* um belo rapagão corado e gordo, em que tudo deveria pesar; os bigodes ruivos, à rei Humberto; as grandes mãos cabeludas, a estatura elevada, as roupas de caxemira grossa, a corrente de ouro maciço do relógio e as botas de sola e tira de couro de canguru! Oh, *chère madame*, [ilegível] botas levantaram-se ao mesmo tempo e o belo homem, com um ar vitorioso, em pé sobre a couraça da tartaruga inofensiva, tirava com um gesto largo o chapéu de feltro aos assistentes pasmados [ilegível]

inteligência esclarecida e coração valente. Um indivíduo que maltrata um animal inerme é um indivíduo covarde.

Defendamo-nos, sim, dos que nos trazem perigo e ameaça de morte, livremo-nos por todos os meios de combate dos milhões de insetos que nos entram pelas janelas, bailando à luz dourada do sol, ou que proliferam nas madeiras ocultas dos vigamentos de tetos e assoalhos; mas aos pobres bichos do campo, que nem nos ameaçam a vida nem nos estragam a propriedade, para que fazer tão dura guerra?

A desgraçada tartaruga, sob os tacões de sola dura do mocetão da bigodeira, teria o seu martírio acrescentado se além das suas faculdades de sentir e de sofrer ela tivesse, como o homem, uma clara noção dos seus direitos à vida. Convém-nos supor que os animais não pensem nem comparem.

Que nos baste a nós essa glória, e a eles a que lhes deu La Fontaine... Mas, afinal, quem nos diz que a filosofia, de alguns bichos pelo menos, não seja melhor que a nossa? Os tempos da Índia panteísta, com os seus dogmas, as suas crenças de metempsicose, não deixaram nada esclarecido... Está claro que nem tanto nem tão pouco: nem fazer do animal religião, nem sacrificá-lo à nossa brutalidade criminosa. Eu respeito os animais e eu não sou anjo; sou apenas tolerante. Não compreendo, por exemplo, que uma pessoa dê a uma cadelinha o tratamento que nega a uma criança pobre. O orgulho da raça é uma virtude; primeiro nós; mas daí descer a maltratar os irracionais, não é de bondade nem de justiça. Não digo que levemos a nossa perfeição até o ponto da santa do calendário que salvava a vida das pulgas e de outros insetos mais repugnantes que para nossa defesa devemos exterminar; mas, *chère madame*, martirizar animais que não nos atacam e de que tiramos proveito, ah! não!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXII, n. 7768, 14 jan. 1906.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/10709

RINDO...

FUNDOU-SE EM FRANÇA, segundo refere um cronista de *Les Annales*, uma sociedade de jovens estudantes com o fim benéfico de restaurar o riso franco, aberto, sadio, dos seus antepassados. Como a *Liga do Riso*, é assim que se denomina essa associação original, é constituída por moços; o seu desígnio não será talvez, entre eles, difícil de conseguir.

O verniz dourado da civilização ressecou nas almas a flor espontânea da gargalhada, que eles se propõem agora a fazer desabrochar mais exuberante e radiosa.

E terão prestado um serviço! A que ginástica submeterão o seu espírito para conseguir tão maravilhoso resultado? Isso não diz a crônica e é pena. Podemos supor que, impondo o *club* a gargalhada por dever, ela acabe por ser um hábito de fácil propagação. A vontade forte de cada indivíduo operará milagre, a que a coletividade se propõe. Realmente, transmutar o sorriso, o sorriso silencioso, desbotado, frio, numa escala de sons ruidosos arrancados a custo do peito num ensaio de alegria, deve ser ao princípio coisa bem desafinada e quiçá triste...

Mas o exercício acabará em pouco tempo por dar harmonia e graça à voz mais inexperiente! Como provocarão eles essa *velha* e desejada alegria? Os mesmos fatos, os mesmos comentários que já mal têm força para enrug¹⁵ os lábios da gente moderna numa expressão de sarcasmo, serão capazes de lhes sacudir o corpo não acesso de hilaridade gostosa? As chalaças, as graças desataviadas voltarão a assentar praça no exercício dos epigramas, dos finos ditos de espírito, assoprados entre rastilhos de reticências nas comédias e nas conversas atuais? Quem sabe?

15 N. da E.: No jornal, grafou-se "enxugar". Supondo ter sido um erro, modificamos para "enrugar".

A alma, como o corpo, precisa de medicina renovada. Outra higiene. Ironias são micróbios perigosíssimos. O ar e o sol do coração é o riso, mas o riso de boca aberta, que ventile os pulmões, sacuda todos os órgãos e desinfete a alma!

Os negros [ilegível] das superstições, as traças da desconfiança, o cupim devorador das ambições, toda a bicharia representada por sentimentos abafados, se desfará como por encanto às rajadas de um riso limpo, moço, sadio, de engordar!

Creio que não há povo em toda a Terra tão espirituoso nem tão alegre mesmo como o francês. Andar-se pelas ruas, principalmente pelos boulevards (os boulevards sugestionam alegria), e ter-se a sensação de que se passeia entre criaturas contentes da sua sorte, e está nisso talvez o maior encanto da sedutora capital, tão prazenteiro é o aspecto dos transeuntes, tão desanuviada a sua fronte, tão lépidos os seus movimentos, que a vida se nos afigura ser ali, não o *fardo pesado* com que a denominam geralmente os pessimistas de todos os países, mas um galhardo ramilhete de flores risonhas e leves. Ora, como onde há o homem existe o sofrimento, não podemos ignorar que a dor exista em França. Existe, mas recatam-na sob um véu de altiva serenidade.

Essa habilidade natural e simpática, esse aspecto de alegria comunicativa e que, ai de nós! não temos. Dir-se-ia que olhamos para tudo com desinteresse... E, entretanto, é lá que se funda uma — *Liga para o riso*.

Defeitos confessados, além de mais facilmente perdoados, podem ser mais facilmente [corrigidos]. Confessemos os nossos. [ilegível]

que a pobre criança quisesse povoar a solidão do caminho com a sua alegria de moço e temesse talvez incomodar-me.

A sua resposta assombrou-me; foi esta:

- Não sei cantar.
- Nem assobiar?
- Nem assobiar.

Mas quem é que não sabe cantar aos quinze anos, santo Deus?! De mais a mais, naqueles caminhos inspiradores, entre os mais belos sons da natureza: gorjeios variegados de aves felizes, murmúrios das águas do lindo Paquequer e de córregos ocultos entre samambaias e touceirais de lírios perfumados!

A beleza daquele céu, o recorte fantástico daquelas montanhas, o cheiro agreste daquelas matas, não tinham ainda ensinado ao rapaz, aliás esperto, abrir espontaneamente a boca para emitir um som musical, que é o desabafo mais natural da poesia que toda a alma tem dentro de si.

No dia seguinte, ao passar pela minha porta, o pobre rapaz ensaiou num trilo desafinado assobiar qualquer moda em que se lhe sentia mais esforço do que vontade. Tive pena.

Aí está um que talvez aprendesse a ser alegre com alguém que o ensinasse, fosse como fosse, com palavras, com cócegas ou com pancadas...

A *Liga do Riso* — não me parece absurda; a alegria é contagiosa. Quem vê rir, mas rir com vontade, acaba rindo também. A história dos alemães risonhos, num bond, contada por Olavo Bilac na sua bela conferência — O riso, confirma esta observação de todo o mundo conhecida.

Naturalmente a *Liga do Riso* imporá a gargalhada como preceito higiênico e terá gente habilitada a ensinar a rir, assim como os hospitais têm médicos e massagistas. Provido de anedotas engraçadas e inocentes, habituado com um certo número de caretas irresistíveis e atitudes cômicas, o mestre do riso provocará o seu cliente ou discípulo até a lágrima. Com meia dúzia de sessões, bem exercitada a alma, bem desafogados os nervos, o triunfo da saúde será certo. Veremos o que acontece. Os humoristas literários amarrarão naturalmente a boca dos seus sacos de *verve* venenosa, de um sarcasmo agressivo, e aspirarão com força o ar puro de uma alegria tonificadora e nova. E nas ruas, nas casas, nas praças, nas estradas, os homens não passarão como fantasmas acorrentados ao seu negócio, como um burro à carroça de pedras que vai puxando para diante, dolorosamente, até um destino que ele mesmo ignora.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXII, n. 7768, p. 1, 21 jan 1906.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/10749

WOMEN-CLUB

QUERIDA AMIGA,

— AINDA?! AINDA. Imagine que ando veraneando por terras de Itatiaia e que só por isso li com muitos dias de atraso aquela crônica em que João Luso, autor que o meu bom gosto procura com avidez todos os domingos, no rodapé do “Jornal”, critica as minhas independências... Deixe lá, que talvez a culpa seja um pouco sua, por não ter expressado no outro artigo, subordinado ao mesmo título deste, com maior clareza as minhas ideias.

Embora as opiniões do cronista sejam, como viu, opostas às minhas, senti um arrepiozinho de prazer ao lê-lo. O combate afia as armas, e as minhas não ficarão assim de todo votadas à ferrugem da inércia, como a amiga prognosticou, ao fechar o seu artigo com a afirmação de que os meus pensamentos boiariam nas águas estagnadas da indiferença, até se afundarem de todo, bem mortos e bem esquecidos...

Comentando o artigo “Women-club”, João Luso, nas suas considerações, reflete a opinião geral dos homens, e bem direi se afirmar: também das mulheres. Taxando-me de sonhadora e visionária, com uma pontinha de sarcasmo a escorrer-lhe em fio do bico da sua pena correntia e macia, objetou o cronista que, do que nós carecemos na nossa querida cidade, não é de ensinar às mulheres a terem melhor saúde e mais alegria com os exercícios de natação e de jogos ao ar livre, nem tampouco o de guiá-las no caminho da independência pelo trabalho, mas só a serem boas donas de casa... Antes de tudo é preciso saber-se que ser dona de casa não é coisa que se aprenda completamente, nem aproximadamente em colégios, institutos, comunidades grandes e de complexa direção. Para isso há uma única escola verdadeira: o lar. Para se ser boa dona de casa, do que se carece, não é de preleções, mas de exemplos, preceitos de ordem e economia, asseio, bom gosto e justiça, que se herdaram da mamãe, que se estudam na mamãe,

entre as quatro paredes da casa risonha ou atribulada, necessitada ou farta. Para se ser boa dona de casa basta uma coisa — vontade — e ainda outra mais poderosa — amor. Amor às pessoas a quem a nossa previdência, o nosso carinho, a nossa atenção podem fazer felizes. Além dos exemplos caseiros, há, para a parte material da casa, livros que ensinam com a maior clareza todos os serviços domésticos: receitas culinárias magníficas (Deus prolongue a vida a quem se tem servido delas com vantagem), conselhos sobre o modo de escovar tapetes e fatos, fazer assentos de compras e os “menus” das refeições, róis de roupas, tabelas de serviço de ou [sic] dos criados... e de como se devem tirar nódoas de cortinas ou encerrar assoalhos!

Passo a passo, da porta da rua à do quintal, esses mestres queridos e benfeitores observam tudo e instruem sobre higiene, conforto, fornecendo os meios de alcançar a prosperidade. Tais serviços devem ser estimados até por quem já tenha tirocínio de governar, visto que a prática dos outros vem muitas vezes melhorar, corrigir a nossa. É também verdade que nem tudo que uma moça observa no lar paterno pode ser aplicado no seu, onde a educação, os hábitos e os gostos do marido, que são muitas vezes diferentes, exigem outra orientação, outros sistemas, que se não adquirem de assalto...

Uma escola de donas de casa... Reflito: e as discípulas que não cheguem a ter casa (e que não serão poucas), exercerão as suas prendas como criadas de servir? Se tiverem aprendido somente a ser donas de casa e nunca chegarem a sê-lo, é claro que só para criadas terão habilitações. É decerto alguma coisa; mas como ideal de vida para uma moça de mediana educação lá me parece um tanto mesquinho. E nem acredito que em tal possam pensar os pais que tenham filhas a educar. Se todas se casassem e ainda se todos os maridos pudessem assegurar o futuro das esposas e dos filhos, quando lhes acontece, o que não é raro, morrerem antes delas... [Mas] não, procuram boas donas de casa, casam-se, têm filhos e morrem deixando às viúvas unicamente as suas prendas de governo doméstico, sem um recurso para se manterem e aos produtos do casamento, e sem habilitações para o alcançar, visto que os pais não tiveram para elas outro ideal, nem outra preocupação, senão essa de as fazerem “donas de casa”, para gozo do marido vivo, que eles têm a previdência de lhes escolher imortal...

É preciso que o egoísmo dos homens se não encrespe de susto diante do meu propósito, que não é, afinal, o de ir buscar à casa de seus pais, pela mão, ou pelos cabelos, meninas a quem dotes de beleza ou de fortuna assegurem um marido; mas abrir os braços às outras, àquelas que não esperam nada de ninguém, e a quem ninguém se chega, porque a vida é dura, e os homens pobres, muito sensatamente, fogem de constituir família, receosos de um futuro pouco sedutor. Eles têm razão. E elas? Será justo que pela incúria ou infelicidade dos pais, ou pelos preconceitos da sociedade, se reduzam, quando fiquem sós, a viver, como agregadas ou parentas pobres, nas casas de outras criaturas mais mimosas da sorte?

Ah! Se os homens soubessem que para se ser boa dona de casa basta amar e ter boa saúde, mas que para ganhar a vida sem vexame é preciso um tirocínio menos “natural”! Se os homens suspeitassem o que é a vida de uma solteirona educada mas sem esperança e sem dinheiro, obrigada a exercer misteres inferiores, para não passar fome... Se os homens soubessem o que é a dor de uma viúva, de quem os filhos exigem escola, roupa e pão, e que não encontra no fundo do bolso vazio nem um vintém...

Se os homens refletissem no desespero de uma rapariga válida e inteligente ao ver sua mãe abandonada pelo esposo curtir negras misérias [ilegível]

e que teriam no “club” a mesma pensão, uma biblioteca, salas de música, de palestra e de estudos gratuitos de especialidades diferentes.

Não veio relacionado no artigo o propósito que o cronista sublinha de ridículo, de tornarmos a mulher eleitora. No Brasil, parece que nem mesmo os homens se empenham em bem cumprir esse dever, quanto mais as mulheres! Não; a nossa inferioridade intelectual e administrativa não disputará a ninguém a glória de eleger deputados e proclamar presidentes. A mulher só quer trabalhar para manter no mundo o lugarzinho onde o acaso do seu nascimento a colocou.

Não se pode ser mais modesta nem mais incompreendida!

Confesso, entretanto, que não posso deixar de sorrir, quando os homens manifestam a opinião de que a mulher eleitora viria corromper as urnas... A seriedade com que eles mantêm o “sagrado dever do voto” autoriza talvez essa

ideia que, afinal de contas (custa-me este desabafo!), não é nada justa. Se a mulher pode gerir os seus negócios, como tantas fazem, dar o seu nome a figurar na praça em firmas comerciais, ter contas correntes nos bancos, ser como tantas são, advogadas, médicas, professoras; se a mulher pode governar um país como rainha — e prova a história que os governos das mulheres são profícuos para as nações — por que não terá capacidade para escolher os homens que devam governar a sua pátria? Mas risquemos este parágrafo, que não figurava nos estatutos do meu “club”. Este só pensa em auxiliar com alegria moças que não fazem falta nos salões, moças sem futuro... uma aluvião!

Ah! Se os homens soubessem o que custa a uma moça ir calçar umas botinas e vê-las rotas, querer enfiar um vestido e achá-lo desbotado e ridículo; querer sair um dia como as “outras” e não ter sequer um tostão para o bond...

*
**

Ah! se os homens imaginassem a humilhação dessa criatura em frente ao espelhinho do seu quarto, olhando para uma mocidade que foge a galope, sem gozo, sem esperança...

O tempo foge e ninguém a escolhe para companheira, ninguém a ama e os cabelos brancos aparecem... sucedem-se... multiplicam-se! A história é simples: fica toda dentro de uma só personagem. Não será triste?

Foi em face dessa tristeza, tão comum nas grandes cidades, que me passou pela cabeça a ideia de um club... mas os intuitos do club já estão explicados. Adeus.

*
**

Realmente, João Luso tem razão. Esta minha amiga é uma sonhadora!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXII, n. 7794, p. 1-2, 04 fev. 1906.
http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/10824

MAMÃE...

NA HORA DE DESGRAÇA, há uma palavra que irrompe da alma a mais seca, como uma flor maravilhosa de uma rocha árida:

— Mamãe!

É um nome que aparece no sofrimento como um farol num mar de trevas, ou uma estrela num céu de tempestade; o mais pronto socorro, o mais perfeito amparo, o guia mais abnegado, tudo que o amor pode exprimir, estão dentro dessas sílabas fáceis, as primeiras que os lábios das crianças balbuciam, as últimas, quem sabe? em que pensa o velho moribundo.

— Mamãe...

A mamãe desaparece, passa, acaba; a criança faz-se homem, muda, altera-se: são outros os seus pensamentos, as suas aspirações, os seus atos; deu outro rumo à vida, criou novas afeições, nova família, traçou caminhos imprevistos; enveredou por eles renunciando aos outros que lhe haviam preparado. É outra criatura; tudo agora depende da sua vontade poderosa, da sua ação enérgica, do seu gesto valoroso. Mas, eis que um dia, em plena glória, um abismo se abre, subitamente, a seus pés, e ele o forte, o audaz, o independente, estende num arranco d'alma os braços para a visão materna que ressuscita no seu coração, como nos tempos de criancinha, em que ao menor calafrio de susto ele suplicava:

— Mamãe!

Que dita tal pensamento, que às vezes atravessa o espírito só como um relâmpago? O instinto.

Pobres das mães que não chegam a tempo de ouvirem, ainda que no sopro frio da morte, o seu nome suspirado como o supremo consolo. Parece-lhes ao menos que o filho amado teria fechado os olhos nos seus braços, iludido, acalentado, como nas noites da infância...

Não acudir pronta, rapidamente a um apelo agoniado de um filho, é a maior dor da terra, o remorso inconsciente, terrível, trágico, da mãe menos sentimental. Oh, quanto ela daria por ter asas e garras com que pudesse arrebatara os filhos para bem longe da dor!

Desde que li no *Paiz* de quinta-feira a narrativa impressionadora, pungente, de um menino de oito anos engolido por um bueiro na inundação de Juiz de Fora, que o pobre coitadinho se debate na minha imaginação, como ainda à espera de socorro!

*
**

As águas revolteiam túmidas, violentas, precipitando-se no seu curso para um canal subterrâneo. Na beirada fugidia, enlameada do córrego avolumado pela enchente, um menino resvala, escorrega, cai.

Há pouco, um segundo apenas, o seu rostinho era todo curiosidade e riso para esse espetáculo novo, movediço, brilhante, que se agitava ante as suas pupilas deslumbradas.

A água enfeitiçava-o, com os seus gargalhões sonoros, os seus reflexos de cristais quebrados, onde bailavam, levados em giros tontos pela correnteza, galhos e folhas em fugas vertiginosas.

Para a gente grande, que reflete, que sabe, aquelas águas grossas eram a própria desgraça, a negra ruína uivando, correndo, ameaçando de morte todos e tudo! Para a sua imaginação viva de criança esperta[,] aquelas águas tinham outra significação, eram como o leite nutritivo da natureza, escorrendo-lhe do seio aberto em ondas gloriosas.

Ágil e afoito ele quis também lançar o seu batel de sonho, madeirinho leve ou folha de árvores, nessa artéria rota e formidável da terra abençoada.

Aproximou-se então, destemido, contente; mas os pés descalços [faiscaram-lhe] no solo resvaladiço, as mãos agitaram-se-lhe no ar, em busca de um apoio que não existia, a água invencível arrastou-o. Compreendeu tudo num relance; e ao ver diante si a boca escancarada do bueiro, onde tudo desaparece, um grito terrível irrompeu-lhe dos lábios roxos, apavorados:

— Mamãe!

A voragem engoliu-o. Ficou só no espaço atônito esse brado de supremo terror e de suprema esperança:

— Mamãe!

*
**

À mesma hora, sob o mesmo céu em que a alma inocente desse filho clamava pela mãe, outra mãe dolorosa, velhinha e só, andava por sobre as águas do mar, sem pavor aos aguaceiros nem aos vagalhões, num frágil batel, à espera que subisse à tona d'água o corpo do filho, clamando por ele, como se esperasse o milagre de o receber nos braços, apertá-lo contra o coração forte e amoroso, como naquelas noites infinitamente suaves e infinitamente saudosas, em que o adormecia cantando!

As suas mãos, velhas, engelhadas, teriam ainda forças para o salvar do naufrágio. Mas é tarde. A tragédia está finda; só lhe resta a saudade imensa e o desejo de cumprir o último dever, o mais sagrado, o mais doloroso, o de amortilhar o filho, levá-lo para o cantinho da terra, onde ela dormirá também um dia!

O seu olhar ansioso trespassa as águas compactas, buscando [vida] lá dentro; e as suas mãos [benfazejas] o que procuram também adivinhar é o [ponto] exato em que ele repousa [ilegível]

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXII, n. 7801, p. 1, 11 fev. 1906.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/10864

UM DIA DE SOL!

PARA CONDESCENDER COM UMA AMIGA, minha hóspede, fui [ilegível] os primeiros dias do verão ao [museu].

Fazia calor. Da rua de S. Cristóvão, [ilegível] a vista fatigada pela luz? Seria uma ilusão das minhas reminiscências, ou teriam mutilado árvores, abandonado gramas, deixado secar fontes e consentido que ervas daninhas crescessem pelos caminhos?

Enquanto a minha hóspede arrastava os passos, forçando o seu interesse pelas coisas mortas que ia vendo, eu pensava que, aproveitando-se bem tudo quanto ainda se possa aproveitar, a velha quinta imperial ainda seria um belo retiro pitoresco e tranquilo. Depois, as velhas árvores, árvores históricas, não podem ser esquecidas nem desamadas. Olhando para os seus troncos nodosos, que exsudavam resinas cor de âmbar e aromatizavam o ar abafado, lembrava-me de convalescentes que ali encontrassem um local propício para os seus passeios, ou moços pobres, estudantes do bairro, que ali fossem ler ou meditar. As árvores velhas, em que as aves nidificam, devem ter influência moral sobre os espíritos...

Em qualquer cidade republicana em [ilegível] sentir por tanto ou quanto tempo, penetrar-lhes na vida, no que ela tinha de mais íntimo, tudo isso num simples e curto passeio de uma hora fugitiva, tem para muitos espíritos uma certa sedução...

Desanimadas de encontrar um banco amável em todo aquele matagal meio bravio, meio devastado pela gente que o atravessa, sentamo-nos nuns blocos de cimento de uma velha gruta onde verdejava no fundo um limo espesso, que todo se esparrivanha à queda de frutos ensoados de uma árvore silvestre.

UM DIA DE SOL!

Foi aí que nos encontrou um velho militar, apaixonado conhecedor da quinta.

Ele também lamentava aquele abandono; mas a culpa não julgássemos nós que era da diretoria do museu, sempre desvelada e atenta, mas só da falta de pessoal. Precisavam ali de trabalhadores, [não os] tinham em número suficiente: precisavam de guardas para o parque, não os tinham também. Querem ver? [ilegível]

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXII, n. 7808, p. 1, 18 fev. 1906.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/10908

ANGÚSTIAS

QUE DIFERENÇA! O seu corpo, há pouco tempo ainda tão lindo, tão roliço e tão airoso, é agora só pele e osso, mal relevando os lençóis do leito. De sedutora e atraente que era, está repugnante; os pulmões desfazem-se-lhe em escarros e em sangue; o seu hálito é fétido, a sua tez amarelada e os olhos ardem-lhe como dois círios no fundo das órbitas engrandecidas, entre as pálpebras roxas. Aquelas lindas mãos travessas, iluminadas pela fulguração das joias, crispam-se agora nuas no espaço morrinhento do quarto, tentando ainda agarrar a vida que lhes foge...

A tosse abala-lhe em arrancos consecutivos o peito chato; as faces afundaram-se-lhe; os dentes, descarnados, parecem muito grandes; os cabelos finos perderam o seu brilho de ouro fulvo, são como fiapos esgarçados de palha seca; já não é mulher: é múmia.

A tuberculose faminta devorou-lhe todos os encantos, um a um, saboreadamente.

Grande inimiga da beleza e grande inimiga da mocidade, a terrível aproveitou-a toda! Não lhe alterou só o corpo alvo e perfeito, azedou-lhe o gênio, pouco a pouco, diabolicamente. O seu sorriso foi transmutado em desdém, a sua abnegação em inveja, as suas simpatias em rancores. Onde na sua alma, como um lírio luminoso, irradiava um sentimento puro, cravou com força uma haste venenosa e espinhenta; fê-la, de confiada, desconfiada; de crédula e doce, rebarbativa e cruel; de humanitária e tolerante, egoísta e ríspida. De uma mulher formosa, um farrapo de pele mole; boca que só um amor como de Aretino por Perina beijaria ainda; sombra que se desfaz pouco a pouco antes de desaparecer completamente...

Em frente à cama, pendente do cabide como um enforcado, cai, murcho e triste, um desanimado dominó de seda, cúmplice de intriguinhas carnavalescas, risonhas e maliciosas. No fundo do seu largo bolso existe ainda um punhadinho de *confetti* dourados como os últimos pensamentos de um idílio perdido. E na rua, como na *Dama das camélias*, passa a onda grossa do povo, rugindo uma alegria bestial e estrepitosa:

— Carnaval! Viva o carnaval!

Cresce-lhe n'alma o ódio por essa multidão que passa cheia de vida, desperdiçando o seu riso, exibindo a sua saúde. Não dissimula a dor que lhe causa a alegria alheia. Se por um milagre a sua voz rouca, reduzida, abafada na arca do peito, pudesse subitamente, numa sonoridade nunca ouvida, reboar no espaço atordoado de sons confusos; seria para lançar uma suprema maldição à natureza, que a fazia sofrer tão injustamente, e à humanidade, que não a defendia!

Entretanto, nos seus dias de risonha despreocupação, enquanto dançava nos bailes, cheirando a violetas, de ombros descobertos, braços nus, entre ondas de escumilhas e chispas de diamantes, talvez escarnecesse a ideia de um moço que, fugindo à tentação da sociedade e à ostentação do mundo frívolo, se fechasse sozinho num gabinete de trabalho, folheando livros e mais livros, cansando a vista no estudo, enrugando a fronte no labor do pensamento, consumindo a sua mocidade na chama de uma ideia fixa, absorvente e grandiosa.

Enquanto outros da sua idade desvaneciam lá fora os cuidados da vida em horas ligeiras de espetáculos e festas, ele, com os cotovelos fincados na banca de estudo, procurava tenazmente o modo de dar combate ao dragão invencível das cem cabeças que a tinha agora nas unhas ensanguentadas.

Ainda ela valsava, e já ele preparava silenciosamente o seu combate. Ainda ela deslizava em intriguinhas maliciosas, sob esse pálido dominó que ali estava aos pés da cama, pendente do cabide como um enforcado, e já ele pensava em livrá-la do mal terrível, que se embosca¹⁶ num beijo... num átomo de pó... no ar invisível...

¹⁶ No jornal, grafou-se "embusca"; supondo ter sido um erro, substituímos por "embosca".

Entre as lágrimas que lhe bailam nas pálpebras ardentes, ela só vê a ingratidão dos homens.

Quem a adivinha, é ele. É ele que, no fundo do seu laboratório, domando os ímpetos de moço numa paciência pertinaz de homem maduro, dobrando a espinha sobre aparelhos e microscópios, folheando tomos e tomos de obras científicas, queimando os dedos em ácidos e reagentes químicos, sacrificando a bem do homem animaizinhos inocentes, sondando, avançando, recuando, tremendo de esperança hoje, desfalecendo de desânimo amanhã, ora alegre, com um raio de triunfo nas pupilas transparentes, ora acovardado, de ombros derreados pela desesperança, reagindo logo dos desfalecimentos, temperando de prudência os entusiasmos, trabalha para que nada altere ou perturbe a sua obra de misericórdia. Ele, sim, pensa nela, nela a quem nunca viu, a quem nunca verá, e apressa febrilmente os seus trabalhos, precipita as suas experiências, para chegar a tempo de a restituir à vista, à beleza, à mocidade, ao amor!

Dir-se-ia que da pequenez do seu quarto ele vê todo o mundo! Ao seu coração de homem, ao seu espírito de investigador ardente, chegam os gemidos de milhões de enfermos de toda a Terra, como a pedir socorro. Ele é todo deles, e da sua ideia já se não pertence, furta horas ao [samba], à convivência dos outros homens felizes — é preciso andar, andar para diante às apalpadelas, até poder dar a mão a todos [esses] náufragos apavorados, porque, [percebe-o bem], esse socorro sairá do seu cérebro: sente lá dentro palpitar a ideia [ilegível]

A tuberculose não espera, vai devastando, vai passando, vai [destruindo] [ilegível]

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXII, n. 7815, p. 1, 25 fev. 1906.
http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/10944

UM PRESENTE RÉGIO

HÁ POUCO TEMPO, voltando de uma visita à exposição dos trabalhos de Teixeira Lopes, no Gabinete Português de Leitura, escrevi no meu livro de impressões:

“Deve ser um homem triste, em que dominem o pensamento e a ternura, esse admirável escultor de velhos e de crianças. Para mim não bastam a arte, o estudo, o amor ao belo, para se chegar àquela perfeição sensibilizadora; é também precisa a piedade, que penetra a miséria da carne devastada pelo tempo e vai lá dentro buscar a luz bruxuleante da saudade que morre, para iluminar com ela a senilidade e a decrepitude. O carinho com que são modeladas essas faces murchas e moles; essas falripas secas que o vento dos dias maus desordenou; a resignação desses olhos sem esperança e a beleza poderosa dessas mãos endurecidas no trabalho, na luta que não deixou senão saudades, porque são mãos vazias, de pobres, mãos benfeitoras, porque teceram, cavaram, embelezaram a terra, abençoaram a prole, enriqueceram o mundo; a meiguice com que foi rasgada nos lábios murchos das velhinhas o sorriso da bondade, que rescende como uma flor eterna, faz-me subir aos olhos a lágrima da comoção que esconde aqui nas páginas discretas do meu livro.

Essa risonha tia Joana, encarquilhadinha como um fruto seco que guardasse milagrosamente o mel da maturidade, tal a sua doçura, reproduz absolutamente a cabecinha de alguém que a minha memória venera. Riem-lhe os olhos o riso sossegado, manso, de quem para as agruras da vida só achou uma força: o perdão. Fiquei não sei quanto tempo em frente à tia Joana, à espera, quem sabe? que saltasse dentre as suas gengivas desdentadas uma anedota alegre e sem fel, acompanhada por uma casquinada de tosses e risinhos em *ch*, que lhe sacudissem a cabecinha frágil.

Nunca vi artista em que a observação da velhice fosse tão extraordinária. Todo ele se debruça para essa agonia da carne como para suavizá-la com a sua clemência. Não é um escultor da carne, [d]ir-se-ia antes um escultor de almas! Não é só a beleza do corpo, a mocidade, a pureza de linhas, os encantos exteriores, que o empolgam. Seguro da sua arte, ele vai além e retrata na pedra e no bronze o que há de imaterial e de eterno — o sentimento.

A Viúva, essa cabeça moça, que é? Expressão.

Aquele olhar olha para muito longe, estende-se sobre planuras de infinitas tristezas, para a eternidade...

Só essa cabeça não bastaria para consagrar grande um artista? Esse escultor extraordinário penetrou bem os segredos de todas as idades; as suas crianças são de uma infantibilidade, de uma graça tão sincera, que tive mesmo ímpetos de beijar aquelas boquinhas carnudas, frescas, bocas de verdade, que se empederniram sem perder a poesia, como para fixar, através dos dias inconstantes, o curto momento da inocência na vida. Onde está a expressão dessas cabecinhas peladas, desses olhinhos sem cílios, desses queixinhos papudos, cheios de leite? Está na falta de expressão mesmo, nessa inconsciência de alma em branco, em que o futuro escreverá as suas letras com tinta d'ouro ou tinta negra...

A nossa cidade tem a fortuna de possuir trabalhos originais de Teixeira Lopes nas portas de bronze da Candelária e dizem que teremos também outro trabalho dele, em mármore, numa fonte monumental! Esta notícia fez-me voltar hoje muito contente para casa. Meu pobre livro, esconde em ti estes entusiasmos, que talvez fizessem rir os outros..."

**

O que me tinha chegado aos ouvidos era mentira. Mentiras são como penugens: quando soltas voam depressa e não escolhem onde cair. Esta teve o condão de alegrar-me; perdoo-lhe a perfídia pelas delícias que me prometeu!

Depois de tamanha temporada de chuvas, foi um alívio para a alma essa doce tarde de sábado em que desci ao jardim da Glória, a ver a fonte doada à nossa cidade pelo Sr. Adriano Ramos Pinto.

Tão alegre eu ficara antes, quando me constara que o autor dessa obra seria o escultor português Teixeira Lopes, quão receosa ia agora dessa mesma obra criada por um outro artista mal, ou nada conhecido no Brasil, e inaugurada naquela manhã.

As tempestades anteriores tinham lavado o céu para aquele dia de festa. Os relvados aveludavam-se sob as hastes de roseiras floridas e zínias multicores.

Dentre as trovoadas e aguaceiros do verão, surgia clara e divina uma hora da primavera!

E a fonte ali estava resplandecendo na sua brancura de mármore, no destaque das palmas escuras de plantas tropicais. Na larga bacia bem desenhada a água caía cantando a sua melopeia cismadora, e os tons crepusculares de um róseo mal distinto, suavíssimo, punham [fulgores dos de] carne moça nos corpos brancos de náiades nuas.

O meu receio dissipara-se como por encanto. Logo que pus os olhos na [linda] fonte senti estremecer no meu espírito esse não sei que misterioso que segreda aos [ilegível] em face de um poder divino [ilegível]

para justificar o Amor que sobre o bloco pesado abre as asas côncavas, desejaria que uma dessas ninfas fosse antes formoso adolescente estendendo a mão à sua amada para ajudá-la a subir té o seu beijo ansioso. Este outro, preferiria que as carrancas chatas tomassem vulto como vigorosas cabeças de faunos espreitando as deusas com lúbrica curiosidade. Já outro, menos acadêmico, lamentava que o cacho de uvas contemplado pelo olhar da deidade, por certo mais amiga da forma que do sabor do fruto, visto que o ergue tão alto, viesse até ao alcance dos seus dedos airosos, suspenso de haste de videira agreste, que serpeia se rastejasse pelas anfractuosidades do rochedo... A imaginação popular é fértil e gosta de colaborar nas obras que a impressionam. Esses segredos

UM PRESENTE RÉGIO

túmidos zumbiam no ar cheiroso do jardim, como um leve zumbido de abelhinhas numa moita florida; o rumor doce, o rumor sagrado, o rumor que entrava pelos ouvidos como um hino elegíaco de encanto misterioso, era o da água irrompendo do mármore branco, pedra puríssima criada para a glorificação da mulher, da mocidade e da beleza, e espalhando-se na larga bacia airosa em que boiavam ninfeias cor de lilás.

A mulher, a mocidade, o amor, fontes da vida e da inspiração, perpetuarão ali, na eternidade da pedra, a sua beleza e inesgotável poesia... Será um recanto sagrado do jardim.

Na serenidade do crepúsculo, lá no alto, as asas de mármore do Amor, tão galante, tão harmonioso nas suas linhas delicadas, pareciam querer mover-se emplumadas por flocosas penas.

Céu azul e prata... terra cheirando a flores, mar transparente, em que se destacavam perto, nitidamente, negros [batelões] em descanso... estátua de mármore branco... rumores cantantes de água... Dir-se-ia uma tarde helênica!

Ao Sr. Adriano Ramos Pinto, doador da linda fonte ao Rio de Janeiro, o agradecimento de uma das mais humildes filhas desta cidade.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXII, n. 7822, p. 1, 04 mar. 1906.
http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/10980

SABOROSO VENENO!

HÁ UNS TANTOS ANOS PARA CÁ os médicos atrapalham a propaganda patriótica do café, dando-o como causa provada e indiscutível de graves perturbações no organismo do homem.

O saboroso veneno, afirmam eles, conduz os seus levianos consumidores pelos caminhos espinhentos e intrincados da histeria, da nevropatia e não sei mais o que, com mais pressa do que seria justo desejar, para a boca da sepultura ou para as portas do manicômio. Não há muitos dias uma notícia de jornal afirmava ainda que na Áustria os mais graves e reputados mestres da ciência médica assinavam um parecer acusando o café como uma das causas da epilepsia!

É muita coisa... Resta-nos imaginar, quanto à última afirmação, que já existisse no mundo tão negregada doença antes mesmo que na Abissínia ou na Arábia alguém tivesse penetrado e interpretado tão sagazmente os segredos de um cafeeiro. [Já] Rafael, na sua formosa tela da Transfiguração, reproduziu entre muitos tipos belos o de um feio e pobre rapazinho epilético que jamais saboreara o mais pequeno gole de café. De resto, do que se não diz mal! A carne, o vinho, o chá, que há tantos séculos sustentam o homem não estão também incluídos no número dos alimentos nocivos à saúde?

Do próprio leite já se começa a rosnar. *O Jornal do Comércio* inseriu em fins do ano passado, se me não falha a memória, um longo artigo de um médico europeu [afirmando] causar o leite ainda mais vítimas que o álcool! É de confundir.

Mas supondo que os mestres austríacos estejam com a razão quanto às qualidades prejudiciais do café, no desprendimento que nós brasileiros temos pela saúde e a vida [ilegível].

— Rio Grande, absorvendo o seu pacato chimarrão será mais brando, menos excitável do que S. Paulo? Paraná, influenciado pelo seu mate nativo, será mais ordeiro do que a sossegada e pensativa Minas?

Mato Grosso, erriçado e irascível, apesar do seu refrigerante guaraná, será menos violento que o suave Estado do Rio de Janeiro? Hum... Estas comparações inocentes não levarão a nada, bem sei; mas não deixarão de ter uma pontinha de curiosidade.

A campanha dos médicos é digna; mais se deve ser amigo da humanidade que da pátria.

Pouco importa que o uso do café seja o filão de ouro para a nossa terra, desde que seus efeitos prejudicam a saúde do homem. Isso não obsta a que coixemos cá fora algumas observações.

Que pensaremos desta voz que surge agora, exalçando, preconizando, glorificando o café como uma bebida moralizadora, salvadora, regeneradora?

Os nossos extensos cafezais (a vaidade circula em todas as seivas) estremecem de orgulhoso júbilo... Os seus milhares de árvores de folhagem polida, alinhadas em chão cor de cacau, não desabrochariam em flores de tão imaculada pureza, nem se tingiriam com o rubor tão vivo, das *cerejas*, se os seus propósitos fossem malévolos e criminosos...

Sugando da terra bruta o ouro que atira em frutos nas mãos laboriosas do lavrador, ela representa, como na antiga Grécia outras plantas representavam, uma alma inviolável e amiga do homem.

Essa voz que lhe gaba os merecimentos vem de além dos [mares] da poderosa Alemanha. Por quê? Porque a administração das estradas de ferro [de Karlsruhe] fornece de graça a todos os seus empregados café quente, disputando-os assim, com a maior inteligência, ao álcool.

Está claro que esta ação não poderia ser louvada se [ilegível]
concertos de ferragens torcidas, rodas sem eixos, madeiras em estilhaços, quantas e quantas coisas mais!

A reputação do café está lançada. Ele vencerá o álcool e salvará o homem.

E aí o vemos já representando um nobre e lindo papel. Do mal que lhe atribuem não há verdadeiramente provas positivas; mas das suas excelentes qualidades dão testemunho indiscutível esses milhares de operários alemães.

Esta notícia parece-me ter chegado muito a propósito, agora que se trata da valorização do café, que tudo pode e deve ser aproveitado para a sua propaganda no estrangeiro. Os próprios defeitos que lhe reconhece a ciência tornam-se em virtudes, segundo as circunstâncias do combate.

O uso do café equilibraria na China, por exemplo, os indivíduos inutilizados pelo abuso do ópio, levantando aptidões desaparecidas na inércia do veneno oriental.

Sei que a China fica muito longe, creio que lá pelas alturas da Ásia, em que floresce o Japão... mas o Brasil com um mês de viagem e muitos de propaganda inteligente, talvez conseguisse salvar uma multidão de chineses, roubados pelo ópio às glórias celestes do império do meio.

Se nós conquistássemos os quatrocentos milhões de habitantes do vasto império asiático, fazendo-os intercalar as suas chávenas de chá com outras de café com habilidade, bem como os ingleses os conquistaram com o ópio, certamente que os nossos fazendeiros teriam de acrescentar as suas lavouras com maior número de cafeeiros e o Brasil teria cumprido, além de uma boa tática comercial, uma obra da humanidade...

O exemplo de Karlsruhe deve ser posto insistentemente diante dos olhos de todas as administrações idênticas no estrangeiro.

Trave-se em todo o mundo o grande duelo do café com o álcool.

Este, sim, puxa para todas as ruínas morais e físicas, é o gerador do crime, o agravador das doenças nervosas, desde Noé, a vergonha das famílias, e desde o primeiro caminho de ferro, o perigo dos viajantes.

Veneno por veneno, mais vale o café, que, segundo corre em anedota, é tão lento, que indivíduos que tenham por hábito bebê-lo desde crianças... morrem de velhos!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXII, n. 7829, p. 1, 11 mar. 1906.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/11028

O PÃO E O LAR

SE HÁ CAUSA JUSTA E QUE MEREÇA SIMPATIA de toda a gente, é essa que se debate agora na imprensa, das habitações baratas para operários. Pedem-me que junte também a minha voz a tantas outras que têm clamado por esse melhoramento, e acedo com alegria à intimação, embora certa da ineficácia do meu esforço. Valha a boa vontade.

Alguém que me escreve, com uma clareza absolutamente convincente, afirma que no bairro do Jardim Botânico, onde existem cinco estabelecimentos fabris, que ocupam para mais de seis mil operários, há enormíssima falta de casas nas condições requeridas pela situação desses indivíduos.

De outros pontos da cidade eleva-se o mesmo clamor!

O nosso defeito é deixar mediar grande espaço de tempo entre a ideia e a ação. Concebido um plano, é logo exigido um prazo indefinido para o amadurecimento da ideia, embora essa ideia já nasça algumas vezes madura, como no caso presente. Despontado o pensamento das casas baratas, higiênicas e alegres para operários, o interesse de todos, deles e nosso, seria que essas casas se fizessem sem delongas, como um ato de justiça para a classe pobre, que é a que produz e enriquece a cidade, e como uma medida de salvação para a própria cidade.

Quantas e quantas vezes destas colunas do *Paiz* se têm debruçado grandes espíritos, pregando em termos límpidos, luminosos, a necessidade urgente de se fazerem no Rio de Janeiro moradias saudáveis para a multidão de operários que enxameia por esses cortiços mal arejados, tristonhos, feios, numa acumulação prejudicial a tudo: saúde, costumes, sentimentos; ou aglomerados em casarões cujos inconvenientes não são menores.

Cubículos de tabique, quartos sombrios, só para aranhas ou lagartixas. O homem, e principalmente o homem que trabalha, carece de outros elementos: ar renovado que lhe fortifique o peito cansado, sol que transforme em ouro as sombras dos seus cuidados. Casa mal arejada é geradora da má saúde e da má consciência.

Uma criatura que se veja obrigada a pagar pontualmente mais, às vezes muito mais, do que pode, por uma toca cupinada, infecta, onde se dobre às exigências do senhorio, porque enfim não tem outro remédio, não pode ter bons pensamentos nem pode ser feliz. A preocupação da casa é a principal da vida. Quando não haja fartura para se fazer duas ou três refeições por dia, far-se-á uma... nem por isso se morre nem se desce da consideração alheia; mas e sem o teto abrigador, sem as quatro paredes onde se recatem as intimidades da família, quem poderá viver? Ainda quando o sacrifício, cada mês renovado, de pagar esse cantinho, seja compensado pela sua alegria e salubridade!

Mas quantas quizílias, quantos rancores, quantos desesperos suscitam a maior parte das vezes essas paredes sem luz, em cuja calça esboroada ou papel velho a tuberculose espreita a vítima cobiçada!

Se em cada bairro fabril da cidade o governo tivesse criado, e bem estabelecido entre árvores verdejantes, modestas mas alegres habitações de operários, o povo, neste período alegre de trabalho, estaria entoando hinos de glória sem lhes misturar um único ai de queixume...

E este governo tão pródigo em benefícios à capital, que enriqueceu, embelezou, valorizou; este governo que tem agido, tem criado, e deixará de si grata lembrança, não pode fechar os olhos sem ter primeiro acomodado esses milhares de munícipes que o secundaram na reorganização da cidade e que ele desalojou, demolindo os tetos velhos que os abrigavam, recuando-os para outros de acaso, atropeladamente, sem um protesto, uma aflição!

Quando de todo se não consegue achar abrigo em algum velho prédio, que remédio, é preciso inventar uma toca!

Há dias vi de passagem, cavada na barranca de um morro, uma espécie de caverna, como seriam naturalmente as da época quaternária. Disseram-me que lá dentro vivia gente...

*
**

Nada interessa à mulher, seja qual for a sua condição social, como a casa em que vive. As ocupações exteriores, tão demoradas, ainda conseguem distrair o homem, ela sempre mourejando no interior do lar, torna-se talvez mais exigente. No esforço de manter ao mesmo tempo a boa ordem caseira e a atividade em um ofício que atraia para a sua algibeira murcha alguns magros tostões, o seu humor torna-se irritadiço e insuportável. A vida impõe-lhe essa amargura antipática.

Que querem? onde pousará ela os olhos que não sinta logo desejo de cerrá-los? O seu quarto é insuficiente para conter além da sua cama a do filhinho e mais a rouparia dos fregueses amontoada a um canto.

As outras peças da casa não são maiores. Todas estão acumuladas de trapos e badulaques indispensáveis. Disputam-se as alcovas. Faltam casas e a gente não há de dormir na rua!

Quem quer casinha alegre, independente, tem de alugá-la muito longe do seu ponto de ação. E aí vêm outras despesas atrapalhadoras, em passagem de bonds ou caminhos de ferro... fora o tempo desperdiçado em viagens e roubado ao curto repouso... Estas dificuldades fermentam os maus pensamentos e tiram o gosto de viver. As crianças nascidas nesses antros de formigueiros vão acostumando os seus olhinhos impressionáveis ao aspecto sem poesia, sem graça, do seu lar, que se diria sempre atribulado, provisório[,] onde há buracos nas paredes de que saem baratas catingentas...

O instinto de arte, de gosto, que alegra a vida e a embeleza, poderá despontar com facilidade nessas [alminhas] embotadas em corpos sem higiene, dentro de um cenário tão desconsolador? Quem tenha sido criado desde o berço entre tabiques inventados à pressa e telheiros de zinco, terá mais tarde gosto para fazer florir crisântemos num vaso, ou para encobrir as [ilegível] da sua janelinha com uma [costura de humilde cassa branca]?

Não. As casas operárias, higiênicas e baratas, não representarão só um ato de justiça, indispensável e inadiável; não serão unicamente fatores de melhor saúde, coisas por certo da mais absoluta importância, mas ainda mais fortalecendo a saúde do corpo, a casa higiênica transformará a alma do indivíduo, despertando-lhe o instinto do gosto, a poesia prática da vida...

Parece-me ter lido que a Prefeitura já adquiriu terrenos no Catete para uma vila operária. Outras virão por certo; mas o que [pedem] por meu intermédio é que se não façam esperar muito... que venham já! [Essa do] Catete ficará a dois passos de um belo jardim onde as crianças dos operários e eles próprios regalarão os olhos; ficará perto do mar... das escolas e do trabalho. Que às outras não falem esses atributos. Em casas de pobres as crianças são como ratos, vêm em ninhadas. É preciso pensar nelas. Que lhes fique perto a escola... e que lhes não fique longe o jardim.

*
**

Nunca me hei de esquecer de uma visita que fiz há tempos ao grande estabelecimento industrial do Sr. Antônio Lage, não já pelo [tumultuar] do trabalho — que não vi, porque era um dia feriado — das múltiplas fábricas da ilha do Viana, mas pelo centro de repouso, de pacificação e de inteligente [conforto] que pude admirar, enternecida, na vizinha ilha de Santa Cruz, onde o previdente industrial começava a construir casas para seus operários.

Vi três ou quatro que estavam acabadas e que, positivamente, eram encantadoras.

Já tive ocasião de me referir a elas; mas não é demais repetir agora a impressão que me causaram.

Não se cuidou ali só da higiene da habitação; mas igualmente, e com igual inteligência e carinho, da higiene dos habitantes. Cada casa tem a sua banheira de ferro esmaltado, o seu chuveiro, o seu lavatório fixo, o seu *water closet* com água abundante em caixas de descarga automática e contínua, aparelhos que, se não obrigam, pelo menos sugerem a limpeza do corpo, que é só por si meia saúde.

A edificação é elegante e leve, afastada do solo cerca de um metro e suspensa sobre vigas e trilhos servidos, pintados a zarcão. Não há um palmo de espaço desaproveitado, nenhum corredor. Saleta, quarto de dormir, outro quarto, banheiro e cozinha; em certo ponto uma escada que parece subir para o telhado, mas que sobe apenas para o teto, e sobre este a mansarda espaçosa e ainda bem alta no centro e arejada por janelas dos dois lados. E por dentro e por fora tudo caiado, resplandecente de limpeza. Fazem vontade de se morar nelas... e há por certo muita gente rica que habita casas maiores mas sem tanto conforto, tanta singeleza e tanta poesia.

É claro que nem todas as casas para operários — para milhares de operários — podem ser como as da ilha de Santa Cruz, onde aliás cada uma das que cito se destinava a uma só família e está separada das outras com sua parte de terreno próprio. Haverá de construir-se casas em grupos, o que decerto é mais econômico, e outras maiores, com numerosos compartimentos para os solteiros. Mas sempre haverá algo que estudar no que já está feito na ilha mirifica — que é a um tempo dormitório, pomar, horta e celeiro da imensa oficina de trabalho da ilha do Viana. É verdade que ali o operosíssimo industrial não esperou, que me conste, a iniciativa do Estado. Fez ele mesmo tudo — a oficina, a habitação, a escola.

E por que o não imitarão as grandes empresas industriais, construindo cada uma as habitações necessárias aos seus operários? Consta-me que, com a recente febre de protecionismo às indústrias fabris, que em certos sentidos tanto mal nos faz, há muitas empresas e companhias em grau de prosperidade nunca dantes atingido. Não poderiam, ao menos essas, construir vilas operárias, sujeitas às modernas prescrições de higiene? E não poderiam os poderes públicos forçá-las brandamente, por meios indiretos, a cuidarem desse assunto? Se, com efeito, o “poder é o poder”, como disse o estadista do império e eu creio firmemente, um movimento neste sentido talvez não fosse de todo ineficaz...

Como eu, pobre dona de casa atarefada, não entendo destas coisas, é provável que não tenha razão. Mas pesa-me saber que numa época de trabalho, e portanto de relativa prosperidade para a gente pobre e humilde, ela não possa ainda ser feliz. Tem o pão, é verdade. Mas já lhe falta o ar. E quanto mais ela trabalhar em demolir, para dar espaço às ruas augustas da velha cidade, diminuindo o número de casas — mais sem abrigo irá ficando, posto que abarrotada de pão.

Hão de confessar que não está direito.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXII, n. 7836, p. 1-2, 18 mar. 1906.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/11076

A NOSSA BANDEIRA

I

VERDE, DA COR DOS MARES e das florestas que embelezam a nossa terra desde a serra de Roraima até à barra de Chuí; azul como o céu infinito em que abre os braços lúcidos o Cruzeiro do Sul; dourada como o sol que alegra o espaço e fecunda os campos, a nossa bandeira retrata nas suas cores as supremas maravilhas do universo!

Filhos do sul ou filhos do norte, qual de nós não estremecerá de orgulho à sua glória? qual de nós não vibrará de entusiasmo ao senti-la aclamada pelos outros povos? qual de nós não se comoverá vendo-a desfraldada em país estranho, ou não se sentirá capaz das maiores audácias para a defender de uma afronta e livrá-la de uma derrota?

A nossa bandeira é como um pálio confraternizador sobre a cabeça de todos os brasileiros. Unamo-nos para honrá-la na sua grandeza e para que ela seja sempre para nós, além do símbolo da Pátria, o símbolo do Bem, da Razão, da Justiça. Só é inatingível o que é impecável; só é forte o que é puro. São as virtudes do povo que tornam a sua bandeira respeitada; são os seus trabalhos, os seus empreendimentos, o poder da sua inteligência, a inteireza do seu caráter e a magnanimidade do seu coração, que lhe dão prestígio diante de todo o mundo.

Assim, esforcemo-nos para que à sombra da nossa bandeira só nasçam e se desenrolem belas ações. Que ela pacifique gentes inimigas, quer tremule nos mastros sobre as águas inquietas, quer penda nas cidades sobre os telhados abrigadores do homem; que ela, que tem na cor a sugestão da esperança, sorria ao estrangeiro em doce acolhimento, acenando-nos a todos para um futuro bonançoso e amplo.

A NOSSA BANDEIRA

Irmãos do norte! Irmãos do sul, amigos! unamo-nos em torno à nossa bandeira; que os elos que nos ligam não se dissolvam nunca, para que seja grande a sua glória e poderosa a sua força!

A NOSSA LÍNGUA

II

O TEMPO tem desfeito na minha memória impressões de todo o gênero, mas nunca teve força para delir-me na lembrança a figura majestosa de um grande velho, cujas barbas luminosas eram como fios de neve em que batesse o luar, e em cujos olhos a inteligência irradiava com extraordinária magnificência. Era um lindo homem, robusto, de elevadíssima estatura, de espáduas largas, gesto amplo e voz sonora.

Quando ele falava todos o ouviam com recolhimento, como se pelos seus lábios humanos passassem sopros divinos.

Um dia ele entrou na nossa aula, sentou-se no lugar do filho, que era o nosso mestre, e espalhou por sobre as cabeças dos alunos o seu olhar vasto e bondoso.

Queria assistir às lições, ouviu tudo com interesse; no fim disse, com uma dicção clara e perfeita, como se saboreasse as palavras ao articulá-las:

— Meus amigos; venho de longe, da minha vila à margem do Paraíba, para visitar-vos, e é bem provável que não nos tornemos a ver...

“Fui mestre do vosso mestre e quero a seu lado repetir-vos palavras que muitas vezes lhe disse, quando ele tinha assim a vossa idade. Não era uma lição, era uma súplica, a mesma que vos dirijo agora com igual esperança: — estudai a nossa língua, estudai-a com ardor, com entusiasmo, que tanto mais a amareis quanto melhor a conhecerdes, tão doces e surpreendentes são os seus segredos! Notai bem isto: entre todas as coisas que sabemos, a nossa língua é a que devemos

saber melhor, porque ela é a melhor parte de nós mesmos, é a nossa tradição, o veículo do nosso pensamento, a nossa pátria e o melhor elemento da nossa raça e da nossa nacionalidade.

Para nosso orgulho, basta-nos lembrar que nenhuma outra língua há de tão nobre envergadura! De sonoridades variadíssimas, opulenta nos seus vocábulos, maleável como a cera ou dura como diamante, a língua portuguesa é a mais bela expressão da inteligência humana. Defendei-a! Não deixeis que outras a invadam e a deturpem. Não deixeis que a viciem e lhe cosam remendos aos trajes magníficos. Ela não quer esmolas, não carece de esmolas, é a mais rica e tem orgulho de o ser! Defendei-a até ao extremo, até à morte, como um filho defende a mulher de que nasceu. Defendei-a a todo o transe, apaixonadamente, custe o que custar!

Na mocidade, nos dias que vêm perto, apercebei-vos de bons livros: lede clássicos.

Falar bem a língua materna não é uma prenda, é um dever. Cumpri-o.”

Formidável de energia, o grande velho irradiava claridades. Tudo nele brilhava: as barbas de prata fluida, sacudidas pelos gestos e o fulgor dos olhos remoçados pela comoção. A sua voz vibrava como a de um sino no alto de uma torre.

Passaram-se tantos anos, e eu ainda sinto essa voz clara e portentosa afirmar aos meus ouvidos:

— Falar bem a própria língua não é uma prenda, é um dever!

MINHA MÃE

III

(Do caderno de Henrique)

“QUANDO OLHO PARA MINHA MÃE e penso que os seus braços débeis me sustiveram sempre sem desfalecimentos; que nos seus seios suguei e hauri toda a força da vida que me anima; que as suas pálpebras nunca se fecham sem que a minha imagem e a de meus irmãos fiquem guardadas nas suas pupilas amorosas; que nunca suspirei sem que o meu suspiro deixasse de penetrar até ao fundo da sua alma radiante; que nunca tive uma dor sem que ela presidisse à minha cabeceira, quer fosse claro dia ou noite escura; que nunca tive uma dúvida, que ela não procurasse esclarecer-me, auxiliando-me a compreender os mestres e a respeitar os homens; quando olho para sua fronte pálida e me lembro de que o pensamento que avulta e predomina lá dentro é o do bem-estar e do futuro dos filhos; quando sinto a carícia das suas mãos infatigáveis, ora alisando os cabelos de minhas irmãs, ora cosendo as roupas que nos agasalham, ora espalhando pela casa o benefício do seu esforço; quando lhe ouço a voz advertindo, aconselhando, perdoando, sinto acender-se-me no coração, como uma estrela, o desejo de ser bom, de ser o que ela quer que eu seja, e fazê-la no mundo a mais feliz das mulheres!”

Ulule a ventania, chova ou faça sol, à hora determinada pelo seu trabalho, meu pai, esteja forte ou esteja combalido, diz um adeus à família e sai de casa. Começo a perceber que isso deva ser um sacrifício para ele, que já não é moço e se sujeita a trabalhos demorados e penosos para manter a família ao abrigo das necessidades... Mas por que não m'o disse ele, pela sua boca o que só agora me é dado adivinhar? Eu teria desperdiçado tão ingratamente horas de estudo, se avaliasse o que custavam a meu pai os livros, os papéis, os lápis que me dava; e a roupinha asseada com que me apresentava na escola, e o calçado que eu maltratava sem cuidado, tudo adquirido com o suor do seu rosto?

Eu teria desprezado ao almoço o prato de feijão, com o pretexto de já ter comido na véspera a mesma coisa, ou abandonado um pedaço de pão, por não ser do próprio dia? Não! Se não achasse tais alimentos deliciosos, calar-me-ia, ao menos, dando graças àquele que para eu não ter fome labutava lá fora desde manhã até ao anoitecer...

Ah! como sou feliz em poder penetrar sozinho na alma grande e nobre deste amigo único, que despiria por mim a sua última camisa, que se deixaria matar para poupar-me a vida, e que entretanto não cessa de apontar-me rudemente o trabalho, o trabalho a que ele mesmo sucumbe, como o único elemento puro de felicidade na terra!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

(*Das Histórias da Nossa Terra*).

O Paiz, ano XXII, n. 7843, p. 1, 25 mar. 1906.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/11124

STELLA DE MAGALHÃES

NA NOITE DE 16 DE FEVEREIRO DESTE ANO, no teatro *Dal Verme*, de Milão, estreou-se na *Cavalleria Rusticana*, desempenhando o papel de Santuzza, uma brasileira fadada pelo seu talento e por sua belíssima voz a um futuro largo e brilhante. Chama-se Stella Parodi de Magalhães.

Quando, há um ano, ela partiu para a Itália, levava refletido nas largas pupilas veludosas e cálidas um mundo de alegres esperanças. Tinha razão para isso. Muito moça, com um temperamento artístico bem definido, consciente das suas aptidões e confiando na energia da sua vontade e do seu caráter, a conquista da glória parecia-lhe fácil...

Mas a glória, como a tulipa negra dos holandeses ou a dália azul de Baudelaire, é flor que se não deixa colher sem fazer penar muito os que a buscam, e nunca o seu desabrochamento é tão perfeito, que embriague completamente quem para a alcançar pisou cardos e bebeu lágrimas...

A arte não consente que a tomem de assalto; é uma deusa que, antes de se deixar beijar na boca, obriga os seus adoradores a rodeá-la de joelhos, longamente, duramente, tenazmente!

E, nesse exercício doloroso, não esmorece, antes se aviva e avigora o desejo dos que a amam de a possuírem toda numa conquista triunfante!

Stella Parodi viu de face o desânimo e conseguiu vencê-lo. A Itália não é só jardim florido em que as próprias rosas cantam; também há gemidos, há lutas, as tremendas lutas das competências concorrendo todas para o mesmo fim, que a tornam por vezes insuportável aos artistas.

Indo para Milão, Stella Parodi quis colocar-se no ponto de partida para a sua carreira teatral. Mas Milão regurgita de cantores em disponibilidade, que se acotovelam, que anseiam, que se esmagam, procurando cada um obter os

melhores lugares. E, em volta dos artistas, como abelhas em torno a um fruto açucarado, zumbem e enxameiam os *affaristas*, que por tantas ou tantas liras se encarregam da apresentação dos cantores a empresários, a jornalistas, a maestros, proporcionando meios de se exibirem, de brilharem, de aparecerem. Somente, esses *affaristas* são mais exigentes do que à bolsa de certas estreantes convém... Quando não haja fortuna, pelo menos meios fáceis que permitam esperar a sua vez com paciência, a pobre cantora, enervada, febril e ansiosa, ou foge, voltando descoroçoada ao ninho que desertara, ou apercebe-se, num esforço supremo, do resto de coragem que porventura ainda tenha!

Viver meses e meses num país estranho, com o tratamento que a profissão exige, não é certamente fácil... Além de tudo, é preciso estudar, frequentar bons teatros, assistir aos melhores concertos. Por maiores que sejam os recursos naturais de um artista, eles não bastam para o fazer ocupar um lugar digno na arte moderna. Quantas horas de repouso sacrificadas! quantas lições, quanta pensão, quantas caminhadas, quantas esperanças e quantas decepções representam essas horas ligeiras e radiantes de uma noite de espetáculo.

Franzina, nervosa, de uma sensibilidade doentia, Stella teve ainda a provocar-lhe a firmeza da sua resolução duas barreiras difíceis de vencer: as doenças que a mudança de clima e de regime despertou nela, e que a fez sofrer duramente nos primeiros meses, e a morte da sua primeira filhinha. A dor acerou-lhe na alma a vontade de vencer. Desfeito o seu melhor sonho, que o destino enterrou em terra estranha, toda a sua alma se lançou para a arte incontentável, mas consoladora...

Envolvida na onda assustadora e movediça dos empresários e agentes milaneses, ora ouvindo sussurar aos seus ouvidos uma animação, ora uma palavra desanimadora; tropeçando em pequenas dificuldades para subir uma escada cujos degraus parece multiplicarem-se a cada passo; e vendo fugir diante si, espavoridamente as ocasiões de aparecer, e passar a estação dos contratos sem conseguir um só; a futura artista carece de uma têmpera de aço para resistir e persistir no seu propósito.

Para tudo é necessário dinheiro, o grande estorvo! A estreante tem de pagar a sua estreia, concorre às vezes para a montagem de uma ópera, apresenta os seus vestuários de uma composição complicada e custosa... e não sei que mais...

Com a alma esmagada pela sua primeira grande dor, com o corpo combalido por uma doença violenta, Stella Parodi atirou-se nesse oceano de dificuldades e venceu. Os seus recursos modestos de fortuna impuseram-lhe sacrifícios que, se não fosse a sua obstinação, não sofreria nunca. Pouco lhe importava o bem-estar; a sua ideia fixa resplandecia no futuro, como um farol além de vagas [mist]eriosas.

Outras, que já estavam lutando para abrir caminho, ficaram ainda à espera que os seus *affaristas* lhe abram passagem para qualquer palco de cidade secundária.

Stella conseguiu fazer-se ouvir pelo empresário do *Dal Verme*, em Milão, a primeira cidade musical da Itália, a consagradora dos méritos e que espalha pelo mundo a fama dos seus cantares. E o empresário convidou-a logo para cantar o papel de Santuzza, em uma substituição no seu teatro. Ela, contente e tímida, a timidez dos momentos decisivos, pediu-lhe então um ensaio ao menos, com orquestra...

Para quê? Ele afirmou-lhe que isso não era absolutamente preciso. Ela que fosse descansar para casa. A responsabilidade era dele e ele assumia-a contente.

Foi assim que, na noite de 16 de fevereiro, com a sala repleta, Stella pisou o palco de um teatro lírico da Europa, sem um único ensaio!

O sangue fervia-lhe nas veias, o seu frágil corpo de mulher menina vibrava como um vime sob a tempestade, nem por isso a sua voz potente, de um timbre tão macio e tão denso, lhe saiu menos serena do peito franzino.

A plateia calada ouvia-a com uma atenção que redobrava nela o entusiasmo. Num momento esqueceu tudo. Aquilo não era a vida de uma camponesa fictícia; era uma paixão real, forte que a dominava, a abalava, arrancava-lhe do coração e do cérebro tudo quanto o ciúme, o amor, o desespero podem originar e criar.

A sala estremeceu. Compreendia que tinha diante de si alguém capaz de entender e interpretar as grandes dores. E a sala rebentou em aplausos.

Stella não tinha ensaiado, mas tinha sofrido.

Os seus estudos, conscientes, fortes, bem dirigidos, não a levariam por outro caminho, mas não o trilharia com o mesmo ardor, o mesmo delírio, o mesmo fogo, se à sua alma não tivesse antes chegado, como uma afronta inolvidável, essa dor de ver morrer a filha, dor que a sagrou mulher, que a habilitou a penetrar em todas as misérias, em todas as revoltas, em todos os sofrimentos!

—

Entre muitas notícias sobre a estreia da Stella destacarei para aqui duas dos jornais italianos, na sua própria língua, para que não pareçam retocadas ou floridas pela simpatia da tradutora. Uma é do — *Il Palcoscenico* e a outra do — *Lo Staffile*:

“STELLA PARODI — E il nome, questo, d’una nuova artista, che viene a noi dal Brasil. Ha debuttato sere or sono, nella Cavalleria rusticana, al nostro Dal Verme, ottenendo un successo bellissimo, non solo per la voce sana, robusta ed estesa, ma anche per l’intelligenza scenica, degna d’artista provetta. Il pubblico — distinto e numeroso — l’acclamò al racconto (che disse con passione e sentimento) al duetto col tenore, nel quale apparve una rivelazione, ed in quello col baritono. La giovane artista, appena diciottene, è allieva del cav. Palmieri, e si annunzia disposta a trattare affari per le prossime stagioni. È pronta con parecchie opere, fra le quali la Bohème, di Puccini.”

—

“Al Dal Verme di Milano esordì felicemente con la Cavalleria rusticana Stella Parodi Magalhães, una gentile artista brasiliana, una giovanissima allieva del maestro Palmieri. Leggiamo che Stella Parodi Magalhães conquistò pienamente il pubblico, perché alla rara bellezza della voce, che è robusta e di gradevole timbro, unisce un’azione efficace e perché si dimostrò nelle vesti di Santuzza intelligentissima. Leggiamo pure che in ogni suo pezzo e nei duetti col tenore e col baritono venne salutata da ben caldi applausi.”

Não são banais, estas nem as outras notícias de jornais milaneses, tratando de uma *réprise* de ópera, em que a cantora brasileira substituíra uma artista altamente considerada.

—

Em uma das suas cartas Stella escreveu-me:

“Quantas vezes, se não fossem as suas animadoras palavras, eu teria desistido...”

Talvez que assim pensasse no momento de escrever tal frase, quase desalentada; mas a verdade, que devia palpar no seu sangue moço, é que o fogo que lhe arde no espírito não é dos que se ateiam com sopros estranhos embora amigos.

Possa o seu organismo delicado resistir aos embates da luta. A alma, essa é forte, e leva-la-á para diante.

Da terra da Pátria, que ela ama, envio-lhe o meu beijo de saudação!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXII, n. 7857, p. 9, 08 abr. 1906.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/11218

GRITOS

— OUVISTE?!

— OUVI!

DO SEIO DA NOITE tinha irrompido um grito angustioso, isolado, lancinante. De onde viria?!¹⁷ Corri à varanda do meu quarto, olhei:

Embaixo, no jardim, nem sequer a sombra de alguma ave ou borboleta noturna. Em frente, do lado oposto a estrada, na rampa para o vale e a casaria da cidade os vultos corpulentos das mangueiras negrejavam, como borrões imensos de tinta numa tela de prata refulgente.

A lua cheia cristalizava as águas crespas do mar e empalidecia as luzes esparsas da cidade, morta nessa hora adiantada de sono. O grito não se repetiu. Seria impossível determinar o ponto de onde tivesse partido, mas parecia vibrar ainda no meu cérebro. Que teria sido? Um crime? Certamente um crime...

Na serenidade da noite nem uma folha de árvore se agitava. A natureza parecia em êxtase.

Por que pensar num crime? Porque o grito refletia uma impressão de espanto, uma revolta, uma dor que se expandiria noutro jeito, se a voz não tivesse sido para sempre e prontamente sufocada.

Era uma voz humana. De homem ou de mulher, não sei, era uma voz humana, em que não se percebera a articulação de uma única sílaba, mas cuja aflição eu parecia penetrar a fundo!

Era um grito de morte.

¹⁷ N. da E.: No jornal, grafou-se "vivía"; modificamos para "viria", supondo ter sido um erro tipográfico.

Estive ainda largo tempo inerte, na varanda enluarada, à espera que a voz se repetisse e me orientasse. Para quê? De que valera ter-se feito ouvir aquele brado lamentoso, se para acudir não bastava o meu pensamento?

Nada perturbava a placidez da noite. As coisas não se comovem com a dor humana. As torres das igrejas permaneciam mudas, furando o espaço com as suas agulhas luminosas.

Sob os telhados silenciosos dir-se-ia que toda a gente tinha apagado a sua luz e dormia a sono solto...

Nem um pio. Se crime houvera, a dor da vítima desaparecera, teria ficado outra, quiçá, mais torturante, mas menos expansiva: a do remorso...

É necessário amarrar as asas da imaginação antes que ela consterne todo o drama, e quantos pode sugerir um tal grito! Fechei a minha janela; cerrei também as pálpebras; mas dormir? Em vão.

Lembrava-me de uma outra noite e de um outro grito. Onde? No mar. Essa era uma noite trevosa, dessas em que a treva parece uma parede de prisão de altura descomunal, onde a gente a cada passo esbarre e se contunda... Pela volta da meia-noite, irrompeu do meio da baía um grito de medo terrível, de [inenarrável] aflição.

De uma ilha, a que esse grito chegou, partiu imediatamente uma lancha piedosa e célere orientada pelo som desse grito também isolado, também revelador, também único! A um paquete francês ancorado, chegara o mesmo apelo de misericórdia. A lanchinha encontrou-se com o escaler das *Messageries*. As águas estavam pacíficas e tenebrosas. Nem uma estrela; mais, na direção de onde parecia a todos ter vindo o grito, como um olho de cão danado, arredondava-se na negrura de um saveiro uma lanterninha vermelha.

O vigia dormia a bom dormir. Foi mister acordá-lo. Esfregando os olhos, tontos de sono, respondeu às perguntas:

— Não tinha ouvido nada; não sabia de nada. Fora, quem sabe? o vento! fora, quem sabe? algum rumor da cidade!

— Boas noites! ele voltava ao seu rico soninho interrompido.

Fossem agora perguntar ao mar o que ele tinha no fundo!

A voz não era de peixe, que o peixe lá o afirma o ditado: é mudo. Naufrágio não houvera, não havia disso o mínimo vestígio; o saveiro de carvão dormia... que tinham a fazer as tripulações da lancha e do escaler? Voltar, sem ter socorrido ninguém; voltar com a consciência perturbada por uma suspeita e o coração por uma piedade que o silêncio da noite agravava...

Aqueles homens, marinheiros de profissão e cujos olhos têm presenciado mais de um sinistro no mar, regressavam calados, pensativos, mais comovidos que nunca.

Dramas que se entreveem, que se imaginam, que se adivinham, através de um indício talvez enganador, têm muitas vezes mais império na nossa impressionabilidade, que outros de que nos chegam notícias claras, positivas, absolutamente exatas, ou que presenciamos de face! O ouvido é uma porta por onde entram fantasmas maiores do que aqueles que porventura os nossos olhos pudessem descortinar! A voz, “esse cinzel de ouro com que esculpimos nossos pensamentos na alma dos que nos escutam e nela gravamos a sedução”, como disse Barbey D’Aurevilly, também esculpe com traços vivos e fundos a agonia e o terror...

Esse grito isolado, humano, pungente, vibrando trêmulo e agudo no espaço tranquilo da noite enluarada, era de uma expressão de sofrimento tão viva, tão imprevista, tão dolorosa, que de bronze que fosse a minha alma ele esculpiria nela a piedade, o susto, a inquietação...

De manhã, na frescura luminosa da minha varanda, li, sossegadamente, afirmo que sem o menor sobressalto, nem a mais tênue compaixão, casos terríveis! O fermento de todas as paixões da cidade vem à tona nas folhas. O noticiarista não poupa os corações dos leitores. Há minúcias de arrepiar uma pedra calva. O vinho, o jogo, o amor, o dinheiro bailam nas entrelinhas dos jornais numa sarabanda desenfreada.

Filhos da paixão ou filhos do acaso, os desastres sucedem-se, bem determinados, com números de portas e nomes de indivíduos.

Ali não houve hipótese de crime, houve crime, bem façanhudo, bem negro, bem horripilante.

O repórter apresenta piedosamente criancinhas nuas, órfãs e chorosas, à comiseração do leitor e com dedo justiceiro aponta o causador dessa orfandade inconsciente... Penetramos em espeluncas, vemos ladrões de má cara, seguimos à prisão; instruem-nos sobre a sua gíria e as suas audácias, e já os olhos vão passando para outras linhas onde a justiça coxeia atrás de um delinquente ou uma adúltera morre às mãos brutais e violentas de um marido vaidoso...

O jornal é o espelho da sociedade, cada número reflete limpidamente um dia da sua vida correntia e agitada, mas um dia que passou. [Todos] os casos passaram com ele; só as ideias continuam, só elas interessam. O volumoso enxurro de violências, paixões mal contidas, crimes inauditos, que ele traz tão minuciosamente descritos nas suas colunas repletas, esses fatos verdadeiros, vividos, documentados, não conseguem certamente uma vibração tão intensa e tão poderosa na alma alheia, como um simples grito isolado, angustioso, único, erguendo-se de um peito e de um ponto ignorados na solidão e no mistério da noite!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXII, n. 7864, p. 1, 15 abr. 1906.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/11266.

RESTOS...

NAS CORRESPONDÊNCIAS E ANÚNCIOS de jornais e revistas, principalmente revistas francesas, aparecem frequentemente pedidos endereçados à generosidade dos leitores desses periódicos [por] professoras pobres de localidades humildes, reclamando com todas as letras do seu nome, modestamente, objetos indispensáveis à criançada das suas aulas: acessórios de costura, livros, embora usados, mas de leitura clara, fácil e moral; preparos de desenho, modelos para marcas e para bordados, cotos de lápis de cores, lousas para escrita, tabuadas, cadernos, enfim, todo o material, mesmo truncado e velho, indispensável a uma escolazinha de aldeia.

O que pedem não faz falta a ninguém: é o que sobra, o que ficou em as pastas, por cima das mesas ou nas gavetas de outras crianças mais felizes, coisas que muitas vezes a vassoura repele de casa ou o fogo consome para boa ordem de armários, quando essas crianças mudam de classe ou deixam de frequentar o colégio.

Às vezes as doces criaturas levam a sua exigência ao ponto de suplicarem também aos meninos da Paris que lê revistas, os seus brinquedos velhos para prêmios dos camponeses da sua aula sem conforto...

Bonecas sem braços, palhaços sem cabeleira, carros sem rodas, tudo ela aproveita, disfarçando os defeitos à luz da lâmpada nos solitários serões da sua casa deserta, para esconder de dia até à hora das recompensas escolares, em que eles figurarão como lindas surpresas!

Ela conhece os seus alunos. Sabe que os seus lindos olhos inocentes jamais pousaram num brinquedo da cidade e qualquer deles receberá como um presente do céu a *bébé* de cara de louça e braços de pano sem mãos! Se essa *bébé* falasse, diria talvez que o colo da sua primeira dona, conquanto acolchoado de cambraias finas, não se fazia tão macio como o outro de zuarte ou riscadinho da segunda, quando tratava de a embalar e adormecer...

A fartura gera a indiferença. Há pouco tempo, estando eu uns dias na roça e indo à minha casa uma pretinha da vizinhança, minha filha mais velha deu-lhe uma boneca. A pretinha estendeu as mãos, mas retirou-as logo, como se fora uma profanação tocar em tão deslumbrante objeto! Minha filha insistiu; a pequena, rindo e chorando, segurou então no brinquedo e fugiu para casa. Instantes depois, a mãe muito grave procurou-me e, com a voz ligeiramente trêmula, indagou se efetivamente sua filha recebera tão magnificante mimo ou se, do que ela pedia de joelhos desculpa, não houvera uma tentação naquela história!...

A boneca entrara na casa de sapé como se fora uma fada; na minha, aliás tão modesta, já não conseguia divertir minha filha!

Nessa roça, que tem, entretanto, foros de cidade, que bem faria uma dessas mestras cujo perfil a gente adivinha e delineia através de um anúncio de meia dúzia de linhas num jornal, pedindo livros folheados para os pequerruchos da sua escolazinha campestre!

Ali, infelizmente, não havia nenhuma; quando os cofres municipais não podem ou não querem, não há quem tenha a coragem de, esmagando vaidades, a troco de uma remuneraçõzinha insignificante de cada aluno, o bastante para sustentá-la, ponha o seu nome num jornal da capital, pedindo o rebotalho dos materiais de outros colégios asseados e fartos! Afinal o pedido não é para elas: as mestras particulares não têm obrigação de fornecer aos alunos senão o ensino e o conselho; o que elas pedem com o seu nome, o seu endereço, a sua responsabilidade, é para as crianças pobres do campo, filhas de cavadores, de mineiros, de operários, que mal ganham para o pão de cada dia e que já fazem muito em mandar os filhos à escola! Às vezes mesmo essas mestras insinuam e prometem o seu agradecimento aos que, com os livros, os lápis, o giz ou a lousa, lhes enviarem um ou outro aventalzinho desbotado ou calçado para meninos, até tal ou tal idade...

Já não aparece aí só o interesse de um apostolado, mas a ternura e o carinho maternal de uma mulher boníssima.

Ela está no seio da natureza, entre os humildes, os desafortunados. Solteirona talvez, com o coração transbordando da ternura que não teve em quem empregar, a família alheia interessa-a como se fora sua. Não pode amar os grandes, dedica-se aos pequenos. Eles, cruéis como todas as crianças, talvez se riam dela, a comparem a qualquer animal ou coisa esquisita; ela percebe, cala-se, finge que não sabe e continua a pedir para eles os livros de que eles precisam para serem um dia *alguém*, a pegar-lhes nas mãozinhas gordas até fazê-las escrever o seu nome, o nome de seus pais, o nome da sua terra! Só o da mestra fica no tinteiro, no fundo da borra, que é como o lodo de um lago a que não chega o olhar de ninguém!

Pode ser que eu erre e que esteja a fantasiar psicologias falsas, mas alguma coisa no fundo da minha consciência afirma-me que acerto: a impressão de agrado com que leio sempre essas linhas lacônicas e naturais, agrado a que se mescla estranheza e talvez um tanto de piedade...

E nasce-me na alma, entretanto, um laivo de inveja por essa França, que se irradia até nos sacrifícios!

Desejaria que também no Brasil, de todos os recantos onde não chegou ainda a escola pública, surgisse uma dessas vozes compadecidas de mulher abnegada pedindo-nos para as analfabetas da sua terra as cartilhas já desnecessárias aos nossos filhos, as pontas de lápis que lhes encontramos nos bolsos ou as folhas em branco dos seus cadernos abandonados!

Para mim não há quadro mais simpático que o das crianças a caminho da escola, principalmente no campo.

Com a sua bolsa, sacola ou cestinha de livros nas mãozinhas já calejadas e encardidas, elas assumem um ar de importância e de seriedade, verdadeiramente adoráveis.

Transformam-se nessa hora solene. Deixam de ser os garotinhos descalços, de camisa rota e beicinhos em bico no assovio irreverente, e acompanham sisudamente as irmãzinhas penteadas, que lá se vão de mãos dadas adiante para as lições da mesma professora. A tentação dos ninhos, a tentação das framboesas, faz-lhes cócegas na alma, mas caminham como se nada percebessem, nem sentissem...

RESTOS...

Por essas vilas, por essas aldeolas e arraiais do interior, que benéficas seriam essas mestras! Elas criariam a poesia da vida, que é o interesse, o amor da natureza, o carinho das almas para as coisas, das criaturas para as criaturas. Só os pobres podem compreender os pobres. Eles não dão esmolas, repartem recursos.

Essa mestra estaria no meio dos seus, não seria nunca uma estranha, uma pessoa profissional, a que às tantas horas fechasse a porta e, posta a criança do lado de fora, fosse tratar de outros assuntos e outras ideias. Não. Essa mestra voluntária, menos sábia, infelizmente menos clara nas suas preleções, sem um curso, sem as habilitações da outra, soada, no entanto, a hora de acabar a aula, dito o — até amanhã — à última pequenita, mal tem tempo de recostar os ombros doloridos e fechar os olhos fatigados: precisa tratar ainda das suas crianças. As coitadinhas não têm posses para a aquisição de um novo livro indispensável ou para uma folha de papel quadriculado para desenho! Mas, se os seus discípulos não têm dinheiro, ela tem paciência, habilidade e uma virtude ainda mais radiante e útil aos outros: — bondade. Sem hesitar, dirige-se por escrito humildemente às redações dos jornais, apelando para os abastados. Tudo servirá; ela coserá à noite as lombadas dos livros mais velhos, compaginando-os, ou fará cabos para as canetas. A [arte de] aproveitar os restos já inspirou aos franceses uma biblioteca, em que não sei se vem mencionada essa de apetrechos escolares, que a doce paciência das mestras pobres, e dos pobres, utiliza tão bem! O nosso gênio de desperdícios não compreende tais sacrifícios, mas concordemos que eles são a origem de uma prosperidade e de uma felicidade que só por si nenhuma fortuna poderia nunca adquirir!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXII, n. 7871, p. 1, 22 abr. 1906.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/11312

UM MAR INTERIOR

A COMPANHIA LIGHT AND POWER de São Paulo vai, dizem notícias dessa cidade, construir em um dos seus arrabaldes um lago enorme, de uns sete quilômetros de extensão, se não li mal, para piscicultura e os *sports* náuticos de remadura e natação.

A ideia deve alvoroçar de alegria o coração dos paulistas. Graças a ela, a sua capital, já afamada, adquirirá um novo encanto.

A planície monótona, larga, extensa de vegetação carrasquenta, sangrada a jeito e bem inoculada, abrirá fundamente o seio à fluxão das águas poderosas, que logo se espalharão para refletirem as belezas do céu, e formarem um mar interior em plena campina paulista. O lago criará o pitoresco, qualidade primordial na paisagem, e enriquecerá as terras que o circundem. Ir-se-á ver o lago de S. Paulo, como se vão ver os lagos da Suíça, essa ladina Suíça, que procura confundir as suas obras de arte com as obras da natureza, que atrai o viajante...

Como os americanos não costumam fazer nada incompletamente, à beira do lago de S. Paulo circularão longas avenidas arborizadas, para os seus elétricos, e haverá no lago carreiras de *bateau-mouches* como em Zurique ou Genebra.

Um dos passeios prediletos da população será, está claro, o de ir gozar ali, nessa ilusão de mar, os fulgores crepusculares do ocaso ou o lampadejar das estrelinhas na água. Nas margens, inspiradas pela suavidade dessa paisagem civilizada, as aves modularão com mais arte e doçura as suas endeixas, e os poetas terão mais um pretexto para os arroubos da sua inspiração. A Light terá assim concorrido para aumentar o justo orgulho dos paulistas e a biblioteca dos volumes líricos. A sedução dos lagos é invencível. Grande ou pequeno, obra da civilização e do gosto ou da natureza agreste, eles têm em si uma calma que refresca o pensamento e o faz deslizar em suavidades...

A primeira condição das coisas modernas, sabemo-lo todos, está na sua utilidade. A beleza é a máscara da civilização, mas só por ela não se quebram lanças. Vai longe o tempo da divina Grécia! Assim o grande, o enorme lago de Santo Amaro, não há de ser feito unicamente para poetizar o chão seco e carrasquento de uma planície estéril. Percebe-se que o interesse de uma companhia de viação, bem dirigida, seja o de tornar atraentes os bairros que ela serve e deseja bem frequentados; o que admiro é o tino da observação: onde a terra não produz, que produza a água.

A Light mandará vir, seja de onde for, raças de peixes finos, de água doce, e fará em S. Paulo uma criação opulenta de lampreias delicadas, essas como dizem plantas dos rios, com os seus sete orifícios na cabeça, na mesma disposição que as do instrumento musical; e de saborosos e rosados salmões e das tintas esquisitas...

Bem pode ser que não sejam estes os peixes escolhidos, mas outros quaisquer, equivalentes em finura e sabor; as águas pouco movimentadas de um lago artificial terão as suas exigências especiais, já estudadas e já observadas.

Em todo caso, é de esperar que os peixes desse viveiro luxuoso constituam a seu tempo um dos melhores recursos da mesa paulista e um bom acréscimo à renda dos seus proprietários. Geralmente o peixe de água doce tem um gostinho morrinhento de carne pisada. Mas os paulistas conhecem bem um dos melhores peixes de água doce que pode haver — o dourado.

No Mogi Guaçu, adiante do encachoeirado das Pedras, onde a água se avoluma e corre com mais força, fazem os sertanejos cercas (a que dão o nome de *chiqueiros*) para a pesca, a que chamam caçada, desse peixe, maior que uma pescada grande, de pele alourada e saber delicadíssimo. Os futuros peixes do lago paulista não serão melhores, mas, enfim, serão mais civilizados...

Poetizando um bairro, variando *menus*, essas águas se dispõem ainda a outro benefício: fortalecer a nova geração!

Dirão que para isso lá têm os moços o Tietê. Mas a corrente de um rio é traidora, dizem que arrebatava os remos com mais astúcia do que a onda brava, e que leva um naufrago à morte com mais velocidade que as correntes do mar...

Um lago artificial é uma alma em festa, não tem tempestades. Os filhos das mais tímidas e assustadiças mães poderão brincar ali nos seus exercícios natatórios sem que o cuidado e o medo acrescentem rugas ao rosto amado das progenitoras... E nos dias de regatas e espetáculo, rutilando melhor que no tortuoso Tietê, em flâmulas, emblemas e pavilhões, alegrará, melhor que todos os *matches foot-ball*, os olhos deslumbrados do povo...

O fim deste artigo era esta expansão: — quer parecer-me que S. Paulo acerta em dar à Light and Power tanta largueza para os seus gestos poderosos.

Falamos da desconfiança dos paulistas... mas afigura-se-me que os desconfiados somos nós... Temos também aqui uma Light and Power, com as mesmas intenções da de S. Paulo e fazemos-lhe guerra, em vez de a acolhermos, como uma provável benfeitora da cidade. Pois se há terra para empresas grandiosas é o Rio de Janeiro, que se sacode, enfim, do seu entorpecimento, graças a um governo como ainda não houve no Brasil desde D. João VI...

A ocasião deve ser oportuna para empreendimentos, as vistas são largas e o desejo de progredir está bem manifestado. A nossa terra já não vive como o faquir, olhando para o próprio umbigo; levantou a cabeça e contempla com vigor o intermínio horizonte do futuro. É nele que rutila o sol. Temos muito que andar ainda, mas marcharemos com alegria e coragem. O tempo da apatia passou.

Basta fazer-se um passeio nos arredores da cidade, quer para os lados da Penha, quer para os lados dos subúrbios, para imaginarmos os benefícios e transformações que podem prestar à cidade companhias ativas, de capitais poderosos.

Há poucos dias um jornal afirmava que uma das principais fontes de renda no Estado da Califórnia era constituída pelas laranjas de origem brasileira. Quem transplantou laranjeiras da Bahia, ou semeou as suas frutas no solo da América do Norte, não recebeu perder tempo com insignificâncias... De resto, utopias e insignificâncias são coisas nossas e que só a nós metem medo.

Quem nos diz que a Light and Power, que transforma um trecho talvez árido de um arrabalde paulista num lago enorme para criação de peixes [finos], de mais problemático resultado, não faça ainda florir essas restingas e essas charnecas dos nossos subúrbios, em pomares encantadores, em cujas aleias deslizem os seus elétricos?

Drenando campos apaulados, construindo vilas pitorescas, semeando cereais, plantando árvores frutíferas, refrescando o solo requeimad[o] pela ausência da sombra da vegetação, ela daria a nossa cidade, pelo lado terrestre, uma entrada maravilhosa!

Quem sabe...

*

Não há muitos meses um amigo [ilegível] antigo senador, pediu-me que patrocinasse eu aqui a ideia de uma estrada de ferro ao planalto de Goiás, de que me deu uma nota do traçado, e das colônias a fundar no seu percurso. Entreguei-lhe a papelada e confessei-lhe lealmente que não escreveria nada. Tinha [medo] que me não tomassem a sério o discurso; o assunto precisava de ser tratado por uma pena de ferro. Não sei no que isso para; lembra-me que respondeu sem ressentimento, amigavelmente:

— Mal ou bem, sempre que tiver na mente uma ideia que lhe pareça útil, deixe-a escorregar para o papel sem receio da pena. Não fará então literatura, mas prestará um serviço à sua terra, nas proporções da sua força. O valor da intenção, quando bem compreendido, realiza às vezes milagres que os mais doutos conceitos não conseguem obter!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXII, n. 7878, p. 1, 29 abr. 1906.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/11362

REFLEXÕES DE UM MARIDO¹⁸

“...EM CONSCIÊNCIA, não posso negar à minha mulher certas qualidades superiores e essenciais ao seu sexo, como a credulidade, por exemplo.

É extraordinário como as mulheres, pela boca dos maridos, creem nas coisas mais absurdas! E não se diga que a minha seja para aí qualquer mosca morta... realmente, talvez lhe falte um pouco de vivacidade e energia para resistir às explosões do meu gênio. Ah! o ar de mártir que ela assume, quando exponho as verdades, irrita-me mais do que se ela me respondesse aos berros; e, daí, pode ser que me engane; a comoção dela é sincera, o excesso de sensibilidade embarga-lhe a voz!

Pobre Nenê! Agora, o que ela está é perdendo a linha...

Não sei... gasta tanto, e não brilha mais que as outras; não faz valer os trajes! A Mimi, por exemplo, com qualquer trapo é *chic*.

Chic a ponto de fazer perder o juízo a um grande professor catedrático, como... É justo lembrar-me de que os vestidos da Mimi são confeccionados numa modista francesa... e os de minha mulher, coitada, são feitos em casa; mas, que diabo! isso não quer dizer nada; o que falta à minha mulher não são os vestidos, é o *charme*; ela talvez seja até mais bonita que a Mimi, aquela endiabrada! Não há dúvida, é mais bonita, mais serena, uma fisionomia morta...

A minha mulher não tem expressão, e a expressão é tudo numa cara.

A meu ver, o que a estragou foi o colégio francês, todo artificial, impostor misto de sacristia e de salão de dança...

¹⁸ N. da E.: Este texto viria a integrar o livro *Eles e elas* (1910). A informação não foi dada no jornal, diferentemente do que ocorreu com a maioria dos textos destinados a esse livro.

A nossa sociedade burguesa requer mulheres com outra orientação; afinal nestas nem arde a fé, já cansadas pelas missas das 5 horas, nem elas trazem para o lar do pobre marido capacidades domésticas. Depois queixam-se se a gente censura e reclama! A religião! Ainda ontem à noite ela interrompeu as suas rezas para perguntar-me, bocejando, no momento mesmo em que eu pegava no sono, quando seria o aniversário do médico Lorjô! Quer bordar-lhe uns chi[nelos]... preocupou-se com a ideia, dir-se-ia que reza por obrigação, como de resto parece fazer tudo; todavia, é dócil, é carinhosa... ama-me; também pudera! Se a tivessem dirigido desde a infância com mais critério e mais cuidado, teria dado uma excelente esposa, menos banal e mais ativa. Mais ativa? mas afinal, quando eu estou em casa, bem vejo que ela não para! Está até ficando com uma pontinha de gênio que eu não lhe conhecia.

Oh! As surpresas do casamento! Pobre Nenê!... do que ela carece não é de atividade, é de método... e um pouquinho mais de habilidade... Macacos me mordessem se eu, sendo mulher, comprasse nunca um chapéu!

Sessenta mil-réis por um chapéu! que é um chapéu de mulher? Um absurdo, um objeto desconexo, híbrido e hispido. O preto novo (não digo nada para não desconsolá-la) fica-lhe mal. Aquelas plumas, caídas umas, arrepiadas outras, dão-lhe um ar de pequena fúria medrosa...

Está aí: já na Mimi, como é alta, vão bem aqueles chapelões a Rubens... Não há dúvida, só o que me irrita na Nenê é a sensibilidade. Ontem de manhã — pensará ela que não percebi que foi chorando para o quarto, só porque me expandi com dois gritos, que, a bem dizer, nem foram gritos, contra a ordem em que achei o meu escritório?! Eu já tinha adivinhado, desde o meu tempo de estudante, o ódio que a mulher consagra aos papéis!

Minha mãe estragou-me muitas notas de estudos; mas o furor de minha mulher ultrapassa o de minha mãe. Depois, o que me amofina é isto: não percebe que é desses papeizinhos espalhados, desses jornais marcados, desses livros acumulados sobre a mesa e as cadeiras que eu tiro o sustento, o suco desta

miserável vida que vivemos... Miserável para mim, que faço brotar da ideia, do esforço, o pão, o servo, o vestido, que ela come, que a auxilia e que a veste; mas, para ela?!

Vamos! e ainda ontem ela clamou na sala diante de gente de fora pelo feminismo! É feminista, minha mulher! Coitadinha, ela só é feminista quando se ressentida de qualquer ato mais violento ou mais impensado da minha parte. Então o azul dos olhos enche-se-lhe d'água... disfarça... sorri... tinge-se de vermelho... engole a sua decepção humildemente, como uma escravazinha submissa, e com um tonzinho de voz em que ainda bailam lágrimas, clama pelos direitos da mulher!

Que sabe ela disso! Afinal, enquanto eu lido, luto, suo e sofro, ela arruma a casa, frisa o cabelo e pule as unhas.

Parece-me pouco. Mas, se lh'ó dissesse, viria o mundo abaixo. Há nada mais exaustivo do que o trabalho da mulher?! Sempre a mesma cantiga. Pobre Nenê!

Ela talvez ainda não tenha reparado numa coisa, está engordando.

É um perigo. Se ao menos fosse alta, como a Mi... E agora, quando sai, já se não pendura no meu braço, naquele antigo abandono, tão amoroso e aconchegado... O seu braço é leve e foge às vezes ao meu, como se temesse a observação alheia... Que se passará naquela cabeça de andorinha, quando ela se retrai? Eu finjo que não percebo, para não lhe dar muita confiança. Sempre um marido precisa de certa serenidade, tanto mais que ela, coitadinha, é a fidelidade em pessoa. Também, a quem havia ela de... Tolices. Nem pensar nisso é bom. Pobre Nenê!

O meu rival é o espelho. Isso, sim! O tempo que ela leva a empoar-se, a pentear-se, a perfumar-se! É de fazer perder a paciência a um santo! E ainda se zanga quando espera por mim! Tem graça: a verdade é que não sei como não consigo, quando saímos juntos, vestir-me antes que ela acabe de vestir-se! É que tenho de fazer tudo: tirar botões, pôr botões na camisa, nos punhos... examinar

sapatos... tirar eu mesmo o casaco do armário... Minha mãe era quem fazia essas coisas a meu pai. Meu pai talvez fosse um pouco ingrato... Nenê não tem tanta paciência; mas é arranjadinha. A roupa é cheirosa, bem tratada, a casa está limpinha... somente as despesas... oh! a economia devia ser a principal ciência das mulheres. Não é. Quem não sabe ganhar, não sabe gastar. Um abismo para o dinheiro, estes lares modestos! As nossas quezílias brotam sempre dessa raiz tenebrosa — o desperdício. Se ela olhasse para tudo em casa com mais atenção, talvez que até eu não gastasse tanto lá fora... e a nossa vida seria outra, assim nem sei onde iremos parar! Ah! não sei, tudo se esvai.

De que me serve trazer para o celeiro, se o celeiro deixa voar os cereais com o vento pela janela? É a tal história: falta de educação. Depois, toda se põe a tremer e enrubesce e gagueja, se me exaspero, se vocifero, se clamo, se bato o pé! Quem nos visse diria que lhe torço a alma com a mão. Pobre Nenê... Não sei que fez das joias... Tenho a minha desconfiança que as pôs no prego, quando estive doente... Ela tem umas abnegações silenciosas, que me comoviam nos primeiros tempos.

Acostumei-me. Não posso atribuir senão ao costume certas indiferenças... No fundo, talvez a verdadeira causa de tudo isto seja a Mimi...

Pobre Nenê!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXII, n. 7885, p. 1, 06 maio 1906.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/11420

HORA DIFÍCIL

CHEGOU A HORA DAS DESPEDIDAS. Escancaram-se as portas dos colégios. Os empregados estão a postos, os professores atentos. Já estão contadas as camas dos dormitórios, espanados os cubículos da rouparia, determinados os lugares no refeitório e nos bancos das aulas.

Lavados, raspados, envernizados, os grandes casarões esperam o bando inquieto da meninada barulhenta, que aí vem vindo em revoada, beijo pendido, olhos inchados, joelhos trôpegos...

O momento é de sacrifício e a dissimulação absoluta do sacrifício é arte de homens feitos. Ensiná-la-á bem o colégio. Ao entrar, a criança submete-se, mas no seu gesto, enérgico ou timorato, há um desafio e uma revolta.

Teve ele culpa da sua ignorância, para merecer a punição de um cárcere?

Às exortações do pai, os seus discursos em casa descrevendo-lhe as vantagens do estudo, que emancipa o espírito e lhe dá a posse da única riqueza produtiva e perdurável, acrescentam-lhe o terror secreto do coração, que nem o prestígio das primeiras calças compridas e da farda do uniforme dissipa.

O pai falara-lhe como a um homem, atirando-lhe, com o peso dos livros, o de uma responsabilidade.

Nasce-lhe com isso a primeira dúvida dolorosa: e se ele não for inteligente?

E se ele não compreender os mestres?

Que dirá a mãe! Que dirá o pai!

A família avulta no seu cuidado. Tinham-lhe falado em estorvos, dificuldades, dinheiro... Todas essas coisas foram precisas para o meterem naquele casarão de paredes grossas entre gente estranha e indiferente! O exílio da felicidade custa caro... Ah, o soldado não irá para a guerra com o coração mais oprimido, nem olhará para trás, para casa dos seus amores com mais ternas saudades. As crianças têm os seus heroísmos.

Mas não são só os mestres, autoritários e impenetráveis, que o aterram; não é só a separação da casa que o amolenta: nem a ideia da prisão a que o entregam, com um pretexto de glórias futuras, mas também as perversidades dos outros que já lá estão dentro, afeitos ao regime severo da disciplina, que já são *de casa* e torturam os recém-chegados com humilhações de todo o gênero!

A sua dignidade de homenzinho sente-se ameaçada e o pensamento girar-lhe no cérebro em busca de um movimento novo de reação eficaz contra os *grandes*. Como certas fraquezas não se confessam e [sempre] é preferível blasonar de valentias, ele esconde esta preocupação: — que papel o [ilegível] a representar?

O ridículo, esse monstro invencível de unhas de aço, aparece-lhe na vida pela primeira vez; desejaria fugir-lhe e tem de lançar-se nos seus braços flexíveis e escarninhos. Cala-se, estudando atitudes que desarmem os outros. Não as acha.

A mãe dissera ao abraçá-lo, disfarçando um soluço:

— Alma forte! É para o teu bem. Não chores.

E ele não chora; até às vezes ri, ostentando desembaraço, como que sofreguidão por penetrar em todos os mistérios da sua nova existência. Não quer dar parte de fraco; têm-lhe gritado ao ouvido que ele está um homem, mas as faces refletem-lhe na cor da pele a agitação do espírito, ou os olhos se empanam ou os pés parecem colar-se ao chão, negando-se a subir degrau a degrau a grande escadaria do pensionato, onde a sua individualidade, até então confundida com as dos irmãos, ressaltará sob a designação de um número.

É com certeza uma das más horas da vida.

Cá fora, maio sorri. As galhardas salpicam de ferrugem e de ouro os relvados dos jardins; no ar cristalino, tão profundamente azul, voam borboletas e ressoam gorjeios; as manhãs são lindas, os dias frescos, e as tardes pompeiam cores maravilhosas em largas pinceladas ou faixas resplandecentes. Lá no alto, no espaço infinito, destaca-se cabeceando, rabecando em curvas airoas, todo a reluzir nas estrelinhas de prata, o papagaio novo de grandes dimensões e papel verde... De mais a mais, é o tempo dos papagaios!

Percebe-se que este primeiro passo viril para a iniciação da luta futura, marque uma pegada funda na vida. É a renúncia da infância, da liberdade, da família, o que ele transpõe para ir fazer parte de uma coletividade de vigiados, confundidos nos seus defeitos como um rebanho de animais.

Desconfiarão dele, da sua sinceridade, porque a maioria dos meninos tem as suas manhas e é natural que não o julguem a ele isento dos mesmos defeitos de que terá muitas vezes, senão sempre, de compartilhar a responsabilidade.

Arma-se por isso com uma couraça contra as ofensas da suspeição, ou acaba por imitar os outros... A vida em comum tem às vezes contingências cruéis...

Há poucos meses disse-me uma senhora inteligente e observadora:

— Cada domingo que meu filho vem à casa percebo nele alguma coisa nova, estranha, a cuja formação lamento não ter acompanhado. Dá-me a ideia de uma flor que se vai esfolhando e cujas pétalas eu guardaria num relicário se não tivessem voado tão longe de mim! Afirmo-lhe que sinto uma impressão de ser roubada nuns deleitosos momentos de vida. Ainda tenho nos ouvidos o timbre da sua voz de criança e já ele vem com outras inflexões desconhecidas e desafinadas. Traz-me nos gestos e nas palavras um pouco dos companheiros com quem convive durante a semana inteira; parece-me menos da família em cada hora que passa, fazendo-me assim, todas as vezes que entra em casa, lembrar que é bem uma visita! Apelo para os dias fugitivos das férias, supondo reaver então o filho de outros tempos, tão meu! Mas, oh! quimera!

As férias chegam, o filho muda-se para o ninho antigo, mas... é em vão que lhe ponho ao alcance dos dedos os objetos que ele preferia... já é outro... desdenha do que amava; envergonha-se das infantilidades de há um ano, busca outros prazeres, sente-se deslocado, mais insensível, menos amoroso; as irmãs não conseguem vê-lo de acordo com as suas opiniões e preferências.

Ele quer ser homem, vive entre homens, brutaliza-se. Ah! o grego... o latim... o cálculo... as noções de ciência... se todas essas matérias terríveis se pudessem adquirir sorrindo e a meu lado!

Naturalmente o pensionato, a não ser nas horas de aula, em que o aluno *lime sa cervelle contre la cervelle du professeur*, na expressão de Montaigne, não cogita em adaptá-lo às outras necessidades da vida. Como facetar, polir, lapidar cem, duzentos, trezentos rapazes de índoles e antecedentes variados, sem a rotina, sem a espionagem, sem o castigo, embora brando, da prisão aos domingos, sem o afastamento respeitoso entre o discípulo e o mestre?

Cada uma dessas centenas de indivíduos mereceria por certo, e necessitaria talvez, um tratamento distinto; mas infelizmente o intuito do pensionato para no livro; o resto é com a vida... que obriga quase sempre depois, logo no primeiro desfiladeiro, a alijar a carga *pesada* do grego e do latim, quiçá de outras matérias ainda com tanto esforço adquiridas!

Quem já folheou o livro de Edmond Demolins — *L' Education nouvelle*, não pode deixar de suspirar pelo dia em que os grandes pensionatos se possam subdividir em pequenos pensionatos risonhos, em que o aluno não careça da vigilância do bedel nem tema a intriga, que ame o mestre como ao irmão que o ajuda a estudar e a entender o mundo, em que aprenda a amar a natureza — auxiliando-a no amanho de um campo ou no plantio de uma árvore...

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXII, n. 7892, p. 1, 13 maio 1906.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/11478

UMA VOZ NO DESERTO

HÁ MAIS DE QUARENTA ANOS dormia estupidamente, ingratamente, nas pastas administrativas do governo francês o projeto da criação de um prêmio para jovens escritores, equivalente aos prêmios de viagem conferidos pelo Estado aos pintores, aos escultores, aos arquitetos e aos músicos.

O ministro da instrução pública compreendeu, enfim, que o livro contribui para a glória das nações mais do que todas as outras manifestações do espírito, e decretou, em hora feliz, uma soma anual de uns tantos mil francos, destinada a escritores novos, cujas aptidões se tenham revelado e cujo talento mereça impulso.

O prêmio é destinado a jovens escritores para que eles possam ir procurar no estrangeiro motivos de estudo e de inspiração.

Realmente a mim sempre me pareceu injusta a preterição de escritores nesse gênero de acoroçoamento, tanto mais que a literatura é a alma do povo, é ela que principalmente o reflete, que lhe transmite os sentimentos e as ações através dos tempos! Por que hão de inspirar mais simpatia o pincel e o escopro, se ainda é a pena que lhes leva a fama aos mais longínquos lugares, vibrando aos seus triunfos, notando as suas belezas, arrancando-os quantas vezes à obscuridade, para os elevar num triunfo ao sétimo céu da glória? Em crônicas, revistas, livros, conferências ou folhetos, o escritor enaltece o pintor, o escultor, o arquiteto ou o músico. Onde não pode chegar um quadro, pendurado numa parede de museu, uma estátua assente em pedestal fixado num só ponto da terra, chega uma estrofe que a exalta ou um período que lhe eterniza a beleza.

Sendo a mais opulenta, sendo a inspiradora das outras, a literatura serve todas as artes e nenhuma arte serve a literatura!

Dir-se-ia que o Estado, abandonando-a ao seu próprio esforço, julga que por ser feita só de palavras ela não tenha a sua técnica, o seu aprendizado, o seu [ilegível].

Mas as palavras são para o escritor o que é a tinta para o pintor, o barro para o escultor, o som para o músico. A mesma palavra tine como o ferro, alastra-se como a cera ao sol, ou resiste ao embate das outras, como blocos de pedra. O estilo não nasce: faz-se.

Uma página que espelhe algo que maravilhe a alma, quer seja realidade, quer seja sonho, representa um trabalho que, por parecer espontâneo, e só espontâneo, é mal compreendido. Quantas vezes, para fixar o pensamento fugido nessa página, quantas palavras se escrevem, quantas se rejeitam, quantas se substituem ou inutilizam!

Supõem alguns que o escrever é o ofício mais leve do mundo. Basta pegar na pena... as imagens surgem do papel, as expressões saem por si do tinteiro... Assim, toma-se a sério um estudante do Conservatório de Música ou um discípulo da Escola de Belas Artes; mas a literatura é considerada uma espécie de vadiação...

Entretanto, todo o mundo sabe que nada ensina, nada influi, nada aperfeiçoa e nada eleva mesmo tanto o homem como... essa espécie de vadiação!

É na literatura que se condensam as qualidades de um povo, é ela que constitui, como já se tornou um lugar comum à força de ser repetido, o maior e o melhor padrão de glória de um país.

Animar os que procuram servi-la bem, [ateando-lhes] o entusiasmo com um sopro de estímulo, não será ação de justiça?

Julgo que sim. Se o indivíduo tiver temperamento de lutador, paixão de trabalho, fuzia [sic] de chegar ao fim, não será essa migalha que o transforme num boêmio das letras, num desertor do estrelado campo do pensamento. Ao contrário; esse prêmio de viagens para procura no estrangeiro de motivos de estudo e de inspiração, como diz o jornal parisiense, deve ser considerado não só como uma consagração, mas também como um compromisso.

Recebendo o prêmio, o escritor ou escritora (na Escola de Belas Artes e no Instituto de Música, coisa esquisita, as mulheres também são premiadas!) mas, dizia, o escritor ou escritora propõe-se a progredir mais e melhor, a realizar, em obras posteriores, o que havia prometido na anterior, desenvolvendo pelo estudo, pela observação, pelo trabalho e pela originalidade as suas aptidões naturais.

O prêmio não é uma coroa de glória definitiva, mas um apoio oferecido aos que começam e pareçam ter envergadura para continuar. Vendo-se na obrigação de responder ao prêmio com outro livro melhor, o escritor tratará de aguçar a sua pena com o maior cuidado, e de dar independência ao seu estilo e de tornar límpida e bela a sua língua.

A França já concede aos escritores os seus prêmios da academia e as suas palmas. Achou que eles, ainda assim, mereciam mais alguma coisa e confere-lhes um equivalente do prêmio de Roma, com a liberdade e a diferença de escolherem eles o país ou a cidade a seu bel prazer. O romance francês refletirá dentro em pouco aspectos de ruas inglesas, alemãs, espanholas ou turcas; novos aspectos do mundo, diversas maneiras de viver...

Ora, se a literatura de França, tão poderosa, tão próspera, tão variada, tão derramada por todos os continentes da terra, tão feliz, enfim, precisa deste estímulo, que diremos, santo Deus, da nossa!

No Brasil o escritor não acha em torno de si senão motivos de desalento. É preciso ter fibras de aço, a obsessão do trabalho, a raiva de produzir, é preciso esgotar os seus nervos, dissipar em variadas formas o seu talento, para se pôr uma criatura ao serviço exclusivo das letras!

É que essa “espécie de vadiação” devora a vida sofregamente e não consente vagares, nem para o devaneio!

Se o prêmio de viagem é útil ao escritor francês, que vive em um meio tão civilizado e sugestivo, não o pode deixar de ser também ao brasileiro, que não goza de tantas regalias.

A viagem é o mais excelente meio de cultura. Não há muito, um cronista assinalava os progressos literários que o jovem escritor Thomaz Lopes tem revelado no curto tempo de sua estadia em Espanha.

O espírito dilata-se, o gosto transforma-se, os sentimentos de arte purificam-se e arraigam-se. Esse exemplo é palpitante, não nasce do bico de minha pena, está aí diante de toda a gente que lê jornais. O que aconteceu a Thomaz Lopes acontecerá a todos os moços que tenham a envergadura de escritores.

No prêmio de viagem dos escritores franceses há uma cláusula extravagante: a que determina a “busca de inspirações no estrangeiro”. Parece-me que as nações se devem interessar por que a sua literatura lhes retrate todos os seus característicos e lhes transmita os costumes de época para época. Daí esse ponto talvez tenha sido interpretado no ar pelo articulista. O que é essencial, é que foi concedido o prêmio de viagem aos escritores franceses, e que para a glória da sua literatura e estímulo da geração nova e das futuras gerações de escritores brasileiros será da maior justiça que mais uma vez o Brasil imite a França.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXII, n. 7899, p. 1-2, 20 maio 1906.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/11536

INVENTORES!

DE VEZ EM QUANDO os jornais dão notícia de um ou outro invento extraordinário, destinado a engrandecer a pátria e beneficiar a humanidade. O seu autor? um homem modesto que tem consumido no aperfeiçoamento do seu ideal dias e dias de trabalho, noites e noites de insônia. O noticiarista apresenta-o ao público com um gesto simpático e eloquente.

O leitor sente abalada a fibra patriótica e suspira logo por que esse concidadão consiga executar rapidamente o maquinismo em que o leve a passear na lua, ou a ver por um canudo o que se passa no interior da terra. Cá por mim pertenço ao número desses leitores crédulos e impressionáveis cujo impulso seria o de estender a mão sem hesitações a qualquer desses inventores, se a mão pudesse levar-lhes o que lhes falta para darem corpo e vida aos seus projetos, ou para se desenganarem definitivamente de uma utopia embaraçadora.

Desgraçadamente, a maior parte dos inventores é pobre, e as novas combinações químicas que imaginam para tal ou tal resultado, ou a fabricação de aparelhos para os seus maquinismos, não se fazem sem dinheiro.

A pobreza, que acoroça tantas audácias e impulsiona tantas vitórias, é para eles um entrave. Escravos da sua ideia fixa, eles deixam-se devorar por ela. Toda a gente sabe o que custa guardar um segredo, e eles guardam o seu, guardam-no com a ânsia de o dizerem bem alto, para glória do seu nome modesto, para a felicidade de todos. O que eles adivinharam, o que eles apreenderam por um raio de felicidade, por um acaso, ou por observação mais curiosa que a dos outros homens, parece-lhes agora tão simples, tão natural, tão fácil, que receiam a todo o instante ver a sua descoberta proclamada por outra boca, em outra língua, para alegria de outros povos, e felicidade de outro homem. Confrangem-se então num arrepio de susto; se isso acontecesse que mau

emprego teriam eles dado à sua mocidade obstinada, que toda se consumiu na fogueira devoradora de um único pensamento! O susto ateia-lhes o ardor do entusiasmo, obrigam-se a maiores sacrifícios para conseguirem os direitos da prioridade. Lembram-se da imprensa, correm a um jornal, desenrolam aos ouvidos de um redator toda a complicação dos seus sonhos, calando exatamente o ponto que mais desejariam esclarecer. Ouvem-nos; citam-nos nas folhas. Saíram do marasmo. Agitam-se no seu peito as asas verdes da esperança.

Passam uns dias mais leves. Sentem-se a meio caminho, saíram da obscuridade, tudo será mais fácil desse dia em diante. Mas o que se lê nos jornais esquece-se depressa.

Ninguém correu a procurá-los com uma chamazinha de curiosidade no olhar. Levantam os ombros às suas quimeras num movimento de pouco caso e talvez compaixão pela sua loucura. Eles espantam-se de que as vantagens dos seus inventos não saltem como gafanhotos, aos olhos de toda a gente...

O certo é que ninguém para um segundo a meditar sobre o assunto que só os interessa a eles. Todavia esse assunto seria, uma vez realizado, um benefício para toda a gente!

Sozinho, como poderá o pobre inventor quebrar a inércia dos que o escutam, e convencê-los da grande, da pura verdade que vive encerrada na sua pobreza e na sua timidez, há tanto tempo?

Resolve-se nesse desespero. Põe tudo o que tem ao serviço do seu invento; sacrifica-lhe os bens insuficientes e a tranquilidade da família. Os amigos e os seus mais íntimos já não compartilham da sua fé. Começam a olhá-lo com uma pontinha de mal disfarçada desconfiança... Ele não dá por isso; está todo imerso no seu invento, que revolucionará o mundo, que o há de compensar de tudo!

Bendita confiança, quantas febres acalma, quantos desalentos sacode e a quantas aspirações dá energia e coragem! Num desses movimentos de mais resolução, o tímido inventor [decide-se] um dia a procurar na sua respectiva secretaria o ministro que o possa auxiliar... mas os ouvidos do ministro estão

cansados de histórias semelhantes... Os inventores pululam. Ele trata de desembaraçar-se deste, como se desembaraçou dos outros. O Estado não é tutor de malucos; e ele, ministro, não é pai. Que se arranjem... Se, por fortuna, um átomo de entusiasmo do expositor se propaga ao ministro, e este, percebendo que dentro da exposição do outro há qualquer coisa realmente prometedora e séria, e por isso o recomenda ao pessoal que o coadjuve... que novas surpresas e que novos desconsolos aguardarão o requerente!

Se o seu invento é tido como utopia, riem-se e abandonam-no; mas se farejam nele qualidades de sucesso, de glória e de riqueza, começam a guerreá-lo a picadelas de alfinete, por inveja, por maldade, por acinte! O ministro consentiu que para suas experiências se lhe abrissem as portas dos quartéis ou dos diques, dos vagões das estradas de ferro ou das escolas... mas os chefes, e mesmo o pessoal dessas repartições, dificultam a execução dos estudos, põem barreira adiante de barreira, fingindo boa vontade ou quando muito... indiferença. Mas aquilo não é indiferença, — é a guerra mascarada na apatia, o desejo de prolongar uma situação difícil, a inveja torpe pelo dinheiro que de tal esforço haverá de vir.

Hoje... amanhã, os dias passam. O inventor consome-se. Cansado, desesperado, consegue enfim um dia ir ao estrangeiro. Mais afeitos, ou mais confiantes, os estrangeiros oferecem-se para livrá-lo de embaraços, comprando-lhe o segredo adorado da sua vida inteira! O inventor estremece. Com um gesto, em um minuto, pode adquirir uma fortuna enorme e tornar célebre o seu nome, tão apagado até então. O estremecimento é logo sufocado por uma onda de patriotismo. Não! ele não venderá a estranhos o modo de vencer guerras com mais facilidade ou o rotear dos campos com maior proveito. O seu sonho é dar tudo ao Brasil, à sua terra adorada... tentará ainda. Sabe agora com que bons olhos pode ser visto o seu invento. A oferta dos estrangeiros vinculou nele a persuasão do valor da sua obra e a sua utilidade.

INVENTORES!

Regressa à pátria, revestido de novas esperanças. Faz constar aos compatriotas o que lhe sucedeu, mas logo uns pensam que isso é mentira, outros fingem pensar e ei-lo depressa na situação antiga, sem contar com dedicações, tropeçando em invejas, em dificuldades mesquinhas, em más vontades.

A luta é acabrunhadora; na estagnação de uma espera indefinida, o inventor desenganado por toda a gente começa a desconfiar de si e acaba por pôr pedra sobre a papelada em que escrevera ou desenhara tanta coisa! Aquela ideia, que lhe queimara o cérebro como uma brasa viva e lhe gastara as forças do organismo, fica paralisada até... até que morra definitivamente com a sua morte!

A história comum é esta; há, porém, tenacidades vencedoras e às vezes, por felicidade de acaso, o encontro de uma outra alma entusiasta onde ecoam as aspirações de um desses fabricantes de maravilhas e que o ajuda, com o seu apoio, a realizá-las...

São os felizes!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXII, n. 7906, p. 1, 27 maio 1906.
http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/11594

OITO GRAUS ABAIXO DE ZERO

EM UMA DESTAS DELICIOSAS MANHÃS, para satisfazer a curiosidade de uma pergunta, quis fazer sentir às minhas crianças uma temperatura de uns tantos graus abaixo de zero e levei-as para isso a passear na fábrica de gelo dos Srs. B. F. da Costa e Souza & C., à rua de Santa Luzia.

Com muita amabilidade fizeram-nos ver todo o estabelecimento, começando exatamente pelas oficinas e salas de fabricação.

O organismo das máquinas foi e será sempre para mim um mistério indecifrável. Dínamos, polias, engrenagens, alavancas, guindastes, cabrestantes, que sei eu, toda essa trapalhada que se move sobre parafusos e espigões, gemendo, sugando, aspirando, vencendo resistências, transmitindo forças extraordinárias, cheirando a óleo, reluzindo nos metais, funcionando como animais incansáveis, de grande tenacidade e maior submissão, não conseguem do meu olhar estupefato, obtuso, senão uma expressão de susto...

Para mim, máquina não é coisa, é pensamento, é vida, é alma enfim, cuja psicologia considero inviolável. Olho para uma máquina como para um bicho fenomenal, um ser monstruoso, temível, com que só domadores de grande coragem podem conviver. A todo o instante, enquanto me descrevem as suas funções complexas e a combinação dos seus aparelhos, parece-me vê-las desligar-se do solo e galopar para mim; acelera-se-me então no peito a vontade de fugir. As grandes máquinas causam-me uma impressão de pânico. Entretanto, os produtos fabricados por esses músculos de aço e unhas de ferro interessam-me extraordinariamente quando observados no próprio lugar da sua fabricação. Dir-se-ia que a máquina inventou aquilo e fez tudo sozinha, sem a cooperação da inteligência e da fadiga do homem. Quando os blocos de gelo, desprendendo-se das formas, resvalavam sobre o estrado inclinado, iluminando com as suas barras

de cristal a sombra da oficina, não consegui abafar um — bravo! — que deve ter sensibilizado a consciência... do aparelho!

Subindo em ascensores aos andares de cima, começou a nossa peregrinação por diversos climas da terra.

Ora, agora é que vamos saber o que é inverno! A nossa pele vinha afagada por um sol brando de maio, sol da manhã acariciante e que inundava de ouro as ruas da cidade. Chegáramos mesmo a pensar — pura ilusão — que essa manhã estava de uma temperatura ligeiramente arrepiadora, boa portanto para transições que seriam por isso menos bruscas.

Entramos afoitamente na primeira câmara frigorífica, três graus abaixo de zero, e logo um friozinho, delicioso por ser muito seco, nos deu a impressão de outros climas mais leves, em que apetece à gente andar, falar, trabalhar, gozar, sem relutâncias, sem esforço, sem preguiça! Oh! não ser todo o Rio de Janeiro uma câmara frigorífica, já não digo de três abaixo de zero, mas acima dele!

Nos vastos depósitos empilhavam-se em rumas laterais gigos de frutas europeias, uvas, castanhas, peras e maçãs, e estas, mais indiscretas e expansivas, faziam-se sentir no ambiente pelo seu aroma; e das traves do teto baixo, caiado ou pintado de branco, pendiam aqui e acolá estalactites, como único ornamento à simplicidade do imenso armazém.

Não nos bastaram os três graus abaixo de zero, quisemos sentir mais frio, um frio siberiano, que nos fizesse bater o queixo.

É bom experimentar coragens e saber de que resistências é capaz o nosso organismo... Pois até apreciamos os oito graus abaixo de zero; e se fugimos da última câmara, não sei a que temperatura frígida, não foi pela intensidade do seu frio, mas pelo cheiro ativo dos peixes que ali estavam depositados.

Quando saímos da última câmara, a temperatura deste nosso maio delicioso parecia-nos soprada de dentro de um forno... fizemos então uma ideia bem comparada do nosso inverno com um inverno em que se não sintam nem umidade nem calor! Se há terra em que a indústria do gelo deva ser apreciada e útil é a nossa.

Aperfeiçoada como ela já está pela importantíssima fábrica de Santa Luzia, basta que o comércio deste produto se desenvolva para que ele dê ainda à nossa civilização alguns requintes de gozo que lhe faltam. Não está longe o dia em que as nossas elegantes do Rio patinarão num verdadeiro *palais de glace* nas manhãs de maio e junho, deslizando nos patins de aço sobre o gelo duro. Dentro do circo toda a atmosfera será agradável, permitidora de agasalhos luxuosos e vestidos de lã... A patinação no gelo é deslizante, deliciosa, faz desabrochar rosas nas faces, desenvolve a flexibilidade do corpo e ativa a circulação do sangue. O nosso esnobismo não ficará satisfeito sem ver preenchida essa lacuna nos hábitos da nossa sociedade que se diverte... e diverte os outros.

As burguesas, boas donas de casa, carinhosas mães de família, terão também o seu espírito mais sossegado, sabendo que a carne que a sua cozinheira vai buscar ao açougue veio do matadouro em vagões frigoríficos, é conservada no açougue em câmaras frigoríficas, e não traz para casa os germens que o começo de decomposição desenvolve...

O gelo, feito com água três vezes destilada e purificada, não oferece perigo algum, e é um poderoso elemento de salvação para o povo. Nos Estados Unidos, dizem, podem faltar numa casa *elagères*, poltronas de repouso, piano ou louça fina, mas o que não falta nunca, absolutamente, é a geladeira em que se conservem as talhadas de queijo, o peixe ou os frios para o almoço e o jantar. E essa geladeira está sempre em atividade, quer faça calor ou não!

O uso do gelo aqui não está, infelizmente, generalizado. Nos arrabaldes onde toda a gente mora, não há gelo todo o ano à venda, e, quando o há, varia de preço, ora a um tostão, ora a dois, ora a três tostões o quilo. Para manter uma geladeira com, pelo menos, cinco ou seis quilos diários, uma família pobre teria de gastar com uma coisa que presume supérflua uns trinta ou quarenta mil-réis por mês. Suprime a verba e não pensa mais nisso.

Seria caso para a fábrica ter depósitos em todos os bairros, o que facilitaria a propaganda, pois que ela vende o gelo a quarenta réis o quilo.

Os estabelecimentos de floricultura, por seu lado, alcançaria[m] por meio de câmaras frias, perfeitamente realizáveis, exemplares de flores e frutas europeias. Tudo a ciência e a indústria podem modificar; o sabor e a qualidade dos alimentos, a temperatura dos quartos de dormir e das salas de jantar, onde principalmente o calor se torna importuno, o sossego do espírito, o bem-estar do corpo...

Nunca me passou pela cabeça que o gelo pudesse servir para tanta coisa!

Mais do que para tudo isso, disse-me alguém, menos fantasista e mais prático, ele pode prestar serviços a uma indústria que começa a desenvolver-se extraordinariamente no Brasil: a da fabricação de queijos e da manteiga.

A manteiga fresca de Minas e do Estado do Rio é já muito saborosa; mas, como toda a manteiga fresca, deteriora-se depressa se a não conservarem ininterruptamente sob a ação de um frio intenso.

Desde a primeira hora da sua fabricação, a manteiga deve, pois, ser envolvida por uma temperatura muito baixa.

Para isso, a fábrica carecerá naturalmente de câmaras frigoríficas, assim como de carros frigoríficos em que transporte para vários pontos a sua mercadoria. Bem como os vapores, as estradas de ferro deverão ter também câmaras frigoríficas para a condução desse gênero, que verdadeiramente só deve sair do gelo quando entrar em casa do consumidor!

Brrr! pobre manteiga!

Assim também é demais! Para que a não invejemos de todo, já nos é dado lograr a poucos minutos de casa, em uma visita interessante, um friozinho gostoso, civilizado, de oito graus abaixo de zero. Ainda não desespero de ver cair neve no Rio de Janeiro...

Abençoada civilização, concede-nos também o gozo desse espetáculo suave e encantador!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXII, n. 7913, p. 2, 03 jun. 1906.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/11653

REFLEXÕES DE UMA ESPOSA

“CADA VEZ QUE PEÇO DINHEIRO a meu marido e que ele acompanha o gesto de o tirar da algibeira com estas palavrinhas — Oh, já acabaste com todo o dinheiro que te dei ontem?! — sinto um calafrio subir-me dos calcanhares à nuca.

Devo corar porque ele modifica logo o tom em que o espanto envolve uma censura e sorri, magnânimo, pondo-me nos dedos trêmulos as notas requisitadas como se mas desse para comprar balas e bonecas! E o dinheiro, afinal, não é para mim, é para nós; é para ele, mais exigente que eu nos regalos da mesa... De humilhada que me sinto parece-me então que me contentaria com o mais humilde cantinho na terra e que despida de todos os luxos, roendo ervas cruas como os cabritos, eu me sentiria mais gloriosa, por mais independente do que nesta contingência de pedir, de precisar... Ele às vezes percebe a minha aflição, e vem em meu socorro; por seu gosto, bem sei, passaria um rio de dinheiro através da nossa casa, onde eu até poderia nadar, se me aprouvesse; mas... Ah! o *mas...* terrível! lá vêm as explicações já tão minhas familiares!

As despesas aumentam... os recursos escasseiam... os clientes têm-se reduzido; toda gente goza de uma saúde de ferro e os outros... não pagam... ou pagam mal...

É bom conhecer a situação... evitar desperdícios... que eu abra os olhos... a minha boa fé... a minha bondade... os criados abusam... enfim, enquanto ele tiver saúde e forças... mas devo auxiliá-lo... economizar, economizar! Ele mata-se! Esta cantiga é dita com sorrisinho que adoça a admoestação amigável. Encolho-me. Devo parecer-lhe um caracol na casca: até o cabelo se me torna sensível.

O abominável nó na garganta não me deixa falar, explicar as coisas como elas são... Ele tira o dinheiro do bolso, com ar soberano, e eu estendo a mão, como uma mendiga. É esta a minha impressão. E logo ele pergunta com voz clara, vibrante, contando as cédulas: quarenta... cinquenta... cem... chega?! A voz não sei em que escaninho do peito se me esconde; balbucio sem convicção: “Sim... pode ser...” — Vê lá! previne ele ainda, e eu, morta por sair da situação, fujo! Ele sai. Corro para o meu livro de contas, o meu caos, o meu inferno, a minha confusão! O dinheiro não chega. Verifico. Não chega! E agora?! Reajo contra a minha imbecilidade, decido esclarecer a situação, provar ao senhor meu marido que as despesas são feitas por amor dele. Cá por mim, na minha qualidade de caracol, dispenso vinhos, iguarias caras e, embora com um bocadinho de sacrifício, até os teatros.

Só não posso dispensar a casa... nem tampouco a roupa. Era o que faltava! Mas afinal, e isto é que eu desejaria que ele compreendesse: haverá no mundo mulher que despenda tão pouco em *toilettes*, como eu?! Chego a evitar sair... agora, por exemplo, não tenho, a bem dizer, um único vestido... o cor de rosa? hum... é muito espalhafatoso... O preto? sim, o preto não é mau... mas já o azul está pouco a meu gosto, e o verde não me vai bem. Talvez o branco seja o mais *chic*... não; o mais *chic* é o cinzento, apesar de dizerem que me vai melhor o *marron*!

Uma desgraça! Mas já agora é aguentar por mais duas semanas, até que chegue a bolada do princípio do mês.

Outra mulher não esperaria; que lhe importava! que viesse a conta da modista... Eu não posso poupar mais do que poupo!

Acho muita graça quando me dizem, arregalando os olhos, como para me meterem à cara uma felicidade superior aos meus merecimentos:

— Seu marido é muito bom; não lhe falta com coisa alguma! Boa mesa... criadas... casa... vestidos...

Recolho-me ao fundo da minha consciência e indago:

— Bastará? A felicidade será feita só desse bem-estar material que pensa toda a gente não me custar nenhum sacrifício? O coração, contentar-se-á com isso? Chego a duvidar, às vezes, da minha razão e a adquirir a certeza de que a consciência do meu marido está absolutamente tranquila, nesse sentido, a meu respeito. Como os outros, ele diz de si para si: “Ela é feliz; não lhe falta nada...” e essa ideia autoriza-o a um ou outro devaneio que, sem que ele talvez o perceba, o vai afastando de mim...

Sou uma boneca de carne e osso; não sou mais nada. A minha dependência é o motivo da felicidade que todos celebram ao redor de mim, como se fora favor dar um marido à sua mulher, casa, mesa e vestuário... A minha pena é pensar estas coisas e não saber dizê-las, para fazê-lo compreender a minha alma. Suponho que os homens cuidam que as mulheres têm isso só quando são mães, e eu não tenho a fortuna de o ser... O marido não precisa nem deseja que a esposa lhe diga senão a palavra da ocasião. Pede uma resposta. Está servido.

Só para o filho a mulher pode falar em termos que atinjam o futuro ou revolvam o passado; só para ele o seu pensamento tem história! Se eu tivesse um filho, deixaria de ser a boneca de carne e osso, para ser a mulher! Daí, quem sabe? talvez seja a mesma coisa, e os mais velhos casais e mais ternos ainda se olhem, apesar da comunhão dos filhos, algumas vezes como estranhos... Por mim, sinto-me, apesar do meu esforço, ainda incompreendida! Quando me debruço sobre o ombro de meu marido, para seguir-lhe a leitura, percebo no gesto suave com que ele afasta o livro dos meus olhos esta significação:

— Tu não entendes disto... vai-te embora!

Eu retomo o meu lugar, um tanto envergonhada da ousadia, e ele segue sozinho nessas altas regiões do espírito que me são vedadas. O meu plano é outro, cá embaixo, e arrojam-me para ele com tão repetidos impulsos, que começa a magoar-me.

Ah! o lar! a sagração da mulher... Entretanto o homem, pelo menos meu marido... meu pai também... imiscuem-se tanto na ordem da casa, que a gente tem vontade de cruzar os braços e deixá-los operar sozinhos! Afinal, quem faz, refaz, dá gostos, impõe vontades, não somos nós, pelo menos eu, mera conservadora... Tudo é ele! Tudo! a casa é o mundo que está aos seus pés, obediente ao seu gesto; abrem-se as portas a quem ele quer, fecham-se a quem lhe convém... A minha virtude deve consistir em ser de fácil persuasão. Meu marido quer, meu marido não quer, e acabou-se! Entretanto, as nossas opiniões são desencontradas; mas, pela minha submissão, concordamos infalivelmente! Ele nem dá pelo sacrifício; dir-se-ia que a rua por onde anda não tem outro calçamento!

É que o sacrifício da mulher é mudo, tanto quanto o do marido, barulhento. Com que expansões, não só o meu, mas todos eles, falam da necessidade de trabalhar para sustentar tantas bocas, pagar mais isto e mais aquilo, para conforto e alegria da família que cada um deles constituiu! A gente até fica vexada... ser carga é uma coisa bem triste!... Fardo... boneca de carne e osso, em resumo, parece-me que não me tomam por outra coisa...

Ai! que me esqueci de mandar a cartola ao chapeleiro! Ele vai ficar zangado... Espera... digo-lhe que já a mandei... e mando-a amanhã cedinho... Que memória a minha! O que vale é que ele não precisa da cartola para amanhã, mas se eu confessar que me esqueci, é capaz de afirmar que precisa dela até para hoje, e o diabo é que tenho de convencer-me dessa necessidade e isso nem sempre é fácil! Se me não convenço, ele irrita-se... sempre é melhor um fingimentozinho, de mais a mais tão inocente!... Outras mentem... e nem por isso os maridos as amam menos. Mas, afinal, de quem é a culpa? deles! Se não gritassem, se tudo quanto fizéssemos considerassem sempre bem feito, que necessidade teríamos de dizer uma coisa por outra? Nenhuma.

É tão tarde e ele ainda não veio! sabe Deus onde estará a estas horas!... antigamente, quando eu me queixava da demora ele ainda se desculpava: que tinha ido encomendar flores para mim na Casa Flora, ou cartões postais na Casa Victor... Era uma volta! Hoje parece mais prático: desculpa-se com os negócios! Cada vez mais negócios a roubar-me o marido e menos dinheiro a entrar em casa! E, por dispensável, nem ao menos a consolação das flores e dos cartões postais. O meu dever de boa esposa é de calar-me muito bem caladinha e lamentar ainda por cima a dureza desta vida que obriga o meu pobre marido a um trabalho tão absorvente e tão árduo! Para o sossego dele é preciso que eu dissimule. Na verdade a dissimulação é um bom tapete para os maus caminhos, mas estendê-lo cansa e aborrece. O culpado é o mundo, que não nos dá outro remédio! Bem disse minha mãe, muito significativamente, no dia em que fui pedida:

— A felicidade, filha, está em acreditar, acreditar absolutamente no marido.

Pobre mamãe, e eu que a supunha feliz!...”

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

(Para o livro *Eles e Elas*.)

O Paiz, ano XXII, n. 7920, p. 1, 10 jun. 1906.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/11710

A MENINA DAS ANDORINHAS

(Lenda brasileira)

MANHÃ CLARA, DE CÉU AZUL FERRETE, nos arredores do arraial de Cabo Frio. O mar, irradiando em nuances fortes do anil e do verdete, enrugase apenas na superfície por um soprozinho da aragem quase imperceptível. O ar cheira a salsugem. No estendal muito branco e muito fofo da areia, uma cabana denegrida, de telhado de sapé, lembra um triste animal exótico e lanudo adormecido num deserto de luar...

A dois passos da porta aberta, está encalhada na areia a velha canoa de tábuas sem pintura, afeita às grandes tormentas e às doces bonanças das marés.

De um lado, pedra e areia; do outro, até onde a vista alcance, céu e mar; e, no meio daquela vasta solidão luminosa uma vozinha de criança irrompendo da cabana numa cantiguinha suave de pescador.

Era o adeus da despedida. As crianças despedem-se cantando. A novidade da mudança alvoroça-lhes a alegria do coração. Não sabem o que é ter saudades. Não tiveram tempo de se afeiçoar às coisas inanimadas, tão expressivas no seu silêncio! Paredes velhas, ripas nuas de pau nodoso, cantos de lareira encarvoadas pelo fogo amigo, só têm sentido para a gente que sofreu e amou em sua companhia. Por isso, enquanto a pequenita canta, divertida e sobressaltada, a mãe enxuga à manga de chita do seu casaco as lágrimas que lhe borbulham nos olhos negros e fundos.

A filha canta porque, já lhe disse o pai, parte para o outro ponto do arraial, distante, onde há muitas cabanas, muitas crianças e uma moça bondosa que ensina as meninas a ler e a costurar. Já para lá tinham ido as esteiras, o baú de folha e o caldeirão da peixada... Nessa mesma noite iria dormir noutra cabana

nova, de onde ouviria outras vozes mais alegres que as do vento e das ondas bravas. Estranhava as atitudes da mãe, olhando demoradamente, ternamente, para os caibros do teto sombrio e para o chão batido e nu. Num momento, sem poder conter-se, interrompeu a modinha e perguntou:

— Você está procurando alguma coisa, mamãe?

— Não... filhinha... Canta!

De que valia dizer! A pequena não a entenderia, nem ela mesma podia compreender que ideia era aquela de andar com os olhos buscando nos caibros do teto o lugar exato em que passara o nó da corda para o terço dos filhos, nem no chão o sinal dos seus pezinhos nus. Filhos que lhe tinham nascido e morrido entre aquelas pobres paredes, por onde em noites de tempestade o vento entrava silvando sem pedir licença! Parecia-lhe uma ingratidão abandonar o seu cantinho humilde, único que os seus pobres filhinhos tinham conhecido no mundo. Supunha que as suas alminhas vinham ter com ela, alta noite, que entravam pelos buracos conhecidos das paredes e se estendiam amorosamente sobre o seu corpo, extenuado de saudade e de fadiga.

E agora?

Quando as pobres alminhas viessem, quem as acolheria? O silêncio... a treva... o nada! Elas não sabiam dos caminhos por onde ir ter com a sua saudade. Achá-la-iam ingrata, julgar-se-iam esquecidas, quando viessem alta noite aquecer-se ao calor do seu seio e não encontrassem ninguém... Se ela ao menos soubesse escrever, escreveria em cada barroto, em cada esteio, com o seu próprio sangue a indicação da nova morada. Nem lhe ocorria que eles tinham morrido sem saber soletrar...

Se a filha não estivesse ali, com aqueles lindos olhos azuis pasmados para ela, beijaria o próprio chão e os portais dessa cabana que toda gemia quando o vento a abalava e se esfarelava na podridão dos paus expostos às intempéries. Dos três filhos só lhe restava essa linda Maria, dócil e alegre, de olhos cor das ondas e cabelos finos, cor do sol.

Por isso lhe pusera o nome de Maria da Consolação.

Já não faltava nada para a partida.

O companheiro entrava esbaforido de fora, gritando que se aviassem! Ia pôr a canoa n'água. Demorara-se a saldar as contas na vendinha, dois quilômetros para o interior, e agora, chegando à praia, sondando o horizonte largo, temia qualquer sombrinha ao longe que ainda não era negra, mas já não era azul.

Nada faltava para a arrumação, mas a mulher não cessava de indagar pelas contas, demorando a partida, até que o braço forte do homem a atirou para dentro da canoa, onde, muito risonha, a linda Consolação cantou mais alto, com maior alegria. O pescador entregou um remo à mulher, brutalmente.

— É preciso ajudar... quanto mais depressa melhor; o mar não está de confiança...

Com as lágrimas a correrem-lhe pela cara, a mulher pegou no remo. O pescador tinha o rosto enevoadado e contraído.

As ondas, que até [h]já pouco se haviam desfeito em espuma clara e leve, sem ruído, numa orla de renda fina, vinham agora mais cheias, quebrar-se na praia com suavidades precursoras de borrasca. A superfície das águas já não dava apenas a impressão do arrepio, que a enrugava num ondeado sutil de sedas achamalotadas. Agora tingia-se aqui e além de tons cinzentos, torvos e quebrava-se em pedaços fundos de que irrompiam retalhinhos de escumilhas e penugens brancas.

Consolação, com a boneca de trapos unida ao peito magrinho, ria alto a cada arranco em que a canoa velha galgava o dorso da onda crespada. A mudança do tempo fora repentina. A mãe, com a vista na cabana solitária que diminuía na distância, remava muito calada e pensativa. O pai, com o seu largo rosto de bronze impenetrável, golpeava a água a remadas fundas, que impeliam a embarcação para diante.

Ela lembrava-se que fora fugida para aquela choupana, tentada pelo pecado; e que por amor do homem com quem vivia tinha abandonado na miséria pai e mãe... Ele tinha também na sua história uma sombra de remorso, que lhe crescia de vez em quando no peito e o arrastava para uma grande e silenciosa tristeza...

Dessas duas criaturas arrependidas e dolorosas surgira essa inocente criança, toda riso e carícias.

Tinham, com aquele mar, umas duas horas diante de si, antes que pudessem alcançar o ponto oposto da praia, onde iam começar vida nova. Para alcançar esse ponto da praia teriam de cortar caminho entre os rochedos, lá embaixo.

Com muito mar a travessia ali era perigosa, mas ele saberia segurar o remo. Se pudesse, amarraria à sua cinta a trêfega Consolação, que ora se debruçava para molhar os dedinhos n'água, ora cantava para acalantar a sua adorada bruxa...

Na garganta dos rochedos, as águas moviam-se numa corrente impetuosa, e ali, se alguém caísse no mar... era uma vez!

Já no esbranquiçado da praia, ao longe, se perdia o pontinho negro da cabana abandonada. O vento zuniu do sudoeste; não se sabe com que segredos e ameaças, que fizeram levantar a cabeça de bronze do pescador numa atitude de desafio.

Era tarde para retroceder. Seria o que Deus quisesse!

— Rema, mulher!

Ela redobrou de esforços, compreendendo o perigo e querendo evitá-lo, pela sua adorada filhinha. Consolação calara-se, como para escutar as coisas desconhecidas, mistérios sagrados da profundidade do mar. Os seus olhinhos azuis enchiam-se de claridades sonhadoras, as mãozinhas apertavam instintivamente ao seio a sua boneca de panos velhos, já encardidos. Não fosse cair naquela braveza do mar!

Agora os três iam mudos. A mãe já não tinha firmeza; doíam-lhe os pulsos, tremiam-lhe os membros fatigados. O vento trazia-lhe o cabelo para o rosto e agitava-lhe o casaco de chita no busto magro. O pai resistia imperturbável à ventania, movendo os braços em gestos regulares e fortes.

A maré enchia. As ondas engrossavam, precipitando-se uma após outras. Desencadeava-se a ressaca, sem se saber por quê!

Foi então um pavor nas suas almas silenciosas. As bocas, apertadas numa constrição amarga, não deixavam passar nem um suspiro, mas os olhos de ambos abriram-se assustados e ternos para a cabecinha luminosa da Consolação, e uma só súplica lhes irrompeu do coração no pensamento livre:

— Senhor! Ela não tem culpa... levai-a ao porto de salvação!

Subitamente o rosto de bronze do pescador arrepanhou-se numa crisão de horror: os dois rochedos desenhavam-se já perto, na doçura da luz; um agudo, outro cortado a poucos metros de altura numa bacia redonda, abrigadora das ninhadas selvagens de aves marinhas. Os vultos negros iam crescendo, crescendo, destacando-se poderosos dos lençóis revolvidos da espumarada que os circundava.

— Segura-te bem, Consolação!

Consolação disse que sim meneando a sua linda cabecinha loura, e olhou assustada para a mãe que, muito pálida, ao embate de uma onda e ao repuxão de outra, deixara escapar o remo das mãos já dormentes e enfraquecidas. O pai soltou uma praga; furioso, como se um fogo interior lhe trespassasse a pele cobreada de fogachos lívidos! Arrastada pela correnteza a canoa entrou vertiginosamente na espumarada que a envolveu logo num enorme redemoinho de leite efervescente.

No meio daquela brancura, Consolação divisou bem o vulto da mãe, sombrio, curvado para a onda que lhe roubara o remo. A canoa pôs-se em pé, tornou a descer, veio um jato de água flocoso que lhe interceptou a vista; quando tornou a poder ver, a mãe tinha desaparecido: — Mamãe!

Não disse mais nada; o pai agarrou-a com dedos de ferro e suspendeu-a bem alto, tentando a cada embate da embarcação, desgovernada e sacudida, pô-la sobre o rochedo para onde as ondas o atiravam e de onde o repeliam violentamente. O braço musculoso adquirira uma rijeza de aço, mas a canoa dançava no encachoeirado das águas apertadas, sem que ele conseguisse depor, como uma rosa num altar, a sua filhinha no rochedo salvador. O peito arfava-lhe, os pés sentiam a canoa torturada desmanchar-se a cada repelão, até que, num impulso mais forte, atirou a pequenita exânime sobre as pedras e deixou-se cair no mar profundo, exausto, entre os destroços da canoa engolida na voragem!

Como por milagre, o céu nesse instante vestiu de azul e o mar se tornou num espelho. À pequena distância, na praia, velhos pescadores viram isto, com os seus olhos carnaís que a terra ou a água há de consumir: do cimo do rochedo irrompeu um grande bando de andorinhas, elevando ao céu o corpezinho branco de uma criança nua.

Benzeram-se os homens rudes e mais que depressa navegaram para a rocha negra a verificar o caso estranho. Lá chegados, nada mais encontraram que a humilde camisinha e o vestido de chita da meiga Consolação!

Passou de boca em boca esta história singular, e ainda hoje nenhum pescador que navegue para aquelas bandas deixa de descobrir-se respeitosamente ao passar junto ao rochedo da — Menina das Andorinhas.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXII, n. 7927, p. 1, 17 jun. 1906.
http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/11768

LEGÍTIMA

*“Vão-se as brumas do sul...
Agora é o tempo das manhãs bizarras,
De muito sol, de muita luz
E do estrídulo canto das cigarras.”*

MÁRIO PEDERNEIRAS

COMO VEEM, NÃO SOU SOZINHA a cantar o tempo das cigarras e das flores de flamboyants, essa louca estação luminosa, em que o perfume inconfundível e delicado das mangas maduras vaga no ar quente dos jardins e dos pomares. Para Mário Pederneiras, como para mim, esses dias são os mais deslumbrantes do nosso calendário, os mais coloridos, os das noites mais enlustradas e das mais límpidas manhãs. Nos seus lindos versos, como eu na minha prosa humilde, contentamo-nos, por ofuscamento ou não sei por quê, em achá-los brilhantes, sem juntarmos, a bem da verdade e do naturalismo, que eles matam de insolação os transeuntes, os fazem suar em bica os infelizes moradores desta nobre cidade do Rio de Janeiro.

Carmen Dolores, a brilhante colaboradora e cronista do *Paiz*, cuja pena forte e independente sabe todos os segredos de ofício e tem tal energia, que por muito tempo a julguei manejada por qualquer dos nossos melhores escritores, escrevendo com amabilidade e gentileza cativantes, sobre o meu último livro — *Donas e Donzelas* — considera um louvor que aí teço a dezembro como uma cortesia lisonjeira, quem sabe mesmo se adúladora? ao Brasil, em que de algum modo parece considerar-me hóspede.

Não o sou. Não é o ter nascido no Brasil, no Rio de Janeiro, acolá na rua do Lavradio, que me faz a mim ser brasileira legítima; mas sim o amor que tenho a esta grande terra, o bem que lhe desejo e as provas que lhe tenho dado do meu

carinho e do meu interesse. Os meus romances, os meus livros de escola, os meus livros do lar, procuram, uns, refletir com máxima, com absoluta sinceridade os costumes brasileiros, e outros, cantar as nossas virtudes e corrigir, na fraca medida das minhas aptidões, os nossos defeitos. É esta pelo menos a minha intenção.

Tendo percorrido mais de uma vez os principais países da Europa, não tenho (ressalvando dois contos, com impressões de Espanha um e de Inglaterra o outro) um único livro que não procure ser a expressão da vida brasileira, que não seja *vivido* aqui desde as primeiras linhas até ao ponto final. Por quê? Não sei; não houve nisso propósito. O que me interessa, o que me seduz a imaginação está sob este nosso céu inclemente e amado, sobre esta terra beijada pelo sol, que alguns procuram restringir a um acanhado número de eleitos, mas que ainda tem campo para muitas afeições!

Sei que não há glória nenhuma em se ser brasileira, visto que nem todos os nossos patrícios são ilustres. A minha cozinheira é brasileira e é brasileiro o soldado que foi preso a noite passada num botequim da Gamboa, por ter assassinado um indigente. Mas, que querem? Não me resigno a ser empurrada, embora com meiguice, para fora desta nacionalidade que é minha, que eu amo e que eu defendo!

Ah, os brasileiros *pur-sang*, a que alude a distintíssima escritora, não têm nada, mas nada a agradecer-me.

Embora não queiram, sou de casa. De resto, francamente, dos brasileiros — *pur-sang* só conheço, e assim mesmo de vista, os que a senhora professora Daltro recebeu do sertão e que passearam por aí pelas ruas da cidade de paletozinho preto e chapéu de castor.

Remota ou proximamente, todos os brasileiros têm a sua ascendência na Europa. Eu sinto-me feliz pela minha. Descendo de um povo forte, que fala a mesma língua da minha terra e do qual as mais formosas tradições fazem bater de orgulho o coração.

Mas, por descender de portugueses, não sou portuguesa. Imagine-se que todos os filhos de estrangeiros eram considerados... brasileiros extranumerários, gente de cerimônia... O Dr. Rodrigues Alves, filho de pais portugueses, desceria apressadamente a escadaria do palácio presidencial; o Dr. Lauro Müller, igualmente constrangido, não sentiria liberdade para agir; o grande cirurgião e ilustre mestre Dr. Chapot Prevost não seria uma glória positivamente nossa, e os irmãos Artur e Aluísio Azevedo, nascidos, como eu, de pais portugueses, com a agravante de terem, segundo creio, visto a luz do dia num consulado, abdicariam dos seus títulos de escritores nacionais. Ficaríamos todos, eles e eu, e outros tantíssimos, como nós, na falsa posição de pessoas de fora, pessoas obsequiadas, às quais não fosse dada intervenção alguma, sentando-nos à roda da sala só para apreciar! Tantos braços, tantas vontades, tantas dedicações, tantos sacrifícios, não fariam falta?

Já um ilustre crítico, muito considerado e muito lido, me mandou um dia de presente a Portugal. Eu não fui; não porque não goste do país, que acho lindo, mas porque não quis sair da terra onde o acaso me fez nascer e onde o meu coração lançou raízes fundas. Agora Carmen Dolores, com o seu sorriso gracioso, a sua mão fidalga, corteja-me em nome das brasileiras *pur-sang*, agradecendo uma lisonja feita, para me tornar agradável ao Brasil, pelo meu coração, *lusitano pelo sangue e pela aliança*.

Ainda desta vez eu ficaria calada; mas, querendo agradecer a Carmen Dolores os seus conceitos generosos sobre o meu livro, aproveito o ensejo para esclarecer bem esta questão, antes que me tornem a oferecer a Portugal. Ele seria bem capaz de me aceitar, embora possua outras escritoras de muito maior mérito, como a minha amiga e mestra D. Maria Amália Vaz de Carvalho, como a senhora Michaelis, de reputação europeia, e algumas outras. O Brasil não perderia nada; Portugal tampouco ganharia, mas no meio de tudo isso haveria um coração magoado e uma consciência atônita: — a minha. Não quero.

Sou brasileira, melhor do que muitas brasileiras *pur-sang* que não tenham jamais trabalhado em favor desta terra. Nunca escrevi uma linha para adular um país que é meu, que o meu dever manda acusar todas as vezes que o sinto em erro, e o meu coração enaltecer, se o vejo praticar uma ação justa e nobre.

Tivesse eu nascido na Índia, na Sibéria ou em outro qualquer ponto do globo e para aqui tivesse vindo ainda pequenina, e aqui tivesse aberto os olhos às maravilhas da nossa natureza, e aqui se tivesse formado o meu espírito, e aqui me tivesse esforçado em produzir livros em que os costumes do país se reproduzissem, seria ainda assim tanto ou mais brasileira do que a nacional que em nada cooperasse para o adiantamento moral do seu país.

A meu ver, Rodolfo Bernardelli é mais brasileiro do que a maior parte dos brasileiros natos, que tiram tudo que podem da Pátria e nada lhe oferecem. Ele dá ao Brasil o melhor da sua vida, dá-lhe o seu talento, a sua glória, uma fulguração de arte poderosíssima.

Que importa que nos corra nas veias sangue mongólico ou europeu, caboclo ou africano?

Se como artista sou brasileira, considerem-me, para todas as liberdades dos meus conceitos e apreciações, brasileira, ou fujo!

Pelo sangue sim, sou¹⁹ lusitana, não digo o mesmo pela aliança. Não basta ter nascido numa terra para a preferir a todas; é preciso ter vivido nela, ter-se nela tido o grande batismo humano do sofrimento e da ventura, para então a amar sobre todas as outras. Meu marido veio para o Brasil aos dez anos; o Brasil é ainda a sua meninice, a sua adolescência, a sua mocidade, a pátria em que floriram os seus primeiros amores, onde lutou, porque sofreu, que ama e que prefere. Não é brasileiro por uma circunstância fortuita, que tanto o poderia fazer nascer aqui como no Japão; é-o porque quer, pela livre escolha da sua vontade, o que é mais lisonjeiro para nós.

¹⁹ N. da E.: No jornal, está "sem lusitana". Corrigimos: "sou lusitana".

Eu não escreveria estas linhas, se não tivesse amor à minha nacionalidade ou se gostasse das situações dúbias. Ser ou não ser, só para o Hamlet. Para um escritor em atividade não serve tal situação. Que fique em tudo isto bem patente que, se não aceito o título de portuguesa, não é porque o julgue menos lisonjeiro, mas menos verdadeiro; é porque ele me tiraria a independência de que careço, que adoro e de que não renego.

Tudo isto a propósito do mês ardente e azul em que se desafogam dentre as ramagens delicadas os florões rubros dos flamboyants! Que querem? Sou como as cigarras, gosto da luz!

Não sou eu só: leia Carmen Dolores os encantadores versos de Mário Pederneiras e encontrará neles, mais bem expressado do que encontrou na murcha página do meu livro, o mesmo deslumbramento ante essa hora ardente e magnificamente colorida do ano, que

"A Terra e os Céus esmalta."

e em que:

*É tão lindo este pedaço
De terra simples e consoladora,
Com sua doce claridade loura
E a sua rija atmosfera de aço.*

Indicando-lhe a leitura da — *Histórias do meu casal* — afirmo-lhe as expressões da minha gratidão, que não levo pessoalmente, como já uma vez fiz, mas que ficam melhor consignadas nas horas lindas dessa leitura enternecedora.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXII, n. 7934, p. 1, 24 jun. 1906.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/11826

TERRAS DE PORTUGAL

VIAJAM OS HOMENS; não constava até agora a ninguém que os países também viajassem. Pois o Sr. José Malhoa lembrou-se num dia feliz de pôr a bordo o seu lindo Portugal e trouxe-o ao Brasil. Ele aí está, para verificarmos que não é o velhinho que dizem, cujas mãos enrugadas e trêmulas já não têm forças para erguer bem alto o pendão das três quinas ou a sua durindana formidável. Vem bem diverso do que se podia supor, não traz o gibão surrado do fidalgo empobrecido e saudoso de eras gloriosas que se não podem renovar; nem se apoia ao clássico bordão de peregrino sem rumo; nem deixa que as barbas brancas cubram de frias flutuações de neve as insígnias do peito côncavo, desabado sobre o coração.

Vêde-o: é moço, é forte, é lépido e é amoroso; tem na pele e nos olhos fulgores arábicos, o gesto é largo, o passo é firme, o riso claro; tem vinte anos. Ama!

Velhice quer dizer: indiferença. Só a mocidade sente; e o Portugal que estamos vendo é todo riso e lágrimas, as mais violentas expressões do sentimento.

Olhai para as paisagens sempre moças dos seus campos esmaltados, cheios de tonalidades claras, transparentes, em que a luz se mostra inquieta e deslumbrante. Há quatro, há seis, há oito séculos, as suas flores não teriam um colorido mais violento nem os seus cereais produziram mais grãos, nem as suas arvólas e tentilhões cantariam melhor.

E para quem haviam de nascer as flores e cantar as aves, se os homens ambiciosos e guerreiros não lhes prestariam atenção!

Olhai para as suas cachopas de olhos aveludados e pele quente, enroupadas, como as papoulas, de encarnado, e afogueadas como um dia de

verão; vede a valentia daqueles campônios pesados, pobres e rijos, cavando a terra, dançando nas romarias, enfeixando de alegrias as suas penas e cuidados; lenços amarelos, cintas encarnadas, girândolas de foguetes, rendas brancas, uma sobrepeliz, dia azul e vinho verde espantam-lhe os aborrecimentos e transformam-lhe as imprecações num fado.

Quem vir no teatro: — *Os velhos* — de D. João da Câmara, no mármore os velhos de Teixeira Lopes e na tela a adorável *Ti Anna*, de José Malhoa, compenetrar-se-á de uma linda verdade: é que a velhice é encantadora!

Para quem sabe ver, não há idades feias nem paisagens sem interesse. Campos brejosos, telhados denegridos, serranias azuis ou linhas brancas de praia, ângulos de rua ou de muro esborcinado, tudo tem alma, tudo pode ter história, que a luz explica e os espíritos eleitos compreendem. Com o decorrer das horas [parece] que as próprias pedras mudam... de ideias! Vede-as de manhã, cobertas pela trepidação das asas, refrescadas pelo relento da madrugada, vede-as nuas, escaldando ao sol do meio-dia; vede-as ao anoitecer, todas recolhidas na sua meditação...

Nos quadros de José Malhoa até as pedras falam. Há-as por aí espalhadas em colinas agrestes, de vegetação rasteira, beirando os pinheirais escuros penetrados pela saudade da luz que foge... Mas o seu temperamento não se coaduna com a melancolia, até quando pinta uma dor profunda e irremediável ele é alegre! Vede esse luminoso quadro *O viático na aldeia* — soluço humano, vestido de sol e de flores! Tudo resplandece ali: o saibro branco da estrada, as vestes do padre e do sacristão, as saias das aldeãs espedaçadas pelo choro...

Faz bem o pintor em buscar os seus modelos e os seus assuntos na simplicidade da vida rústica.

O verdadeiro caráter dos países velhos está no campo, em que permanecem ainda certas tradições que a cidade perde ou banaliza. Os salões dos fidalgos confundem-se hoje com os dos burgueses. Mulheres decotadas são iguais em todas as sociedades, e homens de casaca são os abutres do pitoresco...

em arte. Entre um vestido de cetim, que tanto podia ter sido feito em Paris como em Petersburgo, em Washington como no Rio de Janeiro, mais vale um saiote de baeta rubra ou lenço franjado de uma camponesa sem dote. É pelo menos muito mais expressivo.

Afinal, os enredos da vida são os mesmos. Ao que se chama flirt num encanto de estufa, entre as palmas verdes de plantas tropicais, artificialmente conservadas, chama-se na romaria ao pleno ar livre da estrada: derriço[;] mudam os nomes às coisas, o aspecto dos personagens é outro, mas se os olhos pudessem penetrar até bem ao fundo dos corações, talvez não lhes achassem grandes diferenças. Somente, a felicidade ou o desgosto do camponês são mais fáceis de ser surpreendidos. Eles não conhecem a arte da dissimulação, essa máscara invisível e mais pesada que o ferro.

São espontâneos, simples; as suas próprias manhas e espertezas sobem-lhes à flor da pele quando melhor pensam escondê-las. E não se diga que na sua rudeza e na sua ignorância eles não sintam vibrar-lhes na alma toda a escala dos mais variados e dos mais complexos sentimentos.

Não saber sentir é uma coisa, não saber definir é outra. A saudade que punge sem alarido, a saudade que silenciosamente cava no peito a cova da sepultura, está absolutamente dentro desse — Viúvo! — sentado nos degraus toscos da sua casa desertada. Ele não pode estar lá dentro, onde tudo lhe fala da companheira extinta; veio então para o lado de fora, como um cão de guarda do seu passado, olhar para a vida dos outros... Nos fiapos da roupa, que o uso puiu e acetinou, sente-se-lhe a falta da mão ágil da mulher, consertadeira e cuidadosa. A psicologia daquela alma velha casa-se à avidez da pedra nua e ao pequeno trecho de rua estéril, sem vegetação.

Desde o entusiasmo das gaivotinhas alegres, saltando vivas na cerca ao trem que passa, e dos pensamentos de amor boiando nas pupilas negras das raparigas, até a calma da velhice já sem zumbidos de imaginação, quantos dramas palpitam nos lindos quadros de José Malhoa!

Árvores e homens foram penetrados carinhosamente pela observação intensa deste pintor infatigável, tão apaixonado da sua terra e da sua arte.

Persuadida de que a variedade de modelos, de estilos, de faturas e de ideais quando executados por mão de mestre é útil a todos os artistas estudiosos, parece-me que esta exposição exercerá influência nos espíritos dos pintores moços do Rio de Janeiro, e isso seria já razão para a agradecermos vivamente.

Por mim, registro nestas linhas descoloridas as horas de comoção e de deleite que ela me proporcionou. Quisesse o destino que este pintor tão amoroso e tão forte assentasse por algum tempo a sua tenda de trabalho no Rio de Janeiro, nem precisaria sair daqui, para poder levar em notas dispersas um pouco da harmonia brasileira quando voltasse para o seu país.

Como isso não pode ser, que nos fiquem ao menos todos os seus quadros e permanecerá entre nós uma bela parte da sua vida.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXII, n. 7948, p. 1, 08 jul. 1906.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/11930

ARTISTAS

AÍ ESTÁ UMA NOITE em que pensei que o teatro Lírico se enchesse, a noite da *Cavalière*, de Jacques Richepin, não tanto pela curiosidade da peça, como pela curiosidade do autor, representante da individualidade original, fortemente acentuada, de outro escritor francês, de quem herdou talento e nome.

Não me parecia esquisito supor que toda a mocidade intelectual da nossa cidade fosse aplaudir, no filho do romancista da *La Glu* e do poeta bizarro e inconfundível das *Blasphèmes* e das *Chansons des Gueux*, não só o dramaturgo moço, fadado naturalmente, como o pai, às mesmas admirações, como o representante de uma literatura em que muito temos aprendido e cujo conhecimento nos desvanece... Porque não é mentira nenhuma o afirmar que, desde que o brasileiro começa a interessar-se por livros, é para a literatura francesa que apela. Numa biblioteca brasileira poderão faltar, aí de nós, livros nacionais... não faltam certamente os franceses. As próprias peças que vêm nos repertórios das companhias como novidades, pode-se ter a certeza de que, se foram impressas, foram lidas no Rio de Janeiro, que se habilita assim a apreciá-las melhor, ao vê-las depois exibidas em cena, embora não buscasse a sua leitura com esse intuito, mas só por curiosidade intelectual. Estas reflexões, que toda a gente achará justas, faziam-me crer, a caminho do teatro, que encontraria por lá um zumbido alegre de entusiasmo, esse frêmito comunicativo das enchentes, que esperta os ânimos mais indiferentes.

Não desejava por certo ver despencarem-se lá de cima, dos quarenta e um graus, da galeria, chapéus, capas, homens, nem paletós, mas esperava ver uma saudação comovida estrugindo nas palmas de centenares de mãos fortes e moças, ao moço representante da velha e inesgotável literatura da França.

Há na vida das cidades, como na das criaturas, certas inconseqüências extravagantes, que as fazem às vezes parecer absolutamente opostas àquilo que em realidade são. O teatro estava frio.

Não é tarde... Em todo caso, o poeta Jacques Richepin teria sentido na voz moça, que insistentemente o chamou à cena do alto da galeria nessa noite, não só o sentimento de uma justa homenagem pelos seus brilhantes versos, tão brilhantemente declamados por sua esposa, a graciosa Cora Laparcerie, como um preito, não menos comovedor, às tradições literárias da sua pátria e da sua família.

O Rio de Janeiro tem bem com quem dividir as suas palmas. O feliz mal tira a casaca, precisa logo reenvergá-la...

A estação regurgita de gozos finos, um tanto precipitados, o que de algum modo os estraga.

Ainda a gente soluça, comovida pela expressão dessa extraordinária Suzana Desprès, fadada ao mais glorioso lugar do palco francês, no seu lindo papel de Nara, e já a tem de ver sob a pele de outra personagem, igualmente emocionadora! Não temos tempo de saborear as nossas impressões; somos sacudidos, como caniços pelo vento, de uma para outra admiração.

Misericórdia!

Nestes dias do ano o fluminense goza como quem viaja com dias curtos e contados. Somente, não somos nós que passamos correndo pelas coisas imutáveis; são elas que passam voando por nós. O que nos vale a todos é que, como nas viagens, o prazer destes gozos não é momentâneo. Ver uma bela obra de arte que impressione é como ver um país, cujos aspectos perdurem na nossa lembrança, repetindo no sossego da vida normal as suas fascinações.

Corre-se do teatro português, em que vibra a poderosa voz de Eduardo Brazão, para o teatro francês, em que a empolgante Suzana Desprès impõe à compreensão de toda a gente a mais recôndita dor humana; sai-se de uma exposição de quadros originais, fortes, bem detalhados, com a imaginação

alvoroçada pelas suas cores, as suas figuras, as suas concepções, e eis-nos numa sala de conferências apinhada de povo que se aperta, se agita, estende o pescoço, presta o ouvido e bate palmas!

E é nesta mesma sala em que parece errar ainda a voz persuasiva e quente do poeta, que eu vejo pela primeira vez essa doce figura de mulher delicada e franzina sentar-se ao piano e tocar de cor, impecavelmente, deliciosamente, peças sobre peças clássicas, de grande concerto.

Quem é? Uma criança. Tem vinte anos; nasceu e aprendeu a sua arte onde nasceu, em S. Paulo. Toda ela parece fragilidade, que um sopro mais brutal pode magoar; e é, entretanto, uma obstinada, uma resistente, uma forte, talhada para vencer grandes obstáculos e cumprir um destino glorioso.

Antonietta Rudge Miller faz crer nessas lendas de fadas dos tempos já sem nome, em que, à beira de cada berço, mal o infante soltava o primeiro vagido, já uma linda fada, estendendo sobre sua cabecinha pelada a decantada varinha de condão, lhe prognosticava aventuras sublimes e o dotava de qualidades sobrenaturais.

Realmente chega a parecer fantástico que mãozinhas tão delicadas, pulsos tão mimosos tenham poder para, durante horas consecutivas, dedilharem tão valentemente o teclado de um Bechstein novo.

Mas a dedilhação, a força, a mecânica, enfim, é ainda coisa secundária, que bastam paciência e tempo para adquirir e paciência e tempo para conservar. O que é espantoso nesta pianista de 20 anos é, a par da memória assombrosa, que lhe faz reter na cabeça mais de seiscentas peças de música clássica, a severidade da sua interpretação, em que a delicadeza natural se mescla à impassibilidade de um estilo rigoroso. S. Paulo deve ufanar-se desta filha tão bem dotada, e nós devemos felicitar-nos por ela ter tido a coragem de, rompendo com um sentimento glacial de egoísmo doméstico, que prende a mulher à casa em que vive, vir ao Rio de Janeiro dar o seu primeiro concerto. Fez bem. A vida da artista, e ela é inegavelmente uma artista, requer expansão, atmosfera renovada, o incentivo dos aplausos, elementos que impulsionem a subir sempre, a não desfalecer nunca.

Gastar anos e anos da melhor parte da vida a estudar, estudar furiosamente fugas de Bach, sonatas de Beethoven, concertos de Schumann, rapsódias de Liszt, que sei eu, só para o prazer pacato de tocar portas adentro e com as janelas fechadas, nos serões caseiros, entre o acender do gás e a hora de tomar chá, não vale a pena.

“Eu toco só para mim”, é uma frase menos modesta do que hipócrita, mas que, em todo caso, pode ser proferida com sinceridade e sem reparo alheio, pela boca de amadoras conscientes, que só pedem à música um conforto nas suas horas de solidão.

Mas para uma criatura de que a música é o ideal e que faz desse ideal o fim, o motivo da sua vida, tal reserva só pode ser mantida por um preconceito que a sacrifique.

A exibição do artista não quer dizer vaidade; é como que um ato a que ele não pode furtar-se, uma necessidade do seu temperamento fortemente expansivo.

Se tais exhibições acarretam certas inconveniências da popularidade, que de algum modo podem parecer ofensivas à artista, trazem também motivos de júbilo que a obrigam a redobrar de esforço e lhe avigoram o ardor e o ânimo.

Seja como for, dado o primeiro passo tem-se fatalmente de prosseguir; retroceder seria cobardia. Ele é como um pacto de honra, um voto de amor à pátria, que nunca pode ser tão bem engrandecida como pelo gênio de seus filhos.

S. Paulo merece bem o holocausto de um coração, se pode ser considerada holocausto a votação de uma vida a uma arte tão nobre e tão consoladora!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXII, n. 7955, p. 1, 15 jul. 1906.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/11986

NA CIDADE E NO MATO

HÁ PERTO DE QUINZE DIAS fui convidada a almoçar no Sumaré, e Deus sabe com que prazer aceitei o convite, que me proporcionava o ensejo de ver uma estrada por que me interessei tanto. Essa estrada, partindo do bairro em que habito, e que, sendo o mais belo, é talvez o mais descurado do Rio de Janeiro, irá, rasgando sempre o seio verde e cheiroso da floresta, sob alcantis acolchoados de ramas, ora abafada entre a galharia, ora descortinando paisagens largas, até ao alto da Boa Vista, na Tijuca.

Só estas palavras bastam para dar ideia a todos que conhecem a beleza das nossas matas e das nossas montanhas, do que é esse caminho audacioso, já pronto numa extensão maior de seis quilômetros e que, ora em retas, ora em curvas, passando sobre muralhas formidáveis aqui, cortando acolá pedreiras cujos blocos desordenados lhe aumentam o aspecto agreste, serpeando por abismos onde o rumor de água canta abafado nas gargantas profundas dos desfiladeiros, entre a música dos pássaros e o aroma dos bosques, vai devassando os mistérios da penumbra verde, onde fremem os voos azuis das grandes borboletas.

Mais linda será essa estrada depois de alguns anos de acabada, quando a pedra, agora cortada de fresco, se tiver²⁰ denegrado com a umidade do tempo e vestido de veludoso manto de musgos e de limo e das rendilhadas avencas vaporosas, quando nos troncos, agora nus e sacrificados ao machado do progresso, florirem os sumarés de áureo penacho, e os rebentos verdes lhe vestirem completamente os membros decepados, quando as barreiras vermelhas de um ou outro trecho talhado pela linha se tiver coberto de lianas e de cipós, quando, enfim, a alma da floresta, perdido o assombro que a contrai agora, vier

²⁰ N. da E.: No jornal, grafou-se "estiver"; modificamos para "tiver", supondo ter sido um erro tipográfico.

confiadamente segredar seus mistérios ao viandante feliz. Dir-se-ia que a empresa que leva a efeito esse plano não [cogita] senão de mostrar a toda a gente as belezas incomparáveis do Rio de Janeiro.

Para não abater, ou antes, para aproveitar um renque de cerca de duzentas árvores alinhadas, segundo ouvi, na mais rigorosa reta que a geometria poderia traçar, e que só o acaso fez nascer assim, a linha elétrica teve de fazer uma curva desnecessária ao curso que levava, e que lhe aumentou as despesas numa soma brutal. Essa fila de árvores, que eu não vi, porque está além do Sumaré, constituirá por certo uma das curiosidades do Rio de Janeiro.

Por mim não há distração que mais me enleve que os passeios aos campos; mas infelizmente passei da idade em que não é sacrifício andar a pé saltando valos, agachando-me sob ramarias baixas, afrontando espinheiros, nas aventuras agrestes do mato.

Como o mar, acho que as florestas são boas para serem vistas de fora, longe dos seus borrachudos irritadiços e dos seus cipós embaraçadores. Ora, como não me hei de eu alegrar, e como não se alegrarão todos nas minhas condições em poder percorrer quilômetros e quilômetros de floresta, comodamente sentados num bond elétrico, sem outro trabalho que o de olhar, de ouvir, de aspirar!

O projeto da empresa facilitará à população da cidade, à população menos abastada e para a qual as maravilhas da Tijuca são conhecidas através do sonho e de um desejo que o temor das despesas extraordinárias afugenta, visto que um dia de passeio à Tijuca é um dia de viagem consumidor de economias, a empresa, dizia, pensou nos pobres e pôs no seu programa tabelas de *pic-nic*, vendendo por preço ínfimo a cada passageiro bilhetes de ida e de volta com direito a almoço e a jantar num dos hotéis do alto. E esses hotéis serão nada menos de quatro com 500 quartos cada um, abertos para o ar embalsamado das matas, longe do bulício e da poeira da cidade. Isoladas entre vegetação e caminhos inabitáveis, essas casas serão verdadeiros sanatórios das classes, às quais são vedadas as delícias de Petrópolis, Teresópolis ou Friburgo.

A cidade, cada vez mais populosa, carece desse desafogo. Cansada de arfar no braseiro dos negócios e das ruas tumultuosas, ela subirá as montanhas que a cingem com o seu anel de esmeraldas e virá cá em cima repousar a vista nas estrelas do céu e nos vagalumes do mato.

Tudo pode esperar quem já percorreu o trecho da Lagoinha ao Sumaré, onde já existe um grande salão de restaurant, e vê quantos quilômetros de estrada há já acabados e com que febre, com que ardor os trabalhadores prosseguem na sua lida, removendo troncos, brocando rochas, cavando o saibro duro, estendendo trilhos em viadutos a muitas centenas de metros sobre o nível do mar, que rebrilha lá embaixo, muito ao longe, na tremenda ofuscação do sol!

*
**

Descendo do Sumaré, fui nesse mesmo dia visitar a exposição de azulejos de Rey Colaço, exposição realmente encantadora, embora resumida. Aí está uma indústria artística fadada a um largo sucesso entre nós, e que veio cair na mais oportuna ocasião, no momento justamente em que a cidade muda de trajes, trocando os velhos trapos sujos e grosseiros por sedas e brocados modernos. E aí está também um adorno que não envelhece, não muda de cor, quer esteja ao sol, ao vento, à chuva, quer sob as telhas resguardadoras. Paredes de azulejos são paredes eternamente moças. Como as caras bonitas, não precisam para resplandecer senão água pura. Enquanto os estuques, a cal, a tinta se esboroam, caem, dando às casas aspectos herpéticos e de ruína, que é forçoso remediar com enormes dispêndios de tantos em tantos anos, o azulejo, inalterável, só reclama a limpeza gratuita da água fresca.

Mas os azulejos de Rey Colaço são principalmente para os interiores, feitos por encomenda e adequados ao uso do compartimento a que se destinam, o que lhes aumenta, por certo, o valor. É mais uma obra de arte do que uma indústria. Fala-se em se fazer aqui um grande hotel, e logo acode à lembrança que lindas paredes, asseadas, frescas e bem ornamentadas seriam as da sua sala de jantar, do restaurante, da sua copa e das suas galerias, se nelas aproveitassem esses

azulejos magníficos e eternos. De combinação com o artista, informando-o sobre o destino de cada compartimento que ele tivesse de decorar, viriam quadros de assuntos apropriados, caçadas, pescarias, galharias carregadas de frutas, hortas viçosas, festões de flores, [ilegível] de girassóis, toda a espécie de adornos simbólicos, sugestivos ou brilhantes.

Em vestíbulos, que a poeira das ruas invade, o azulejo está destinado a representar um papel importante e prático. Aí já apareceriam outros motivos, mais vagos: sombras que se dissipam em nevoeiros, cadeirinhas arreadas em portões de palácio, e desenhos delicados de arte decorativa, que são quase sempre os mais bonitos.

O valor destes azulejos é como o dos quadros originais, visto que a sua forma é quebrada logo após a fabricação das *panneaux*.

Dizem que são caros; mas concordemos que arte e luxo não se aliam à modéstia e que, ainda assim, fazendo juro ao futuro, talvez representem um custo insignificante...

*
**

Antes de escrever o meu nome lembrarei à leitora, que reputo interessada por arte e artistas brasileiros, que é hoje o concerto da cantora e violinista nossa conterrânea Olívia Cunha, tão merecedora dos nossos aplausos e das nossas homenagens.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXII, n. 7913, p. 1-2, 22 jul. 1906.

http://memoria.bn.br/DocReader/178691_03/12040

BOA OCASIÃO

UMA DAS MINHAS PENAS é não ter esperança de encetar um dia uma viagem por todos os países do nosso continente, demorando-me em cada um o tempo bastante para fixar-lhe bem a sua principal feição. A América latina especialmente atrai a minha imaginação como uma promessa de maiores surpresas.

Que sabemos nós das suas cidades, da sua literatura e dos seus costumes? Pouco mais que nada. Ignoramos tanto o que se passa nas nações latinas americanas quanto conhecemos os Estados Unidos, cujo poder de expansão atira às mais remotas partes do mundo os nomes dos seus heróis e a fama das suas conquistas, impondo-lhes uma administração que de algum modo as devassa.

Sem nunca termos pisado em Nova York, nós todos sabemos como são as suas avenidas, e o nome dos seus parques, das suas pontes formidáveis, dos seus magasins, dos seus templos, dos seus jornais, dos seus mercados, da maneira por que se anda correndo nas suas ruas, como se come, quantas horas se dorme, com que ardor se respira, com que sofreguidão se tira da vida tudo quanto a vida possa dar de gozos e de felicidade!

O norte-americano exhibe o seu país ao mundo inteiro num justo orgulho, procurando torná-lo popular, conhecido de toda a gente, tão bem sabe que é esse o segredo da verdadeira prosperidade para as nações.

Ninguém deixa de amar um país que bem conhece, cujas confidências recebe dia a dia, com o qual se familiariza, muito embora relutando às vezes com certas antipatias de educação, ou prevenções de raça...

Os Estados Unidos não esperam que a gente indague das vantagens dos seus vários climas, certos de que todos são bons, nem das edificações das suas cidades, nem da liberdade das suas ideias, nem da formosura das suas crianças, nem da cultura dos seus campos, nem do sistema da sua educação física, nem da liberalidade das suas instituições, nem da riqueza das suas indústrias admiráveis.

Antes que alguém, na mais afastada região da terra, saiba às vezes com que letras se escreve o nome do seu próprio país, já conhece certas fisionomias americanas, quer dos seus grandes homens, quer das suas famosas capitais, por elas lhe terem entrado pela casa ou pela choupana adentro, não uma, mas muitas vezes e por vários modos: em revistas, em cromos, em almanaques farmacêuticos de distribuição gratuita, em rótulos de latas de biscoitos, de conservas, de manteiga, de presunto, em folhinhas ou em peças de morim!

Assim vão fazendo a propaganda das suas fábricas, dos seus grandes nomes, dos seus edifícios e das suas belezas naturais. Ora, mesmo aqui, entre nós, quanta gente haverá que ignore absolutamente a conformação, a silhueta, da cachoeira de Paulo Afonso? mas não haverá, entretanto, quem desconheça a do Niágara! Por isso mesmo haverá também quem tenha mais curiosidade de observar *de visu* a cascata americana, do que de contemplar a nossa...

A modéstia acarreta terríveis prejuízos. Faz bem a grande nação americana; seja como for, por todos os meios, em medalhas, em gravuras, em litografias, ela atesta a sua superioridade, buzinando aos quatro ventos a fama do seu formoso solo e do seu povo inteligente e robusto, e impondo-os à consideração das outras gentes. Mas é sobretudo a largueza de gestos dos seus homens políticos e a serenidade advinda da sua própria força, que dão a esse bem-fadado país uma tão formidável irradiação, que é realmente impossível deixar de o conhecer por dentro e por fora, mesmo sem nunca lá ter posto os pés.

Para nós o segredo americano principia da fronteira do México para cá, exatamente onde começam as afinidades de raça!

Pois aqui está uma excelente ocasião de nos dizerem alguma coisa acerca de tantas nações do nosso continente e das quais apenas sabemos os nomes, e posição geográfica, o seu regime de governo e... pouco mais. Este pouco mais vai um tanto arrastado pelas conveniências. Para mim, a não ser a Argentina, que não desespero de visitar um dia, a não ser o Uruguai e talvez mesmo o Chile, tudo o mais é mistério!

Como se agita o pensamento na literatura desses países, que nos orgulhamos de hospedar agora nas pessoas dos seus representantes?

Não o sabemos; e entretanto bastaria isso para conhecermos um pouco da sua alma e do seu pitoresco.

Dirão: a culpa não é nossa; ninguém vai a um país alheio buscar pela mão a sua respectiva literatura; ela que salte as barreiras e que venha sozinha até nós!

Não é tanto assim. O caminho ainda não estava feito para uma circulação franca.

Nem de nós saberão tampouco nada lá fora. Em Tegucigalpa ou Manágua, em Bogotá ou Caracas, Santiago ou em Lima, seja em que ponto for da América latina, sabe-se naturalmente que o Brasil ocupa uma grande parte do território americano, que está destinado a um grande futuro e que a sua política é republicana. Não creio que se saiba mais nada, e é já saber alguma coisa.

Estamos exatamente numa hora rara, numa hora feliz, que se perpetuará com saudade na nossa recordação, e ela recrudesceria de encanto se cada um desses países aqui representados no congresso tivesse uma voz que relatasse ao povo numa conferência ou num jornal, com verdade, com simplicidade, as belezas de sua pátria e os costumes do seu povo. Bem se pode supor que os congressistas não tenham tempo para isso, e esta observação não explica um pedido, embora envolva uma curiosidade.

Não há muitos meses partiu para o Chile uma das minhas boas amigas e a sua primeira carta recendia às impressões de viagem.

Mulher, mulher desde as unhas dos pés até a ponta dos cabelos, seus olhos voltaram-se logo à busca das graças femininas e dos jardins.

Assim, a sua letrinha miúda e firme diz-me maravilhas das flores e descreve-me num certo movimento admirativo o enleio das chilenas, envolvidas, nos seus passeios matinais pelas ruas da cidade, em negras mantilhas de pano preto, escorregadio, que as cinge em mil pregas de acaso, da cabeça aos pés.

Só depois das três horas da tarde, diz ela, a chilena substitui o seu traje de rigor, tão severo, tão nacional e que vai tão bem às... moças, pelas *toilettes* à parisiense. Resplandecem então no mais brilhante dos luxos!

Esta impressão, que não ocupa mais que um ligeiro período de uma carta de mulher, foi como uma porta que se abrisse sobre uma sociedade, mas que logo se tornasse a fechar, deixando-me apenas uma rápida visão de pitoresco. Essas pequeninas coisas parecem nada, mas fixam, entretanto, de uma maneira extraordinária, as feições de um povo.

É que não basta a política para que os países se amem; é preciso também que se conheçam.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXII, n. 7969, p. 1-2, 29 jul. 1906.

http://memoria.bn.br/DocReader/178691_03/12086

É PRECISO!

É PRECISO FUNDAR NO RIO DE JANEIRO um estabelecimento, misto de escola, de asilo e de oficina, para os cegos que não possam entrar, ou já tenham saído do Instituto Benjamin Constant.

É preciso que esta cidade, já tão poderosa, tão expansiva, tão consciente das suas responsabilidades de terra civilizada, conte entre os seus templos altruísticos mais um, onde parem os passos tateantes de muitos de seus filhos desorientados e que desaproveitam nas trevas aptidões de trabalho dignas de estímulo.

É preciso que todos os que têm gozo inapreciável da vista, gozo incerto como a própria vida, se compenetrem de que há uma ação de que nenhuma circunstância deve adiar o cumprimento: a de estender a mão a um cego. A meu ver, não se trata de fazer caridade; trata-se de cumprir um dever. Não se cogita de um asilo de mendicância, mas de uma casa de trabalho, casa de produção, lenta mas fértil, onde o cego não seja um desviado da vida, um auditor apenas da confusão em que nós todos nos baralhamos e de que ele está apartado, mas um companheiro de lutas, um irmão interessado pelos progressos da terra de que ele é filho, e não enteado.

É preciso que o cego, em vez de estender a mão trêmula para o pedido de uma esmola, que o humilha e lhe lembra a cada passo o seu mal perpétuo, aplique no trabalho, que aligeira as horas, e o beneficie, a si e à sociedade. No meio da escuridão em que vive, não lhe é possível concorrer com os que têm vista no assalto às posições e aos empregos, em que hoje em dia todos se atropelam; porque não pode ter a mesma presteza que os outros a quem a visão auxilia.

É preciso facilitar aos cegos um campo de ação à parte, onde eles possam ganhar tranquilamente a sua subsistência, colhendo os resultados práticos dos estudos em que se aplicaram no instituto. É para isso que o Estado lhes fornece educação: para que sejam homens úteis a si, à família e à pátria. As profissões dos cegos (exercidas conscienciosamente, porque em geral o cego é paciente e habilidoso) são limitadas a um certo número, o que permite criar sem grandes despesas, nem sacrifícios, oficinas com os seus utensílios especiais e em que eles trabalhem em comum, o que não podem fazer com o operário que vê, porque o seu sistema de aplicação é outro e os seus movimentos necessariamente muito mais vagarosos. Os donos das fábricas não deixariam de estabelecer o confronto, não se sujeitando a pagar o mesmo salário tanto a um operário que produza muito, como a outro que produza pouco, embora bem.

Negócio é negócio. E aí está por que o trabalho dos cegos é rejeitado; andar depressa é o lema moderno, e eis por que eles carecem de uma casa à parte para o seu labor.

É preciso lembrarmo-nos de que não basta o grande Instituto Benjamin Constant, — aliás tão bem montado e tão bem dirigido, — à desgrazadamente grande quantidade de cegos que vagueia inutilmente pelas ruas febris da nossa capital, o que é tanto mais doloroso, quanto quase sempre esses cegos são pobres. Não raro o seu mal é derivado de doenças descuidadas na meninice, por falta de meios dos pais. Para o instituto não se entra senão até certa idade, suponho que doze anos. Desse mesmo instituto se sai logo que a educação do cego esteja completa e que ele possa exercer, cá fora, a sua arte, a sua ciência, ou o seu ofício. Começa então a tragédia; é como se tirassem no alto-mar um indivíduo de um grande vapor poderoso e seguro, em que ele fosse apenas passageiro, e o metessem num bote frágil, tendo de lutar sozinho, a remadas, com as ondas, com as ondas furiosas! Se volta para o seio da família, de onde veio anos e anos antes, e se essa família vive sem o conforto a que a escola o acostumou, ei-lo em face de um suplício novo, a que não pode dar remédio e que lhe enche a alma de desespero e de tédio! Se há um ou outro cego relativamente feliz no seio da sociedade, é certo que a maior parte deles se sente isolada e sem esperança.

É preciso! Já que comecei os meus períodos por estas palavras, elas irão até o fim no clamor incessante: é preciso levar a essas almas que se debatem na enxovia negra da cegueira o calor da nossa solidariedade e do nosso interesse. Abramos os ouvidos às vozes que nos pedem o nosso concurso para a edificação desse templo de justiça e de paz, e respondamos-lhes: que sim! Tanto mais que elas partem do seio do próprio — Instituto — pelas bocas dos seus professores cegos, que, felizes e abrigados das necessidades dolorosas da vida, se compadecem dos outros cegos menos venturosos e que se estiolam na indolência forçada de uma situação desoladora.

A ideia da formação de um grande asilo, em que cegos de todas as idades e todas as condições encontrem guarida, germinou no cérebro de outros cegos, capazes, mais do que ninguém, de avaliar as necessidades de seus irmãos infelizes.

É um recurso para a sua independência e uma salvação para os desfalecimentos da sua alma. A Casa dos Cegos irradiará de trabalho nas suas oficinas de empalhação, de cestas, de escovas, de vassouras, de caixas de papelão, eu sei lá, todos esses misteres aprendidos no instituto e que os cegos esquecem cá fora, por não os poderem aplicar isoladamente. Num folheto — “Les aveugles utiles”, Maurice de la Sizeranne suplica às igrejas que abram ao cego as suas portas, concedendo-lhes o privilégio de serem só eles os organistas sacros. Todos os ofícios divinos deveriam ser acompanhados pelo órgão, cujas vozes elevam a alma, e nenhum músico poderá ter segredos de maior comoção a confiar à sua arte do que o cego, que expia em silêncio um sofrimento de que não espera livrar-se.

É preciso, e que seja este o último período, que nós todas, as mulheres brasileiras, trabalhemos de mãos dadas para que se cumpra em nossa Pátria esta grande obra indispensável. Quem não puder dar mais que um tijolo ou uma telha, dê qualquer dessas coisas com um gesto de boa vontade. Nesta hora de festas, de risos descuidados, nesta hora de paz inesquecível e brilhante, ouçamos

É PRECISO!

entre os hinos de glória e de felicidade as súplicas dos nossos irmãos deserdados, que tateiam as paredes com ar esquálido e interrogativo, enquanto nós passamos alegremente, na vertigem de um sonho lindo!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXII, n. 7976, p. 1, 05 ago. 1906.

http://memoria.bn.br/DocReader/178691_03/12134

INDÍCIOS DE BOM CARÁTER

NÃO SEI QUE ENDEIXAS saíram do viveiro de passarinhos do palácio Monroe, que os homens, em geral indiferentes, voltaram para ele os olhos compadecidos e protestaram contra a injustiça dessa prisão.

Eu, apesar de curiosa, como uma filha de Eva que me prezo de ser, ainda não pus pé nesse recinto encantado e não falarei por mim.

Tenho mesmo certa desconfiança de que a sorte dessas lindas avezinhas não será diferente das de outras vivendas de luxo; não lhes faltará por certo nem alpiste abundante nem a água sempre fresquinha, renovada a tempo; creio, enfim, que elas terão nessa gaiola uma moradia até certo ponto confortável que pareçam resignadas. Como, porém, não basta a fartura onde falta a liberdade, creio também que elas terão as suas razões de queixa, fáceis de compreender pelas mulheres... O que me espanta é que os homens tenham interpretado nos brandos trinos desses deliciosos cativos, os queixumes dos seus coraçõezinhos aflitos. Essa comoção, tão bem expressada em várias notícias dos jornais, deu-me um rebote de alegria. Estamos em face de um belo sintoma e diante dele não podemos ficar impassíveis. A piedade é a melhor filha da civilização.

Ela tanto pode ser espontânea como adquirida pelo hábito de refletir, de observar, de comparar, qualidades que a gente culta tem em grau superior.

Nada pode desenvolver o sentimento de justiça como o confronto das coisas da vida observadas por olhos inteligentes e de boa-vontade. É por isso que a gente ignorante ainda terá certas desculpas em ser má, [e] que perde tal direito logo que se eduque.

Os caçadores de sabiás que andam pelos arredores da nossa querida cidade devastando as florestas, sem respeito à liberdade da asa nem à magia do canto, e orfanando os ninhos, estão prestes a receber a punição na própria consciência, quando virem em plena rua modestas camaxilras e tico-ticos carinhosamente olhados pelos outros homens.

— “Tudo tem seu tempo” — diz a *Notícia* de um dia destes, comentando acertada e generosamente a ação nefasta desses bandidos matadores de inocentes serezinhas inermes, e prognosticando que chegaremos um dia a essa doce intimidade que faz as delícias da criançada e do passaredo em Paris, em Veneza e em outras cidades da Europa, onde o pássaro não foge do homem como de um carrasco de requintada e inevitável perversidade!

Essa mesma *Notícia* afirma que as avezinhas já começam a aproximar-se de nós.

Nas árvores novas, ainda não agasalhadoras, das avenidas, principiam a fremir asas inquietas e atrevidas. O ensaio está começado; não tardarão as revoadas. Bem depressa as pobres compreenderão que só no meio das avenidas civilizadas poderão estar em segurança, visto que as sombras das suas queridas matas são penetradas pela sanha selvagem do homem que extermina, o seu inimigo incondicional, que as busca com olho cobiçoso e passo macio e as fere impiedosamente com tiro firme e certo! Maldita a mão que fere, maldita a mão que mata! Na sua intuição finíssima, os pássaros adivinham de quem se devem aproximar. Voar por sobre chaminés enfumaçadas deve ser por certo menos agradável que por sobre copas de arvoredos em flor; contudo, desde que os telhados da cidade ofereçam maior segurança que as ramarias dos arredores, as aves, por amor à vida, não trepidarão na escolha.

A cidade moderna é um largo seio de Abraão, onde todos os fracos devem encontrar um calorzinho de felicidade, porque ela pensa nos humildes. A nossa transfigura-se para o bem e um dos seus primeiros e mais carinhosos cuidados ao transformar-se foi o de semear em vários pontos dos seus bairros os bebedouros para animais. Era já um bom indício!

Em Lisboa essas fontes, feitas a expensas da Sociedade Protetora dos Animais, representam uma elegante coluna de ferro em que se fixam bacias em vários níveis, uma rente ao chão, para gatos e cães, outra para cavalos e ainda outra, mais alta, para os pássaros. Entre a penúltima e última bacia há uma torneira com a respectiva caneca para os homens (que também não devem ser esquecidos!).

Ouvi dizer que se trata de fundar no Rio de Janeiro uma sociedade protetora dos animais, tal como existem em Londres e em Buenos Aires, que são, suponho, as mais importantes do mundo inteiro. Essa instituição benemerita encontrará apoio seguro na população esclarecida e está destinada a uma campanha digna de encômios e auxílios que lhe não faltarão por certo. Verdadeiramente, parece que ela não se funda, mas ressuscita.

Já existiu nos tempos do império; mas como ainda nesses dias existiam também escravos, a sociedade protetora dos animais envergonhou-se de querer fazer pelas bestas o que não podia fazer pelos homens, e fechou as suas portas melancolicamente.

Hoje pode abri-las com ruído e sair afoitamente pelas ruas, advogando a causa dos seres úteis ao homem, com os quais ele conta e convive, de que tira o proveito que pode e quer, e aos quais recompensa com chicotadas e pauladas.

O caminho agora é fácil. Já estivemos muito mais longe dessa hora de redenção, em que vivíamos todos, já não digo como Noé na sua arca em doce comunidade com as feras e os bichos mansos, do que Deus nos livre, mas em melhor paz com a nossa consciência.

O boi e o burro, as duas grandes forças vivas submetidas e sacrificadas à vontade do homem, poderiam ir contando desde já os seus dias de cativeiro, se acaso as suas faculdades dessem para tanto. E talvez deem. Consta que anda em exhibições, por feiras e por circos, um cavalo forte em cálculos matemáticos, o que até certo ponto me consola da minha aversão às cifras.

Que nos fará crer que esteja perto essa hora de libertação para os desgraçados quadrúpedes?

Alguma coisa que não tem, como as sociedades, estatutos, nem fiscais, nem mensalidades; alguma coisa que não escreve artigos nem parágrafos nem pronuncia discursos; alguma coisa que berra como um touro preso e corre como uma corça livre. O automóvel!

Ainda uma tarde destas pude observar isto. Era ainda um resto lindo de dia, em que as claridades boiavam no ar macio em leves tons desmaiados. Sentáramo-nos no terraço de um café da Avenida e, enquanto os outros tomavam o seu aperitivo, eu olhava para as pessoas e as coisas que iam deslizando sobre o asfalto, pensando de mim para mim que já vale a pena ter os olhos abertos neste nosso Rio. Realmente, sucediam-se as carruagens elegantes, as bicicletas e os automóveis, levando todos eles gente risonha, de ar satisfeito, quando, interrompendo a linha luxuosa desses veículos, passou lentamente uma carroça puxada por bestas suadas, de pescoço esticado e pernas arcadas. O efeito do quadro foi contristador. Vendo-o, o espírito formulou esta pergunta idiota e irrespondível:

— Que fim darão amanhã a esses animais todos, quando as cargas pesadas dos bonds e das carroças, servidas pela eletricidade e as máquinas dos automóveis, prescindirem deles?

Não é natural que vão gozar as rendas acumuladas do seu labor em indolências perigosas; mas será também certo que a sua ausência não inspirará (pobres deles!) saudades a ninguém!

No fundo: a mesma ingratidão!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXII, n. 7983, p. 1, 12 ago. 1906.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/12182

REFLEXÕES DE UM MARIDO²¹

NÃO HÁ NADA MAIS FASTIDIOSO do que ser bom marido... Ora, se não seria realmente muito mais divertido ir eu, agora, fumar o meu cigarro para o corredor ou para o vestíbulo, em lugar de ficar na plateia durante todo o intervalo, só para acompanhar a minha cara metade...

E ainda ela me não agradece estes pequeninos sacrifícios. Tudo acha pouco; são incontentáveis, as mulheres. Pequenos sacrifícios, disse eu? mas que diacho, são enormes! Todas as restrições impostas à liberdade de ação representam um suplício difícil de suportar! Vão ver que ainda se queixa de que lhe volto as costas e não converso! Que lhe hei de dizer? Comentar a peça? é um pouco perigoso... Estes cães dos comediógrafos agora são todos feministas... Bom! ou antes: mau! Lá tenho de lhe apanhar outra vez o leque! É a segunda vez que me abaixo para levantar o leque do chão. Felizmente, não se quebrou...

Devo ter ficado com o colarinho amarrotado... Um leque de cinquenta mil-réis... é ser muito distraída!... É o seu maior defeito. Eu adoro minha mulher... mas...

Quando a gente vem com a mulher ao teatro, os espetáculos não deveriam ter intervalos. Tudo de um jato. E este intervalo, então, é interminável... Ainda se viesse alguém conversar conosco... Nunca vi tantos desconhecidos... O isolamento no meio da multidão infunde pavor. Aqui está um tema magnífico para um desenvolvimento filosófico. Se eu fosse homem de letras procuraria aproveitá-lo. Felizmente não o sou. Não o sou porque não quero. Não me faltam habilitações... Ah! lá está o Benevides. Bravo! também está com a mulher; não vem cá. Nem ele vem cá, nem eu vou lá. Não convém aproximar a Ritinha da

²¹ N. da E.: Este texto viria a integrar o livro *Eles e elas* (1910). A informação não foi dada no jornal, diferentemente do que ocorreu com a maioria dos textos destinados a esse livro.

mulher dele... afinal, coitada, talvez seja uma vítima da maledicência... mas, basta-me o “talvez” para eu dever defender minha mulher do seu contato... não é tanto por mim... mas o mundo não perdoa... Se, ao menos, Mme. Benevides me concedesse um sorriso... Tem uns dentes maravilhosos, a endiabrada! É o que falta à minha mulher. Aquela obturação a ouro nos incisivos faz-lhe o sorriso amarelo... sempre detestei a obturação a ouro! O pior é que estou ficando com uma pontinha de dor de cabeça. Há de ser do perfume. Ela agora inunda-se em “OEillet Fané”... Ouviu dizer que é distinto o uso constante de uma única essência e obstina-se naquela. Verdade é que não a usa em casa, mas só quando sai. É essa a grande falta de tino das mulheres... são mais elegantes na rua que no interior. E depois: ai! ai! que meu marido já me não ama... Eu adoro minha mulher, mas... Dezesete minutos. Já há dezesete minutos que abaixou o pano e nem um músico ainda na orquestra!...

Outra coisa em que acho graça: ela descortina pinturas em todas as caras bonitas, com uma sagacidade de artista e um julgamento de Catão feminino, que tem sempre redobrada severidade, e... e... e pinta-se. Sim... muito finamente, muito discretamente, mas minha mulher pinta-se. Para quem? para mim? não. Para os outros. Antes para os outros que para “o outro”. Outros são seres indefinidos, compostos de elementos heterogêneos, representados em todos os seres da natureza. Em realidade ela pinta-se para si. Passeia a sua ilusão, quer vá para o seio da sociedade, quer para os das palmeiras do Jardim Botânico, e isso basta para a distrair.

Bom! lá tenho de me abaixar pela terceira vez nesta noite para apanhar o malfadado leque! Compra luvas muito apertadas, e depois é isto... Uf! subiu-me o sangue à cabeça. Também é ser descuidada. E ainda se ri... A propósito de riso: deixa-me olhar bem para a Benevides, que está agora em pé... Bonita “toilette”... Quando era solteira vestia-se com tanta simplicidade... Espertalhona!... É que ela sabe bem que os vestidos bonitos atraem os amantes e afastam os pretendentes a marido... Se eu fosse cumprimentá-la... rapidamente?... Não; já agora não

deixarei a Ritinha só... tanto mais que não há outras senhoras nestas imediações... Não a conhecem... podem julgá-la mal... haver por aí algum atrevido... nada! é minha mulher! Vinte minutos! quase vinte e um minutos, e o diabo do maestro ainda não aparece! E eu que estou morto pelo meu cigarrinho... Fumar... fumar sem preocupação, na largueza do vestíbulo bem arejado, errando os passos distraídos por aqui... por acolá... revendo na neblina da fumaça as cenas já esbatidas do ato extinto; em que fica ainda de pé, mas já mal equilibrado, o fantasma de um amor conjugal, constituiria um desses minutos que, parecendo banais, são a melhor expressão da felicidade, porque representam atos de alheamento e de independência...

Eu adoro minha mulher; mas... mas há certas horas em que ela toma para mim uma significação mais aproximada de objeto material do que de criatura pensante. Eu, se for até ao âmago do meu sentimento, descobrirei que não me sacrifico a esta atitude pasmada diante de um pano de boca mal pintado, por amor dela, mas por egoísmo meu. Estou de guarda a um tesouro que me pertence, e do qual, com a minha presença, faço arredar todos os olhares de cobiça e todas as aproximações mal-intencionadas. Estou conscientemente representando um cartaz de aviso: — “Tem dono”. Outra vez o leque?!... não... também se tornar a cair deixarei que ela o apanhe... embora quebre a barbatana do colete... Quero-lhe muito bem, estou disposto a todas as delicadezas, mas às vezes não há remédio senão sujeitar o nosso ídolo a certas lições indispensáveis... afinal o movimento muito repetido de apanhar do chão um objeto nem é elegante nem cômodo... De mais a mais, este colarinho enforca-me... Enforca-me, mas vai-me bem; preciso encomendar mais uma dúzia deles... Para quem olhará minha mulher com tanta insistência, para aquele lado? Inspecciona vestidos... amanhã ao almoço descreverá à mãe todas as “toilettes” que estão no teatro. Está aí um gênero de divertimento para os intervalos de espetáculo. Como são felizes as mulheres! Principalmente a minha! Sim, porque... mas ora, aquilo não deixou consequências... nem ela já se lembra... contudo... foi desde então que ela

começou a carminar os beicinhos e a usar essências fortes... Toda ela rescende como uma flor! Esses aromas agradam quando sentidos temporariamente... aspirados constantemente, enjoam... As esposas deveriam ter uma certa finura fisiológica e renovar de tempos a tempos as essências de seu uso, como um meio de despertarem nos maridos uma tal ou qual curiosidade... A minha já me disse tudo. É um livro lido. Quê! também ela consulta o relógio?! Disfarça um bocejo?! Já sei; é esperar a saída pela queixa: Tu não conversas comigo!... Mas que lhe hei de eu dizer?... Há certas ocasiões em que cada um de nós parece falar uma língua diferente da do outro: então é preferível não insistir e esperar... esperar que o amor, como a rosa de Jericó, renasça em nossas almas... Ora, aqui está uma comparação razoável: a do amor conjugal com o célebre... Ora, graças, que aí vêm os músicos! Se ao menos tocarem um minueto... mas vão ver que os patifes desatam a tocar a “Aida”. Minha mulher prefere a “Aida” ... Eu adoro minha mulher, mas... Tive sorte: é um minueto!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXII, n. 7990, p. 1-2, 19 ago. 1906.

http://memoria.bn.br/DocReader/178691_03/12232

QUANTIDADE OU QUALIDADE?

"A ESTATÍSTICA... dizia-me há dias um velho amigo da minha casa, o filósofo Rezende; não posso compreender bem o desesperado empenho que tanta gente manifesta de verificar pelo recenseamento, a que em boa hora se vai proceder, que o nosso querido Rio de Janeiro tenha de fato um milhão de habitantes!

Eu, vejam que maneira tão esquisita tenho de entender as coisas, nutro uma esperança contrária a esse desejo. Lá fora não digo isso, com medo de que me batam; mas aqui dentro da sua sala tão sincera, desabafarei sem receio as minhas opiniões de carioca, que, em cinquenta e sete anos de vida, não estive um mês longe do Rio de Janeiro! Imaginem se não conheço esta cidade! Sinto-a arfar dentro das minhas mãos! Não me olhe para as unhas, está claro que estou falando em sentido figurado, luxo que raramente me permito e, por isso, lhe causou estranheza. Pois o que lhe digo é isto: não creio que tenhamos um milhão de habitantes e espero, na minha fé de cavalheiro²² enamorado de sua terra, que as cifras oficiais fixem um número mais modesto de almas neste nosso Paraíso... Não arregale o olhar, como se estivesse diante de uma heresia; e você, acolá, não gesticule; ouçam:

Prefiro um núcleo de gente ilustrada curiosa, estudiosa, ativa, alegre e [ilegível] sua sagacidade, do seu patriotismo, da sua inteligência e do seu esforço, provas cabais e indestrutíveis, a uma multidão enorme, mas em grande parte composta de criaturas indiferentes, acomodadas a todas as situações e que não deem, nem tirem da vida, senão o que a vida possa materialmente dar ou pedir... Por patriotismo, direi mais, por bairrismo, meus amigos, desejo antes que me digam:

²² N. da E.: no jornal grafou-se "cavalleiro"; modificamos por "cavalheiro".

— O Rio de Janeiro tem efetivamente as setecentas mil almas que lhe foram atribuídas, e o que, convenhamos, já não é tão pouco; mas a frequência às suas bibliotecas, a imensa tiragem dos seus jornais, a prosperidade do seu comércio, a assiduidade dos seus habitantes aos teatros, às salas de concertos e, sobretudo, às suas escolas tão sadias e tão bem organizadas, excede, em absoluto ou relativamente, a de todas as capitais civilizadas do mundo inteiro!

É que as setecentas mil almas desta nossa cidade tumultuosa e risonha não são um mero número de encher; representam entidades perfeitas, completas, desejosas de prosperar e que levarão para um futuro bem próximo as glórias do seu pensamento e os resultados da sua ação benéfica.

Para setecentas mil almas, a nossa cidade parece-me prodigiosa: para um milhão... francamente, não a acho alegre. Pode ser que o meu modo de ver seja errado, mas, com toda a sinceridade, penso que o que principalmente deve estimular as cidades para um progresso positivo e digno de apreço, não é a sua população, é a sua cultura. Cada homem que lê vale por dois ou mais analfabetos; a glória melhor não é ter por aí um número excepcional de casas, mas sim um grande número de escolas, visto que a grandeza preferível não é a que se deduz da quantidade, mas da qualidade... É nesse sentido que todos os que conscientemente dirigem uma pena, devem batalhar, consoante as suas forças. O mais, creiam: é acirrar quezílias tolas e sem proveito e levantar protestos sem fundamento. E dizer que há tantos homens gesticulando nas ruas furiosamente, à vista de todos, em defesa de meras suposições! Mas a hora definitiva está a chegar e, se ela não for o que eles querem... não sei que atitude tomarão!

A minha é plácida: a do sorriso. Nunca estive tão contente. A minha cidade transforma-se como ao influxo de uma vara mágica, num lindo sonho: as suas condições melhoram dia a dia e é só isso o que me importa.

Esta estatística mesmo é também causa de satisfação para mim, homem metódico, porque ela representa um cuidado patriótico, uma obrigação a que não cabe a ninguém o direito de furtar-se.

Como os chefes de família, os governos devem saber o número de pessoas que têm em casa: portanto, só posso aplaudi-la e não quero que confundam o meu pensamento, supondo-lhe uma intenção que está longe de ter.

O que eu imagino é que, se a população já não for tamanha, como se supõe, ela crescerá, multiplicar-se-á depressa daqui em diante, atraída pelas regalias que esta cidade começa a oferecer e pelo seu clima inquestionavelmente bom.

Ora, aí temos: as estatísticas sanitárias do Rio de Janeiro é que o Brasil carece também de espalhar aos punhados pelo mundo. Elas são sugestivas e repelem melhor que os mais floridos discursos todas as prevenções criadas pelo nosso triste passado!

São coisas essas muito sérias e que devem ser feitas com seriedade e sossego. Enfim, do que estou tratando agora é de uma impressão pessoal, que pode servir de calmante em caso de decepção... Obstino-me em pensar que, se efetivamente temos aqui um milhão de almas, não se poderia dizer, como há pouco notei, que a nossa capital seja uma cidade, cuja alegria corresponda à sua população, não é verdade?

Não?! Como não?! Senhor, eu vou aos teatros e encontro neles sempre as mesmas caras, o que me é supremamente agradável, porque sou um afeiçoado às tradições e aos meus hábitos. Mas nestes mesmos teatros, a não ser em noites de espetáculos excepcionais, quantos camarotes vazios, quantas cadeiras vagas! Que representam elas? A ausência, o abandono, o desinteresse... As peças sucedem-se nos cartazes. Por quê? A multidão não chega para meia dúzia de enchenes consecutivas. Se temos tanta gente, onde está essa gente? Que faz essa gente?!

Outra manifestação que me faz pensar: onde há acúmulo de população, há acúmulo de riquezas. Que fazem as grandes fortunas do Rio de Janeiro? Onde estão os palácios faustosos, as grandes equipagens, as brilhantes recepções?! Que salões refulgem nos bailes de estação?

Não sei! Para mim a minha adorada cidade parece-me aturdida dos segredos que lhe dizem e dos adornos com que a cobrem, mas ser ainda a grande alma benévola da minha mocidade cheia de entusiasmos... É que o meu amor por ela [é] tão perfeito, tão pacífico, tão inalterável, que me julgo conhecedor de todas as suas intimidades e destinos... Por mais que lhe queiram dar um modo parlapatão e arrogante, ela embeleza-se, guardando o seu caráter natural e franco, que lhe dá prestígio e a faz querida dos que a habitam longamente, porque, ao contrário do que muita gente diz, tenho notado que todos, nacionais ou estrangeiros, que assentem arraiais temporários neste Rio de Janeiro cosmopolita, se dele saem um dia, julgando desprenderem-se para sempre, para ele voltam em certa hora da vida, no anseio de uma saudade que só a bondade da população até agora justificava. De hoje em diante teremos mais motivos de atração; mas não reneguemos, por isso, a simplicidade antiga do nosso caráter franco, respeitoso e alheio a intrigas infantis... e, sobretudo, não nos vexemos, nem nos aflijamos se o recenseamento provar que ainda não chegamos à cifra redondinha de um milhão de habitantes. O essencial não é ter muita gente, mas que a gente que temos seja boa e esteja bem!

É disso que se está tratando agora. O mais virá por seus [pés]."

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXII, n. 7997, p. 1, 26 ago. 1906.

http://memoria.bn.br/DocReader/178691_03/12282

TUDO É POSSÍVEL

NÃO HÁ NADA QUE FAÇA ARREPIAR tanto a pena de um escritor moderno como a inverossimilhança de certos assuntos que o tentam; e, todavia, inverossimilhança é coisa que não existe na vida. Não existindo na vida, não deve existir na arte, e a prevenção dos escritores deixa de ser justa, para ser pueril.

Tudo é possível.

Estou hoje convencid[a] de que quantas extravagâncias possam passar pela cabeça de um romancista imaginoso, e que ele fuja muitas vezes de fixar no papel, por lhe parecerem casos absurdos e inverossímeis, foram, são e serão absolutamente verdadeiros e até mesmo naturais.

Digo assim porque eu mesma, cuja imaginação modesta só me oferece dilemas fáceis ou banais, tenho na minha pasta de esboços vários assuntos sepultados, por me parecerem desatinar da harmonia comum da nossa sociedade e serem descabidos ou impossíveis aqui. Pois mais de uma vez tal desconfiança tem sido desmentida pela leitura, nos jornais, de casos idênticos ou paralelos a esses assuntos, infelizmente quando eles já não representam para mim senão a sombra de um interesse perdido.

Ainda agora uma notícia, dessas que ainda chamam sensacionais, veio reverdecer na minha memória o delineamento de um drama, ou que melhor nome tenha, que há não sei quanto tempo dorme, entre os meus pensamentos rejeitados, o sono pesado do esquecimento.

Em duas penadas procurarei esboçar esse esboço, o que não promete com efeito dar uma ideia muito positiva da obra em projeto, mas que pode servir como termo de comparação ao caso atual que é, segundo afirmação pública, verdadeiro.

Deduzo de tudo isto que nenhum autor se deve intimidar pelo assunto que se lhe apresente, mas, ao contrário, achando por onde lhe pegue, agarrá-lo a servir-se dele com toda a naturalidade, certo de que o caso não é impossível, nem talvez mesmo raro...

Ora, imaginem que ao levantar-se o pano está uma mulher moça e elegante em cena, contando e recontando dinheiro, numa preocupação evidente. Demos-lhe um nome: Juliana, por exemplo.

Como tudo que é seu está confiado a uma velha criada, a quem ela adora, sua ama de leite e sua companheira fiel através da vida, é essa criada quem ela chama e a quem confia as suas preocupações.

Tinham-na roubado mais uma vez; era uma reincidência assustadora. Quem entrava nesse compartimento? (que era ao mesmo tempo escritório e quarto de *toilette*) de quem deveria suspeitar? A interpelada afirma que, a não serem as pessoas da família e ela, que o arrumava, ninguém mais entrava ali.

Mas as pessoas daquela família pacata, embora de idades e de profissões diferentes, são de caráter límpido como o cristal fino. O próprio espectador, que os conhece menos, defende-os de qualquer suspeita... Na aflição, é consultada a mãe de Juliana, que é a dona da casa. Uma senhora, essa, de muito juízo, muita lógica e muito amor por um neto; rapaz bom, mas estroina, que a visita com assiduidade. Percebe-se já que as suspeitas recairão mais tarde sobre a sua cabeça... Pobre inocente! A mãe de Juliana, inteirada do fato, deduz com bons argumentos que a única pessoa capaz ali de tão feio delito só pode ser uma: a criada. É a única que está em posição de aguentar a afronta. Suponha-se a revolta de Juliana, que julga conhecer a fundo o caráter da sua velha e amorosa ama!

Ora, essa nervosa Juliana é casada de fresco com um engenheiro simpático, trabalhador, e que anda no correr da peça tão empenhado numa obra de vulto, que todos evitam desgostá-lo.

Desse engenheiro há uma sobrinha (está claro que era preciso um papel para a inocência e para o amor), que vive com os tios e está cegamente apaixonada pelo tal rapaz estroina que já foi mencionado.

Juliana, ligando fatos, chega a persuadir-se que é desse moço de quem se deve suspeitar, dada a forma por que eram feitos os furtos, embora isso repugnasse a sua consciência e ao seu coração...

Deduzem-se daí cenas para todos os gostos, atitudes que surpreendem uns e molestam outros. Como as mais ofendidas são as duas velhas, uma porque lhe atribuem a ela mesma os delitos, a outra porque lhe sente suspeitado o neto, a quem adora, lançam-se ambas a uma espionagem feroz.

E assim, numa [certa] e amarga hora, descobrem que quem furta as joias e o dinheiro de Juliana é nem mais nem menos do que o seu próprio marido. A surpresa é tamanha quanto esse rapaz simpático é francamente respeitado.

Começam lutas de outra espécie. O amor por Juliana, que desejam defender, reúne as almas das duas velhas na mesma dúvida: deverão ou não contar tudo a Juliana, que adora o seu maridinho?

Nada contariam se os roubos não prosseguissem. Mas as lindas safiras de Juliana, que a engrinaldavam de raios azuis, desaparecem do cofre, de que há só duas chaves, uma em poder do engenheiro, outra na mão enrugada da velha serviçal. Juliana dobra-se à evidência, não hesita: acusa a ama, num desespero, e é em defesa desta que a mãe acode e diz toda a verdade, arrependida de o não ter feito na mesma hora, porque a verdade nunca deve ficar escurecida por nenhum outro sentimento!

As coisas passam-se como em todos os dramalhões: lágrimas, ironias, idílios de amor, protestos, cofres fechados, cofres abertos, um inferno!

No fim?

No fim o engenheiro confirma, a sós com a mulher, o seu caso estranho, conta as alucinações da sua doença terrível, desde as primeiras tentações.

Desejaria plantar frutos e era um semeador de cinzas.

Por desesperar do remédio para um mal tão feio... mata-se. Mata-se lá dentro, longe das vistas da família, deixando-se colher, naturalmente, por uma das máquinas da sua oficina.

A solução talvez pareça triste, mas não encontrei outra, porque suspeitei que todas as promessas que ele pudesse fazer de reabilitação, não convenceriam o público, embora convencessem a mulher. A esta, depois de viúva, a experiência das velhas ditaria no fim uma palavra de esperança, afirmando que na vida o único bem que renasce é o amor. Os espectadores, parecia-me a mim que não haviam de sair do teatro muito desconsolados...

A ilusão durou menos que a linda rosa de Malherbe...

Mal traçara o esboço da derradeira cena, logo vi levantar-se diante de mim o espectro horripilante da inverossimilhança. Seria aceito no palco, representando um homem de ciência e de sociedade, um vesânico, que escondia no bolso tampas de leiteiras de prata ou colheres do serviço de chá, e que subtraía os colares e brincos da mulher, mais o próprio dinheiro que ele mesmo lhe dava, ou que ela recebesse da mãe?

Ainda mais: um homem de tal posição terá coragem de confessar o seu triste caso de cleptomania, e ainda também de acabar com a vida, como o único recurso de salvação para a família?

O assunto embaraçou-se e embaraçou-me.

Acudiram dúvidas de ordem diferente.

Não me tendo lembrado das casas de penhores, não atinei com o lugar em que o protagonista maníaco devesse esconder as joias subtraídas.

E porque tudo isso fosse muito complicado, e principalmente por achar impossível dar-se tal caso em nossa sociedade, atirei o meu assunto apaixonado e violento para o esquife das coisas mortas e não pensei mais nele. E por seus pés ele hoje, despido das asas, magro e seco como um gafanhoto, saltou da minha pasta para este papel, dando um pinote fantástico. Afinal, para quê?

Para voltar de novo ao esquecimento...

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXII, n. 8004, p. 1-2, 02 set. 1906.

http://memoria.bn.br/DocReader/178691_03/12328

AS GRANDES FESTAS

A FORMIDÁVEL MUSCULATURA, ágil e vigorosa, desta nossa cidade, sabe e pode tão bem mover as mais rudes alavancas como envolver-se em véus constelados de pensamentos que refulgem. Ela não se consome unicamente na ganância de um lucro imediato do dinheiro voluptuoso e tem sabido pacientar os filhos sôfregos por outra espécie de glória, fazendo-os esperar um lindo amanhã, que é a melhor promessa dos artistas... Para ela, as grandes festas são como a de 1º de setembro, por exemplo, na Escola de Belas Artes, festas que demonstram por fatos que no seu tumultuoso e largo seio a inteligência de seus filhos tem aplicações sérias que nenhum sacrifício desanima...

O estudo das ciências ou o estudo das artes, o estudo tenaz que rasga para o negror da treva quadradinhos de luz de janelas que se abrem quando outras se fecham sobre a doçura do sono, o estudo que enobrece o espírito sacrificando o corpo, que dobra a espinha e arrebatada a imaginação ou acera a vontade, esse esforço ela, a cidade, conhece-o, viu-o, sentiu-lhe as pulsações e os afagos em ininterruptas confidências, desde o raiar do dia até o apagar das últimas estrelinhas da madrugada.

Nessa hora pacificada pela ausência do sol, nessa hora em que o homem é apenas o cadáver fruindo no nada do sono as forças que consumirá na vigília, ela, a cidade que não dorme, abre os largos ouvidos e escuta os sonhos de todos os seus filhos.

Que lhe dizem uns?

— Nada...

Outros?

Ambições materiais que a idade e o tempo transformam...

Outros?

Voluptuosidades de amor...

Outros?

Vaidade, vaidade e... vaidade!

Outros?

Fome.

Outros?

Egoísmo...

Outros?

Amor à arte, e por ela ânimo para cruzar as armas até a morte!

Os mais fortes, estes, porque o seu ideal não esmorece.

São eles que a coroarão de rosas, e que farão ressoar seu nome em tabas de ouro através dos tempos e das terras.

Julgando nada poder fazer por eles, a cidade segredava-lhes, entretanto, numa das suas vozes misteriosas, que esperassem, que esperassem de lança em riste contra os fantasmas do desânimo e da ingratidão; que esperassem com a serenidade altiva de deuses, até que a Dor, cansada de persegui-los, fizesse florir da própria essência a palma do triunfo!

Esse louro e lindo amanhã que a cidade do Rio de Janeiro apontava aos seus filhos diletos e mais sacrificados, vai, enfim, raiando para muitos deles, numa aurora promissora... Já os outros, mais indiferentes, sentem um frêmito que os faz voltar a cabeça para as bandas em que as harmonias da luz ou as harmonias do som se vão irradiando. Já mesmo a gente menos culta ou mais superficial percebe claramente que não bastam os dons naturais para consagrar o nome de ninguém, se a esses dons não se juntarem um esforço corajoso e uma vontade digna das mais rasgadas reverências. Já o cérebro mais obtuso não imagina que escrever para o público seja obra de vadios; que para fazer sinfonias só se requeira inspiração e para esculpir estátuas ou pintar quadros bastem... vagar ou tintas.

Não! os mais ignorantes ou os mais arredios começam a supor que todo o ofício bem desempenhado comeu avidamente dias de preocupação, devorando as melhores horas da vida, as da mocidade sonhadora e ardente. Desabrocha assim na alma do povo um respeito admirativo por todas essas manifestações que o faziam outrora levantar os ombros num gesto de pouco caso...

Eu disse há pouco que as exposições são as grandes festas e as que mais devem orgulhar as cidades, porque suponho que representam um trabalho superior, são manifestações de forças bem dirigidas, as mais belas manifestações da vontade, do esforço e da inteligência.

Com a regularidade louvável destas exposições, os gostos vão-se desenvolvendo e acentuando na turba antes indiferente. Os salões, as duas vezes que estive na escola, estavam repletos, e os comentários saltavam das bocas como as carneirinhas das rosas, vivamente.

Não seria mau que, uma vez por semana, houvesse um dia gratuito, para a visita das escolas públicas.

Impressionar as crianças com obras de arte é semear-lhes na alma o gérmen de um benefício futuro — o amor do belo. Já não digo que fossem colégios e colégios inteiros, o que seria embaraçoso; mas que ao menos de cada um deles se destacasse um grupo das crianças mais estudiosas, a quem se conferisse tão proveitoso regalo. As impressões infantis perduram por toda a vida.

A exposição deste ano não é grande, mas tem uma certa harmonia muito agradável e é sobretudo simpática a quem tem acompanhado as dos anos anteriores, pelo progresso revelado por muitos dos seus expositores moços. É essa uma prova bem característica de que a sua vocação não era ilusória, mas com fibra para arrostar as agruras do lindo caminho doloroso... Se faltam na exposição Rodolfo e Henrique Bernardelli, se falta Amoedo, que eram indefectíveis nos outros anos, lá estão os seus discípulos coroando-se com os resultados dos seus conselhos, e é justo que o nosso aplauso suba até eles, os mestres, e os confunda na ovação aos discípulos.

**

Geralmente, quando se visita uma exposição de arte, é comum perguntar cada indivíduo ao seu outro eu, que ele tem guardadinho dentro de si e com o qual às vezes trava diálogos originais:

— Qual destes objetos eu compraria se...

Interrogação que, pelo embaraço da escolha ficaria muitas vezes sem resposta, se circunstâncias especiais não determinassem sempre certas

preferências, motivadas muitas vezes por circunstâncias alheias ao maior merecimento do objeto.

Desconfio de que para muita gente a resposta a essa pergunta íntima, tão profundamente discreta, determinaria nesta exposição, na sala de pintura, a escolha de uma pequenina tela pálida de não sei quantos centímetros.

Só para ver essa linda *Amuada*, de Belmiro de Almeida, valeria a pena vir de propósito do Alto da Tijuca ou dos confins de Ipanema se outros quadros não houvesse na exposição de tanto merecimento.

Que decepção teria sofrido essa interessante mulherzinha para assim transparecer o desgosto na face empoada e nos olhos abaixados para o tecido primoroso do vestido? Coisa de pouca monta e bem depressa remedi[ado.] Vão ver! Alguém faltou à entrevista ajustada... *Ele* passou olhando para *outra* ou o seu *porte monnaie* lhe negou a quantia exata para um certo [vestido] que viu... Fosse qual fosse o motivo do amuo, a verdade é que, mesmo zangada, o diabinho é *chic*; ponta de ciúme ou arrelia da moda transparecendo-lhe na atitude perfeita, não lhe desarmonizam o gesto nem lhe furtam a graça. É de uma expressão deliciosa.

**

A minha pena feminina não pode nem quer deixar de saudar daqui com alegria o grupo das artistas femininas merecedor de mais demorada reverência, que procurarei cumprir. Se a minha pobre pena não tem força nem prestígio bastante para infundir coragem, que demonstre ao menos a sua admiração e o seu contentamento.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXII, n. 8011, p. 1, 09 set. 1906.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/12378

O NOSSO PATRIOTISMO

A NOSSA MANEIRA DE ENTENDER o amor da pátria não deixa de ter as suas singularidades... Nós não ouvimos, por exemplo, alguém, seja embora esse alguém nosso compatriota, apontar afoitamente qualquer defeito da nossa terra, que não o arguamos logo de eivado de estrangeirismo, em vez de meditarmos um pouco sobre o motivo da censura e de procurar, caso lhe reconheçamos razão, juntar ao seu o nosso esforço para corrigir esse defeito.

O verdadeiro patriotismo não se esquivava a nenhum sacrifício, e tanto exalta, canta e louva o que é digno de ser incensado em seu país, como vergasta com punho de ferro o que lhe parece prejudicial e péssimo. Errar é da contingência humana; e não há vergonha em reconhecer e confessar o arrependimento de fraquezas, nem tampouco pode haver maldade em corrigi-las. A nossa suscetibilidade confunde às vezes a franqueza com a malevolência e o desejo de corrigir um defeito com o intuito de deprimir e de fazer mal.

Pena ousada e nua, que para indicar um prejuízo, um preconceito ou uma falta de orientação do povo, não se atavia com adjetivos cortejadores e perífrases complicadas, está um pouco arriscada a ser considerada suspeita da inimizade ao país.

O ferro em brasa, representado pelo comentário exato, não tem aplicação a nenhum dos nossos males; para encurtar curativos e sarar feridas preferimos unguentos aduladores do olfato, embora de efeito lento e duvidoso. Ora, há escritores que são verdadeiros cirurgiões; se observam um fato e esse fato representa um ponto gangrenado, eles cortam logo esse ponto, sem usar mesmo de anestésicos. É o que se chama pressa de fazer bem! Tais escritores aqui, fossem eles nascidos de pais caboclos no meio do sertão, seriam taxados de estrangeirismo, de inimigos do Brasil e deles se fugiria como o diabo da cruz.

Mas amar ao país em que se nasceu não é só engrinaldá-lo de elogios e de madrigais, mas principalmente trabalhar por ele e emendar, do melhor modo que pudermos, um ou outro defeito que lhe reconhecemos. Defeito que está em nós, como está nos outros, porque ninguém foge aos vícios, nem aos maus contágios sem grande reação. Invertendo-se a ordem, o amor da pátria pode sofrer paralelo com o das mães aos filhos.

Uma verdadeira alma maternal não se desfaz sempre em carícias e beijos sobre a cabeça imaginosa da sua amada criatura.

A sua missão obriga-a a abafar muitíssimas vezes a explosão das suas ternuras, para transformá-las em admoestações sérias, corretoras de uma ou outra transgressão ou desvio do bom caminho... Naturalmente a mãe severa, a mãe ríspida, a que mais sacrifica o seu coração, não consente nem tolera, como também não o toleram as outras mães, que os defeitos, que aliás elas reconhecem nos seus filhos, sejam criticados nem de leve apontados por gente estranha; e é por isso que redobram de observação no esforço de lapidar os brilhantes brutos que lhe caíram [n]o regaço e torná-los tão límpidos, que os mais intolerantes não lhes encontrem jaça, ou, se porventura a virem, já a sintam atenuada por um esforço do indivíduo ou da família.

O elogio perene amolece as energias; a crítica é um excelente estimulante.

Nunca o Brasil teve tão profundas, tão grandes provas de ser verdadeiramente amado, amado como um país o deve ser, como nesses últimos quatro anos da sua vida de quatro séculos!

Por quê? Porque não ficou em idílio de um amor retórico o amor dos filhos que a felicidade reuniu para governá-lo durante esse curto prazo. Se estas linhas, por inacreditável magia, se pudessem transformar em flores, elas cairiam em homenagem grata a seus pés.

Doravante, ao menos, já não ouviremos dos estrangeiros que nos visitem só o elogio irritante da nossa *natureza*, como se nós houvéssemos de qualquer modo contribuído para torná-la bela e grandiosa; agora já se começa a falar, e sem

favor, da beleza da nossa cidade. Certo o Corcovado, a Tijuca, a baía continuarão a ser gabados pela sua beleza sem par.

Mas a obra do homem, o esforço do carioca indolente, que em oitenta anos só tinha produzido de notável o corpo de bombeiros, e esse mesmo sem água suficiente para mostrar todo o seu mérito, já é com justiça reconhecido pela gente de fora, recebida em um vestibulo agradável à vista, como é a praça Quinze de Novembro, e passada em seguida pelas ruas renovadas e pelas avenidas novas, bem calçadas, bem varridas, bem iluminadas, e que surgiram fantasticamente, em dois anos, quase com a rapidez de uma mutação em teatro de magia. O indolente sacudiu a preguiça e fez isto que se está vendo e mais o que ainda em breve se há de ver. E o centro urbano vai definitivamente ficar digno da ourela magnífica de maravilhas naturais que o circundam como uma gargantilha de esmeraldas.

Acompanhando o movimento enérgico de um governo que não descansa até o seu último momento para colocar a pátria na mais refulgente altura, o povo, que isso reconhece, deve secundá-lo com a sua cooperação, o seu entusiasmo... e a sua disciplina.

A disciplina, aqui temos nós uma ocasião magnífica de a mostrar.

Por mim, fico pasma — e é quando cismo nas singularidades do nosso patriotismo — ao ver, como estou vendo agora, quantos rodeios, quantos panos quentes, quantas promessas e quantas explicações são precisas para convencer o munícipe de que deve cumprir uma formalidade necessária e naturalíssima, exercida em todos os países civilizados, como é a do recenseamento municipal, a que se vai proceder.

O *Paiz*, fazendo, há dias, uma alusão a este caso estranho, alusão representada pela figura do nosso digno prefeito, oferecendo uma caixinha de *bonbons* de chocolate a cada papai rebelde, como um dos meios mais persuasivos de o compelir a pôr na lista os nomes das pessoas que constituem a sua família,

fotografa bem espirituosamente todo o ridículo da nossa situação!²³ Ridículo difícil de compreender em qualquer situação e muito menos neste instante fenomenal de transformação e de progresso por que, venturosamente, estamos passando!

A mim, que na minha qualidade de mulher caseira talvez interprete muito pessoalmente e erradamente o sentimento das turbas, parece-me que o amor pela nossa terra deve agora, mais do que nunca, revestir-se de muita serenidade, muita limpidez, para a não perturbar na paz do seu trabalho e da sua riqueza futura. Embora estire demasiadamente este período, direi ainda que, para mim, amar a pátria não é bater palmas a tudo, em confusão, nem gritar pelas esquinas, a cada automóvel que nos sai da alfândega, que a nossa civilização rivaliza com a das mais requintadas capitais do velho mundo, nem erriçar a nossa linda língua portuguesa de termos ingleses e franceses, em uma pretensão de europeísmo *snob*; nem dar curso a intriguinhas, verdadeiras alfinetadas, que à força de picarem a pele da Paciência podem fazê-la arrebentar, levando tudo que adoramos às mais desgraçadas consequências; nem tampouco recusar submissão a todas as suas leis, justas e naturais.

**

Antes de pôr o meu nome sob essas palavras que escrevi e que não durarão mais que o tempo de serem lidas, peço encarecidamente a quem pousar aqui o olho, a caridade de cooperar para o Asilo dos Cegos, indo assistir hoje à festa simpática do Parque da República, realizada benefício dessa associação. Ainda é um meio de amar e de servir à pátria.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXII, n. 8018, p. 1-2, 16 set. 1906.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/12426

²³ A cronista refere-se à charge de Julião Machado, estampada no jornal em 09 de setembro de 1906. Vide: http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/12378. Acesso em 23 jan. 2024.

FLORES MISTERIOSAS...

FAZ FRIO; SETEMBRO PENITENCIA-SE à moda hebraica, cobrindo-se de cinzas. Volto sozinha de um longo passeio a pé, triste e penetrada de umidade até os ossos. Mal entro na minha sala agasalhada e onde eu deixara um começo de crônica sobre a pasta aberta, sinto uma lufada cheirosa a envolver-me toda, como uma carícia.

É só o tempo de atirar para uma cadeira o chapéu e o casaco e de correr para a mesa, onde se ergue, emergindo de um vaso esguio, um lindíssimo ramo de narcisos.

— Quem trouxe estas flores?

A criada interrogada arregalou os olhos e não me respondeu imediatamente.

Repito a pergunta. Ela gagueja, visivelmente embaraçada:

— A senhora desculpe, mas eu não vi... não sei...

Como naturalmente é ela a responsável pelo serviço e a ordem desse compartimento, cabe-me a mim agora arregalar os olhos, com espanto. Ela desculpa-se:

— Eu estive polindo os móveis da saleta... não me arredei dali um segundo...

— E estando aqui ao lado, na saleta, não ouviste rumor na sala?

— Nenhum. Não entrou cá ninguém.

— Não podes fazer-me acreditar que o ramo tivesse entrado pela janela, e muito menos que se tivesse colocado dentro do vaso por seus próprios pés... As crianças ainda não vieram de casa do avô?

— Ainda não...

— Tens certeza de que nenhum dos meus filhos entrou da rua?

— Tenho certeza.

— Bem. Vai agora perguntar ao jardineiro se sabe de alguma coisa.

Entretanto, eu remexia os lindos narcisos, que na meia penumbra da sala pareciam flores de [ilegível] em que tivessem desabrochado minúsculas estrelas de ouro. Por mais que eu procurasse, não encontrei nem um nome, nem uma palavra reveladora. O ofertante era modesto. Mas quem seria ele... quem seria?

Gritei pela criada, já impaciente. Ela voltou com ar assombrado.

— Então?!

— “Seu” José também não viu ninguém!

— É impossível.

— Disse que fechou o portão logo que a senhora saiu...

— Então saltaram pelo portão. Não ouviram ao menos tocar a campainha?

— Não, senhora...

— Mau... Vamos a ver se a cozinheira ou a lavadeira sabem melhor do que se passa aqui do que vocês! Vá perguntar-lhes se foram elas que me trouxeram estas flores...

— Onde iriam elas buscar um ramo tão bonito?!... De mais a mais, não saíram; afirmo-lhe que não saíram; uma não se arredou da beira do tanque, nem a outra da beira do fogão...

— Pergunta-lhes, em todo o caso.

A resposta foi negativa. Também elas não sabiam de nada, nem tinham ouvido o mais débil suspiro em toda a casa. A cozinheira, mais curiosa, veio até a mim afirmar-me isso mesmo e verificar com os seus próprios olhos o milagre daquelas flores, nascendo por encanto, na solidão de uma sala, entre papéis rabiscados e livros entreabertos.

Como eu não me mostrasse convencida, elas procuravam forçar a minha credulidade, arrepiando-se à ideia de estarem verificando um fato sobrenatural.

Todas elas me pediram licença para apalpar as hastes das flores, com o intuito de adquirirem, com mais essa prova do tato, a certeza de que realmente estava ali, diante dos nossos olhos, um grande ramo de narcisos exuberantes e perfumados, que não viera trazido por mão visível nem entrara pela porta! “Seu” José, como velho entendedor de flores, solicitou, com mais direito, igual vênia e examinou o ramo com lenta minuciosidade, acabando por declarar que nem em S. Miguel, jardim do mundo, vira nunca flores mais belas. Até pareciam vir do céu!

Outra objetou:

— Por isso trazem estrelas...

E voltaram todos os olhos para mim, como em adoração para uma santa, a quem os anjos do Paraíso mandassem flores...

Zanguei-me, desfazendo o encanto. Afinal, que espécie de gente era aquela, que eu deixava confiantemente, em minha casa, depois de tantas recomendações e cuidados, e que nem via quem penetrava em minha sala, para depositar-lhe, bem no coração, um ramo de umas cinquenta flores?

Humilhados, sem saberem explicar o caso, eles foram-se esgueirando entre pedidos de desculpa e eu fiquei sozinha diante dos [pálidos] narcisos.

Alguém me mandava flores; mas quem seria esse alguém e o seu misterioso mensageiro? As criadas tinham-me falado com sinceridade.

O pessoal é antigo e não se prestaria a iludir-me por conta alheia. Seria eu vítima de uma ilusão?

Esfreguei os olhos. Também eu apalpei as flores, com o sentido de assegurar-me bem da sua realidade, e marquei febrilmente a hora e a data desse momento estranho. A sala estava tal qual eu a deixara três horas antes. Só na “bow-window” um dos postigos laterais aparecia aberto, e eu não tinha certeza de o ter deixado assim... Aproximei-me dele e olhei: rastejavam névoas pardas

sobre o mar cor de ardósia. A atmosfera desfazia-se em uma garoa fria, que empapava as plantas. Fora uma imprudência deixar aquela janela aberta; mas, ao fechá-la, estremeci. No peitoril jaz um narciso decepado da haste. Recolho-me pensativa, com a pobre flor entre os dedos curiosos. O mistério, que me revoltara ao princípio, tece-me agora uma rede embaladora e traiçoeira em que várias suposições se balançam alternadamente.

Que sabedoria tenho eu para rejeitar a ideia de que um espírito invisível tivesse materializado em tão lindas formas pensamentos que me dedicasse?

Torno a interrogar toda a gente. Ninguém me sabe responder. Chamo pela luz, e para espantar uma preocupação, procuro continuar o meu trabalho. Nem já me lembrava... Era uma invocação à Primavera, que se esqueceu, a ingrata, de entrar em nossa terra no dia anunciado... o dia 21...

Relendo as linhas interrompidas, uma suspeita risonha atravessou-me o espírito... querem ver? Fora ela, a doce estação, que antes de se desencapuchar destes dias brumosos, entrou pelo postigo aberto da minha sala e espetou no vaso de cristal uma braçada de flores estreladas de luz! Eu já não perguntaria nada a ninguém. A pena corria-me contente no papel, como uma criança em um relvado. Também eu tinha na minha vida um lindo caso misterioso! E estava já disso tão convencida que, quando ao finalizar a minha página, em que o sentimento do maravilhoso e do fantástico arrastava seus régios mantos, constelados de sonhos, a criada veio pressurosamente declarar-me que se descobrira tudo e que fora...

Eu tapei-lhe a boca antes de ouvir o resto: preferi o mistério!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXII, n. 8025, p. 1-2, 23 set. 1906.
http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/12470

[NÃO POSSO TER UMA ABSTRAÇÃO]²⁴

NÃO POSSO TER UMA ABSTRAÇÃO, um alheamento, que meu marido não procure insistentemente penetrar até ao recôndito da minha alma, com a autoridade de seu poder absoluto e inimigo de mistérios.

Perto dele começo a ter a preocupação de dissimular até as inércias da minha imaginação. Ele entende que, falando ou calada, eu não me devo ocupar senão da sua pessoa, sem dar licença ao desafoço de uma única ideia em que a sua imagem se não reflita. Dir-se-ia que, com o direito da posse do meu corpo, ele adquiriu o de todos os pensamentos que desabrochem ou atravessem fugazmente o meu cérebro, espantando-se de certos devaneios, como um lavrador se indigna de ver dentre os cereais plantados pela sua mão, em terra sua, desabrocharem] florinhas agrestes, com que não contava, e de que o vento misterioso trouxe e por ali espalhou as sementes!

Quando nos fugitivos segundos de abstração acordo à voz dele, que me pergunta:

— Em que estás pensando?! — e lhe vejo as pupilas verdes traspassadas de uma curiosidade inquieta fixarem-se tão soberanamente nas minhas, estremeço, como se tivesse sido colhida em flagrante delito de uma feia culpa, de que ignoro o nome!

Cada idade tem as suas visões... Quem o mandou casar-se com mulher bonita e muito mais moça do que ele?! Se eu fosse feia... ou se tivesse mais 15 anos, que seria a sua idade justa, ele se buscaria assim na minha alma com tão

²⁴ N. da E.: O canto superior direito da página do jornal, em que estão o título e os dois primeiros parágrafos da crônica semanal de Júlia Lopes de Almeida, está mutilado. Da mesma forma, a página 2 também está mutilada, tornando impossível a transcrição completa deste texto. Sua transcrição foi completada com a versão presente no livro *Eles e Elas*: os trechos transcritos a partir do livro estão entre colchetes. (Cf. ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Eles e Elas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1910. p. 251.)

desesperada ansiedade?... Quem me responderá?... Joaninha e Custódio têm a mesma idade... uma e outro trinta e cinco anos... e é cada cena! Ah, mas isso é diferente; eles querelam-se por fatos vividos e não por fantasmas imaginários... Realmente, não sei como hei de convencer o meu rico maridinho de que em dados momentos me é quase impossível dizer com exatidão em que ponto do mundo irreal paira o meu pensamento! Se a minha cabeça é divagadora, não é, por certo, por culpa minha... Creio que a imaginação dos homens, pelo menos dos homens casados, é mais positiva do que a nossa e não viaja nunca para o desconhecido sem estudos prévios, que os orientem sobre os graus, minutos e segundos das latitudes a percorrer.

Dentro ou fora do nosso radiante planeta, não há, com certeza, nada tão positivo como um marido... quando embaixo das telhas conjugais. A sua existência exterior lembra certas paisagens vistas do alto da serra: têm pontos límpidos, outros encobertos por delicadas brumas misteriosas que, em vão, a nossa vista procura penetrar: quiséssemos, embora, e nunca os nossos dedos tateariam esse véu movediço e impalpável, tecido pela habilidade deles e a nossa desconfiança, e erradio como as nuvens... Quando eu pergunto a meu marido:

— Por que vieste hoje mais tarde?!

Ou:

— Para onde vais?!

Ele sorri, atribuindo uma pontinha de ciúme à minha naturalíssima curiosidade; e sinto que nem sempre é sincero na resposta. Às vezes, creio mesmo que chegue a tingir com leves tons malignos e rastilhos de reticências intenções que não têm nada de pérfidas, feitas só com o intuito de estudar-me; outras vezes, essas meias confissões, murmuradas em ar de chalaça são absolutamente verdadeiras.

Ele realizou ou vai realizar tudo quanto confessa, simulando brincadeira... Então, a [cor] do meu sorriso não deve ser [bem definível, porque] à percepção da verdade não deixa de mesclar-se um fiozinho de dúvida... Seja como for, sempre é mais fácil dizer uma criatura de onde veio ou para onde vai, casos que representam atos materiais do que descrever, às vezes, o que está pensando!

Mas os maridos não entendem assim: eles, que são lá fora de uma maleabilidade de cera, são dentro do lar de uma lógica de ferro. Insistem pelo porquê de todas as coisas realizadas ou a realizar, sem desprezar detalhes, dissecando os fatos, exigindo informações miúdas e positivas. Tudo se subordina à sua vontade poderosa e à sua sábia determinação...

Dentro das paredes da minha casa ou da caixa do meu cérebro, não ocorre incidente sem que o senhor meu esposo não exija contas escrupulosas... Não lhas negaria eu tantas vezes, se elas não fossem de tão difícil verificação... Mas como lhe hei de responder com verdade e clareza, se eu própria não sei, muitas vezes, o traçado tenuíssimo por onde caminham, em curvas de labirinto, as minhas pobres ideias?

Quando os lindos olhos de meu marido, porque não posso deixar de confessar que ele um maravilhoso par de olhos, traspassam com aquela luz verde de esmeraldas fluidas, as minhas pupilas, em busca do sonho, do desejo ou da fantasia que me perpassa pela imaginação, adivinho por uma intuição súbita que ele se procura a si próprio, não tolerando que outra imagem habite, embora passageiramente, o meu espírito! Recolho de chofre a asa inquieta do pensamento que me agita ou me refrigera, e fico perplexa, muda, pelo assombro daquela curiosidade egoísta, sem atinar com uma resposta segura, decisiva e pronta. Se, por acaso, no silêncio da costura, sorrio à memória de qualquer insignificância graciosa, as rutilantes esmeraldas desviam-se das páginas do livro e perseguem no ar a sombra do meu riso. Em que direção? Não sabem, e é o que elas [procuram, chamejantes e caladas, voltando-se da solidão da saleta para a luz livre da janela aberta. Torno-me séria e surgem logo outros cuidados. As esmeraldas turbam-se, como se uma grande sombra se interpusesse entre elas e a felicidade luminosa. Suspeitam talvez de que essa seriedade indique um esforço moral, procurando subjugar um sentimento culposos... Tenho procurado ensaiar ao espelho uma fisionomia muda; mas, por outra infelicidade de que me não posso arredar, sempre que estou em frente ao espelho, não consigo deixar de sorrir e nem pensar noutra coisa que não seja em mim!

Preciso realmente sujeitar o meu espírito a uma disciplina rigorosa, que me habilite a negar ao rosto a mais sutil ou menos discreta expressão.

A mulher que não sabe dissimular nunca parece sincera, porque se trai até pelo que não existe. Dir-se-ia que, quando o marido tira a máscara, é preciso que a mulher a ponha em si, para que flutue sempre entre ambos uma nevoazinha de mistério e de curiosidade. Os homens só se interessam pelo que não conhecem. Nos primeiros anos do casamento as mulheres precipitam-se inteiras na alma dos maridos. É um mergulho em que se vai até ao fundo; contamos-lhes tudo: segredos nossos e alheios, casos originais e casos banalíssimos, o que dissemos, o que ouvimos, o que adivinhamos, numa expansão ilimitada! Eles ouvem sorrindo, do alto do seu prestígio, erguendo-se sobre essas almas simples que se lhes estendem aos pés, como tapetes.

Eu fui assim... Mamãe foi assim... quase todas são assim. Mas chega uma hora em que a gente adivinha que o marido não nos disse tudo. Enquanto] nós nos fazíamos de cristal, ele permanecia de carne e osso...

Estremecemos; chegou o instante com que não contávamos, que nos abre a porta a certas divagações... em que o marido toma várias formas, desde as de um herói até as de um carrasco; ou não toma forma nenhuma... e...

E é então que a mulher que deseje manter a paz no lar deve fazer um estudo de dissimulação, caso não seja repentista. É o meu despeito não ser repentista. Se o fosse, quando “ele” ontem me perguntou, com um raio de tão ansiosa curiosidade, a traspassar-lhe as pupilas de esmeralda:

— Em que estás pensando?!

Não teria sido tão fácil eu responder-lhe logo, em vez de embaraçar-me, qualquer banalidade pacificadora, como, por exemplo:

— Estava pensando que nos meus cabelos louros deveria ir magnificamente um grande ramo de violetas escuras?!“

(Do livro “*Eles e Elas*”).

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXII, n. 8032, p. 1-2, 30 set. 1906.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/12518

MIECIO HORSZOWSKI

A PRIMEIRA VEZ QUE EM MINHA VIDA peguei na pena para escrever, em público, foi para atirar as rosas do meu entusiasmo moço e vibrante a uma linda criança, em cuja cabeça loura o gênio fulgurava como um diadema de sol.

Por ela ser por si só inolvidável, e por essa outra circunstância que tamanha influência tem tido em minha vida, guardo-a na memória, como num altar um crente fervoroso pode conservar a imagem de um anjo que lhe patrocinou o destino.

Essa criança era uma menina cujo nome desapareceu na onda da vida, onde o seu talento maravilhoso parecia dever brilhar perpetuamente. De Gemma Cunibert não ficou mais do que o assombro de um relâmpago, à luz do qual se entrevissem paisagens novas, matizadas de flores nunca sonhadas no Paraíso!

Já lá vão bem anos. Desde esses dias até os que vão correndo, quantas crianças se têm apresentado ante os meus olhos, na exibição de prendas que a paciência de homem mais esforçado não consegue realizar tão bem, e em vão tem procurado a minha consciência evocar o entusiasmo para lhes atirar aos pés o acoroçoamento dos meus louvores! Em vez de palmas, a minha sinceridade de mulher estremecida sente ímpetos de desfolhar sobre a cabeça da criança-prodígio a flor imarcescível da piedade...

Revolta-se-me o espírito contra a escravização de tantas horas roubadas à independência dos únicos dias bons da vida em que a vontade do homem sujeite a criança à prisão e a um esforço exaustivo e mortal.

Por isso, confesso, quando soube que tinha chegado ao Brasil um grande pianista de 11 anos de idade, encolhi os ombros, posto nos fosse este trazido pelo

empresário Luiz Ducci, que tem sido sempre um portador do que há de melhor na arte da Europa. Dos gênios de fancaria que nos últimos anos nos têm vindo visitar, nenhum nos foi trazido por ele. Mas, se o [curso] de piano no nosso conservatório é de nove anos, e não consta que seja dos mais exigentes do mundo, como seria possível a um menino de 11 anos ser um grande pianista? Seria, quando muito, um “grande habilidoso”, e isso já ressalvaria a reputação do escrupuloso empresário. Qual de nós, dos que amam e frequentam a arte, não tem o terror dos precoces?

A admiração relativa não é admiração — é benevolência. E eu tenho uma impressão penosa sempre que enfrento com um quadro de um menino que “não aprendeu desenho”, ou que ouço um trecho de poesia de autor que não aprendeu a escrever; e é de desconfiança o meu gesto quando sou forçada a ir admirar obras geniais de quem apenas começa a frequentar um [curso] de arte; e se o artista é uma criança eu sinto previamente a consternação em que depois tem de [fixar] o meu espírito.

Mas por que tem sido [esse] o meu sentimento em face dos artistas de menor idade, que de longe em longe surgem nos palcos dos nossos teatros, ou nos tablados dos nossos salões de concerto, e por que é tão outra a impressão que esta linda criança vem agora despertar em meu coração? O motivo é porque nesta fulgura o clarão da poesia eterna, enquanto que as outras se somem nas brumas do tempo, como pálidas visões de que todo o prestígio estava nos dedinhos furiosamente ágeis e impecavelmente disciplinados. [ilegível] máquinas, feitas embora por di[spo]sições naturais, mas agindo mais por imposição alheia, e Miecio Horszowski é alma, é o mistério sagrado, que prende no laço invisível do sentimento os segundos mais transcendentais da paixão e do sonho.

Como artista, ele não deve ser julgado relativamente: é muito grande para isso. Quando se senta ao piano, o menino de 11 anos desaparece: é a alma do artista que fala na linguagem soberana, às vezes dominadora, às vezes interrogativa, rugindo como um leão ferido, ou pipilando como uma avezinha entre flores, ou espalhando astros, ou soluçando [amores], sempre absolutamente límpida, sempre absolutamente sincera.

Aquilo é que se não ensina, não há palavra nem exemplo que transmita tal poder de interpretação que ele advinha, como um iluminado pela suprema graça!

Basta olhar para ele, para os seus grandes olhos cor da noite e a sua vasta fronte, em que o talento fulgura como o sol ao meio-dia, para se compreender que não está ali um sacrificado, uma vítima precoce da arte, mas um ser nascido só para vencê-la e compreendê-la e amá-la. As suas mãos falam com o teclado amorosamente. Como as coisas mais dolorosas ou mais felizes são ditas em voz baixa, [num] murmúrio em que a voz tem apenas alento para se fazer compreendida, ele dá às notas, como os amantes às palavras, toda a [essência] da sua tortura, do seu anelo ou da sua felicidade, sem profanar esse tom veludoso que é o seu segredo e o das almas em que ele parece penetrar até o fundo.

Ressuscitado, Chopin choraria se o ouvisse!

Onze anos de estudo teórico e prático não bastariam, por certo, a uma pessoa apenas talentosa e aplicada, para alcançar esse maravilhoso resultado, que, em igual tempo, [ilegível] dó, ré, mi, fá, sol, no próprio dia em que nasceu! De resto, suspeito de que Miecio Horszowski nunca, em dias de sua curta e linda vida, tocou os primeiros exercícios das sete notas naturais. Aos cinco anos, deu o seu primeiro concerto! Tenho a impressão de que ele, sentindo a inspiração impeli-lo para o piano materno, [pousou] um dia as mãozinhas no teclado e elas adejaram, como duas borboletas brancas num canteiro de açucenas tirando mel dos tons e espalhando perfume pela redondeza!

Se não tivéssemos tantas vezes no Brasil abusado da palavra genial, adornando com ela nomes de atrizes medíocres, seria agora a vez de, com justiça, a empregarmos nesta assombrosa criança, de que o futuro esculpirá eternamente o nome e a imagem, porque Miecio Horszowski não será só o estupendo executante, o extraordinário concertista que já é e a todos comove; será também, com certeza, um criador excepcional, que deixa rastro no mundo, um rastro como o da via láctea, em que os sons tremeluzam e esplendam como os astros!

Sob a chuva abundante dos seus cabelos de tão quente louro, acastanhado, a sua fronte vasta e séria é como um berço de ideias novas, que tomam corpo para voos estupendos. A sua interpretação revela a sua alma. Não é preciso mais para prognosticar que este menino prodígio será também um homem prodigioso, capaz de aplacar a febre das multidões revoltosas, ou de fazer vibrar em vitoriosas aclamações homens apáticos, concentrados ou indiferentes. Ele vem com destino superior, destino dos artistas criadores: o de redimir e de consolar. Traz a estrela na fronte: a consciência da sua superioridade. Que ele guarde no seu livro, se o tem, ou na sua memória, que é impecável, o sentido mal expresso destas vozes proféticas; e que a sorte, que não escolhe bom nem mau, grande nem pequeno, quando quer ferir ou aniquilar, só tenha para espalhar no seu caminho cheirosas flores sem espinhos!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXII, n. 8039, p. 1-2, 07 out. 1906.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/12574

BENDITOS OLHOS

FOI NUM ÂNGULO DE RUA, vendo passar a cavalaria do exército para a revista do dia 7 de setembro, entre o estrépito das patas dos animais e o sussurro abafado da multidão apinhada nas calçadas, que ouvi de uma das nossas médicas mais consideradas e minha amiga, um caso curioso, enternecedor, e que pode servir como um documento insuspeito da sentimentalidade dos animais.

É bem possível que, um dia, a mão cansada de escrever os "[qq]" cortados do quinino e os "as" das dosagens nas receitas, se delibere a traçar largamente as memórias de uma vida de tremendas [lutas] e penetrantes observações.

Nenhuma mulher no Brasil tem, por certo, mais que dizer, quer relatando os próprios esforços e consoladoras conquistas, quer narrando apenas certos fatos que os deveres da sua profissão ou o acaso das ruas a obrigaram a presenciar.

Pois, creio bem que nesse livro, tecido de nervos rijos e de vontade poderosa, em que se espelhem os mais rudes sacrifícios e as maiores dores humanas, não será omitida a história apreendida de relance da amizade de um cavalo pela sua dona, história que a mim me pareceu singularmente significativa e digna de registro.

Uma bela manhã, a doutora saiu de casa, e não vendo à sua porta o tálburi em que devia acudir a um chamado urgente, encaminhou-se logo para a residência do seu cocheiro, que morava a pequena distância.

O homem, positivamente, tivera maus sonhos durante a noite: estava carrancudo, sombrio. Um verdadeiro saco de raiva fechado à força.

À requisição do serviço, ele dirigiu-se à estrebaria para atrelar o carro.

Com a impaciência natural da pressa, a médica acompanhou-o, a ver se com a sua presença ele acelerava o trabalho.

Na estrebaria encontraram alguém, a mulher do cocheiro, uma pobre rapariga silenciosa, que desempenhava como a gata borralheira todas as funções domésticas, e ainda se dobrava às exigências do marido, executando ocupações da competência dele. Era ela quem dispensava ao cavalo todos os cuidados necessários, quem lhe cortava o capim, quem lhe dava de beber, quem lhe raspava o pelo, limpava a estrebaria e lhe penteava as crinas.

Sem filhos, brutalizada pelo marido, bem depressa ela dedicou ao pobre animal participante de certas injúrias, um pouco dessa ternura que exsuda do coração das mulheres, e que ela não tinha a quem oferecer. Como o cavalo nunca lhe respondesse com um coice a um afago, nem com uma dentada a um sorriso, ela, à piedade da confraternização no sofrimento, que o quadrúpede lhe inspirava, começou a juntar um sentimento de gratidão.

Na solitude da sua alma, quando dos lábios nunca beijados lhe irrompia um desabafo, os únicos ouvidos que a ouviam eram os do cavalo, que permanecia mudo a seu lado, contemplando-a com os seus grandes olhos tristes...

Nessa manhã o cocheiro carecia de um pretexto para o extravasamento da cólera que o envenenava. Quem teria de receber a desgraça dos rancores, senão o último cão de casa, a pobre esposa, dobrada em arco sobre os feixes do capim, que ia separando para a manjedoura, na hora mesmo em que o marido chegou para atrelar o animal aos varais do carro?

Como uma chuva de granizos, desabou logo sobre a rapariga uma saraivada de impropérios. Ela fora a culpada da demora, pelo seu [relaxamento].

Não se podia confiar nada a ninguém...

Se ele adivinhasse! Estúpida!

Calada, branquinha como a cal e trêmula como uma papoula ao vento, a rapariga fincou envergonhada e triste o queixo no peito, e pr'ali ficou ouvindo tudo sem protestos, na humilhação do [ilegível] e no rancor de uma revolta funda, que não tinha coragem de explodir.

Era uma cena doméstica em que toda a rudeza não transparecia senão no sentimento da palavra, no tom da voz zangada e na atitude magoada da paciente. Foi nessa hora que a médica interveio, chamando a atenção dos outros para o cavalo, cujas lágrimas rolavam abundantes e grossas pelas faces longas!

Que vissem e acudissem depressa. O animal deveria estar sofrendo alguma dor violenta.

Aquilo era doença!

Mas logo a voz tímida da mulher do cocheiro lhe segredou:

— Não, não é doença. Sempre que meu marido ralha comigo e eu fico triste, este cavalo chora!

Talvez tenhais vontade de rir. Eu não tive; o caso pareceu-me estranhamente lindo e digno de figurar nos anais da história dos animais, como um exemplo muito curioso, curioso.

Lágrimas que caem pela influência da tristeza comovem sempre, sejam de quem forem os olhos que as vertam.

Mas até a idade que tenho, não me constou nunca que essa delicada expressão de sofrimento pudesse sair jamais dos olhos de um cavalo! A lágrima não é o que a fisiologia determina seca e sucintamente, um líquido claro, alcalino, com uma densidade semelhante à da água, segregado das glândulas lacrimais com o fito exclusivo e natural de umedecer os olhos e facilitar o movimento das pálpebras. [ilegível].

A significação da lágrima é o que a torna divina. Que o seu licor amargo goteje dos lindos olhos azuis de enamorada donzela, ou dos olhos grandes de um quadrúpede irracional, se foi a piedade que a verteu, essa lágrima purifica a mancha de um pecado alheio e consola os desesperados, melhor do que o mais terno beijo.

BENDITOS OLHOS

Quem se esqueceu nunca do tempo em que os animais falavam, nas lentejouladas histórias de príncipes e fadas da nossa infância, mas em que só falavam aos deserdados da ventura, às enteadas descalças de madrastas perversas, ou a mendigos apaixonados por fidalgas inacessíveis?

Ninguém...

Pois um desses animais fabulosos e justiceiros escapou por milagre dos contos antigos e vive em carne e osso, em nossos dias inquietos, só para chorar, quem sabe? as mágoas de quem não tem outros olhos que as chorem!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXII, n. 8046, p. 1-2, 14 out. 1906.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/12618

ÚLTIMA ESPERANÇA

CERRANDO OS OLHOS no esvaecimento doloroso dos últimos instantes da vida, quando já tudo se evapora, se dilui, e as mais sérias preocupações de outrora não parecem já, no vasto ou curto campo da existência, que se deixa, senão pequenas sombras evanescentes e de interesse perdido, há ainda um sentimento bastante forte para desabrochar no coração melindrado das mães, como um lírio casto surgindo aljofarado de um vaso partido e que todo se ergue na haste para que o céu o veja bem, na ânsia de iluminar o mistério do futuro impenetrável.

Essa flor maravilhosa e suavíssima, em que o último sonho materno concentra todas as aspirações de felicidade, é a concórdia, o desejo de uma harmonia nunca interrompida entre os seus filhos, o cálice de supremo conforto, onde, em dados e inevitáveis momentos de amargura, eles venham encontrar os lábios secos, à busca da mesma gota refrigerante e consoladora.

Da negra e aberta porta da Morte, ela vê, de relance, o mundo, com uma noção mais esclarecida e mais justa. Percebe melhor, então, o seu valor; ela cai como uma forte coluna que o tempo e o amor tinham erigido para apoio de ombros amados, que depois se desviarão, quem sabe, à procura de outros arrimos, do acaso...

Será a dispersão, o isolamento...

Toda ela treme no assombro dessa ideia: almeja que os filhos nunca se afastem uns dos outros e que a ilusão perdure entre eles de se não ter derrocado e partido a imutável coluna do seu amor. A sua esperança é, até ao fim, — se no fim o seu cérebro ainda pode formular pensamentos, — que os irmãos são os mais seguros defensores dos irmãos, os amigos mais puros, os confidentes mais enternecidos.

Se ela pudesse cristalizar a sua última lágrima e nela refletir toda a sua alma ver-se-ia eternizada nessa gota amarga essa aspiração de harmonia como o supremo ideal da vida!

Já a garganta está paralisada, já os membros inativos arrefecem e ela quereria ainda ter voz, voz amorosa, clara, vibrante como um hino, para repetir aos filhos aconchegados à volta do seu leito que lhe perpetuassem a memória amando-se uns aos outros, amando-se mais de que se tinham amado até então, amando-se como ela os amava, regozijando-se uns pelos outros, sofrendo em comum, perdoando-se mutuamente!

Todo o seu corpo se enrija e arrefece e ela num supremo esforço quer ainda mas já não pode repetir aos filhos que a rodeiam estas palavras, tantas vezes ditas:

Se um pecar, que o outro não negue ao pecador o seu consolo e nem lhe volte as costas encolerizado. A vida é um ai! Se um for mais afortunado, que se não afaste invejoso o outro e não se maldiga por menos feliz... Se um for afrontado, que o outro se volte em espada justiceira nas suas mãos; se um cair, que o outro o erga; se um morrer, que o outro o amortalh[e] piedosamente, amorosamente!

O amor fraternal não é o amor selvagem dos tempos bíblicos.

Caim e Abel não tinham tido, como têm os irmãos de hoje, tradições no afeto, esse veio de ouro engrandecido pela torrente de cuidadosos e ternos dias. Eram homens como poderiam ser panteras ou leões.

Eva grunhia, não beijava. Não era a loira, clara e linda esposa de amor fecundo e coração amante, embalando a prole com bafos perfumados e conselhos de divina intuição. Era hirsuta, de unhas fortes, mastigava insetos vivos, pulava riachos a pés juntos com medo da água e só queria bem aos filhos enquanto pequeninos lhe pendiam [ilegível], olhando-os com indiferença logo que, emancipados, passavam por ela sem lhe sorrir, a caminho da sua agricultura ou dos seus rebanhos...

As [preferências] do Senhor determinaram a inveja de Caim, que [matou] Abel como a um carneiro. [ilegível] para perpetuar a dor encontrou no mundo uma esposa, não [ilegível], única mulher até [ilegível].

De geração em geração, essa [negra culpa] lamentosa transmite-se [ilegível] como um exemplo isolado e horrível. As mães tapam os olhos para não verem o quadro [fratricida], e aconchegam os filhos uns aos outros, suplicando-lhes que se amem, que se amem, que se amem.

É o seu brado mais intenso e com tanta sinceridade, tanto desespero vibrado, que o Tempo o paralisa num só eco.

Querem as mães que os filhos sejam unidos para serem fortes, tão sinceros que nenhuma nuvem lhes tolde a confiança e que assim possam transmitir a outros, que de si nascerem, não a dor de um remorso, mas o exemplo de uma perfeição!

É por isso que cerrando os olhos à luz do mundo em que viveu, quando já tudo é passado, uma mãe moribunda sente erguer-se do coração como um lírio luminoso de um débil vaso partido, ainda uma esperança, que se agita, cresce e desabrocha na haste longa:

A esperança de que seja para sempre inquebrantável o amor entre os seus filhos, que um dia ela esperará feliz, de braços abertos, no Paraíso!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXII, n. 8053, p. 3, 21 out. 1906.
http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/12664

REFLEXÕES DE UM MARIDO

...O QUE EU ADMIRO AINDA MAIS nas mulheres é a honestidade... a natureza foi acertada fazendo-me rapaz, porque, positivamente, se eu fosse do outro sexo creio que não haveria nem razões de família nem de qualquer espécie que me pudesse obrigar à atitude impecável de mulher virtuosa... oh, deve ser uma atitude absolutamente incomum... absoluta...men...te...

Homem! parece-me que estou abusando um nadinha dos advérbios. É como minha mulher com o — sabe —. Ela intromete aquele maldito "sabe" em todas as frases afirmativas, negativas, interrogativas... quer imponha, quer suplique... é um horror! Coitada, quando eu volto para casa, como ontem, depois da hora regimental de correr o trinco e a encontro no silêncio adormecido da sala de jantar disfarçando cochilos entre bocejos, a vigiar que o chá não arrefeça, toda encolhida dentro das roupas desatadas, a folhear um romance de que nem leu o nome do autor, a par de uma certa piedade sinto, irresistivelmente, um vago desejo de rir, ao mesmo tempo que me enfureço, ralho e lamento aquela pertinácia, aquela tolice de sacrificar doces horas de sono para esperar-me até tarde da noite, sem utilidade alguma...

Pobre alma! vem sempre com aquela cantilena dos cuidados... apreensões, não sei que mais, como se eu fosse uma criancinha... é boa! Eu é que não sou tão tolo que não saiba ler direito por linhas tortas... O que ela quer, pelo sacrifício patente do seu repouso e talvez mesmo da sua saúde, é obrigar-me a recolher mais cedo! Sacrifício por sacrifício, basta-me às vezes o de ingerir o chá morno e que me sabe a água choca, quando ainda sinto na garganta o saborzinho de chocolate da Anísia, ou da cerveja do Pinho... Aí está a Anísia, essa é que leva a vida como eu suponho a levaria se fosse mulher... sem escândalos, mas também sem preocupações da sociedade... É que ela tem imaginação.

A honestidade é apática... estou convencido... Sempre é bom desconfiar das caras onde fulgurem dois olhinhos espertos... A virtude nesse caso é uma mulher de mantilha, que só gosta de habitar em casas feias... Bonito!

Que seria de mim se minha mulher pudesse penetrar nestas minhas ideias, heim? Ficaria horrorizada, coitadinha, e seria capaz, quem sabe? de fazer alguma tolice... não!... isso não!... blasonaria... ameaçaria... mas conter-se-ia no seu lugar, que ela é o próprio pudor vestido de saias... Não são muito bonitas as saias de minha mulher, mas em compensação são caras...

Pois é assim... eu nunca me casaria com mulher que pensasse como eu... está claro! e eu sou um dos homens mais pacatos que cobre este lindo céu do Rio de Janeiro!... porque, afinal, as minhas extravagâncias são tão raras, tão diluídas, tão discretas, que não constituem, a bem dizer, extravagâncias: são pequenas anormalidades, que só tem o mérito de dar tom à vida... E é por isso que eu embasbaco ante a constância na virtude tão rigidamente mantida pelas mulheres honestas. Dir-se-iam de pau. Cá por dentro posso confessar que as outras são mais interessantes... O amor conjugal tem expressão de máscara de arame... todas as feições regulares, mas nenhum traço que salte como um indício provocador de curiosidade... É por isso que as mulheres honestas, por mais bem vestidas que andem, nunca fazem voltar a cabeça dos homens que encontram na rua... coisa que por certo elas lamentam... oh! se lamentam! É incrível o que se tem coragem de pensar e não se tem coragem de dizer... Como eu scandalizaria a sociedade se encaixasse em palavras, ditas ou escritas, estas barbaridades que estou pensando... e pensando com muita convicção!

Daria alguma coisa por poder penetrar no cerebrozinho da mulher mais rigorosa e de mais intacta reputação desta cidade... É impossível que ao menos em imaginação elas não cometam os seus delitos... Que diabo! o veneno que o pecado destila infiltra-se em todas as carnes... menos na de minha mulher, que é de pedra. Ainda bem que a minha mulher é de pedra... mas se pensam, se pecam, por que milagre conseguem dominar a besta e conservarem-se dentro do

apertado círculo que forçosamente as constrange e de onde governam o mundo? É extraordinário, é quase inacreditável; mesmo porque, afinal, pensando bem, os proveitos auferidos de tão grandes renúncias só felicitam os outros...

Afigura-se-me a mim que a honestidade da mulher é um capital empregado a favor da família, com largos juros futuros... As inocentes imolam o seu coração a bem da felicidade alheia.... o que as não impede de terem às vezes os seus despeitos... Ainda quinta-feira achei muita graça no baile do barão: minha mulher arrenegou-se porque ninguém, mas positivamente ninguém a tirou para par, ao passo que a mal afamada mulher do Alboim se saracoteou em todas as valsas e contradanças... A sua má reputação, na sã opinião de minha mulher, deveria afastar-lhe a concorrência dos pares... Santa e dulcíssima ingenuidade ! Estive vai não vai a esclarecê-la, a afirmar-lhe que essa própria má reputação que a arrepia e lhe franze a boquinha numa careta de nojo, é que dá à outra a pimenta, o sal, todo o tempero de salada apetitosa. Contive-me prudentemente e desandei, ao contrário, a consolar a pobre alma com todas as chapas do costume. Nem me atrevi a dizer, como uma justificação natural, que a mulher do Alboim é uma flor e dança como um pião; nada; ataquei-lhe com força a ducha da malignidade e da censura e louvei as outras que resplandecem como um exemplo e são os melhores sustentáculos da sociedade. Mas minha mulher não se mostrou convencida. Parece que nem sempre a auréola da virtude consola as mães de família... A experiência tem-me demonstrado que nossas ocasiões o melhor é disfarçar e mudar de conversa, antes que elas caiam em si e lamentem os dias perdidos numa serenidade, que é como um areal do deserto... O que nos vale a nós, é que isso vem sempre tarde, quando já não há tempo para recuperações...

Apesar de que, geralmente, as mulheres não se dão por vencidas senão quando, cansadas da terrível luta, a vaidade se lhes desprega da alma como a casca de um tronco murcho, ressequido pela completa falta de seiva... pobres almas, defendem como umas heroínas os seus encantos... também, não vivem

para outra coisa... a minha vai fazer os seus trinta e... e? e seis... é isso!... Ainda está bonitona... um tanto compacta... prefiro vê-la em vestes caseiras do que espartilhada quando sai... não sei como é aquilo: as gorduras sobem-lhe, arredondando-lhe as costas... Quando eu desejaria mesmo que minha mulher fosse uma perfeição, é quando sai comigo e por acaso encontramos a Anísia... outro dia, no bond, a Anísia não tirava os olhos das costas de minha mulher... aquilo estava me incomodando!... Enfim, ainda a gordura pode-se combater com exercícios... regime... mas do que ela nem sequer suspeita é de que já se lhe veem a certa distância alguns cabelos brancos... por uma esquisitice, são sempre os que parecem mais grossos... E agora por isto: se eu descobrisse um preparado bem fino, bem discreto, com que pudesse disfarçar estes malditos fios que começam a alvejar no meu bigode... é positivamente só por medo do ridículo que eu não tinjo o bigode... que diabo! toda a gente que me vê hoje assim, perceberia se amanhã eu... é verdade que para a transição tenho ainda um recurso: rapo a cara... esplêndido! rapo a cara, e depois quando o meu rico bigode, que é bem bonito, tornar a nascer, quem se lembrará de que ele tinha antes, entre tantos cabelos pretos meia dúzia de fiapinhos de algodão? Ninguém, ninguém, ninguém! Do que eu careço agora é de um pretexto sério para a mudança de fisionomia... Bom... Isso também se arranja... uma erupção! O conselho de um médico meu amigo que encontrei onde não fui, salvará tudo! Que embaraços haverá no mundo que a sagacidade e a inteligência de um homem de valor não consigam vencer?!

(Do livro "*Eles e Elas*".)

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXII, n. 8060, p. 3, 28 out. 1906.

http://memoria.bn.br/DocReader/178691_03/12712

PÁGINAS LIDAS

EU DESEJARIA ESCREVER demoradamente sobre este livro: — *Sombras* — que Presciliana Duarte de Almeida me enviou de S. Paulo e que entrou pelo meu escritório como um canteiro florido na primavera. Mas duas razões sustentam-me no ar a pena, sempre incompetente em julgamentos literários: a amizade que dedico à autora e que tornaria suspeita qualquer apreciação minha, e uma referência direta ao meu nome feita amavelmente por Afonso Celso no gentilíssimo prefácio em verso que para esse livro escreveu. Abstendo-me de criticar, borboletearei contudo levemente sobre as páginas claras desse livro de mulher boníssima. Como Artur Azevedo, acho que o título não condiz com a obra, em que uma alma cristalina vibra em plena luz sonoridades harmoniosas, regidas pela mão leve da felicidade...

*Dourar a vida, ser grande e forte,
cobrir de flores nossa morada,
Pensar sorrindo na própria morte,
É pôr um dique contra a lufada
Da nossa sorte!*

Este domínio da vontade é rara fortuna mesmo nas almas fortes. Presciliana desnuda a sua com orgulho olímpico, para que lhe vejam a estrutura admirável. Não são sombras que vagueiam pelas suas páginas com deslizamentos sutis de fantasmas indecisos; são claridades rutilando, penetrando todas as dúvidas, todos os recantos misteriosos do coração, onde os sentimentos bons e maus habitam em comum e às vezes se confundem... é para evitar essa confusão dolorosa que a doce poetisa na sua carta a uma amiga velha, e talvez um tanto incrédula e desconfiada, suplica:

*Não te queixes de mim. Procura em toda a parte
Amiga que melhor do que eu saiba adorar-te,*

e mais adiante:

*Deixa em plena grandeza e intensa claridade
Recíproco brilhar o sol da lealdade.*

Todas as suas estrofes, até as que vêm molhadas de lágrimas, despedem certas rutilações. São como as caras moças e bonitas, que mesmo através do pranto agradam a quem as vê...

Na sua última página a poetisa pergunta com uma modéstia em que transparece a mais profunda sinceridade:

*Que sois, meus pobres versos forasteiros?
— Sombras daqueles que adorei na vida...
Como as sombras também sois passageiros!
Em que memória encontrareis guarida?
Os que me adoram morrerão comigo,
E olvidada serei no meu jazigo...*

Não sei se haverá consolação no imaginar a gente que o seu nome fique flutuando no mar dos tempos, como pétalas de uma flor desaparecida. Essas convicções são quase sempre enganadoras... Há poucos dias andei de livraria em livraria, pressurosamente, indagando de um livro, ao menos um, de uma escritora que deixou muitos, e afirmam que bons, que era brasileira, que conviveu no estrangeiro com os melhores espíritos da sua época, que fechou os olhos para o último sono há apenas uns vinte ou vinte e poucos anos e... cujo nome eu nunca ouvira na minha vida!

Uma notícia do *Jornal* revelara-me num domingo o nome da escritora brasileira, Nísia Floresta, e já na segunda-feira eu curiosa de conhecer o espírito dessa patricinha ilustre e desejosa de lhe render a minha homenagem, desci à cidade, reclamei as suas obras nas grandes e nas pequenas livrarias, não encontrando delas, visto que ninguém as conhecia, nem o mais débil eco...

Com a pobre Nísia Floresta parece que também morreram os que a amaram, e nem ela, despida das vaidades terrenas, se magoaria com isso, julgo que ninguém pensa na posterioridade quando escreve, mas só em dar evasão ao pensamento e aos seus sentimentos que o dominam e afogam. Quem olha de fora não pode, porém, esconder um movimento de compaixão por essa alma que se consumiu numa chama ardente e de que não se guarda nem uma pequenina centelha...

Os rio-grandenses do norte vão em boa hora buscar pela mão o fantasma da escritora exilada, que tornara assim à terra que deixou não sei por quê, e onde tão ingratamente ficou ignorada...

Mas não me causou tamanha estranheza o desinteresse por essa escritora amortalhada e enterrada (e Deus sabe como os mortos vão depressa), em frias terras de outro continente, quanto me impressionou a indiferença glacial com que foi recebido o último e famoso livro da nossa grande poetisa Júlia Cortines.

Se o livro de que falei nos primeiros períodos deste artigo lembra um vergel em flor lambido de águas constantes, as — *Vibrações* — bem como o primeiro livro — *Versos* —, de Júlia Cortines, impõem outras visões e desdobram outros horizontes, de sentimento oposto. A sua voz não canta: grita, soluça, impreca: não geme, amaldiçoa; não contemporiza, pune; para ela a vida só tem uma expressão: a dor! Basta dizer que em todas as páginas de seu livro, que é um livro raro, que se relê, cada vez com maior gozo, se encontram poesias do valor desta:

*Interrogaste a vida: interrogaste o arcano,
Misterioso sentir do coração humano;
A mesta palidez serena do luar;
O murmúrio plangente e soturno do mar,
O réptil que rasteja, o pássaro que voa,
A fera cujo berro as solidões atroa,
A desenfreada fúria insana do tufão,
A planta a se estorcer numa atroz convulsão;
Interrogaste, enfim, tudo o que existe, tudo:
O que chora, o que vibra, o que é imoto, o que é mudo.
Do astro eterno baixaste à transitória flor.
Que encontraste, afinal?
— A dor! a dor! a dor!*

Estes belos versos da pensadora poetisa, que tão orgulhosamente se encerra na torre ebúrnea da arte, e que toda se consagra numa adoração de sacerdotisa, teriam, como todos os outros versos seus, feito vibrar os sinos da crítica e as palmas das admirações, se a nossa vida nos permitisse ligar mais atenção às coisas atormentadas e [delirantes] do espírito...

Os nomes dos homens, mais fortes, têm outros [ilegível].

Já agora, que o livro de Presciliana Duarte de Almeida abriu a porta a estas divagações e a estes aplausos, quero falar de um livro, de um desconhecido, que me comoveu enormemente.

Desconhecido? Nunca um poeta é um desconhecido quando a elevação dos seus ideais ou as paixões da sua alma são compreendidos pela nossa... ele é antes um íntimo, um amigo que nos adivinha, que interpreta a linguagem amarga das lágrimas que não vertemos e que nos transbordam do coração, dos êxtases com que olhamos embevecidos para a opulência da luz, que não sabemos definir.

Esse livro que me comoveu e deponho aqui entre os livros das minhas amigas, é de um poeta morto no princípio de sua mocidade, na hora que os sonhos se emplumam para longas viagens tentadoras... A mão do Destino desplumou essas asas. O livro de Francisco Mangabeira, selado pela tristeza desde o título: — *Últimas poesias* — é um livro que se não pode ler de olhos enxutos e que se guarda como o livro de um irmão...

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXII, n. 8067, p. 1-2, 04 nov. 1906.
http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/12750

ADEUSES E BOAS VINDAS

QUEM AME VERDADEIRAMENTE, sinceramente, o Rio de Janeiro, por nele ter nascido ou por tê-lo escolhido para campo de sua atividade, não pode assistir impassível à retirada de um governo que tão brilhantemente o transformou.

Que era o Rio de Janeiro há quatro anos? Ninguém se esqueceu ainda: uma cidade infecta, como diria o Damaso do nosso querido e inolvidável Eça, toda cruzada de vielas imundas, sombrias de dia, mortificamente iluminadas à noite; com ciladas em cada buraco do calçamento, com morrinha de febres no ar empestado, temido por toda a gente como uma ameaça de morte! As ruas estiravam-se magras, secas como membros anquilosados pela inércia de uma paralisia de longa data; cheias de depressões e de tumefacções repugnantes. À força de não ver outra coisa, a gente habituava-se a essa fealdade, suportando-a, como certas pessoas suportam a convivência de um morfético querido de seu coração, e de que o mesmo amor e constante intimidade atenuam a repulsão sem evitar certo constrangimento...

Só a febre amarela, além dos terrores da gente de fora ou recém-chegada, e da que nunca poria os pés no Rio de Janeiro com medo dela, era motivo constante de pânico de inenarrável terror das pobres mães, sempre sobressaltadas por essa visão maldita.

Qualquer indisposição insignificante numa criança originava logo noites de insônia e de alarme numa família. A vida era uma preocupação! Nunca se servia ou mastigava uma fruta, sem que o seu sumo inocente ou a sua polpa deliciosa fossem suspeitados como preferido veículo da febre... Não se expunha uma criatura a andar descuidadamente ao sol, que se não recolhesse depois à casa, desconfiada, com um par de sinapismos e um frasco de óleo de rícino por precaução... A garra do tifo icteróide era pressentida na água das fontes, nos raios da lua, no cheiro das plantas e no dos bueiros, nas enxurradas, nos trovões,

no gelo com que se refrescava o vinho do jantar, no linho dos lençóis, lavados em cortiços abomináveis e em que a gente pretendia dormir á noite, mas em que se revolia no pesadelo da grande preocupação!

As mães exerciam uma vigilância sem tréguas, cansativa, exaustiva, brutal, sob o regime dos desinfetantes, do arsênico, da água fervida e, sobretudo, da alimentação...

Dir-se-ia estar-se sempre em face da morte, num jogo de capoeira provocador e aflitivo...

Como Cristo a Lázaro, o governo do Dr. Rodrigues Alves fez ressuscitar esta, antes herpética cidade de S. Sebastião, substituindo-lhe o aspecto ictérico por uma pele macia e clara, onde as cores da saúde rebentam em rosas irradiantes e não como outrora em pústulas... Bastaria esse feito, se outros não houvesse a enaltecer os méritos do seu governo, para, nesta hora das despedidas, cobri-lo de aplausos e flores.

A capital da República já em nada se parece com a soturna capital do império. Era uma alcova sem janelas; agora é como um largo vestíbulo iluminado e franco, que não afugenta o estrangeiro que passa, antes, o convida a um doce descanso e lhe solicita a curiosidade para uma viagem ao interior do país...

Presumo que o Dr. Rodrigues Alves deva estar contente: cumpriu o seu programa e deixa um rastro de grandes benefícios. Os próprios atos dos seus ministros, por mais independentes que tenham sido da sua orientação, projetam-lhe glórias, a que se não pode esquivar visto que foi ele quem, com fina percepção, estudou as aptidões de cada um e soube escolhê-los e congraçar-los ao redor de si...

Saber julgar antecipadamente os homens deve constituir uma espécie de arte política, arte por certo muito inteligente e curiosa, mas de resultados se não duvidosos pelo menos falíveis.

Desta vez as previsões não tiveram desmentido, e ainda por isso devemos felicitar o presidente que acaba o seu quadriênio, afirmando-lhe a nossa gratidão.

Entre um governo que morre e outro que nasce, não há senão tempo para um único gesto: o do cumprimento.

Somente que expressões diferentes esse simples gesto de cortesia pode reproduzir! Se para o governo que finaliza há uma saudação de entusiasmo ruidoso e justíssimo, para o que chega há uma interrogação tímida, em que as — boas-vindas — não disfarçam completamente uma ideia de receio. Do fundo de cada consciência levantam-se estas perguntas:

- Que nos trará de bom o futuro governo?
- Que benefícios realizará?

Os mais entusiastas não o poderão dizer ainda: tão certo é que os fatos às vezes desfolham as melhores intenções, como o vento as mais perfeitas flores.

A minha pena irrequieta de mulher divagadora deixar-se-ia conduzir por outros caminhos mais familiares, se entre vultos dos novos governantes que chegam não estivesse um que ela tem pressa de saudar com a mais profunda reverência, não só porque espera que ele seja um [mensageiro] de grandes felicidades para a sua terra, como porque lhe é [imensamente] grata: o general Souza Aguiar.

Dívidas contraídas em dias de amargura não se [ilegível] distância. Foi numa [ilegível] de luta e de trabalho que eu conheci o general Souza Aguiar e que a sua mão de soldado conselheiro se estendeu nobremente para auxiliar-me em [ilegível].

Ele já se não lembrará disso talvez... Eu é que não me esqueci.

Foi pelo desastre do barracão das flores. Aos que se lembrarem do fato não é preciso recordá-lo. Os outros nada lucrariam em sabê-lo. Somente direi que desde então o nome do, nesse tempo, comandante do corpo de bombeiros ficou gravado em meu espírito e que era com viva satisfação que acompanhava de longe os seus triunfos de engenheiro arquiteto e de militar.

Já é uma fortuna saber-se que a nossa Prefeitura passa das mãos hábeis e enérgicas do Dr. Pereira Passos para as mãos vigorosas e artistas do general Souza Aguiar.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXII, n. 8067, p. 1-2, 04 nov. 1906.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/12750

REFLEXÕES DE UM MARIDO²⁵

“NÃO POSSO MAIS! cada vez que minha mulher, a alguma das minhas observações, replica com um arzinho petulante e impertinente: É com o meu dinheiro!... Se luxo, é porque posso! — tenho ganas de me atirar pela janela e esfacelar os miolos na calçada! Meu dinheiro... meu dinheiro! é fantástico o prestígio que as senhoras ligam à miserável meia dúzia de contos de réis que porventura tragam para o lar de um marido pobre... A minha julga-se invulnerável: está dentro do seu dote como um guerreiro medieval dentro da sua cota metálica de malhas apertadas. Se alguma bala a atingisse, viria de ricochete ferir quem está tão desprevenido a seu lado...

De mais a mais... Zizinha... afinal como todas as mulheres... é de uma ignorância deplorável em tudo que concerne a negócios e espírito prático... não quer que se bula no seu dinheiro e deseja que o seu dinheiro cresça!... Supõe talvez que dote é sinônimo de elasticidade... de eternidade!... Ora, afinal, o dote foi de cinquenta contos só... uma miséria... é verdade que eu não tinha nada... mas também não ando a falar do meu dinheiro!... Com esses magros cinquenta contos já compramos uma casa no valor de trinta... joias no valor de dez... um piano... só para ela, no valor de dois... baixelas e alfaias no valor de oito... vestidos e chapéus no valor de oitenta... fora o resto: assinaturas em teatros... carros... recepções... "bonbons"... estações em Caldas e em Petrópolis... perfumarias finas e mais isto e mais aquilo, e o dote da menina há de se conservar de pé como uma das pirâmides do Egito, deixando cair do cocuruto ininterrompidamente, chuvas de diamantes e de moedas de ouro... Em parte aquilo são ideias incutidas por minha sogra... Na opinião das duas tudo no

²⁵ N. da E.: Este texto viria a integrar o livro *Eles e elas* (1910). A informação não foi dada no jornal, diferentemente do que ocorreu com a maioria dos textos destinados a esse livro.

mundo se pode desmoronar... desfazer... ruir, voar pelos ares em átomos invisíveis, ou meter-se com estrondo pelo chão abaixo; tudo! cidades, montanhas, reputações, o inferno, menos o dote de cinquenta contos, sempre fecundo, poderoso e intangível como o céu! Caramba, que é preciso mesmo não ter ideia nenhuma desta engrenagem devoradora... trituradora, que é a sociedade, para se chegar a conceber e nutrir juízos tão estapafúrdios... Não é à toa que chamam as mulheres: cabeça de anta chocha... Estou capacitado que para elas não há nada de positivo... de sério... tudo é efêmero como o amor!

Até certo ponto acho natural que o dinheiro as envaideça e que elas o adorem... sem ele... sem ele a mulher não seria essa flor rara de estufa primorosa... porque... digam o que disserem, a beleza natural é insípida como a água... De que vale a uma infeliz ter um corpo de ninfa ou linda deusa pagã, se não tiver um colete bem talhado, feito sob medida?! De nada. A minha prática pode afirmá-lo: de nada! Afinal que é a mulher? Nós os homens levamos a dizer, e disso talvez sejamos um pouco culpados, que ela é o maior luxo da natureza e que só nasceu para um fim: agradar-nos! Está aí talvez a origem da sua garridice... apesar de que hoje parece que já não se admite que uma moça consuma a vida em frente ao espelho, a frisar cabelinhos, pintar sobrancelhas e a empomadar as faces... A moda é outra... mas vá eu dizer à minha rica mulherzinha que ela não acompanha a moda! Saltar-me-ia ao pescoço... seria capaz de esmagar-me... coitada... acompanhar a moda é a sua ocupação mais doce...

Inda se ela a acompanhasse sozinha... mas o que me faz andar por estes malfadados armarinhos com amostras de fitilhas de seda e de rendas na algibeira!... O mais apurado dos martírios, de que os santos por glória deles escaparam, é a tremenda peregrinação que uma ou outra vez Zizinha me impõe de a acompanhar aos armazéns da Avenida ou da rua do Ouvidor... Chega a minha vez de encorajar-me na armadura da paciência.

Minha mulher exige a minha opinião sobre os cortes que o caixeiro expõe evangelicamente sobre o balcão. Aponta um... aponta outro... indaga... volta-se para mim... hesito... aborrece-se! Também ela está perplexa... mas insiste afinal em olhar para um dos cortes... o caixeiro sorri... ela segreda-me confusamente... não entendo, mas digo que sim... já ela finge que não quer o vestido de que mais gosta... borboleteia... eu sofro calado... puxo o relógio... ela ainda pede de novo a minha opinião.

Gaguejo uns monossílabos... não... sim... é... morto por me ver na rua. Quando julgo tudo concluído, ela faz vir mais fazendas! O caixeiro sorri... Minha mulher acha tudo caro... dá muxoxos, afasta-se, aproxima-se, apalpa os tecidos... arranja o veuzinho, apronta-se para sair... Enfim, saímos! mas voltamos da porta. Ela decide-se: compra tudo, eu pago tudo! Outra vez na rua, mal vou espairecendo ao ar livre, ela amargura-se afirmando que não comprou os cortes a seu gosto, mas ao meu! Prevê um fiasco. [Proponho que volte, que desfaça o negócio, substituindo as compras por outras... não, já agora não quer. Fará outros vestidos, só a seu gosto... Se à vista de tal ameaça eu lhe pondero, ou antes, insinuo, que as "toilettes" já me parecem demais, salta a maldita frase: — é com o meu dinheiro! — e não tenho remédio senão calar-me muito bem caladinho, porque se reajo, é pior... Oh, se eu adivinhasse, teria, mil vezes juro, ficado solteiro toda a vida, ou casado de preferência com uma mulher pobre, bem pobre... que me devesse tudo... e que me olhasse embevecida quando eu lhe proporcionasse meios de comprar um corte de lã nas liquidações de fim de ano. É verdade que detesto as mulheres mal-arranjadas... mas tudo, inclusive a convivência de uma delas, seria preferível a sofrer a injúria] torpe dessas palavras brutais...²⁶ Quando minha mulher fala no seu dinheiro, o timbre de sua voz muda de tom e... vibra com sonoridades de sino rachado, que me arrepiam as carnes...

²⁶ O exemplar consultado está bastante manchado, quase ilegível, sobretudo no último parágrafo do texto, motivo pelo qual a transcrição do trecho entre colchetes foi feita a partir do texto "Não posso mais!", versão publicada em *Eles e Elas* (1910, p. 172-3).

dá-se então um fenômeno muito esquisito e que eu faria notado de um homem de ciência, como o meu antigo professor de física, se o caso não exigisse do meu orgulho a mais perfeita discrição... Cada vez que minha mulher alude ao seu dinheiro, vejo-lhe as palavras saírem-lhe da boca como diabos do inferno, com corpo, rabo, chifres e tudo. Até já percebi que os diabos representam as consoantes agudas, esgalhadas, angulosas e retorcidas: as vogais, essas vê representadas por bruxas gordas, de bocas redondas, que se voltam para mim numa assoada... de carnaval. Sobe-me então o sangue à cabeça e afogam-me as palavras de protesto na garganta... Ah, de que são capazes as mulheres frágeis... as tímidas criaturinhas cantadas pelos poetas! A mais sossegada enrola-nos como a biscoitos... aí está: quem olhar para a minha não a julgará capaz de certas ousadias... é débil... com uns ossos tão finos, que à menor compressão ou torcedura os faria estalar como gravetos... e a pieguice que ela derrama naqueles olhinhos garços, mais doces que a calda da mangaba madura, quando fala em amor, mas que se tornam de aço quando abre a porta à sua frase atrevida: — é com o meu dinheiro:... Se não fosse o medo do escândalo eu diria: pois guarde o seu dinheiro e eu vou-me em... Mas cá estou eu a pensar tolices... Embora para onde? fazer o quê?! Afinal ela não diz aquilo por mal... São vícios de educação... a mãe é de uma ignorância pasmosa e de absoluta falta de critério para... meu sogro outro que tal... Se eu não tivesse entrado para a família... não sei o que seria deles... Coitados!...

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXII, n. 8074, p. 1-2, 11 nov. 1906.

http://memoria.bn.br/DocReader/178691_03/12794

GUERRA!

(DO DIÁRIO DE UMA JARDINEIRA)

BRAVO, JÁ NÃO BASTAVA a deficiência da água para me desesperar no jardim, tenho também agora os gafanhotos!

Cá estão os bárbaros grandes, esguios, insidiosos, cor das folhas secas, semelhantes a gravetos no chão ou aos galhitos das próprias plantas em que pousam, em que se banqueteam regaladamente e com as quais se confundem.

A sua sagacidade e percepção são tais, que não há dedos, por mais ágeis, que os segurem. Adivinham as intenções do inimigo ao longe, deixam-no aproximar-se cautelosamente para erguerem o voo diante do seu nariz, no momento justo da captura. Irrompem então em revoada, num rumor escarninho, de uma planta querida para outra de não menor estimação. Não são gafanhotos estes hóspedes roazes, são gafanhões.

Perplexa, sem saber como defender as minhas flores e na certeza vaidosa de que as minhas virtudes me dão tanto direito a ser ouvida dos insetos, como S. Francisco de Assis (perdoai-me, justos céus!) de ser ouvido dos peixinhos, aparentemente muito mais estúpidos que estes bichinhos, eu perorei em prosa e verso afirmando aos gulosos alados que resplandece na minha consciência, e isso é uma santa verdade, a certeza de não ter jamais amarrado, nos tempos da minha infância uma simples linha às pernas finas de nenhum inseto, e que levo ainda hoje o rigor a proibir tal coisa mesmo às crianças alheias ou indiferentes. Se isto é assim, por que me tratarem como inimiga, estragando-me as roseiras inocentes e as mudas novas da macia malva-maçã?!

Pois não viam que a doce planta rasteira não tem outro ofício no mundo, senão o de perfumar até a mão que a ofende?! Disse outras coisas mais, mas bem se importaram eles com a minha arenga! Nem caso! Convictos da impunidade atascaram-se no violetal. Ah! mas as violetas são urnas sagradas em que a alma da natureza destila a gota mais pura do seu pranto divino como diria um poeta de almanaque. Para defender um violetal ameaçado, todos os excessos são permitidos.

A um sinal desesperado, o pessoal de casa avançou ardidamente com apetrechos bélicos: vassouras, espanadores, toalhas, bombas de rega, todo o material lembrado para exercer funções inseticidas através da chácara.

Foi tudo sem proveito, porque os bandidos, finos, perspicazes, motejadores, desertaram dos abobrais para se encarrapitarem nas laranjeiras; saíam das laranjeiras para os canteiros das couves, seu manjar predileto; irrompiam das couves para as copas floridas dos cajueiros, estendendo-se felizes e irônicos sobre as largas folhas metálicas da árvore. Realmente, não atino como poderia S. João apanhá-los para a satisfação do seu apetite original e modesto...

Minha alma, como se fora feita de essências de plantas primitivas, plantas do Paraíso, cedro ou erva rasteira, carrega comigo um amor por folhagens e flores que se acentua com o correr dos tempos e será por certo a consolação de “mes vieux jours”! Maltratando, inutilizando flores, os gafanhotos provocaram a minha ira, e a minha ira se converteu em guerra contra os gafanhotos.

Quem não leu a Bíblia? Lá está escrito que, para abrandar o coração empedernido de Faraó, a vara de Arão se converteu em cobra e determinou sucessivamente que as águas dos rios se transformassem em sangue, que os peixes morressem, e que as águas se corrompessem durante sete intermináveis dias! Como essas calamidades não abrandaram o duro coração do rei, foi determinado ainda que rios e lagos [tornassem] em rãs, e que essas rãs [mofentas] entrassem pelas casas, pelos fornos e pelos leitos de Faraó e de todo o seu povo.

Tal martírio afigurou-se ainda suave e quase idílico. Era preciso inventar coisa pior e mais assustadora, visto que o coração do negregado egípcio continuava [incrédulo] e impenetrável como uma velha rocha, foi determinada por isso a aluvião dos mosquitos. Mal a vara de Arão feriu o pó da terra, viam-se os homens, as bestas, as plantas, as pedras, cobertas de mosquitos!

Depois dos mosquitos vieram as moscas mais pesadas, mais barulhentas e corruptoras.

Toda a terra do Egito fervilhou nos milhões e milhões de [ilegível] que a contaminaram. Mas a praga das moscas, como as antecedentes, não perturbou a impassibilidade teimosa do coração de Faraó, e caiu sobre os seus campos e os dos seus súditos uma grande pestilência que sacrificava sem remédio cavalos, jumentos, camelos, bois e ovelhas!

Os homens cruéis sempre se comoveram pouco com o sofrimento dos irracionais... Foi então [levantada] por um punhado de cinza, lançado pela mão formidável de Moisés, uma poeira finíssima, impalpável, dolorosa, que floria a pele das criaturas em úlceras e transformava o sangue em pus! Como isso, porém, não bastasse, ainda [realizou-se] a ameaça tremenda de uma estrondosa chuva de pedras como nunca se vira antes, nem se viu depois em parte alguma!

Uma imaginação de mortal, por mais fecunda, nada teria a inventar depois de tamanhas catástrofes na impossibilidade de [criar] maiores horrores; mas não é a imaginação dos mortais que faz crescer as águas do mar, nem soprar a brisa misteriosa do vento! Depois das pragas nefandas que aí foram apontadas ligeiramente pelo [tino] desta pena rústica, é que desceu sobre o Egito, como o maior castigo à relutância do soberano e do seu povo, a praga dos gafanhotos devoradores. O que a poeira não conseguiu destruir, destruíram eles num relance. Granjas, searas e vergéis ficaram nus, ressequidos, mostrando ao céu inclemente o corpo triste e exausto...

GUERRA!

Ah, a guerra dos pequeninos, dos insignificantes, que terríveis e inesperados efeitos produz! Mil e mil vezes a ameaça franca dos trovões reboadores, o relampejar de raios ziguezagueando no espaço enegrecido e barulhos formidáveis de chuvas e granizos, caindo em montões e torrentes grossas! Mal comparando, como diz o povo, os gafanhotos estragam campos, como certas intriguinhas vidas que não têm outra preocupação senão a de florir. Se a seara é bonita ou próspera, ou se, à falta destas duas adoráveis qualidades, é simplesmente útil ou estimulada de alguém, os endiabrados saltões procuram estragá-la e perdê-la malignamente, insidiosamente... e perdem-na, enquanto o Tempo, que desvenda mistérios e aclara entendimentos, não faz reverdecer na haste desnudada os novos rebentos e os doces frutos que a faziam antes apetecidas...

Desde que descobri afinidades entre gafanhotos e intrigas, que eu detesto os gafanhotos! E vejam: antes eu não lhes queria mal, o que me faz convencida de que é preciso que a gente sinta os efeitos de uma desgraça para bem poder compreendê-la.

Estes poucos gafanhotos ou gafanhões que se divertiram em desnudar as minhas árvores novas são naturalmente desertores do grande exército que assentou arraiais há dias em uma fazenda de Porto Ferreira, em S. Paulo.

Era tão extraordinário esse exército, que por todo um longo dia impediu o trânsito por campos e caminhos da vasta propriedade!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXII, n. 8081, p. 1-2, 18 nov. 1906.

http://memoria.bn.br/DocReader/178691_03/12840

UM BOM MOVIMENTO

LI HÁ DIAS NOS JORNAIS que uma senhora bem inspirada trata agora de organizar uma sociedade protetora do trabalho feminino, fundando escolas diurnas e noturnas, jardins de infância, institutos profissionais, “creches”, oficinas apropriadas ao desenvolvimento das aptidões e das necessidades das mulheres pobres, nesta cidade febril de trabalho e de progresso.

Como a notícia era rigorosamente discreta, não pude adivinhar quem fosse essa senhora; sou, portanto, alheia à influência da simpatia pessoal que me determinasse o débil apoio do meu aplauso. Não sei quem é a autora do projeto, nem isso importa; basta-me para saudá-la jubilosamente que ele seja, como se me afigurou na rápida exposição do seu programa, humanitário e justo.

Proteger a mulher e proteger a criança são os principais atributos das sociedades civilizadas. O Rio de Janeiro terá forçosamente de guiar pela mão os seus filhos mais fracos, mas de quem a sua fortuna e a sua glória dependem fortemente, porque todas as atividades bem dirigidas trazem resultados benéficos, embora às vezes inesperados.

A felicidade individual não fica com isso comprometida. Preparar a mulher para o trabalho não é obrigá-la a exercer a função da matéria em que se exercitou, mas apercebê-la com uma arma defensiva contra os ataques da miséria, que não indaga do sexo nem das aptidões das criaturas a quem assalta e cujo lar devasta. Todas as mulheres teriam nascido para deusas, se todas achassem quem as endeusasse! A maior parte, ai delas! sente embaixo dos pés não o pedestal glorificador e eterno, mas um solo movediço como o das areias do mar, que as arrastará para o abismo, se elas não tiverem a tempo aprendido a nadar...

A natação é, indubitavelmente, uma ginástica indispensável à vida! Para não se dar ao trabalho de aprender, fia-se muita gente na locução, genuinamente brasileira, de que — a necessidade é a melhor mestra!

Não lhe neguemos certas qualidades acoroçadoras; mas a verdade é que ela é uma mestra muito rude, bárbara e sem método nenhum — o que significa também: atrapalhadora.

Tudo que se aprende de assalto aprende-se mal e executa-se com timidez e com susto. Assim, adquirindo com vagar, com serenidade, em classes bem organizadas e bem mantidas, um certo e determinado ofício, uma infeliz mulher, chegada a hora da penúria, não temerá a concorrência de outras pessoas, a quem a prática tenha polido e desembaraçado na mesma ocupação.

A necessidade então só terá a insuflar-lhe a coragem, mas não terá nada a ensinar-lhe — o que já é ganhar tempo.

Dizem-me que no Instituto Profissional Feminino, que por negligência imperdoável nunca visitei, esse problema doloroso está sendo estudado e resolvido com a mais carinhosa atenção.

Mas a verdade é que a uma cidade do tamanho e da agitação da nossa, não basta uma só casa como essa: precisamos de muitas, que arrebanhem, na meninice e na mocidade desta e das gerações pobres que hão de vir, as mães futuras e as futuras companheiras dos homens trabalhadores e honestos.

Infelizmente, não é só a mulher de trabalho, a artífice, a operária, a bem dizer, que precisa de uma orientação positiva, metodizada, completa, que lhe desenvolva o espírito e lhe dê uma noção clara das coisas e da vida. Todas nós, que não tivemos senão uma ilustração ornamental, de pechisbeque, esbarramos, com o correr dos tempos, em dificuldades que se nos afiguram invencíveis e que são muitas vezes, para quem tem noções variadas e nítidas de tudo, casos simples e de fácil realização.

Ainda há bem poucos dias, lendo no livro — “A educação nacional” — do distinto escritor José Veríssimo, um capítulo concernente à educação da mulher brasileira, e cujas conclusões são que urge melhorar para bem delas e da coletividade, a sua educação moral, intelectual e física, senti a agradável comoção de ver as minhas convicções, e teorias que professo, expostas com a sabedoria e a largueza que me faltam.

Mas esse problema é outro e não convém embaralhar os assuntos que se podem confundir por semelhança. Do que se trata agora, suponho, é só de estender aos humildes o bordão que os há de guiar através dos caminhos tortuosos e desconhecidos do futuro, ao mesmo tempo que se atenua o esforço doloroso das mulheres já feitas, criando jardins da infância e “crèches” para agasalho dos seus filhinhos, durante as horas de trabalho delas.

Esta mesma pena já se bateu denodadamente por tal assunto e não vem agora senão ratificar o que por várias vezes e vários modos disse. A uma mulher que saiba ver e que pense, não há numa cidade de trabalho instituição mais humanitária do que a da “crèche”. Por mais amado que seja um filho e por mais abnegada que seja a mãe, ele é para ela um fardo nas horas em que o trabalho, que não espera, carece dos seus dois braços desembaraçados e livres. Afigurava-se-me que nenhuma associação podia ser mais simpática e protegida pelas mulheres do que essa. Entretanto, uma fundada no Rio de Janeiro, com o fim exclusivo de montar “crèches” sucessivamente em todos os bairros da cidade, não tem logrado, apesar dos seus esforços, reunir o capital necessário para fundar e manter, embora modestamente, ao menos a primeira! Não seria agora o caso de agregarem energias, revalidando uma ação que não esmoreceu nunca, mas que pouco tem conseguido?

A pessoa que tentar executar simultaneamente tantas obras de beneficência, deve contar com elementos extraordinários e ter os ombros fortes!

A cruz é pesada.

Infelizmente, por mais generosas, por mais humanitárias, por mais justas que sejam as ideias, elas, só pelo seu prestígio, não atraem adesões espontâneas, e, tendo mesmo muitas vezes de pedir socorro, aos gritos não vem ninguém correr em seu auxílio!... Esta verdade não desanima uma alma deliberada ao benefício e não é aqui apontada senão como motivo de maior apreço por quem, conhecendo o egoísmo moderno, sai denodadamente a combater [pelos] fracos e desprotegidos...

Tivesse a minha pena força bastante para convencer os incrédulos dessa doce fé: que educar é melhorar; e que nada fortifica a consciência nem dá tanta razão de orgulho como cooperar a gente para tranquilidade dos aflitos; e a associação das mulheres de trabalho teria nela um paladino esforçado.

Fraca ou forte, porém, o que lhe não posso nem quero negar é o direito de expansão; usando dele consigno aqui o desejo de que a futura associação possa realizar em breves dias os fins a que se destina, fundando para as classes modestas jardins da infância, escolas, “crèches”, laboratórios e oficinas.

A pobreza lho agradecerá.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXII, n. 8095, p. 1-2, 02 dez. 1906.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/12922

O TRIUNFO DA MARMELADA

OS NOSSOS DOCES E AS NOSSAS FRUTAS... ora aí temos um assunto que não será muito, muito literário, mas que é certamente patriótico e que talvez mesmo se preste, sem excessos de boa-vontade, para uma tiradinha filosófica. Perguntarão: onde estará por exemplo a filosofia da goiabada?

Meu Deus, na tradição que é a grande alma transmissora de gostos e de sentimentos dos povos nas suas várias épocas.

Já Garrett dizia naquela sua linguagem amena e fina que — "onde a tradição não fala, antes quero uma página inteira de pontinhos ou toda branca ou toda preta... do que uma só linha de invenção do croniqueiro"...

Ora, se eu hoje, num assomo de justiça, não me resolvesse a falar de goiabada, teria de inventar tudo isto, encher estas tiras de palavras arrancadas do nada, tecendo-as de coisas vãs, sombras que se esvaem antes mesmo que a pena as debuxe, e que passam pelos olhos como a viração pelo espaço, sem traçar imagens nem despertar nenhum sentido... Ainda se me persuadissemos que o leitor, de acordo com o poeta da D. Branca, prefira a página de pontinhos, eu deixaria cair do bico da minha pena os salpicos negros da tinta irônica, talvez mais sugestivos e eloquentes do que as mil palavras que eu escrevesse. As asas da fantasia rastejariam de leve por esses caminhos pontilhados e o leitor veria neles o que a sua imaginação determinasse ou adivinhasse a sua sagacidade... A minha liberdade em escrever ainda não chegou a essa perfeição, como a nenhuma outra, e exige de mim, nestes artigos periódicos, exposições de algum modo individuais e sinceras. Ora pois, por sinceridade, embora com algum vexame, direi que sou um tantito gulosa.

Deveria antes ter nascido ave. A natureza tem certos contrassensos como os de dar às vezes a alguns do seus seres formas em contradição com os seus gostos e instintos. Por mim tenho o instinto do voo, e parece-me que me seria doce adormecer e acordar entre copas ramalhudas de árvores orvalhadas de relento e perfumadas pelas suas resinas. Embora pense como o poeta:

“Que notre ciel est beau, même vu de la terre!”

quereria vê-lo ainda de mais perto e de lá olhar para a terra amada onde nasce a flor e cresce o fruto, que, seja qual for, prefiro à mais complicada combinação culinária!

É essa preferência que me determinou a protestar aqui contra o preço absurdo de algumas das nossas frutas mais vulgares, reservando para o fim revelações estupendas, e contra o abandono das nossas agrestes goiabeiras. É bom que uma voz se levante para punir a falsificação, o pouco caso, o desprezo com que nestes lindos dias de progresso e de “chic” se olha para a goiabada burguesa, sobremesa solene de nossos antepassados, recurso magnífico dos armários cariocas do tempo antigo e que é... como que uma partícula histórica da vida do lar brasileiro. Em toda a parte do mundo os “pratos” constituem um dos orgulhos das populações, na certeza de que abandonar um acepipe costumeiro e original é procurar a gente desnacionalizar-se de todo. O Japão faz cabedal do seu arroz, do seu saquê, do seu chá frio e do seu peixe cru. Portugal do seu caldo verde e da sua [broa]; Marselha afirma que a sua “bouillabaisse”, que conserva o tipo primitivo (talvez muito agradável aos fundadores da Marselha histórica), é o melhor dos manjares; Espanha ufana-se do seu arroz à valenciana; o macarroni está classificado como um dos deleites da Itália; enfim por toda a parte onde o viajante vá e que observe, encontrará sempre nos “menus” dos hotéis entre o turbilhão banal dos guisados e assados comuns a todos os países, um nome em separado escrito com uma caligrafia mais cuidadosa em que finos e grossos se [continuam] e descontinuam num fio amoroso e lento. É o que assinala o prato nacional.

Temos o feijão. Mas o feijão é preto. O feijão assusta o estrangeiro desprevenido e não é justo que, por nos contentarmos com ele, desprezemos a goiabada, que é cor-de-rosa, que é doce, que tem um aspecto risonho e simpático.

Diria melhor: tinha.

Hoje a goiabada não é rosa: é roxa; não é macia e branda como um veludo; é dura como uma pedra e elástica como a borracha. Tem um colorido fúnebre; parece feita com sangue de mártires. Com as velhas doceiras dos dias passados morreu o segredo daquela antiga goiabada de cascão, que rutilava à superfície ligeiramente açucarada e cuja massa compacta, cor de tijolo, dura ao tato e macia ao dente tinha um sabor forte de fruta bem aromática, bem doce posto que desenjoativa.

E aquela goiabada-geléia, muito mais mole e entalhada de pedaços grandes da fruta amarelada, mais doce e mais fina, que se dissolvia na boca e a perfumava — essa também desapareceu totalmente do nosso mercado.

Entretanto, neste gênero de doces nenhum se pode comparar, nem de longe, em sabor e aroma, aspecto e feição da fruta originária, à goiabada dessas duas qualidades excelsas, que morreram no nosso tempo, para desespero dos gulosos e lambareiros da segunda metade, direi do meio da segunda metade do século XIX.

A injustiça (e ora aí estaria uma ocasião de aplicar a filosofia se o tempo e o espaço me permitissem delongas e o engenho me auxiliasse...) afastou com mão aborrecida esse modesto acepipe açucarado, que Marília de Dirceu não desdenhava e a corte de D. João VI não dispensava, só para oferecerem o seu lugar a outro doce do mesmo gênero, mas muito mais insípido: a marmelada. Oh! o triunfo da marmelada é espantoso! Disseram-me há dias que as múltiplas fábricas de marmelada que há dispersas por esse Brasil não suprem o consumo. Cada fabricante já se não contenta com uma fábrica; montada a primeira, percebe logo que necessita de outra e outra... e outra mais!

À proporção que aumenta o furor da marmelada, doce de origem europeia, lisboeta, creio, a “nossa” goiabada, muito mais gostosa, a “nossa” goiabada, que seria até (e lá vou eu agora embarafustar pelos domínios financeiros) uma indústria enriquecedora, uma indústria a acoroçar, de exportação, é pouco a pouco repelida das mesas burguesas por incúria das confeitadeiras e desprezo dos agricultores...

Goiabeiras não se plantavam: nasciam. Não havia quintal no Rio de Janeiro que não tivesse a sua goiabeira; não havia goiabeira que não desse goiabas. Hoje é raro o quintal em que essa árvore selvagem, áspera e torta, figure com estimação. Ou não existem, ou, quando existem, não dão fruto e estão, como a árvore caduca de um nosso caricaturista, sem já saber o que fazem, a produzir mamões e bananas. É verdade que, afirmam os desconfiados, a banana faz agora parte da confecção da goiabada e explicam assim a sua desnaturalização. A causa deve ser esta: o que se não reproduz, acaba. As goiabeiras nasciam porque as deixavam nascer, naturalmente. As frutas não eram todas arrebatadas pela mão da ganância, lá ficava uma ou outra pendente do galho, abrindo para a terra fecunda o seu seio de coral repleto de vidas! A pouco e pouco arrancavam-lhe todas as frutas e ninguém cuidou mais plantar essas árvores rústicas, em melhorá-las, em auxiliá-las, em conservá-las... Estavam para ali à toa; quem faz caso de uma goiabeira? e para ali morriam sem regas, sem enxertos, sem podas, sem carinho. Agora, nas lezírias frescas das terras altas cultivam-se marmelos para a marmelada cosmopolita e incaracterística, mas ninguém imaginou ainda que pudesse dar resultados, em terras quentes e desaproveitadas, o cultivo de grandes goiabeiras, para a manufatura da goiabada e das compotas “familiares”. Que fará São Gonçalo? Que responderá Campos a isto?

Outrora para se fazer uma tachada bonita, digna, de goiabada, eram escolhidas só as frutas de coroa rósea e desprezadas as brancas e as amarelas. Hoje não pode haver o mesmo escrúpulo, as frutas não chegam, e misturam-se todas as qualidades em vários graus de maturação, o que dá à pasta um resultado confuso, incerto, embaciado e sujo. O tempo exige pressa, e a honestidade profissional cede às instâncias das necessidades...

O TRIUNFO DA MARMELADA

Para conservar inalterável o tipo dos nossos doces teríamos de cultivar com inalterável desvelo as nossas frutas mais comuns. Pomares e jardins são os melhores benfeitores da humanidade. Servem igualmente bem à alma e ao corpo. E como esta verdade cada vez será mais compreendida, devemos acautelar o futuro dos netos. Ora, ainda um dia destes o meu fornecedor de frutas pôs-me na conta, com a mais leal simplicidade, dez mil-réis por uma dúzia de mangas regulares.

É uma cifra expressiva. Para acinte plantei todos os caroços, e quando as árvores estiverem em “ponto” darei uma a cada pessoa, de doze que as quiserem.

Plantar, plantar e plantar, deve ser o nosso cuidado para que as gerações futuras e crescentes encontrem o que nós, mais infelizes, não encontramos.

Decididamente, a Sociedade Nacional de Agricultura tem em mim uma propagandista decidida!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXII, n. 8102, p. 1-2, 09 dez. 1906.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/12964

O SANGUE DA TERRA

CONHECI NA MINHA MENINICE UM SUJEITO, aliás inteligente e viajado, que, nos dias de sol forte, atmosfera abrasadora, temperatura de 32 graus à sombra, metia-se muito heroica e convictamente dentro de meias de lã, camisa de malha, terno felpudo (desses de que só a aparência faz suar) e ainda de um sobretudo do qual levantava prudentemente a gola até às orelhas. Assim apercebido, punha-se a tremer, a dar com os pés rijas pancadas no assoalho, que vibrava num espanto de que todos participavam, começando a simular arrepios, a falar nos flocos de neve que se amontoavam na rua... na ventania que uivava lá fora como um lobo assassino, lamentando os pobres que andassem semi-nus por aquele tempo cortante de 10 graus abaixo de zero...

Maluquice? Não. Auto-sugestão. Esta minha negativa caiu por si do bico da pena. Refletindo bem, talvez eu não a escrevesse, apesar de que não me assiste o direito de confirmar suspeitas de algum modo deprimentes para alguém de merecimento, muito embora esse “alguém” seja um anônimo... Intitulemos antes de imaginoso esse indivíduo de espírito enciclopédico e curioso, mas em cujo organismo já de há muito não influem verões nem invernos... A Morte levou-o para o país do frio que todos temem e não fui buscar o exemplo de uma das suas singularidades senão para justificá-la pela pertinácia e o anseio com que toda a gente no verão bruto pensa na água fria, não só à hora da sede, nem só à hora do banho, como a todos os instantes!

Desgraçadamente, como o poder sugestivo é na maioria das pessoas nulo, ou quase nulo, não nos basta para refrigério num dia seco pensar com forte persuasão que chove para logo sentirmos o rumor constante da chuva a infiltrar-se na terra seca e dura, onde as raízes dos vegetais agonizam, confrangidas e sedentas... Se as fontes dos jardins públicos estão enxutas, em vão imaginaremos

que espadanam e repuxam a água cristalina, que alegra a vista e refresca o ambiente... Se as rochas duras não segregam uma só gota de umidade, não nos capacitaremos, por nada deste mundo, de que de seus flancos saiam com ímpeto grossos fios de água que circundem a cidade em abraços fecundos; se da nossa janela vemos os píncaros dos morros verdes e dos montes pedregosos, e as suas vertentes esmeraldinas ou roxas, nada nos convencerá de que se desenrolam por eles abaixo lençóis de cascatas espumarentas que atroam por penedias e rechãos as suas vozes fragorosas e onipotentes!

Por mim confesso que, chegado o tempo clamoroso do calor, a água fria é a minha obsessão... Mais prática do que o meu amigo defunto, cuja mania acabei de esboçar, não me satisfaço com exercitar a minha vontade até à persuasão completa e consoladora de que as bicas da minha casinha e do meu quintal, obedecendo à mais leve pressão, deem suficientes jorros de água... Neste caso não valeria de nada o enganar-me, e a autossugestão, fabricando-me uma ilusão doce, aumentaria a minha ruína material... Assim pensando, no primeiro dia em que a família em alvoroço reclama inutilmente do chuveiro o banho costumeado, e que a cozinheira, toda aflita, veio pedir-me água, como se estivesse em minhas mãos dar-lha, e em que o jardineiro praguejou sacudindo no ar os regadores, ameaçando abandonar o serviço por falta “do principal”, eu, desesperada, abalei pelo morro abaixo e fui por minha vez reclamar água, “o principal”, na pitoresca expressão do jardineiro, não à fantasia, mas à repartição das obras públicas.

Este caso pessoal não mereceria letra de forma se não constituísse um dos fatos mais trágicos da minha vida. Uma dona de casa sem água é como na poesia de Tomás Ribeiro

um armário sem pão

um lar sem lume,

e ainda outras justas comparações! Tanto mais que a água não faltava para a rega das minhas roseiras porque os mananciais se recusassem a fornecê-la à cidade, mas só, e eis agora uma frase difícil de escrever num artigo literário, porque a repartição de obras públicas não a canalizava em tempo como devia, na estrada em que moro. Começou então a dança dos requerimentos, das idas e vindas, dos pedidos, das reclamações, do inferno!

A resposta indefectível e singular, acompanhada sempre de um risinho esquisito, era esta: — que tínhamos água. Ninguém se queixava... O mal deveria ser imaginoso... Que não nos esquecêssemos das contribuições... o mais não importava. Esperássemos pela chuva... Realmente a chuva é uma providência! Chegou a minha voz aos ouvidos ministeriais. O senhor ministro interessou-se. Mas já era tarde... O cano fino, de diâmetro insuficiente, continuou sossegadinho na estrada e por ele, sem pressão para subir até aos prédios e aos fundos das chácaras, a água corre como lágrimas de insignificante desgosto...

Sempre que me lembro das vezes que, esperançada, galguei aquelas escadas do palácio do Riachuelo, sem lograr “nunca” falar com o senhor diretor, que um contínuo barbado defendia como a um deus olímpico, com tal ferocidade que logo me obrigava a recuar, sinto-me espavorida...

Ah! mas parece que, enfim! já não serão precisas agora nem sugestões nem súplicas, e que a rocha dura se transformará em linfa cristalina, como sob a vara de Moisés...

O espantallo do hidrômetro anda a ameaçar-nos de tempos a tempos com a sua sombra aterradora. É necessário não se ter a mais leve noção da vida desta capital para se pensar em taminar a água à população. Compreende-se que esse implicate e funesto mecanismo seja aplicado, como imposto penal, a quem se serve da água para uma indústria qualquer, de que viva e ganhe proventos; mas pô-lo a medir a água do pobre — e pode-se afirmar que é pobre mais de nove e meio décimos da população do Rio de Janeiro — pô-lo a medir a água que deve servir à limpeza, à higiene, à vida de toda a população, é frustrar a própria conveniência do Estado, primeiro interessado na saúde pública, com a qual consome uma grossa parte do nosso dinheiro. No dia em que a água fosse medida rigorosamente por essa pequena máquina insidiosa, cessaria quase por completo os já escassos hábitos de limpeza da população, hoje enorme, das classes

inferiores. Lembra-me que a companhia City Improvements já uma vez declarou que dos seus canos não poderia vir mal à cidade, posto ela não os lavasse sistematicamente, “graças ao desperdício de água que havia nas casas particulares”. Outro qualquer censuraria o desperdício. Eu não. E se fosse governo, numa cidade rodeada de montanhas, precintada de mananciais capazes de fornecer água, mesmo para desperdício, à população de uma Londres, eu pediria que o povo a gastasse a jorros, caudalosamente!

A situação, porém, já o disse o Dr. Lauro Müller, não é de falta de água, mas de falta de equidade na sua distribuição aos vários bairros da cidade; certo é uma injustiça fazerem-me pagar a mim, que só quando chove tenho água durante quatro horas, o mesmo que pagam os moradores de bairros que a têm todo dia e toda noite!

Enfim, os jornais afirmam agora que está definitivamente resolvido o problema de farto abastecimento de água à nossa cidade, e é caso para entoarmos hinos de alegria... Ela está morta por ouvir a doce música das fontes enchendo cântaros ou pulverizando-se em repuxos que abram ao sol “bouquets” de luzes policromas e amenizem a temperatura dos jardins... Ela está farta de ver tantos de seus filhos de língua seca, pele afogueada, ante as visões soturnas das caixas d’água... vazias. Ela quer a sua roupinha bem lavada, em água limpa, sem poupanças que lhe prejudiquem a alvura e a higiene; e os assoalhos das suas habitações bem esfregados. Ela não quer ver morrer os repolhos e as alfaces das suas hortas (ver morrer seja o que for é triste) e exige que pela rede dos seus esgotos corra abundantemente a água que fecunda e torna saudável o seu solo. Sobretudo a cidade não tolera que os seus animais domésticos sofram sede, e que as torneiras impassíveis, das casas, neguem água para as necessidades mais urgentes e imprescindíveis da vida!

Já que não nos falta o calor, Senhor Deus, que não nos falte a água, embora da chuva, como a desta bendita manhã de sábado!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXII, n. 8109, p. 1-2, 16 dez. 1906.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/13002

VÍCIO VULGAR

ESTÁ AGORA EM MODA FALAR MAL DA EUROPA, minha querida, dizia-me há dias uma amiga, e prega-se contra o desatino de irmos gastar em Paris, Londres ou Berlim o rico dinheirinho que mais razoavelmente pudéssemos espalhar por qualquer das muitas cidades da nossa querida América Latina... A doutrina vem de S. Tomás, que impõe as suas razões e não os seus atos... e não consegue abalar a minha curiosidade de mulher prática e sensata. Entre Bogotá e Bruxelas, ainda por gostos intelectuais e sentimentos patrióticos, eu prefiro Bruxelas! Sabes por quê? porque de Bruxelas posso trazer para a minha terra, ou simplesmente para a minha casa, um hábito, um móvel ou uma impressão que venham acrescentar o meu conforto, a minha alegria ou o meu sistema de vida. Não desdenhes da civilização, mãe das mais doces felicidades, e quando o teu mealheiro tiver soma que te permita uma estadia na Europa ou nos Estados Unidos, parte depressa, na convicção de que vais vivificar o teu espírito e buscar qualquer coisa que irradiará mais tarde por todo o círculo das tuas afeições ou dos teus negócios. Essa coisa tem vários nomes: ordem... alegria... atividade ou sistema. Acredita que a frivolidade ensina muitas coisas sérias!

A Paris risonha, iluminada, vestida de plumas e de rendas fascinadoras, tem segredos de boa mamãe econômica, sóbria e tranquila. Senta-te à mesa familiar do parisiense e verás que os pratos que constituem lá um jantar não nos chegariam aqui para um almoço...

O hábito de comer muito torna a mulher uma escrava e o homem um dispéptico... Em Santiago do Chile, em Caracas ou em Lima, não digo que não achássemos compensações para o trabalho da viagem e o dispêndio da fortuna, mas seriam tão difundidas e débeis essas vantagens, que ficariam espalhadas na lembrança, como nuvens luminosas, que por serem fulgurantes não deixariam de ser nuvens...

Como nós, todos os americanos do sul precisam, sempre que tal empreendimento lhes for possível, dar um mergulho na podre civilização europeia ou americana do norte, para temperar o aço das suas armas de batalha...

Para que maldizer políticas, tradições, aferros deste ou daquele velho país, se há, pela prática da sua longa vida, tantos exemplos bons a colher entre os que sensatamente repudiamos? Ora, entre as muitas qualidades do nosso povo, há necessariamente também muitos defeitos e entre estes um que não me parece muito difícil de corrigir. Queres saber por seu nome qual ele é? Facilidade em faltar-se à palavra dada.

Se ainda não reparaste nisso, vê que beleza de exemplos para um dia só!

Levantei-me hoje alegre como um bem-te-vi na primavera. Chegara enfim a hora de preparar as minhas malas para seguir para o campo. Procurei por isso reunir certos objetos esparsos. Principiei por mandar buscar à modista um vestido que ela se comprometera a dar-me há dois meses e que eu tornara a reclamar há oito dias para hoje. A costureira devolve-me o portador com as mãos a abanar e este recado lacônico: — ainda não fez o vestido; tem estado doente. Zango-me e faço correr o mesmo portador à sapataria, a reclamar meus sapatos, que lá dormem um soninho há longos dias, só para uma troca de botões... O homem volta como foi. O sapateiro desculpa-se: tem estado doente... Saio eu mesma vou à chapelaria: — O chapéu de viagem que encomendei para ontem?

— Ah! não foi possível trabalhar esta semana. Tenho estado doente!

Corro ao encadernador buscar um livro que deveria estar encadernado, há três dias.

Estava ainda em brochura! Ferve-me a raiva no peito. Volto a casa: o professor do meu filho faltara mais uma vez à lição, e a lavadeira não trouxera a roupa branca, prometida há perto de três semanas! É de enlouquecer. Qual a razão deste pouco caso e deste desprezo? A razão está na indisciplina do povo e na excessiva tolerância com que permitimos todas as faltas... Afirmo-te que em

Paris, onde por vezes tenho vivido, nunca me aconteceu decepção da ordem destas... E senão repara: se tens professores nacionais e estrangeiros e se algum deles for pontual na execução dos seus compromissos, esse algum... não será infelizmente o nosso patrício.

Ainda os mestres femininos são mais corretos e procuram justificar-se se alguma vez faltam à lição. Mas os homens? Demoram-se geralmente em conversas políticas pelas esquinas das ruas ou pelas mesas dos botequins, discutindo engrenagens misteriosas de caixas de conversão, absolutamente esquecidos de que há um discípulo à sua espera, preso numa sala, diante de livros e atlas escancarados! Repito-te, querida, as nossas viagens, as nossas observações, o nosso estudo e o nosso tempo, devem ser consumidos, quando o Destino o consentir, em viagens a países feitos, que tenham rugas, experiência, cabelos brancos e solo regado pelo suor e as lágrimas de muitas gerações. É isso que as humaniza e as torna interessantes. Dirás que os Estados Unidos são um país moço, e que, entretanto, nenhum outro o excede em conforto e em ordem. Mas os Estados Unidos constituíram-se, para glória sua, rival do velho continente, e foi sob o influxo da vontade de ter melhor tudo que os europeus tinham de bom, que os americanos realizaram tantos milagres...

Somos inteligentes e argutos; carecemos de empregar essas duas qualidades subjugando a terceira, que é um excesso de sensibilidade. Eu mesma que te falo, e em cujas faces vês luzir a mais perfeita saúde, percebi muito bem que a minha costureira estava tão doente como eu estou e que me atirou aquela desculpa por obrigação de responder qualquer coisa, ficando-se ainda a rir de mim... Pois a par da minha indignação, surgiu um “quem sabe?” dubitativo a quebrar-me a raiva, transformando-a numa lamentação pela infeliz! O meu sapateiro está, como Sancho Pança da poesia de Filinto de Almeida:

rebentando de gordo como um figo!

E eu apiedei-me do mísero, que não mudou em oito dias quatro botões que poderia mudar em dois minutos! Sei que a minha chapeleira pensou tanto em executar a minha encomenda de um simples chapéu de viagem, como tu em fazeres um passeio em bicicleta: e, malgrado esta minha convicção, tive certa piedade da chapeleira.

O professor do meu filho... esse não dá razões para evitar maçadas frequentes, e, quanto à minha lavadeira, essa amolecerá também minha alma com a eterna cantiga de exigências de proprietários, mudanças de casa, falta de água (e é a que mais me comove, porque é em quem mais acredito!) Não se contando com estes desmaios da razão, e tão repetidos acessos de indulgência, na fútil Paris ou na prática Washington, fornecedores, empregados, gente enfim de todas as classes e categorias, quando se compromete a executar um serviço executa-o, não pregando logros, nem originando enxaquecas a ninguém. Parecer-te-ão estes casos insignificantes? Pois, por todas estas pequenas contrariedades, deixei de partir hoje para Teresópolis, a minha selvagem vila serrana, onde o ar cheira a mato e as noites nos embalam com uma temperatura suavíssima... Dizer que por moleza e relaxamento dos meus fornecedores fica hoje vazio o meu quarto no hotel Higino e que passarei mais umas tantíssimas horas neste forno... é de desesperar!

Este desabafo vai aliviar-me o espírito; entretanto, o preço de tantos objetos adquiridos tão penosamente, redobra-se na multiplicação de despesas desaproveitadas de hotel. No fundo o caso é sério!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXII, n. 8116, p. 1-2, 23 dez. 1906.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/13046

PÁGINAS ALHEIAS

EXATAMENTE NA VÉSPERA DO NATAL, nesta doce época do ano em que de perto ou de longe os espíritos procuram comunicar as suas simpatias, foi que me chegou às mãos um livro perfumado, de cujas páginas caíram no meu regaço o cartão da autora e um trevo de quatro folhas...

No cartão, nada mais que um nome, escrito numa rasgada caligrafia gótica, formando-se na sua pompa eufônica para os surtos da glória: Regina Régis de Oliveira.

Têm reparado? Há nomes que escorregam e deslizam sem dar à gente tempo de os apanhar... outros que tropeçam, outros que pela sua banalidade não acordam a mínima impressão; uns com laivos de ridículo, ou absolutamente ridículos, e outros que parecem, como o de Antero de Quental, predestinados à vibração demorada de um hino glorificador. O desta escritora nova — Regina Régis de Oliveira — dir-se-ia declamado do alto de um trono. Tem uma sonoridade pomposa. Como que para democratizá-la ou disfarçá-la apenas, ela usa em casa o apelido travesso de Lili — e usa na literatura segundo a moda francesa, o pseudônimo banal e masculino de — Maurício d'Ariéville.

Conheci-a aqui na irradiação dos seus vinte anos, transbordando de graça e de alegria. Como isso não foi há mais de um ano, li agora este livro feito pelo seu punho, com os olhos na sua imagem de Primavera sobraçando rosas...

Não é ainda um livro de mulher o seu, mas é um interessante livro de menina, tecido de tramas diáfanas em que adejam borboletas de risos, sobre as primeiras flores do devaneio... Em outras idades, fixar em páginas esse período que é todo movimento, essa hora em que se acendem as luzes dos altares para os sagrados ofícios do coração, é tão difícil como pedir à onda buliçosa, que passa correndo, que reflita com todas as minúcias a paisagem que a cerca.

O encanto deste livro de estreia está pois na sua juventude, que é a essência dos seus risos e das suas débeis melancolias. Na fascinação da sua própria alma a escritora gira em torno de si mesma, como se procurasse desvendar o mistério que a inquieta e que em verdade repousa em todos os seres. A primeira parte do volume é constituída por pequeninos contos e idílios vaporosos: a segunda por sainetes e comédias de salão, gênero este que parece ser o preferido da autora, porque é nele que melhor revela as suas aptidões.

Este livro de uma brasileira é escrito em francês, como em francês foram escritos os livros — “Boules de Neige” e “Croquis”, de outra talentosa senhora brasileira velada sob o pseudônimo de Carmen; como em francês foi escrito o último livro do Dr. Joaquim Nabuco.

Quanto às duas senhoras não há muito a estranhar. Educadas na Europa desde a infância; sem outras visões, outra conveniência nem outros costumes que os do velho mundo, é naturalíssimo que os seus livros não tenham em si o reflexo meio extinto de uma pátria quase desconhecida. As nossas palmeiras e os nossos lindos bambuais não tiveram poder bastante para lhes sugerir um ângulo de paisagem em que tremeluz um raiozinho de saudade...

Isto não é queixa, mas não deixa de ser uma pontinha de ciúme, o ciúme de quem leva consigo, vá para onde for, a impressão violenta das nossas montanhas e das nossas estrelas, e que desejaria, em prosa e em verso e em todas as línguas do mundo, cantá-las, cantá-las e... cantá-las!

Contudo, embora digam que escrever em português seja o mesmo que falar para dentro da boca de uma sepultura, eu, por mais familiarizada que estivesse com uma outra língua, sentir-me-ia triste se nela tivesse de exprimir no livro original minhas ideias e meus pensamentos.

Por quê? Não sei... talvez porque se me afigure que assim como a qualidade do mármore deve estar de acordo com a concepção de um escultor, que para a perfeita execução da sua obra escolhe o bloco da pedra mais apropriada à sua doçura ou à sua energia, assim as nossas ideias devem ser

esculpidas no duro e lindo granito da nossa língua. Isso na obra espontânea, na original, naquela em que a nacionalidade e a individualidade do autor se manifestem. Não digo que não tivesse depois um certo deleite em trasladar para o elegante francês, que toda a gente lê, entende e fala, os quadros dos romances em que sepulto em vida os meus singelos heróis, e os louvores extáticos à nossa natureza... Isso deixaria talvez de ser arte para ser propaganda, e não digo que a não fizesse com certo gosto, servindo ao mesmo tempo lealmente a minha vaidade e o meu país... Desfazendo-nos de todas as ilusões, podemos contar que, por menos leitores que tenha, um livro terá pelo menos um.

Não se pode resumir mais. Pois mesmo assim, o espaço teria compensação...

A literatura ainda é a chave de ouro que abre a porta de um país à curiosidade de outros países...

Imagine-se que o Sr. Machado de Assis, com o mesmo cuidado com que os escreveu na sua língua, cunhou os seus belos livros na deliciosa língua de Anatole France; e que o Sr. Aluizio fazia o mesmo, e que fazia o mesmo o Sr. Coelho Neto! Certo que não iriam alvoroçar a literatura francesa, mas vou jurar em como a fariam voltar para nós os seus lindos olhos, com a mesma simpatia com que olhou para a Rússia, através dos romances de Dostoiévski, Turgueniev e Tolstói.

Este pressentimento vi um ilustre senador o manifestar por um modo muito mais eloquente e não fará talvez por isso sorrir os incrédulos...

Os livros das duas elegantes brasileiras de quem falei há pouco são de brasileiras porque as autoras nasceram no Brasil; mais nada.

A alma de ambas é feita de cantos de rouxinóis e daquelas inigualáveis primaveras europeias, em que rebentam as folhinhas verdes dos castanheiros e os lilases adoráveis embalsamam o ar.

Nada há a estranhar que no espelho límpido da sua pessoa não se reflitam as abruptas grimpas das nossas penedias, nem as alterosas e verdes vagas dos nossos mares.

Ora aí está, disse tantas coisas e calei a principal, o título do livro que me trouxe de tão longe o carinho de uma lembrança e os votos de felicidade bem simbolizada num trevo de quatro folhas.

E o título exprime bem a cintilação da obra:

"Rayons Épars".

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXII, n. 8123, p. 1-2, 30 dez. 1906.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/13090

REFLEXÕES DE UMA ESPOSA

SE EU FOSSE OUTRA... quando ainda agora “ele” me chamou de idiota com todas as letras bem escarrapachadas, ter-lhe-ia dado uma resposta digna da ofensa. “Idiota”, pois sim! Sempre queria ver onde havia de encontrar outra mulher como eu, paciente, bonita e trabalhadeira... É assim mesmo, pensa que eu só vim ao mundo para servi-lo, e abusa... Ah! se cada vez que vem com os seus disparates e as suas impertinências eu lhe desse dois gritos bem fortes, bem puxados cá de dentro e ainda lhe fizesse cara feia, ele ficaria macio que nem cetim e nunca mais me trataria como a uma criada tonta, com aqueles berros e aqueles termos indignos de um homem bem educado... Fico-lhe com uma raiva, que a minha vontade é fugir, não sei para onde, mas fugir para sempre, diluir-me no espaço! Sempre gostaria que me dissessem de que lhe serve a ele ser doutor e roncar maneiras de sociedade e boa companhia, censurando estes e ridicularizando aqueles, por isto e por aquilo! Ao menos o Geraldo, que é um jardineiro rústico, diz “amém” a tudo que a pateta da mulher afirma, embora nem sempre ele esteja de acordo... como se percebe muito bem... assim é que deve ser. Meu marido então chega à perfeição de me desmentir diante de gente de fora se inconscientemente exagero um pontinho obscuro de qualquer história insignificante... Mas, virgem Maria! quem haverá que não confunda às vezes uma ou outra peripécia?! Entretanto, eu conservo-me bem caladinha no meu canto, quando ele impõe as suas opiniões e altera os fatos observados a meu lado, no calor, no entusiasmo das suas exposições científicas... filosóficas... sociais... financeiras, e não sei mais o quê. Por quê? porque sou delicada e, sobretudo, porque sou discreta! Se eu fosse outra, não repreenderia com um olhar o seu amigo íntimo, quando o seu “amigo íntimo” me faz olhares de carneiro manso e me marca dolorosamente os anéis nos dedos com os seus apertos de mão significativos... Estou de guarda à sua honra como um cão de fila e... aí está o pago que ele me dá: chamar-me “idiota”, a mim! mas, meu Deus, então que será ele?!... Ah! se os maridos tão irritadiços soubessem quanto essas palavras

lançadas a esmo no ardor irreprimível da cólera magoam o coração das mulheres e comprometem a felicidade do casal! Mas qual... querem o seu desabafo sem pensar em mais nada...

E assim como dizem também esquecem... vão para a rua, que é uma espécie de “lettres” das quizílias domésticas... falam com um... cortejam outra... têm um temperamento violento e cheio de vivacidades... Eu é que não esqueço... cada palavra, cada cicatriz. Os dias vão andando... vão andando, e a amargura da minha alma não se altera, embora o juízo me obrigue o rosto a disfarçá-la... “Idiota”!... ora se isto é coisa que se dissesse a uma esposa da minha qualidade, e no momento justo em que se está calçando luvas de pelica para uma festa! Que diria se fosse um carroceiro... hein? e eu tão bobinha, que deixei de ir ao baile para não o fazer despender muito dinheiro com a minha “toilette”... é o pago que eles dão aos sacrifícios das mulheres... Bem diz minha cunhada que homem é sinônimo de ingrato... As que mais fazem, menos merecem! Se eu fosse outra... quando ele voltasse, não me acharia em casa... não me falta para onde ir, graças a Deus! o que me falta é coragem de expô-lo ao ridículo e à reprovação dos outros... É uma estupidez, esta minha fraqueza de colocá-lo sempre no sétimo céu, como o melhor dos maridos, quando ele não cochila para atirar-me para o último inferno!... Posso ir até já para S. Clemente... mas se eu entrar na casa de tia Laurinda a estas horas, que dirá ela?... Virá logo com as suas admoestações... e a dizer a verdade, mal por mal, antes a gente sofra do marido... Ela ainda seria muito bem capaz de não me dar razão!... pois olhem que aquela também sofreu boas e bonitas do tio Raul! Havia de ser comigo! Se eu mesma, com o meu orgulho, toleraria aqueles disparates e rabugices de titio... até parecia falta de dignidade!... Mas o que me importam agora a mim as outras! Ninguém foi tão ofendida como eu... quem me diria, quando estava em casa de papai, que ainda haveria de ser um dia maltratada por motivos banais de ordem doméstica! Ninguém podia imaginar... hein? Um mocinho todo bem vestido, todo perfumado... que toca piano... todo denguiques e derretimentos... e ora aí está a perfeição: “Idiota”! ora idiota!! e com que exaltação ele me atirou com essa palavra cruel...

Se eu fosse outra... mandava já e já a Carolina fazer a minha cama no sótão, fechava-me por dentro, e quando ele viesse, que me procurasse por toda a casa, que me haveria mesmo de encontrar!...

O pior é a atrapalhação de obrigar agora a pobre rapariga, que já trabalhou tanto durante o dia, a carregar o colchão pela escada acima... e... mesmo aquele sótão, só caiado, dá-me uma impressão de quarto de hospital... afinal, a criada nem me agradece estas contemplações... não tem consciência...

Já pelo carnaval do ano passado foi a mesma cantiga! Mandou-me lá pelas palavras “dele” ao diabo que me carregasse... Tomara o diabo! Uma hora depois já estava todo melífluu, dizendo denguiques e chamando-me: — Benzinho! — Todo ele é ímpetos. Passa-lhe a fúria, aclara-se-lhe a razão... Eu é que não esqueço: a cicatriz cá está e estará até à morte... Como eu sou desgraçada! Também, a culpa é minha... se eu fosse outra... se eu fosse outra... fazia como as outras... enganava-o... A traição é a vingança das mulheres... Bastaria que... sim... rua?... é... mas... oh! meu Deus, como as minhas unhas estão crescidas... não... isso eu não faria nunca! E é a uma mulher assim honesta e moça que ele chama com todas as letras — idiota! Ora, se não poderia achar uma palavrinha ainda mais doce! Oh, sim, naquela hora, se eu fosse outra... teria posto o meu chapéu e... rua! Também se um dia ele repetir o insulto, sei perfeitamente o que hei de fazer... Vou à sala, coloco-me bem em frente ao retrato da senhora minha sogra e varo o peito com uma bala de revólver... então ele há de correr, erguer-me amorosamente nos seus braços trêmulos, inundar-se com o meu pobre sangue e as suas lágrimas de arrependimento... Precisaréi não morrer imediatamente, para observar bem a sua comoção... Compreendendo a verdade toda, de relance, ele chamará por um médico... oferecerá tudo pela minha vida... tudo! pronto a redimir pelo excesso de carinho o seu excesso de mau gênio... Eu... desgraçada de mim!... amparada em almofadas... arquejarei... muito branca... muito branca... derreada no sofá... Deverei vestir na ocasião um “peignoir” creme, de mangas largas... não tenho nenhum... Ando tão desprevenida! Nisso é que eu sou mesmo uma idiota... em fazer economias com a minha pessoa!... Ele de joelhos a meus pés... — E que sapatos?... sapatos brancos — suplicará perdão... dizendo aos médicos que a culpa é deles, que me brutalizou como se eu fora uma lavadeira!... Toda... a casa soluçará...

Tia Laurinda entrará chorando, com as mãos papudas erguidas para o céu... Eu, num último olhar, direi a meu marido que morro porque a vida em comum com ele me é insuportável, abominável, deprimente! Ele cairá de joelhos, lívido... clamando perdão... eu escorregarei silenciosamente nas almofadas... e darei o último suspiro!

Onde estará o meu lenço?... estou chorando a minha morte e não acho o lenço... Tia Laurinda espalhará flores sobre o meu corpo... as rosas amarelas do terraço... e os jasmims da cerca... No dia seguinte virão os convidados buscar-me... — cá está o lenço... Os jornais falarão no grande mistério da minha morte... na minha beleza... na minha mocidade... talvez deem mesmo o meu retrato... e “ele”, como Caim, carregará consigo o remorso eterno de ser o causador da minha desventura!...

O lenço já está encharcado... Senhor, como a imaginação trabalha!... Estou a enxugar os olhos com tanto choro... e afinal essa solução seria estúpida... seria ridícula!... Antes o divórcio... sim... Se ele recomeçar algum dia a chamar-me idiota... o que tenho de mais sensato a fazer não é matar-me, é divorciar-me! Vou para a Europa; ele que fique por cá. Morar na mesma cidade é que não quero, que se porá a rondar-me a porta... Eu sou fraca... talvez não resistisse... Coitado, ele ama-me... depois de fazer o mal, arrepende-se, e fica então uns dias manso como um cãozinho artificial! São gentes... O meu é muito ativo; não posso, não devo nem quero ser a cabeça de turco das suas brutalidades, acabou-se! Ora... idiota! que termo mais descabido! Está como maninho, que chamou outro dia à mulher — desmazelada! Realmente, ela é um bocadinho... mas a boba calou-se! Se fosse comigo ele teria logo a resposta devida... Afinal, que lucram os homens com esses desabafos malcriados? Irem perdendo aos poucos a consideração e a amizade das esposas... No primeiro dia em que o meu me lançou uma palavra dura à cara, eu não o esganei porque quando voltei a mim da surpresa ele já estava longe... Quando voltou, à tarde, trouxe-me uvas e doces finos... eu comi... e ele pensou talvez por isso que esqueci a ofensa! Não, ela está marcada na minh'alma com uma nódoa negra, imperecível!

É a terceira vez, no espaço de cinco anos, que o meu lindo doutorzinho do cabelo crespo me assopra do alto da sua autoridade e do seu prestígio com uma bofetada moral... duas vezes por questões domésticas, uma por ciúme! A do ciúme perdoo... as outras não! Se eu fosse outra punha-me a manter contas nas modistas, nas chapeleiras... fazendo-o pagar caro cada desaforo... Ele fia-se em que eu não reajo, que sou uma gata borralheira... que o amo e que sou demasiadamente altiva para confessar a outrem os meus desgostos, e abusa... Os homens fortes abusam dos entes fracos... É um distintivo do seu caráter... aposto em como logo ele traz um “marrom-glacê” no fundo da algibeira, só para mostrar que pensou em mim... é o seu modo de se fazer perdoado... outros há que nem isso fazem, valha a verdade! Vendo-me comer o marrom ele pensará lá consigo: “Está tudo acabado... sei levá-la com jeito; mulheres e crianças são todas iguais...” E como estará enganado o senhor meu maridinho!... Onze horas!... meu Deus, como ele tarda! contanto que não lhe tivesse acontecido alguma coisa má...

(Do livro “*Eles e Elas*”.)

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIII, n. 8130, p. 1-2, 06 jan. 1907.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/13138

ORQUÍDEAS!

UMA SENHORA DE LISBOA, apaixonada por flores, tendo visitado ultimamente as soberbas estufas de New-Garden, em Londres, escreveu-me ainda sob a influência do êxtase em que ficara ante as maravilhosas orquídeas do Brasil, que se ostentam nessas estufas riquíssimas com um luxo e um deslumbramento que não nos é fácil, só por palavras, imaginar. Seria preciso, para isso, que a linda varinha de ouro, com que nas rapsódias de Homero Hermes encantava os olhos dos homens, nos transportasse em um sonho nítido a esses londrinos pavilhões de cristal, onde floresce a “Vitória Régia” e desabrocham, no coração da brumosa Inglaterra, as mais fidalgas e ardentes flores do nosso ardente país. Mas não é certamente isso o que se imagina por lá. Essa senhora, por exemplo, diz em um dos tópicos da sua carta interessante:

“Confesso-te que muito mais que todas as descrições que tenho lido e ouvido, e entre estas a do meu saudoso amigo B. P., que tão sedutoramente narrava e descrevia as coisas dessa terra; que muito mais que todas as fotografias e postais reproduzindo o que naturalmente há de mais notável no Brasil e que meu padrinho me envia com uma liberalidade de bom propagandista; que muito mais, enfim, que o desejo de abraçar entes que amo e vivem nesse delicioso país americano, abriam-me a porta à vontade exigente, verdadeiramente feroz, de ir ao Brasil, estas radiosíssimas flores de tão raros e originais estilos, cores tão imprevistas, perfumes tão audazes! Se realizar um dia este sonho, que entra a consumir-me, não quererei saber das nossas cidades. Estou como uma freira, farta de paredes e telhados. Vivo entre muros de cidades desde que me conheço. Preferirei por isso as nossas aldeias pitorescas, com redes suspensas de palmeiras, em que eu adormeça ouvindo o zunido dos colibris e sobretudo onde eu possa errar pelas florestas, entre festões aromáticos destes esquisitos cachos cor de ouro

e cor de sépia e estas espatuladas pétalas de cetim solferino e veludo cor de mosto, que acabo de ver como em um sonho, de que me fugiram da memória os nomes complicados, mas cujas imagens de tão singular formosura conservarei nas retinas admiradas!

Viajar pelas estradas do Brasil deve ser o mais brilhante dos ideais. E é agora o que eu mais ternamente acalento!”

Ingênua e feliz senhora! Viu com tanta abundância flores que vemos em tão furtados e curtos momentos! Dá até vontade da gente embarcar em um desses poderosos castelos que nos trazem das regiões prolíferas da Nova Zelândia os cadáveres hirtos dos carneiros e dos peixes nutridos, e ir diretamente a Londres, oh! delícia! regalar o olfato e a vista com os exemplares ignorados das flores da nossa terra!

Em frente às marfíneas “stanhopeas”, às “cypripediums” ou sapatinhos de Vênus, aos “oncidiums”, que espalham nas hastes finas borboletinhas de ouro de asas recortadas; às doces “coryanthes”, que ofertam uma taça de néctar aos ávidos insetos; às variadas e majestosas “cattleyas”, aos penachados sumarés, ao fragrante “epidendrum”, às... pobre de mim, que mal sei a nomenclatura das mais famosas filhas da nossa flora... enfim, diante das mais belas orquídeas brasileiras expostas em estufas sabiamente dirigidas, o europeu de gosto sente a doce, a absoluta certeza de que essas flores de ar e de luz que as maravilham nesse espaço confinado, entre paredes que as abafam, com maior abundância e mais opulência desabrocharão nas suas matas nativas! Creem então que elas iluminam todos os bosques e todos os caminhos, não deixando nu o mais carunchoso tronco de pau velho que cingem com uma coroa augusta; surgindo aqui das pedras das grotas, balouçando-se acolá do alto das copas de arvoredos altíssimo, só acessíveis à vista ou alcance das mãos; ora lá em cima, ora cá embaixo, como estrelas no ar, como gemas no chão...

A lâmpada de Aladim não criou por certo maiores fascinações. A flor fala mais que um livro, melhor que um sábio; é a suprema graça da natureza...

Compreende-se que andar no meio de plantas tão exóticas, de um feitio tão novo e realçadas nuances ofereça à imaginação de uma senhora melhores promessas que de bater com os tacões em asfaltos de avenidas, entre paredes de prédios ainda sem história... mas como abrirá de espanto a boca a minha imaginosa amiga, quando souber que os verdes caminhos das nossas matas, onde cantam cigarras, só de longe em longe se esmaltam de orquídeas inacessíveis sempre ao gozo completo da vista, tão altas estão nos troncos altos das árvores mais altas! E o espanto irá até fazer-lhe cair o queixo, se alguém lhe afirmar que os mais raros, os mais puros, os mais lindos exemplares das nossas orquídeas são arrebatados das madeiras nativas e enviados, catalogados, para a sábia Alemanha, para a apaixonada Inglaterra, para a luxuosíssima Holanda!

Se essa senhora quiser vir ao Brasil só para ver as orquídeas florirem, como os japoneses viajam para adorar as cerejeiras desabotoadas... fará uma viagem em pura perda. Para isso lhe será com certeza muito mais útil percorrer as estufas das velhas capitais europeias. É nelas que estão as nossas flores fidalgas e extravagantes, o luxo e o orgulho das nossas florestas cor de esmeralda... Talvez as procurasse aqui inutilmente!

O meu bom amigo e distinto escritor Garcia Redondo, falando-me de volta da sua recente viagem, do gosto que há na Europa pelas flores, narrou-me que viu em Londres dois cravos do preço de uma libra esterlina cada um e cada um com o diâmetro de um prato vulgar de sobremesa. Foi ainda através da sua prosa fluente e encantadora que vi os campos da Holanda cobertos de jacintos e de tulipas, entre os quais vogam, em canais disfarçados pela multidão de flores, barcas de grandes velas desdobradas! Eis uma visão que não me sai do espírito, a atrair-me para a Holanda, como as nossas orquídeas atraem para o Brasil, melhor e com mais força que a saudade de parentes, que descrições de esforçados capítulos, e que toda a espécie de reproduções fotográficas, a curiosidade de uma europeia de bom gosto!

Foi lástima que essa carta não trouxesse outro endereço! Há já um par de anos que a minha pena se bate desacertadamente pela conservação e multiplicação na nossa capital de todos os exemplares de orquídeas, que por inépcia temos deixado arrebatar das nossas matas para mais felizes plagas... Por

fortuna e para alento, levanta-se de vez em quando uma ou outra voz com o mesmo brado de alarma!

No dia 25 de novembro último foi a do Sr. Sidney Barnett que aventou no “Jornal do Comércio” a ideia de se fundar no Rio de Janeiro um suntuoso jardim de orquídeas que seria no gênero o único do mundo, o que, além das vantagens científicas e artísticas, insuflaria com justiça a nossa vaidade...

Meditem sobre esse belo projeto os nossos colecionadores de orquídeas.

Não é cultivando só para regalo egoísta, em jardins que ninguém vê, umas tantas variedades de orquídeas que eles podem demonstrar verdadeira paixão por essas flores curiosíssimas...

Essas concentrações merecem mais o título de manias, em que não figura senão um interesse pessoal. O entusiasmo induz a propaganda e a difusão.

Assim os seus esforços reunidos talvez conseguissem operar grandes milagres; doando cada um deles mudas dos exemplares mais raros das suas orquídeas, destinadas ao jardim que fosse, senão criado para esse fim, ao menos aproveitado.

O Dr. Barbosa Rodrigues, capacidade botânica respeitada em todo o mundo científico, e que tão lindamente dirige o nosso belo Jardim Botânico, sentiria, creio bem, prazer em organizar esse jardim de orquídeas, que constituiria depois uma glória brasileira e seria por certo o mais original de toda a Terra!

Realizada essa fantasia que talvez faça sorrir com uma ruguinha de desdém mais de uma boca séria, prática e positiva, será mais fácil a qualquer de nós responder às cartas de além-mar, em que uma alma palpita no anseio de vir ao Brasil maravilhar-se com as maravilhas que... a bem dizer, nós só temos na Europa!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIII, n. 8137, p. 1-2, 13 jan. 1907.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/13184

DURANTE A CHUVA

NUM DIA CHUVOSO DESTA SEMANA, forçada a umas voltas na cidade, entrei com uma amiga na “Cavé” para um chazinho confortador. Eram 5 horas da tarde, lá fora chovia, a rua estava enlameada e tristonha. Na salinha branca havia pouca gente e nós supúnhamo-nos muito bem ao abrigo das curiosidades quando, desenroscando-se de um cantinho em que não fora lobrigado, o Dr. Fróes veio cumprimentar-nos.

Fizemos-lhe logo ali um lugarzinho; não fosse bárbaro, ficasse para uma prosa, e tasquinhasse um docinho em nossa companhia!

Tinha acabado justamente a sua chávena de chá preto... não tomaria nada, mas conversaria um pouco. Conversar em um dia de chuva, em que as atenções se concentram e o corpo repousa do fatigante calor, é uma das coisas mais deliciosas da vida. Desse Deus disposição ao Dr. Fróes! mas o homem começou mal.

— As senhoras não têm medo de uma pneumonia?

Entreolhamo-nos um tanto espantadas e confessamos sorrindo que não pensávamos nisso... e ele?

Ah! Ele, com o seu pouco, ou antes o seu nenhum caso pela vida, enfrentava o perigo com o maior desassombro, até em ar de desafio, suspirando pela morte. Vivia empapado no tédio até as orelhas, revoltado com as injustiças dos homens e (que nós lhe perdoássemos) com a vaidade das mulheres! Todo ele reçumava amargores, a ponto de confessar com uma careta de nojo:

— Espremido numa lagariça eu produziria um tóxico terrível! acabo de estar duas horas a fio com o ministro X., e as curvaturas de espinha, os rapapés, as tibiezas que presenciei na secretaria acabaram de estragar-me o fígado... Os contínuos são uns miseráveis!

Entreolhamo-nos outra vez com espanto; ele continuou:

— Fazem entrar no gabinete, até à presença de Sua Excelência, os homens encartolados e as mulheres que ostentam sedas... mas deixam esquecid[o]s, abandonados, lá fora, aqueles cuja aparência denote necessidades... Quando saí do gabinete do ministro, já farto de zumbaias, e o meu olhar caiu sobre uma viúva mirrada, de vestidos russos, sentadinha à espera da sua vez, voltei-me furioso para o contínuo e...

— Bateu-lhe?!

— Olhei-o de alto a baixo, muito significativamente. O homem empalideceu.

— Ao menos...

— Sim, ao menos houve um forte movimento de alma; se é que há disso. As senhoras creem na existência da alma?

A minha amiga acudiu logo que sim, e eu ainda estava perplexa quando ele continuou:

— A minha sensibilidade mata-me. Sou um desgraçado! Ainda há pouco, na entrada da rua Sete, vendo um carroção cheio de ferros parado a uma porta, pus-me a refletir: quem sabe se as pedras duras, que julgamos insensíveis, não agonizam dolorosamente sob o peso bruto de um carroção assim?! e logo uma espécie de ternura tola, abominável, vergonhosa, tudo quanto quiserem, filtrou no meu peito um friozinho de... erisipela!

— Ah! Mas o frio da erisipela é horrível! comentou espantada a minha amiga. Ele voltou-se logo:

— A senhora já teve erisipela?!

— Não... mas...

— Sabe. É horrível; mas ainda pior que todas as dores físicas são as angústias morais que dia a dia aumentam com a civilização, pululando da sociedade como os cogumelos do estrume! Está tudo contaminado. Tinha acabado de ouvir em uma charutaria dois meninos elegantes falarem levianamente de senhoras respeitabilíssimas...

A sua indignação tinha sido tamanha que saíra sem os charutos, abandonando troco e tudo e fora logo a uma farmácia comprar algodão hidrófilo para atulhar os ouvidos. As asneiras voejam tão intensamente que a surdez deve ser considerada como uma das raras venturas deste mundo! O pior era que os nomes das tais senhoras respeitabilíssimas lhe tinham ficado dentro da cabeça e já as não podia desligar das perfídias dos mocinhos... Por seu conselho todas as mulheres iriam para conventos bem gradeados e inacessíveis... Se tivesse filhas matá-las-ia ou faria monjas...

Como a minha amiga arregalasse os olhos com justificado assombro, ele indagou:

— A senhora tem medo da morte?!

— Se lhe parece... Tenho!

— Eu não. A morte é a doce noiva por que suspiro, chamo e choro...

Afigura-se-me que as suas mãos de cetim, quando me cerrarem os olhos me farão sentir que os fecha para que não vejam as ações torpes dos homens meus irmãos; que o seu braço deslizará sob a minha cabeça cansada como um encosto jeitoso e cômodo; que os seus lábios se colarão aos meus como uma promessa de gozo eterno... Sob a pressão da sua boca eu deixarei de mentir e acreditar em mentiras, serei puro, ou não serei nada, o que é de tudo o melhor...

Para cortar o assunto insisti:

— Aceite um “bon-bon” de chocolate. Estão magníficos.

— O “bon-bon”, minha senhora, é a lisonja do paladar; finge de alguma coisa e não é nada. Detesto o “bon-bon”. Sou um homem simples e, sobretudo, sincero!

A propósito de “bon-bons” e morta por embarafustar por um terreno de conversação ligeira e alegre, a minha amiga caiu na asneira de relatar que em certo dia, ouvindo gritar que havia fogo em casa, ela, em vez de correr para o seu cofre de joias, correria, por um movimento tolo e inexplicável, para o guarda-prata de onde arrebatou um saquinho de amêndoas recebido na véspera...

Que se perdesse tudo, menos aquilo!

— A senhora também tem medo de fogo?! inquiriu com certa estranheza o Dr. Fróes.

— Se...?... Ora essa! Quem não terá medo de fogo?!

— Eu. Errei a profissão; deveria ser bombeiro. O único homem mesmo que francamente admiro é o bombeiro... Sempre que posso, corro a assistir a um incêndio. Quanto mais altas sobem as chamas afogueando, enrubescendo o céu, fagulhando no ar, crepitando, fazendo ruir com estardalhaço vigas, telhados e paredes, mais o entusiasmo vibra nos meus nervos os alegres clarins da felicidade...

... Por quê?... Porque nessa luta cara a cara com a morte, vejo homens impávidos, empenhados no salvamento de pessoas que eles não conhecem, afrontando por elas perigos trágicos e medonhos, sem relutância, com firmeza, uma serena compreensão dos mais altos deveres de humanidade. Assistindo a tal espetáculo, eu não me envergonho de ser homem, como me acontece todos os dias no meu escritório, à minha banca de trabalho, na urdidura de enredos e chicanas a que me querem obrigar os meus constituintes. Oh! Eu não cedo, e por isso o meu escritório vai ficar às moscas... A senhora gosta de moscas?

— Que lembrança! eu não!

— Pois faz mal. Há uma lenda eslava que atribui às moscas virtudes excepcionais: elas são mensageiras de bruxas e vêm avisar os homens incrédulos e desatenciosos de perigos de pestes e de outras calamidades que os ameaçam... Quando alguma mosquinha teimosa a perseguir, não a espante sem primeiro procurar interpretar a sua impertinência. São as negras embaixadoras do mistério que nos rege e que mais por preguiça que por incompetência não procuramos decifrar... Quando esses insetozinhos voluptuosos adejam em torno à nossa cabeça, em vez de nos debatermos para enxotá-los, não seria mais razoável prestarmos-nos ao sacrifício que exige da nossa paciência, procurando adivinhar-lhes o sentido das vozes tenuíssimas?! Já tenho um estudo começado nesse

sentido... Sabem que as moscas têm duas preferências bem notáveis: os bolos doces e as cabeças calvas. Gostam de passear sobre a pele luzidia de um crânio pelado. E posso afiançar-lhes que a cócega de suas patinhas leves e ligeiras produzem uma sensação tão delicada que, para senti-la, eu usaria um epilatório para ficar careca, se acaso já o não fosse! A senhora gostaria de ser calva?

— O senhor faz cada pergunta! Deus me livre!

— Não?! nesse caso prefere o peso dos grampos de ferro, das madeixas retorcidas e tranças enrodilhadas que ainda a obriga a usar pentes, travessas de tartaruga e não [sei] mais o quê?! Tal pesadelo não lhe oprime as ideias? Estou pasmado! Pois se eu tivesse filhas elas andariam com os cabelos cortados à escovinha; bem tosquiadas. Felizmente não transmiti a vida a nenhum ser. Ao menos esse remorso não concorre para o acabrunhamento de meus negros dias de revoltado, porque, juro-lhes, se fosse pai, viveria de joelhos aos pés de meus filhos clamando perdão de rastos por ter-lhes dado a existência, tão abominável é para mim o mundo! Não acreditarão talvez se eu lhes disser que tenho provocado a morte por todos os modos sem conseguir atrair-lhe a atenção... Nem ao menos fico doente!

Tínhamos dado tempo a que a chuva passasse.

Percebendo que nos dispúnhamos a partir, o Dr. Fróes correu ao cantinho onde tomara o seu chá, sentou-se à pressa, enfiando um par de galochas previdentes sobre o calçado enxuto, vestiu o impermeável que o defendia desde o pescoço até aos calcanhares e, consultando as nuvens, saiu também para a rua, caminhando atrás de nós, rente à parede, para evitar umidades...

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIII, n. 8144, p. 1-2, 20 jan. 1907.
http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/13230 .

ABANDONADOS

SE NÃO ME ENGANO MUITO, há só dois bairros no Rio de Janeiro que não têm rivais: Tijuca e Santa Teresa. Os mais digladiam-se.

Botafogo nunca olhou com bons olhos para S. Cristóvão; S. Cristóvão nunca em vida sua condescendeu em comparar-se a Vila Isabel; Vila Isabel desconfia dos subúrbios; nunca os subúrbios tolerariam a Gamboa... e assim por diante. Quem mora na rua Haddock Lobo, mesmo do lado ímpar, assegura a toda a gente que não há em toda a “urbs” rua mais cômoda nem mais fresca. A frescura é o elogio magno que fazemos aqui aos pontos da cidade que desejamos exaltar. Outro tanto propalam os moradores da rua dos Voluntários da Pátria e... de todas as mais! Dir-se-ia que nós não sentimos calor senão na casa dos outros; a nossa recebe sempre ventilação direta da barra ou do Sumaré, da Tijuca, do Silvestre ou das escaldadas pedreiras de S. Diogo e da Candelária...

É uma defesa natural; cada qual sublima o que mais ama...

Pois, senhores, por muito adorar o meu bairro, vou hoje falar mal dele. É um abandonado. As suas poucas ruas serpeiam morro acima, eriçadas de pedregulhos pontiagudos, ameaçadores, apertando-se aqui, desarticulando-se acolá, em um aspecto agressivo e agreste, que faz lembrar a subida da serra de Teresópolis, entre a Barreira e o Garrafão.

Quem vai de bond, até ao Silvestre ou até ao França, não calcula a atenção que requer do pedestre, este chão de surpresas e de precipícios... Para que a minha sinceridade e o meu desinteresse nesta queixa fiquem bem patentes, direi que os meus sapatos não se gastam, senão raramente sobre tais asperezas; as ruas de Santa Teresa são pouco frequentadas por mim, moradora no bairro, mas em uma simples estrada, para a qual a minha selvageria e o meu egoísmo não desejam senão um progresso: o de crescerem depressa as acácias e as murtas que

margeiam o caminho em uma bordadura aromática. Afigura-se-me que assim isolada esta estrada será sempre pouco habitada, e por isso mesmo mais saudável e mais tranquila. A Santa Teresa dos aflitos é a que se despenha pelas vertentes da Lapa e que engatilha por Junquilhos e Aqueduto, desde o Curvelo até à Vista Alegre...

Entretanto, que bairro haverá em toda esta bem fadada terra mais encantador e mais amplamente arejado? De uns tantos em tantos passos, eis que se rasga à vista de quem sobe ou desce a montanha, vales alfombrados ou largos trechos da cidade estendida no seu doce tom de um róseo violáceo até à larga planície refulgente do mar...

Quem passa no relâmpago de bond elétrico não saboreia a delícia de uma contemplação de tão sugestivas meditações como essa de olhar do alto para as ruas que se cortam, perseguem-se, estiram-se, em espreguiçamentos naturais ou forçados, através da massa espessa da casaria, até às orlas da baía onde os vultos negros dos barcos pontilham bizarramente o esmalte cor de aço das águas...

O que eu lamento é que o nosso atual prefeito, que tem indubitavelmente uma alma de artista, não navegue em ouro a todo o pano para então suplicar-lhe que beneficiasse este cantinho, como diz toda a gente: privilegiado pela natureza, e que reclama cuidados excepcionais, meditados com atenção. Se este fosse um lugar banal, poder-se-ia sujeitar a melhoramentos banais, mas a sua situação exige tanto, que antes o façam esperar mais tempo para uma remodelação definitiva.

Parece-me este um bairro a refazer, no mesmo estilo talvez do famoso morro da Califórnia, na pequena Cannes; mas com certeza muito mais importante e muito mais lindo do que ele. Tivesse eu a certeza de que a minha voz havia de ser ouvida e pediria para já, não as comodidades luxuosas a que me referi, para Santa Teresa, e que mais tarde ou mais cedo acabarão por fazer-se, mas certas regalias para o desgraçado morro de Santo Antônio, que parece ter caído na mais pavorosa e absoluta miséria! Tenho vergonha. Todos os

passageiros dos bonds elétricos de Santa Teresa têm vergonha ao atravessarem, logo a poucos metros da Carioca, rente ao convento de Santo Antônio, pelos montões de lixo que se despenham em catadupas nos barrancos vermelhos por todas as faces do morro, ou se espalham naquela banda em tapetes policromos, onde figuram como efeitos de contrastes as maiores e mais inconcebíveis extravagâncias. Há de tudo naquele tremedal: latas enferrujadas, sapatos sem solas, detritos de cozinha, frascos de remédios esgotados, cacos, trapos, papéis sujos, utensílios já imprestáveis de uso íntimo, tudo estatelado impudicamente à vista de quem passa.

O morro de Santo Antônio é o vestíbulo do de Santa Teresa e dos procurados passeios do Silvestre e do Sumaré. Centenas e centenas de pessoas limpas, que demandam as matas cheirosas do alto como um refúgio suave e higiênico para o seu espírito e os seus pulmões, têm de sofrer a dura provação daquele minuto de constrangimento, vendo de um lado e de outro, logo no princípio da viagem, no próprio coração da cidade, uma exposição tão fétida e tão nauseabunda de misérias. O fato é que as más impressões se gravam na memória, ao passo que as boas se desvanecem às vezes bem depressa...

Todos, ou quase todos os estrangeiros em trânsito aproveitam as curtas horas da estadia no porto para subirem por Santa Teresa ao Corcovado. Acredito que voltem de lá com os olhos maravilhados, mas posso afirmar também que ao transmitirem as suas impressões da cidade não se esquecerão de mencionar com um trejeito de nojo, a imundície de um dos seus trechos centrais... e nada teremos que objetar; faríamos outro tanto. E a prova aí está:

Todos os cariocas e todos os paulistas que pisam na Bahia, fazem logo constar aos quatro ventos que aquela cidade é suja. Por quê? porque lá viram em um certo recanto, de passagem, um sítio de despejo como o nosso Santo Antônio daqui! Realmente, este infeliz bairro, com as suas casinhas de tábuas desconjuntadas, retalhadas, as suas folhas de zinco tortas, o seu lamacento depósito de burros, mal defendido, tem um aspecto de arraial de ciganos

ambulantes infinitamente desagradável. Nesta época, em que as observações sanitárias, de tão benéfico rigor, exigem tanto das casas normais, como se deixa aquela pobre gente viver em pocilgas sem esgotos, sem água, sem a mais leve sombra de comodidade e de higiene? Não lhes parece que Santo Antônio, que era o patrono dos pobres, deve favorecê-la comodistas [sic], mas mais saudáveis e risonhas habitações?...

Desde a minha infância que ouço falar em arrasamento do morro de Santo Antônio...

De mim para mim, na minha incompetência, pergunto agora: para quê?

Não o arrasaram nem o arrasarão. Por que não o hão de aproveitar assim como ele é, visto que se presta magnificamente a ser aproveitado? Para tal empreendimento não seriam precisas, creio eu, cifras colossais... mas uma empresa e dar-se ao pobre Santo Antônio um hábito limpo, sem nódoas, sem remendos, sem mau cheiro; um hábito em que floresçam rosas e não se vejam cacos de louça velha, e largas toalhas de lixo estendidas do alto até a linha dos bonds...

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIII, n. 8152, p. 1, 28 jan. 1907.

http://memoria.bn.br/DocReader/178691_03/13284

CARTA A JOÃO LUSO

EU TINHA CHEGADO DA RUA como uma brasa e, imagine, eram apenas onze horas da manhã. Do céu plúmbeo, pesado, caía uma luz de claraboia fosca e um bafo mormacento que escaldava a pele e obrigava os olhos a cerrarem-se de sono.

O verão assumira nesse penúltimo dia de janeiro as suas magnas atribuições de narcotizador, de que não tem abusado este ano, por fortuna nossa, mas de que parecia querer reivindicar nessa hora todos os direitos! Eu derretia-me, quando, ao lançar a vista para a correspondência que me esperava sobre a minha mesa, vi em cima dos jornais e outros papéis um largo envelope branco com o disticozinho negro: “Clavadel Schweiz”, impresso em um dos ângulos, e sobrescritado pela sua clara e estimada caligrafia.

Como por fora, dentro também somente a tinta era preta; tudo o mais resplandecia na alvura dos gelos e das nevadas dos Alpes, que são para a nossa curiosidade de brasileiros um dos espetáculos mais deliciosos e extasiantes da natureza!

Ah, não poderem os nossos prefeitos, que já agora simbolizam a nossa audácia e a nossa civilização, decretar que do céu azul de maio e de junho caiam sobre os montes e as ruas deste nosso amado Rio de Janeiro essas levíssimas penugens de papos de cisnes, para usar de uma comparação mais poética e menos verdadeira certamente do que a sua que, ao descrever na carta a nevada do momento compara-a: a uma torrente interminável de torrões de açúcar do mais alvo, quase “tablettes”!

Marcava nesse momento o seu termômetro dezoito graus abaixo de zero; para compensar o claro papel em que escreveu de tão frígida temperatura, marcava o meu termômetro trinta e três graus acima do mesmo marco

impossível! Se o papel, cujas vicissitudes de origem são tamanhas, tivesse uma alma própria e comunicativa, ter-me-ia informado qual dos dois extremos é mais suportável... A mim se me afigura agora que não há sorte mais invejável que a dessa incolor florinha das geleiras, a doce “edelweiss”, que os pastores alpinos colhem para vender aos viajantes como pálida lembrança dessas luminosas serras de cristal.

Há 13 anos, feitos exatamente neste tórrido fevereiro, que atravessei os Alpes em caminho da Itália para a França e a visão dessas paisagens brancas, cortadas de longe em longe pelos esguios pinheiros silenciosos e pensativos, é uma das mais lindas memórias da minha viagem.

A sua carta, e ainda mais os seus lindos folhetins do “Jornal do Comércio”, têm evocado, posto de pé diante de mim, esses dias curtos nas horas que fugiram, mas inalteráveis na impressão que deixaram...

Os seus folhetins! mas sabe, meu amigo, que os seus folhetins são o meu espanto?! Como pode, em meio dessa novidade toda, entre as partidas de “sport” ao ar livre, a tagarelice da sociedade no hotel, as contemplações absorventes da natureza nesse período de vida tão instável e fugidio, cumprir tão rigorosa, tão metodicamente as suas atribuições de cronista a dia fixo, de mais a mais, em páginas que constituirão por certo um dos mais justos orgulhos do “Jornal”?

Para mim, que tenho, entretanto, uma vida desordenada e indisciplinada de escritora, isso parece-me fantástico. Não tenho horas certas de trabalho, aproveito os momentos que posso e como posso, mas dentro da minha sala, no meio dos meus livros, no achego familiar dos meus velhos móveis e queridos quadros.

Um simples passeio à Tijuca, uma dormida no hotel, e por mais cedo que me levante, por mais acenos que faça à imaginação, chamando-a, ela não acode ao bico da minha pena e obriga-me a preguiçar, a estender as vistas pelas sombras verdes da mata ou do jardim...

Essa impressão, de resto, creio que não é só minha. Lembro-me de ter lido neste mesmo “Paiz” uma crônica de João Chagas, esse cronista de tão extraordinário vigor e claro pensamento, com idêntica confissão. É realmente preciso ser heroica, para interromper a apreciação de uma vertiginosa descida em “schlitten”, morro abaixo, ou uma valsa suave sobre o seu dileto “scheittschuh”, e ir fechar-se uma pessoa num quarto inexpressivo de hotel, a escrever tiras e tiras de uma prosa tão fina e tão cuidada, como a que nos envia dessas paragens brancas!

Pois, como nas cartas familiares, eu lhe diria que por aqui não há novidade se não tivéssemos agora um mercado de flores, que não existia à sua partida e que perfuma um recanto da nossa querida cidade.

Não é grande; tem o espaço suficiente para as suas vinte barraquinhas leves e galantes, feitas de lona às riscas brancas e vermelhas. O ar que se respira ali é embalsamado à “Paul Néron”, “marechal Niel”, e belos galhos de manacás e aos estonteantes jasmims do Cabo. Ainda não figuram ali exemplares de crisântemos tão variados e perfeitos, como os que viu no jardim de Zurique e que lhe sugeriram a recordação do meu nome, o que muito comovidamente agradeço; nem tampouco apareceram ainda esses fenomenais amores-perfeitos com que os últimos dias do outono se despedem dos jardins na Suíça, e que mesmo secos, dentro de cartas amigas, levam através dos mares imensos o vigor do seu colorido semi-fantástico... contudo, asseguro-lhe que já figuram nas alegres barraquinhas do nosso mercado carioca flores amorosamente cultivadas e dignas da admiração dos mais exigentes.

Compreende que ninguém leva a sentimentalidade ao ponto de ter saudades do antigo florista ambulante, de mãos gretadas, roupas enxovalhadas e o clássico mamão verde ou chuchu velho crivado pelos pés dos cravos e das angélicas.

Ainda há quem tenha, ou finja ter — creio que esta hipótese é a mais acertada, — lamuriantas recordações da rua dos Ourives antiga, ou da sombria e desconfiada Uruguaiana, hoje tão bonita.

Por mim, confesso: já mal me lembro das suas feições antigas... Agora quem desapareceu sem o acompanhamento de uma única simpatia foi o mercador boçal de rosas e de violetas.

Não suponha, por isso, que aqui estou dizendo que os floristas do nosso mercado de flores e plantas andem fantasiados, ou cobertos, como os pastores nas operetas, de cores garridas e combinadas. Ainda não chegamos a esta perfeição. À parte os chuchus... e o aparelho rústico e extravagante de folha de flandres em que espalhavam pelas ruas o aroma dos jardins, os floristas se não são os mesmos... são muito parecidos!

Talvez mesmo a “toilette” dos vendedores do mercado tenha piorado em relação à dos ambulantes suprimidos e que, entretanto, não ousavam empunhar na praça pública o seu báculo florido a resedás e a murta, em mangas de camisa e sem gravata...

Tenho a esperança graciosa, graciosa e feminista, de ver um dia, que não estará talvez longe, substituídos por mulheres esses lugares de tão fácil e galante exercício. É uma questão de estética, nada mais.

Assim como as acácias (há agora lindas aqui no morro), florescem versos no Rio.

Tenho eu na minha mesa dois livros novos — “Plenilúnio”, do Sr. Franklin Magalhães, e “Sombrinhas e Postais”, de Luiz Pistarini. Pensava em escrever hoje a respeito de tais livros, mas o meu bom amigo sabe bem quanto os meus dotes de crítica são deficientes e confusos, e acredita como eu que aos poetas baste a minha admiração silenciosa, não é assim?

Por falar em versos e fechar esta carta jubilosamente, foi nomeado esta semana juiz da segunda vara criminal o nosso querido, o nosso grande poeta Raimundo Correia. Não sei até que ponto podem ser compatíveis as atribuições

CARTA A JOÃO LUSO

do pensador e do artista da rima, com as decisões severas e justiceiras do magistrado impecável que ele é; sei que exerce soberanamente bem as duas funções de homem de arte e homem de leis, e que o seu acesso na magistratura é motivo de alegria para todos nós.

Que mais? mais nada; amanhece cedo, anoitece tarde e faz calor. Mas basta de ler. Chegue à janela e veja na alma branca da natureza adormecida a visão errante de uma saudade amiga de que o seu inseparável Leopoldo grandemente compartilha.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIII, n. 8159, p. 1, 4 fev. 1907.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/13332

MEMÓRIAS DE UM DOIDO

“NADA NA VIDA ME SUGERIU nunca meditações tão filosóficas como esta peste do carnaval. Em criança, agarrava-me com ambas as mãos às saias da minha ama, que toda se sacudia impaciente, ou corria para trás das portas mal assomavam na esquina as levas dos diabinhos galhofeiros, vermelhos como fagulhas das fráguas do inferno. Depois, quando a reflexão veio obrigar-me a reprimir a espontaneidade desses movimentos impulsivos, chegados os três dias gordos de balbúrdia, a minha alma se encolhia contraída e pequenina dentro do meu corpo e eu era uma casa vazia onde tivessem esquecido acesa uma pequena lamparina mortíça...

Sentia-me só, sentia-me abandonado. Todos os amigos, todos os indiferentes tinham saído para a loucura; só eu permanecia dentro de mim mesmo, apavorado, meditabundo...

Pelas paredes nuas do meu crânio, positivamente oco, aqueles mascarados que passavam na rua projetavam sombras descomunais e fantásticas, comunicando ao meu espírito o pavor das coisas incompreendidas e sobrenaturais...

Na sua inocência de mulher, minha mãe chegou a inquietar-se com esta esquisitice e a perguntar a um médico amigo qual seria a razão dela.

O médico arregaçou-me as pálpebras, espiou para dentro das minhas pupilas turvas e decretou:

— Deem-lhe um dominó!

Quando os médicos se querem meter a psicólogos, é contar com o erro.

Só faltou falar em palmadas. Submeti-me ao dominó, que me caiu sobre o corpo de adolescente como uma pele engelhada de velho gordo, de que alguma bruxa tivesse chupado carne e ossos.

Andei pelas ruas sob essa impressão de nojo. Tinham me aconselhado a ir intrigar os amigos, mas a minha língua, fato que ainda é hoje um mistério para mim, transformara-se, mal a máscara me pousou nas faces, numa velha lâmina enferrujada, sem gume, sem flexibilidade, sem uma única das suas qualidades anteriores tão apreciáveis. Quando à noite voltei para casa, minha mãe e minha ama afirmaram que eu tinha estado muito engraçado — e essa consolação restituiu-me a voz...

Quarta-feira de cinzas foi sempre para mim um dia de felicidade calma, em que reavia a confiança que momentaneamente tinha perdido por todos os homens do meu conhecimento... Eles aí vinham agora vestidos de casemiras, com as caras lavadas, a expressão natural... andavam nas ruas com o maior respeito e conveniência, sem irritarem ninguém. Fui sempre amigo da ordem. Carnaval por carnaval, prefiro o do ano inteiro. É mais sutil, mais delicado... Por mim nunca andei tão bem disfarçado como nas noites do Cassino, de casaca e luvas brancas... O meu adorado Shakespeare disse pela boca de Macbeth, que “não há arte que ensine a descobrir na cara as inclinações da alma.”

Não, não há arte, mas há algumas vezes intuição... Só adivinhamos os segredos que se relacionam com os nossos próprios sentimentos. Surtos de alma para alma, as tormentosas delícias do amor... Se a brutalidade dos três dias consagrados a Momo me deixou impassível ou assombrado, ou estupidificado, os restantes dias do ano pareciam-me indizíveis e surpreendentes motivos de zombar da credulidade alheia...

Em certas rodas supunham-me letrado. Nelas usava, entre os homens, de certas locuções latinas, decoradas com maior ou menor facilidade; e entre as mulheres de comparações arrebatadoras e ousadas. Uma espalhou a minha fama de poeta desde a hora em que lhe comparei o brilho dos seus olhos faceiros à maravilhosa irradiação dessa maravilhosa pedra caída da coroa de Lúcifer, o histórico Sangraal de que se fez o vaso precioso, e de que não formo uma ideia sequer aproximada... Mas que inspirada palestra essa simples comparação provocou!

A dama fez correr pelo círculo das suas amigas o meu dito amável...

Outras rodearam-me entre despeitadas e curiosas, estados d'alma frequente[s] no sexo feminino; e eu, acariciado, envolvido em perfumes, solicitado a narrar, já que tão bem a sabia, a história desse misterioso — San Graal — pus-me a fazer uma salada brilhante em que fulgiam as malhas luminosas dos cavaleiros do Templo; tiaras de papas, sentenças de Isaías e um verso de Victor Hugo que errava ainda, pela minha memória, desde os meus tempos de estudante. Fui consagrado um erudito nas salas. Era um trabalho, cada vez que me dispunha a aparentar de ilustrado! Tinha os bolsos cheios de notas. A minha carteira era um caos! Ao lado de uma observação a fazer ao meu alfaiate, havia proezas de Xerxes, da Pérsia; junto à “adresse”, de um fornecedor ou de um amigo, abstrações de Arquimedes, traçando na areia a forma dos seus ideais... Um dia de insucesso obrigou-me a atirar ao lixo essa máscara vistosa e a procurar outra de menor responsabilidade. Como eu salvasse um pequeno, prestes a morrer afogado, num ponto da praia em que ele não tinha pé, e eu andava à vontade, inventaram a fábula de que eu arriscara a própria vida para salvar a de um menino de seis anos... A bem dizer, essa máscara me foi atirada à cara pelos outros. A maior parte das vezes é assim. Cabe à gente rejeitar ou ajustar as que por bem, ou por mal, lhe oferecem, mas a minha experiência tem me demonstrado que, quando elas são lisonjeiras não esperam um minuto para serem afiveladas com o máximo cuidado... Passei a ser chamado o grande amigo da humanidade. Choviam-me em casa as petições. Meti muitas crianças em asilos, a pedido de mães miseráveis, mandando-as em mente ao diabo, e mais uma vez o meu nome figurou nos noticiários dos jornais, acompanhado do adjetivo — filantrópico. De todas as minhas vítimas sociais, a maior vítima era a minha mulher. Supunha-me de uma fidelidade sem mácula, e eu via-me na contingência, por vezes penosa, de a não poder esclarecer! Ah! esse carnaval de todas as horas é, com certeza, muito mais fino que o dos três dias... e tanto eu me ajeitava em um como me embrutecia no outro.

Depois da célebre estreia em dominó, em que a língua se me paralisou dentro da boca (se ao menos a estúpida se tivesse estendido numa careta à humanidade), só duas vezes pensei em fantasiar-me. A preocupação da originalidade estragou-me em ambas essa deliberação.

Uma vez quis realizar um tipo novo representando uma nova ideia. Onde ir buscá-la? Todo o mundo se me afigurava um enorme saco de trapeiro imundo. Tudo que estava dentro dele era velho, usado, cediço, banal!

Resisti, retido por uma espécie de nojo e de altivez.

No ano seguinte, a mesma relutância à última hora, até que na urgência de satisfazer um capricho ainda hoje misterioso para mim, enverguei o meu fato mais velhinho, pus uma cabeça de burro e atirei-me às tontas por meio da multidão. O primeiro máscara avulso com que eu topei levava cabeça de gato. Passamos um pelo outro; notei-o e daí a instantes, numa confusão absurda, ao passar pelas moças, eu miava dengosamente como um bichano!...

E foi com cabeça de burro e a miar como um gato que eu tornei a ver a mais suave beleza feminina de toda a minha vida e por quem andava ansioso! Ela olhava para mim com ar de piedosa melancolia e toda a sua expressão podia ser traduzida por esta frase:

— Senhor! como se pode levar tão longe a estupidez!

O que ela não podia prever é que, miando como um gato, embaixo da máscara de burro, eu, por vê-la, chorasse de comoção, como um homem!

Quando, ao tirar a máscara, alta noite, em casa, reparei que andara pelas ruas a emitir sons em desacordo com os do meu disfarce, arrepelei-me todo e resolvi-me a entrar no hospício. Ao menos aqui tudo é permitido..."

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIII, n. 8165, p. 1-2, 10 fev. 1907.

http://memoria.bn.br/DocReader/178691_03/13376

REFLEXÕES DE UMA ESPOSA

“JÁ DESANIMEI; a lesma da Emilinha é incapaz de seduzir meu marido... não sei para que lhe servem uns olhos tão bonitos... bonitos, a bem dizer... não; grandes. Há olhos pequeninos capazes de fazerem acelerar a marcha de uma locomotiva, e há olhos tamanhões, que até assustam, de uma tranquilidade de água morta... Os olhos da Emilinha são dois pântanos que nem ao menos provocam febres... dois pântanos sem fulgurações e sem mistérios; duas grandes poças de formosa lama... A prova de que não há dentro daquele cérebro nem um tico de imaginação, é que meu marido permanece imperturbável, desesperadoramente imperturbável a seu lado, como se ela fosse para aí uma boneca de pano ou de pau... muito ao contrário, ela é carnudinha... mesmo elegante... Elegante? hum... para ser elegante precisaria ser um nadinha mais alta e mais fina... aposto em como não seria capaz de abotoar se o vestisse, um dos meus vestidos... e diz à boca cheia que não é mais gorda do que eu. Tem graça... Também é só quando ela tem graça...

Dá-me ideia de um peixe de água doce... O meu Alberto creio que prefere o mais ordinário peixinho das marés salitrosas ao mais fino pescado da lagoa insípida... Se eu substituísse a Emília por outra amiga mais feia?... nada... as feias são mais perigosas... Não creio que Alberto seja um santo... tenho tido mesmo certas horas de dúvida, muito aproximada da certeza, sobre a sua fidelidade... mas, afinal, que sei eu de positivo da sua vida lá por fora, para poder prevalecer-me das suas faltas, em minha defesa? Nada. Em caso de necessidade não poderei desculpar o meu procedimento com o procedimento dele... Digam o que disserem, o equilíbrio é o que torna as situações estáveis... e assim não estamos equilibrados... Que ele me engana, é certo; mas engana sem deixar vestígios dos passos que dá na minha beira para o lado da outra...

Quem será? É de tal sutileza e tamanha finura na sua arte, que todos o proclamam o mais fiel dos maridos... Pois não há nada mais incômodo para uma mulher do que ser casada com um homem assim... fica-se tolhida em todas as liberdades... sem razões plausíveis para um devaneio... ao menos um!...

Eu, por exemplo, não posso dizer à Emilinha que me preste o serviço de enlouquecer meu marido, sem entrar em explicações que desejo evitar... Por seu lado, ela é uma rocha de estupidez, para se deixar abalar pelas minhas finas insinuações...

Olhem a história da cor!

Disse-lhe em todos os tons que meu marido detesta o encarnado; que chega a virar a cara para o outro lado quando vê vermelho, e a ignorante apresenta-se-me outro dia em casa toda de escarlate!

Disse-lhe que não há em todo o mundo homem mais inflexível, mais severo, mais ríspido, melhor marido do que meu marido, e não lhe desperto a adormecida curiosidade nem a menor vaidade para vencer tal resistência e fazer-se desejada por um homem tão imperturbável! Oh!...

Senhor Deus, quando pensei eu em minha vida poder imaginar tantas barbaridades! A culpa não é minha; debato-me nas mãos fortes do Destino, como um mísero frango nas mãos de um cozinheiro cruel. Já não posso fugir... mas não quero morrer... Se ao menos meu marido fosse um homem mau... um prevaricador... um gritador... um despótico... a minha culpa ficaria atenuada ante a minha consciência, embora perante a dos outros não tivesse perdão... A consciência dos outros nunca perdoa às mulheres, mas também não é o julgamento alheio o que me importa; é o meu...

Não posso enganar um homem que não me engana... que não me maltrata... que não exige da minha pessoa sacrifícios de nenhuma ordem, que sorri sempre, que me dá joias, que não ralha nunca e até gosta de me ouvir tocar piano... Se ele amasse outra mulher, eu ficaria livre para amar também outro homem. Embevecido na sua felicidade deleitosa, Alberto não notaria o meu

alheamento, estas minhas terríveis abstrações... em que todo o meu pensamento foge e o faz abraçar uma estátua sem vida, quando me abraça... Seríamos mais independentes e eu voaria, sem esta dor que me punge, para a ventura que ambiciono... É um excesso de sentimentalidade, este meu... afinal se a atitude de meu marido é devida só à sua pendência, se muitas vezes ele me teria dado razões até para o divórcio, se fosse mais expansivo, por que tanto escrúpulo da minha parte? Sinto que Alberto me engana, jesuiticamente, sem me deixar apalpar a sua culpa. Por que não o hei de enganar do mesmo modo? Em consciência não há homens nem mulheres: há seres com iguais direitos naturais, mesmas fraquezas e iguais responsabilidades...

Mas não há meio dos homens admitirem semelhantes verdades. Eles teceram a sociedade com malhas de dois tamanhos — grandes para eles, para que os seus pecados e faltas saiam e entrem sem deixar sinais; e extremamente miudinhas para nós. O mais curto dos nossos “flirts” fica logo seguro na rede como irrecusável prova de um crime tenebroso! E o pitoresco é que nós mesmas nos convencemos disto! Pois será um crime este movimento de alma espontâneo, que nos faz sonhar com certos olhos negros, quando por lei o nosso pensamento só se pode ocupar com certos olhos azuis? Não é pelo remorso, talvez, que eu atiro assim a Emilinha para o caminho de Alberto... talvez não seja também só por covardia... será piedade? Desejo de que ele goze também, ao mesmo tempo que eu, um bem tão suave? não sei... Pois daria um doce ao diabo se ele me explicasse o verdadeiro motivo desta esquisitice...

O meu escrúpulo é positivamente excessivo e burguês. Sou toda credulidade. Sob a capa de honestidade de Alberto quantas perfídias não se rirão maliciosamente de mim!

Dizem que certas mulheres, que juram pôr as mãos no fogo pelos maridos, têm tido extravagantes surpresas, achando depois de viúvas, entre os papéis do defunto, confissões de grossas infidelidades ou lendo-lhes nos testamentos dádivas a filhos naturais, cuja existência não podiam suspeitar... Ai delas! quanto lamentarão então o tempo perdido numa adoração única e mal recompensada! É que enganar uma mulher é fácil...

Enganar um homem é difícil. Dados certos casos, dele os inimigos fazem-se amigos; dela os amigos tornam-se inimigos! Tudo se sabe, tudo se comenta, tudo se vê, tudo se exagera... e tudo se malsina!

Quem não sabe se Alberto não tem por aí, em algum canto da cidade, uma família escondida, com quem reparta os carinhos que me prodigaliza... a quem ame talvez mais do que a mim? E eu tão tola que ainda tenho escrúpulos... Ah... querem ver que é por isso que ele é insensível às graças da Emilinha? Graças da Emilinha! onde estarão elas, coitada!

Exatamente o que lhe falta é o chiste. Ela é carne. Só carne. Se eu tivesse coragem de espiar os passos de meu marido... mas isso é que é muito feio... acabaria talvez por descobrir toda a verdade... Não vá ele ser dos tais sonsos... pais de meninos ignorados... E eu que tanto tenho soluçado por um filho! Um filho ao menos! Também se eu visse o meu Alberto entrar numa casa desconhecida... e eu entrasse atrás dele bem devagarzinho... e logo o visse beijar com ternura uma criança e uma mulher... ah! Eu sou muito boa, mas haveria de atirar-me a elas e torcer-lhes o pescoço, como se faz aos frangos!..."

(Do livro "*Eles e Elas*")

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIII, n. 8173, p. 1, 18 fev. 1907.

http://memoria.bn.br/DocReader/178691_03/13432

TRÊS CARTAS

DIZEM QUE OS BRASILEIROS em geral só deixam o Brasil para a tentadora “flanação” do “boulevard”; e que sobretudo a mulher brasileira não encontra fora da Pátria senão um elemento de interesse e de prazer: os grandes armazéns de modas parisienses. Creio que se leva assim a injustiça um tanto longe... Se é certo que, como sucede às mulheres de todo o mundo, as modas exercem sobre o nosso espírito uma extraordinária fascinação, é também verdade que já muitas brasileiras viajam com propósitos e destinos muito mais variados, reveladores de gostos finos e bem educados. Sem desprezar uma visita ao “Bon-Marché” e ao “Louvre”, procuram já dirigir os seus passos para os lados do pitoresco e do imprevisto, se é que ainda há imprevistos neste velho mundo! Pensei nisto em um doce dia desta semana, em que me entraram pela casa adentro, na representação dos selos e dos timbres, três países bem afastados entre si e bem dissemelhantes: o Chile, a Suíça e o Egito. Para admirá-los bem a meu gosto, tive só de me acomodar na minha poltrona preferida e rasgar com a feliz impaciência que toda a gente experimenta em idênticas circunstâncias, os três envelopes em que o meu nome se estendia em diversos talhes de caligrafia. Traçadas por mãos inteligentes, essas três cartas eram como três espelhos muito sinceros e límpidos, refletindo miragens distintas.

Em poucos instantes, no aconchego da minha sala de trabalho, que o sol das nove horas da manhã bafejava amorosamente, vi resplandecerem em aclives e declives de montanhas íngremes, essas neves alpinas que o sol criva de risos de ouro e que a lua entristece; que são penugentas e embaciadas como arminhos amontoados aqui, transparentes e duras como rochedos de cristal além; que extasiam os olhos habituados aos coloridos fortes das paisagens tropicais, imaculada mortalha da Terra adormecida que se desmanchará num momento —

para que Ela ressuscite cheia de cantos e de risos! Erravam ainda diante dos meus olhos tipos sadios de montanheseiros de olhos deslavados, faces tranquilas, cabelos cor de milho, quando abri a segunda carta, essa do Chile, carta de mulher, toda consagrada à mulher.

Já um dia me referi a essa viajante atilada e de fina percepção, reproduzindo um tópico de uma carta sua, em que ela fotografava o aspecto matinal das ruas de Santiago, estreitas e de pesada arquitetura, onde grupos e grupos de mulheres de todas as idades percorrem as lojas e as igrejas, envolvidas nas suas mantilhas de pano preto, que lhes cobrem os penteados e se lhes prendem firmemente ao pescoço, escondendo-lhes os vestidos. No açoitamento da religião e das compras, lembram as nossas “afanosas baratinhas das noites de verão”, grifo as comparações textuais. Em literatura eu rejeitaria a expressão, procurando substituí-la, por exemplo, por andorinhas ou outro qualquer ser mais aproximado da poesia, tanto mais que nesta carta, escrita após um passeio à tarde na “Calle Dieciocho”, o luxo das chilenas, “luxo como nós nunca vemos no Rio”, resplandece como o sol ao meio dia! Nas noites de Lírico, o esplendor dos vestuários femininos sobe ao auge do desespero... Desafiam-se as rutilações de joias caríssimas com o brilho dos olhos incomparáveis... Grandes sacrifícios ignorados desaparecem sob as impressões produzidas e ficam bem compensados. As mulheres que trabalham, que se agitam, são olhadas por cima dos ombros com arzinho de desdém por essas deliciosas criaturinhas de pele de camélia e olhos de fogo, que só sentem em si os deveres das flores lindas: enfeitarem nos passageiros dias da mocidade a sua terra...

A crer na informação, ser bela e não ser mais nada, será realmente o bastante, quando se possa ser bela assim!

Do alto do Cerro de Santa Lucia, tendo a cidade estendida a seus pés e contemplando a Cordilheira com a sua coroa de neve matizada pelo sol poente, a alma desta brasileira inquieta voa saudosa para a Pátria amada e distante e vem trazer nas suas asas o perfume das flores esplêndidas que vê em torno de si, o

riso das crianças de aspecto sadio, o garbo dos militares bem fardados e bem disciplinados, fazendo-me suspeitar que o Chile seja o país das fardas e das orações; e entre tantos dizeres, tantos períodos entrecortados de minudências, esta brasileira esqueceu-se de citar o nome, ao menos, do principal armazém de vestidos, chapéus ou bugigangas de Santiago! Talvez lá chegasse se não tivesse de cortar ao meio a descrição da capital chilena, com uma viagem pelos Andes a Buenos Aires. Então é que a sua pena despretensiosa folga em um gozo por vezes infantil, relatando depois da chegada ao cimo da montanha, onde a cruz majestosa abre os braços pacificadores sobre as fronteiras de dois países irmãos, a descida vertiginosa em carro puxado por quatro cavalos em uma só linha paralela. Falta-me o ar a cada curva da estrada. Ela é tão sincera nas suas expressões, que percorro a página aos solavancos como ela percorre a montanha! Estremeço a cada um dos seus sobressaltos e, como o seu riso de moça é contagioso, rio também!

Na Argentina como em Valparaíso, como em Santiago, a sua preocupação ainda é a mulher; assesta para ela o seu binóculo de “touriste”, e acha-a linda, robusta, desembaraçada, com “ar de felicidade”. A argentina de Buenos Aires parece-lhe inteligente e amiga de coisas do espírito. Têm iniciativa e fazem sentir a sua opinião na sociedade.

Entre parênteses, direi que esta observação me parece bem comprovada por vários movimentos de que temos tido notícias pelos jornais, entre eles o de um telegrama de congratulações, expedido há poucos dias pelas senhoras portenhas à sábia Mme. Curie.

Mas o perfil da mulher argentina mal tem tempo de ser contemplado. Acha-o acentuado em todas as suas linhas e conclui: “Nós somos mais simples, mais estudiosas; elas são mais fortes, mais alegres e mais ornamentais”. Tudo isso é escrito em linhas curtas. Volta para o Chile, para partir depois para mais longe, de onde me enviará sempre uma saudade, um adeus!

Foge, essa doce visão, pelos mares do Pacífico, em demanda de outras terras americanas. Tenho o colo cheio de pétalas de rosas secas, fecho silenciosa e pensativa essa carta de dez páginas em letra miudinha, e com esse sorriso em que a saudade se mescla ao contentamento, abro a terceira carta, de uma parenta e amiga, datada de janeiro no Cairo, no Grande Hotel Continental.

Desaparecem as neves alpinas; desaparecem os garbosos militares chilenos e as moças embiocadas em panos pretos, e outro cenário surge ante os meus olhos enfeitiçados.

Num imenso “hall” cor de ouro, entre palmeiras elegantes, sofás, almofadões, puffes de seda com alparavaz de prata e froco, e pajens trajados de veludo bordado a ouro, “uma caipirinha brasileira”, como ela se intitula, escreve-me enternecidamente sobre coisas do Egito!

Estivera em Alexandria, visitara depois os túmulos dos mamelucos. Penetrara-se o seu espírito da poesia dos zimbórios e dos minaretes ao luar; entrara na mesquita de alabastro com a estupefação no olhar embevecido... Os trajes dos egípcios, com os seus mantos negros, as suas túnicas de cores variadas, os seus turbantes brancos ou vermelhos, evocam-lhe recordações suaves das histórias fantásticas de seu tempo e infância... Uma viagem de duas horas pelo Nilo desperta-lhe comparações daqueles campos com o nosso campo. Fala da expressão até dos burricos em que anda. Os almocreves são imundos; a gente do povo miserável e maltrapilha; as casas das aldeias feitas de barro e cobertas de palha ou de bagaço de cana, sem janelas, como as casas das lontras e de certas formigas do Brasil.

Os campos verdes, os intermináveis bosques de palmeiras, as mulheres com as suas grandes bilhas à cabeça, as suas túnicas pretas e o rosto coberto até aos olhos; os camelos de olhar vivo e fiel, todas essas imagens novas de um país tão diferente dos outros, infundem-lhe na alma inteligente uma larga onda de poesia...

Visitas às estátuas de Radamés II, subterrâneos, túmulos, pirâmides de Sacará, pirâmides de Quéops, de Quéfren, a Esfinge, zimbórios, minaretes, claridades rubras de sol em palmeirais, museu, bazar, tudo a comove e lhe sugere um pensamento, uma frase de observação...

Não só as coisas, os costumes são observados no mesmo relance de viajante.

Da janela vira passar um casamento.

Na frente, muitos árabes dançando; depois, a cavalo, bem enfeitados, os músicos, com roupas lindas; depois os noivos, em camelos, a noiva, invisível numa tenda de seda flexuosa; depois, muitos carros.

Aos mortos, levam-nos em caixões abertos, sobre os ombros fortes... No atropelo das informações, querendo que eu compartilhasse os prazeres de viajante que ela desfrutava, descreve-me em poucas penadas a mesquita “el Azhar”, que é agora a universidade.

Sob os tetos primorosamente trabalhados em mosaico, entre colunas resplandecentes e sobre o chão completamente forrado de esteiras, pois que ninguém pode entrar ali calçado, os professores e os discípulos agrupavam-se sentados no chão, falando em uma algazarra infernal. Entre eles, espalhados na esteira, viam-se chinelos rotos, pedaços de pão e livros... Conclui que os árabes parecem pouco exigentes, que os vendedores de cartões postais na rua são atormentadores e que os museus de França e de Itália prejudicam o interesse que o museu e o bazar do Cairo possam oferecer. Também esta brasileira não se refere a um único estabelecimento de modas... também esta acaba a carta fugindo para mais longe:

Partia para a Palestina.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIII, n. 8180, p. 1, 25 fev. 1907.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/13478

ALMA CARIOCA

UMA REVISTA FRANCESA muito conhecida de nós todos, a “Lecture pour tous”, trouxe um dia, acompanhadas de nítidas gravuras representativas, descrições de escolas de economia doméstica espalhadas por vários dos principais bairros de Paris.

Parece-me que já me referi a essas classes e explicarei daqui a nada a razão da minha insistência. Lembra-me que entre as principais escolas estavam as de costuras, chapéus, jardinagem e cozinha.

Esta, por mais pitoresca nos seus acessórios ou por mais importante na sua essência, ocupava o maior espaço do capítulo. Destacando-se de um fundo de azulejos e ladrilhos, que a imaginação não vacila em reputar reluzentíssimo de asseio, lindas moças de fina sociedade entretêm-se no aprendizado da arte que constituirá mais tarde um dos atrativos das suas futuras casas.

Aproximando os narizinhos das caçarolas de alumínio, revelam a beatitude de quem aspira não um guisado de repolhos de Bruxelas ou de linguado com molho fino, mas uma rosa de Alexandria, que é a magna expressão do aroma na Terra! Sobre os grandes aventais de linho branco, que não conseguem disfarçar-lhes a elegância, algumas alunas depenam aves a seco, com o carinho de profissionais inteligentes, enquanto outras armam engenhosamente, com preocupação de artistas, bolos doces, confeccionados pelas suas mãos de anéis. Com todas as regras das proporções e do desenho constroem castelos góticos de ogivas estreitas terminadas no alto por elegantes rosáceas; templos gregos, de uma impecável harmonia de linhas; cúpulas bizantinas; arabescas orientais; pagodes chineses, templos cristãos, o diabo! Está no espírito dessa escola que se não ensina ali só o lado pitoresco da arte culinária, mas também a sua parte prática e a sua higiene.

É muito bonito saber-se purificar a gelatina a ponto de que os gomos de tangerinas ou os morangos inteiros reluzam dentro dela como joias de topázios ou de rubins; mas igualmente, ou ainda mais, é necessário saber-se o melhor modo de desinfetar caçarolas, de cortar um bife ou de rechear um peru...

Compreende-se a supremacia que entre outras deveria ter nas exposições da revista, essa escola, de que a felicidade do homem se deriva num fio de tão inquebrantável robustez; mas nem por isso deixava de expor as múltiplas qualidades de outras oficinas de incontestável utilidade. Em uma delas, elegantes “demoiselles”, que ao saírem dali iriam de carro passear ao “Bois”, cosiam longas fitas de palha ou torciam arames na estrutura de chapéus e de toucados, enquanto, já sob a direção de outra maestra, outras moças aprendiam a cortar, sem desperdício de tempo, nem de fazenda, vestidos de passeio, de casa ou de baile...

Recapitulei apressadamente até aqui o que me parece ter dito há alguns meses elogiando esse sistema, que vem facilitar os nossos trabalhos caseiros, feitos por nós com menos arte do que vontade e cujos exercícios trazem certas confusões e aborrecimentos na aprendizagem, porque de vez em quando não me parece desacertado discutir assuntos que só por exceções deixam de interessar às mulheres e... por que não? aos homens. Sendo o alimento e o vestuário fatores de boa saúde, este assunto é magno. Tivesse eu a pachorra de folhear dicionários e consultar obras históricas e seria muito bem capaz de armar com ele, não um castelo de cartas, que um sopro de uma criança deita por terra, mas uma fortaleza inexpugnável aos ataques da crítica...

Pois eis o motivo da minha insistência:

Andava eu, uma destas manhãs, pelo mercado das flores, escolhendo uns cravos, quando vi surgir diante de mim, sobraçando um belo ramo de amarílis lilás, uma senhora de límpidos olhos verdes e cabelos grisalhos. Era uma amiga, uma alma carioca, nunca desanimada, sempre revestida de esperança, que deixou de ser nela um apanágio da mocidade para a acompanhar até ao extremo

da velhice em que viver... A idade não terá poder de lhe vergar o busto ereto, na sua fronte resplandecerá sempre o idílio de pensamentos que prolonguem a existência através dos tempos e do espaço...

“Minha amiga, disse-me ela, estendendo-me a sua mão carinhosa: repare para a alvura daquelas gardêneas... para a leveza daquelas avencas... e suponha se ainda temos que invejar a alguém!

Estou contente; olhe para os meus olhos e verá lá dentro a minha alma palpitante como uma borboleta num rosal... está tudo diferente do que era, e tudo estará mais belo ainda dentro de pouco tempo... facilitam-nos a vida e há alterações que, não sendo notadas pelos preocupados, trazem-nos a nós comodidades nunca sonhadas. Sabe de onde venho? De uma escola de chapelaria e de corte na rua Uruguaiana, onde matriculei minha afilhada. Estraguei muitos metros de fazendas antes de fazer um vestido razoável: a ela não acontecerá o mesmo.

A infatigável Mme. Montanari e Mme. Josefina Zambelli a habilitarão a fazer por suas mãos o que com tanto dispêndio eu só consegui pelas mãos dos outros. Dizem que nós somos vaidosas... pois sejamos vaidosas, sobretudo da perícia, do gosto, da arte que nos habilitem a prescindir dos outros, sempre que disso haja mister...

Uma cidade deve educar seus filhos para todas as emergências da sua agitação. Você um dia falou na necessidade de se criar escolas domésticas à feição das da Europa, pois seja justa, citando estas duas, criadas, talvez, um pouco por seu infl[uxo], com o fim exclusivo de en[sinar e] aperfeiçoar esta geração de [ilegível] mesmo algumas mães de [ilegível] quem o exclusivo uso do [ilegível] habilitou os dedos para as funções práticas da vida. Deve-se saber de tudo. A educação da mulher é tão complexa que para ser perfeita deve ser ministrada com sapiência em períodos distintos. Doutora ou artista, burocrata ou professora, ela terá de dividir a sua atenção pelos afazeres domésticos, em determinadas circunstâncias, pois que a onda que a leva para diante, nos progressos de uma civilização que nada travará, empurra também para outras praias gentes rudes, cada vez menos sujeitas aos serviços subalternos...”

De repente, interrompendo-se, ela apontou, sorrindo, para uma barraquinha, em que florescia um lindo pé de manacá:

— Olhe para aquilo!

Se eu decretasse leis, decretaria que toda a casa do Rio de Janeiro tivesse como emblema, no jardim, no terraço, na janela, no telhado, fosse onde fosse que as necessidades obrigadas do local determinassem, um pé de manacá. É a nossa flor; a alma dos nossos jardins. Em nenhuma outra cidade, já não direi do mundo, mas mesmo do Brasil, ela cresce, se esmalta de flores ou desprende o perfume que desprende aqui... Há três espécies de plantas essencialmente cariocas: jasmim do Cabo, jasmim-manga e manacá; esta deve ter um culto por ser, entre todas, a mais abundante e florífera. A escola de jardinagem há de desvendar segredos divinos, e eu já me enterneço com a ideia do benefício que eles trarão à alma das minhas netas... Você está dizendo consigo que eu abuso da mania de falar de flores; mas, se refletir um pouco, verá que isso é sempre melhor do que falar de crimes ou de escândalos dolorosos... É que a minha alma renasce dentro de mim ao influxo da pureza e da bondade. Quando leio narrações de perfídias e baixeiras, nomes que se arrastam pela lama, cartas de amor que a honra recata covardemente atiradas aos bueiros da publicidade; crianças asfixiadas em latas de lixo, roubos, assassinatos, todas as misérias reveladoras de instintos abomináveis, sinto-me ofendida na minha qualidade de ser humano, e vexada...

Em compensação, querida, quanta doçura consoladora me advém de outros fatos agora discutidos... A campanha em favor dos irracionais, bem dirigida pelo nobre espírito do Dr. Carlos Costa e que atenuará os martírios infligidos às bestas resignadas pela nossa inclemência e injustiça; e sobretudo, este interesse revelado agora na imprensa pelas silenciosas palmeiras do mangue... Percebemos enfim que elas não são ali meros vultos inertes na fixidez da sua aparente impassibilidade... Têm um sentimento que se nos transmitiu sem que soubéssemos como.

Na altivez dos seus troncos imperturbáveis, no ramalhar das suas copas estreladas corre um filtro que as fraterniza com o nosso sangue, vínculo pátrio que só na hora suprema de uma separação definitiva vem revelar-se... Espero que essa separação não passe de uma ameaça. Vi-as ontem ao luar, enfileiradas como deusas em procissão; voltei para elas o olhar enternecido, e quer saber? quando recolhi a minha atenção, vi que toda a gente que rodava como eu no mesmo bond estava de nariz erguido, contemplando as árvores amorosamente...

Mas é tarde. Adeus”.

Um gesto das suas mãos fez adejar diante de mim o galho lilás dos amarílis. Olhei-a ainda.

Ela, essa doce alma carioca — caminhava já, irradiando o esplendor dos seus cabelos grisalhos e dos seus olhos moços, traspassados pela força da bondade e da esperança...

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIII, n. 8187, p. 1, 4 mar. 1907

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/13526

O DOTE

NÃO FOI SEM UM GRANDE movimento de surpresa, que por certo imprimiu ao meu rosto uma alegre expressão de vaidade, que ouvi Artur Azevedo dizer-me, numa sessão da Academia de Letras — que tinha tirado de uma das minhas crônicas assunto para uma nova comédia.

Suponde: esta minha surpresa comparticipava de dois sentimentos estranhos entre si, e ambos capazes, no meu conceito, de abalar até as tradicionais pirâmides do Egito, quanto mais o meu espírito!

Primeiro motivo de espanto: ter um artigo meu, aparentemente fútil, embora destinado a figurar como capítulo de uma obra social, inspirado uma peça dramática em três atos a um escritor, cuja imaginação não carece de estímulo para desabrochar em enredos originais ou teses brilhantes, como atestam os seus inúmeros contos e as suas peças de teatro.

Segundo motivo de espanto: a lealdade, a franqueza, com que a influência do meu trabalho era confessada,²⁷ em que se reúnem o comediógrafo, o contista, o jornalista e o poeta.

Se todos os trabalhos literários feitos por sugestão de trabalho alheio trouxessem, à guisa de selo, essa declaração, verificar-se-ia que, em grande parte, eles nascem uns dos outros por um fio tênue ou por um elo forte, conservando ou não traços de parentesco, sem ficarem muitas vezes por isso prejudicados nas qualidades individuais do conceito e do estilo do autor. Não há ideias novas, há

²⁷ N. da E.: Parece faltar uma linha ao texto impresso no jornal, depois dessa vírgula. Indício disso, além da sintaxe truncada, é haver ali uma sílaba solta e sem sentido ("-mos"), que não inserimos nesta transcrição. Numa crônica posterior (22 de abril de 1907), a escritora menciona essa ausência, atribuindo-a a erro dos revisores. Vide a crônica n. 64.

talento em renová-las pela mudança dos trajes. Vivemos, e é um mal de que todos nos queixamos, a escrever o que os mais remotos escritores escreviam, e a dizer, sob o martírio de procurar o inédito, o que os lábios dos sábios e dos poetas da mais velha antiguidade diziam!

Embora suspeitando que a declaração de Artur Azevedo representasse mais uma homenagem do que mesmo um ato de probidade literária, quase inédito, ardi logo em desejo de ouvir ler essa comédia, nascida pelo influxo de meu espírito e relacionada, portanto, com a minh'alma.

A leitura fez-se esperar. Entretanto, procurei construir sobre a crônica citada várias probabilidades de comédia, sem conseguir ajeitar o arcabouço de uma única sequer! Era uma espécie de adivinhação que ficou sempre no enigma... Na noite de 1 de março a minha curiosidade, perfeitamente compreensível, teve enfim a sua satisfação. Artur Azevedo desdobrou o seu manuscrito sobre a minha mesa de trabalho e leu a seguir os três atos d'“O Dote”.

A delicadeza dessa comédia tão literária e absolutamente moderna, que na sua trama de cristal espelha com igual limpidez o sorriso e a lágrima, mal evocava na minha mente a ideia da minha crônica, muito menos fina na sua ironia, e muito menos piedosa na sua índole do que essa linda peça de teatro.

A sugestão fora apenas um sopro, e só reconhecível pela declaração do escritor, que a uma observação minha respondeu:

— Mas sem a sua crônica a minha comédia não teria existido!

Bastou; tanto mais que eu estava morta por me convencer disso e não me havia de fazer rogar para o que me dava tanta satisfação.

Este caso fez-me lembrar uma história tantas vezes ouvida na minha meninice, de um príncipe famoso dono do reino das pedrarias, e que um dia, andando com a sua comitiva à caça de faisões, se perdeu pelos labirintos de um mato desconhecido e intricado. Para a esquerda e para a direita, para trás e para diante, ora tocando na sua trompa de caça, sem ouvir resposta, ora procurando orientar-se calado no caminho do seu palácio, o opulento príncipe começou a

impacientar-se e a notar que à sua impaciência vinha juntar-se uma pontinha de fome. Ao caçador que tem fome, tudo lhe serve. Aquilo era ao menos uma sensação nova, visto que noite e dia a sua opípara e vastíssima mesa resplandecia de iguarias finas e succulentas, servidas mais à sua gula que à sua necessidade!

Estava já o poderoso príncipe desesperançado de ver rosto humano e de achar um fruto que lhe iludisse a fome, quando no momento em que menos esperava topou de repente com uma tosca cabaninha de colmo. Bateu palmas; apareceu-lhe logo um velhinho trôpego, a quem contou que por andar distraído se desviara do caminho e que estava com fome. O pobre rebuscou toda a casa; só encontrara uma partícula de pão duro e negro. Pois isso mesmo serviu. O afortunado príncipe, cujos dentes só tinham mastigado até então massas bem manipuladas de bolos esquisitos e caros e o miolo leve de pão alvíssimo, achou naquela pequenina amostra de alimento rude um sabor especial e aproveitável.

Era o caso da oportunidade...

Explicado o motivo da sua visita, o velho, bom conhecedor dos caminhos selvagens, reconduziu o hóspede à estrada real, recebendo em troca uma pesada bolsa recheada de moedas de ouro. Chegando ao palácio, o generoso príncipe proclamou as qualidades e excelências do pão de centeio e ordenou ao seu cozinheiro que lhe preparasse todos os dias esse alimento, ao que o mestre obedeceu, adicionando ao centeio não só a água e o sal dos pobres, mas ovos, leite, açúcar e especiarias. O centeio figurava em tão pequena porção que ninguém o percebia; mas atestavam todos a sua delícia.

Por seu turno o velho da choupana, impando de orgulho, todo ufano, assoprava à boca cheia por toda a parte por que passava que o senhor seu rei já se servira um dia do seu pão negro!

Quem o não soubesse ainda, que o ficasse sabendo! Ouvissem bem! Está claro, como a água clara, que é nesta última parte que eu me comparo ao velhinho da fábula. Fique por isso gravado nos anais da literatura nacional que Júlia Lopes de Almeida requer da posteridade um reflexo das glórias que lhes hão de advir desses três lindos atos de bela prosa, que por um requinte de lealdade do seu autor foi chamada a presidir, e diante da qual a sua admiração mal se traduz nas palavras que aí ficam.

Mas a peça aí está no teatro: ide vê-la e batei palmas com força, até vos doerem as mãos, a esse trabalhador infatigável, abnegado, que insiste em amparar sozinho o teatro moribundo e em ministrar-lhe cordiais [sic]²⁸ na teimosa esperança de lhe dar alento, chamando-o a uma existência forte e real. Até a última hora tudo é lícito esperar da vida.

Também, se a doçura sublime desse pai João, e se a frivolidade de pluma dessa luxuosa Henriqueta, não o fizeram vibrar no desejo de romper por outros caminhos, de sandálias novas e mantos escovados, é que... é que então todas as suas fibras estarão realmente despedaçadas... Quem assistiu, porém, à primeira representação d'“O Dote” e teve o prazer de ver entre os espectadores da sala a figura do primeiro magistrado da Nação vivamente impressionado e interessado pelo movimento da comédia, tem o direito de julgar ter visto por seus olhos uma ressurreição!

Falando desse espetáculo memorável, não quero deixar de atirar a Paulo Barreto as rosas que ele merece pela sua “Última noite”! A ambos os comediógrafos, o que principia e o que está no apogeu da sua carreira, minhas palmas sinceras, cujo ruído vitorioso atingirá o grupo de bravos artistas, visivelmente interessado em dar às duas novas peças nacionais, com sinceridade e calor, a vida intensa da cena. Desse grupo é de justiça destacar essa formosa e interessantíssima Lucília Peres, em quem vieram culminar as qualidades cênicas de uma família de artistas, e que soube dar ao papel de Henriqueta um relevo e uma intenção dramática de que o nosso teatro, como de tudo o mais, já ia perdendo a memória.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIII, n. 8194, p. 1, 11 mar. 1907.
http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/13572

²⁸ N. da E.: Parece faltar uma palavra ou um trecho no jornal.

NEM CARNE NEM PEIXE!

BONITO! 30 GRAUS DE CALOR à sombra e diante de mim, estupefata, vermelha, a minha cozinheira procurando combinar comigo o “menu” do dia!

É inevitável; não há escritor, salvo quando a não tenha, que se não veja obrigado a apresentar em público a sua cozinheira, ao menos uma vez na vida. A minha é trazida para aqui como símbolo do desespero na sua crise mais aguda. A sua profissão afigura-se-lhe, pela primeira vez, como um verdadeiro dilema. Sofrendo do mal geral da sua classe, absoluta falta de imaginação, não delibera um simples prato sem consulta prévia e bem detalhada. Ei-la, por isso, agora diante de mim, esbugalhando os olhos a cada uma das minhas negativas, com um ar de assombro e de perplexidade tais, que a tornariam cômica se de algum modo eu não comparticipasse da sua aflição...

Principia a infeliz por me pedir conselho sobre o modo por que há de preparar a carne e estremece logo violentamente à minha exclamação:

— Carne?! nem um bife! ouviu?!

— Mas...

— Nunca! escute: carne no Rio de Janeiro só para cães — e cães pouco escrupulosos.

— Mas, senhora, até agora...

— Até agora eu não sabia! Vê você aquele jornal? vem ali tudo! O matadouro é um charco imundo onde pululam vermes, um lamaçal de sangue e fezes fermentando espumas e exalando cheiros pestilenciais. Por toda a parte sujidades repugnantes, capazes de fazerem desmaiar de nojo um gigante de pedra!

— Virgem Nossa Senhora, então aquela gente que ali trabalha nem morre nem lava o matadouro?!

A lógica da ignorância traz por vezes certos embaraços; então é mais fácil à gente não responder e continuar o seu discurso. Foi o que eu fiz.

— Não há água. O sangue corre grosso e morosamente pelas sarjetas, grudando-se ao chão viscoso e nauseabundo...

— Não há água! repetiu ela, num assombro.

— E as míseras reses, cansadas, torturadas por acidentes tormentosos de viagens a que não preside a menor piedade, mal repousam uma meia dúzia de dias são logo mortas e esquartejadas...

— Sim... isso eu sabia...

— Era de presumir! mas o que você ignora é que os médicos mal têm tempo de examinar o gado abatido em tão abandonadas e criminosas condições e que essa carne, que é a base da alimentação da cidade inteira, de toda a pobreza, de toda a mediania, viaja depois, antes de chegar ao açougue, em vagões fechados, abafados, sem luz, sem ar, sem higiene, morrinhentos, capazes só por si de apodrecerem um animal vivo, quanto mais essa carne sovada, mal tratada, dilacerada e já com cinco horas de morta!

— Então eles também querem matar o povo?

— Assim parece; mas é preciso que o povo não consinta em ser sacrificado... Por mim já a avisei: não me infecte as caçarolas com essa imundície de carne!...

— Sim, senhora... Mas... a sopa? gemeu ela, torcendo a ponta do avental desesperadamente.

— Sim... a sopa! suspirei eu; e quedamo-nos a olhar uma para a outra desoladamente.

Afinal afirmou ela numa queixa sentida: sopa sem carne não presta...

Consolei-a:

— Isto vai ser por muito pouco tempo; você verá. As autoridades brasileiras são ativas, diligentes e sábias. A estas horas já por lá estão dando ordens para grandes renovações, determinando carros frigoríficos; para que

temos nós uma fábrica de gelo tão importante?! canalizando água, com abundância, lavando tudo a electrozone, desentupindo valas, transformando a porcária em asseio, aumentando o número de médicos, apressando as viagens, e arejando os carros... Dentro de pouco tempo o matadouro do Rio de Janeiro será um modelo no seu gênero. Não haverá em parte alguma outro mais catita nem mais higiênico, todo movido a eletricidade, iluminado, varrido de ar... até cheirando bem! Então os animais, tão desgraçados agora, morrerão sem perceberem a morte, e os dias que precederem a esse ato terrível serão de relativa felicidade para eles. Pobres bichos!...

Mais prática do que eu, e temendo talvez que a minha comoção me levasse longe demais, a senhora minha cozinheira lembrou:

— Nesse caso será preciso comprar mais peixe...

— Nunca!

Outro sobressalto. Expliquei-lhe que o mar tem estado pérfido e os casos de envenenamento por indigestão de ostras e de peixe obrigam os que amam a vida a precaverem-se contra essa espécie de alimentação. De resto, o calor amolece o pescado e altera-lhe por tal forma o sabor que, se não há vantagem, também não há prazer em comê-lo. Essa carne, como a de vaca, antes de entrar na geladeira das nossas copas, deveria passar por vários cuidados e precauções...

Para me desembaraçar da minha cozinheira, ordenei-lhe que fizesse as refeições de legumes, só de legumes.

— Onde estão eles?! perguntou ela por sua vez, disfarçando um agastamento natural. A horta está seca. Infelizmente não é só no matadouro que falta água! As próprias couves, que resistem tanto, estão amarelando. O mercado fica longe. Realmente, uma cidade do tamanho desta, ter um mercado só! Os verdureiros... Ah! se a senhora tivesse visto as cestas que o nosso quitandeiro trazia hoje! Parecia tudo feito de papel velho e amarrotado. Nabinhos secos e miúdos... molhos de espinafres tão raquíticos e murchos que dava vontade à gente de os pôr no lixo... uns jilós machucados... uns chuchus mirradinhos... e

no fundo das cestas batatas doces grelhadas e não sei que mais... O homem desculpa-se com o tempo. A estação é péssima. Ele não há de inventar repolhos e saladas... Não há hortaliça... não querem carne... proíbem as ostras e o peixe... a senhora detesta as conservas... e a carne seca... Vá lá, que ser cozinheira nem sempre é ofício fácil...

Com a sua ironia endiabrada Alfredo Capus, em um dos seus “Propos Fantaisistes”, diz pela boca de um burguês parisiense que, para não se passar mal, nem ficar arruinado em Paris, é preciso mandar vir de Londres a costeleta para o almoço, a cerveja de Munique, os cigarros de Bruxelas etc., etc. Os fornecedores franceses tornaram-se tão gananciosos e pouco escrupulosos na perfeição da sua mercadoria, que mais prático e prudente se tornou recorrer ao estrangeiro!... Desgraçadamente, os açougues de Londres ficam a tal distância do Brasil que estaríamos arriscados a perder o apetite antes de nos chegarem as encomendas à casa. Nem esse recurso ao menos... Todavia lembrei à minha cozinheira que ainda nos restava o alvitre das massas e da galinha, amparadas pelo arroz e o feijãozinho...

O hábito de comer arroz, que herdamos naturalmente dos asiáticos através do comércio dos portugueses, nossos antepassados, na Índia, tem sido uma espécie de salvação na mesa brasileira. A não ser em Portugal, creio que em nenhum outro país da Europa o arroz entra nos hábitos já não direi diários, mas mesmo frequentes da alimentação. Pois a felicidade e a resistência da mesa brasileira estão principalmente nesses dois cereais que não se alteram, sejam quais forem os excessos da temperatura ambiente e vão prestando os seus serviços constantes às casas pobres ou às famílias grandes. Nem todos se contentam, porém, com esse jantar de papagaio, e está então no papel desses trabalharem um pouco pela vulgarização de coisas que na Europa substituem os nossos alimentos mais familiares. Essas coisas não precisaremos mandá-las vir de fora, temo-las mais variadas, embora menos abundantes aqui; são os legumes.

Além dos produtos de horta de procedência estrangeira, e que se desenvolvem belamente aqui, temos outros indígenas que descuramos de cultivar e nos prestam excelentes serviços. Há dias um cronista lembrava que

todos os que têm trabalhado na propaganda das flores, se dedicassem também agora à das frutas, que tanto nos interessam. Gulosa como um passarinho, confesso que prefiro um cacho de uvas maduras à mais fresca alface ou à mais macia ervilha; em todo o caso, peço para adicionarem à campanha pelos pomares a campanha pelas hortas. Ainda há pouco tempo, folheando o catálogo de uma grande casa de plantas parisiense, vi uma fotografia representando uma das suas grandes exposições de legumes nas “Serres du Cours-la-Reine”. Ladeando as largas escadas, agrupando-se sobre verdes e fartos tapetes de relva, ostentam-se vaidosamente inúmeros produtos de horta, nenhum desconhecido do Brasil, posso afirmar. Acreditem que esse estendal de folhagens e tubérculos, em que figura desde o roxo das beterrabas até o verde esbranquiçado das chicórias crespas, não ofende a delicadeza da vista mais exigente em questões de bom gosto...

As exposições são por certo o melhor meio de propaganda e não compreendo que na Europa, a não ser por motivo de comércio, isso ainda seja preciso. Aqui sim, uma exposição desse gênero visaria a todos os intuitos; ensina a cultivar a hortaliça, conservá-la de uma estação para as outras, dá-lhe importância e assegura a tranquilidade das “ménagères” cuidadosas... porque, realmente, chegados estes meses de brasa e de sede, ouvindo clamar contra a carne e contra o peixe, uma cozinheira tem todo o direito de atirar ao chão o seu avental e procurar outro ofício.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

O Paiz, ano XXIII, n. 8201, p. 1, 18 mar. 1907.
http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/13616

ESCULTURAS

(Após a visita à exposição de Nicolina Vaz de Assis)

MOISÉS, EXPONDO AOS ANCIÃOS de Israel as falas do Senhor no monte Sinai, explicou entre as suas leis umas que diziam assim:

“4 — Não farás para ti imagem de escultura nem figura alguma de tudo o que há em cima no céu, e do que há embaixo na terra, nem de coisa que haja nas águas debaixo da terra.

23 — Não fareis para vós nem deuses de prata nem deuses de ouro.

24 — Far-me-eis um altar de terra e oferecereis sobre ele os vossos holocaustos, e hóstias pacíficas, as vossas ovelhas e bois em todos os lugares, onde se fizer memória do meu nome.

25 — Se me edificares, porém, algum altar de pedra, não o edificarás de pedras lavradas: porque se levatares sobre ele o cinzel, ficará poluto.”

Essas leis que ressoaram num somido onipotente entre gentes extáticas, não conseguiram resistir com a implantação da sua rude fé à idealidade e à poesia da alma humana. Os olhos que procuravam o Deus invisível, extraviaram-se no espaço, buscando definir-lhe as formas ignoradas. A imaginação ardente e criadora do homem procurou materializar os seus pensamentos e encheu os templos de símbolos régios e religiosos, animais exóticos e querubins alados...

Salomão cumula o templo de Jerusalém de esculturas que lhe mandam de Nínive os artistas assirianos. Os altares povoam-se de imagens e de luzes; não são só terra e pedra tosca, onde unicamente a crença forte de uma alma solitária encontre o caminho do céu; são escadarias por onde os anjos descem a iluminar o povo com a sua graça e a insistir pela sua salvação!

Se este anseio por materializar a ideia desobedeceu à própria vontade de Deus em sua própria casa, é porque o ideal de arte é o mais irresistível de todos os ideais!

Morra-se sob o castigo que nos dobre os ossos como cera mole, mas cumpra-se esta vontade que vem do fundo ignoto do nosso ser até a flor dos nossos lábios ou até à ponta dos nossos dedos, rompendo como uma rosa eterna na palavra, ou como um ente perfeito no duro mármore.

Por motivo dessa bendita desobediência, foi que Miguel Ângelo transformou o bloco inerte de uma pedra bruta nesse estupendo e formidável Moisés, cujos lábios parece ditarem ainda com sopro divino as leis iconoclastas do Sinai.

Se nem a palavra de Deus teve forças para sufocar dentro do homem os instintos criadores da ficção e da forma, nenhum outro poder seria por certo capaz de lhe desvanecer essa vaidosa e ingênita aspiração!

Em verdade, desde os tempos bíblicos que parece andarem vozes errando por noites estreladas ou por dias tempestuosos, só com o fim de aturdirem certas almas cândidas que andam à escuta de harmonias... Felizmente os ouvidos da poesia têm tímpanos de ouro, são invulneráveis e distinguem no mesmo instante, com a mesma clareza, o ribombo de um trovão poderoso, e o voo de um inseto delicado...

Uma dessas almas atormentadas pelo clamor da voz terrível, a voz que se opõe e que se levanta como o vento, sem que se saiba de onde, é a desta escultora brasileira que, como uma flecha bem dirigida, segue imperturbavelmente o seu destino. Venho de ver os seus trabalhos, expostos na sala de esculturas da Escola de Belas Artes, e trago a consolação de sentir bem empregadas as horas de esforço consumidor que ela passou a esculpi-los.

Nicolina Vaz de Assis nem é uma visionária nem é uma pretensiosa; é uma conquistadora tenaz de glórias futuras, uma consciente que acha em si mesma estímulo para os mais audazes empreendimentos. Quem sabe o que é a vida da

mulher no Brasil e sobretudo da mulher sem fortuna e carregada de filhos não pode deixar de volver olhos de assombro para esta artista, cuja mocidade e cuja infância foram consumidas nos afazeres domésticos, sem a convivência de um único artista, no isolamento pacato de um canto de província! Era fatal. O gérmen que ela trazia no espírito teria de entumescer-se, brotar... criar raízes!

Ela pode dizer como esse perturbador Lucio Settala do extraordinário D'Annunzio: "Io sono nato per fare le statue".

A voz que ensurdece os fracos não a atemorizou a ela, toda vestida de ideal, e ei-la batendo como uma menina à porta da escola para o A. B. C. da sua arte, que aprendeu de assalto, e ei-la partindo para a Europa no anseio de ver mais, aprender mais e trabalhar no furor de criar-se um nome. Parece que o conseguiu; tenho essa convicção.

A arte serena e magnífica da escultura não é talvez a que mais seduz as mulheres; ela requer pulso tranquilo e forte e uma visão elevada de pureza que nenhuma nervosidade embarace.

É uma arte definitiva.

Corrigem-se em várias e sucessivas edições os poemas mais rígidos e mais completos; retocam-se, retingem-se e alteram-se telas de mestres com novos toques de tinta que as sombreiem ou iluminem; enxertam-se frases musicais, compassos inteiros em sinfonias que diríamos perfeitas; mas, ao busto ou à estátua fundida em bronze ou talhada no mármore impecável, ninguém pode acrescentar ou suprimir um só traço que altere a feição primitiva. A obra de escultura deve sair das mãos do artista como da própria natureza, com o corpo e alma feitos para a eternidade... Essa impressão, sentia-a no dia inolvidável em que vi pela primeira vez a divina Vênus de Milo, esse supremo grito da Beleza e da arte imortais.

Lendo eu uma vez que os estatuários egípcios empregavam nos seus trabalhos matérias muito mais resistentes, duras e variadas que os estatuários gregos, tais como o granito vermelho, preto ou cinzento, o pórfiro etc., pensei que

bem poderia um dos nossos escultores aproveitar para uma figura poderosa de animal esta nossa linda pedra de cantaria que figuraria depois no cais, à porta da cidade, ou em qualquer parque ou jardim, como um belo exemplar da nossa arte e da nossa natureza. Não relembro aqui esta impressão senão pela oportunidade do assunto. Certamente que para mim como para toda a gente nada, mas absolutamente nada iguala na estatuária o mármore, branco e liso como a pele moça, macio ao tato, doce à vista, sendo ainda, de resto, fácil de polir e de esculpir, o que não aconteceria à nossa pedra dura... mas quanto às dificuldades da execução é que não tenho nada... visto que só aprecio essas coisas de fora, não como crítica, mas simplesmente como curiosa.

E, por não ser crítica, contento-me em dizer bem alto, sem detalhar impressões, que esta exposição de trabalhos da escultora brasileira Nicolina Vaz de Assis é digna de todos os aplausos e todos os louvores. Ela tem elegância, finura, poesia e verdade. A estátua da Pátria ofertando a coroa de louros a Couto de Magalhães é de uma harmonia e uma delicadeza dignas de um mestre.

Como todos os trabalhos feitos na Europa por pensionistas, este levantou aqui zumbidos malignos que afirmavam ter esse bem proporcionado corpo de mulher moça sido retocado em Paris por mão de mestre... É a eterna história de que nem um só dos nossos artistas escapou... Entretanto, Nicolina Vaz de Assis não tem estado inerte.

Fez há bem poucos meses aqui um busto do prefeito Passos que foi considerado pela crítica como obra de não vulgar merecimento. Teria também vindo o mestre de Paris retocá-lo?... Não.

Logo... cala-te maledicência, que estás em face de Alguém!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

O Paiz, ano XXIII, n. 8208, p. 1, 25 mar. 1907.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/1366261

JUSTIÇA SANGUINOSA

QUEM LEU O “JORNAL DO COMÉRCIO” de quinta-feira santa estremeceu de assombro diante de um telegrama do Chile narrando os últimos momentos ou, antes, o último momento de um condenado à morte.

Um condenado à morte! a razão mais dura, mais impassível e inteiriça não se nublará ao decretar essa lei definitiva, irremediável e desumana, que suprime, em nome da justiça, um dom que essa mesma justiça jamais poderá restituir?!

Esta é a grande sombra que escurece a luz da mais clara evidência!

O julgamento dos homens pode ser iludido por mil circunstâncias misteriosas, coincidências pérfidas, casos inesperados, sugestões insinuantes, que lhes dizem castigos tremendos, fazendo-os cair nesses afamados erros judiciários, de que talvez tribunal nenhum do mundo tivesse ainda escapado... É por isso que a justiça serena, ativa, imparcial, só deveria tirar o que pudesse restituir.

Ela tem o direito de tolher a liberdade, de sujeitar um indivíduo aos tratamentos mais inclementes, cárcere, degradação, silêncio, trabalhos forçados, submissão a todos os rigores que os seus crimes merecem, mas deixando-lhe a vida e com ela a esperança, essa mentirosa companheira sua gêmea, que, não sendo nada, sempre é um ombro para arrimo dos passos dolorosos. Um dia — tantos têm havido assim! — a confissão inesperada de alguém vem desmentir as provas de que o tribunal se serviu para aferrolhar um condenado numa penitenciária. Certamente que a justiça impoluta não o atirou para a Casa Maldita sem a convicção plena da sua culpabilidade; mas chega, porém, uma hora em que ela verifica ter sido enganada; o homem que enterrara vivo, entre paredes ignominiosas, não era um culpado. Que faz então?! Corre a escancarar a porta que trancara anos antes com barras de ferro e de ignomínia e grita bem alto que vem restituir o que roubara na sua boa fé. Sabe que tirou bens que não terá poder

nem forças de refazer: anos de mocidade, saúde, fortuna, glórias, amor... mas, como a vida tem os seus milagres, espera que algum deles faça o grande prodígio de compensar o torturado [da] galé das terríveis angústias por que passou e, ao menos, Ela poderá levantar para o céu puro e para as turbas febris a sua vista serena e imaculada. A justiça que se apressa em matar deve ter nos olhos sombras de dúvidas que os turbem... e a mão que lavra uma sentença de morte há de tremer muitas vezes no sobressalto de um calafrio misterioso, como se se sentisse apertada pela de um espectro...

Se Alfredo Dreyfus tivesse sido executado, não teria sofrido metade do que sofreu no seu tremendo exílio da — Ilha do Diabo — mas também a justiça da sua pátria não se penitenciaria agora do seu erro, engrinaldando-se com esse resplendor que a enobrece aos olhos de todos os povos da terra. Por mim não compreendo como neste século e nas sociedades mais civilizadas se matem indivíduos por desafronta da humanidade, em nome de uma virtude tão atraçoada, que em rigor não existe!

Este telegrama do Chile veio estragar-me a semana santa. Sei que, infelizmente, há poucos países como o nosso em que a pena última tenha sido abolida. O que me suscitou uma grande estranheza não foi, portanto, a notícia de ter sido executado no Chile um homem julgado criminoso, mas sim as circunstâncias que revestiram esse ato.

Leram? Na véspera da execução, à noite, dois sacerdotes induzem o condenado à confissão; ele responde-lhes:

— Creio em Deus, não sou herege. Não creio, porém, nos seus representantes. A Deus sim, a esse me confessarei.

Um dos sacerdotes retorquiu:

— A misericórdia de Deus é infinita. As suas sentenças são superiores às de todos os juízes da terra.

Ao que respondeu o condenado:

— Pois se assim é, confessem o juiz e não a mim. Vão inspirar-lhe o arrependimento; pois, quanto a mim, nada tenho de que arrepender-me.

Estas últimas palavras devem ter passado como um relâmpago ante os sacerdotes comovidos; para se gravarem para todo o sempre na alma desse juiz imprecado. Só essa frase teria sido capaz de suscitar uma grande tragédia a Shakespeare, que a teria posto intacta na boca da sua personagem principal...

Na manhã da execução o condenado chega à praça e, vendo-a repleta de povo, diz aos soldados que o escoltam:

— Parece que estamos no tempo de Nero. Quanta gente para ver morrer uma vítima!

Afigura-se-me que esta frase, só por si, fez estremecer os fios telegráficos num calafrio que os deixou vibrando no espanto de certos mistérios que abalam coisas e seres... O povo afluí na ânsia do espetáculo sensacional.

Acho espantoso, porque saber que se está matando um homem em nome de nós todos, na mesma cidade em que vivemos no gozo de todas as nossas prerrogativas, já é causa bastante de sofrimento; mas correr a ir vê-lo expirar, assistir, à clara luz do dia, ao seu último gesto, ao seu último adeus, súplica de perdão, blasfêmia, imprecção, seja o que for, é que me parece a mim inaudito, estupefactamente cruel!

Se o telegrama não alterou a verdade, esse homem, cujo crime não é mencionado, vendo a população ofegar no anseio da cena definitiva, grita-lhe que morre inocente, pagando com a sua vida crimes cometidos por outro homem.

E o povo apinhado, ouve mudo essa confissão “in articulum mortis”, e não rebenta toda ela em um só grito, opondo-se à execução da fria lei!

Um homem de mais, um homem de menos, vá lá que pouco importe, mas a impassibilidade de uma multidão em face de uma tragédia tão veemente e impressionante, dá que pensar...

Sempre imaginei que as execuções finais fossem cometidas às horas diluculares em que ainda mal se podem definir as formas e os gestos do condenado...

Sempre supus que esse transe fosse passado em sítio cercado de altas muralhas espessas, pátios de prisões cobertos por uma grossa camada de cimento, para que o sangue criminoso não se embebesse na terra pura, e sobre os quais não se abrissem janelas curiosas, nem se vergassem galhos de árvores floridos.

Vejo que me enganei e ainda se matam homens em nome da lei, à clara luz do sol, em praça aberta, para que as visagens lúgubres da face vilipendiada e os paroxismos do corpo do supliciado possam ser apreciados por todas as curiosidades malsãs...

Em verdade, à mesma hora em que nessa quinta-feira santa, nós líamos, aqui assombrados, este documento de impiedade, os mesmos indivíduos que tinham corrido acelerados à praça para ver morrer uma vítima, como nos tempos de Nero, diriam compenetrados e contritos, uns aos outros:

— Vamos rezar, amigos, encher as igrejas com o nosso luto, bater no peito, beijar os pés imóveis das imagens imperturbáveis, chorar nos sermões às frases em que os castigos flamejem e em que adejem prêmios em palmas e guirlandas de açucenas eternas... Procuremos o caminho do céu, de joelhos e de rastos, pelos templos, que a nossa alma cheia de fé aspira pelo Paraíso!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIII, n. 8215, p. 1, 1 abr. 1907.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/13708

REFLEXÕES DE UM MARIDO

AS MULHERES PENSAM... NÃO! as mulheres não pensam, devaneiam apenas; e isso mesmo às vezes... Pois eu não vejo? se querem agir por si, ao mínimo embaraço olham logo em redor procurando socorro! Ainda não encontrei uma única que soubesse fazer um simples requerimento sem pedir conselho ao homem mais à mão... que deliberasse negócios sérios com a suficiente clareza... que se não deixasse arrastar mais pela fantasia que pelo bom senso, nem se desprendesse, em momentos de resolução, de certas ninharias e contemplações sentimentais...

O que sobretudo acho notável e curioso é como as mulheres conservam através dos anos certas ingenuidades de espírito e obstinações de caráter quase infantis... Minha mãe ainda acredita que para um homem obter um bom emprego basta ter aptidões para desempenhá-lo, motivos para desejá-lo e subir as escadas de uma secretaria até ao gabinete do ministro, com desembaraço e sem uma simples cartinha de recomendação, ao menos...

Para as mulheres o pedir é fácil, porque não assumem as responsabilidades do que pedem e estribam-se na sua incompetência para se abalançarem às mais atrevidas propostas... por isso não calculam a tortura, o vexame de um indivíduo qualquer em face de outro mais poderoso na solicitação de um favor... Pois não me lembro tão bem como nos tempos de casada minha mãe espicaçava a indolência de meu pai; que fosse a este, que fosse àquele, que falasse! Meu pai era prudente... é verdade que não lucrou nada com isso, tão certo é que não há êxito onde não houver atrevimento... Também, nem tanto nem tão pouco... precisamos saber temperar a salada... É o que as mulheres não sabem... deitam sempre vinagre demais! A minha, coitadinha, é muito boa pessoa, mas absolutamente destituída de critério.

Propriamente critério não direi... mas de senso prático. É a tal coisa: quando quer dar a sua opinião sobre os fatos sérios a resolver, vem sempre com impaciências e precipitações que os nulificariam na prática... E a graça é que toda se abespinha e se zanga se levanto os ombros às suas insinuações!... Na sua opinião o inepto sou eu! Verdade, verdade, ela às vezes, por um desses mistérios do acaso, acerta em uma ou outra previsão... também quando isso acontece, com que arzinho de triunfo e de provocador desafio ela levanta para mim os seus olhinhos cor de canela?! Toda ela cresce... até parece que engorda! A vaidade é como o algodão em rama, um enchimento postiço, que se conhece à distância... O pior quando isso acontece é que ela não sossega enquanto não diz a Deus e a todo o mundo que se eu alcancei isto ou aquilo, foi por insinuação sua, e se não alcancei, não foi por falta de ter querido me abrir os olhos a tempo, pintando-me as belezas do negócio e as probabilidades de o realizar... O diabo é que me faz passar assim por tolo diante de amigos e de conhecidos... Ela é que a atilada... Sei que aquele movimento é inconsciente, mas não deixa de constranger-me... não digo nada... mas... aborrece-me... O que vale é que todos lhe conhecem a força e sabem do meu valor... Ora, ora, se eu me deixava guiar pelos palpites de Lalá!... até parece música de opereta: Lalá! Já vai chegando o tempo de a chamar Eulália... estes nomes de meninice comprometem a gravidade dos trinta anos...

Pois a senhora Lalá não percebe que a orientação que tenho da vida, e não é audaciosa, é pelo menos firme e de vantagens apreciáveis... Não sou homem de repentes e as mulheres entendem que tudo se toma de assalto no mundo... mas aí do marido que num assalto soçobra! esse fica com a sua reputação caseira prejudicada para sempre. Eis um ponto de naufrágio...

Há muitos pontos de naufrágio no casamento! Ora aí está por que a maior parte dos maridos não gosta de mexerica em casa assuntos concernentes aos seus negócios...

As mulheres queixam-se... também quando é que as mulheres se não queixam? mas nós é que temos razão. Julgam muitas que é por desconsideração que os maridos guardam para si os seus segredos comerciais... e não percebem que a culpa é delas, que mal veem esboçado um plano qualquer querem-no logo pintadinho com todos os claros e escuros, retoques e não sei que mais! Enfim, bem acabado... Desde que um marido caia na tolice de fazer à mulher uma confidência dessa ordem, não cessam as interrogações diretas ou disfarçadas sobre a realização do projeto, seu andamento... sua conclusão. É verdade, é amanhã que se vence a letra do Benevides... se minha mulher soubesse disso já me teria perguntado várias vezes, sob várias formas, se o avisei... mas felizmente ela não sabe. Ah! a minha rica Lalá não sabe nada, nem o que julga saber, como, por exemplo, tocar piano. Parece que escolhe as ocasiões em que estou em casa para martirizar o teclado... Chopin... Beethoven... Mozart... que súplica! Mas se um dia eu perdesse a paciência e lhe dissesse: — “Filha, preciso de repouso; depois do barulho e da agitação da rua nada sabe tão bem como o sossego e o silêncio do lar” — ela coraria até a raiz dos cabelos, que por sinal estão ficando bem ralos, e seria muito capaz de não tornar a abrir o piano... Daí que futuras e eternas recriminações sussurradas nas palestras com as senhoras minhas cunhadas!

Deixemos berrar o monstro... se isso lhe dá prazer... Ora aqui tenho diante de mim uma inesperada hora de silêncio que posso aproveitar em benefício do meu relatório... Lalá deitou-se... as crianças estão ferradinhas no sono... O demônio é a preguiça! Mas se o não fizer hoje terei de fazê-lo amanhã, e o melhor é acabar com isto... Realmente, se não fosse aquela estúpida puerilidade, bem feminina, da Lalá não querer repetir um vestido na “soirée” do Jonatas, eu não teria este momentinho... Que refinada tolice, deixar de ir dançar e comer o peru da ceia, que é coisa que tanto aprecia... (muito comem as mulheres!) só porque não tem senão um vestido, já muito visto e de mais a mais cor-de-rosa! Não posso deixar de me rir...

A presunção das mulheres é que a sua imagem fica estampada na memória dos que as veem de longe em longe, com todos os lacinhos e de todas as bugigangas com que se enfeitavam em tal ou tal ocasião...

Quem se lembrará se ela foi à última festa do Jonatas de roxo, de verde ou de encarnado? Nem eu, nem ele, nem ninguém... Mas é a sua cisma, acabou-se! Um verdadeiro vício nas mulheres esta preocupação ridícula de “toilettes!” Ah! mas os vícios corrigem-se com o critério, e combatem-se à força de vontade. Ela é pusilânime, cede... não vai aqui ou ali onde o prazer a chama, só porque não tem vestido... uma senhora casada... Por mim estou contente como um rato; assim tenho vagar para fazer com sossego o meu relatório e de ir para a cama antes da meia-noite... Tanto mais que eu embirro com aquelas festas do Jonatas.

Oh! que festas insípidas! Vejamos o papel... muito bem, este serve... agora a minha pena... contanto que as crianças não andassem rabiscando com ela... não, que milagre! está magnífica! ora pois, só me falta acender o meu rico cigarrinho e pronto. Mas... onde diabo teria eu posto os fósforos?... Em menos de uma hora tenho o rela... mau! agora não acho os fósforos! Naturalmente deixei-os no outro paletó... Já se sabe que os do castiçal foram-se! Que inferno de casa, parece que todos aqui comem fósforos! Pior está a maçada! também não estão no bolso do outro paletó. De mais a mais Lalá dorme!

É o que ela sabe fazer melhor... se ao menos tivesse tido o cuidado de ver se ficavam fósforos no castiçal! nem isso!... talvez esteja sonhando com o estúpido vestido cor-de-rosa... Bom! os fósforos também não estão na gaveta e a peste do lustre fica lá tão alto que não estou para me encarrapitar na cadeira cada vez que tiver de acender o cigarro!

Antes tivéssemos ido ao baile... o Jonatas fuma como um turco... se não fosse a estúpida mania de minha mulher, de não querer repetir “toilettes”, eu estaria agora me regalando com um dos charutos dele... pateta... deixar de ir divertir-se por não ter vestido... Eu sim! é que não posso fazer relatórios, nem adormecer, nem nada, nada, nada sem fumar!...

Ora já se viu que inferno de vida a minha?!

Ela deve saber de alguma coisa... para a não acordar de propósito, o que seria brutal, atiro com esta cadeira ao chão.

.....

— Não foi nada, meu bem; dorme. Esbarrei sem querer numa cadeira... Pois eu vinha em bicos de pés!... mas, já que acordaste, dize-me: saberás de uma caixinha de fósforos?

(Do livro “*Eles e elas*”.)

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

O Paiz, ano XXIII, n. 8222, p. 1, 8 abr. 1907.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/13760

ÂNSIA DE IMORTALIDADE

COM UMA PITADINHA DE IRONIA, que o fato por si sugere ao espírito mais bonachão e mais crédulo, comentaram os jornais da semana passada o luxuriante desabrochamento de academias literárias por todo este amado solo do Brasil. Até eu, acostumada por índole a tomar tudo a sério, não pude deixar de rir a essas notícias, vendo nitidamente rabear nas suas entrelinhas, de orelhas fitas e cauda murcha, esse terrível, esse temível animalzinho que dá pelo nome singular e arrepiador de — ridículo.

A julgar pelo que li, parece que se têm fundado academias de letras em lugares verdadeiramente campestres, onde talvez não existam escolas primárias e onde com certeza não se cogita de criar uma simples escola agrícola...

Diante de tamanha extravagância, permanece de pé esta interrogação:

— A que será devido o fervor literário, sobretudo poético, no Brasil?

Postas de lado as tendências, a inspiração, o talento, o instinto, tudo o que arrasta, mas de que nem todos os que persistem ou entram na carreira das letras são dotados (porque há muito quem se equilibre nela só à força de ginástica), não vejo nada aqui que justifique o anseio com que tanta gente corre a abraçá-la!

Ninguém ignora que no Brasil as letras, infelizmente, não chegam a constituir uma profissão, a não ser no jornal. O livro, que representa o verdadeiro e o mais sério trabalho do escritor, é quase uma caçoadinha... o vulgo considera-o como uma vaidade maluca do autor, a que ele não deve atender, porque o dinheiro pode chegar-lhe para tudo, menos para a baboseira de livros nacionais... Escrever para as traças ainda é um consolo para os filiados à Protetora dos Animais... e talvez com essa piedosa intenção, piedosa e generosa, as tipografias não cessam de editar volumes de versos amorosos ou de prosa bem-intencionada...

Às vezes eu tenho pena das traças (talvez a maior parte das vezes); mas outras há em que é do público que não lê, que me apieda profundamente...

Seja como for, a verdade é que se lê muito pouco no Brasil e que, das raras pessoas que isso fazem e que dispõem de recursos, ainda nem uma só se lembrou, para glória do seu nome ou homenagem à literatura pátria, de criar um prêmio para galardão do escritor, seu preferido, ou para acoroçoar a mocidade de talento, nos seus passos incertos e comovidos de estreante.

Em certos países, em que a mentalidade da gente moça está subordinada à disciplina de estudos práticos, não se fundarão academias literárias, naturalmente, em pequenas cidades do interior, para desabafo de almas bachareladas, nas suas compridíssimas e enfadonhas vilegiaturas, como entre nós sucede; mas em compensação há neles quem, negociante, estadista, industrial, poeta, agricultor ou homem de ciência, profissional ou não, estabeleça um prêmio acadêmico para incitamento da mocidade literária da sua terra!

Foi o que fez agora o poeta tão justamente querido Francisco Coppée, oferecendo título de renda de quinhentos francos à Academia Francesa, por meio desta carta:

“Mes chères confrères.

A cette lettre que M. le secrétaire perpétuel aura la bonté de vous lire, je joins un titre de rente de cinq cents francs, et je prie l’Académie d’employer ce revenu à la création d’un prix de mille francs à attribuer tous les deux ans à l’ouvrage d’un poète, et, autant que possible, d’un poète à ses débuts.

Ce prix, vu son peu d’importance, ne sera point partagé, et, comme je année 1907, j’ajoute un billet de mille francs à mon envoi.

L’art des vers est un honneur dans notre compagnie, et, chaque année, quand nous répartissons nos récompenses en respectant la volonté des donateurs, le regret est exprimé parmi nous que la part des poètes soit si faible. Elle ne sera pas augmentée par ce nouveau prix. Il est modeste comme le sont mes ressources. Faites-moi, pourtant, la grace de l’accepter et donnez-moi la douceur de penser que mon nom — quand il sera celui d’un

immortel défunt et vite oublié, sans doute — sera encore entendu, de loin, en loin, avec plaisir, par le jeune à qui vous offrirez ce brin de laurier d'or.

Veillez agréer etc. — “François Coppé.”

—

Certamente que não foi este escritor a primeira pessoa que se lembrou de semelhante dádiva. Já outras figuram na casa de Richelieu, com o mesmo destino benfazejo.

Feliz pátria, em que um poeta, com os recursos obtidos só pela sua pena, pode legar à família dos idealistas a que pertenceu, um penhor de sua simpatia e uma manifestação do seu encorajamento. Aqui semeamos academias pela roça, em vez de semear feijão, mas não achamos jamais no fundo escuro das nossas burras um raiozinho de ouro para animar a literatura nacional...

Os europeus, e creio que principalmente os franceses, adoram o livro. Parece-me que é nas “Filles de Feu”, de Nerval, que há esta frase bem significativa, tanto mais que se refere a obras antigas, o que pressupõe uma curiosidade mais requintada:

“Il est impossible, pour un parisien de résister au désir de feuilleter de vieux ouvrages étalés par un bouquiniste.”

Nós, mais fortes, resistimos à tentação do livro velho, como do livro novo, como uma impassibilidade de pedra ainda por cima revestida de cimento e de cal.

E está nisso a razão por que nem mesmo os nossos próprios poetas puderam nunca instituir louros para ninguém, não sendo vendidos os seus livros na mesma proporção que os dos poetas franceses, eles não adquirem, como os outros, os doces proventos a que fizeram jus... Quanto aos capitalistas e aos ricos, esses corariam se tivessem de confessar a alguém terem perdido uma hora de sua vida a folhear uma novela de amor ou um terno livro de versos... deixam esse cuidado pueril às mulheres, que de resto, já mal têm tempo, salvo as

exceções do estilo, de ler todos os catálogos que com tanta abundância se sucedem, do “Louvre” e do “Bon Marché”.

Ora, não lendo livros da literatura nacional, como poderão os homens de fortuna sentir tremeluzir-lhes na alma a estrelinha de simpatia pelos seus autores, sentimento que os leve a legar no seu testamento uma verba a este ou àquele escritor, como manifestação do seu apreço, ou a instituir um prêmio para os futuros estreantes do gênero literário, seu preferido?

O que olhos não veem, coração não sente nem cérebro pensa. Literatura ainda é uma deusa ignota na nossa sociedade, até que um dia, como nos tempos provençais do século XIV, sete trovadores se reúnam para instituir-lhe um concurso anual, que lhe transmute o desânimo em risos e os frangalhos em flores. Então, à falta de moedas de ouro que lhe tilintem no regaço, cair-lhe-hão sobre os ombros nus e as mãos ativas uma violeta pelos seus versos, uma saudade pelas suas alegrias, églogas ou baladas; um lírio pelos seus cânticos à Virgem; uma primavera pelas suas fábulas; uma perpétua pelos seus estudos históricos; um jasmim pela sua filosofia; ou um cravo pelas suas rimas etc.

É assim que ainda hoje a Academia dos Jogos Florais de França premia os seus escolhidos; entre eles figura o poeta François Coppée, que não estimará menos a sua violeta de prata ou o seu amarantinho de ouro (ode), do que estimarão os futuros poetas o prêmio que lhes instituirá a Academia Francesa — no seu nome, de poeta nunca esquecido...

A verdade, que o exemplo prova, é que os trovadores dão flores quando não têm dinheiro, mas desde que os tempos mudaram e os lírios se transformaram em libras, são centenas de francos que eles oferecem. Estão mais de acordo com a época. Todavia, essa Academia de Toulouse, que, obedecendo à sua tradição poética ainda esparge perfumes sobre o mérito alheio, recebeu em tempos de seu início, um grande legado de uma dama de espírito e de fortuna, Clemência Isaura, para a sustentação dos concursos.

ÂNSIA DE IMORTALIDADE

Espero, com fé ardente, que há de chegar também o dia em que uma alma masculina ou feminina se lembre de fazer o mesmo no Brasil...

Entretanto, à falta de legados, à falta de leitores, à falta de prêmios de qualquer espécie, simbolizando a animação ao esforço numa pétala de rosa ou numa moeda de ouro, vamos fundando academias por cidades e vilas, para garantia da imortalidade!...

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIII, n. 8229, p. 1, 15 abr. 1907.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/13808

DA BAHIA A MINAS

CREIO QUE NÃO ME SERÁ DIFÍCIL fazer acreditar, a toda a gente que me conhece, que de política não entendo absolutamente nada!

Na minha idade essa ignorância deixa de ser uma peculiaridade natural do sexo, para constituir um notável defeito de capacidade intelectual, que eu lamento mais do que ninguém, porque nada me parece nesta nossa linda e bem amada terra exibir tão variadas mutações nem provocar interesse tão vivo, como essa ideal filha de Platão, classificada por “arte de governar as nações.” A classificação é bonita, mas um tanto antiga, talvez... Essa bela arte conciliadora de todas as soberanias, que na sua impassibilidade escreve doutrinas pela imaculada mão da Justiça e procura conclusões práticas em todos os seus esforços, tem, nestes tempos materiais em que as próprias formas abstratas tomam corpo, mudado singularmente de aspecto...

Talvez por vê-la só a distância, alterada pelo grau sete da minha miopia, acho-a em contradição com essas funções de deusa intangível e serena.

Se me permitem, ou mesmo que me não permitam, a comparação, com certeza absurda, parece-me que a política despiu a sua clâmide de deusa para envergar o traje masculino e prático de maquinista.

Corajosa e atrevida, ela não teme os descarrilamentos, já esquecida dos conselhos, que ouviu ao nascer, de todos os filósofos chineses, gregos ou romanos. Nada de prudências nem cautelas; o que ela quer, a ladina, é fazer marchar a locomotiva a todo vapor, sem recear enfarruscar-se no carvão nem enodoar-se com as graxas necessárias à lubrificação e bom funcionamento dos eixos e das alavancas da sua grande máquina. Fique esmagado quem for tolo e se puser adiante, sobre os trilhos; a locomotiva fumegante comerá horas devorando o tempo para glórias vindouras e satisfações esportivas da atualidade!

Como o século é das indústrias, que a nobre arte vele a face meditativa com o seu véu de estrelas...

É tempo de parar. Se eu divago, adeuzinho! perco-me pelos caminhos e altero numa confusão doida toda a base desta crônica, cujo exórdio quer demonstrar isto unicamente: não conheço nada de política; não há, portanto, nestas linhas nenhuma malícia oculta nem traço de ironia, ao fazer perpassar por elas, durinhos nas suas hastes de arame, esses dois ramos de flores de penas que a Bahia exibiu em manifestação política de tão retumbante efeito e de que os telegramas de sexta-feira nos descreveram o alto valor artístico e intuitivo...

Flores de penas... se não há alusão, desculpem-me; há pelo menos mau gosto; cheiram a antiguidade, a mofo do império. Pobres destinos! conservaram-nas em redomas para exemplo da eternidade, sem se lembrarem de que na vida não há nada eterno; instituições, homens, ideias, modas e gostos, passam, harmonizando-se sempre entre si nas suas mutações... Agora os dias são curtos, os gostos efêmeros. As imperturbáveis flores de penas, com as suas pétalas pintadas ferozmente a anilina, só poderão inspirar sentimentos retrógrados e inaceitáveis, porque são anacrônicos e ressuscitam uma época já quase lendária dos nossos gostos estéticos.

A política moderna despreza as redomas clássicas e gosta de sentir o aroma capitoso de jasmins e de manacás, que fazem pensar na nossa flora exuberante e lembrar aos homens que não há artifício que valha a expressão da verdade espontânea e desataviada... É justo. A nossa natureza tem direito de se impor à admiração dos nossos homens de Estado. Deixem as penas para os chapéus das senhoras e os espanadores das salas, que já não é pequeno abuso de contrafacção, e convençamo-nos de que flores de penas e de retórica são coisas cediças, embora a política, mesmo a toda a velocidade, sempre estenda as mãos para receber umas e apreste ouvidos para ouvir as outras...

—

Estava eu nestas últimas reticências, quando me anunciaram uma visita, recebida por mim sempre com o maior aproveitamento e prazer, de D. Maria Guilhermina Loureiro de Andrade.

Parte esta senhora para Minas, a convite da municipalidade de Belo Horizonte, onde vai não sei se reformar o ensino, se dirigir uma escola-modelo. Nestas linhas de adeus, procurarei consignar um espanto: como se deixa fugir para fora do Rio, agora exatamente que tanto se fala em modelar pelas escolas de S. Paulo as nossas escolas, a pessoa a quem exatamente o Estado de S. Paulo incumbiu em boa hora de organizar os seus colégios primários?! D. Maria de Andrade, apaixonada pela sua profissão, não se limitou a estudar nos livros todos os sistemas da pedagogia moderna. Com os seus poucos recursos e a sua grande e nunca desmentida energia, saiu do Brasil depois de completados os seus estudos e foi matricular-se na Academia de Kraus-Boelt, de Nova York, onde se graduou. O que tinha levado à América do Norte, onde viveu alguns anos de cuidadosa, carinhosa observação, fora o desejo de estudar ponto por ponto, todo o funcionamento dos jardins de infância...

Adquirido esse conhecimento, voltou ao Brasil com o cérebro cheio de projetos, o coração feliz, supondo poder iniciar em breves dias na terra amada da pátria o que os seus olhos encantados tinham contemplado na América inglesa... Às vibrações do seu entusiasmo respondiam amargas decepções... as suas teorias, a sua prática não achavam o acolhimento nos poderes oficiais, até que S. Paulo, bem avisado, a convidou para a organização dos seus estudos primários. Toda a gente sabe como essa ilustre senhora se desempenhou de tal missão.

Deixamo-la ir, deixamo-la voltar, sem nada pedir ao seu conselho bem orientado... Ei-la de novo agora afivelando as malas para uma viagem que, suponho, deseja ser a derradeira, contando instalar-se definitivamente na formosa capital de Minas. Agora, como então, não opomos a menor resistência a esse abandono. Já que não soubemos aproveitar as suas aptidões, desejemos ao menos, com ardor, que a sua inteligência, o seu carinho, a sua prática e as suas habilitações tão bem provadas, consigam em Minas tudo quanto podem conseguir, se forem bem compreendidas, e é de crer que o serão!

—

Para terminar, vou conversar um pouco com gente de casa: — os senhores revisores do “Paiz”.

Chegou também a minha vez:

Como a minha caligrafia é caprichosa, embora eu procure torná-la clara e simples, um ou outro engano que tenho visto em meus artigos, como por exemplo a mudança de uma palavra por outra parecida, mas de sentido oposto etc., atiro-a para cima dos meus próprios ombros e calo-me... Não entenderam, a culpada fui eu... paciência!...

Outras vezes, porém, apesar de toda a minha abnegação, percebo que a culpa não é da minha letra e resolvo-me a intervir na defesa do meu estilo.

Foi assim, quando os senhores suprimiram o “i” do nome “Pompeia” — que eu repeti para meu mal não sei quantas vezes em uma crônica, referente à velha cidade romana; foi assim que acentuaram o “e” da palavra “orquídea”, que eu escrevo e digo sempre com o “e” desataviado; foi assim que várias vezes têm saltado palavras, às vezes linhas, como em um artigo recente sobre a linda comédia — “O Dote” — de Artur Azevedo; foi assim que traduziram para português o nome do poeta francês François Coppée, que escrevi “François” porque entendo que um nome consagrado não se traduz; e foi assim que, desse mesmo poeta, que tão orgulhosamente eu hospedei no meu último artigo, comeram uma linha inteirinha da sua carta à — Academia — concedendo um prêmio aos poetas novos!

Por indolência, por... nem sei por que, enquanto esses erros só me podiam prejudicar a mim, não os apoquentei com o menor pedido de retificação, não é verdade? pois talvez ainda hoje eu nada dissesse se a prejudicada tivesse sido eu só... Façamos, pois, agora um pacto: de ora em diante nem mais um erro; sim?

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIII, n. 8236, p. 1, 22 abr. 1907.
http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/13858

A CURIOSIDADE E A RAZÃO

ELA, PROCURANDO A ASSINATURA de uma carta que acabou de abrir:

— Bonito! uma carta anônima...

A RAZÃO — É melhor queimá-la antes mesmo de a leres...

ELA — Sim...

A CURIOSIDADE — Lê ao menos a primeira linha...

ELA, hesitante: — Não sei se devia...

A RAZÃO — Não deves!

A CURIOSIDADE, com voz intensivamente súplice: — Lê!

ELA — Só a primeira linha...

A CURIOSIDADE — É letra de mulher... quem será?

A RAZÃO — Uma inimiga!

ELA — Quem sabe! ("lê"):

"Como boa amiga aviso-te de que...

A RAZÃO — Suspende essa leitura, antes de lhe aspirares todo o veneno.

Vais ler uma mentira que se cravará no teu peito como uma verdade dolorosa.

A CURIOSIDADE — E se não for mentira?

A RAZÃO — Mentira ou verdade, é sempre melhor ignorar...

ELA — Isso não!

A CURIOSIDADE — Lê para diante!

ELA, a tremer, devorando as letras com olhos de espanto:

"teu marido te enganou quando te disse que te amava..."

A RAZÃO, interrompendo a leitura — Não creias! É uma falsidade!

Lembra-te bem do fulgor dos seus olhos, do tremor das suas mãos geladas, da sinceridade da sua voz comovida e tímida na noite em que te confessou o seu

amor. Não há dissimulação que crie aquele embaraço. Ele disse a verdade; tu o adivinhaste, tu o sentiste; o amor vê-se. Essa mulher inveja essa hora da tua vida e quer perturbar-te a felicidade de hoje com o seu bafo imundo. Vê que ela não pode saber o que se passa no coração dos outros. Não pode, não pode!

A CURIOSIDADE — Quem sabe?... Lê mais!

ELA, toda agitada:

“e engana ainda, porque escarnece da tua paixão eterna com ...

A RAZÃO — Deixa cair das tuas mãos honestas esse papel nojento.

ELA, alvoroçada, branca como o linho:

— Deus de Misericórdia, esclarecei a minh'alma!

A RAZÃO — Não faças caso. São palavras escritas pela mão da perfídia.

Não deveras ter aberto esta carta; mas, já que a abriste, sê forte e esquece-a.

ELA — Não posso...

A CURIOSIDADE, com ímpeto — Continua, continua!

ELA, com o rosto em brasa, lê:

“uma de tuas amigas... que te beija na boca.”

A CURIOSIDADE — Qual das amigas será?

A RAZÃO — Nenhuma.

ELA, torcendo as mãos, num desespero: — “Ele” escarnece do meu amor eterno e conta à outra as palavras que lhe digo, os olhares que lhe lanço, a alegria com que o recebo e a saudade que me deixa ao afastar-se de mim! “Eles” riem-se deste afeto tão profundo e tão simples... o meu pobre nome salta de um para o outro como velha peteca já sem forças para subir muito alto... muito alto... É o que me dói, que ambos escarneçam de mim... mas por quê?

A RAZÃO — Não creias. Ele adora-te. Fica certa que, embora amasse outra, não se riria nunca de ti em sua companhia!

A CURIOSIDADE, com olhar indagador — Será a Amélia? será a...

ELA — Há de ser talvez alguma íntima, que venha deitar-se em meus divãs para me ouvir falar dele... ou que se empape nos meus perfumes, enquanto

me visto, provocando-me confidências sobre os seus hábitos e os seus gostos... Assim, pela minha boca ela terá conhecido a sua alma... sem que eu tivesse ao menos pressentido o ardil... Agora pelo seu nome eu daria tudo, tudo, tudo!

A RAZÃO — Pois aqui o tens: Intriga!

ELA, nervosamente — Não, não é intriga, é a verdade; eu sei, eu sinto, é a verdade. Ele ama outra, toda a gente o sabe, só eu o ignoraria sempre, se m'ó não dissesse esta carta. Cega e estúpida que tenho sido! Que sou eu agora para ele? o passado, a sombra de um sonho desinteressado e extinto; nada mais!

A RAZÃO — será um devaneio talvez... mas o grande amor da sua vida és tu!

ELA, chorando — Qual! ele já se cansou da cor dos meus olhos e do sabor do meu beijo... Tudo acabou...

A RAZÃO — Um grande amor não morre nunca... adormece, mas renasce mais belo após cada sofrimento...

A CURIOSIDADE — Será a Carlota? será a...

ELA, indignada — A Carlota é elegante, mas eu sou mais bonita!...

A CURIOSIDADE — Quem sabe? Os homens às vezes têm caprichos...

ELA, com os olhos perdidos numa neblina de lágrimas — Sim, os homens têm caprichos extraordinários... gostam da mobilidade; a fixidez de uma paixão única aterra-os... talvez que ele não tivesse deixado de amar-me se temesse perder-me... mas viu que a minha alma vive prostrada a seus pés numa submissão extática e enfadonha... oh! o amor conjugal deve ser para um homem moço e de temperamento nervoso de uma monotonia atroz... A absoluta certeza, a absoluta confiança na fidelidade da mulher tornam-na desinteressante aos seus olhos; é o que me forçam a ver nesta hora terrível da minha mocidade! que hei de fazer agora, que hei de fazer?!

A RAZÃO — Conserva-te impassível, não abras os teus ouvidos à intriga torpe; envolve-te no teu orgulho e fica no teu lugar. O tempo há de provar-te que o amor do teu marido por ti é um grande amor.

A CURIOSIDADE — Será?...

ELA — Como hei de eu olhar para ele... falar-lhe, sem trair este segredo que me consome? De mais a mais, habituei-o a fazer-lhe todas as minhas confidências... Sou transparente aos seus olhos, e uma mulher sem mistério, percebo agora, não vale nada... nada!

A RAZÃO — Enganas-te; justamente pelo motivo da tua franqueza ele tem por ti uma grande estima e um grande respeito!

ELA — Eu prefiro o amor, só o amor, mas muito amor!

A RAZÃO — O amor cristaliza-se com o tempo numa grande amizade ou se evapora completamente. O que ele tem por ti é resistente como a rocha...

A CURIOSIDADE, vagueando o olhar incerto, buscando um ponto para fixar-se — Será?

ELA, chorando — São hoje os funerais do meu amor. Está tudo morto... ele ama outra... e entraremos assim no tremendo período em que marido e mulher se toleram apenas... Não era assim o casamento com que eu sonhava!

A CURIOSIDADE, já muito impaciente — Lê para diante! acaba com isso!

ELA, abrindo o papel, que amarrotara com os dedos trêmulos e nervosos: “procurando ferir-te no coração; tu...

A RAZÃO — Não voltes a folha!

A CURIOSIDADE — Vira-a depressa.

ELA, febril, enxugando o pranto que lhe empana a vista:

“és uma vítima da tua ilusão, acorda e salva-te.”

ELA, num soluço — Salvar-me como, se não sei defender-me!

A RAZÃO — Ainda é cedo para acreditares. Não sabes se foi a mão da Verdade ou a mão da Mentira que te escreveu essas palavras. Finge-te impassível e espera!

ELA, alucinadamente — Terei eu forças para conservar-me inerte quando me sinto sacudida por tão violentos empuxões? Oh! eu daria tudo por saber, tudo já!

A CURIOSIDADE E A RAZÃO

A CURIOSIDADE — Espia...

ELA — Não... como?

A RAZÃO — Levanta o teu espírito e escuta: se essas palavras tiverem fundamento, será que teu marido ande buscando novas sensações, mas voltará arrependido para a doçura do teu amor. Espera-o.

ELA, transfigurada pelo desespero — Mas quando ele voltar, eu serei outra!

.....

A CURIOSIDADE, examinando as letrinhas da carta anônima — Quem teria escrito esta carta...? a Jessy?... a Eulina? a...

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

(Do livro “*Eles e Elas*”.)

O Paiz, ano XXIII, n. 8250, p.1, 6 maio 1907.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/13952

REFLEXÕES DE UMA ESPOSA

“MANINHA VEIO HOJE PARA [casa ardendo] em indignação, por ter sido acompanhada na rua por um moço!²⁹ De mais a mais, um rapaz bonito, “muito bem parecido” segundo as suas informações.

Desde a hora em que tal coisa ouvi de minha irmã, que me consome a ideia de não poder acreditar completamente na sua sinceridade. E o culpado disso é meu marido. Quando ela falava, toda abrasada em protestos, gesticulando com uma veemência de que não tem o hábito, André olhou para mim de relance.

Nem sorrimos, nem dissemos nada; mas o seu olhar veio direitinho como uma flecha até o fundo da minha consciência, picar uma dúvida que aí estava adormecida. Maninha é feia e ai! dela, já não tem vinte anos; por isso eu supunha que na sua alma não houvesse vislumbre de ideia amorosa, nem resquícios da vaidade natural de outros tempos... Se André não tivesse estado presente, eu teria dado um jeito à conversa, de modo a penetrar bem no seu inteiro sentido, e livraria Maninha de um julgamento talvez injusto por parte de meu marido... Ele gosta de colher ridículos alheios; faz uma espécie de coleção dessas pequenas fraquezas humanas, de que talvez não haja uma só pessoa isenta; nem ele... nem eu. Mas quando os homens são mordazes, não perdoam a ninguém! Um descuido de uma palavra e já aí estão eles apoderando-se de uma alma! André pegou-me este defeito de esquadrihar intenções e ideias através dos ditos mais simples ou das expressões mais banais... Chego a ter medo dele, e por isso estou sempre alerta em defesa de Maninha, cujo prestígio eu não quereria nunca ver diminuído! Mas, infelizmente, ela hoje saiu da sua moldura e não sei como a hei de encaixar outra vez lá dentro.

²⁹ N. da E.: Os trechos entre colchetes, no primeiro e no penúltimo parágrafo, foram transcritos a partir do livro *Eles e Elas* (1910, p. 175 e 178), uma vez que a cópia do jornal disponibilizada pela Hemeroteca está parcialmente mutilada.

A verdade é que Maninha criou ainda agora dois dilemas na minha mente: ou mentiu quando relatou que um moço, e por sinal “muito bem parecido”, a acompanhou através de todas as ruas da cidade por onde ela andou; ou, se esse fato quase absurdo se deu, mentiu afirmando a sua grande contrariedade por uma coisa que não deixaria de a lisonjear, e, por conseguinte, de lhe dar uma pontinha de prazer... Concordo que durante o passeio a insistência malcriada desse senhor devesse embarçá-la terrivelmente, e mesmo vexá-la... mas depois da cena extinta, já dentro da nossa saleta, assegurada a sua tranquilidade, haveria muita razão para tão violentos desabafos?

Cá estou eu refletindo com as minudências do André! Ora, que maçada! A minha obrigação é acreditar em Maninha. Se ela disse que um moço muito “bem parecido” a acompanhou na rua, é porque sim! Mas... qual! de mais a mais, com aquele vestido verde e aquele medonho chapéu às três pancadas?! Senhor, como hei de livrá-la do ridículo diante dos olhos mergulhadores do André?! Agora, por isso, ele é capaz de não me deixar sair sozinha! Entretanto, a mim ninguém me diz nada, justamente quando saio só! Naturalmente porque faço cara feia, muito carrancuda... muito sombria... Deve ser por isso, pois se vou pelo braço dele, risonha e à vontade, não me faltam ditinhos zumbindo-me à orelha esquerda... Já no tempo de solteira era a mesma coisa! Quando saía de casa todo o rancho, era certo que ouvia por onde passava as graças mais melosas de toda a magna caterva dos meninos de esquina. Eu fingia que não ouvia e ia andando... Se eles tinham falta de educação e de espírito, eu tinha prudência e as coisas ficavam ignoradas dentro desses dias que morriam.

Se Maninha tivesse feito o mesmo, André não teria olhado com uma expressão de tão sutil malignidade para os meus olhos, que nesse instante tão desavisadamente procuraram os seus! Ele agora sabe tudo o que eu pensei, e o meu julgamento sobre as ideias de minha irmã... Se eu quiser defendê-la com palavras, elas serão tímidas e fracas, porque ele está de posse da minha confissão. Aí está como um minuto de irreflexão pode estragar uma vida. Maninha foi irrefletida, demonstrando com tamanha vivacidade uma indignação que não podia ser sincera, primeiro porque as mulheres perdoam o próprio mal, desde

que ele lhes acaricie a vaidade; segundo porque o rapaz “bem parecido” não levava as coisas aos limites do escândalo, e não merecia, portanto, as recriminações que ela lhe atirava de cima do seu orgulho ofendido. Por que olhou ela para ele? Por que o notou, a ponto de o achar “bem parecido”? Maninha poderia ter omitido essa indicação, desnecessária na sua exposição. Bastaria o [fato em] si para justificar o seu [alvoroço, se] ela não quisesse fazer-nos [sentir] que os seus encantos não [tinham] impressionado um qualquer João Ninguém, mas sim um senhor “bem parecido”! Pobre Maninha! eu não sabia que no fundo da sua alma de quarentona ardesse ainda, como num velho facho várias vezes apagado e reacendido, essa chamazinha de amor, que só a morte, parece, tem o poder de extinguir! Será então certo que, enquanto dura a vida, dura na mulher o desejo de agradar? Sim... principalmente quando essa mulher não tenha uma família que dependa quase exclusivamente do seu cuidado e do seu carinho. Maninha só me tinha a mim; eu fugi-lhe para os braços de André, e só agora noto que a abandonei um pouco, mais do que devia...

Os maridos exigem tantos cuidados! André chega a ser egoísta... Se eu chamasse toda a atenção de Maninha para mim, ela não teria tempo de ver que um rapaz “bem parecido” a acompanhava na rua!... Uma ideia! Teria ela hoje levado os brincos de esmeraldas?... Sim... Efetivamente... querem ver que... seria o tal sujeito um?!... com certeza! Ah! mas já agora, coitada! é melhor não lhe dizer nada... para não lhe desmanchar a ilusão! Nem a André, tampouco; nem a André!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

(Do livro “*Eles e Elas*”.)

O Paiz, ano XXIII, n. 8257, p. 1, 13 maio 1907.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/14006

O DIABO AMARELO

NO MESMO DOMINGO em que li no nosso “Jornal do Comércio” uns deliciosos períodos do romancista russo Máximo Gorki, descrevendo a alma de aço da América do Norte e o seu ruído ensurdecador ao mastigar com as suas incansáveis e poderosas mandíbulas: ouro, ouro e mais ouro, li também, em uma revista francesa, que essa insaciável pátria do — “business” — e do — “forward” — convidara o sonhador poeta italiano Gabriel D’Annunzio, para lhe ir falar de seus pensamentos, em sucessivas conferências literárias.

Máximo Gorki materializara tão fortemente a sua ideia, ficara-me das suas palavras uma impressão tão viva, que não houve reflexão, nem bom-senso capaz de diluir uma convicção que desde essa hora parece ter ficado cristalizada em meu espírito, e é que os Estados Unidos só têm ouvidos aptos para entender as sonoridades dos metais e a nomenclatura das cifras e dos algarismos. Esta suposição é com certeza errada, visto que eles não cessam de acenar aos maiores artistas da velha e doce Europa, atraindo-os com promessas de fortuna tentadora. A vaidade, só, não dita tão frequentemente tais desejos; o gigante de ferro, malhando ferro, que a pena de ferro de Gorki plantou diante dos olhos dos seus leitores, tem sensibilidades recatadas, estremecimentos de alma, que sem o perturbarem lhe fazem talvez sentir que além do seu ideal existe uma outra felicidade, mais inatingível e superior...

Para ter uma dessas suaves emoções, diz uma revista francesa, com certo espanto que nem por sombras acho justificado, o Gigante do Norte mandou oferecer a Gabriel D’Annunzio oitenta mil francos (digamos cinquenta contos), por oito conferências literárias.

O espanto da revista, que talvez não concorde com a opinião exclusiva de Gorki, não se refere senão ao pagamento que parece julgar exorbitante, pondo-lhe mesmo esta nota expressiva: — preço de tenor! para ainda juntar outro ponto de exclamação à renúncia altiva do poeta a semelhante oferta.

Por mim acho natural o convite e não me parece extraordinária a recompensa prometida, exatamente se a compararmos às que oferecem aos mais ou menos valentes Lohengrins ou aos mais ou menos lorpas Cavaradossi. A comparar competências, D'Annunzio teria o direito de esperar oferta muito mais opulenta quando lhe anunciassem o convite. O tenor é um intérprete banal, um maquinismo muitas vezes inconsciente. E D'Annunzio? Autor e ator, porque o conferente expõe-se a todos os perigos da exibição pessoal, sempre inquietadores, por maior que seja a vaidade ou a confiança que tenha em si o orador, ele ainda assume de face toda a responsabilidade da sua obra!

“Excusez du peu...”

Mas não foi isso com certeza que ditou ao poeta uma negativa que até certo ponto assombrou os seus compatriotas e a imprensa europeia em geral.

Tão longe de tudo, posso apenas pelos arrancos da minha imaginação e do meu orgulho de escritora supor causas mais superiores e sentimentos mais abstratos no autor clarividente e luminoso do — “Inocente” e da “Gioconda”.

Quando a cidade do Diabo Amarelo (como Gorki denominou Nova York, consubstanciando-a no ouro) atirou à sossegada e coroada estância do poeta a gorda proposta, que todos nós cobiçaríamos, dos seus oitenta mil francos por oito conferências ao sabor da sua imaginação e da sua vontade, parece que toda a horda dos grandes escritores passados, do seu e de outros países, se levantou na sua alma protestando vingança. Ele então recusou.

“Oh, mais quel beau geste!” como diria Monsieur de Bergerac!

Chegamos enfim à hora, e não quero deixar de vibrar os sinos em repiques de festa, em que um escritor de raça repele uma fortuna com a mesma indiferença com que atira ao seu jardim a ponta do seu charuto. Feliz Europa, como vê longe

os séculos em que os seus famosos trovadores e cronistas viviam como mendigos, atravessando os pátios dos fidalgos para adular imbecis, fazendo madrigais a duquesas ou escrevendo dedicatórias em livros, só para não morrerem de fome...

A lembrança de tantos sacrificados pelo amor do pensamento e da arte entumesce a minha admiração pelo poeta desdenhoso do dinheiro, para cujo ganho ele teria de escrever propositadamente.

O poeta não trabalha para ganhar dinheiro, embora não recuse receber dinheiro pelo que trabalhou. São duas coisas opostas. A arte precisa de ideais puros e só acoroça e desenvolve o que nasce espontaneamente.

Haverá quem veja nesse repúdio de tão considerável quantia uma antipatia de raça e incompatibilidade de gostos. A Itália e os Estados Unidos! A doce mãe embaladora da arte, que se embriaga com o próprio pensamento e vive acorrentada às suas tradições, não quis sair de casa para se dar uma hora de luxo ao trêfego tio Sam, comilão sôfrego e distraído. Pensarão que o poeta teve medo à ideia de abandonar o recanto pacífico que ele povoa com as imagens da sua fantasia e impregnou com a poesia da sua alma. Vendo as estátuas do seu jardim, que os lilases iluminam de claridades róseas e violáceas, olhando para as pensativas copas das árvores seculares do seu velho pomar amigo, ouvindo o rumor discreto das fontes, cujos mármore troncados lhe lembram tempos extintos, aspirando o aroma dos seus terraços engrinaldados de heras de cem anos, decidiu ficar no seu país como uma flor na sua haste.

Seus pensamentos percorrerão mundo. A América lerá seus livros, ouvirá no teatro as suas peças, escritos e sentidos pelo impulso de uma paixão nobre e invencível — a paixão da glória.

De resto, esta glória (e eis o caso humano que determina os belos gestos de independência!) parece que já fez entrar a Fortuna há muito na “vila” sossegada do grande escritor. Repórteres ousados e indiscretos, não contentes com lhe folhearem os livros bem encadernados da sua biblioteca grandiosa e de lhe descreverem as esculturas da mobília, o lavrado dos couros de suas antigas cadeiras conventuais, as coroas de bronze suspensas sobre dísticos nas paredes das salas de repouso ou de leitura, têm entrado até no seu quarto de “toilette”,

revolvido peúgas e lenços, contado camisas e pares de luvas, dito ao mundo quantas gravatas tem o poeta ou quantos ternos de casemira. A celebridade tem desses inconvenientes. Põe o herói na rua, sob as miradas de toda a gente: dir-se-ia que eles estão sempre posando em frente a um espelho de três faces...

A América do Norte, que suga tudo o que no mundo há de bom, só com o fazer tilintar na sua palma poderosa um punhado de moedas de ouro, enganou-se desta vez. O moderno escritor europeu, quando tem grande prestígio, tem também grande fortuna e não vende adiantadamente arroubos da sua imaginação ou da sua alma, só para uma hora de luxo de um país estrangeiro. Algum dia, se a sua fantasia o ordenar, ele virá espontaneamente ao Novo Mundo, interpretar o sentimento do hemisfério oposto ao seu.

Por mim, invejo duas coisas neste acontecimento literário: a altivez do poeta e o interesse dos Estados Unidos. Apesar de aturdido com os seus planos gigantescos, o “Diabo Amarelo” acena aos grandes escritores que o vão embalar com as suas frases, aos músicos que lhe façam sonhar com as suas composições, e arrecada os melhores quadros dos melhores pintores, encomenda estátuas, percebe que não bastam para a sua inteira felicidade as suas torres de ferro, o seu maquinismo de vida funcionando à eletricidade, o seu conforto e o seu dinheiro que paga tudo!

Pois chegou a vez de não pagar. D’Annunzio recusou ir falar de estrelas ou de cambiantes de luz aos ouvidos metálicos do formidável tio Sam. Eu, cá do meu cantinho, senti com essa recusa uma espécie de alegria absurda e toda literária: é que me pareceu ver nesse ato vingada toda a horda dos antigos bardos, que de gibão surrado, sapatos cambaios, bolsos sem vintém, escreviam odes divinas a troco de um mísero frango assado, ou de um copo e vinho... Feliz D’Annunzio!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIII, n. 8271, p. 1, 27 maio 1907.
http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/14118

NOTAS E RIMAS

OS INIMIGOS DO PIANO TÊM DE RENDER-SE. Nada menos de três grandes e afamados pianistas estão diante de nós: — Vianna da Motta, Raymundo de Macedo e Fanny Guimarães.

Não sei se terá havido no Rio de Janeiro muitas ocasiões como esta de podermos apreciar em um mesmo instrumento três notabilidades distintas; nem creio mesmo que, à parte um pequeno grupo de músicos e de pessoas interessadas, o público, o grande público, se sinta impulsionado a comparar entre si esses artistas de raça.

Embora propalemos aos quatro ventos o nosso gosto profundo, nativo, inalterável pela música, a verdade fria e desconsolada é que estas nossas afirmações são quase sempre cabalmente desmentidas pelas filas de cadeiras vazias nas noites de concerto. Podemos ter a certeza de que, conquanto mudas, a eloquência das cadeiras vazias é mais expressiva que um sem número de frases retumbantes...

Não há cidade que não tenha a sua “blague”. A nossa não deve constituir exceção. Ainda há bem poucas noites, no salão do Instituto de Música, eu perguntava a mim mesma, no fundo obscuro do meu espírito atônito, onde estariam os nossos amadores, essa legião de pianistas mais ou menos distintas da nossa sociedade, moças que consagram a melhor parte dos seus dias ao estudo do piano, que têm os seus repertórios constituídos dos melhores números de cada série dos melhores mestres; que quebram as unhas no teclado à busca de uma definição perfeita e clara das frases que interpretam e que, chegada a hora de ouvirem e verem uma notabilidade nessa mesma arte, a que tanta coisa boa sacrificam, se deixam ficar comodamente em casa...

Grande parte das populações das cidades ilude-se sobre os seus próprios gostos, dizendo adorar a música por preferir a todos os divertimentos o teatro lírico. Mas quer-me parecer que estimar a música não é gostar da ópera. A ópera em si é em geral uma coisa absurda, grosseira e condenada a desaparecer, porque é ridícula no seu conjunto. O que atrai na ópera não é a música, é o espetáculo.

Gostar de música é deixar-se a gente penetrar pela sua idealidade, ou pela justeza das suas expressões.

Os amadores dos bons concertos são os verdadeiros amadores de música, porque aí não há ficções, nem cenários pomposos, nem trajes faiscados por chamazinhas de lentejoulas, nem dragões fantásticos, nem sugestões de espécie alguma que nos abram a alma à compreensão dos sons que estamos ouvindo. Ao contrário, os concertos são quase sempre executados em grandes salas que, muito embora, nobres e ricas, têm como uma das suas qualidades principais a singeleza. Nenhum acessório está destinado ali a nos falar à imaginação.

A música se incumbirá de tudo. É por isso que os frequentadores de concertos são os mais finos amadores de música.

Nós ainda não temos por este gênero de divertimento uma paixão muito pronunciada, e a prova teve-a Fanny Guimarães, no seu concerto de estreia e no seu segundo concerto. Pois não só pela curiosidade da música como pelo interesse da artista, nossa patrícia, discípula do nosso Instituto, aperfeiçoada na Europa, recebida nas maiores cidades europeias com os maiores louvores que a todos nós, como brasileiros, desvanecem, visto que ninguém ignora quanto um artista de valor prestigia o seu país no estrangeiro, seria natural que a nossa sociedade corresse a bater palmas a essa jovem de coragem, ardendo no desejo de a ouvir.

O nosso patriotismo sofre de ataques de reumatismo, só sai de casa com bom sol e todas as comodidades. Fanny Guimarães veio da Europa com as ilusões naturais da sua mocidade. Imaginai comigo, quantos castelos luminosos veio fabricando pela viagem a sua imaginação, na perspectiva da sua primeira apresentação ao público da cidade em que nasceu e em que solfejou o seu primeiro compasso! É fácil de supor que ela esperasse tocar diante de centenas

de ouvidos atentos, e que a cada acorde final desejasse sentir subir até ela, na onda dos aplausos, o calor de uma simpatia sincera e justa. Mas cadeiras vazias se têm braços não têm mãos, e assim a valente pianista executou o seu programa no amargo momento das decepções.

Dos três pianistas a que aludi, há um já tão amado e conhecido do nosso público, que decerto nem eu precisaria escrever-lhe o nome... Vianna da Motta conquistou o Rio de Janeiro desde o seu primeiro concerto, e cada vez que se anuncia a sua chegada todos os amadores de música voltam os olhos para a entrada da barra com alegria.

De resto, esse poderoso artista do teclado deve ter adivinhado no influxo de tantas admirações e de tanto delírio, como a sua presença nos comove e alegra.

Assim o pobre piano, que vivemos a cobrir de injúrias, vinga-se com suprema superioridade da nossa maledicência... É de crer que os três pianistas que o acaso reuniu em nosso meio, onde já encontram um que os pode desafiar, se reúnam em um dos concertos da série, constituindo um programa que ficará célebre nos anais das nossas crônicas de música.

Ao terror nacional dos pianos podemos pôr como paralelo o terror dos versos banais, dos versos em que não há senão a preocupação do metro e da rima, martelando a regência do compasso.

Ah! mas quando essa música ideal da palavra irrompe do casulo, não pulando aos saltinhos como os gafanhotos, mas rutilando num largo voo de... “borboleta azul de asa talagarçada” — eleva nas suas asas o nosso embevecimento. Este novo livro — “Poesias” — de Luiz Edmundo tem esse condão feérico; foi tocado pela vara mágica da verdadeira poesia, a poesia que rege todo o universo, que é a fonte inesgotável da beleza, de que se embebem todos os pensamentos nobres, de que se revestem todas as coisas criadas!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIII, n. 8285, p. 1, 10 jun. 1907.
http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/14246

UMA NOITE DE ARTE

HOJE À NOITE AS PORTAS DO LÍRICO se abrirão para a mais bela e mais simpática festa do ano. O fim a que se destina essa festa é tão elevado, tão humanitário, que só por si deveria chamar ao teatro grande parte da população da nossa cidade. Mas infelizmente os mais nobres sentimentos têm às vezes preguiça de sair de casa se lhes não prometem compensações valiosas. O mal não é nosso, é do mundo inteiro, que em toda a parte a caridade, ou antes, certos deveres sociais que exigem dispêndio de dinheiro, são solicitados por intermédio da arte e do prazer.

O sarau de hoje, patrocinado pelo Sr. conselheiro Lampreia, o diplomata estrangeiro que maior simpatia tem demonstrado pelo Brasil, único talvez que parece interessar-se vivamente pelos sucessos da nossa vida, a quem por isso a família brasileira é grata e reconhecida, o sarau de hoje, dizia eu, é, no seu conjunto, constituído por um dos mais delicados e mais encantadores programas que se possam realizar em qualquer das mais exigentes cidades do mundo.

Bastará dizer que nesta festa ouviremos a fina prosa de Malheiro Dias, autor deste novo livro de contos que acabo de ler — “Vencida” — contos escritos já na linguagem natural e simples dos mestres — e que ao lado dele, de Artur Napoleão e de artistas dramáticos já consagrados, estarão esses três outros artistas portugueses que um acaso feliz reuniu este ano no Rio:

D. Francisco de Souza Coutinho, Moreira de Sá e o grande mestre Vianna da Motta!

Ah! se a Liga contra a Tuberculose — instituição que nós todos temos a absoluta obrigação de auxiliar, porque ela combate o mais terrível flagelo da humanidade e a maior ameaça da nossa população, pudesse contar sempre com tão atraentes concursos!

A verdade, que tem o seu fundo de melancolia, é que a nossa sociedade atravessa neste momento, será melhor escrever — acaba de atravessar — uma crise de apatia. Todas as capitais são sujeitas a estes adormecimentos singulares, que as arredam temporariamente dos teatros ou dos salões dos concertos, sem que haja uma razão muito clara e positiva para isso. São epidemias intelectuais, que amornam os indivíduos, arredando-os do convívio e do prazer em comum. A par dessa epidemia levanta-se geralmente um espantalho tremendo e agoniador: — o luxo. O luxo também tem as suas crises, como os histéricos. Quando ele arregala os olhos cúpidos, flamejando na sombra os raios das suas pupilas de fogo, os chefes de família veem-se obrigados a mandar fechar as portas de casa a duas voltas de chave, para que ele não vá lá dentro perturbar as cabecinhas fantasistas das suas filhas sem fortuna. O luxo é como a dor do Sr. Malheiro Dias: — faz medo. Por causa dele, muita gente deixa de comparecer a lugares onde se distrairia, e onde encurtaria uma hora que o aborrecimento alonga.

O que vale às sociedades em que não predominam riquezas, é que o bom senso salta de vez em quando para o meio delas e começa a zurzir, com rijo pulso, o maluco do luxo, até vê-lo cair na prostração salvadora, embora temporária.

A pouco e pouco começam então a abrir-se as portas das casas silenciosas, e senhoras e meninas, mais repousadas e confiantes, saem para as festas sem a preocupação mortificante de que lhes possam apalpar o tecido dos vestidos, a ver se ele tem fios de algodão, ou que se entretenham a examinar-lhes as joias impertinentemente, na verificação da sua falsidade...

São essas as épocas de pulsação calma, as épocas felizes nas cidades; nós já as tivemos, nós as teremos outra vez, porque tudo cansa, até a vaidade, quando se vê por muito tempo sacrificada...

Talvez outras razões misteriosas induzam periodicamente as populações das capitais a uma certa inércia, que as faz trocar todos os divertimentos pelo chazinho em família; mas essas razões, só a lente de um sábio e a pena de um filósofo poderão determiná-las.

—

Cabe aqui, neste fim de crônica, esta carta, que ofereço à apreciação das minhas leitoras. O que elas não podem ver, nem adivinhar tampouco, é que ela veio escrita em um papel marfim velho, que denota a maior distinção, e numa letra fina, desordenada e com o desembaraço que bem revela como já vai longe o tempo dos exercícios caligráficos do colegial.

Ei-la:

“Minha senhora:

Com o maior respeito e não menos ousadia, apresento a V. Ex. as minhas saudações e esta súplica de velho amador da arte e do belo: queira V. Ex. pedir por intermédio de uma das suas crônicas no “Paiz” às senhoras cariocas, nossas patrícias, a delicadeza de irem à Duse sem chapéu... Creio que não é pedir muito. Elas devem saber quanto nós, os homens, lhes admiramos a beleza estonteadora dos cabelos, quer sejam negros como o ébano, quer loiros como as estrelas e... por que não? quer sejam brancos como a neve, tanto mais que os chapéus das senhoras de cabelos brancos são tão atrapalhadores como os das senhoras de cabelos pretos. E, posso assegurar-vos, é incomparavelmente mais divertido olhar-se para uma cabeça nua do que para uma revestida de palha, flores, fitas, plumas e outras trapalhadas. Basta lembrarmo-nos de que as deusas não usavam chapéu; as musas também não usavam chapéu, portanto as senhoras cariocas não devem usar chapéu... pelo menos nos espetáculos da Duse!”

—

Parece-me ter feito a vontade ao meu correspondente, transcrevendo-lhe a carta.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIII, n. 8292, p. 1, 17 jun. 1907.
http://memoria.bn.br/DocReader/178691_03/14308 .

CRIANÇAS E FLORES

ESCREVER LIVROS PARA CRIANÇAS é uma das coisas mais embaraçosas que há. Não só pelo estilo, que convém ser cristalino e tão puro quanto as aptidões do escritor permitirem, como também pelos assuntos dos seus quadros. As crianças têm uma imaginação tão viva, tão amiga de imprevistos, tão apta a compreender absurdos e a preferi-los, a tudo, que uma pena habituada a copiar da natureza e da vida as suas realidades vê-se zonzá quando tenha de inventar as grandes maravilhas que exigem os cerebrozinhos dos leitores pequenos!...

Sem desprezar a lógica (as crianças têm uma lógica implacável), é preciso entrar de espada e esporas pelo reino da quimera, disposta a cortar cabeças de gigantes, cavalgar corcéis mais velozes que o vento e ferir de morte dragões terríveis, descobrir os mais recônditos segredos de outros planetas, dar corpo e alma às coisas mais etéreas ou mais inertes! Nessa espécie de literatura, personagens e acessórios precisam ser feitos a largas pinceladas, com tintas luminosas, bem diferentes das que aplicamos na arte para adultos, porque tudo é assombroso no mundo intelectual infantil. Aí, cada ser representa uma infinidade de seres com interferência e ação no sentimento dominante do seu conjunto. A pena de um galo encrespa-se toda para repelir uma deliberação do seu senhor; o único fio de cabelo de um velho calvo faz no deserto da cabeça nua considerações de uma filosofia tão original, que o impele a desconsiderar o que já havia considerado, dando outra feição à sua vida... Assim os objetos materiais, tanto mais eloquentes quanto mais humildes, têm voz, têm atividade própria, como por exemplo um fuso de pau de uma tecedeira pobre que desempenha papéis de extraordinário valor, com o doce fim de proteger a virtude, correndo lépido e sozinho pelas ruas, urdindo tapetes com fios de prata e de ouro, à porta

de uma aldeiazinha modesta, para que por sobre ele pise a felicidade sob a forma de um príncipe, e outras coisas assim... Os caracteres são tão fabulosos como as folhas das árvores.

Estas são de esmeralda, traspassadas de sol. As flores e as frutas têm também outras formas e outro sabor; das pedras preciosas de que se calçam as ruas e se fazem paredes, irradiam-se luzes que iluminam o mundo. Os homens ou são perversos comedores de crianças e roubadores de donzelas, ou heróis inatingíveis e invencíveis pelas suas virtudes sem jaça e sua beleza!

Com elementos tão especiais e tão inverídicos, o historiador tem de fazer, se quiser captar a atenção e a simpatia dos seus leitores, contos em que as coisas decorram umas das outras com a naturalidade e a precisão dos fatos comuns. A criança não perdoa incoerências e reclama conexão nos acontecimentos que porventura lhe apresentem a esmo e desligados.

Por isso tudo, a arte de escrever para crianças exige prodígios da imaginação mais maleável e vagabunda e a maior atenção na urdidura dos acontecimentos.

Ora, é exatamente essa uma das qualidades que admiro na biblioteca infantil da incansável escritora portuguesa D. Ana de Castro Osório, nome que a nova geração da sua pátria deve ter na mais alta consideração.

Efetivamente essa senhora parece ter posto ao serviço da infância todas as grandes capacidades do seu espírito. Além dessa publicação regular e periódica de livros de histórias maravilhosas, a que acabei de referir-me, uns concatenados, outros inventados ou traduzidos do alemão, por ela, e todos editados em Setúbal, em volumes bem ilustrados, onde figuram desenhos de duas senhoras já consideradas artistas, D. Ana de Castro Osório escreve livros para leitura nas escolas, em que o estilo permanece claro e correto, mas já ao serviço de outras ideias mais positivas e naturais. A razão disso é que essas páginas já não são destinadas a entreter só a imaginação, mas a educar o espírito das crianças. O seu assunto deve transparecer através da linguagem, como o leito de um rio fresco

através das águas cristalinas... Somente esse fundo deve ser calçado, não com os rubis da fantasia, mas já com os seixos da realidade. O livro de D. Ana Osório intitulado “A minha pátria” pode servir de modelo no gênero, pela sua forma e pelos seus conceitos. Parece que as edições desse livro se sucedem sem interrupção.

Chegou até a mim uma queixa de que os livros dessa senhora, conquanto feitos para a infância portuguesa no louvável intento de prestigiar a sua raça e o seu país, não sejam assaz conhecidos no Brasil. Ouvindo tal, pensei calada nos doze anos que o meu último livrinho para leituras escolares — “Histórias da nossa terra” — curtiu, ora no fundo da minha secretária, ora nas dos conselhos de instrução pública do Rio e de S. Paulo, ora no Pará, sem encontrar bafejo que o animasse a saltar do manuscrito para a letra de forma, até que um dia o editor Francisco Alves, percebendo a boa intenção da obra, a incluiu no seu catálogo. Ponho isso aqui como um traço demonstrativo do interesse que por enquanto esse gênero de literatura desperta entre nós e para aliviar um justo ressentimento do queixoso...

Não lhe bastando os livros, para a disseminação das suas ideias e dos seus propósitos, D. Ana de Castro Osório publica o “Jornal dos Pequenos”, folha em que fala das crianças, com superior doçura, da vida das pessoas que se inclinaram para elas, procurando aligeirar-lhes os trabalhos da escola, como o grande poeta João de Deus, ou facetar-lhes os sentimentos, como a poetisa D. Maria Rita Chiappe Cadet, e a par desse preito de devoção, tão justa, incita os meninos a interessarem-se por tudo que é útil e se prende à infância — escolas maternais, creches, poesias, jogos infantis, rudimentos de história natural etc.

De vez em quando a sua pena volta-se também para a gente adulta e D. Ana Osório escreve opúsculos em que externa superiormente as suas lucubrações de educadora e moralista, acertando tão bem em falar dos pequenos aos grandes, como fala dos grandes aos pequenos. Por isto pensar, quero que fique nestas desbotadas linhas a minha admiração por tão valente batalhadora.

*
**

Não quero fechar esta crônica sem bater as minhas palmas ao projeto do Sr. Bethencourt Filho, criando um pavilhão de flores no largo da Carioca. Assim, esse ponto, que é bem o coração da cidade, irradiará na luminosa idealidade do perfume e da cor. Felizes as terras que podem trocar o velho coração desiludido e triste por outro em que a primavera desabotoe nas rosas seus sonhos e suas esperanças...

Faço votos para que se realize o projeto.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIII, n. 8299, p. 1, 24 jun. 1907

http://memoria.bn.br/DocReader/178691_03/14368

O INIMIGO

— TEU MARIDO?

— SAIU, para tratar do divórcio.

— Hein?!

— É o que te digo, mamãe...

— Só com um ano de casados?... é pouco. Vejam se adiam isso para daqui a uns dez...

— Tu ris-te!

— Naturalmente. Sei o que isso é; são os primeiros arrufos. Não valem nada; tal e qual como os chuvisqueiros de primavera... Dá-me aquela almofada para o encosto e tira-me o chapéu. Estás com um lindo “peignoir”, sabes? e esse já não é do enxoval...

— Não... mas não foi para isso que eu te mandei chamar...

— É verdade. Para que foi mesmo que tu me mandaste chamar?

— Oh, mamãe! pois não te disse logo à queima-roupa, quando entraste, que meu marido tinha saído para tratar do divórcio?!

— Sim, sim, é verdade, disseste... mas não acreditei.

— Pois eu haveria de mentir-te... a ti...?! E não bastará olhar-se para mim, para se perceber no meu abatimento uma grande, uma enorme comoção?!

— Efetivamente, estás com o nariz e os olhos vermelhos... Choraste?

— Como uma doida!

— !

.....

— E pela primeira vez tiveste saudades da tua vida de solteira...

— Como sabes?! Sim, tive uma saudade infinita, que desdobrou a minh'alma por todo o meu passado, até ao tempo em que, pequena ainda, eu adormecia no teu colo, sentindo que me beijavas ora as mãos, ora os pezinhos nus... oh! se a minha existência se tivesse cristalizado num desses minutos suaves...

— Não evoques quadros que me enteneçam, que eu preciso muito do meu sorriso... conta-me antes o motivo da tal grande cena; vá!

— Oh! mamãe, tu me parecerias cruel, se eu não estivesse percebendo através das tuas palavras, no brilho dos teus olhos sinceros, que tens o coração estrangulado pela dor de me veres sofrer...

— Não sofres, não. Imaginas o sofrimento, o que às vezes dá resultados idênticos, porque faz chorar. És bem minha filha, na imaginação!...

— Que! não acreditas na minha tortura?

— Nada.

— Oh!.....como as coisas mudaram! Antigamente, mal eu dava um suspiro, corrias logo para mim, perguntando-me com uma voz em que bailavam lágrimas: — Que tens, meu amor?! desabafa no meu coração as tuas penas; eu estou aqui para salvar-te e para defender-te! Agora, na maior, na mais angustiosa crise da minha vida, quando já não se trata de um sentimento de menina, pueril, mas de uma situação terrível de mulher, clamo por ti para que me socorras, e conservas-te impassível, diante de mim! Porquê, porquê?!

— Porque hoje és um ser independente do meu. A minha vigilância seria tão indiscreta, quanto a minha curiosidade ofensiva. Somos duas mulheres que se amam, que se criticam, que se perdoam mutuamente e que se encontrarão sempre de braços abertos nas horas de angústia verdadeira. Nota bem: “angústia verdadeira”. Desde o dia, porém, que saíste da casa paterna para a tua, os teus segredos tornaram-se invioláveis para mim. Poderás confessar-mos, se quiseses e se a isso te impelir uma necessidade de expansão. Eu é que já não tenho o direito de pedi-los.

— Queres dizer com isso que és agora para mim uma estranha!...

- Pensa antes que eu desejo empurrar-te para o teu lugar...
- Para a sepultura?!
- Eh! como tu vais depressa! escuta: quando recebi o teu recado, estava lendo uma descrição curiosa. Não faça gestos de impaciência, que não roubarei à tua dor muitos minutos de voluptuosidade...
- Oh! mamãe!...
- Lia eu que os pássaros de rapina se escondem para beber, porque, obrigados a mergulhar a cabeça n'água, ficam nesses momentos sem defesa...
- Que queres dizer com isso?!
- Que há dores, que, semelhantemente aos pássaros de rapina, devem desalterar-se nas lágrimas às escondidas. O que o pássaro faz por medo e precaução, a mulher faz por pudor e altivez. Tudo são instintos.
- Mas... eu...
- Alarmaste a casa com exclamações e queixas. Desde a tua criada de quarto até à tua cozinheira, todos estão ao fato da tua situação. Exageraste a corda no mecanismo do teu sentimento. É o que foi.
- Aconselhas-me assim a ser hipócrita?!
- Quem fala nisso? Aconselho-te somente a não ser tão... tão francamente franca. Não sei quem disse, com absoluta verdade, que a franqueza representa para nós uma espécie de nudez que nos faz corar... Terias coragem de sair à rua, em pleno dia, decotada e sem capa?
- Que ideia!
- Pois, filha, a tua alma andou assim pela casa, desde o salão até à copa... esta manhã.
- Quem te disse?!
- Não abotoes agora o teu “peignoir” até ao pescoço... felizmente ele ainda está longe de precisar dissimulações... tanto mais que estamos sós!
- Oh! mas tu não perdoas nada!

— Nada que possa prejudicar a tua felicidade. Pensarás que te estou combatendo a ti, e estou combatendo em ti um inimigo terrível, que te comerá minuto a minuto aos bocadinhos, se a minha experiência e o meu amor não o espantarem para longe!

— Não há de ser com frases que o espantes!

— Mas, filha, se eu não posso matá-lo a tiro!

— Ris-te! ris-te outra vez! mas que é então o amor materno?! Chamei-te para que me viesses buscar para casa, e para sempre, supondo que te desfizesse em lágrimas ao ver-me tão acabrunhada; vens, e desfias palavras e mais palavras, que me arrefecem, como se viessem sopradas por uma boca de gelo... e nem ao menos... por curiosidade, quando não fosse por outro sentimento, indagas da verdadeira causa da minha aflição!

— Para quê?!

— Estou então bem morta e já enterrada, no teu passado? Do que eu fui, do “terno cordeirinho”, como tu me chamavas com tamanha doçura, já nada existe na tua lembrança? Será possível que só pelo simples fato de casar, uma criatura passe a ser diferente do que foi desde o seu nascimento? Mas se me dissessem que eu teria de renunciar a tudo o que constituía a minha individualidade, eu não teria casado!

— E o amor?

— O amor...

— Não levantes os ombros; ele é a sagração, a única razão de ser da vida. Casando, não perdeste a tua individualidade, mas adquiriste-a. Eras o meu “terno cordeirinho branco”, a todo o momento acariciado, uma espécie de animalzinho em que o protetor desvelo do meu pensamento teimava em ver um pouco de inconsciência. Parecia-me que vivias para deixar-te amar; vivias para o meu gozo, para a compensação do meu cuidado incessante... nada mais. Um dia surpreendi nos teus olhos uma chama de outra luz. Não me disseste nada, e eu adivinhei tudo! Amavas. Como o tal pássaro de rapina, escondi-me para beber nas minhas lágrimas o meu desgosto inevitável, esperado e, entretanto, recebido com uma surpresa horrível!

— Mamãe...

O INIMIGO

— Meu amor... não te ajoelhes, filha, que te magoas... pois sim... limpa-me os olhos com o teu lenço... afirmo-te que eu não esperava comover-me assim... sempre fizeste de mim o que quiseste! Até parece que estamos representando uma cena!...

— Pode parecer, mas...

— Mas?... acaba o teu pensamento.

— A dignidade que tu me impões, faz-me ter muitas saudades do tempo em que me acariciavas como a um animalzinho inconsciente!...

.....
— Sim... sim... é que a criança vive... para viver!... e a mulher vive... para sofrer! Embora imaginariamente, como tu!

— Outra vez!

— Sim, outra vez! pois não atinaste, tontinha, com o motivo da minha, como tu lhe chamaste... frieza?

— Não...

— Julgarias possível que uma mãe zombasse de uma filha que chora?!

— ?!

— E que chora por um ciúme sem causa? Um ciúme inventado e absurdo?

— Quem te disse?! quem te disse?!

— Ele... Teu marido é quase tão pateta como tu... devo ter ainda este ombro molhado com as suas lágrimas...

Bem! agora beijas-me o ombro! Perfeito!

— Garantes-me que ele me ama?

— Sim... muito...

— Garantes-me que eu não tenho razão de ter ciúmes?

— Garanto-te que de nós três, a única que tem razão de ter ciúmes... sou eu!

(Do livro “*Eles e Elas*”)

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIII, n. 8306, p. 1, 1 jul. 1907.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/14432

A DANÇA DAS LETRAS

AFINAL A VIDA NÃO É SENÃO uma sucessão de assombros. Quem me diria, por exemplo, a mim, de modo que eu acreditasse, que eu tinha ortografia, que já me identificara com essa espécie de silício intelectual e criara amor por certas letras, que escrevi com certeza muitas vezes fora de propósito e sobre as quais a minha pena tímida ficou outras vezes suspensa, na dúvida mortificante de as concluir ou de as riscar!

Era fato assentado em família, sem divergência de opiniões, que a ortografia era para mim um enigma, um mistério quase tão inacessível e de tão sublimes segredos como o do perfume das flores ou como os que a fé não discute. Tão convencida eu mesma estava dessa dolorosa verdade (com que desprendimento vou atirando todas estas confissões para o passado!), que, se me acudia o propósito de grafar irrepreensivelmente uma palavra menos vulgar, dessas que já não escorregam prontas na tinta da pena, e parava o tempo suficiente para indagar mentalmente se deveria escrevê-la com “f” ou com “ph”, com “y” ou com “i”, com “s” ou com “z”, eis que se fazia o caos em meu espírito, e na sombra da dúvida as diabinhas das letras tomavam atitudes agressivas, pulando umas para o lugar das outras, com uma rapidez e uma graça de que já o lápis espirituoso e fino de Julião Machado nos deu ideia aqui mesmo no “Paiz”.

Oh! a dança das letras punha-me impaciente!

Nessas crises de vacilação erguia-se do fundo da minha inteligência torturada um protesto contra essas combinações complicadas do alfabeto, enraizadas num passado morto e já tão frias e tão hirtas como ele. Os “th” e “ph” então eram positivamente dois espectros que o meu tinteiro modesto, falho de ciência e de imaginação, deixava sair a custo, com as precauções da desconfiança...

Havia ainda outro motivo de embaraço e de espanto, quando, depois de me ter decidido por escrever de um certo modo certa palavra, estribando-me no exemplo de um mestre respeitado, eu ia no mesmo dia encontrá-la em outro mestre, igualmente respeitado ou querido, escrita de modo diferente!

Quem teria razão? o mais simples. O mais simples é sempre o melhor. Somente, tendo convivido mais tempo com o modo mais complicado, dedicamos-lhe às vezes uma simpatia difícil de destruir...

Assim, a ortografia portuguesa parecia uma questão de gosto pessoal de cada um.

A expressão das letras, tão bem e liricamente espelhada na linguagem poética de Edmundo Rostand, não é uma fantasia de imaginação sonhadora, mas uma realidade para os que mais ou menos vivem em comunhão com elas. Tenho uma amiga, que teimosamente escreve sempre lírio com “y”. Advertem-na de que erra. Ela arregala os olhos à advertência.

— Que! lírio sem “y” é lírio sem haste, que não transmite a nenhum olhar a graça serena da sua forma augusta e altiva!

É justo que a palavra escrita se relacione com o objeto que indica, tanto quanto possa atingir a perfeição de uma analogia...

Essas razões de mulher fazem-na olhar com saudade e tristeza exatamente para esse mísero “y”, que a Academia Brasileira de Letras expulsa da nossa língua com dedo terrível e indignado!

Onde irá o banido? Como um magro mendigo, que não leva na mochila nem uma migalha de consolação, o infeliz sumir-se-á no horizonte da saudade, à proporção que estas gerações, que ainda o conheceram vivo, embora esquivo, forem por sua vez também desaparecendo...

O “k” que lembrou sempre o esqueleto inútil de uma árvore seca, onde até as aves mais corajosas tinham o seu receio de pousar, como tivesse sofrido a mesma pena afrontosa, caminhará para o desconhecido, a par do suave “y”, revelando pela primeira vez uma alma nas suas reflexões dolorosas...

Estas coisas enternecem-me. Não é à toa que as mulheres não devem ser acadêmicas. Eu votaria contra o banimento das nossas velhas auxiliares. Se a minha pena dura e rouca adquirisse por um desses milagres divinos e inexplicáveis limpidez de voz e ductilidade de forma, eu reproduziria aqui o diálogo rimado que os meus ouvidos estão adivinhando através de camadas e camadas de atmosfera, soltados pelas bocas queixosas das pobres letras errantes... O “k” talvez seja um tanto cético; mas o “y” é místico. A psicologia dessas duas almas talvez desse um poema! Imaginem que ambas vão desagasalhadas, sem apoio, uma com estalidos secos nas articulações endurecidas pela longa inércia, outra com suspirinhos melancólicos na boca aberta para o céu, um céu fuliginoso de paisagem obscura, empapado de umidades e sombras movediças...

Cada uma lembrará esta ou aquela palavra de que constituiu “carne e osso”, cada uma definirá a sua intenção no vocábulo escrito, e a saudade da língua em que pareciam intrusas, mas em que afinal viveram e de que fizeram parte.

Daí, quem sabe? talvez se torçam de riso, imaginando o trabalho penoso que as gerações atuais empreendam, para aprender a escrever a sua língua de um modo diferente daquele a que já se habituaram.

Por mim, tremo.

Eu, que fui sempre infiel e rebelde à ortografia, que a malsinava, que a cobria de anátemas, a ponto, por cansada, de fazer dela pouco caso, presumo que me conservarei fiel a essa infidelidade, presa por todos os nervos do meu corpo e todas as fibras da minh’alma à grafia das palavras em que escrevi a minha primeira carta e mal ou bem transmiti meus pensamentos...

Estas pieguices têm já a revesti-las uma capa de bolor, que as torna indignas de aparecer em público, e são reveladoras de uma alma antiga... Suponde assim que elas foram palavras ditas ao vento e não lhes presteis atenção. Tanto mais... oh! inconsequências do espírito humano! que eu estou de acordo com as leis da academia. Mudar é o destino de todas as coisas, e torná-las claras e fáceis é a obrigação do espírito moderno.

Felizes as criancinhas que ainda não começaram a soletrar. Elas encontrarão regras fixas onde encontramos confusão, e não perderão tempo com a pena no ar a refletir se o nome do seu próprio país se escreve com “s” ou com “z”!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIII, n. 8320, p. 1, 15 jul. 1907.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/14564

REFLEXÕES DE UM MARIDO

“AH! OS SENHORES FEMINISTAS! pudesse eu enforcá-los a todos com uma só corda...

São as suas teorias desordenadas, subversivas, é a tragédia burlesca das suas justas reivindicações, que têm posto a sociedade neste estado. Pois quando é que se viu nunca uma senhora casada e mãe de filhos, como é a minha, não estar em casa à hora em que o marido entra para o jantar! De mais a mais, nem deixou dito para onde ia.

Plena liberdade, hein? os tempos aconselham estas independências, aproveitemo-las!... E o marido? O marido que ceda, que se sujeite, que sorria, que diga amém!

Vem para casa morto de fome? que espere pela senhora, que virá depois e quando muito bem quiser, de... de onde? do desconhecido! Perfeito; é assim mesmo. Se eu aventurar qualquer observação, ela já deve estar suficientemente instruída para me responder:

— Não me fizeste esperar ontem até às oito horas da noite, para o jantar? Pois então! E eu queixei-me? De modo nenhum, logo... os direitos são iguais... Vamos à sopa, sem rancor, e ao roast-beef, sem discussão... Diabo... estou sendo injusto... Terezinha tem sido sempre de uma submissão digna dos tempos medievais... querem ver que ela foi à minha biblioteca e leu Ibsen, por acaso? hum... Terezinha não lê nem por acaso! A razão deste seu primeiro movimento de independência deve ser outra... talvez queira experimentar-me! Pois, para castigo desse ensaio, o que eu deveria fazer, seria sentar-me à mesa com as minhas duas filhas, e comer tudo! Mas poderia eu comer alguma coisa estando nesta inquietação? Não! Sinto que eu não engoliria nem uma colherada de caldo, vendo diante de mim o seu lugar vazio. Não é porque ela o enfeite muito...

coitadinha! ela está cada vez mais magra e mesmo insignificante... mas só porque a sua obrigação de boa esposa é estar em casa, não fazer nunca sentir a sua falta, e estar sobretudo naquela hora sentada naquela cadeira, dirigindo o movimento do serviço! Minha mulher é-me tão indispensável à mesa, como o pão, o saleiro, a garrafa de vinho ou o guardanapo.

Mas tem graça! Quando janto lá fora com os amigos, nem me lembro dela, e, entretanto, em minha própria casa, não posso renunciar à sua presença... Ainda se eu tivesse tido aviso antecipado, talvez me resignasse; assim, não... qualquer distância que eu imagine, me parece de redobrada extensão, tal e qual como se eu ainda a amasse com aquele modo antigo...

Por onde andaré ela a estas horas? Está farta de saber que venho para casa no bond das seis e meia... é verdade que hoje vim no das seis... mas esta circunstância, em vez de diminuir, julgo que aumenta a sensação estranha que me invade, de espanto e de aborrecimento! É esquisito, a casa parece-me maior! muito maior... como se todas as paredes tivessem sido empurradas para um outro plano mais afastado... tem graça; estou como que dentro de um grande túmulo vazio; se der grito, ouvirei o eco da minha voz como um lamento! De mais a mais, as crianças lá estão na mania do portão!

Ora, se há vinte anos uma senhora honesta, pacata, mãe de família, seria capaz de andar ao lareque pelas ruas da cidade à hora em que o pobre do marido volta para casa, esfalfado de tanto trabalhar!...

Naqueles bons tempos, uma senhora de quarenta anos não tinha coragem de sair à rua sem a sua capinha pudibunda e um toucado que atestava resignadamente a sua idade provecta...

Era a submissão completa a todas as leis da vida. Hoje opõem resistências a tudo; até à idade... São terríveis! Mas por onde diabo andaré minha mulher? logo hoje que eu tinha tanta necessidade de desabafar... porque não há de ser às meninas que eu fale dos meus negócios!

Geralmente, minha mulher queixa-se de que eu converso pouco, pois aí está; hoje vinha com tenção de conversar... de falar detidamente sobre aquela proposta do Teles... não para lhe pedir conselhos, as opiniões dela não me esclarecem nada, mas só porque, enfim, quando raciocino em voz alta, penetro melhor no sentido das coisas... As mulheres fazem às vezes umas objeções imprevistas, extravagantemente ingênuas, mas que não raro sugerem certos pensamentos aproveitáveis...

Não é que eu associe Terezinha às minhas empresas de importância; coitadinha, que competência tem ela para isso? mas porque, expondo-lhe o caso, tenho de reduzi-lo à máxima simplicidade para a sua compreensão, e nessa ginástica apreendo muitas vezes sutilezas que me tinham escapado, quando ele me fora apresentado em bloco. Haverá homem que prescindia de alguém que o escute e em quem ensaie os efeitos da sua profissão? Por mim não tenho grande confiança na clarividência de minha mulher, não aceitaria as modificações que ela entendesse fazer aos meus planos; mas, como sei que ela tem ouvidos, uma razão, interesse pela “nossa” prosperidade, afiz-me a refletir diante dela, em voz alta, sempre que se trata de assuntos embaraçosos. Embora eu não a interrogue, a sua presença tranquiliza-me, tal e qual como se ela assumisse toda a responsabilidade dos meus atos...

É uma espécie de prevenção para futuras arguições... Mau! lá passa o bond das seis e meia e ela ainda não veio!...

Que raiva! estou como um homem que, tendo papel, pena e pressa de expandir ideias por escrito, vai abrir o seu tinteiro e encontra-o seco. Que há de dizer algum conhecido que a encontre a estas horas por aí, sozinha, a vagar pelas ruas?... Será noite fechada, quando ela tomar o bond para vir para casa. É estúpido. Compreendo perfeitamente a ausência de minha mulher, quando quem está fora de casa sou eu; mas vejo muito bem agora que não a suporto, quando quem está fora de casa é ela! O fato em si parecerá o mesmo; todavia, que diferença, Deus do céu! Supus que fosse mera fórmula literária dizerem por aí que a mulher é a verdadeira alma do lar; entretanto, a observação é exata.

Por mais que disfarce, sinto uma decepção tão desgostante, não encontrando a minha, como a que pode sentir um velho metódico, muito comodista, de doloridos pés calejados, não encontrando o familiar e suavizador par de chinelos aos pés da cama, no momento em que os reclama com maior ansiedade... Para [a] mulher, o marido talvez seja alguma coisa mais complexa; para o marido, porém, a mulher é sobretudo um hábito... Cá por mim não posso viver sem a minha, nem quando penso nas outras.

E a boa verdade obriga-me a confessar que este caso é muito frequente em mim

.....

Que espécie de sujeito será aquele... parece um estafeta... que está conversando com as crianças no portão? Ah! um telegrama!

“Lulu.

Tua mãe muito doente. Fico a seu lado.

Tereza.”

.....

Pobre mamãe... Bem! mas enfim isto já é outra coisa; posso estar tranquilo...

— Crianças! vamos jantar!

(Do livro “*Eles e Elas*”.)

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIII, n. 8327, p. 1, 22 jul. 1907

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/14624

WOMEN-CLUB

UM DIA DESTA SEMANA estava eu muito sossegadinha lendo Édouard Schuré no seu interessantíssimo livro — "Précurseurs et Révoltés" — quando o correio da tarde me trouxe duas cartas, opostas no seu aspecto material, mas relacionadas entre si no assunto.

A primeira era um simples cartão assinado por três estrelinhas. As três estrelinhas clássicas de um anonimato inofensivo.

O autor desse cartão enviava-me um retalhinho da "Gazeta" desse mesmo dia, em que se tratava nada mais nada menos que de fundar no Rio de Janeiro, a tempo de ser inaugurado por Mme. Ferrero, um club de senhoras, em que se discutam questões que tenham relação com os direitos da mulher.

Este projeto desabrochou num "five o'clock tea".

Decididamente este hábito inglês que tem suplantado o nosso cafezinho modesto das duas horas, vai, e ainda bem, revolucionando os costumes da mulher brasileira. Do que ela é capaz prova esse lindo sanatório de S. Luiz para tuberculosos pobres, inaugurado há dias em Piracicaba por esforço e sacrifícios inenarráveis de Lídia de Rezende, alma puríssima, e que sozinha empreendeu a linda missão que levou a cabo!...

Diz a "Gazeta", referindo-se ao club feminista, que essa ideia simpática (ora, eis aqui um adjetivo que estranhei ver escrito por um homem, nestas circunstâncias!) germinou no espírito adiantado de uma formosa senhora, que ao enunciá-lo se sentiu rodeada por uma doce onda de aplausos.

Não lhe nego também os meus; em todo caso, irei dizendo que estes "five o'clock tea" começam a inspirar uma certa desconfiança à gente pacata da cidade... Em pouco tempo os casos mais importantes e extraordinários da nossa vida social serão preparados entre goles de Lipton e bocadinhos de "brioche" em

interiores “chics” ou em terraços sobre o mar. Se a mulher elegante, a senhora que rescende nos salões e só passa pelas ruas nas asas do automóvel ou sobre as almofadas de um carro, já se interessa pelos direitos da mulher no exercício de profissões liberais, pela conquista do divórcio e outras leis alvoroçadoras, então está tudo feito!

“Ce que femme veut, Dieu le veut”. É ter paciência. São essas as mulheres que conseguem tudo. O clamor dos oprimidos chegou até as alturas; de lá descerá a palavra da justiça. Até parece um versículo da Bíblia...

Todavia, esta ideia de club feminino, feito só para debates feministas, não sei por que, assusta-me. Temos abusado tanto dos vocábulos tribunícios, que eles já não têm muito poder sugestivo. Parece-me muito mais prático e, sobretudo, muito mais agradável, continuarmos com essas sessões avulsas dos “five o’clock tea”, precursoras de grandes transformações e que tanto eco e tanta simpatia encontram no noticiário da imprensa...

Meditemos nisto, minhas senhoras: é mais fácil e mais certo impormos as nossas opiniões aos homens, simulando consentir que eles se apossam delas, do que assumindo nós a atitude imperativa de quem as quer fazer aceitar à força. Um club é um desafio perigoso. Será bom refletir...

Insinuavam as três estrelinhas do cartão aludido que eu me entretivesse sobre este grave projeto em um destes meus escritos. Confesso, porém, que não lhe faria já a vontade, por falta de base sólida, se não tivesse recebido ao mesmo tempo uma outra carta tão extensa quanto a primeira é resumida, mas tratando do mesmo fato e assinada também por três estrelas!

Foi um dia de astros cadentes, aquele!

Esta última carta veio despertar-me na memória um nome, a que aludi aqui mesmo há mais de um ano, e em que um “W” gótico arrepiava a doçura das vogais latinas... Era o de uma senhora que sem outra apresentação mais do que a sua ousadia, veio à minha casa pedir apoio para um projeto em que andava consumindo os miolos (expressão sua).

Que projeto era esse? Organizar um club de mulheres. A designação também era inglesa; somente, em vez de ser — *“ladies-club”* — ele dissera *“Women-club”*. Generalizava o caso; ia mesmo a ponto de ter uma seção para meninas! Ah! Era um plano vasto, muito prático, em que as teorias modernas não se diluíam em discursos, mas concretizavam-se em ação. Agora me lembro. A coisa nascia logo com certo luxo: além das salas de baile e de reunião, havia uma biblioteca organizada à moda americana, uma grande agência bem relacionada com as melhores do estrangeiro de informações para mestras, preceptoras, damas de companhia etc., aulas gratuitas de desenho, gravura, rendas, costuras, enramalhamento, fotografia, cerâmica, tipografia, pirogravura, declamação etc., posto médico a qualquer hora do dia e da noite, correspondência com os estabelecimentos de caridade no Rio de Janeiro, nacionais ou estrangeiros, religiosos ou não.

Faria ainda esse club feminista uma propaganda ativa contra o alcoolismo, copiando os estatutos da Sociedade de Temperança dos Estados Unidos; lutaria contra o analfabetismo, criando pequenas escolas avulsas em localidades do interior, ou fazendo viajar para esse fim um grupo de professores primários: “auxiliaria os fazendeiros a manter uma classe de português nas colônias das suas fazendas, transformando os pequenos estrangeiros em cidadãos brasileiros, pelo uso da nossa língua, coisa em que o governo brasileiro deveria meditar...” Incluía ainda no seu programa a luta contra a tuberculose, a luta contra o suicídio, a luta contra a maldade e contra a injustiça... Propunha-se a organizar uma coisa que o Instituto de Música já deveria ter organizado entre os seus discípulos: uma orquestra de moças; e a auxiliar as professoras pobres e todas as profissionais, durante os dias que estivessem sem trabalho; e a manter aulas de natação e de ginástica para meninos indigentes e a dar uma sopa diária a uns tantos pobres e umas festas semanais às sócias que para esse fim quisessem contribuir especialmente.

Falava ainda em jogos esportivos para moças, e na fundação de um estabelecimento de campo, onde o club facilitasse a estadia temporária de senhoras sem recursos, necessitadas de bons ares e de repouso...

Era uma fantasia muito ampla, muito variada no seu conjunto, que resumi à pressa, nestas linhas curtas, e que deveria ser mantida no Rio de Janeiro com os recursos da mulher carioca, sem distinção de classe, nem de idade, nem de raça, nem de nome. Era a alma feminina em face de todos os problemas e de todas as calamidades em que a humanidade se debate, agindo sem discutir, procurando aperfeiçoar o futuro sem injuriar o passado...

Ninguém tomou a sério essa D. Quixote de saias. Todos nós sabíamos que a realidade é para esses sonhos o mesmo que um sopro para uma bolha de sabão. Às vezes uma bolha de sabão parece um astro, tão iluminada está pelas cores do prisma, e não é mais do que o éter...

O "*Women-club*", da desconhecida "W", desapareceu na voragem das coisas inviáveis; tinha ideais demais para poder ser compreendido; é preciso nascer-se pequenino para chegar-se a ser grande sem defeitos. Estou que às vezes é até melhor não nascer...

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIII, n. 08334, p. 1, 29 jul. 1907.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/14684

REFLEXÕES DE UMA ESPOSA

NINGUÉM PODERÁ DIZER que eu não ame meu marido... ao contrário, acham-me talvez exagerada na minha ternura por ele... eu mesma, refletindo bem, sinto que a sua companhia me é absolutamente cara... basta-me pensar que em tantos anos de casada eu ainda não me habituei a sair sem ele e, quando o faço, tenho a sensação esquisita de ser um ente incompleto, como alguém a quem tivessem amputado um membro sem dor, nem sangue, e saísse logo para a rua, levando a saudade desse pedaço de si mesmo... Dir-se-ia então que meu marido é a melhor parte de mim, a parte pensante, dirigente, apta para a compreensão e a análise dos fatos que exigem a minha apreciação...

Mas se isto é assim, e é assim, por que não me agrada e me atrapalha tanto a sua presença em casa, desde que ela exceda à das horas costumadas?

Por que me é doce a companhia de meu marido nos domingos e dias santificados e me é quase intolerável nos outros?

Não ousa interrogar ninguém sobre este caso complicado, tanto receio que ele seja o sintoma de alguma incurável doença d'alma... Raciocinando sozinha, em frente ao espelho cristalino da minha consciência, percebo isto: quando nos dias de trabalho meu marido tarda meia hora... um quarto de hora mais do que a hora habitual de voltar para casa, a tonta da minha cabeça começa logo a imaginar desastres ou certas distrações que o seu caráter não autoriza, mas que me fazem chegar muito tolamente as lágrimas aos olhos... Nesses instantes de ciúmes... ciúmes sem corpo, incertos, de que ele nem suspeita a existência, eu peço fervorosamente a Deus, de mãos postas, que inspire ao senhor meu marido um outro meio de vida que o obrigue a permanecer dia e noite embaixo das mesmas telhas que me cobrem a mim! No entanto, se no outro dia, quer seja por sugestão do meu desejo ou por outra qualquer causa inesperada, ele delibera,

como hoje, ficar em casa, desde que se levanta até que se deita, não sei como esse mesmo espelho, que dentro de mim tão fielmente reproduz imagens amorosas, não estala de indignação diante da minha impaciência!...

Oh! Um marido que não sai, um marido que não sai pode ser comparado às coisas mais contraditórias e extravagantes: ele é um ladrão das horas indispensáveis à mulher para o seu trabalho ou a sua reflexão; ele é uma esponja em que se absorvem todas as atenções da casa; ele é, sobretudo, uma acusação viva, ininterrupta, a todas as nossas imperfeições... Acostumados a agir largamente lá fora, parece impossível que esses senhores, quando se metam na gaiola doméstica, entendam que se devem imiscuir em tudo, examinar miudamente tudo, saber o porquê de tudo!

Se uma porta se abre: — Por que se abriu aquela porta? Não há necessidade de abrir aquela porta... fechem aquela porta, ou eu trago molas para aquela porta! E quanto mais os maridos censuram, mais a gente se atrapalha; pelo menos eu, quando Lulu está em casa, não faço nada com jeito; começo a andar à roda dele, como se eu não tivesse vindo ao mundo senão para o amar, e deixo tudo mais andar à revelia... Ele finge não compreender essas coisas e não poupa as suas observações! Olhem, ainda agora:

— Como esta criada varre mal a casa! Parece impossível que tu consintas que ela levante tanto pó... isto estraga tudo e asfixia a gente! Eu estou asfixiado! Uma dona de casa inteligente não tolera tal! Hoje ninguém varre a casa! Passa-se um pano molhado no assoalho!

Não parou nisso a impertinência.

Os trastes, vistos à luz crua do meio-dia, pareceram-lhe naturalmente mal polidos, porque olhou para eles com olhos descontentes... As crianças inquietaram-no... Também, parece de propósito... quando o pai fica em casa, elas, pela novidade ou não sei por quê, começam a rodeá-lo e não estudam nada! já se sabe que depois lá vem a pilhéria: “precisariam ser dirigidas de um outro modo, com tabela regimental para horas de labor e de recreação”... Teorias não faltam

aos homens; eu queria vê-los praticando tudo que preconizam! Lulu ainda hoje se zangou, porque o almoço foi muito demorado... ele tinha que fazer! Pois bem, depois do almoço deixou-se ficar sentado na mesma cadeira, mais de meia hora, olhando para as moscas! Dizem que os homens morrem mais cedo do que as mulheres; não creio; mas se assim for, é porque se fazem mau sangue com as suas exigências... As mulheres têm muito mais filosofia. O que o meu Lulu hoje consumiu, só porque o carteiro veio dez minutos mais tarde! O pior é que a cada uma das suas impertinências, eu me encolho assustada dentro da pele, e o efeito deste retraimento abala-me, por todo o resto do dia. Às vezes dou-lhe razão e julgo-me uma incompetente para dirigir qualquer coisa, como ainda hoje, quando ele exclamou com tão sincera entoação de desespero, ao ver o jarro novo do lavatório já rachado no fundo:

— Senhor! Só em minha casa acontecem destas barbaridades!

Não juro, mas desconfio que foi ele mesmo quem, sem o perceber, rachou o jarro, deixando cair dentro dele a navalha de barba... mas, fosse ou não fosse, a verdade é que para meu marido não há casa no mundo tão destruidora como a nossa! É verdade que já meu pai, quando perdia algum papel, ou via quebrar louça, punha as mãos na cabeça e desencavava do peito a mesma frase acusadora:

— Que casa esta! Não há em toda a terra outra em que semelhantes descuidos se possam dar!

Ele dizia aquilo com tamanha convicção, que supus sempre que pudesse ter disso uma certeza absoluta! Os homens sabem fazer-se acreditados até quando nos falam, a nós, mal de nós mesmas!

É célebre, quando meu marido não sai durante um dia inteiro, como hoje; tenho a impressão, realmente muito esquisita, de que a minha casa diminui! Salas, quartos, corredores, tudo me parece mais acanhado, como se as paredes se quisessem juntar para comprimir-me... Não é porque Lulu tome muito espaço, coitado, ele está bem magrinho... mas é talvez porque ele não para, está, como Deus, em toda a parte, a ponto de que, sabendo-o na sala e estando eu na

cozinha,sinto a sua presença na cozinha, de tal modo ele se faz o centro de todas as atenções! É essa exigência inconsciente da sua vontade que me quebra os braços e me alheia da minha individualidade, impondo-me uma subordinação que me inquieta e que tira à minha vida as únicas horas de independência... relativa.

Será falta de amor, o que me faz pensar assim?!... Não... eu amo Lulu... amo-o até o enternecimento! Mas se não é falta de amor, que espécie de sentimento será este, que produz tão singulares efeitos? Não sei... qualquer coisa de que eu nunca atinarei com o nome e que já fazia dizer à minha querida avozinha:

— Os homens não foram feitos para estar em casa!

E aí está: vovô não saía nunca! Vá uma pobre mulher ignorante entender essas sutilezas...

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

(Do livro “*Eles e Elas*”.)

O Paiz, ano XXIII, n. 08348, p. 1, 12 ago. 1907

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/14810

A AGONIA DAS ÁRVORES

EM UM DESTES DIAS SELVAGENS de calor terrível, fui pedir às árvores do Silvestre um pouco de sombra e de frescura. Tendo deixado o bond pelas alturas da Lagoinha, mais ou menos, caminhei a pé pela estrada, beirando a floresta, onde nos clarões do crepúsculo ainda as cigarras estridulavam valentemente.

Em geral, por aquele longo e sinuoso caminho do França ao ponto terminal da linha, só se passa de bond, e por isso ninguém tem das matas que o circundam uma ideia perfeita. O movimento do veículo e a, embora curta, distância que vai dele às margens da estrada, não deixam perceber nem a riqueza e variedade das plantas, nem tampouco o seu estado de conservação.

É para falar deste último ponto que hoje escrevo estas linhas, repisando um assunto em que me tenho talvez tornado enfadonha, pela insistência com que dele trato. Não faz mal. Na minha consciência resplandece a certeza de cumprir com isso um ato de patriotismo e de justiça e se não me importasse de parecer enfática, acrescentaria ainda: e de humanidade.

Em um clima como é o nosso, tratar da árvore, plantá-la, criá-la, ampará-la, é amenizar a vida do homem, quer física quer moralmente. Se a árvore sugere a pacificação, atenua também os rigores inclementes do sol e purifica a atmosfera que nos envolve. Tudo isto é, como diz o povo, mais que sabido, e, todavia, parecemos demonstrar de tal verdade uma ignorância de envergonhar os próprios analfabetos.

Andando devagar junto às rampas que de Santa Teresa descem até os vales do Andaraí e das Laranjeiras, observa-se, sem nenhum esforço de atenção, que as lindas matas que as acolchoam de verdura, carecem de um defensor atilado e paciente.

Cortada a floresta pelo aço dos trilhos e os fios da eletricidade, a vegetação parece perder um pouco da sua espontaneidade e retraindo a sua fecundação. As árvores, como que ofendidas pela audácia do homem impertinente, não se renovam, e deixam-se envelhecer e morrem com uma tristeza estoica e dolorosa. Nos seus troncos robustos de grossas nodosidades, insetos assassinos desmancham em pó as suas fibras sem resistência. Um pouco de zelo e cada uma dessas árvores, que embelezam a estrada, de que são mesmo o único ornamento, poderia durar ainda muitos e muitos anos, o tempo bastante para crescerem outras de igual ou de outra espécie, que lhes plantem ao lado, para mais tarde as substituírem. O mato deixa de ser mato desde que o sulquemos com um traço de utilidade pública. Levantar os ombros e dizer: aquilo é espontâneo, deixá-lo; é uma perfídia e uma falta de bom-senso. A terra, que estremece ao peso dos homens, não produz sem que eles se humilhem a pedir-lhe com mimo e cuidados que ela se digne oferecer-lhes sombra e beleza. As matas de Santa Teresa extinguem-se, se não lhes derem conservadores inteligentes, guardas ativos, que se oponham a que trepadeiras e parasitas-daninhas abafem as copas dos melhores exemplares de árvores, a que os buracos em troncos ainda vigorosos deem entrada a bichos roedores até ao cerne e à medula dos caules ou que a velha galharia seca irrompa dentre a ramagem nova de outros galhos, tirando-lhes a frescura e prejudicando-lhes inutilmente a seiva. É indispensável que esses guardas tenham autoridade para prender os rapazes vadios, que de arapuca ou de espingardinha andam pelo morro à caça de coleirinhos e de canários, roubando à floresta a música dos pássaros, entre todas a mais deliciosa. De resto, ainda são os pássaros os propagadores da sombra, que avoluma as águas e beneficia a terra, porque eles espalham as sementes, levando-as, como os insetos, da planície à montanha e da montanha aos valados.

Quem passeie a pé pelos mais lindos caminhos de Santa Teresa verifica que somos ainda uns selvagens, quanto ao carinho que dispensamos à nossa flora. Eu tremo pela sorte de meia dúzia de árvores belíssimas, inconfundíveis,

que há junto à estação do Curvelo, na parte alcantilada sobre as ruas Silva Manoel e Riachuelo. Estas árvores estão agora em plena florescência. Os seus cachos jaldes rutilam entre o verdor intensíssimo de uma folhagem compacta e luzidia, que se abre em forma de umbela feérica pintalgada de astros. A minha ignorância não me permite citá-las pelo seu nome verdadeiro, e não me posso fiar nas informações de acaso, em que tenho ouvido denominá-las de diferentes modos. Antes de me terem tirado uma certa ilusão a seu respeito, eu chamava muito convictamente essas árvores de — *ipês*, na certeza de que exemplares tão lindos e que tão lindas flores amarelas produzem, não podiam deixar de ser senão as afamadas árvores que a literatura indígena tem já decantado.

Pois se as matas de Santa Teresa, morro encravado bem no coração da cidade, tivessem defensores perspicazes e cultivadores carinhosos, certamente que essas árvores não se limitariam a ocupar aquele pequenino trecho de ribanceira, onde se despejam carroças de aterro que lhes afogarão talvez os novos rebentos das raízes. Se as ruas e as estradas deste bairro de refrigério, que pela sua topografia é um dos mais belos que possam existir em todo o mundo fossem policiadas por guardas de mata conscientes da sua missão, a estrada em que moro já estaria há muito ensombrada pelas acácias, murtas e magnólias que a margeiam e que o rapazio vagabundo e cruel tem lascado e feito morrer aos poucos...

A agonia das árvores tem uma expressão de sofrimento resignado, a doce filosofia dos fortes que se não queixam, e sabem sorrir até ao fim... Os seus troncos empalidecem pouco a pouco, as folhas pendem-lhes escorridas e moles antes de se despregarem de todo, e os seus galhitos quebradiços, que emergem das extremidades dos ramos, tremem à viração, oferecendo-se ainda para poiso às borboletas. Toda ela, a doce árvore moribunda, é tristeza: os vermes roem-lhe as entranhas, as raízes amolecem-se-lhe dentro da terra e ela reage ainda, estendendo os braços às aves para os ninhos, aos homens para a sombra... Morre amando, morre perdoando, em um longo suspiro de saudade e de ternura... e

nós, tão ingratos, fixamos impassíveis esse lento trespasse sem pensar em livrá-la de um mal que podemos combater com a certeza de êxito; nós tão ignorantes que nem fazemos um só gesto para obstar a queda definitiva daquela amiga protetora e suave!

Já que as autoridades competentes, segundo a fórmula e naturalmente a razão, não arborizam a formosa montanha de Santa Teresa, desde as suas raízes até ao seu cume, ladeando as feias ruas pedregosas, que por ela se encarrapitam nuas e maltratadas, de paineiras, jambeiros ou qualquer outra árvore de boa sombra e linda flor, que ao menos procurem conservar, curar, as plantas feridas da mata, que por ser natural não deixam de ser um dos nossos mais justificados orgulhos, e que engrinalda de esmeralda o morro abandonado...

Há, em certo ponto da estrada do França, um célebre vinhático, que tem adoradores platônicos, amigos raros mas fiéis, que não passam por ele sem um olhar de carinho e de respeito. Toda coberta de musgos e de parasitas, essa árvore vetusta faz crer a quem [assomar] nela, que a bondade é o melhor manancial de felicidade na vida e tanto dela se difunde esse sentimento que não [ilegível] por mera fantasia. [ilegível].

— “Eu tenho um velho amigo, em Santa Teresa, a quem nas raras horas de vacilação de minha vida vou pedir conselho. A minha consciência, quando abalada por uma dúvida, apela para ele como um crente para o santo da sua fé! Então isolando-me de todas as outras possíveis sugestões, parto para a estrada do França, onde ele vive, pensando em ouvir-lhe a palavra da razão e da verdade. E ele fala, a sua voz não me entra pelos ouvidos, mas pelos olhos, incitando-me à tolerância, à paciência, à bondade. Toda a irritação que eu leve n’alma desfaz-se à doce nobreza do seu porte tranquilo e percebo então que o que me fica dentro do peito é um sentimento que não me dará nunca nem inquietação nem remorsos. Esse amigo inspirador do bem é um velho vinhático ameaçado de morte, cujos galhos já em alguns pontos se desfazem em cinzas... mas que ainda dá seiva às parasitas e boas inspirações aos que o amam!”

A AGONIA DAS ÁRVORES

Ninguém se lembrou de acudir à agonia da árvore que se desfazia em cinzas... e foi talvez por isso que eu em vão a procurei com o olhar desorientado, aos clarões desse crepúsculo de fogo, em que as cigarras estridulavam delirantemente.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIV, n. 08495, p. 1, 06 jan. 1908.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/15034

UM POUCO DE FEMINISMO

É PRUDENTE NÃO SE RIREM muito da pretensão feminina ao direito do voto, tanto mais que esse riso não é dos que tonificam a alma, desinfetando-a, pelas suas rajadas salubres, da morrinha criada pela acumulação de melancolias velhas e tristezas mórbidas. Ao contrário, o riso que a aspiração ao direito do voto feminino provoca em muita gente é um riso malsão, porque rescende a escárnio e a ironia, armas que não resistem à força do tempo, que passa levando de roldão ideias e preconceitos, para só deixar de pé o que tiver sido exigido pela verdade e pela justiça.

É prudente não se rirem muito da pretensão das mulheres em votar nos homens do seu país para os supremos cargos da administração pública, para não passarem mais tarde pela decepção de verificar que perderam inutilmente o seu precioso tempo batalhando contra uma causa que anda por si e que chegará por si ao ponto que tiver almejado.

É preferível deixar a alegria para as coisas alegres, a ironia para os assuntos amargos ou ridículos, e observar com isenção e tranquilidade os movimentos que convulsionam a sociedade hodierna, procurando, para bem compreendê-los, estudar-lhes as causas fundamentais. O riso de mofa, que, sobre este caso engelha a face do burguês egoísta, é, além de ofensivo, inútil. Inútil, meus caros senhores, inútil.

Não é preciso ser-se sábio, nem aplicar à boca negra do poço profundo nenhuma lente especial na inquirição da verdade, para descobrirmos que o motivo verdadeiro, latente, dessa aspiração de interferência nos negócios da administração do seu país não brotou da vaidade nem da puerilidade das mulheres simplesmente bonitas e felizes, mas de outras causas mais poderosas e mais complexas: a razão, o sofrimento, a injustiça.

Se é prudente não se rirem da pretensão feminina ao direito de voto, que afinal redundará sempre em proveito do homem, porque será ele o eleito, também é quase burlesco eriçarem contra essa mesma pretensão punhais e lanças, na certeza de que não há ameaças nem ataques capazes de vencerem a tenacidade das mulheres tenazes.

A questão é de tempo; mais nada. Todas as mulheres empenhadas nessa contenda saberão esperar, porque nas lutas da sua vida íntima aprenderam à sua custa a adquirir paciência, que é a magna virtude para se suportar essas crises.

Direis que a ventania ainda não ruge sobre os nossos telhados e o que está longe não nos dê cuidado... mas lembremo-nos que para atravessarem os mares essas questões não comprem passagens nos transatlânticos e muito atrevidamente precedem até às vezes o próprio telégrafo.

A mim, que tenho os olhos voltados para outras aspirações, essa do direito de voto não me parece valer grandes sacrifícios; mas a minha humilde personalidade desaparece na vaga crescente de alaridos que engrossam, exigindo a criação de uma lei que confira aos dois sexos a escolha do governo do seu país comum.

É um sopro forte, bafejado por milhares de bocas, aquecido por milhares e milhares de interesses, esse que aí vem derrubando os mais enraizados e seculares preconceitos e que ditou agora a um homem de prestígio na velha e poderosíssima Inglaterra, país conservador, tradicionalista, insuspeito, a declaração de ser impossível recusar-se por mais tempo à mulher o direito do voto.

Ora não é naturalmente por temer as mulheres, que a política britânica acaba de conferir-lhes pela boca do seu ministro da guerra essa franca e formal revelação de apoio; mas porque a sua causa se lhe afigura afinal digna de ser atendida, absolutamente clara e justa.

Eu não chego a compreender com lucidez suficiente qual o verdadeiro motivo, o estribo forte da oposição em que se apoiam os governos, o que equivale

a dizer — os homens, contra essa aspiração feminina do direito de votar. Sim, porque me parece que elas não vão eleger macacos nem papagaios para os cargos públicos, mas os próprios homens que o seu tino ou a sua consciência lhes indicarem como os mais competentes para o governo dos municípios ou das nações e para a elaboração das leis, pelas quais elas terão de reger a sua vida.

O que vai acontecer é que só concorrerão às urnas (às urnas imaculadas e de que, pelo menos no Brasil, só tem saído, na forma de papezinhos brancos, a expressão de consciências impecáveis...) senhoras já emancipadas pela gerência de negócios, viúvas, cujos nomes assumam responsabilidades em firmas comerciais, proprietárias, médicas, advogadas, professoras, todas de quem o Estado tenha exigido alguma coisa e que se não tenham por isso conservado indiferentes ao Estado.

Os que não creem na firmeza e na independência do caráter feminino pensarão talvez que o perigo está em deixar-se a mulher fascinar pelas ideias do marido e, levada pelas suas cantigas, votar inconscientemente neste ou naquele nome que ele tiver sugerido. Nesse caso triste, ainda o voto da esposa submissa e moldável reforçaria o voto de um homem atilado e competente... auxílio que, parece-me, só as abnegadas podem recusar!

Mas tais fraquezas não serão frequentes, porque as mulheres ou são absolutamente indiferentes à política, e nesse caso não pensarão em votar como eu, como talvez a leitora e a maioria das senhoras; ou têm por ela uma consideração tão elevada que nunca a serviriam sem a máxima convicção e o maior critério. Afigura-se-me que a sua política será sempre conservadora e honesta.

A mulher quer a paz asseguradora da tranquilidade do seu lar, que defende de asas abertas, como uma águia diante do seu ninho. Não criou os filhos para o morticínio das guerras, para pasto bruto de ódios carniceiros, mas para a glória do seu amor e a doçura dos seus velhos dias. Se gasta todas as energias da sua mocidade em construir o futuro, entrelaçando os interesses da família aos

interesses da pátria, não será tão leviana que se atire depois sem ponderação nos labirintos de intrigas pequeninas de politiquice sórdida e repugnante. Há um lindo provérbio inglês que diz assim: a mão que embala o berço, governa o mundo (*the hand that rocks the cradle rules the world*) e não será essa mão que, interrompendo o abençoado labor de aquietar a criança adorada, vá deixar escorregar sorrateiramente, sem convicção, sem confiança, o voto em um homem qualquer de quem nada espere de bom, e que ainda indiretamente possa prejudicar a vida ou o futuro dos filhos que ela adora ou do marido que a ampara... Afigura-se-me que as mulheres estudarão muito o seu voto. Eu, por ter empenhado o meu às letras, desistirei, se algum dia tal liberdade for às mulheres concedida no Brasil ainda em minha vida, de o oferecer à política, eternamente incógnita aos meus olhos.

—

Há quem receie que a preocupação febril, devoradora, das eleições, enuble os semblantes das mulheres, enfeando-as com as rugas do cálculo e palidez do susto. Descansem.

O mundo não perderá o seu quinhão de beleza e de graça.

Os cenários podem transformar-se subitamente, como nas mágicas; mas, seja qual for a cena, sempre a mocidade traspassará com seus raios de ouro, luminosamente, a alma das coisas, enchendo a terra de promessas.

Não serão as mulheres ornamentais, Julietas ou Dalilas, que meditem sobre os problemas a resolver para que a vida se lhes torne menos penosa. Essas seguirão o seu curso satisfeitas com o imaginarem os processos de bem conservar a pele linda e os cabelos cetinosos.

Não há dúvida que o mundo lhes deve muito; porque sem a elegância dos acessórios de que se rodeiam, sem a harmonia dos gestos que cultivam, sem a clareza da voz, nunca abalada por um soluço, uma imprecação ou um grito, e em que tão doces rolam as palavras de amor, a terra seria mais triste do que a alma de Jó. Não tenham medo, que à legião brilhante dessas abelhinhas esvoaçadoras

nenhum senhor pai da pátria deverá nunca o voto, certo de que para o mistério das urnas só se inclinarão as cabeças grisalhas ou os rostos a que a meditação e o trabalho tenham já atenuado os fulgores, embora ainda cobertos pelos clarões movediços dos véus da idealidade...

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIV, n. 08502, p. 1, 13 jan. 1908.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/15096

REFLEXÕES DE UMA VIÚVA

... NESSA MESMA TARDE, quando mamãe me disse: “Teu marido morreu fora de tempo; ele deveria ter praticado esse ato de... distração dez anos antes ou dez anos depois”... lembra-me perfeitamente que fiquei tão indignada, que, para não faltar ao respeito à mãezinha, fugi da sala... escondi-me no quarto e chorei.

Aquelas palavras, ditas no tom mais natural deste mundo, pareciam-me profanar a querida memória do meu pobre Edmundo e espremer ainda um residuozinho da antipatia que, embora disfarçada, eu sempre percebi entre meu marido e minha mãe...

Isso foi... foi... quando, Judith?... espera... eu ainda estava de luto pesado, mas já não usava crepes... é verdade, tinha até vestido nesse dia o vestido que Aninha me fez... bem galantinho, por sinal... logo, foi há dois anos. Mamãe cosia na cadeira de balanço e eu descosia a minha capa, perto da mesa; tínhamos estado caladas por muito tempo, quando, levantando os olhos, vi os dela pregados em mim com uma expressão de piedade e de melancolia, como jamais vi em ninguém... e foi logo então que se saiu com aquela frase esquisita, quase absurda:

— *Teu marido morreu fora de tempo; ele deveria ter praticado esse ato de distração dez anos antes ou dez anos depois.*

A minha bobagem foi retirar-me, em vez de indagar a significação daquela queixa imprevista e extravagante... Agora é que principio a perceber a verdade... naquela hora o que sobretudo me molestou foi aquela palavra — distração — cujo emprego varou meu peito como um prego enferrujado uma parede caiadinha de novo... tanto assim que desdenhei penetrar no sentido da oração interrompida, e fui molhar de lágrimas o travesseiro solitário do meu leito de viúva... Ai! de mim, — supus que a mamãe levasse a sua malquerença de sogra,

pobre dela, coitada, até censurar um defunto pelos seus antigos desleixos e por se ter deixado levar por uma gripe à toa, de que escapamos todos em casa, moços e velhos, atacados como ele, e como ele socorridos pelo mesmo médico... Bem careiro, o tal Dr. Rocha...

Como são as coisas! Nessa hora não liguei importância senão a essa palavrinha vaga e impertinente que a mamãe disse talvez por engano e que bem pensado não me deveria causar alvoroço... Aí está por que em certas discussões desaparecem às vezes os argumentos básicos por detrás de um ou outro termo mal escolhido e que arrebenta por si para transfigurar a questão. Mas com o que eu gostaria de atinar seria com a razão por que essa frase, que me pareceu tão enigmática e ofensiva há vinte e tantos meses, se me afigura agora tão simples e tão justa... e ainda mais: por que se encravou ela na minha pobre cabeça desde que abri os olhos esta manhã!

Que maçada... chega a ser uma *scie!*... será por ter sonhado que o Artur Duarte vinha pedir a minha mão? O Artur... Sim, foi por ter adivinhado um Artur que a mamãe disse: "*Teu marido morreu fora de tempo*"; e com essa observação não criminava o Edmundo, mas fazia uma alusão a outra coisa, em que naquele tempo eu não pensava porque estava sucumbida: a minha idade! Era por isso que os seus olhos se entristeciam: via brilhar os meus primeiros fios de cabelo branco e enchia-se desta certeza: "já não lhe será fácil achar outro marido... e também não lhe será fácil conservar-se impassível às solicitações do amor... se meu genro tivesse morrido mais cedo uns dez anos, re floriria ainda no coração da minha Judith uma nova esperança, e estou certa de que se tornaria a casar e que talvez fosse mais feliz do que foi com o primeiro... Se, ao contrário, morresse dez anos depois, ele já a deixaria às portas do inverno da vida, prestes a tornar-se em gelo e em indiferença. Assim deixou-a numa quadra melindrosa, na estação dos clarões crepusculares, em que ela arderá como uma pluma numa chama, fingindo-se forte e insensível..." Doce mamãe, é agora que eu te compreendo, porque, apaziguada a dor da viuvez, a minha vida recomeça com maiores

exigências. Realmente, os casamentos deveriam em qualquer época da vida ser feitos por contrato temporário, de um certo número de anos: cinco, dez, doze... quem se desse bem renovaria o contrato, tal e qual como nas firmas comerciais; e quem não tivesse encontrado o seu ideal, esperaria pacientemente a terminação do primeiro prazo e serenamente, legalmente, sem escândalo nem [discussão, diria adeuzinho a um período da vida em que não tivesse encontrado a felicidade sonhada, e trataria de pensar em outro rumo. Essa circunstância natural não inibiria os ex-cônjuges, se tal lhes aprouvesse, de manter relações de cortesia e respeitosa amizade por todo o resto dos seus dias... Se eu me tivesse casado nessas condições, não teria vivido com o Edmundo os dezesseis anos e oito meses que vivi, isso é verdade, mas também não seria agora viúva, porque talvez já] me tivesse casado com o.. Artur...³⁰

Agora, não... é tarde, ele não teria coragem de se unir para toda a vida a uma mulher que daqui a meia dúzia de anos parecerá a sua mãe... não sei se isto que eu estou pensando será incorreto ou imoral: mas para alguma coisa valerá ao pensamento ser livre!

Vivi sempre atada ao preconceito como um cachorro bravo a um poste, e é talvez ainda por isso que me deixo devorar em silêncio nesta fogueira dos quarenta, que em boa e pura verdade não são mais que duas vezes vinte anos! O que o Brasil precisava, para gáudio das viúvas assim, era de um D. Sancho I, o Povoador, que decretou em Portugal a obrigatoriedade do casamento, não devendo escapar à lei viúva moça ou velha, feia ou bonita... E aí estava um rei sábio, um rei psicólogo! Embora digam que as viúvas casam mais depressa do que as solteiras, o que é fato, e não sei por que particulares atrativos as preferem os homens, — a verdade é que há algumas que renunciam a um segundo matrimônio, só pelo pudor de confessar nas bochechas inchadas do público uma nova paixão. Oh! o ridículo de uma nova paixão!

³⁰ N. da E.: O jornal reproduzido na Hemeroteca Digital está ilegível. A transcrição do trecho entre colchetes foi feita a partir da versão do texto publicado no livro *Eles e elas* (1910, p. 166), intitulado "Nessa mesma tarde".

Ainda quando os viúvos, eles ou elas, têm filhos, tudo se arranja menos mal... alude-se à necessidade sempre urgente de um segundo papai ou de uma segunda mamãe para os órfãos, às vezes já bem taludos, e que de toda a gente é a que melhor dispensa e menos perdoa o novo enlace... As comédias da vida real derivam sempre da hipocrisia... Quando uma ingênua e pobre viúva, como eu, não tem nem ao menos o pretexto de um filho, mas em compensação, aliás bem desnecessária, mostra já aos cantos dos olhos as rugazinhas fatídicas, que há de fazer? Quando uma mulher não tem gênio para se prevalecer do estado de viuvez, que é o único que lhe confere independência, e toda se deixa enlear ainda pelo medo do comentário alheio? Oh! para essa é mais clemente a fogueira indiana, que lhe reduz a carne amorosa a cinzas no mesmo dia dos funerais do marido, do que a vida em que ela se arrasta depois, na saudade do amor...

Realmente, meu marido deveria ter morrido dez anos antes...

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

(Do livro *Eles e Elas*).

O Paiz, ano XXIV, n. 08509, p. 1, 20 jan. 1908

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/15158

OS NOSSOS BARCOS

O Dr. João Marques aventou no *Jornal do Comércio* a ideia de se fazer no Rio de Janeiro, pela época da visita do rei D. Carlos, de Portugal, e também como sendo parte do programa da futura e já tão próxima exposição, uma revista de todas as nossas embarcações, desde as pirogas primitivas, cavadas pelos selvagens nos troncos das árvores mais leves, até os modelos aperfeiçoados que possuímos agora.

A mim, a ideia afigura-se-me felicíssima, não só pelo pitoresco que em si encerra e que constitui a meus olhos uma das suas qualidades primordiais, como por todas as outras considerações de estudo, comparação, técnica e história.

Basta folhear-se o livro do Sr. Antônio Alves Câmara — *Ensaio sobre as construções navais indígenas do Brasil* — para vermos que a variedade de tipos dos nossos barcos não é tão limitada nem tão incaracterística, que torne tal concurso desinteressante ou banal.

As próprias jangadas do norte, que julgo serem os modelos mais rudimentares e simples que em tal matéria possam existir no mundo inteiro, divergem entre si de construção ou de velame, segundo o capricho dos homens que as fizeram ou as necessidades impostas pelos mares mais ou menos bravos de cada Estado a que pertençam. Variando de tamanho, bem como de feitio, elas destinam-se a diferentes misteres: para transporte de cargas umas, para de passageiros outras, e estas já com a sua câmara abrigadora, — ou simplesmente para a pescaria.

E desde as pequenas, que têm as suas designações especiais, até as maiores, que são denominadas — balsas, todas essas jangadas têm a sua feição peculiar, o seu quê revelador da praia a que pertencem. A essas rudes construções do pau verde da apeiba e de não sei que outra árvore, liga-nos ainda, para maior interesse, o laço imaterial, e por isso mesmo imorredouro, da nossa literatura e da nossa história.

Quem não se lembrará, ao vê-las da formosa Iracema, de tez bronzeada e olhos constelados de sonhos, que a imaginação de Alencar criou numa hora de arrebatamento; ou não pensará no fogoso e indômito Peri, a caminho da morte ou a caminho do amor?

Mas, ainda mais do que essas aventuras indígenas, criadas pela ficção com mais idealismo do que observação da verdade, poetiza as jangadas a grata lembrança de que elas constituíram nos verdes mares bravios do Ceará veementes e invencíveis protestos contra a escravidão no Brasil... Mas a alma das coisas só transparece ante certas vistas apaixonadas, e não se deve apelar para ela senão quando não haja outros meios de interesse e de curiosidade, o que não acontece agora.

Por mim, confesso que estimaria ver flutuando nesta nossa maravilhosa e magnífica baía toda a sorte de embarcações usadas no nosso litoral e nos rios do interior do nosso país. Considero que a par dessas tremendas máquinas flutuantes que nos visitam, verdadeiras catedrais de ferro e de fogo, que são os navios de guerra, as humildes balsas, movidas a vara, com as suas casinholas de palha amarrada em gomos regulares, devem assumir ares de modéstia que a muita gente pareçam ridículos... pouco importa, elas que venham das cabeceiras do rio Purus, e que venham outras pelas águas claras ou turvas de outros rios, trazendo cada uma no cheiro da madeira de que é feita ou na forma por que é talhada, um vestígio dessas paragens quase misteriosas e que, por serem muitas delas bravias, não deixam de ser nossas nem de ser amadas... De todos os Estados, porém, suponho que será o da Bahia o que há de oferecer à exposição aludida mais variedade e maior número de exemplares.

Como quase sempre acontece com as boas inspirações, só agora, depois de lançada a ideia deste certâmen de construções navais e dos aparelhos de pesca usados pelos nossos arrojados e humildes pescadores, é que acho espantoso que ela não tivesse ocorrido há mais tempo, tão atraente a considero em todos os sentidos, eu, que, entretanto, não tenho da sua especialidade nenhuma noção

nem interesse particular. Depende talvez tudo de julgar um país como o nosso, de costas tão extensas, climas tão variados, rios tão caudalosos e paragens tão desconhecidas, deve forçosamente revelar gostos bem originais e dissemelhantes numa questão em que à prática se pode unir um pouco de fantasia.

Só na seção de canoas, desde as guerreiras, que assaltavam escunas estrangeiras em tempo de conquistas, ou dessas outras que desciam incólumes, numa vertiginosa fuga, as grandes massas d'água de enormes cachoeiras, até as *yoles* (?) com que os nossos rapazes civilizados disputam hoje os prêmios das [regatas], que de modificações de [exceção] e de alterações de estilos e [de nomenclatura...]

[ilegível] tem este ou aquele barco, mastreado ou não, com as velas alvejando no azul, como asas de cisnes imensos, ou apenas elevando a poucos palmos da superfície do mar as suas bordas desguarnecidas. Não sei que fio de poesia prende a alma do barco que foge à alma do homem que fica em terra firme, na segurança de um elemento sólido. Uma vela branca onde a luz do sol incida; um escaler que remadas rítmicas façam deslizar sobre o cristal partido da planura anilada; uma barça negra de carvão ou o casco alvadio de um vaso de guerra, seja o que for que parta sobre as águas inquietas e perigosas, evoca sempre em quem o veja um prazer mesclado de ternura fraternal, de bons desejos consoladores, como se todos esses cascos aparelhados tivessem perdido a sua materialidade, transformando-se em seres vivos e sensíveis.

Nós, que vivemos em um país marítimo, que interesse temos revelado pelos costumes dos nossos homens do mar, pescadores ou marinheiros rudes, ou pelo tipo das nossas embarcações, mesmo as mais comuns, de pesca ou de transporte de mercadorias, frutas ou legumes, que diariamente cruzam a nossa baía em tão variadas direções? Não me parece que tenhamos revelado muito... Dir-se-ia que nos faltam o instinto da arte e o gosto do pitoresco, que são duas cordas magníficas para fazer vibrar o patriotismo.

Na literatura embarafustamos para o interior das salas banais e, embora tenhamos um Xavier Marques, apaixonado pelo mar e sabedor dos seus segredos, e um poeta que define a expressão das velas arfantes e dos mastros riscando o espaço com os seus madeiros e a enervadura da sua cordoagem, a verdade é que permanecemos, nos livros, indiferentes ao espetáculo, sempre renovado, do mar, e à vida da gente que nele ou dele vive.

O Brasil não é positivamente um navio ancorado no oceano, como Castro Alves, usando de uma imagem de Heine, disse ser a Inglaterra:

*“O inglês, marinheiro frio,
Que ao nascer no mar se achou,
Porque a Inglaterra é um navio
Que Deus na Mancha ancorou...”*

Mas se o Brasil não é um navio, tem costas tão ricas, tão longas, vive tanto do mar e pelo mar, que a sua população, mesmo a mais afastada do litoral, sente a influência desse elemento e não desdenharia, estou certa, o curioso certamente projetado pelo Dr. João Marques.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIV, n. 08516, p. 1, 27 jan. 1908.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/15220

REFLEXÕES DE UM MARIDO

ESTOU BEM AVIADO... depois que minha mulher ouve tão repetidamente dizer ao pai que o querer é poder, não cessa de exigir do destino o sol, a lua e todas as constelações do firmamento! O maluco do homem não perceberá que a filha tem um espiritozinho de mosca e não atinge a significação perfeita de certas teorias? E de tudo o mais engraçado é que seja ele, um homem a quem a sorte sovou como um pasteleiro pode sovar a massa dos seus pastéis, quem apregoe meios enérgicos para conquistar o mundo? Onde estiveram sepultadas tantas aptidões, que ninguém as percebeu nunca? Agora então, depois de velho e de retirado da cena, sem dinheiro e sem prestígio, é que se põe, dos bastidores, a dar leis a quem está, como pode, desempenhando o seu papel. Mas isso enfim é a mania de toda a gente de idade, dar conselhos aos novos, alegando a sua experiência, mesmo que dessa experiência não tenha resultado nenhum fruto apetecível... no que eu acho infinita graça é na maneira por que ele põe agora em prática as teorias de certos livros que ainda caiu na asneira de trazer para casa... esses tais exercícios da vontade, com que os sábios procuram temperar o caráter das multidões ingratas, têm nele realmente um propagandista delicioso... A mim o que me custa é conservar-me sério quando o vejo, aos setenta e dois anos, estimular a sua vontade com ações que a contrariam, como tomar café sem açúcar, quando ele é mais lambareiro que uma formiga; ou não ler jornais, exatamente quando lhe arda a curiosidade de saber notícias do que se passa na sua cidade ou no mundo; ou oferecer charutos, quando o seu desejo foi sempre que os outros lho ofereçam a ele; ou ainda levantar-se, como se está levantando estes dias, às cinco da madrugada, para regar as flores do terraço, quando o seu regalo é ficar na cama até às oito horas...

Aí está, se eu fosse comediógrafo aproveitava-lhe o tipo, porque dentro da pele do meu sogro há mais assunto do que músculo e talvez criasse uma personagem com um certo sabor de novidade... Quando ele recusa os cigarros, que ainda lhe ofereço por delicadeza e um bocadinho de curiosidade, vejo no gesto com que ele repudia o meu oferecimento sinais inocentes de satisfação e de tabaco. Ele tem acabado de fumar no quarto, às escondidas, como no seu tempo de colegial.

Um vício entranhado no corpo desde a adolescência até a velhice, se não acaba por si no enjoo da saciedade, nunca é vencido pela simples disposição de quem o tem. Essas energias só antes dos quarenta. Mas nenhuma como aquela, ontem, de sair de casa a pé, com itinerário marcado, só para ir apanhar um seixo na álea esquerda do Passeio Público, e trazê-lo à filha como quem traz um anel. Esse foi mesmo um esporte especialíssimo e que ficará nos anais da família como um foco luminoso. Ainda se essas práticas que ele lê nos livros e procura realizar, não me criassem já alguns dissabores, pouco me importaria: mas o diabo é que minha mulher, a propósito de tudo, chama a minha atenção para os exemplos do pai.

— Faze como papai, não fumes. O tabaco é um veneno! — Faze como papai: não leias à noite, que faz mal à vista! — Faze como papai: não bebas vinho ao almoço, e ainda menos ao jantar!

E se afinal, enfadado, replico que não posso dispensar o meu copo de Bordeaux à comida, ela acode vivamente:

— Papai tomava um litro de vinho por dia e agora não toma nem uma gota!

Se berro contra a invasão de padres estrangeiros que está sofrendo o Brasil, ei-la que se apressa em fechar as janelas, recomendando-me:

— Sê prudente como papai, fala baixo...

Se espero o bond no portão do jardim, lá vai ela correndo aconselhar-me que vá até a cidade a pé, como papai, que isso estimulará o meu apetite para o almoço no restaurante... Se me zango porque meus colarinhos não estão suficientemente duros, ela defende logo a maldita lavadeira e acrescenta:

— Faze como papai, que só usa agora colarinhos de chita mole, não porque os ache bonitos, até os detesta, mas porque realmente são muito mais cômodos!

Se estouro uma frase mais forte contra tal ou tal fato político, Jesus! Nossa Senhora! por que não hás de ser tu indiferente por essa história como é papai?! E até se venho tarde para casa, como esta noite ainda, através do sono, com a língua pastosa e confusa, ela acha jeito de indagar:

— Mas por que é que tu não vens cedo para casa, como papai?

Oh! eu afinal não urro de desespero, porque apesar de não fazer exercícios de vontade, como meu sogro, sei perfeitamente dominar a minha impaciência; mas nada me irrita nem me altera como esta preocupação de minha mulher, de me querer amoldar às formas do seu paizinho! Tenho até medo às vezes de acabar por odiar o homem, de quem, afinal, sou tão amigo... e que respeito... Ele tem grandes virtudes... não há dúvida, mas tudo tem limites, e é preciso que umas coisas não passem as fronteiras das outras sem pedir licença. Se meu sogro continua a levantar-se ao romper do dia e a abrir toda a casa, e a fazer constar a quem ainda sonha que ele já está de pé, exercendo uma ação em duelo com o seu bem-estar e, sobretudo, se a filha me desperta para seguir o exemplo salutaríssimo de ir regar os ramúnculos ao despontar do sol, eu ameaço-a de ir de então por diante dormir num hotel. E vou. Vou para o alto da Tijuca ou para o Catete. E que se queixem. Quero ver depois... Meu sogro, coitado, não terá grande culpa, *il faut que vieillesse passe* com as distrações ao seu alcance, estou certo que nem ele pensa mesmo em corrigir com os seus *sports* indiretamente a minha suposta mandriice... A filha é que sem o pensar estraga tudo. Eu já deveria ter previsto que nos lares constituídos por mais de uma família há sempre

rivalidades... Sem o pensar, como uma agulha entre dois ímãs, minha mulher, ora se sente atraída por mim, ora pelo pai; e como ele e eu somos homens de hábitos, gostos, idades e ídolos diferentes, compreendo que ela se aturda, mas não admito que a propósito de insignificâncias de toda a ordem me pessegue diante dos olhos os exemplos do papai, como normas para o meu comportamento! Ele próprio não se deve sentir à vontade no papel que a filha lhe oferece, porque não há posição mais falsa nem mais difícil de sustentar do que a de modelo. É uma entalção e uma responsabilidade de mil demônios. [Modelos? nem nos *ateliês*! Até já me parece que ele cora, quando a filha lhe invoca as belezas do caráter. Se há nada melhor do que a gente poder agir sem a perseguição do comentário alheio! Para mim tudo seria ainda suportável se, contagiada pelas teorias de meu sogro, já minha mulher não sustentasse, como sustenta — que um homem de vontade forte domina o mundo — que, se eu quisesse, seria ministro das finanças, ou estaria à testa de uma comissão em Paris, com suculento ordenado e o rico do papai por secretário! Agora, felizmente, está num período manso, contenta-se com pouco, quer só um palacete no Rio de Janeiro, um *chalet* em Petrópolis, um automóvel]³¹ para “fazer o curso” e um adereço de pérolas; tudo isso saindo muito honestamente do meu bolso. Do que ela, coitadinha, não se lembra, quando diz tais coisas, fixando em mim os seus olhos magnéticos, é que os meus bolsos continuam furados desde o dia em que eu lhe pedi que nos cosesse!...

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

(Do livro *Eles e Elas*)

O Paiz, ano XXIV, n. 08530, p. 1, 10 fev. 1908.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/15348

³¹ N. da E.: O trecho entre colchetes foi transcrito a partir do livro *Eles e Elas* (1910, p. 100), uma vez que o jornal está ilegível.

O NEGREGADO ESPANTALHO

ASSEGURO-LHES QUE O TER-SE bom olfato não será qualidade invejável no Rio de Janeiro, enquanto existir ali assim naquele ponto pitoresco e central da Praia do Russell, o negregado espantalho da City Improvements.

Quando neste mesmo lugar que hoje estou ocupando, veio um dia uma crônica escrita com admirável clareza pelo ilustre engenheiro Dr. José Américo dos Santos, expondo o modo por que hoje se fazem os serviços de esgotos nas cidades mais adiantadas do mundo, sem nenhuma perturbação para a higiene nem para o ambiente das suas localidades, supus, com esta minha ingenuidade incurável, que, no mesmo instante em que cá estava lendo tais descrições, já o governo estivesse incumbindo o seu autor de as realizar aqui com urgência, com a máxima urgência. Na verdade, todos esses processos, observados e analisados por um profissional estudioso e de reputação feita, e descritos por um modo tão límpido e tão positivo, não podiam deixar de ser os melhores. Convencida disso, alegrei-me. Estas persuasões talvez pareçam mais absurdas do que de fato são. Ninguém me assegura, entretanto, — a verdade deve ser dita por inteiro, — se à vista da sua já tão provada competência, o distinto engenheiro foi ou não foi logo chamado a corrigir os defeitos do sistema dos esgotos do Rio de Janeiro; mas presumo, ou antes o meu olfato presume que não. E então pergunto a mim mesma — por que não?

Enquanto não encontro uma resposta elucidativa, vou sofrendo os efeitos de ter um magnífico olfato, sentido com que a natureza pensa talvez compensar-me da má vista. Não lhe agradeço a compensação, porque onde haverá flores bastante poderosas para vencerem na atmosfera a guerra insidiosa e nefasta do cheiro da City? O meu jardineiro já se queixa da falta de espaço para as roseiras e outras plantas odoríferas que eu encomendo e que ele vê entrar às dúzias pelo portão da chácara.

O mercado de flores lucra; eu arruíno-me, mas a chaminé ou o não sei que da City continua impassível a tomar conta do espaço, como se fosse tudo dela, para empestar a cidade e despoetizar a vida.

De que servirá à Prefeitura gastar um dinheirão louco em jardins e enchê-los de flores embalsamadoras, purificadoras, se aquela inimiga está continuamente bafejando sobre os seus canteiros variegados e lindos o seu hálito pestilencial de dispéptica imunda? Eis aí outra pergunta que também às vezes eu faço a mim mesma, sem maior nem melhor êxito do que a primeira. Dada a quantidade notável de jardins que há nesta nossa cidade, ela devia, senão rescender como um ramo de murta bem desabrochada, pelo menos não entontecer com a sua morrinha indefinível e enjoativa a gente a quem a falta de um defluxo infelicita. Eu esta semana fiz tudo por constipar-me, porque nesta semana a City excedeu-se, mas todos os meus esforços foram nulos. De dia ou de noite, pelas janelas abertas ou pelas fasquias das venezianas fechadas, o seu hálito indigesto, a que se mescla um adocicado de desinfetante, parecia soprar ao redor de mim. Alguém afirmou que esse cheiro não vem dos maquinismos da City, mas do mar... o mar empestado pelos despejos da cidade, que envenenam os peixes, e os homens, através dos peixes, e envenenam o ar, e os homens através do ar, e estragam a mais bela coisa desta nossa terra: — a sua baía azul, a sua famosa Guanabara!

E pensar que na crônica a que aludi dizia o autor que as matérias mais infectas se podem tornar em um líquido tão cristalino e tão inodoro como a água mais pura das fontes; e que assim transformados os despejos imundos não iriam ofender ondinas nem tritões marinhos, nem tampouco inocular venenos nos badejos e nos dourados que pomos em nossas mesas...

Essa água entraria no mar como fazendo parte do seu elemento. Mas quando deixará de ser o homem um inimigo da natureza? Vigiar e defender esta baía incomparável parece-me, entretanto, uma das nossas obrigações mais sérias.

Ainda uma destas noites, margeando a pé os cais da Lapa e da Glória, entre o despedaçamento das ondas na muralha e os renques de combustores que bordam todo aquele litoral com uma renda de ouro luminosa, eu (incorrigível bairrista!) pensava que em bem raras capitais no mundo será dado a olhos humanos gozar de uma vista tão ampla e tão sugestiva. A harmonia daquela linha que se curva airosamente, como se nessa pequena parte a terra estivesse ainda mais sôfrega do mar, a graça pitoresca, quase aldeã, do outeiro da Glória, surgindo, do coração agitado da urbs febril, como uma invocação de clemência e de paz; a tranquilidade daqueles jardins em que soluçam fontes e riem crianças; a linha de luzes do outro lado da baía, sublinhando com um longo traço resplandecente as praias de Niterói; e o rumor das ondas que morrem, e o bulício da gente que passa na fuga dos automóveis ou no passo cadenciado e luxuoso dos carros; as lanterninhas do alto dos mastros de navios indistintos na escuridão [ilegível].

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIV, n. 08537, p. 1, 17 fev. 1908.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/15416

O PAVILHÃO DE FLORA

LI QUE NA FESTA COMEMORATIVA do aniversário do mercado de flores, realizada no último domingo, o Sr. prefeito anunciou aos mercadores de plantas ali reunidos e a todos os convidados presentes, que para o ano essa solenidade será realizada em um novo pavilhão, ou, se não se me confunde a memória, novos pavilhões correspondentes talvez ao número de barracas hoje [existentes]. Tanto melhor. O mercado atual foi um ensaio, cujo êxito [anima] por certo empreendimentos menos tímidos. Aquelas tendazinhas frágeis, de que o sol e as chuvas comeram as cores dos toldos e que nunca foram acariciadas nem por uma leve mão de tinta branca, que lhes disfarçasse a rusticidade da armação de pinho, começam na verdade a precisar de um vendaval que as arrebate, mas que o não faça [antes] de serem substituídas por outras barracas mais dignas das flores que já ostentam e do ponto da cidade em que se fixaram.

Quem tiver prestado, uma pequena parte embora, da sua atenção ao movimento do comércio de flores no Rio de Janeiro, há uns poucos anos para cá, constatará os progressos do gosto do nosso público e dos esforços dos nossos floricultores. Toda a vida os meses de dezembro, janeiro e fevereiro foram meses áridos, em que o tempo poderia ser representado, com toda a propriedade, como um corpo de granito nu, em que o sol escaldasse. Hoje nestes mesmos meses rebentam flores nos canteiros, se não com a abundância das estações apropriadas, com o viço bastante ao menos para suavizarem o pensamento e a vista de quem as vê.

Mas é sobretudo nas vitrines das casas de sementes e de flores, e é no mercado da travessa Flora, que tal comparação encontra todos os elementos de contraste. As rosas já não são só representativas de meros sonhos de poetas e de mulheres elegantes, mas também do níquel sonoro que incita à sua reprodução.

Havemos de chegar à perfeição de plantar campos de violetas ou de cravos, como a prática Inglaterra planta campos de jacintos e de tulipas. O gosto da flor não esmorece, porque ele é uma das feições mais distintas da civilização e da arte. O Rio de Janeiro já atirou, com uma espanadela do seu último cocar, o último ramo artificial das suas salas de visitas para os abismos do esquecimento. O Rio de Janeiro compra grinaldas de jasmims odorantes, em vez de coroas de missanga inexpressivas, para as covas dos seus defuntos, e gardêneas para as lapelas das suas casacas, e orquídeas para as mãos da sua namorada e papoulas e avencas para a mesa do seu almoço... e uma vez adquiridos estes hábitos, ele jamais deixará de consagrar uma verba para a sua satisfação, assim como reserva uma para os seus charutos e outra para o seu barbeiro.

Há coisa de uma semana, disse-me um florista que em dias de chegada de paquete ao nosso porto o mercado de flores fica depenado em menos tempo do que o pode ficar uma galinha nas mãos de uma cozinheira hábil e apressada. Os estrangeiros em trânsito perguntam sobretudo pelas orquídeas. Pedem orquídeas com a mesma veemência com que um faminto pede pão. Na falta dessas flores indígenas, eles carregam outras para bordo, as mais lindas que encontram no mercado, deixando-o de todo desprovido.

Uma nuvem de gafanhotos não limpa mais depressa os campos que devasta. Somente, a nuvem dos gafanhotos é tão temível quanto a dos estrangeiros desejável: esta dá pitoresco à cidade e lucro, pelo menos aos mercadores de flores e de frutas.

Ora, se este nosso mercado improvisado à pressa tem conseguido resultados tão apreciáveis, tanto na propaganda da flor como na sua especulação mercantil, não é difícil prever o que alcançará outro elegante e artístico, onde as senhoras se vão fornecer de manhã dos ramos prediletos, sem correrem o risco de sujar as barras das saias no asfalto alagado do chão.

Embora na vida nada possa ter em realidade um caráter definitivo, visto que a própria Terra, segundo sentenciou Isaías, *há de vacilar, como um homem ébrio e será arrebatada como uma barraca construída para uma só noite*, a verdade é que tudo que tem uma feição provisória envelhece depressa.

O mercado de flores está caquético. De que lhe serve aquela alma primaveril que lhe transmitem as suas rosas, os seus cravos ou as suas açucenas, se o seu corpo frágil está a pedir muletas?

Felizmente o Sr. prefeito não lhe vai dar muletas, mas um corpo novo, faceiro, mas resistente, [ilegível] de rendas e [ilegível] na realidade do ferro, com [escoamento] para as águas, atmosfera fresca e moças uniformizadas para a venda das flores nos balcões. [ilegível]

menores acerca do casamento de miss Vanderbilt, com um conde húngaro, descreve como um dos maiores esplendores da festa a opulência das suas flores. Cada sala do palácio tinha a designação de uma cor e era ornamentada com flores em acordo com essa designação.

A sala vermelha era emoldurada e alcatifada de rosas vermelhas; a sala cor de ouro, de narcisos amarelos; a sala verde, de palmas e folhagens, e a sala branca, de cravos claros etc. A notícia, extraída dos periódicos americanos, não se cansou em descrever as tapeçarias nem o mobiliário dessa vivenda principesca e em que tais acessórios devem naturalmente ser de extraordinária magnificência. Para que perder tempo?

Se eu digo que uma sala cor de ouro é toda ornamentada de narcisos cor de ouro, dou ao leitor uma ideia muito mais brilhante dessa sala do que se lhe dissesse que tais e tais das suas paredes eram cobertas por tais e tais panos de Arraz, que os estofos das suas cadeiras eram bordados à mão a fios de prata, ou que os seus candelabros eram de tantas e tantas mil luzes. Quando o telégrafo nos transmitia a impressão de alta elegância dos *bouquets* oferecidos em Haya pelo Dr. Rui Barbosa, não se referiam à qualidade das finíssimas porcelanas que nesses jantares eram servidos, e que entretanto deveriam ser aparelhos de arte

típica com reputação secular, da Índia, de Sèvres, do Japão, da própria Holanda. Cada prato de sobremesa de cada um desses serviços custa, isoladamente, centenas de mil-réis.

Uma simples flor não chega a custar centenas de vinténs.

Pois, coisa bizarra, foi só das flores que o telégrafo relatou o supremo encanto e alto preço. Do finíssimo esmalte das louças, do lampejamento dos cristais, da cinzeladura da velha prataria magnífica, da trama de linho e das rendas das toalhas e dos guardanapos, nem pio. Para que perder tempo? Não valia a pena, desde que se citava o principal: a beleza das flores; o preço das flores.

Há dias a Casa Flora deu-me um lírio tigrino de uma alvura sem mácula, e que fez durante dois dias a glória da minha mesa de trabalho. Contemplando-lhe a forma esbelta e original, eu pensava na felicidade de poder telegrafar, já não a outros países, mas a outros planetas, indagando se também por eles haveria coisa tão linda... É que é consolador espalhar pelo Universo a fama do que é belo e do que é bom.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIV, n. 08544, p. 1, 24 fev. 1908.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/15478

OS BONDS

[ILEGÍVEL] CONFRADES de imprensa [ilegível] temos de manter [ilegível] cerrada contra as [ilegível] dos bonds no Rio de Janeiro [ilegível] que elas compreendam [ilegível] suas responsabilidades e [ilegível] como devem.

[ilegível] passa quase um dia sem [ilegível] mesmo nos jornais me-[ilegível] de informações, um ou [ilegível] acidentes em que um [ilegível] quando perca pou-[ilegível] embaixo das rodas de um [ilegível] alguns dedos das mãos ou [dos pés].

Embora os pobres dedos dos pés tenham perdido, pelo atrofiamento [ilegível] a integridade da sua forma e das suas funções, não me [parece merecerem] assim um destino [ilegível] e sumário. Uma unha que seja arrancada com violência [ilegível] e sem consentimento prévio do paciente é um crime punível e que brada por uma reparação imediata. Infelizmente, porém, a maior parte das vezes não são só unhas e dedos de pés que nesses medonhos acidentes ficam empastando o aço dos trilhos com a sua pasta sangrenta, mas outros órgãos de inestimável valia: braços, pernas, troncos ou crânios de indivíduos [ilegível], que andam mourejando nas ruas, ou de crianças sempre mal [atentas] ao perigo e que, colhidas repentinamente pelos carros, ou morrem logo ou ficam estropiadas para toda a vida, depois de um sofrimento horrível.

Se não houvesse contra tais desastres recursos preventivos, como há e como são postos em prática em outras partes, nós não teríamos aqui argumentos com que responsabilizássemos as companhias de bonds por cada um dos seus assassinatos nas ruas e praças públicas.

Se cada carro elétrico tivesse na dianteira o seu competente salva-vidas, o desgraçado menino que se entretinha na noite de sexta-feira a ver passar um cordão carnavalesco pela rua das Laranjeiras, não teria ficado com a cabeça esmagada sob as rodas de um bond...

Se cada um desses veículos, sem exceção, tivesse o amparo lateral de uma simples tábua correndo em todo o seu comprimento, na altura de uma polegada acima do solo, ninguém que escorregasse dos estribos e deles caísse poderia jamais entrar para debaixo das ferragens do seu pesado maquinismo. Essa precaução salvaria os próprios gatos. Se em todos, mas em todos os bonds, colocassem do lado da entrelinha as travessas proibitivas de entrada e saída por ali dos passageiros, ninguém cometeria a imprudência de saltar para a frente de carros que vêm no sentido inverso.

Afigura-se-me que nenhuma dessas precauções acarretaria despesas ruinosas para as nossas grandes empresas de viação urbana.

Talvez fossem mesmo de um dispêndio insignificante; entretanto, está algum de nós certo de que ao menos uma delas as execute?

Pois isso significaria alguma coisa que não vai mal a ninguém; sentimentos humanitários e respeito pela vida humana.

Meditando um pouco, as administrações de tais empresas devem notar que a família dos papalvos e dos abnegados se vai resumindo com uma pressa espantosa.

Em muito breve tempo toda a gente exigirá da parte que tiver provocado um desastre em si ou em pessoa sua, a competente indenização. É muito justo que um pobre diabo que ficou sem pernas ou sem braços e impossibilitado, por essa circunstância tão pouco do seu agrado, de continuar no trabalho que lhe garantia a subsistência, receba de quem o deformou uma quantia, que ao menos o deixe curtir em sossego, saudades de tal ou tal parte já enterrada do seu pobre corpo.

Evitando desgraças dessa ordem, as administrações zelam também, e superiormente, os interesses monetários da sua empresa. Ora, pois, não estou falando como uma egoísta.

Nenhum público do mundo, em cidade da importância e do movimento da nossa, faz tanto uso dos bonds como nós fazemos, e não creio que haja outra

tão mal servida. Não é preciso sair-se do país para constatar esse fato. Basta ir-se a São Paulo, onde estão há muito tempo já adotadas todas as cautelas que ousei apontar no começo deste artigo e onde, afirmam todos, esse trabalho da viação urbana é completo. A nossa desventura aqui está em que essas companhias, sabendo que não nos é possível dispensar-lhes os carros, porque os automóveis e os fiacres são ainda objeto de mero luxo, não procuram seduzir-nos com as [vantagens] que as leis determinam e a nossa municipalidade exige.

As nossas comodidades! [ilegível] obrigatórias traz inconvenientes, às vezes graves, como esse que há dias obrigou a lança do *coupé* presidencial a apunhalar um bond do Flamengo, que um gesto de um civil não teve poder para fazer parar, porque o poste branco ainda estava a uns tantos metros de distância e um motorneiro é o mais severo cumpridor de seus deveres.

A mim, que não me despraz andar, tanto que faço habitualmente grandes exercícios a pé, sempre que me acontece alterar o ritmo dos meus passos para alcançar um desses pontos de parada e não perder o bond que se avizinha, tenho a sensação de que se está passando um caso extraordinário na minha vida, porque ele alterará talvez a minha saúde e com certeza a minha paciência, visto que, ou alcanço o bond com palpitações de coração pela precipitação da marcha, ou vejo-o passar sem fazer caso dos meus sinais nem esperar por mim no poste branco, obrigando-me a ficar ao sol que escalda, ou à chuva que me constipa e estraga as plumas do chapéu, durante uns vinte minutos. É uma tragédia que deve ter sucedido a muitas outras senhoras que tenham perdido o bond na rua do Humaitá. Para esportes de paciência não conheço nada mais completo.

De nada vale às vezes o arrependimento, e parece-me que este é um dos seus casos.

Se valesse, eu estaria agora satisfeita, porque a voz do arrependimento já surgiu para as bandas de Vila Isabel, saindo de um peito que diz ter trabalhado pelas paragens obrigatórias dos bonds e ter-se convencido, depois da sua execução, de que elas não trazem ao público senão aborrecimento e transtorno. Só gabam semelhantes melhorias os que têm um dos postes brancos em frente da sua porta...

Mas não foi para estas últimas queixas que peguei na pena neste dia de mascarados e de riso. A bem dizer, quem pegou nela hoje não fui eu: foi a mãozinha fria e hirta dessa pobre criança, que eu nunca vi, e que se entretinha olhando para um cordão carnavalesco no meio da rua das Laranjeiras, quando um elétrico a atirou por terra e lhe passou, rangendo, por cima do crânio...

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIV, n. 08551, p. 1, 02 mar. 1908.
http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/15536

ETERNA FASCINAÇÃO

QUEM ACHOU o primeiro diamante brasileiro?

Ninguém pode sabê-lo.

Quando os brilhantes saíram do anonimato de simples *pedrinhas brancas boas para tentos de jogo*, já se tinha perdido a memória da mão a quem coube tal honra. Forte ou fraca, generosa ou sovina, essa mão talvez tivesse deixado escapar [indiferentemente] por entre os dedos a pedrinha branca, atirando-a para o fundo do mesmo córrego de que saíra e onde talvez durma ainda o sono tranquilo das coisas ignoradas. Quem faz caso dos seixos que pisa no saibro ou nas areias que reluzem? Só as crianças, que, não tendo consciência do tempo que perdem, se deixam seduzir por toda a espécie de brilhos, interrompendo o seu caminho para colherem do chão, aqui ou acolá, tanto um caco de vidro de cor como uma concha nacarada, tanto uma lâmina de mica como um pedaço de granito em que fulguem pulverizações metálicas. Mas a alma dos seres inertes tem, como a dos vivos, os seus mistérios e destinos. Aos diamantes colhidos por acaso nas lavras de ouro pelos mineiros, que só o ouro buscavam, foi conferida pela atribuição original: servirem de tentos ao jogo. O diabo estava já de olho aceso para insuflar no seio frio da pedra o fogo da sua ambição perturbadora. As pobres inocentes entraram na sociedade servindo aos vícios do homem, numa das suas paixões mais violentas: o jogo de azar — naturalmente o lotto que, pela sua falta de complexidade, deve ser tão antigo quanto a formação dos números de que ele se compõe. Por cima dos cartões sujos, quantas dessas lindas pedrinhas rolaram, parando, ora num ponto para marcar uma vitória e um lucro, ora noutro para atestar uma decepção e uma derrota.

Entravam assim mesmo antes da lapidação no seu papel de agitadoras de almas. Foi um frade, vindo de Golconda, onde já se minerava o diamante, que revelou aos mineiros a verdade estupenda: aqueles seixinhos leitosos e frios, que eles faziam ali representar um papel que quaisquer grãos de feijão ou de milho desempenhariam tão bem, valiam mais, muito mais do que o ouro, pelo qual se esbofavam; fulguravam nas coroas dos reis e nas mitras dos bispos; nas tiaras dos papas e nos diademas das rainhas e altas damas da corte, faiscando como raios de sol em águas claras ou como as mais esplendentes estrelas nas noites de verão.

O alvoroço deveria ter sido grande. Quando depois de um largo convívio com seres banais, eles se nos revelam superiores, há sempre um movimento de incredulidade na nossa surpresa. Assim os mineiros tiveram mais cautela em não perder os seus tentos (e quantos teriam antes rolado para o lixo dos seus colmados!) sem acreditar, contudo, que eles valessem o que a língua do frade dizia!

Entretanto, o segredo tanto tempo guardado no leito dos córregos mineiros atravessava o mar imenso e ia zumbir nos ouvidos de el-rei D. João V as suas promessas fulgurantes. Repicam os sinos, rebentam as festas, celebram-se *Te Deums* e procissões em todo o reino; parte um emissário de Portugal, levando ao papa amostras das pedrinhas brancas com que no sertão brasileiro os homens, cansados de trabalhar, marcam à noite os jogos em que se entretêm. E o papa, cercado de todos os seus cardeais, rende graças ao Todo Poderoso e abençoa com um gesto largo o rei feliz. Dir-se-ia que os brilhantes correriam com a impetuosidade de um Amazonas, através do mundo, enriquecendo-o e iluminando-o todo. Em aluvião, como as moscas de uma estrumeira, surgiu uma nuvem de ambiciosos, propondo-se vir buscar à colônia distante as pedrarias com que o rei sensual e beato cravejasse o colo das amantes e o trono de S. Pedro.

De humildes tentos de loto, ou de outro qualquer jogo de azar, as pedras brancas passaram a ser o melhor alvo da cobiça dos aventureiros, que por amor delas e sua aquisição se sujeitavam até às duras probabilidades de dez anos de

degredo em Angola, ou de castigos públicos no pelourinho, impostos pelas leis do reino! Não há bens dignos de nota, que não custem sacrifícios; tanto é certo que tudo que se alcança com facilidade passa despercebido. O frade de Golconda, antecipando-se a outra qualquer pessoa, que mais tarde forçosamente revelaria aos mineiros o valor real dessas simples *pedrinhas brancas*, não fez mais do que acrescentar dias de anseio à vida resignada de muita gente.

Começa então em Minas a luta desvairada à cata da pedra incolor de alma de fogo:

“O indomável cristal de fúlgidas facetas” cujas faiscações ateiam incêndios no espírito dos ambiciosos. E esse ardor aumenta à proporção que os lapidários mais famosos começam a afirmar que nunca em sua vida e longa prática tinham visto diamantes mais lindos, de uma candura tão perfeita, nem de uma chama tão intensa como os diamantes brasileiros.

Não havia quem passasse pelas beiradas dos córregos ou ribeiros que as não sondasse com a vista, na esperança instintiva da fortuna. Quem sabe? talvez surgisse do fundo das águas a mão serviçal do acaso, oferecendo-lhe nas pontas do polegar e do índice um desses raios de sol cristalizado...

Teria sido assim que essa mulher pobre e ignorante achou agora, inesperadamente, nas águas [ilegível]

Talvez que, se ela se tivesse afadigado na canseira de procurar tal pedra nesse mesmo ponto, dia e noite, noite e dia, não a tivesse encontrado nunca; mas como não pensava senão em encher a sua bilha ou em lavar a sua roupa, eis que o acaso, que só protege os inocentes, lha ofereceu. Esse brilhante não lhe adornará o colo, mas, como nos contos fantásticos, encherá a sua casa de fartura e de felicidade, ao mesmo tempo que provoque a inveja de muita gente que, dobrando-se sobre as areias daquele mesmo sítio, com os rins doloridos, os olhos em fogo, procure debalde outras pedras iguais a essa pedra maravilhosa. Oh! o eterno capricho da sorte e a eterna fascinação dos brilhantes!

*

À hora em que escrevo estas linhas murcham nos vasos e relvados do Palácio de Cristal de Petrópolis as flores que embelezaram a linda festa oferecida pelas senhoras da nossa sociedade ao grande brasileiro barão do Rio Branco. Associando-me em espírito a essa homenagem, felicito-me por ver as minhas patrícias significarem por um modo tão carinhoso e expressivo a sua admiração pelo homem a quem inegavelmente o Brasil mais deve.

Bom será que nos vamos acostumando a dar aos que bem merecem da pátria ou da humanidade o sabor da glória em vida, visto que, quando as glorificamos *post-mortem*, somos nós e não eles quem vem gozar a glória que eles conquistaram; de modo que a justiça da história implicará sempre uma injustiça pessoal e dela se não poderá derivar a utilidade que ela pode oferecer, isto é, servir de estímulo a novos trabalhos, novas obras, novas conquistas. Como já muitas vezes se tem dito e escrito, não há no nosso país, e em geral nos países novos, outro pagamento para o gênio, senão a glória. Ora, este é um pagamento que deve ser feito à vista.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIV, n. 08558, p. 1, 09 mar. 1908
http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/15590

REFLEXÕES DE UM MARIDO

— REPARASTE? POIS É SEMPRE ASSIM, filho, minha mulher é sempre assim: ora quer, ora não quer o que se lhe propõe e até muitas vezes o que ela mesma inventa. De resto, estou convencido de que as resoluções enérgicas não são frequentes nas mulheres que para os mínimos atos se perdem num dédalo de combinações. Mas a minha vence a todas, no tocante a perplexidades; é de uma indecisão de fazer perder a paciência a um santo de pedra. Fosse eu de granito, do mas duro granito, e já teria voado em esquirolas pelos ares, mas infelizmente sou de carne. A carne humana amolda-se ao sofrimento e aos caprichos da sorte, melhor que todas as matérias de aparência insensível.

Com certeza: há dias em que a minh'alma me dá tantas cambalhotas dentro do peito, que nem sei como não me salta pela boca fora.

Bem sabes que fui sempre um bom homem prático, de fácil orientação e inimigo de dúvidas; e irrita-me que minha mulher me faça perder metade da vida com as suas perplexidades atormentadoras; porque, não imaginas, é demais! Se pensa em dar dois passos para a frente, julga logo mais prudente recuá-los, de modo que não saímos do mesmo lugar. Idealiza com facilidade extrema empresas e negócios quase absurdos, achando sempre que as outras pessoas não fazem muito mais porque não querem; mas se trata de pôr em execução qualquer banalidade, gasta um tempo infinito em discussões (como esta que acabaste de assistir), e que me derretem os miolos, como o fogo derrete a cera.

As incertezas dos tímidos têm contágios terríveis e essa é uma das causas do meu desespero. O mais engraçado, e que tu ainda não sabes, é que quem teve a lembrança e fez a proposta de aproveitarmos hoje o domingo para um passeio de automóvel à Tijuca, foi ela: e logo que me viu aceitar o convite, saltou-lhe a primeira objeção: — Mas se chover?

Observa, e te certificarás de que as mulheres se preocupam mais com a chuva do que nós com a guerra. Chamei-a ao meu escritório, dei-me ao trabalho de examinar o barômetro e de tranquilizá-la. Ela ainda parecia mal convencida, olhando, ora para o barômetro, ora para mim, quando chegaste. Como estava combinado que só iríamos depois do almoço, não nos transtornaste os projetos, tanto mais que irias conosco. O resto, viste-o. Sem confiança no barômetro, ela volta e meia consultava as nuvens e desfiava o rosário dos temores: — “Não achas imprudente deixar a casa só com as criadas por tanto tempo?” “E se o automóvel se desarranjar no meio da floresta?... Eu descer a pé a montanha é que não desço.” “E se exatamente vier cá hoje a D. Estefânia, que há tanto tempo nos promete visita?”

“E o preço do automóvel? Não representará isso um sacrifício para a nossa bolsa modesta?”

À proporção que facilito as coisas, ela cria novos embaraços: receia uma enxaqueca... não acredita que possamos estar de volta à hora do jantar. Aí está outra das suas manias: a hora certa das refeições, como se tivéssemos pensão! Os olhos ardem-lhe no desejo de ir depressa para os divertimentos que ela mesma improvisa, mas a língua ao mesmo tempo desenrola-lhe obstáculos que os transtornam.

Nesses: ora vou, ora não vou, que te pode a ti parecer uma brincadeira sem consequências, gastam-se horas suficientes para a execução de um trabalho de arte que dê glória eterna, ou para a realização de um negócio que renda muito dinheiro. É o que se chama estragar a mocidade.

Se o caso de hoje fosse único, eu não diria nada; mas, com raríssimas exceções, é sempre assim. Ela gosta muito de teatro.

Não há mulher que não goste muito de teatro; pois se convido a minha para irmos a qualquer espetáculo, ela responde vivamente — que sim, para logo atalhar — que não... e depois acenar-me que espere um momento e concluir com esta palavra terrível: — talvez! Este estado dúbio irrita os gênios, ao mesmo tempo que amolece a vontade.

Eu ainda não pude fazer compreender à minha mulher que só as ações enérgicas têm a virtude de desdobrar a vida, enquanto que as outras a enrolam e amarrotam.

Uma criatura indecisa faz-me lembrar uma pessoa que ande aos pulinhos, ora num pé, ora noutro, em vez de caminhar logo para a frente em passadas regulares e firmes.

— O que me parece é que és casado com uma senhora de muita reflexão.

— Ora, não valia a pena estares tanto tempo calado para te saíres com essa tolice. Certamente que minha mulher tem muito juízo. Nem eu viveria com ela se a não considerasse assim. Somente, ela excede-se em ponderações.

[— Crês que isso seja um mal?

— Creio que, se antes de executar qualquer ato, mesmo o mais insignificante e permitido do mundo, o pesamos tão escrupulosamente como o vendeiro pesa a manteiga] que vende, reduzimo-lo a bem pouca coisa, ou a coisa nenhuma.³²

É o que acaba de acontecer ao passeio da Tijuca. Derreteu-se como a manteiga. Pois queres saber quantas vezes fui ao telefone encomendar o automóvel? Quatro.

Sabes quantas vezes fui ao telefone dispensar o mesmo automóvel de vir buscar-nos? Outras quatro.

Quando minha mulher percebeu que a sua última recusa tinha sido definitiva, entristeceu-se. Percebi-lhe o arrependimento: vi-a olhar para o céu numa última consulta e suspirar. Nunca o céu esteve tão azul. Se eu quisesse então, seria fácil decidi-la, mas estava cansado. O diabo é que eu formara os meus planos, que tiveram de ser abandonados por esse passeio, que se não fez. Tinha decidido ir procurar o Ramos...

— Por que não tiveste a franqueza de dizer isso mesmo à tua mulher?

— Porque ela se lamentaria logo à noite e amanhã até a tarde, de não ter realizado o seu passeio lindo e higiênico, só por amor de uma visita entre homens. Eu gosto que ela se divirta.

³² N. da E.: O trecho entre colchetes foi transcrito a partir do livro *Eles e Elas* (1910, p. 85), uma vez que a cópia disponibilizada pela Hemeroteca contém trechos ilegíveis.

— Mas então por que a não convenceste de ir?!

— Porque, quando o conseguisse, já seria tarde.

As mulheres persuadem-se que o tempo é de borracha e pode ser esticado ao gosto de cada um. Calcular a duração dos minutos é uma operação que raras executam bem; dir-se-ia que esperam que o tempo as sirva. É a falta de ocupações metódicas que lhes gera essa suposição. Conheces objeto mais inútil do que um relógio de mulher? O da minha só trabalha quando eu lhe dou corda. Sei que há exceções, mas esta é a regra, e julgo-me com o direito de afirmar que, se há inúmeros maridos que, assim como eu, acertam os relógios das esposas, não há talvez nem uma esposa que faça o mesmo ao do marido. Conheci um desgraçado que antes de sair para o seu emprego acertava todas as manhãs, além do seu, sete relógios: o da mulher e o de cada uma das suas seis filhas.

Isto parece que constituía para ele uma espécie de divertimento! Só na velhice é que as senhoras observam com exatidão o correr das horas. É que então o tempo já não espera por elas...

— Pareceu-me ouvir a tua chamar-te.

— Há de ser para dizer-me que, se tivéssemos ido à Tijuca, estaríamos lá de cima gozando este poente magnífico, e que afinal a D. Estefânia não veio. Como se a culpa fosse minha.

— Talvez não seja para isso; em todo caso digo-te adeus; antes, porém, dize-me só uma palavra a respeito de política: aceitas ou não a comissão da Câmara?

— Homem, se queres que te fale com franqueza... não sei...

Por um lado a coisa convém-me, por outro, não tanto... Hás de crer que esta noite mal pude dormir, pensando nisso? Que farias tu no meu lugar?

— Aceitaria, sem hesitação.

— Sim?... pois eu não sei... Estou numa perplexidade horrível.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

(Do livro *Eles e Elas*)

O Paiz, ano XXIV, n. 08565, p. 1, 16 mar. 1908.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/15648

A FORÇA DOS FRACOS

[ILEGÍVEL] OS MEUS QUINZE ANOS, [quando li] um conto inglês de que [ilegível] o nome. O seu autor [ilegível] Dickens. Essas páginas [ilegível] com esforço, atra-[ilegível] consultas ao dicionário [ilegível] parte de uma seleção [ilegível] uso de escolas, recheada de [ilegível] brancos e prosa antiga. [ilegível] livro teria soçobrado na [ilegível], se não se tivesse [ilegível] a sua forma material [ilegível] brochura cor de man-[ilegível] o capítulo a que aludi e que [ilegível] originalidade da sua construção e veracidade das suas personagens [ilegível]-tava dos outros trechos [ilegível] e clássicos, como [ilegível] de carvão numa [ilegível].

[ilegível] eram operários hu-[ilegível] de pele queimada pelas ventanias dos descampados, pelo sol cáustico de estios inclementes, ou pelas [nevadas] de invernos longos e [ilegível]. As suas mãos grossas e calejadas mostravam unhas e pele entranhadas pela graxa negra com que nas estradas untavam os trilhos ou nas estações os eixos das máquinas e dos vagões, e os seus olhos, raiados de sangue, cintilavam uma única e interessante expressão: a da vigilância. Aquela sociedade de blusas e de bonés, cheirando a sebo nauseabundo, falando uma língua rude, imprimindo na lama a forma brutal dos seus sapatões acalcanhados, era tão humana, tão poderosa na sua humildade, tão simpática no seu sacrifício, que se fixou no meu espírito como uma revelação da vida numa das suas feições nunca antes suspeitada.

A literatura fazia-me compreender de chofre uma coisa que não é fácil imaginar na adolescência: os vários nivelamentos das classes e o peso da injustiça com que arcam as mais humildes.

Lembro-me confusamente do enredo do conto, não afirmo mesmo que a minha imaginação não tenha de algum modo, em todo o caso inconscientemente, colaborado nele; parece-me que se tratava de um vigia que, para salvar um comboio de passageiros que lhe aparece inesperadamente na estrada numa noite branca de Natal, atira-se para o meio dos trilhos erguendo bem alto o olho rubro da sua lanterna, espavorindo a solidão dos campos com os seus gritos de alarma. Essa dedicação pela vida alheia não esperava sequer uma compensação. O último cálculo daquele cérebro inculto deu o resultado previsto: a paragem do trem para a verificação do fato deu tempo a que outro trem, que vinha em sentido inverso, atravessasse a ponte negra, suspensa a mais de cem metros sobre um rio caudaloso e onde as duas locomotivas se teriam beijado de face, rudemente, furiosamente, num choque mortal.

A responsabilidade dos maquinistas, vigiando estradas através de nevoeiros, apertando *breaks*, movendo alavancas, enchendo caldeiras e graduando marchas, está nessas mesmas páginas adoravelmente fixada por um episódio destituído de interesse dramático, mas absolutamente penetrante.

Um maquinista provector, Jim Martin, se me não atraíça a memória, gabola das suas qualidades técnicas e da sua coragem bem experimentada, confessa ter tido medo um certo dia, numa das suas viagens.

Por quê? porque dessa vez levava no trem o seu único filho, um pobre pequeno raquítico, que ia para o campo gozar as férias. “Eu tinha atrás de mim vinte carros, dizia ele depois, e em todos via o meu querido Bill”.

O progresso, que vai furando túneis, lançando pontes de margem para margem sobre abismos, contornando rochedos, atravessando florestas, devastando feras e criando cidades, vai também aumentando a horda dos sacrificados ao bem dos outros. Para que durmamos tranquilos nos trens noturnos, quantos homens rondam pelas estradas desertas, quantos avisos correm pelos fios telegráficos, e que esforço de atenção e de cuidado despende o pessoal limitado que vai conosco e a quem está confiada a guarda da nossa vida!

No delírio vertiginoso das viagens, atrás de uma verdade, de uma missão ou de um consolo, quem pensa na hora presente, nesse instante de perigo em que um simples movimento de distração de um homem pode fazer naufragar, com a nossa vida, todos os nossos sonhos? Ninguém, porque nunca se pensa tanto no futuro como durante as horas de [uma] viagem. Nessa confiança que [depositamos] nas classes modestas e [ilegível] que tão bem servem às [nossas] comodidades e aos nossos [ilegível] é justo que se entrelace [ilegível]

definitiva, desastre ou velhice, esses mesmos associados reclamam amparo, e na contribuição para os seus funerais e o luto para a sua família, quando morrem, senti ressuscitar-me no espírito, numa dessas ginásticas intelectuais frequentes na vida, esse abnegado vigia de uma estrada de ferro imaginária, sacrificando a sua existência em benefício de centenares de existências desconhecidas... Foi como uma invocação para esclarecer-me e chamar o meu interesse para esse grêmio de homens desde os mais altamente colocados, diretores, engenheiros, chefes de seções, até os pobres guarda-freios, os esbraseados foguistas ou os alquebrados engraxadores de trilhos de mãos negras, rostos tismados, olhos congestionados. E é para estes que a conquista moderna das mutualidades tem uma significação mais consoladora e mais simpática.

Na sua associação a fraternidade não é uma palavra vã. Quanto mais humilde, mais trabalhosa e mais arriscada é a profissão de qualquer operário, mais lhe sorrirá a ideia de que os seus superiores hierárquicos, de futuro assegurado e nome ilustre, se reúnem a eles nos dias bons para a resistência dos maus dias, e que nesse amplexo são todos irmãos.

A festa da Associação da Estrada de Ferro Central do Brasil vai com certeza ser uma linda festa e gratíssima a todos os que sabem que essa associação despende anualmente, só em pensões a viúvas e a órfãos, nada menos de cento e cinquenta e cinco contos de réis. Folheando um dos seus relatórios, topo em um discurso do Dr. Aarão Reis, primeiro presidente fundador da Associação, e que

A FORÇA DOS FRACOS

presidirá agora à festa do seu aniversário como diretor da Estrada de Ferro Central, uma frase que exprime bem a função sublime da mutualidade, afirmando que ela é *mais bela do que a caridade evangélica, porque à esmola que humilha o espírito e confrange o coração substitui o direito, que enobrece e que conforta...*

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIV, n. 08572, p. 1, 23 mar. 1908

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/15706

ZOLA E O PANTHÉON

É ABSURDO QUE AINDA se discuta em França o mérito de Zola, e que no próprio seio do seu parlamento, em roda de homens necessariamente cultos, alguém tenha tido, há poucos dias, a coragem de levantar a voz para vilipendiar a obra formidável desse grande mestre, que o mundo inteiro respeita como um gênio vi[brátil] a todas as formas do sentimento humano, como um poeta de extraordinária comoção, e como um homem de suprema justiça.

[A opinião burguesa] apanhou, agachando-se, a palavra — imoralidade, como qualquer garoto pode apanhar do chão uma pedra, ao acaso, e é com ela que persiste em ferir de face o nobre [monumento] que ele tão consciente e trabalhosamente construiu com os seus livros maravilhosos. Verdade é que as pedras voltam para as mãos que as lançam, como que [recambiadas] por seres vivos e sensíveis. É que os assuntos dessas páginas, em que as imagens e as palavras se unem como as árvores das nossas florestas virgens, não são meros brinquedos da imaginação, mas um espelho cristalino da sociedade e do mundo. De que falam elas? De tudo: do amor da terra e da brutalidade do homem que a cultiva; do poder do ouro, da hipocrisia, do ódio, das manhas políticas, da ganância do comércio, das conquistas dos religiosos, do amor, da verdade, da ciência, da arte, da fome e da miséria. A dor é a suprema inspiradora dessa alma aberta a todas as lamentações dos humildes. O seu poder auditivo é assombroso, assim como é assombrosa a agudeza do seu raio visual.

Vê os mineiros dentro do negro seio da terra: não os lamenta do alto com adjetivos enternecidos, — seria uma exibição de sentimentalismo inútil — mas desce com eles até o mais fundo ângulo das galerias tenebrosas, arqueja com eles no mesmo trabalho especulado e oprimido, agoniza com eles, morre com eles e, quando recobra a sua entidade de narrador, não descreve o que imagina ou observa de relance, mas o que sabe porque sentiu, porque sofreu.

Por isso, ele lida com as suas ficções com a honestidade e a isenção de quem lida com homens, imparcialmente, sem pensar em escrever romances para entreter ócios de ninguém, nem só para desafogar a sua vocação, mas para documentar fatos sociais e reproduzir aspectos do seu país em certas e determinadas épocas.

Os tipos de bondade de Emílio Zola dariam uma galeria magnífica a quem quisesse destacá-los dos seus contos e dos seus romances, sem a intenção de os apontar como perfeitos. Não há indivíduo, seja qual for a sua raça, o seu meio ou a sua educação, sem, pelo menos, um ponto fraco. Verdadeiro até a medula, o romancista não atenuava as falhas das suas melhores personagens, porque a sua intenção não era inventar, mas criar, como a vida.

Assim, essa galeria teria uma superioridade sobre todas as outras do mesmo gênero: a de ser humana, a de representar seres de carne e osso, e não de cera e carmim. Há homens idealistas e bons, mulheres de olhos cândidos e riso são, crianças meigas e sinceras no meio da multidão combativa, dolorosa e ardente dos livros de Zola, verdadeiros cinematógrafos de antros e de praças públicas de ideias e de expansões. É certo que com isso ele não enriqueceu a biblioteca rósea das meninas solteiras, mas deu aos homens e às mulheres de reflexão uma literatura, amarga sim, mas profundamente verdadeira.

Já me pareceria, por isso, absurdo negar ao Zola romancista o direito de entrar, depois de morto e a tudo indiferente, para o Panthéon da sua terra: mas mais absurda ainda a hesitação qualquer que pudesse ter havido ante o Zola defensor da justiça da França.

Não tendo conseguido um lugar na Academia, quando essa distinção de algum modo poderia alvoroçá-lo, não é às suas cinzas frias que a honra do Panthéon vai fazer nada. Os herdeiros do seu nome não precisam também de glória maior do que a que lhes ficou com esse mesmo nome. Toda a questão agora é da posteridade cumprir um ato justo e de assinalar uma glória nacional das que mais ilustram a França e que maior solenidade derramará pelos abobadados subterrâneos da casa dos grandes mortos.

Como protesto a essa consagração póstuma, já felizmente decretada, houve uma voz rancorosa pedindo a retirada dos despojos do marechal de Lannes do mesmo Panthéon! Essa voz, segundo o telegrama sobre que escrevo este artigo, é de um Sr. Duque de Montebello, naturalmente descendente do marechal que tirou do mesmo título. Como documento de ódio não conheço nenhum mais perfeito; é de fazer estremecer de espanto e de redobrar a simpatia pelo grande espírito do [ilegível]

da sua espada de guerreiro e pelas audácias de Napoleão. Subiu até a culminância da sua posição por uma escada de cadáveres, derramando sangue nas conquistas ferozes da sua época. Foi um matador, enquanto que Zola foi um criador; foi um insuflado pelo poder de Napoleão, enquanto que Zola não deveu nada a ninguém. Estabelecer a comparação entre os dois é uma insensatez absolutamente ridícula. Se a incompatibilidade dos homens perdurasse além da morte, o marechal Lannes não teria remédio senão resignar-se a ir procurar outra morada menos pomposa e mais compatível com o seu merecimento.

Para Zola o Panthéon não basta.

A França deve mais ao romancista da plebe ignara, ao amigo das multidões anônimas, desencavador de tormentos ignorados, punidor de vícios de taberna e de crimes de estrada, da hipocrisia das sacristias, das tolices da burguesia e das mentiras profissionais da política, que todas as más fraquezas a sua pena estigmatizava vigorosa e impávida. A França deve mais ao cantor das suas noites lindas e dos seus campos fecundos, dos seus bois mansos e dos seus cavalos de guerra, dos seus bosques cheirosos e dos seus rios, dos seus velhos cemitérios, em que cada sepultura invoca uma saudade; da sua capital imensa, vista sob as claridades do alvorecer ao sol posto, do sol posto ao alvorecer, fustigada de chuvas, sacudida por ventanias, branquejada pela neve, dourada pela primavera, com as suas pontes, as suas torres, os seus zimbórios e os seus palácios, entre os quais o Panthéon, descrevendo no azul o seu perfil de um sonho... A França deve mais, muito mais ao cantor da Fertilidade, da Verdade, e ao defensor da justiça: deve-lhe uma estátua e há de fazê-la.

Verão então os descendentes de todos os marechais de Lannes, que fulguem na história pelas douraduras das suas fardas, muito mais que pelo brilho do seu talento, que aos pés do simples homem de letras serão depostas coroas de flores, não só por franceses, como também por estrangeiros simbolizando a admiração universal.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIV, n. 08579, p. 1, 30 mar. 1908

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/15752

ADEUS, MEDICINA!

NUM DIA DA ÚLTIMA SEMANA saía eu do meu editor, depois de ter assinado mil e quatrocentos exemplares de uma obra reeditada, quando topei com o amabilíssimo Dr. Flávio Fróes. Através do meu cansaço, vi que tudo reluzia nele, numa fulguração de novidade. Os olhos, remoçados, despediam chamazinhas curtas de alegrias mal contidas, o queixo, bem escanhado, apontava a multidão, desassombrando a gravata clara, picada por um pequeno diamante negro; a cartola redobrava a intensidade de todos os seus reflexos; as unhas pareciam feitas de cristal cor-de-rosa; desde as pontas das botas até as voltas do colarinho, tudo parecia nele disposto para uma aventura galante.

— Vai pedir alguma moça em casamento?

— Não, respondeu-me ele; vou montar, no Rio de Janeiro, um estabelecimento de cura, completamente novo nos anais da terapêutica de todos os tempos, e quero ver se a senhora é capaz de adivinhar por que processos.

Declarei-me logo incapaz de adivinhar, fosse o que fosse. Depois de ter escrito mil e quatrocentas vezes a mesma coisa, eu só poderia ter aptidões para dormir; mas, antes ainda, ia tomar uma xícara de chá na Cavé; se ele quisesse, que me acompanhasse até lá. O Dr. Flávio Fróes é um cavalheiro sobejamente conhecido, para que eu precise ajuntar ao seu nome qualquer adjetivo explicativo; todo o mundo aqui o conhece tão bem como eu. Aboletados em frente ao bule de chá, comentei:

— O seu plano não me explica o ar luminoso em que o vejo hoje envolvido.

Só o amor costuma transfigurar assim as pessoas.

— As ideias novas têm o mesmo condão.

— Trata-se, então, de uma coisa absolutamente inédita?

— Absolutamente inédita.

- Ainda bem que inventou qualquer coisa...
- A bem dizer não inventei.
- Mau. Querem ver que se trata de algum hospital hidroterápico?
- Qual!
- Homeopático?
- Também não...
- Alopático?
- Ainda menos.
- Espírita... sugestionador...
- Nada disso... A senhora já ouviu falar em Legendre?
- Um domador de feras?
- Não! um homem de ciência.
- Jamais. Que fez esse Legendre?
- Estudou a influência dos exercícios de automóvel sobre o organismo humano e a sua eficácia num certo número de doenças.

Depois dele, outros pesquisadores têm alcançado verdadeiras revelações no assunto e feito curas assombrosas por intermédio da trepidação dessas máquinas e das correntes de ar que elas deslocam.

- Para que espécie de doentes são propícios os automóveis?
- Para todas. A influência deles age sobre a pele, as vias respiratórias, a circulação, o sistema nervoso e a vista: cura as varizes, a diabete, o artrismo, a tuberculose, as afecções do coração — menos o amor — a gota, o raquitismo, a anemia, a nevropatia, e até mesmo em alguns casos pode fazer o mesmo que o Supremo Tribunal.
- Como assim?!
- Decretando *habeas-corpus* para certas prisões. Ar, luz e movimento — é a trindade perfeita, em que repousa o sistema moderno de curar.

Morrer na cama não é nem para heróis nem para os filhos, mesmo os mais modestos, do nosso século febril. Eu, quando me sinto irritado, aborrecido, cansado, com ímpetos de cometer barbaridades, entro num automóvel, ordeno um passeio longo com marcha graduada a meu gosto e pouco a pouco readquiro a tranquilidade perdida e invade-me um bem-estar, que nenhuma dose de bromureto ou qualquer outro calmante me proporcionou nunca... Como sabe...

— Não, eu não sei nada.

— ...o automobilismo exerce uma ação enérgica e sumamente benéfica sobre o sono. O indivíduo que sofre de insônia dorme como um bem-aventurado, após um exercício de automóvel, em que o ar o zurziu, porque o seu aparelho respiratório foi bem ventilado e o sangue se lhe refrescou, num repouso divertido. A mecânica intromete-se na vida do homem moderno com inaudita coragem. Não devemos ser tão tolos que a desprezemos.

— É baseado, então, nessas teorias, que o senhor pensa em fundar no Rio um estabelecimento de cura por automobilismo?

— Por força. A medicina agoniza, minha senhora. Já ninguém crê em xaropadas nem em gotas dinamizadas e a filosofia ensina-nos que mal por mal, antes gemer num automóvel, ao ar livre, beirando o amor azul, entre canteiros de flores, crianças que riem e estátuas que alvejam na nudez do mármore, do que gemer entre lençóis amarrotados, num quarto, a que a nossa febre dá um bafo quente e um cheiro desagradável. Mesmo em casos extremos, reflita comigo, não será muito mais consolador o automóvel do que uma poltrona ou uma cama? Esperar a morte olhando para uma parede não é muito mais covarde, e muito mais estúpido, do que encará-la ao ar livre, em face de um horizonte colorido por todos os tons do prisma, em que se desmoronem castelos de nuvens luminosas e passem revoadas de andorinhas? Certamente que sim. De resto, há ainda sobre essa vantagem uma outra vantagem de ordem prática e muito digna de consideração: a de, tendo um indivíduo exalado o último suspiro num automóvel, com os olhos embebidos no azul libérrimo, poder ir diretamente para

o cemitério, escusando todas as solenidades das câmaras mortuárias, convites de enterro e *toilette* oficial. Assim, ele entra no cemitério como por sua livre vontade, o que é para um homem uma questão de magna importância. Estou convencido de que o automóvel veio ao mundo para desbaratar todos os velhos costumes sociais. É um reformador implacável e por isso mesmo triunfante. Este ar de alegria, de bem-estar, que notou em mim, tenho-o naturalmente, desde o minuto em que, influenciado pelas leituras científicas a que aludi, tomei a resolução de estabelecer um sanatório monstruoso numa das florestas que circundam a nossa cidade, fazendo irradiar dele largas estradas magníficas sem vestígios de trilhos, e montar ao serviço desse sanatório, nas suas dependências, uma *garage* completa, relacionada com os melhores fabricantes do mundo...

— Sim, senhor; é uma empresa...

— É uma empresa científica, de resultados previstos. Que doente preferirá as outras especialidades à minha?

Legendre, Dr. Mouneyrat e outros propugnadores da influência do automobilismo sobre o organismo humano não sonharam sequer em fazer coisa semelhante.

— E o capital?...

— O capital é o de menos, minha senhora; o capital arranja-se.

A fé com que o Dr. Flávio Fróes disse estas palavras impôs-me uma certa admiração. Eu sempre admiro as pessoas que arranjam tudo sem pestanejar. Ele continuava:

— Vai ver automóveis de todos os feitios, preparados para todos os estados patológicos, mais brandos ou mais duros, com vidros de cores, sem vidros ou com vidros foscos, com correias para segurança dos agitados, com leito para comodidade dos moribundos. Ir desta para a outra vida em automóvel já deve ser um regalo! Tenho aqui a cópia de uma carta para os Estados Unidos, em que peço informações positivas sobre os automóveis do grande Edison, movidos a cobalto.

É mais barato sustentar um automóvel a cobalto, do que sustentar um cão.
Quer que lhe leia a carta?

— Deus me livre!

— Bem, isso já a não interessa, porque é uma coisa de ordem puramente comercial, e agora só tenho a pedir-lhe desculpa de...

— Oh, doutor!

...não ter ido à sua casa há tanto tempo; mas breve lá irei, para conversarmos sobre este mesmo assunto!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIV, n. 08586, p. 1, 06 abr. 1908.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/15822

CARTA ABERTA

AFASTO DE MIM, sempre que posso, a comodidade de responder neste lugar às cartas que me são dirigidas, mesmo às que o são só pela minha qualidade de escritora, e que se referem quase sempre a fatos ou a comentários já expostos por mim em artigos anteriores e que são de interesse geral. Creio mesmo que esta é a primeira vez que, em lugar de me servir discretamente do correio, eu me aventuro a responder a alguns dos meus correspondentes nesta carta aberta, certa de que ela lhes chegará às mãos mais depressa do que as suas me chegaram às minhas.

Geralmente as cartas abertas excitam pequeno interesse. Não há como o sigilo de um envelope bem colado para impacientar a ação de uma leitura. Notem que, quantos mais pingos de lacre pesem num sobrescrito e mais ignorados sejam os seus sinetes, mais intenso é em toda a gente o desejo de saber o que esse sobrescrito contém, tanto o mistério é o eterno sedutor das almas. Por essa razão já Francisco Rodrigues Lobo, em um dos seus eruditos e interessantíssimos — *Diálogos* — dissertava sobre essa parte banal das cartas como sobre um assunto de feição importante. E já agora, para que estas linhas tenham hoje um ponto literário, transcrevo desse mesmo — *Diálogo* — da *Côrte na aldeia*, que a leitora nunca teve naturalmente tempo de folhear, este período explicativo, que vem a propósito: “Este nome, Carta, é genérico, e teve origem de uma Cidade do mesmo nome, donde foi natural a Rainha Dido que por o amor que tinha à sua pátria, pôs à que edificou por nome Cartago.

E porque em Carta se inventou primeiramente a maneira em que se escrevia (ou fosse papel, ou outra coisa semelhante a ele), tomou dela o nome, como de Pérgamo o pergaminho. É para saber que nos primeiros tempos quando se inventaram as letras, escreviam os homens nas folhas das árvores: como ainda

hoje nas da palmeira escrevem os gentios de algumas partes do Oriente; as Sibilas nelas escreveram suas profecias: e assim se chamaram a seus escritos, folhas Sibilinas: e ainda na linguagem Portuguesa se conserva alguma coisa desta antiguidade, pois dizemos folhas de papel sem o papel ter folhas, mas é em lembrança das primeiras que se usaram na escritura.” O assunto não para aí, estende-se por todo o largo capítulo com a plasticidade e sabedoria mais para inspirar uma conferência do que um artigo, tanto mais que não se trata agora de literatura, mas de um ato de cortesia.

Imaginem os senhores meus correspondentes que, por uma dessas circunstâncias, perfeitamente compreensíveis nos escritórios onde há muitas gavetas e muito trabalho, as suas cartas, os seus livros e seus postais dormiram sepultados por outros papéis um soninho preguiçoso de alguns meses, e terão explicado o meu silêncio. Como ordinariamente envio os meus artigos para a redação por uma outra pessoa, e como esses artigos chegam quase sempre ao seu destino numa hora vertiginosa de trabalho, nada mais natural do que tal esquecimento. Mas agora? Agora, saudações de boas festas do despontar do ano, entre estas, as das minhas colegas Carmen Dolores e Chrysanthème; pedidos para me entreter nestas palestras com assuntos que já perderam a atualidade; reclamações, cumprimentos, versos do norte, versos do sul, folhetos, romances, e a minha mesa coalha-se de embaraços, porque não sei por onde começar!

Pelos livros? Mas eu não sou crítica, e deixo sempre a outra seção desta folha essa atribuição, que me não é fácil e que é, com certeza, ali muito mais bem desempenhada do que por mim. De resto, eu mal tive tempo de folhear esse bonito volume das *Heras*, de Sabino de Magalhães; dos *Prismas*, de Josino de A. Salles; do *Intruso*, de Augusto de Sá, e dos folhetos do almirante Alves Câmara, porque tenho pressa de dirigir a todos os meus agradecimentos, e devo ainda, já agora, responder a alguns períodos de algumas cartas.

O Sr. Luiz Prado escreve-me de Minas, em 1 de janeiro, dizendo que, por sugestão de um artigo meu sobre um jardim de orquídeas no Rio de Janeiro, lembrou-se de arranjar o que no gênero lhe fosse possível arranjar nas florestas mineiras, para trazer à capital, para a exposição deste ano.

Como naturalmente essa coleção lhe custará alguns sacrifícios, pede-me que lhe adiante uma ideia sobre o sucesso que tal certâmen poderá obter.

Endereço à comissão da exposição o pedido do capitão Luiz Prado, colecionador de orquídeas, a quem já o *Estado de S. Paulo* se referiu como a um entendedor de fino gosto. É possível que, desanimado de receber a minha resposta, esse senhor tivesse tomado a deliberação de se dirigir diretamente aos organizadores da exposição.

Tanto melhor se o fez; não teremos assim perdido tempo.

Saiba, entretanto, quem organiza a seção de floricultura na praia Vermelha que em Muzambinho, Minas, existe um colecionador de orquídeas disposto a concorrer à próxima exposição.

Será prudente aproveitá-lo.

É caso de lhe mandarem um telegrama urgente e, quem sabe? talvez ainda não seja tarde.

Sobre o modo de escrever esta palavra — *orquídea* — um anônimo enviou-me de Santos, em 27 de fevereiro, um cartão postal, censurando-me o francesismo de acentuá-la na última sílaba.³³ Não, meu senhor; a gentileza com que me fez tal reparo mereceria já por si a minha atenção, se eu ainda não me quisesse prevalecer dele para reclamar mais uma vez dos senhores revisores que deixem as minhas *orquídeas* tais como as escrevo na minha letra, notadamente feia, mas clara.

³³ N. da E.: a palavra era grafada assim: *orchidea*.

Perfeitamente de acordo, passo a responder ao Sr. H... que, vendo a sua linda chácara do Cosme Velho e Silvestre (porque vem do vale, ao alto da montanha), invadida por garotos, que trucidam, a golpes de machadinha e a lentos vaivéns de serrote, as mais belas árvores do seu pomar, me incita a escrever mais ainda sobre o assunto, tentando despertar a atenção das autoridades e do público para a proteção às nossas matas... Tivesse a minha pena força e prestígio tamanhos, e nas ramalhudas árvores dessa, como de todas as chácaras e florestas do Rio de Janeiro, os doces ninhos proliferariam em paz.

Em uma outra carta, também de fevereiro, um velho agricultor do Estado do Rio pede-me que me dedique à campanha dos pomares, interrompendo a das flores. Nessa carta há dados interessantes a respeito dos laranjais da Califórnia (filhos dos nossos laranjais) e cálculos assombrosos sobre o que poderia dar ao Brasil o comércio dos pêssegos do Rio Grande e do Paraná, das nossas tangerinas e laranjas seletas e das mangas e abacaxis do norte.

As cifras atrapalharam-me um pouco, e, só para obedecer ao espírito de propaganda que me aconselha o missivista, aludo já a essa carta, que deve ser estudada com reflexão.

Saudações do senador Antonio José de Lemos, de Antonio Moreira, de Aluizio Azevedo, o romancista nunca esquecido no Brasil, e de quem o Brasil reclama mais livros; saudações de outras pessoas que não conheço, e de que só me aproximam os meus escritos, remoçaram estes dias de outono, dando-me a ilusão de uma era que começa...

Há ainda uma página política, de 1 de março, onde se me pede uma sentença, quando eu mal poderia dar uma opinião. A política é para mim uma espécie de mascarada, ora coberta de andrajos, ora de lantejoulas, mudando a cor da face como a dos vestidos, sem consentir que eu lhe adivinhe os justos contornos do seu verdadeiro corpo.

CARTA ABERTA

Bela às vezes, hedionda outras vezes, atraente ou repulsiva, ela é muito complexa para ser apreciada pelos que não convivem aqui na sua intimidade. Felizmente, essa carta chegou tarde...

Abro a última; é a mais comovedora. Vem de longe, da vila Silvestre Ferraz, no sul de Minas. Leio-a, e os olhos fulguram-me como os de uma aleijadinha a quem estendam, quando ela menos espera, um bordão florido.

Realmente, o meu correspondente tem razão: as simpatias anônimas são *uma das origens da força de um escritor*.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIV, n. 08593, p. 1, 13 abr. 1908.
http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/15884

ELES E ELAS

- MAS SE É ASSIM, o senhor nosso genro é um velhaco de marca!
- Talvez não seja tanto como pensas. O que me faz cismar é a tristeza da Lolota...
- Ela não te fez nenhuma confiança?
- Nenhuma.
- Interroga-a.
- Não.
- Ora essa, por que não?!
- Porque não há nada mais melindroso do que inquirir de uma mulher qual o comportamento do seu marido. Embora ele tenha barbas como um bode e manchas como um macaco, é sempre em tais casos a personificação da bondade na terra. Sei-o por experiência própria.
- Quê!?
- Quando muito, transigimos em conceder-lhes alguns defeitinhos leves, os indispensáveis para fazermos lembrada a sua origem humana.
- Pões agora a história no plural e envolves-te nela? Tem graça...
- É só para te fazer lembrar que todas as mulheres verdadeiramente amantes de seus maridos, quando sentem necessidade de se queixarem deles a alguém, invertem a queixa em elogio.
- Que magnanimidade!
- Magnanimidade ou tolice, esta é a verdade. Todas as mulheres são fáceis em inventar atenuantes para as culpas dos maridos. Só uma ofensa muito rude e muito direta tem força para abater nelas essa compaixão, que, bem examinada, não será talvez senão um dos característicos do nosso amor próprio; porque a verdade é que não há mulher que consinta em passar aos olhos dos outros, principalmente aos da própria família, por esposa infeliz.

— Quantas se lamentam sem razão nenhuma!...

— É o que te parece. Quando uma mulher chega a queixar-se do marido, é porque tem dele ofensas muito graves. Lembra-te de tua irmã, que remendava os defeitos do marido com virtudes de tamanho efeito, que não enxergávamos nele senão qualidades...

— Essa era uma tola.

— E eu?

— Tu?!

— Eu nunca me queixei das tuas ausências nem infidelidades... lembra-te da...

— Ora adeus; o que lá vai, lá vai. Não é disso que se trata agora... mas de salvar a Lolota... a nossa Lolota... enquanto é tempo... Ela há de estar morta por desabafar... não tem irmãs... não tem amigas...

— Sim, ela há de ter necessidade de expansão... mas não dirá tudo já...

— Isso dependerá do jeito com que lhe falares...

— Já te disse que não lhe falarei. O sentimento feminino é uma coisa muito delicada.

Se ela vier espontaneamente, dir-lhe-ei então o que penso.

— Mas a tua obrigação é intervir e defender a felicidade de tua filha.

— Entre uma mãe e um marido — a mulher escolhe sempre o último.

— Seja ele como for?

— Não digo tanto; falo daqueles que a nossa dignidade comporte...

— Desejo que minha filha seja discreta, mas não quero que leve a sua submissão até o servilismo. O tempo das escravas passou. Se o badameco do meu genro não a considera como deve, cá tem o pai para a proteger e fazê-la feliz...

— O nosso poder não vai tão longe!

— Ora se vai.

— É pasmosa a confiança que os homens têm em si! Olha, aí vem a Lolota.

— Fala-lhe.

— Não...

— Pois falo eu.

— Não faças tal!

— E é já...

— Vem cá, minha filha, senta-te aqui, entre teu pai e tua mãe... assim... falávamos justamente a teu respeito; tua mãe está preocupada com o teu estado de saúde... acha-te pálida... mais magra... com olhos de choro... Que te amofina? Dize; sabes que estamos prontos a fazer tudo pela tua felicidade... não quero que nos ocultes os teus desgostos, persuade-te de que os nossos conselhos só poderão servir para desvanecer as tuas dúvidas, se as tens, ou os teus cuidados — e sê franca... não respondes?... Bonito, agora choras! Mas por que choras, filhinha? Estarás porventura doente? Dói-te alguma coisa?

— Não...

— Nesse caso... quem te vir assim há de julgar que teu marido... Pior, agora soluças!... Mas o teu marido parece um rapaz correto... um bom rapaz...

— Ele... é... bom...

— Se ele é assim não vejo motivo para chorares, nem para andares tão taciturna...

— Estou triste porque ele matou o Yago... não é por mais nada.

— O Yago?... o teu cachorrinho? oh! mas isso foi uma brutalidade sem nome. Um animal de estimação, que me custou três libras na Europa! Estás ouvindo, minha mulher?! O velhaco do nosso genro...

— Mas papai, ele matou o Yago porque o Yago lhe ferrou os dentes na perna e parecia danado! Se ele o não tivesse matado, a estas horas eu também estaria mordida... talvez morta!

— Bem vês, meu marido, que o nosso genro *teve razão* em fazer o que fez.

— Hum... qual danado! Um cão de três libras! Mas vamos a saber: é por amor da morte do Yago que andas agora sempre de escuro, como uma viúva?

— Não... é porque os vestidos escuros resistem mais... Eu não posso estar todos os dias pagando grandes róis de lavanderias...

— Por quê?!

— Porque... ele... não... me dá dinheiro...

— Ouviste, minha mulher? Ele não lhe dá dinheiro! Mas é a principal obrigação de todo o homem que se casa dar dinheiro à sua mulher! Não sejas tola, minha filha, pede-lho. Por que é que ele não te dá dinheiro?!

— Porque ele não o tem, papai! Com a minha doença gastou o que tinha e o que não tinha...

— Com a tua doença...

— Bem vês, meu marido, que o nosso genro, *se não dá dinheiro à sua mulher*, é só porque não o tem! Nenhum de nós ficaria contente se ele o fosse roubar.

— Deixa as tuas considerações para depois. Agora diz-me tu, Lolota, francamente: não tens razão de queixa de teu marido?...

— Eu?... não!... ele é muito meu amigo...

— Sim... não pode deixar de ser teu amigo... mas... deixa-te muitas vezes à noite sozinha em casa, hein?!

— É verdade que ele vai muitas vezes ao teatro sem mim... mas...

— Mas... mas que, Lolota? diz!

— Mas também é verdade que se eu não vou com ele é só porque não quero.

— Bem vês, meu marido, que se a nossa filha não acompanha o marido ao teatro *é só porque ela mesma não quer*; não ficaria a ele bem levá-la à força e de rastos...

— Pelo amor de Deus não intervenhas! Escuta, Lolota: não acostumes teu marido a sair à noite sem ti. Compreendo que te custe deixar as tuas comodidades caseiras; mas acredita que a gente às vezes sai a contragosto e depois diverte-se. Sempre que ele for ao teatro — vai com ele.

— É que ele às vezes não me diz para onde vai!

- ... Se ele não te diz é manifesto que te não convida!
- É que ele passou dois dias sem falar comigo...
- Quê?!
- Que dizes!!
- Mas... é que eu já lhe tinha dito que se ele me falasse eu não lhe responderia!
- Bem vês, meu marido, que o nosso genro foi prudente...
- Qual prudente, qual nada!... olha, minha filha: vou comprar-te outro cãozinho... e amanhã irás à cidade escolher um bonito vestido claro e um chapéu de flores próprias para a tua mocidade... manda-me os róis da tua lavanderia... e, quando quiseres ir a qualquer espetáculo, fala comigo! Vais-te vestir de branco e fazer-te bonita. Cá está teu pai para apreciar-te... Não te quero infeliz...
- Eu sou muito feliz... mui-...to...
- Então não chores... ..
- Vai descansar... ..
-
- Trataste a Lolota como se ela fosse uma boneca...
- Ora... mas é que afinal de contas...
- Afinal de contas é uma mulher, meu amigo.
- É uma criança, e revolta-me vê-la acabrunhada. Começo a compreender que a educação da mulher só tem servido para a criação de mártires ou de hipócritas, e não quero que a minha Lolota seja nem uma nem outra coisa...
- A tua Lolota tem vinte anos...
- Sim... vinte anos... agora é tarde... e a culpada foste tu, que, tendo experiência do sofrimento, desenvolveste nela sentimentos de submissão e de inferioridade!

— As imperfeições que agora condenas nas mulheres são as virtudes através das quais vocês nos respeitam e nos amam. O mundo ensinou-nos a criar os filhos para a liberdade e as filhas para os homens; o erro vem de longe e requer muita coragem para ser emendado.

— Qual coragem! Apraz-vos o cativo, é o que é. Essas palavras até ficam mal na tua boca.

— Não terias dito o mesmo há vinte anos...

— Sim, teria; e agora o que te peço é que ao menos ao pé da Lolota procures termos de reação que a induzam a movimentos ativos.

— É tarde; nós já lhe imprimimos um outro feitio muito diferente.

— Todo o tempo é tempo de acordar uma consciência e esclarecer uma razão.

— A única razão na vida, para as mulheres como a nossa filha, é o amor. E o amor da Lolota, pelo menos agora, não nos enganemos, meu marido, não sou eu nem és tu: é ele.

— Ora adeus! então nós...

— Nós fomos; e sirva-nos isso de consolação.

— Isso não é consolo, é asneira. O que não é justo é que assistamos à infelicidade de nossa filha sem que procuremos intervir, para minorá-la.

— Mas intervir de que modo?

— De qualquer; se fosse preciso, eu não hesitaria nem em separá-los...

— Os casais separados pela intervenção alheia não encontram alívio na separação, mas antes motivos para ódios e rancores. Nem ela nem ele nos perdoariam nunca tal ação. Por mim, acho que devemos esperar em silêncio que a crise passe; ou, se não passar, que eles se afastem um do outro por deliberação própria. Acossada por uma grande borrasca, Lolota saberá amar-nos como nos tempos de criança. Mas esperemos que tal não se realize, e que, para a felicidade de todos, ela continue a ser mais do seu marido do que nossa...

ELES E ELAS

— Em todo caso...

— Em todo caso dá-lhe o cachorrinho e o vestido que lhe prometeste... e vamos jantar, que são horas, certos de que, no seu giro pela terra, de um modo ou de outro, o sofrimento bate em todas as portas...

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

(Do livro *Eles e Elas*)

O Paiz, ano XXIV, n. 08600, p. 1, 20 abr. 1908

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/15940

OS NOSSOS CAMPÔNIOS

CHEGA O TEMPO de nos recolhermos das vilegiaturas no campo; e qualquer de nós, sendo franco, confessará trazer uma impressão desconsolada quanto à beleza, à saúde e ao pitoresco da nossa população campesina. Todas as vezes que tenho saído da cidade para passar uma temporada em qualquer dessas cidadezinhas, vilas ou aldeias do interior, mesmo naquelas de mais afamadas águas e melhores climas, só tenho visto transluzir rubores de saúde nas faces bem tratadas dos habitantes dos hotéis ou das pensões, forasteiros a que o repouso, a novidade e o propósito de gozar imprimem uma expressão em contraste com a dos naturais do lugar. Entre os homens, essa diferença não chegará a ser notável; mas entre mulheres e crianças é quase dolorosa. As crianças que vão do Rio, mesmo as colegiais, depauperadas por um ano de estudos mais ou menos fatigantes, parecem exuberantes rebentões de primavera ao lado das roceirinhas criadas e mantidas no ar cheiroso e libérrimo das povoações serranas, inocentes e salubres. Qual a razão por que os nossos filhos, que respiram nesta fornalha, de quase um milhão de habitantes, que frequentam colégios amontoados de gente; que andam calçados desde manhã até à noite; que se alimentam como adultos, de pratos condimentados, e trabalham intelectualmente, são alegres, são ágeis, são robustos, e esses garotinhos das montanhas ou das restingas são tão chupadinhos, tão amarelos e tão desconfiados? Qual é o mal que tão voraz e silenciosamente corrói a gente pobre do nosso campo e a torna tão feia e tão nula? A não ser Petrópolis, onde a colônia alemã cultivou leite e rosas nos rostinhos redondos da meninada, e de algumas vilas onde o predomínio da educação e da raça estrangeira fazem idênticos benefícios, tudo o mais que é só nosso, ressuma melancolia e aniquilamento. É obra urgente de magno patriotismo, estudar essa questão a fundo para modificá-la quanto antes, visto que as causas desse depauperamento devem ser combatíveis.

Tais crianças não são moles e apáticas por natureza. Observando-se-lhes bem as fisionomias notam-se-lhes nos olhos de veludo o brilho intenso de vontades sufocadas, e nos lábios desbotados o retraimento de risos naturais. As suas feições são agradáveis, as suas mãos bem feitas e os seus membros bem conformados; mas tudo isso se apaga pelo aspecto amarelento da sua pele, pelo tamanho disforme do seu ventre, pelo mau trato geral dos seus corpos de vítimas, pela timidez de seus gestos, por qualquer sombra amarga do destino, que as envolve numa aparência de abandono e de tédio.

E a grande amargura está principalmente em pensar-se que essas crianças são assim porque não comem. Na idade do crescimento, em que há apetite até para se roer pedras, essas crianças não comem. À roda das suas cabanas os corutos do milho sacodem ao vento os seus fios ruivos; depois, esbulhado, ele flavesce à sua porta em montões de ouro.

O milho é um excelente alimento, mas o nosso camponês mal o aproveita para as suas refeições. A broa, a canjica, a quirera, o angu, não lhes despertem o apetite, manhosamente entretido com tigelada de água quente e roscas duras, cheirando ao sebo dos balcões das vendas. Verduras? não as semeiam. Carne? não têm dinheiro para comprá-la. Batatas? os seus casebres não têm o espaço providente para guardá-las de uma estação para a outra. Café? não tomam. Frutas? Não há, porque as não plantam; desprezam tudo que lhes pode dar cor às faces e vigor aos músculos. De que vivem? não sei. A triste verdade é que, se não há uma fonte nascente à beira da sua casa, bebem água dos córregos, para onde afluem os despejos da vila; as crianças tornam-se assim poços de vermes, umbigudas e manhosas, e as mulheres sacos de desmazelo e de impaciência. Como são infelizes as pessoas fáceis de contestar!

Sendo verdade que há três anos não veraneio, quis crer que benéficas influências tivessem transformado de então para cá os gostos e os hábitos da nossa população rural; mas temo que não, porque amigas que vêm regressando das suas divertidas estações termais ou doces repousos em vilas salubres, interrogadas por mim nesse sentido, revelam um sentimento de desconsolo muito semelhante ao anteriormente experimentado por mim.

Qual o remédio com que injetar nas veias da nossa família roceira o amor ao trabalho produtivo, o desejo de bem-estar e de asseio e um apetite valente, brutal, que a obrigue³⁴ a arrancar da terra a batata ou o cará para tornar confortável a sua sopa, ou a criar galinhas, dentro ou fora de cercados, livremente, para tomar-lhe os ovos?

Quem atinará com a verdadeira razão por que o nosso camponês não canta, não assobia, nem ri? É certo que ele é resistente, valoroso e apaixonado, mas também é certo que não sabe dançar nem poetizar a vida, e que estas duas qualidades, embora pareçam frívolas, são bem demonstrativas da sociabilidade e do gosto dos povos. O nosso caboclo não tem, que me conste, nenhuma dança característica. O samba é africano, e essa é uma dança soturna que vai desaparecendo com a gente da sua raça. Talvez para o norte, talvez para o Rio Grande do Sul, os costumes campestres sejam outros, e permitam os céus que sejam, e que por lá os campônios espalhem a alma em cantos e risos pela natureza. Os de Minas, S. Paulo e Rio são calados e sombrios.

Não há cavalgatas, festas, *pic-nics*, que me tirem essa sombra da vista, sempre que me encontro em vilegiatura em um desses lugarejos onde toda a vida se concentra nos hotéis, durante os curtos meses de certas estações. Vendo nesses hotéis grupos de crianças limpas, rijas, de gestos desembaraçados, olhos francos, voz vibrante, pele bem lavada, que saltam, riem alto, exercendo a atividade natural da sua idade, cresce-me no peito uma funda piedade pelas outras da terra, encolhidas junto às saias das mães, com os dedinhos na boca e os olhos erguidos fascinadamente para a turba das crianças da cidade, que passam na irradiação das flanelas e dos fustões brancos.

Há quem viva a falar mal de estrangeiros e que se agaste e enfureça com o que eles a seu turno possam dizer de nós; a mim isso pouco me importa, contanto que eles trabalhem, que as suas colônias frutifiquem e que pelo seu exemplo eles transformem os nossos camponeses sorumbáticos em criaturas mais conscientes do seu valor e que melhor saibam defender a sua pessoa dos ataques da miséria.

³⁴ N. da E.: No jornal, está grafado "abrigue". Supondo ter sido erro, modificamos o verbo: obrigue.

Todos nós brasileiros nos orgulhamos da ordem e da beleza de Joinville e de Blumenau; todos nós sorrimos de enlevo ao citar o modo por que são cultivados os lindos campos do Paraná e a formosura da sua população sadia e jovial; todos nós alcunhamos Petrópolis de cidade das flores e das crianças e Friburgo de Éden terreal, e todos esses lugares foram aformoseados pela concorrência de populações europeias, que a bem dizer os têm formado para nós. Que venham, pois, da Alemanha ou da Suíça, da Polônia ou da Itália, da Espanha ou de Portugal, mais e mais colonos, com as suas fortes capacidades de trabalho, as suas músicas e os seus descantes, as suas danças e as cores ruidosas dos seus trajes, o seu apetite e a sua ambição, misturarem-se aos nossos mesquinhos trabalhadores rurais e ensiná-los a serem precavidos e a serem alegres. Dizer mal... dizer bem... isso pouco vale. Todos nós vivemos a dizer mal uns dos outros, o essencial não é calar a boca, é: não ter razão de queixa, semear a terra e criar filhos que vingarão as ofensas dos pais sendo bons brasileiros.

Estas cismas acodem-me à mente vendo voltar do campo alguns amigos felizes e refeitos.

Vêm com os pulmões cheios de ar puro, o cérebro repousado e trazem um punhado de impressões joviais com que entreter palestras; e a culpa não é deles se nessas palestras não intervém uma única cena campestre, mas só: bailes de hotel... intrigas de hóspedes... e intrigas de hóspedes, bailes de hotel... e jogos de prendas!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIV, n. 08607, p. 1, 27 abr. 1908
http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/15996

REFLEXÕES DE UM MARIDO

SE, POR UM CATACLISMO ORIGINAL, um dos dois sexos tivesse de ser repentinamente suprimido de sobre a face da terra, qual deles sentiria mais a falta do outro? Ora aí está um dilema... Se eu interrogasse a tal respeito ali a minha cara tia, que já agora irá de coroa e capelas virginais para a cova, ela responderia sem hesitar que, dada tão extraordinária catástrofe, o sexo masculino sentiria muitíssimo mais falta do feminino do que este daquele. E não admitiria réplicas, porque a opinião das solteironas é sempre que os homens não podem dispensar as mulheres... Refletindo, porém, sem a intervenção da titia, e unicamente à luz de um bom critério, quer-me parecer que o sexo feminino seria o mais prejudicado, porque, além de ser mais fraco, é destituído de faculdades práticas e positivas, e o menos apto para tirar partido de dificuldades, embora tenha a presunção de se crer habilidoso...

Essa apregoada habilidade feminina é a asneira mais cômica, mais gorda e mais falsa, de todas as que andam a rolar com aprovação unânime pelo nosso ingênuo planeta... Pois eu não vejo cá em casa? E o que vejo em minha casa não vi na de minha madrinha, na de meus pais e na de meus avós? Em todos esses lares sinceros e respeitáveis se proclamava, com a soberania das opiniões incontestáveis, que a mulher não tem a capacidade intelectual dos homens, mas que os excedem em jeito manual para executar certas obras com perfeição. Entretanto, em todos esses lares, quando havia um cristal a colar, um risco de canteiro a fazer, ou um buraco de rato a entupir, era solicitada, para seu acabamento, a intervenção do chefe da casa, ou, na sua falta, a de qualquer outro homem da família! Oh! eu adoro as mulheres, mesmo a minha, apesar do seu geniozinho picado pela vespa do ciúme; mas por adorar minha mulher... e a dos outros, não é que hei de concordar com essa apreciação injusta. Basta lembrar-me

do que me tenho cansado para ensinar bilhar à minha. Jogos de cálculo? o besigue, mesmo o pôquer? muito bem; chega até a ganhar-me às vezes! Mas no bilhar, mais dependente de habilidade do que de raciocínio, é uma desgraça; não consegue fazer uma carambola em cada vinte das minhas, e já na maneira por que maneja o taco é de fazer rir...

Se eu tivesse paciência, haveria de descobrir a nascente da opinião que atribui tais vantagens à mulher, opinião que não enreda só a sua vaidade, mas também o juízo dos homens. Todos eles estão convencidos de que em matéria de habilidade são uns insignificantes, uns nulos, ao lado das suas caríssimas consortes de mãos de prata, dedos de fada, unhas de querubim...

Um regalo! Eu rio-me por dentro, porque, enfim, não quero desconsiderar ninguém, sempre que chegando à casa, minha mulher me diz: — Sabes? tenho lidado todo o dia para abrir a gaveta das joias e ainda assim não consegui; vê se me fazes isso.

E eu chego-me à gaveta e, sem empregar força, não me servindo senão muito delicadamente de jeito, dou uma voltinha à chave e... zás! abro a gaveta! Ela não se espanta; acha naturalíssimo que a gaveta emperrada e teimosa não tivesse cedido à sua mão frágil e obedecesse cegamente à minha; e nessa mesma tarde, se temos visitas e a conversa acontece envolver comparações entre as capacidades masculinas e femininas, a minha trêfega mulherzinha — oh! muito trêfega! — é a primeira a afirmar que os homens têm, *talvez*, mais talento (sempre há uma dúvida...) mas que as mulheres têm indubitavelmente muito mais habilidade. E toda a gente se apressa em concordar com um: — lá isso é verdade! — que me faz cócegas na alma.

Diabo! em que se tem revelado essa supremacia? Em bordar a branco ou a matiz, em fazer sapatinhos de tricô ou toucas de crochet? O Joaquim mulato, da casa de meu avô, era inexcusável nesses ofícios, sobrepujando as mulheres que tinham aprendido com ele na mesma mestra! E todos nós faríamos o mesmo se tivéssemos a pachorra de nos dedicar a tal, e a prova evidente, esmagadora,

terrível, está em que as senhoras exigentes e de bom gosto mandam fazer os seus vestidos, onde? nas costureiras? não! nos alfaiates. Qual! Uma senhora que deseje um vestido bem talhado, bem acabado, que assente no corpo, como uma luva, como elas dizem, não vai ao *ateliê* de madame tal nem da senhora X, mas aventura-se a subir ao primeiro andar deste ou daquele alfaiate de bom-tom, para encarregá-lo dessa comissão e vir depois suspirar alto na sociedade, entre um coro de — améns — que: realmente, as mulheres têm muito mais habilidade do que todos nós!... Terão; mais eu sempre gostaria de saber se entre tantas operárias das diferentes oficinas da cidade, há alguma relojoeira, ou eletricista, ou se entre o número de médicas que já possuímos, há alguma oculista, ou operadora... especialidades que requerem um certo grau de jeito e de leveza de mão, muito de acordo com as apregoadas qualidades femininas, virtudes que eu negaria à evidência com duas penadas rijas, se quisesse ir ao encontro de ideias preconcebidas, do que Deus me livre, porque sou muito sensato para comprometer-me ou para perder o meu latim...

Depois, para quê? com as mulheres há todas as vantagens em se estar bem; basta o que se dá cá em casa... Afinal, eu não nego a minha mulher jeito para fazer pastéis folhados, nem para tocar piano; mas não posso extasiar-me ante essas suas duas aptidões, se venho de fazer *lunch* em uma das nossas confeitarias principais, ou de ouvir o Artur Napoleão em um concerto... Quando isso se dá, noto que a falta de intensidade na minha admiração lhe parece uma prova de desamor...

Parece impossível como, sendo casada há tantos anos, ela ainda não se acostumou a esta indiferença... nem se acostuma, porque a mulher vê tudo através da sua imaginação, e com as cores fabricadas pelo seu capricho... Se minha mulher entender que eu devo ser azul, e eu for cor-de-rosa, por expressa deliberação do destino, ela olhará para mim com ressentimento, embora não diga nada, porque as mulheres submetem-se melhor do que nós às amarguras da sorte; somente, do que ela não se lembra, para desculpar-me, é que a culpa de eu

não ser azul é inventada por ela sem consciência minha... E aí está um sofrimento inventado pela imaginação, e não há imaginação mais poderosa nem mais feiticeira do que a das mulheres.

Unicamente, elas desconhecem as suas capacidades cerebrais e entretêm-se a cultivar outras, em que são inferiores... Diabo, isto é sono; começa a embaralhar as ideias... a continuar por este fio bambo, sou capaz de afirmar a mim mesmo que ao inverso do que se diz: os homens são mais habilidosos, mas as mulheres são mais inteligentes!...

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

(Do livro *Eles e Elas*)

O Paiz, ano XXIV, n. 08614, p. 1, 04 maio 1908.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/16062

UM BELO GESTO

A GRANDE ROSA DO IDEAL floresce ainda no mundo; nem sempre está abafado pelas cinzas mornas da conveniência egoísta. Neste século prático, em que os homens untam as almas de sebo, como os eixos das máquinas, para girarem depressa por todos os caminhos da ambição rasteira, há ainda quem morra por uma ideia e tenha no supremo arranco da vida coragem para mergulhar os dedos no próprio sangue e debuxar com ele, na cal branca de uma parede de templo, o símbolo desse ideal a que entrega a sua alma! Que gesto belo e nobre o dessa mão moribunda, traçando à pressa, na consciência da vida que lhe foge, o pensamento por que se batera na febre devorante da mocidade! É uma cena essa que se fixará na história como um raio de luz numa câmara escura.

Um homem baleado, ao lançar numa urna o voto que a sua consciência, bem ou mal orientada, lhe ditara, mas que era um ato que a sua razão e o seu direito lhe outorgavam, tem de recuar no momento justo de exercer esse direito, porque uma bala lhe atravessa o peito, brutal, implacavelmente.

Pálido, cambaleando como um ébrio, com a boca selada pelo beijo frio da morte, com os olhos já toldados pelas neblinas do Paraíso, ele, que já não vê, que já não ouve, cujo coração diminui o ritmo das suas palpitações, tem ainda vigor para mergulhar na ferida da sua própria carne os dedos ansiosos e traçar com o seu sangue, na parede fria, por onde o seu corpo resvala, a representação da liberdade nos traços de um barrete frígio!

Esta cena, passada em Lisboa nas últimas eleições e relatada aos nossos jornais pelos seus respectivos correspondentes, é das mais comovedoras que tenho lido na história das revoluções. Nada mais que um gesto; mas esse gesto exprime mais e melhor a intensidade de um pensamento e de uma dedicação do que uma avalanche de conceitos, de injúrias, de imprecacões ou de queixas, que

ele tivesse feito reboar acima do tumulto. Com o seu sangue ainda quente, esse homem sonhador poderia ter amaldiçoado os seus assassinos ou endereçado aos seus correligionários na palavra — vingança — um pedido de castigo para o seu suplício imerecido; mas não: ele não morreu odiando, num combate de interesses mesquinhos, mas pelo seu ideal, por essa coisa que sacrifica as almas, iluminando-as, que as absorve como a atmosfera absorve a gota d'água, sem as macular. Ainda se morre por uma ideia; isso, que a muitos parecerá risível, é, para outros, motivo de comoção íntima, porque é uma afirmação de que a vida não é só contemporizações, interesses pessoais e consciências amoldadas na forma banal das comodidades do momento...

Eu respeito todos os ideais sinceros.

Traçasse essa mão, com as linhas rubras do seu próprio sangue, sobre a cal da parede de um templo, no qual tivesse sido baleada, outro sinal que simbolizasse toda a sua fé, e eu lhe consagraria do fundo da minha consciência atônita a mesma admiração. Não sou das mais descrentes na sinceridade de ninguém, mas inclino-me a supor que, apaixonados por uma ideia, a ponto de darem por ela o sossego, a fortuna e a própria vida, só os renovadores sociais, os que vivem furando com a vista ansiosa a treva do futuro em busca da felicidade, alvinitente e fugidia... Nós todos, que vivemos acomodados na hora presente, com o bom e com o mau, concordamos em que morrer pelo seu ideal ou por uma infecção de varíola são coisas muito diferentes na sua aparência, mas idênticas no seu resultado, e que a prudência aconselha a esperar outro gênero de aniquilamento, mais de acordo com o nosso instinto de conservação, como a extinção natural: pela — velhice — por exemplo.

É esse doce egoísmo, esse amor à vida que vivemos, com todos os seus acidentes imprevistos e todas as suas comoções, terríveis ou suaves, que faz avultar diante dos olhos da minha imaginação a mão pálida desse moribundo desconhecido, alheio, tateando um muro e desenhando nele a representação simbólica do seu sonho irrealizado.

**

Morrer por um ideal é sempre belo, mas é uma ação vulgar no fanatismo religioso e no exaspero político. Mas morrer por um ideal, e só pensar nele na hora extrema, com a derradeira possibilidade de movimento muscular fixá-lo num muro como um cartaz, transmitindo-o utilmente aos outros, deixando-o como uma herança espiritual aos tímidos e aos indiferentes, concitando-os às aspirações do civismo, como quem morre agitando, no último estertor, um lábaro sagrado pela agonia — isso é mais que belo, e foi para celebrar atos de tal grandeza que se criou a palavra — sublime.

Em regra, os coevos são inaptos para julgar as ações humanas a que assistem. O que ontem era crime nefando hoje é nobre e grande ação. Só a posteridade, depois do processo histórico, tem a capacidade para capitular os atos humanos e operar a reposição imparcial da justiça. O pobre alferes Xavier, rude miliciano de província, além de ter sofrido a “morte natural para sempre”, teve infamada a sua memória por cominação da sentença; foi a sua casa arrasada e salgado o terreno, para que nele não brotasse nunca, jamais, a erva tóxica da liberdade, o escalracho³⁵ daninho da revolta. Veio a posteridade, reviu o processo, julgou a ação — e reformou a sentença. O criminoso infamado surgiu herói, transmudou-se o crime infando em ação benemérita. Todos os poetas brasileiros cantaram o protagonista da Inconfidência; os pintores idealizam-lhe na tela a expressão enérgica da figura; eleva-se na capital da sua pátria um monumento ao Sacrificado. A sua alcunha pejorativa é um lema patriótico; o seu nome é ensinado às crianças com os primeiros rudimentos da cultura espiritual e serve de tema a cânticos infantis, onde perpassa, singelo ou sublime, o sopro desse sentimento que ainda julgamos elevado e necessário — o patriotismo, no que ele tem de mais nobre, de mais puro, de mais alevantado.

³⁵ N. da E.: No jornal, grafou-se “escabracho”, palavra não dicionarizada; substituímos por “escalarcho”, palavra pouco usual, mas adequada ao contexto. A letra cursiva pode ter induzido o tipógrafo a erro.

UM BELO GESTO

Esta é a lição da história. A glória brotou da infâmia decretada como um nenúfar resplandecente e alvíssimo de um marnel apodrecido.

**

Terra de meus avós e de meus pais, pátria da minha Pátria! possas tu antecipar-te à póstera justiça e não ver só delito, protéria e crime onde pode haver aspiração ardente de bem servir-te, de te elevar e de recolocar-te no teu lugar histórico, na eminência de onde divisaste mundos ignotos, de onde devassaste o futuro e de onde fizeste partir teus filhos, em sucessivas gerações de semeadores, a levar aos confins do orbe o povoamento, a cultura, a civilização. Possas tu recuperar, com humanidade e brandura, a paz abalada, e sair da convulsão que te agita com mais de uma rutilação de glória no teu diadema de nação.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIV, n. 08621, p. 1, 11 maio 1908
http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/16128

ASPECTOS DA ITÁLIA

MAIS DE UMA VEZ tenho aludido aqui a uma amiga minha; que ora me escreve de um hotel do Cairo, ora de outro de Berlim, ora do Cassino de Mônaco, ora do de San Sebastian, que tão depressa me descreve a pompa de uma procissão em Viena d'Áustria como a graça perfumada de um carnaval em Nice, sobrescritando as suas cartas apressadamente, já em *toilette* de luxo para ir à Ópera, já vestida de homem para descer às minas de sal, de calções de ciclista para uma excursão na Boêmia, ou de saia *trotteuse* de alpinista para uma ascensão ao Righi; com as mãos carregadas de flores ou de bolas de neve, sempre interessada por tudo, vendo tudo e dando de tudo nas suas cartas uma impressão tão viva e tão entusiástica, que ninguém acreditaria ser a sua alma uma alma já experimentada por múltiplas sensações da vida e para a qual, por isso mesmo, os próprios milagres já não deveriam produzir o espanto do imprevisto... É a admiração por essa eterna mocidade de sentimento, tão rara e tão digna de louvores que me dá o irresistível desejo de arrastar para a letra de forma alguns comentários das suas cartas particulares, por mera curiosidade do espírito feminino e da mulher brasileira. Nesta carta há, além do arrebatamento por diferentes aspectos da natureza e da arte do velho continente, um traço de psicologia da missivista, que lhe dá um toque de graça, como uma pequena pincelada de tinta branca, no fundo fuliginoso de um quadro.

Ela, que deve ter entrado há uns três ou quatro anos na casa dos trinta e que é solteira, depois de ter percorrido o mundo sozinha, faz agora uma excursão em companhia de uns noivos por terras da Itália e é de lá que me escreve:

“O meu coração, compenetro-me disto nesta hora perturbadora e divina, é tão impenetrável ao sentimento da inveja, como uma pedra o pode ser aos dentes de um rato. Se não, imagina: estou em Sorrento. Sei que tu, desgraçada de

ti, nunca estiveste em Sorrento,³⁶ e eu, que tenho estado em tanta parte e de todas te tenho mandado um eco dos meus arrebatamentos ou das minhas decepções, nunca senti uma ebriedade tão profunda e tão intraduzível como esta que me envolve agora o corpo e o espírito. Das minhas impressões deduzo que a Itália não é país para ser visitado por almas ímpares. Pela primeira vez em minha vida sinto falta num braço onde apoie o meu braço e de uma voz que me traduza, para mim só, os segredos que andam dispersos neste ar amoroso e que não me é dado compreender sozinha... entretanto, ver amarem-se os outros não agrava a solidão da minha alma, antes a ilumina com um raio de fé na Felicidade, o que me faz cada vez mais abençoar a vida! Não te escrevo da Itália, mas do reino do Amor. No trajeto de Cava a Amalfi perdi a sensação de andar pelo mundo, para adquirir a de vagar pelo Paraíso. De um lado os Apeninos altivos, semeados aqui e além de povoações graciosas; do outro lado o mar, de um azul violeta, e entre as montanhas e a estrada, e entre as estradas e o mar, campinas de malmequeres alvinhentas, orladas de um verde tenro, pomares em flor, de aroma capitoso, e baloiçando-se nas águas barquinhas de velas pandas, irradiando ao sol entre o azul violento do céu e das águas. Em Amalfi almoçamos em um antiquíssimo convento, sobre uma rocha de oitenta metros de altura. Os atrativos que os velhos muros conventuais ressumam por todas as juntas dos seus portais pesadões e dos seus granitos seculares, impregnam o espírito de uma outra espécie de poesia, mais singular e mais meditativa. Telas sombrias, em que os capuzes derreados dos hábitos de burel mal deixam adivinhar faces lívidas de santos; largas lajes de claustros, onde à noite já não rondam sandálias, e fontes onde um fio de água chora ainda uma saudade incompreendida, em tudo parece ter ficado errante e vaga a alma do passado. As próprias árvores desse convento, cercado de lindíssimos jardins, afigura-se-me quererem perpetuar as atitudes extáticas dos velhos monges extintos, erguendo os braços para o céu, como eles faziam nos

³⁶ N. da E.: No início deste parágrafo, por duas vezes grafou-se "Sarrento", em vez de Sorrento. Supondo terem sido erros, corrigimos. No final do parágrafo, a grafia do topônimo está correta.

arroubos da oração... Desse ponto até Sorrento, seis horas de sonhos coroadas no hotel com lindas músicas, as danças nacionais, tarantelas dançadas e cantadas por moças e moços vestidos à napolitana... E como este hotel é também sobre um rochedo, a nossa vista desdobra-se ainda sobre o azul violeta do mar, quando não se contenta de ver as paredes dos jardins suntuosos, cobertas de alto a baixo por glicínias roxas entremeadas de rosinhas brancas e amarelas em grandes *bouquets*... Mas o idílio não tinha de acabar aí, entre o aroma dessas flores e os sons dessas tarantelas; devíamos partir para Caperi, em visita à célebre Gruta Azul.

Eu tenho quase vergonha de inebriar-me ante certos aspectos da natureza europeia, quando temos certamente no Brasil disseminadas pelos nossos sertões coisas maravilhosas que totalmente ignoramos... Há uma afamada gruta de cristal em Goiás ou Mato Grosso (vê mesmo nesta incerteza do local uma razão de desgosto da minha parte), que dizem ser a maravilha suprema do gênero; mas como para chegar a essa gruta iriada e única, eu não passaria por estradas macias, nem almoçaria em conventos seculares, nem veria dançar a tarantela à luz fulgente de rosários de lâmpadas elétricas, deixo-a na ignorância da floresta negra e selvagem que a cerca e, cheia de remorsos, venho visitar esta outra em um país longínquo... Para entrar na Gruta tem a gente de se deitar no fundo do bote, porque o pórtico é baixo. Dentro a abóbada eleva-se, toda azul, como um outro céu que tivesse descido para ouvir de mais perto os nossos hinos... A água é cristalina, uma safira diluída, que a vista trespassa como um raio de sol trespassa o vidro. Tudo azul; brilhante, intenso, refulgindo na abóbada, nas paredes, na superfície trêmula da água silenciosa... Calamo-nos embevecidos, e a minha alma solitária soluçou qualquer queixa que eu não chegaria talvez a compreender se ao pé de mim no eflúvio irresistível dessa hora linda, não a visse logo traduzida em um gesto: Ilda pendeu a cabeça para trás e o noivo

"la bocca le bacio tutto tremante"

Fechei os olhos. Não era de inveja, mas para fixar bem no fundo do meu peito a visão daquele ato praticado por influxo de qualquer poder misterioso que se evaporava das águas, se destilava da rocha e se eterizava na atmosfera azul...”

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIV, n. 08635, p. 1, 18 maio 1908
http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/16128

UM ARTISTA

A NOSSA VELHA Escola de Belas Artes deveria pôr luminárias na fachada e fazer vibrar à porta uma guarda de clarins, pompeando o júbilo que forçosamente há de sentir, vendo regressar da Europa seus subsidiados e discípulos, cobertos de glória e com documentos de tão grande valia, como os que trouxe Hélios Soëllinger, cuja exposição bizarra foi ainda há curtos meses tão admirada pelo nosso público inteligente, e como os que apresenta agora Eugênio Latour, de quem se pode dizer todo o bem que de um artista de grande fôlego deva ser dito. Por embaraços fortuitos e importunos não me foi dado ver os trabalhos do pintor individualista e original da chama e do movimento que é Hélios Soëllinger, quando reunidos num salão da Avenida.

Fui mais feliz agora, podendo assistir a estas outras grandes provas de talento e de esforço apresentadas por um outro compatriota nosso, Eugênio Latour, nome destinado a fixar-se na história da nossa arte com perene limpidez.

Afigura-se-me ao meu sentimento, visto que não tenho outro critério para julgar obras de uma arte que não pratico nem estudei nunca, que esse artista sem exclusivismos nem especialidades é um artista completo, profundamente humano e docemente idealista, poeta e filósofo, que sabe exteriorizar com sinceridade e comoção todas as suas oliveiras, de folhinhas miúdas e empoeiradas de prata fosca, ou grandes e doces como os seculares carvalhos da velha Itália, cujas *raízes longínquas mergulham nas lágrimas* dos gênios desaparecidos, quer sejam simples árvores incógnitas do mato, bracejando a frescura dos seus galhos ridentes sobre as águas precipitosas de regatos túmidos, que se despenham por declives e rochas, são sempre reproduzidas, ainda mais talvez que pela sua forma material, pelo sentimento da sua alma de coisas indecifráveis e, entretanto, cheias de ternura. Se a sua tinta é luminosa no ar livre

dos campos, onde vibre o escarlate das papoulas e o verde tenro das gramíneas novas; se é de uma harmonia sedutora nas cabeças femininas velhas ou moças, severas ou faceiras, rudes ou civilizadas; se essa mesma tinta se dilui em luazes espirituais ou tinge, com o ouro e a púrpura de poentes esplêndidos, as velas colhidas ou pandas de barcos de pesca e as águas transparentes dos lagos ou dos rios onde navegam; se se faz sopro, para agitar as saias e os xales das raparigas apressadas, por sob arcarias de mercados, ou se se corporiza na argamassa de paredes de templos, por onde escorrem reflexos de lâmpadas e nuances de mosaicos policromos; se essa tinta tem força para fazer saltar das faces simbólicas da feia inveja o sangue humano, o sangue, fonte da dor, com tão vivo desespero, sabe também carregar-se de sombras na atmosfera tristonha de certos quadros sociais. Nestes há dramas de uma amargura pungente, que não podem ser observados sem comoção, como essa doce — *Soror materna* — cena dolorosa de um lar viúvo, em que uma linda criança, no auge da agonia, assume a atitude corajosa e previdente da mãe, que lhe levaram há pouco para o cemitério.

A expressão que ela revela, zelando pelo irmãozinho inconsciente, é a expressão de um dever, tão compenetrado e tão superior, que toda a alma lhe avulta no corpo franzino; é a alma, mais do que o corpo, que nós lhe vemos. Outra visão que fica amargurando o pensamento é a da — *Praga social* — em que a brutalidade e a estupidez do alcoolismo espalham por toda a larga tela um sentimento de prostração e de pavor. Deixando de parte o merecimento artístico do quadro, penso que mesmo só como ensinamento moral ele vale mais do que muitos e muitos compêndios científicos que enumerem todos os inconvenientes desse vício execrável, que transforma o homem racional numa besta imunda, e cujo contato é ainda mais repelente que o dos cadáveres! Um indivíduo que beba até o ponto de perder a lucidez do seu espírito, não crê nas afirmações dos higienistas, ou, se acredita nelas, levanta os ombros, com o pouco caso que lhe merece a vida. Dizem os doutores que a embriaguez faz mal? Pouco importa, desde que saiba bem. Antes uma vida curta, regalada pela satisfação das mais

extravagantes vontades, do que uma vida longa, mas repleta de desejos insatisfeitos. Medo da morte não é circunstância que afaste os viciosos do caminho do vício; agora o receio do ridículo, das infâmias ou das imundícies a que as reles bebedeiras obrigam, isso, sim, mostrando-se a tempo, ainda os podem salvar... talvez!

A — *Praga social* — de Eugênio Latour, sem desmerecer da sua feição de arte, é uma lição proveitosa e que fará corar, com o rubor do arrependimento, mais de uma face que a contemple. Seria o caso para uma sociedade de temperança adquirir a tela e franqueá-la ao público numa exposição permanente...

A imaginação desse pintor, que nos apresenta de uma assentada setenta e cinco trabalhos de todos os gêneros: pintura a óleo, pastel, aquarela, têmpera, branco e preto e caricaturas, e em todos revela igual carinho e muita sinceridade, é uma imaginação moça, sensível, que ora desabrocha em cores primaveris e espontâneas, ora se envolve nos véus da piedade e da veneração pelo sofrimento.

O que eu desejo é que, tanto o artista como os leitores, não vejam nestas linhas pálidas pretensões à crítica, para a qual me falecem todos os dotes, mas unicamente o aplauso com que, resumindo as minhas impressões, costumo saudar todos os espíritos que me são simpáticos pelo seu esforço e pelo seu valor.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIV, n. 08635, p. 1, 25 maio 1908
http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/16250

DE SOBRE AS MONTANHAS

JÁ NÃO FECHAREI para sempre os meus tristes olhos sem os ter maravilhado com o que de mais belo pode haver em toda a Terra.

Há um impulso imperioso e que obriga muitas vezes um indivíduo a tentar descrever o indescritível e a alardear por vaidade ou naturais expansões do seu espírito os seus mais frementes entusiasmos. É o que me acontece nesta hora. Não me basta, para a felicidade da minha memória ainda deslumbrada ter a delícia de sentir nas retinas toda a prodigiosa beleza desse prodigioso caminho da Carioca à Tijuca, é preciso também procurar refleti-la nas minhas letras impotentes, toscas e sóbrias, embora eu hoje abra o dique à adjetivação e deixe correr à solta os vocábulos laudatórios, desde o singelo — bonito, até o estupendo — e o — sublime!

Invejai-me vós todos, que nunca rodeastes a nossa bela cidade por sobre os dorsos das suas mais altivas montanhas, ora sob túneis de verdura, a sagrada verdura das florestas autênticas, ora vendo, pelos enormes rasgões azuis da mata o espaço, o vale, o mar infinito...

Invejai-me vós todos, que nem sequer imaginais ainda o que é esse caminho de contemplação e de arroubo, de vibração e de sonho, aberto por entre frondosíssimas árvores, beirando abismos no fundo dos quais a mataria se enreda, crespa e hispida, sobre vãos trevosos como a noite escura, ou se rasga ampla, iluminadamente para amplidão cerúlea do espaço, fazendo ver lá embaixo a mescla policroma da casaria, dos jardins, engastados em variadas nuances de tinta verde; campos zebrados por avenidas e ruas; praias orladas pelas fitas brancas das areias e das espumas...

Invejai-me vós todos, que não podeis nem de leve entrever, pela meia aberta portinhola desta prosa que passa correndo por uma coluna de jornal, toda a sublimidade desse éden terrestre. Acreditai que vale a pena vir dos confins do Tibet ou do coração perturbador de Paris, da Itália ou da Nova Zelândia, da Groenlândia ou da China, dos polos ártico ou antártico, do inferno ou do próprio céu, só para dar a volta ao Rio de Janeiro pelo alto da serra de Santa Teresa à Tijuca. Não houvesse absolutamente nada mais que ver, nem outros quadros da natureza nem progressos materiais e artísticos já tão consideráveis a admirar, e assim mesmo os viajantes dariam por bem empregados o seu tempo e o seu dinheiro.

Por mais afeitos que se tenha os olhos aos encantos da flora tropical, pasma-se a cada passo vendo, nas orlas dessa estrada estupenda, tão soberbos e tão variados exemplares de plantas exóticas e ornamentais. Palmeiras airosas rebrilham no verdor escuro das suas palmas lustrosas, por entre cipós emaranhados de lianas floridas e jequitibás monstruosos. De cavernas negras do solo cavado, aqui e além, irrompem folhagens leves de avenças delicadas, ou de arbustos acetinados, cor de luar, em que a vista escorrega maciamente para outras tonalidades, do verde azulado ao verde esmeraldino. Bambus quase despídos arqueiam-se em moles curvas graciosas sobre pedregulhos de cujas mossas irrompem bromélias e piteiras bravas como armas ensarilhadas para a defesa da floresta... Nos resvaladiços das ribanceiras, pedras disseminadas alvejam como um rebanho esparsos de ovelhas sossegadas, de que um velho tronco de vinhático decepado parece o zagal, dormindo sob um galho de crucífera em flor...

A linha elétrica passa ora por sobre rochedos cortados a pique; ora por entre altas barreiras de argila dura como ferro, talhadas em descomunais fatias; ora entre dois abismos um com vertente para o interior da baía outro com a vertente para a infinita extensão do Atlântico, e descortinando sempre, de espaço a espaço, horizontes imensos, recortados pelas montanhas caprichosas da Serra dos Órgãos, de um anil profundo, onde nuvenzinhas brancas pousavam aqui e além como albatrozes cansados de voar...

Havia então quem, a tal distância e vendo essas pequeninas nuvens iluminadas como cristais varados por claridades interiores, as supusesse verdadeiros castelos de fadas erigidos no coração selvagem do Brasil por inspiração superior.

E enquanto a vista admirada procurava delinear os contornos das torres e das ameias desses edifícios suntuosos, eles mudavam de forma espiritualizando os seus torreões e os seus varandins e dispersando-se em fragmentos que iam pousar mais além sobre as alcatifas de veludo de outra mata, num outro ponto da mesma serra azul.

Da cidade não chegava até os nossos ouvidos nem o leve *rumor das asas de um inseto*; toda ela se estirava num doce letargo, como para deixar-se contemplar melhor. O sol acariciava-a com uma luz leve em que momentâneos chuvisqueiros punham irradiações de cristais. Na chapa prateada da baía vasos de guerra, navios mercantes e os grandes *steamers* desenhavam em linhas negras as suas formas minúsculas, e as palmeiras do Mangue, enfileiradas e impassíveis, evocavam a ideia de uma procissão silenciosa de que um gesto de Deus tivesse feito suspender a marcha repentinamente.

Não inveja o voo da águia quem faz um dia esse passeio, para que todos os adjetivos entusiásticos são insuficientes, descoloridos e mesquinhos. Nem o portentoso Zola teria força para pintar-lhes mesmo sem detalhes impossíveis, toda a sua poesia e toda a sua grandeza. Mas embora na certeza de que não há palavra nem engenho humano capaz de dar a alguém uma vaga ideia do que é esse passeio, a verdade é que ninguém que lá vá pode recalcar depois no fundo do peito o desejo de o descrever.

Descrever é ver mais uma vez, e é nisso que está a sedução.

Durante a viagem, o nosso rancho de que faziam parte o ilustre artista Jorge Colaço e sua senhora, a doce poetisa D. Branca de Gonta Colaço, atordoava a floresta com o clamor das suas exclamações. No fim do dia falávamos por mímica. Estávamos todos roucos.

A única desvantagem dessa jornada é o excesso das belezas. Olhos e alma não descansam nem por curtos minutos, de emoções e de êxtases que afinal extenuam mesmo os mais valentes ou os menos impressionáveis. De Santa Teresa à Tijuca não há um único quadro desinteressante ou banal e só uma criatura recheada de estopa ou talhada em pau morto poderá guardar inteira calma nesse Paraíso.

A promessa de ir do França ao Alto da Boa Vista está realizada. Só quem percorre essa linha com atenção pode julgar dos embaraços e das torturas surgidas a cada passo diante dos operários persistentes e inquebrantáveis. Esse trabalho representa um esforço individual que há de ser decantado como um dos mais famosos do globo. Revistas de todos os países civilizados estamparão nas suas gravuras vistas do Sumaré, da Baraúna, do Itaici, como das mais altas maravilhas mundiais...

Que a justiça principie por casa, entoando nós os louvores que essas maravilhas merecem.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIV, n. 08642, p. 1, 01 jun. 1908

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/16316

REFLEXÕES DE UMA ESPOSA

QUANDO MEU MARIDO argumenta sobre seja o que for: alfaiates ou política, religião ou batatas, desde que o faça com quem não acompanhe as suas ideias, que, se parecem paradoxais, têm um grande fundo de justiça e de sinceridade, eu estremeço, como se o visse arremeter de lança em punho para o meio da multidão ululante. Embora ele querele com um indivíduo só, tenho sempre a estranha sensação de vê-lo debater-se com a cidade em peso, porque as suas apreciações não se confundem as do vulgo, e ele investe desassombradamente contra todos os preconceitos sociais, querendo desbaratá-los a golpes de razão e de lógica. Ao meu espírito conciliador e tímido alvoroça aquela verbosidade riscada de foguetes imprevistos e em que estrondeiam bombas da mais atrevida pirotecnia!

Nessas horas de exaltação, todos os termos que ele emprega são definitivos e entram-me pelos ouvidos como pesadas placas de chumbo pela água; à proporção que se lhe aceleram as pulsações do entusiasmo, e que a sua voz sobe de diapasão, acompanhada pela veemência dos gestos e o fulgor do olhar, eu como que ouço badalar todos os sinos da cidade, e vejo pender sobre o meu telhado todas as suas torres. Se tento então balbuciar um simples monossílabo, ele estrangula-o como um gigante pode estrangular um humilde tico-tico acabado de sair do ovo, e encolho-me arrependida para o meu canto. Ah, ainda quando essas polêmicas são com os estranhos, a minha atribulação não é tão grande; mas quando são entretidas com meu padrinho, eu desejaria que o chão se abrisse para engolir-me, não me deixando de fora nem as pontinhas dos cabelos! Os homens são teimosos e quereleiros, e andam à cata de pretextos para digladiarem. As mulheres conversam; os homens discutem. Dindinho mesmo, que sempre supus que fosse ponderado e pacífico, percebo agora é um exaltado;

grande respeitador das coisas estabelecidas, ele é um espelho dos sentimentos comuns da burguesia e defensor das tais coisas estabelecidas, mesmo que elas sejam mal consideradas pelos próprios que as executam.

E ora que bonito papel faço eu entre estes dois homens quando, um em face do outro, clamam, berram e desatinam, porque cada um deles tem das ideias que enunciam opiniões opostas? A minha atitude resume-se a olhar suplicemente ora para um, ora para outro, a torcer-me na cadeira e a suspirar por que entre alguma visita para pôr termo à questão. No fim eu sei que tudo acaba em bem. Afinal, eles não se injuriam. Dindinho esquece-se de que o meu marido tem vinte e sete anos, que a profissão de advogado lhe desenvolveu a oratória, que é um rapaz moderno, educado por outros mestres, outros exemplos e outros livros; por sua vez meu marido esquece-se de que dindinho tem sessenta e três anos, que me serviu de pai, que foi educado por um frade que lhe ensinou desde o A B C até o latim...

É que os homens não ponderam em nada quando tratam de defender as suas opiniões. Há pessoas contra as quais não é permitido a ninguém ter razão, e logo por minha desgraça tanto meu padrinho como meu marido pertencem a esse número de indivíduos! O mesmo fato é examinado por um sob uma luz branca, por outro sob uma luz vermelha, e assim sendo o mesmo o fato em si, muda de forma e de cor segundo a observação de cada um...

Como a minha opinião de mulher tem pouco peso, em certas circunstâncias, na consideração desses senhores, eu guardo para mim as sugestões do meu critério, sentindo-me resvalar para as paixões opressivas do abatimento, da contrariedade e da consternação... até que uma filosofia especial da indiferença ou do hábito, venha, ainda o espero, curar minha alma desnorteada e impotente.

Se eu só com um gesto tivesse forças para arrefecer-lhes o ardor dessas contendidas inúteis! Depois, o que de algum modo me desvaira e assombra, dando-me ao mesmo tempo certa consolação, é que, posto o ponto final nas discussões,

eles são tão bons amigos como eram antes... No fundo da minha consciência agita-se então a dúvida de que essa amizade não seja apenas fictícia, mantida por amor de mim, tanto essa sucessão de debates por causas insignificantes ou alheias à felicidade do nosso lar lhes deve ter azedado a simpatia mútua.

Mas o homem é o maior enigma do universo.

Nem o diabo o entende. Quem me dirá se a sua amizade se não fortifica com essas contradições, que a mim me aterrorizam como grandes causas de efeitos irremediáveis?! Nós as mulheres não sabemos discutir: zangamo-nos de uma vez; é mais perigoso, mas é mais simples.

É a nós que eles chamam de complicadas e indecifráveis! Também só os muito magnânimos se dignam ouvir a nossa voz em tudo que não seja matéria de amor. Há, porém, um certo período na vida em que o homem cede voluntariamente as suas opiniões às opiniões da mulher: o período do noivado. E ainda com a condição de que esse período seja curto. Depois de casado, adeusinho, meu anjo! As coisas são como eles querem e nunca como a mulher as entende. Entrincheirados no seu critério, como numa fortaleza erigida de pontas de ferro, consideram que toda a gente que não pensa como eles pensam, nem faz o que eles fazem, erra miseravelmente... e depois, somos nós as vaidosas, somos nós as esquisitas!...

Quem escrevesse uma norma para guia da felicidade conjugal deveria expor com termos convincentes que uma mulher perderá tempo e ganhará bóris se teimar com seu marido. Se ela afirmar que uma nuvem é cor-de-rosa e espreitando à pressa pela janela ele afirmar por sua vez que é sombria, ela deve mudar de conversa, senão ele deixará de a achar sombria para achá-la preta, e de preta passará a classificá-la de negra ou nigérrima, sem que por isso a nuvem tenha deixado de ser cor-de-rosa. Realmente, se os homens não soubessem falar de amor tão bem, seriam insuportáveis!... Foi por causa do amor que ainda ontem à noite eles tiveram aquela discussão tão acalorada... Dindinho esqueceu-se de que se deleitou na vida com a variedade de três lares diferentes, porque casou e

enviuvoou sucessivamente três vezes, além de vinte paixões avulsas, para acusar agora o divórcio como uma lei destruidora e fatal; e o senhor meu marido esqueceu-se da felicidade que lhe dou, e que nenhuma outra mulher lhe daria tão perfeita, para defender esse mesmo divórcio com um denodo tal, que me trespassou a alma com o ferro da desconfiança. A cada um dos tremendos argumentos de meu marido os olhos de dindinho procuravam os meus como a dizer-me: cautela! Vê as disposições desse sujeito!... E eu sorria, para tranquilizá-lo, com um sorrisozinho mais amarelo que a casca de uma laranja... O que eu sofri! Estes serões familiares, de que os moralistas gabam as doçuras, dão às vezes assuntos para reflexões bem esquisitas! Uma das que me acudiram depois que eles acabaram de jantar e tomavam em boa camaradagem o seu chá com biscoitos (porque enquanto eles disputam minha cabeça é um caos), foi que o divórcio não é só uma libertação para os casamentos desgraçados, como também uma ameaça útil para os felizes. O homem ama tanto mais a mulher quanto tem medo de perdê-la. É talvez por isso que em certas ligações ilegais as mulheres são adoradas como deusas, enquanto que nas legítimas são tratadas como criaturas humanas sujeitas a defeitos...

É que os bens definitivos acabam por nem parecer bens, se não se erguer diante deles uma ameaça qualquer... Quem sabe? O divórcio desempenhará talvez bem esse papel, guardando à vista, como uma sentinela, a felicidade do lar. Uma ideia! para castigo do sofrimento que meu marido me infligiu ontem, quem vai logo à noite fazer a apologia do divórcio, sou eu! Sempre quero ver a cara que ele faz...

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

(Do livro *Eles e Elas*)

O Paiz, ano XXIV, n. 08649, p. 1, 08 jun. 1908

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/16380 .

EM PROL DO VERSO

LEÃO TOLSTÓI, COM OS SEUS LARGOS GESTOS de magno pontífice das letras, lembra-se, de vez em quando, de revelar às turbas atentas e crédulas a sua maneira de pensar sobre este ou aquele assunto, e logo as turbas estremecem e sussurram de espanto ou de assentimento, porque a palavra do velho romancista eslavo lhes passa pela alma como o vento pelas florestas, agitando, semeando, farfalhando. Quando, por entre a espessa pasta cabeluda das suas barbas de profeta, ele se digna soltar o verbo poderoso, o mundo abre os ouvidos e prostra-se na atitude religiosa de quem tudo aceita e nada discute. Então ele fala à vontade, rugindo as suas sentenças intelectuais à humanidade, com o vigor de um Moisés legislando aos hebreus.

Mas que é então que ele diz, lá nesses confins da Rússia bárbara, que assim faz vibrar o mundo inteiro pelos nervos insensíveis do telégrafo?

Que diz? às vezes coisas sensatíssimas, e é quando tenta pacificar os homens irreconciliáveis; outras vezes, para variar, ou um outro paradoxo, mais ou menos brilhante, e muitas vezes banalidades mais desenxabidas que o chá do seu samovar. Esta última sentença, desferida por ele contra a poesia, é tão burguesa, tão vulgar e ao mesmo tempo tão injusta, que por onde passar há de ver levantarem-se protestos diante de si, embora o incondicional respeito pelo seu autor.

Na verdade, o mundo está hipnotizado por Tolstói; dir-se-á, porém, que desse letargo magnético quer acordá-lo o próprio escritor, com sacudidelas rudes e por vezes ingênuas.

Numa carta dirigida por ele a um camponês de nome Gawilof, expende o autor da *Ressurreição* e da *Sonata de Kreutzer* uma opinião bem tola e bem cruel para com a mais bela e a mais prezada das artes — a poesia.

Diz ele: “*que se pode considerar um crime pretender forçar a palavra à medida e ao ritmo do verso.*”

Grandes criminosos foram, então, Dante, Shakespeare, Camões, Byron, Milton e tantos outros... Ora, o moralista filósofo, o prosador rebelde de tantas obras-primas não pode ignorar que tem sido por meio, principalmente, dessas palavras forçadas à medida e ao ritmo que ele condena que os povos da antiguidade nos fizeram conhecer as suas façanhas e as suas glórias. A palavra livre e independente da prosa não teve, como a do verso, elasticidade e poder bastante para atravessar incólume as névoas dos séculos acumulados e pôr-nos diante dos olhos, alvejando, na harmonia dos seus belos mármore, essa Grécia antiga, de deuses e de lendas, onde a versificação era inseparável da concepção de ideias e que os poetas immortalizaram tão divinamente!

Do mais fundo, do mais longínquo passado, se chamamos por alguma voz de valor, é a de um poeta que nos responde, contando-nos, fielmente, limpidamente, dentro do seu ritmo musical, como nos campos do seu país se cultivava a verde vinha para o *lacryma-santa*, e a oliveira abençoada, e quais eram os nomes dos seus grandes guerreiros e das suas grandes amorosas, e quais os coloridos das suas paisagens, e os sons musicais das suas avenas, e o tumulto das paixões do seu povo...

A prosa libérrima, sem preocupações de estética, tal como a escreve Tolstói, não teria tido envergadura bastante forte para voar daquelas eras até nós, como voaram, por exemplo, os poemas de Homero. Da velha Roma, como da Grécia, as páginas mais lidas, mais comentadas e mais estimadas são as escritas pelas mãos dos poetas. De todas as obras imortais há, talvez, uma só em prosa, destinada a varar os séculos sempre com o mesmo brilho de astro imperecível — É *D. Quixote*.

Uma afirmativa que a mim, embora profana, se me afigura uma tolice colossal é a que propala que a palavra perde o seu vigor e a sua nobreza quando obrigada a manter-se dentro dos estreitos limites da metrificação.

A palavra do poeta nato, do verdadeiro e inspirado poeta, é livre, audaz e forte como o vento. Ele não recorta os seus versos aos bocadinhos, não os arma como jogos de paciência cansativos: fá-los com a espontânea expressão de um sentimento que não lhe caberia em outros moldes. É muito comum, por isso, ouvir-se dizer a alguns deles ser-lhes mais fácil escrever qualquer coisa, mesmo uma simples carta, em verso, do que em prosa, onde, para expressarem as suas ideias, teriam de procurar uma forma estranha ao seu pensamento e ao seu modo de sentir.

Na opinião de Tolstói, nessa extravagante carta ao tal camponês Gawilof, há dias mencionada no *Jornal do Comércio* — “rimar é uma superstição estúpida, mesmo quando o verso é feito com arte”...

Pois neste século de prosa triunfante as mais belas glórias literárias de certos países conquistaram o seu esplendor por meio dessa estúpida superstição!

Na Itália é um poeta que recebe o prêmio Nobel como um benemérito da pátria — Carducci; na França, tão culta e tão estudiosa, já outro poeta tinha recebido antes a mesma distinção — Sully Prudhomme, e ainda é ouvindo no teatro as rimas de Rostand que a sua mocidade vibra de entusiasmo!

Em Portugal té as montanhas estremecem quando a voz de Guerra Junqueiro desdobra os seus versos magníficos; em toda a parte o verdadeiro poeta, concretizando nos versos a alma dos seres e das coisas, é uma espécie de semideus, o grande intérprete de todos os nossos sentimentos, o homem por quem os ignorantes simulam pouco caso, mas que o instinto da maioria respeita e adora como a um escolhido de Deus.

Foi em verso que esse eternamente delicioso La Fontaine escreveu uma célebre fábula da raposa e as uvas, que a malignidade de algum comentador menos respeitoso poderia agora aplicar ao velho escritor russo, porque entre as

obras de Tolstói não figura, suponho, nem um único soneto. Romancista, educador, moralista e filósofo, ele tem, de vez em quando, certos rasgos do soldado que foi na mocidade. A pena afigura-se-lhe, então, uma espada e ele golpeia o ar a torto e a direito, sem noção de justiça.

Decepcionou agora a cabeça da Poesia, como já ferira o coração da Arte. Felizmente, uma e outra são imortais; quando ele as julga estrebuchando nas vascas da morte sobre o chão saibroso e frio das suas estepes, ei-las já de pé, semeando às mancheias a sementeira de ouro da beleza e do sonho!

Não, mestre, não valia a pena ter chamado a atenção do mundo para lhe dizer uma coisa que ele está farto de ouvir aos seus fornecedores de vestuário e de gêneros alimentícios...

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIV, n. 08656, p. 1, 15 jun. 1908
http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/16450

CÃES E GATOS

NA QUINTA-FEIRA, À NOITE, estava eu muito tranquila na minha sala, folheando um álbum de gravuras, quando vi entrarem pela porta adentro dois lindos e enormes galgos russos, um branco como os telhados do seu país no inverno e o outro pardo, com malhas fulvas, lembrando mais o pelo do animal feroz e indomável, que do animal dócil, paciente e fidalgo que ele é. Não me assustei, eram muito lindos para causarem medo a quem exatamente estava recreando a vista em obras de arte em que figuravam exemplares semelhantes a esses, sob a carícia de dedos afunilados de príncipes emplumados e damas cobertas de joias e de cetins. O galgo entrava nos quadros como um complemento ornamental valiosíssimo, e como o sainete da alta elegância e do confortável luxo da pessoa que ele acompanhava. Mas que desejariam agora estes dois lindos cães de carne e osso, altos e nobres, de focinho agudo, olhos tristes, orelhas pequenas, tipo em que se mesclam o do lobo, o da raposa e ainda o de um outro animal qualquer, mais espiritual, mais esguio, que não é o da sua própria raça e com cujo nome não atino? O que eles queriam? Unicamente isto: mostrar-se. Estendendo-se a meus pés, numa atitude de completo abandono, arquejantes e humildes, eles pareciam dizer-me:

— Olha; vê como as linhas do nosso corpo são harmoniosas, como a seda do nosso pelo é flexível, como o brilho do nosso olhar é doce, e compara-nos a esses outros cães banais da rua, tortos, corcundas, desrabados, que enchem à noite os jardins de alarido e não têm outro mister senão o de fincar os dentes nos calcanhares descalços ou assustar através das grades dos portões os transeuntes desprevenidos... A beleza não foi criada para os cegos; tem na terra uma missão altíssima e que deve ser aproveitada pelos homens, esteja ela onde estiver, como os elos do Ideal, que tanto se podem prender ao esbelto colo de um cisne como à

cabeça de um cão. Se te recreia ir ver nos grandes museus da Europa, ou nas gravuras representativas dos seus tesouros, cães retratados por Velásquez e outros pintores célebres, por que não hás de deliciar os teus olhos em exemplares vivos dessa mesma raça tão estimada por artistas e que, fora da tela, têm ainda o movimento e a vida?

Talvez por sugestão de uma crônica intitulada *Cães e Gatos* e publicada nesta folha por Luís da Câmara Reys, toma corpo entre alguns amadores de animais no Rio de Janeiro o desejo de ver-se realizada aqui uma exposição como essa a que se refere o jovem escritor português. Eu não julgo que tenhamos muito gosto para a especialidade.

Os cães que geralmente vemos por aí são prezados como utilidades ou mantidos por piedade e raramente adquiridos pelo valor da sua raça ou da sua beleza.

Em todo caso, a vantagem dessas exposições é, além do mérito da propaganda, o de registrar todas as variedades de raças existentes no país. A essa curiosidade juntem-se ponderações de outro gênero muito respeitável... Toda a gente sabe por que alto preço são comprados, mesmo nos mercados de maior abundância, certos exemplares de cães e de gatos de luxo. Acrescentem-se a estes interesses comerciais os dos apaixonados por semelhantes animais, e compreende-se com facilidade a razão da frequência de exposições de tal ordem em Paris, em Londres, em Berlim.

Tenho diante dos olhos uma página em que figuram nitidamente impressos perto de cinquenta cães de diferentes raças e diversos tamanhos desde o pequeno cão dos esquimós e desse outro mais pequeno ainda e muito comum entre nós, o cachorro felpudo de olhinhos lacrimejantes que embarafusta por debaixo das cadeiras metendo-se abominavelmente por entre os pés de quem lhe dá confiança, até os *bulldogs* de focinho arregaçado e má catadura e aos *grand artois* de enormes orelhas pendentes e ar seriíssimo. Cães de fila temerosos, cães rateiros, cães de mero adorno para o regaço das damas vadias, ou de guarda para

a porta dos galinheiros e quintais, brancos, pretos, malhados, de pernas finas como os galgos, ou de juntas grossas; de caudas empenachadas como os Terra Nova ou os *Loulou*, ou de rabicho despido como os *Bull Terrier*; com juba leoninas encaracoladas ou lisas, ou de cabeças peladas; bem fornidos de carne ou com o esqueleto à mostra... é tamanha entre eles a dessemelhança física e tão variadas as suas aptidões, que se torna interessante o estudá-los, mesmo para quem não morra de simpatia pela raça canina. Basta pensar-se que mesmo em certa variedade de cães há alguns que só exercem as suas funções de caçador à luz franca do sol, outros ao “rosicler” da madrugada, outros à noite; uns farejam caça de penas, outros de pelo e ainda outros são caçadores de homens e como tais aproveitados pela polícia de alguns países europeus. Quais serão as raças mais estimadas no Brasil? Eis o que nos dirá a exposição, se acaso ela for levada a efeito, o que tão cedo não será provável, a não ser que a incorporem à próxima exposição da Praia Vermelha.

Nós ainda não temos a mania desses certâmens avulsos, como têm certas cidades em que eles se realizam periodicamente, como incentivos para determinadas culturas ou indústrias. Basta-nos lembrar que até hoje só tivemos uma exposição de flores, e essa mesma, não organizada por profissionais, mas por uma sociedade pobre, principiante, de fins caritativos, e que essa mesma exposição figurou como acessória de outra industrial, que ao concurso das flores deveu, principalmente, o seu triunfo. Entretanto, não há cidade medianamente civilizada na Europa que não realize duas ou mais exposições de flores todos os anos!

Aqui, só os canários têm merecido honras de exhibições repetidas, feitas por criadores de bom gosto e de tino. Conservo ainda na memória a delícia de uma manhã passada ali assim no Passeio Público, entre uma grande quantidade dessas avezinhas todas luz e harmonia, que, sem se intimidarem com o bulício e atenção dos visitantes, gorjeavam, gorjeavam deliciosamente.

A petição dos galgos russos não ficou satisfeita; que outros galgos e eles próprios vão bater a qualquer porta mais abalizada do que a minha, e juntando ainda por cima uma reclamação dos gatos, que não seria justo deixar do lado de fora. Nesta hora mesmo em que escrevo, dois olhos de turmalina verde varados de um clarão d'ouro, fixam-se magneticamente nas minhas mãos, à espera que seja para eles a minha última carícia neste papel. Os cães pedem, mas os gatos mandam. Preparemos almofadas de veludo para os gatos...

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIV, n. 08663, p. 1, 22 jun. 1908.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/16518

REFLEXÕES DE UMA ESPOSA

Ferme les yeux et tu verras.

— É ESQUISITO! Quando o Manoel pedreiro veio dizer a meu marido, há um mês, seguramente, que era indispensável cortar a glicínia, se quiséssemos conservar em perfeito estado as grades de ferro da varanda e as telhas do telhado, meu marido, que é tão zeloso da sua propriedade e tão bom financeiro, gritou logo que não! Isso nunca; deixassem as flores em paz e se lembrassem de que elas constituíam o maior encanto, talvez o único, da fachada do nosso *chalet*!... Foi em pura perda que o Manoel procurou chamar-lhe a atenção para certos estragos ocasionados pela planta... as paredes, sem sol, tingiam-se de nódoas esverdeadas... os varais finos do ferro torciam-se aos braços fortes da trepadeira vigorosa, os ladrilhos do chão encardiam-se à umidade da atmosfera ensombrada... A todas essas ponderações práticas e sensatas meu marido opunha um não peremptório, formal, que parecia definitivo; entretanto, ontem, mal chegou de acompanhar a bordo a minha amiga, eis que manda chamar o Manoel a toda a pressa, para arrancar a trepadeira e repintar a varanda, agora exatamente que as glicínias me enchem a sala de perfume e claridades roxas... Vão lá entender os homens... Se ele não tivesse vindo do bota-fora tão pálido e tão irritado, talvez que eu tivesse achado argumentos para defender a pobre planta, pelo menos durante o tempo da floração. Também aquela impaciência dele ontem me pareceu exagerada; poucas vezes o tenho visto assim nervoso e mal-humorado... afinal a amiga era minha... desde os bancos do colégio... desde a primeira confiança... sim, era minha, mas não foi de mim que ela se despediu com mais ternura... isso não foi... falando comigo, olhava para ele... e mal eu me distraía um pouco — zás! sumiam-se como por encanto, para ir contar a bagagem... tomar

uma limonada... ver o camarote... não sei mais o quê!... Vi-a até uma vez beijar o ramo que ele lhe deu... foi na lancha... mas isso era natural... afinal havia já tanta intimidade entre eles!... Embora... é verdade! agora estou-me lembrando que no fim... já tinha dado o sinal para a saída e ainda meu marido fazia corpo mole, deixando-se ficar para trás, para ser dele o seu último abraço... Que horror! Eu estou sonhando... positivamente estou sonhando... ela foi e será sempre a minha melhor amiga... contudo, antes de ontem, tanto um como o outro pareciam evitar-me e mudar de conversa, quando eu me aproximava... Seria cisma?... Não...

Agora é que estou compreendendo o sorriso malicioso do copeiro, quando, por ordem dela, veio chamar meu marido para fechar-lhe a mala... O que vale é que eu fui também... Espera!... e as cartas?!... como foi que eu não compreendi aquela comédia das cartas, em que de vez em quando representei inconscientemente o meu papel... bem ridículo, ai de mim! Pois era lá crível que se não passasse uma única manhã sem que ela tivesse uma carta para mandar por ele para o correio? E ainda eu lhe gabava a facilidade epistolar e o número notável dos correspondentes! Todos os dias era a mesma cantiga: *"Como o senhor passa pelo correio... se lhe não causar incômodo..."* Ah! cega que eu fui! E ele precipitava-se: *"Qual incômodo, é um prazer... um grande prazer!"* Pudera! Se a carta era para ele mesmo! Quantas vezes as passei inocentemente das mãos de um para as do outro, sem que eles corassem nem caíssem de joelhos a meus pés... cães! Senhor! Como são variados os recursos da traição!...

Esta suspeita é uma insensatez... uma maldade absurda... ele só obedecia aos preceitos da hospitalidade e da cortesia... Ao princípio até antipatizavam um com o outro... Aos preceitos só da cortesia, não... aquela oferta diária de violetas era excessiva. Onde ia ele desencantar tantas violetas para trazer-lhe, se a não amasse?!

E eu tão boba, que ainda me enternecia, julgando que aquelas atenções eram também prestadas um pouco por amor de mim... Não me dizia ele, quando saíamos à noite: *"Deixa-me dar o braço à tua amiga?"* Sim, era por ser *minha amiga*

que ele a rodeava de tantas amabilidades... por isso também eu sorria, condescendente, quase lisonjeada! Se a *minha amiga* fosse feia e desajeitada, far-lhe-ia ele os mesmos agrados? Talvez... porque as mulheres feias têm uma habilidade diabólica para pescarem a preferência dos homens, e quando a pescam não os largam mais... Não! O melhor é evitar a convivência das amigas, quer sejam feias, quer bonitas... em homens não há que fiar...

Santa Bárbara! Por que tortos caminhos enveredou meu pensamento, isso era lá possível?! Se era possível ou não... não sei; mas o que é fato é que à hora de *ele* vir para casa *ela* ia esperá-lo no jardim com vestidos sedutores e ele lhe beijava a mão... como, de resto, me beijava a mim... galanteria nunca antes praticada...

O beija-mão foi instituído por amor da *minha amiga*... Devo-lhe esse obséquio... será ainda preciso agradecer-lho?

Há na amizade das mulheres regras tão sutis e de uma trama tão frágil, que a gente não sabe como mover-se dentro delas...

Já não me resta a mais pequenina dúvida: eles amaram-se! O que eu não vi de olhos abertos, durante quatro meses de habitação em comum, vejo de olhos fechados, repentinamente, no clarão de um segundo! Houve dentro do meu espírito, ignorado por mim mesmo, um trabalho lento de observação, que me levou a este desfecho inevitável. A verdade caminha por si, quando não acha quem lhe dê a mão. Chega mais tarde ao seu fim, mas chega sempre... Eles amaram-se! Era por isso que ao cair a noite me pediam que fosse para o piano tocar Chopin e que nunca pareciam fartos de me ouvir... mal eu parava, dizia-me logo a minha amiga, da varanda, num tom de súplica irresistível:

— Mais outra, sim? Prolonga a delícia desta hora!...

E meu marido acrescentava:

— Estás ficando uma grande pianista, sabes?!

Queriam que eu tocasse... porque, compreendo agora, enquanto eu, na ingênua vaidade da minha arte banal, acedia ao seu rogo, eles segredavam-se ternuras, conchegando-se um ao outro, mãos nas mãos, olhos nos olhos, sorrisos nos lábios trêmulos...

Era por isso que eu, ao levantar-me do piano, os achava diferentes, com a expressão iluminada de quem acorda de um sonho delicioso!

Vinham do país do amor, e eu acreditava que viessem do país da harmonia e que todo aquele fulgor fosse nascido dos meus noturnos e das minhas valsas maravilhosas!

Terá havido no mundo pretensão mais castigada? Aprendi à minha custa que as *melhores amigas* das mulheres são mais terríveis que os piores inimigos dos homens; eles derrubam-se de frente; elas procuram conquistar todas as afeições das rivais e viver da sua vida, sem que as suas vítimas o suspeitem... Enquanto eu dedilhava Chopin, destilando em cada nota um pouco da minha alma comovida e arrebatada, *elas*, por entre as cortinas da janela e as galharias da glicínia discreta, perdiam-se pelos labirintos do *flirt*... E aí está por que ele se opôs tão formalmente a que se cortasse a glicínia, quando o pedreiro afirmou que ela estava arruinando as grades da varanda e as telhas do telhado! E eu, tão ingênua, e eu, tão cega, que o ajudei a defender a planta de encontro aos seus interesses de proprietário e aos meus de esposa fiel... Como se teriam rido os dois de mim, quando naquela tarde eu os embalasse ao ritmo das minhas músicas... e como pude eu viver no meio de tudo sem perceber coisa alguma! O que me espanta é que só agora, fechando os olhos a outras impressões, eu veja a verdade clara e nua surgir em frente de mim, agora que o romance teve o seu ponto final e que toda a minha ação tem de se restringir à lamentação de mim própria! Como hei de eu viver daqui em diante? Que hei de fazer? Dizer-lhe que sei tudo? Os homens têm mil modos de negar uma só afirmação que façamos. Ele dirá que não, que não, que não, e ainda acabará rindo-se de mim, porque a última palavra será sempre a sua... Supus que em amor, como em religião, as intenções valessem

tanto como as obras consumadas e merecessem o mesmo castigo, mas parece que não é assim e, para não me afligir, meu marido será capaz de confessar sem reboço que só por pensamento pecou com a *minha querida amiga*... Não; o melhor será calar-me; que ao menos o meu orgulho sirva de capa ao meu amor próprio ofendido: sofrerei em silêncio, que é o único modo digno de sofrer... Depois, que lucraria eu em falar? Tudo acabou. Entre eles há centenaes de léguas de oceano; ela viverá sempre na Europa; ele viverá sempre aqui, jungido ao cadáver do meu amor, que morreu... Não é que estou chorando?... Aí está de toda a história o que ficou: — lágrimas que ninguém vê...

Bandido... bandido! Estou morta por lhe dizer que sei tudo!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

(Do livro *Eles e Elas*)

O Paiz, ano XXIV, n. 8670, p. 1, 29 jun. 1908.
http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/16586

QUADROS E VERSOS

AS EXPOSIÇÕES DE PINTURA sucedem-se ultimamente no Rio de Janeiro, sem se parecerem entre si.

Só dentro destes derradeiros três ou quatro meses tivemos nada menos de cinco, sendo três organizadas por pintores nacionais de muito merecimento e pouca idade, circunstância que é sempre um penhor de felicidade para as gerações que se renovam.

Em face desses três moços brasileiros, embora todos eles de nome estrangeiro: Helios Soellinger, Eugênio Latour e Rodolfo Chambelland, não se pode dizer que a nossa mocidade desdenhe a arte e a não cultive, nem tampouco que se não empenhe em grandes esforços e trabalhosos estudos para a conquista de uma posição superior no seu meio.

Nós caluniamos quase sempre a mocidade, emprestando-lhe só atributos de frivolidade e de desatenção por tudo quanto seja ponderado e sisudo. Engano; se há na vida uma quadra de tensão de espírito, de labor, de sofrimento, de desesperos intelectuais, é essa em que se peleja pela conquista de um nome e por dar corpo a uma ideia, alimentada e nascida como as ilusões. Quem não consome os melhores anos da vida na teimosia do estudo, não chega jamais a ser alguém neste mundo, em que ciência ou arte só premiam os que lhes incensam o altar com as chamas do seu próprio coração abrasado. Embora conservar um nome seja mais penoso do que fazê-lo, porque os entusiasmos da conquista desfalecem com a experiência e os embates rudes da vida, todo o artista moço supõe que, alcançada a fama, está alcançada a felicidade, e corre para atingi-la, até mesmo por sobre fios de espadas ou pontas de punhais, sem contar que a arte é como o deserto: está cheia de miragens, que vão fugindo à proporção que nos aproximamos delas...

Essa ânsia de perfeição permanece por longo tempo incompreendida pelo público, até uma certa hora em que a sua consciência desperta para lhe fazer justiça. Sendo assim dolorosa, é preciso que a arte seja muito fascinadora para atrair tantas almas, pensava eu outro dia, vendo no Museu Comercial, da Avenida, a exposição de pintura de Rodolfo Chambelland, pintor muito individual e muito fino, e em cuja maneira se me afigura sentir qualquer vaga influência do pintor, talvez seu mestre, Rodolfo Amoedo.

Revejo mentalmente, na hora em que escrevo estas linhas, as sombras moles de galharias despidas, escorregando em fios escuros sobre gramados verdes dos parques parisienses de alguns dos seus quadros; as hortas exuberantes em que, por entre os taludes dos morangais, se dobram em arco aldeãs gordas, para a colheita do fruto saboroso; os campos risonhos da primavera, esmaltados de penachos de ouro dos arbustos em flor, e essas praias da Bretanha, de uma cor tão singular, de telha acabada de sair do forno.

Se eu tivesse pretensões à crítica, do que Deus me livre, acharia nessa delicada e interessantíssima exposição assunto para demorada palestra, porque muitos dos seus sessenta e seis quadros, de uma fatura tão moderna e tão distinta, mereceriam referências especiais. Mas, ocupando-me deste assunto, só tenho em vista contribuir com o meu aplauso para o sucesso de um pintor moço e de talento, cuja prosperidade artística redundará em benefício do país inteiro. Há um fundo de egoísmo na maneira de desejarmos o bem aos artistas nossos patrícios.

—

A quinta exposição a que me referi no princípio deste artigo é a do pintor francês Sr. Gaston Guignard, cujo nome figura já como artista notável no dicionário de Théodore Guédy — e que tive o prazer de visitar um dia destes.

Aí está, portanto, um artista de créditos assegurados e a quem os nossos

louvores não avolumarão a torrente da prosperidade. É um pintor mais que um poeta? É um poeta mais que um pintor? Na verdade, em algumas das suas telas há mais sentimento do que tintas; olhando-se para elas adivinha-se o que se não vê e está, entretanto, impregnado na fluidez da luz ou na profundidade da água que elas representam. Os seus rebanhos de carneiros, aconchegando-se sob o frio do anoitecer, evocam não sei que saudades de coisas longínquas e fazem cismar que já vimos de verdade, num dia morto do nosso passado, naquelas mesmas estradas, empalidecidas pela agonia de um crepúsculo de inverno, outros rebanhos iguais, de volta ao aprisco... É na alma dos seres incultos, é na marinha e nas paisagens, que este pintor me agrada.

A única figura da exposição que eu não compreendo nem por sombras é exatamente a de uma mulher, que nela ocupa um lugar principal.

Levanto os olhos do papel e olho pela janela aberta em frente de mim. São três horas da tarde. Cidade, mar e montanhas, tudo está azul! Um nevoeiro sem rasgões nem manchas cobre águas, árvores, torres e telhados, desde o sapé da montanha em que habito, até além da baía, o horizonte barrado pela Serra dos Órgãos, de um azul muito mais intenso.

A doçura desta luz de safira diluída em leite idealiza até a casaria mais próxima, dando-lhe ao tijolo e à cal das paredes uma aparência de diafaneidade, que me traz à ideia exatamente alguns dos quadros do Sr. Guignard.

Enquanto com a aragem se dissipa o nevoeiro azul, leiamos juntos, leitor, esta bonita página do *Ementário*, de Gustavo Teixeira, poeta que tem jus a coparticipar dos altos louvores com que saudamos o nosso novo poeta Hermes Fontes.

QUADROS E VERSOS

A AGONIA DA ÁRVORE

*Vai-se uma folha e exalas um lamento...
Estranhas coisas no sussurro dizes!
Desde que começou teu sofrimento
Fogem de ti os pássaros felizes!*

*Tu, que lutavas com o tufão violento,
Empedrada nas sólidas raízes,
Agora pendes, quase morta, ao vento,
Toda cheia de roxas cicatrizes...*

*Não te lastimes, árvore sem flores,
Erguendo ao céu, em vez da fronde linda,
Os braços nos extremos estertores!*

*Já não tens sombras para os namorados,
Mas os teus galhos servirão ainda
Para aquecer no inverno os desgraçados!*

Poetas e pintores, doces amigos da natureza, como seria triste o mundo se eles não existissem!...

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIV, n. 8677, p. 1, 06 jul. 1908.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/16654

NOITES DE ARTE

DEPOIS DE RÉJANE nunca vi no palco uma fisionomia de mulher tão móbil, nem tão expressiva, como a dessa deliciosa atriz Martha Brandés, que ilumina agora com o seu talento o nosso teatro Lírico. Que irradiação! De toda a sua figura, de que o lápis anguloso e original de Cappiello tem tantas vezes admiravelmente apontado os traços principais, para revistas e jornais de arte, tanto que me acodem à lembrança ao vê-la, difunde-se o fulgor de uma inteligência flexível e profundamente apaixonada pela arte da sua profissão, e a força de uma vontade poderosa e criadora. Esta impressão de domínio e de caráter, que me pareceu sentir nessa atriz extraordinária, não me foi transmitida nem pelo fulgor dos seus olhos oblíquos e chamejantes, nem pela lindeza do seu gesto, mas pela dilatação do seu pescoço, que parece indicar estudos e esforços vocais muito tenazes. Aquele seu timbre de voz, que, apesar de grave, vai até onde quer ir com a sonoridade adequada ao sentimento que interpreta, foi naturalmente adquirido por um trabalho consciencioso, como o das cantoras de primeira ordem. Parece uma voz feita mais pela arte do que pela natureza, com ressonâncias de bronze e de cristal. Embora de outro timbre, ela faz lembrar a voz da Moreno, por se destacar dentre todas as outras vozes femininas, como sons vibrantes de clarins, dentre os sons abafados de instrumentos de corda.

Depois da noite tumultuosa, inesquecível, de *Les affaires sont les affaires*, por De Féraudy, que encheu os espectadores de assombro pela perfeição com que criou o tipo de Mr. Lechat, nós não podíamos esperar grandes comoções transmitidas por outrem naquela mesma arte. Os espetáculos sucedem-se a tão curtos intervalos uns dos outros, que não nos deixam tempo para saborear o que neles há de melhor, com a devida reflexão. Porque eu não sei se aos outros acontece o que me acontece a mim, a quem o gozo artístico de um espetáculo não

se limita ao curto prazo em que o recebo diretamente do palco, mas se prolonga por muitos dias na memória, para maior compreensão de seus detalhes e sutilezas. Esse prazer de relembrar, de fixar, que é tão saboroso e delicado, é-nos proibido aqui pela força das circunstâncias. Ainda estamos de olhos fechados, relembrando cenas e minudências de uma peça, quando temos de sair à pressa para ver outra, destinada a cortar em um só golpe as recordações da anterior! O trabalho magistral de Féraudy, no *Les affaires*, é tão intenso, tão ruidoso, tão verdadeiro na sua originalidade, tão fino na sua brutalidade, que o espectador sai do teatro tonto, com a sensação não de ter visto representar um artista, mas de ter surpreendido a vida íntima de um homem. Não lhe bastam por isso aquelas curtas horas de espetáculo para ele chegar a compreender o verdadeiro valor de tão completa interpretação; são-lhe precisos alguns dias de repouso, em que as impressões recebidas se fixem nas suas devidas proporções. É esse tempo que nos falta. Mal acabamos de assistir a uma comédia, principiamos a ver outra, em que se precipitam outras paixões, se debatem outras ideias, e se fala noutro estilo!

Eu ainda tinha os ouvidos cheios com a voz portentosa de Mr. Lechat, cascadeando como os seus milhões em ondas de sangue de morte, quando entrei no teatro para ver *Le passé*. Certamente, eu esperava divertir-me, não se leem impunemente notícias teatrais, nem crônicas do estrangeiro, mas mantinha a convicção de que a noitada da antevéspera, com *Les affaires sont les affaires*, prejudicaria fortemente todo o prazer que me pudesse transmitir a arte, ainda que famosa, da atriz Brandés, que evoca as saudades da única vez em que entrei na Comédie Française, há quatorze anos feitos, para ver *Les Cabotins*, de Pailleron, em que ela figurava ao lado de Féraudy...

Felizmente, para ver os bons, os melhores artistas franceses, já não é indispensável aturarmos dezoito dias de dormidas em beliches, nem os banhos de água salobra ou salgada, nem o cheiro de bordo, visto que eles, graças ao Sr. Celestino da Silva, se dão ao trabalho de vir até cá todos os anos, para florirem

com a sua arte, milagrosamente, a aridez do nosso teatro. São indubitavelmente as nossas melhores horas do ano, estas, para quem considera o teatro como o mais fino e o melhor divertimento conhecido. Para haver sempre uma pontinha de desgosto apelendo [sic] a doçura da ocasião, lamentam-se algumas pessoas de que as notabilidades venham quase sempre ao Brasil mal acompanhadas, e que, portanto, não vale a pena ir vê-las... Quer-me parecer que há nisso um pouco de injustiça, em relação aos empresários que organizam na Europa as suas companhias, porque, mesmo lá, a não ser na Comédie, em todos os outros teatros há sempre destaques. Depois, nessas companhias francesas que aqui têm vindo nos últimos anos, com artistas superiores, como Sarah e Coquelin, Réjane e Suzanne Després, De Féraudy e Brandés, não admira que os demais que os acompanham, entre os quais, em todo o caso, tem havido outros que são notáveis nos teatros da França, como Antoine e Grand, Dubox e De Max, Moreno, Sylvie e aquela inolvidável Grassot, haja um certo destaque dos primeiros.

Das companhias que nos visitam só podem ser muito iguais e homogêneas as compostas por mediocridades. Disto pode-se tirar uma prova mesmo nas companhias italianas, mais frequentes no Brasil, quando à sua frente trazem uma Duse, um Emmanuel, um Novelli, que enormemente se destacam dos seus companheiros de cena.

Uma vantagem dessas companhias francesas é que nos dão no original as mesmas peças que as outras nos dão em traduções às vezes péssimas. Além de que, certos caracteres da moderna literatura francesa só por franceses podem ser completamente representados. Imagine-se *Ma cousine* ou a *Parisienne*, apresentada em cena pela senhora Della Guardia. Seria, talvez, pior que aquele tremendo Cyrano que há anos vimos no S. Pedro pelo falecido César Rossi. Quanto a mim, o erro das companhias dramáticas italianas e portuguesas e a maior prova da decadência dos respectivos teatros é que todas elas nos dão noventa por cento ou mais de peças francesas, em tradução. Se as companhias portuguesas nos dessem unicamente peças portuguesas, e as italianas peças

italianas, estou certa de que nos agradariam muito mais, porque estou certa de que as representariam muito melhor. Por isso, espero com enorme curiosidade a companhia espanhola de Maria Guerrero, cujo repertório é composto quase exclusivamente de peças espanholas, pois numa lista de vinte obras entre antigas e modernas, apenas duas são francesas.

A semana do Lírico fechou com uma peça inteiramente nova para nós: *Chacun sa vie*, deliciosamente representada por toda a companhia, com admirável afinação, em que Féraudy compôs e mostrou um tipo incomparável, desses que ficam na história do teatro assinalando a passagem de um artista, que atingiu na arte de representar aquela qualidade tão rara e tão francesa, que nenhum outro teatro a possui — a simplicidade, a que não sei que escritor qualificou de "verniz dos mestres".

A *coquette*, cheia de vivacidade caprichosa e ultramoderna que Brandés nos apresentou, nesta peça, tão ousada e tão bem feita, é também um tipo completo e definitivo, uma criação tão perfeita, que nunca mais será esquecida por quantos diante dela vibraram de puro gozo intelectual.

Que delícia para o nosso espírito, esta de podermos ver na mesma noite e na mesma peça dois artistas como Féraudy e Brandés, e ainda com a *réplica* que lhes dá uma criaturinha toda inteligência e beleza, como essa adorável Madeleine Lély!

A mim, o que me atormenta nessas companhias dramáticas parisienses é só unicamente isto: a sucessão precipitada dos espetáculos. Se elas não fossem, como geralmente são, tão empolgantes, nas últimas récitas não faltaria quem cochilasse no teatro. Agora o que falta é quem tenha razão de se queixar contra a cabeça das senhoras na plateia. Abençoada e doce índole brasileira! O que nos outros países da Europa e da América foi necessário obter por intermédio da lei dura, pesada e que de sobrolho carregado vedava às senhoras a liberdade de penetrar no teatro com o chapéu na cabeça, foi aqui sentido por nós espontaneamente, por um sentimento de cortesia para com o público.

Na primeira noite, por toda a enorme plateia do Lírico, repleta de espectadoras, ainda apareceu um chapéu de senhora, mas um só, que aguentou firme, conquanto vexado, porque o pudor lhe coloriu de vermelho as anêmonas roxas da copa, todos os olhares de censura com que o flechavam de cada lado. Não houve um dito, que me conste, a perturbar-lhe a calma, todavia ela sentiu quanto a solidão esmaga no meio da multidão, e deixou-se ficar em casa na segunda noite de teatro, no que fez bem... Pese muito embora sobre mim o ódio das chapeleiras, mas dou os parabéns às minhas patrícias por essa deliberação gentil e unânime. De resto, para consolação de quem não dispense esse pesado adorno, ainda há o camarote, em que ele é permitido. Em um deles, vi eu um chapéu tão grande, tão grande, que abrigaria um exército em campanha e era suportado, apenas, por uma frágil e bonita mulher! E não faltam mulheres bonitas nem na sala, onde há rostos de moças cariocas capazes de tentar o santo mais petrificado, como na cena. O que falta no nosso teatro, por enquanto ao menos, é a vibração de um entusiasmo que, se não se acender com *Les affaires*, *Le Passé* e *Chacun sa vie*, não sei por que sopro espera para irromper!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIV, n. 8685, p. 1, 14 jul. 1908
http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/16734

REFLEXÕES DE UM MARIDO

À luz do gás, abaixada por um abat-jour de porcelana, a mulher serze meias sentada ao lado de uma mesa. Do lado oposto o marido lê um tratado de ciência fisionômica, levantando de vez em quando os olhos do livro para observar com atenção o rosto da esposa. A casa está em silêncio.

"O ROSTO TRIANGULAR indica um caráter extravagante, caprichoso, volúvel, falta de reflexão. Os indivíduos desse tipo são mentirosos, manhosos, precipitados...."

Mas, mau! minha mulher tem o rosto triangular... não há dúvida, perfeitamente triangular, e, entretanto, parece uma boa alma, simples e sincera... Mas se uma das particularidades do tipo é exatamente a mentira, quem me dirá se essa aparência de bondade não é fabricada pela impostura? Eugênio Ledas não se aventurou a asseverar proposições tão graves sem fundamento. Um homem de ciência não caçoa com o público; o seu papel é de buscar a verdade para demonstrá-la, nada mais; sofra quem sofrer, regozije-se quem tiver razões para regozijar-se, isso pouco lhe importa, contanto que ele esclareça os fatos e interprete com justiça a natureza. Ainda é o dogma da minha fé — a ciência... mas deverei neste caso acreditar mais nele do que em minha mulher, tão submetida sempre às imposições da minha má fortuna? Não! não, isso seria uma perversidade absurda; afinal essas teorias são abstratas, enquanto que os atos de minha mulher são positivos e dignos de apreço. Agora mesmo que faz ela? Cose meias. Haverá nada sobre a superfície vasta e variada do nosso lindo planeta mais monótono, mais fastidioso, e que requeira maior soma de paciência do que esse trabalho modesto, oculto e longo de que mal dá fé mesmo quem o aproveita? Um caráter bizarro, volúvel, mentiroso, falta de reflexo, sujeitar-se-ia a esse ofício lento, providente e cansativo? Quem sabe? Há mil modos de mascarar maus

sentimentos, e parece que nessa particularidade as mulheres são férteis... realmente, na minha, pensando bem, há certas contradições suspeitas e curiosas. Ainda hoje, sabendo ela que as Bragas vieram com sacrifício dos confins dos subúrbios só para visitá-la neste recanto da Gávea, não trepidou em mandar dizer pela criada que não estava em casa!

Qualquer [um] achará esse ato o mais natural do mundo, ela estava lendo o seu folhetim de aventuras, as outras são um tanto ou quanto maçadoras, pronto, o remédio é fácil: — não estou em casa! que voltem pelo mesmo caminho, sem o cafezinho do *lunch* com que contavam e sem o prazer de dois dedinhos de maledicência... que para tal são excelentes as Bragas, e é só por isso que eu gosto de conversar com elas. Minha mulher então melindra-se toda com o ouvir sussurrar da vida alheia... outra particularidade que não me parece natural, porque enfim não há música mais deleitosa para ouvidos humanos do que a composta pelas fraquezas e os erros dos seus semelhantes...

Estou convencido de que só os culpados não gostam de aludir a culpas de outrem... entretanto, minha mulher, coitada, nesse ponto é mais inocente que um passarinho... se ela não gosta, é mesmo porque... porque não gosta, ora adeus! Deixemo-nos de tolices e continuemos a leitura:

“Os rostos triangulares indicam um espírito superficial e desanimado, inclinado à intriga e com pronunciado gosto para aventuras, para especulações de acaso e para o jogo”.

Diabo! este parágrafo é demasiadamente sério! é mesmo — *excessivamente grave*, como dizia um dos do Eça. Será crível que minha mulher, tendo o rosto tão geometricamente triangular, fuja a todos os preceitos aqui estabelecidos e seja em tudo uma exceção da regra? Que arrelia da sorte, que só me faz conhecedor destas verdades científicas e indiscutíveis quando elas não me podem servir de previdência e bom recurso!... Agora que mais? é aguentar; entretanto, que há dois anos eu tanto me poderia casar com minha mulher como com a prima, a Geni, que também morria de amores por mim e não era mais feia... agora está até mais

bonita do que a minha. Essa tem o rosto oval; um rosto sério e pálido, onde parece fulgurar sempre a luz doce de um sonho... a memória do meu amor, talvez... vejamos o que nos diz este filósofo dos rostos ovais...

“Os indivíduos de rosto oval são extremamente impressionáveis, obedecem cegamente a todas as suas tendências e nada os satisfaz, porque vivem num perpétuo desejo. São caprichosos, teimosos, tímidos, inconstantes, medrosos, preguiçosos, infiéis no amor e quase sempre fanáticos na religião”.

Do que eu me livre! Esta apreciação, afinal, talvez ainda seja mais assustadora do que a outra... onde a cláusula da infidelidade no amor não está incluída e é de todas a que mais preocupa os maridos de todos os tempos... Ao menos sobre este ponto posso ficar tranquilo. Querida Eulália, com que prazer e paciência está ela ali serzindo as peúgas do seu maridinho! Enquanto leio, penso, fumo, ela, curvada sobre os joelhos, cose calada, como um anjo. E fica-lhe bem o sossego... Se ela não tivesse a testa tão curta, seria mais bonita... vejamos o que diz este amigo sobre as testas como a da Eulália:

“A testa curta é indício de uma natureza grosseira, cheia de rudeza e de maldade”.

Pior! antes não tivesse lido. Desde criança que ouço dizer que as testas curtas não são reveladoras de talento, mas que revelassem grosseria e maldade, não o sabia... Nesse caso, o pensamento que faz pender nesta hora de serão a cabeça de minha mulher para os pés murchos das peúgas que remenda, não é um pensamento de amor, de carinho, de previdência econômica, mas de cálculo esperto e especulador, em que exista a intenção de prolongar o uso da minha roupa velha, para dispender o dinheiro que eu pudesse gastar na nova, em futilidades para seu uso próprio, ou mesmo... o jogo?... o jogo?! O dinheiro nas mãos das mulheres é como o fogo nas mãos das crianças: uma causa de perigo iminente; as mulheres não sabem fazer contas e creem-se sempre aptas para multiplicar as moedas, como Cristo multiplicou os pães... Parece-me que eu estou dando dinheiro demais à minha... Mas já agora, que vi a testa da Eulália, sempre quero ver o que este sábio me diz da testa imperturbável e serena da Geni...

“Uma fronte que jamais se enruga, mesmo durante as mais fortes comoções, é sinal certo de frieza, de baixaza e de hipocrisia”.

Graças aos céus, que não tenho que me arrepender pela preferência que dei à Eulália! Os atributos da Geni não são mais tranquilizadores...

Mas onde diabo tinha eu a cabeça, que não procurei ler este livro em solteiro? É inconcebível a leviandade com que a gente se casa, para depois, quando não há mais remédio, ter destas surpresas! Como poderia eu imaginar que a Eulália fosse o poço de misérias que descreve este livro, como, se ela é mais doce que o mel, mais acomodada que o próprio caracol? Em dois anos que tenho de casado não me lembro de nenhum arrufo, nenhuma queixa, nenhuma recusa; ela contenta-se com pouco — quando há: há; quando não há: houvesse; e vai tudo às mil maravilhas. Não há sábio capaz de me convencer de que ela tenha estado todo este tempo a representar uma comédia, com qualquer fim oculto, ou mesmo sem nenhum propósito, só pelo prazer, aliás comum nas mulheres, de se criarem atributos diferentes dos que lhes deu a natureza, para se fazerem românticas e originais... Ninguém se contenta com o ser banal, esta é que é a verdade moderna, sem pensar que a originalidade artificiosa assenta tão mal às criaturas como um chinó ruivo num tipo moreno ou um chinó preto num tipo louro...

Mas basta de divagações e vejamos agora o que diz o mestre dos meus traços principais; afinal, eu deveria ter, como sempre, principiado por mim. Vejamos o que ele diz dos narizes grossos e carnudos como o meu:

“O nariz grosso, carnudo e... revela um espírito pesado, obtuso, indolente e guloso”.

Qual! este patife estava bêbado... ora, ora se o meu espírito fosse obtuso... seria eu capaz destas reflexões? mas espera: esta definição aqui talvez seja mais aplicável ao meu caso:

“Um nariz pequeno, arrebitado e ligeiramente batatudo revela um espírito vivo, fino, espirituoso”.

Bravo! perfeito, é isto mesmo. Este é que é o meu nariz. Reconheço-o. Por força; as teorias de Lavater não são fantasias vãs!...

Interrompe as suas cogitações, entretém-se uns segundos apalpando o nariz carnudo e grosso. A mulher levanta os olhos para sorrir-lhe e torna a baixá-los sobre a costura. A casa continua em silêncio.

Agora o queixo: dizem que o meu é chato, mas, afinal, talvez não seja tanto como dizem...

Ora cá está ele:

“O queixo chato indica secura, frieza, egoísmo”.

Não está de acordo. Efetivamente, não sou um exaltado, mas também não sou um insensível, nem um egoísta... aqui deve haver erro...

“O queixo quadrado, anguloso, anuncia coragem, energia, vontade”.

Ah! digam-me dessas! Este é que é o meu queixo. Um queixo de homem que tem as mais apreciáveis qualidades másculas e as mais raras.

Por hoje basta; estou satisfeito quanto a mim, embora muito desconsolado quanto à minha mulher!...

(Do livro *Eles e Elas*).

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIV, n. 8692, p. 1, 21 jul. 1908

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/16808

AMOR QUE NÃO ENGANA

QUANDO, HÁ UM ANO, as três filhas do pintor Aurélio de Figueiredo partiram para a Europa, com o sentido de completarem ali os seus estudos de piano, deixaram em todos a convicção de que, fosse qual fosse o centro artístico que escolhessem para a realização do seu plano, sobressairiam nele de um modo notável e muito lisonjeiro para o nosso orgulho de brasileiras. A predição realizou-se mais cedo ainda do que poderíamos imaginar. Oito meses depois de se ter matriculado no Conservatório Scharwenka, de Berlim, Sílvia, a mais nova das três irmãs Figueiredo, entrou em um concurso de piano, para o qual tinham sido escolhidas as dez melhores discípulas do mesmo conservatório, e, depois de um ruidoso sucesso, obteve o primeiro prêmio, por unanimidade de votos.

Foi chamada ao tablado seis vezes consecutivas, e freneticamente aclamada por todo o auditório. O diretor do conservatório disse ao abraçá-la: — "O Brasil triunfou", e o proprietário da grande fábrica de pianos — Blutner, ofereceu-lhe um magnífico piano de cauda, oferta que foi saudada por uma forte e prolongada salva de palmas.

Estas informações, que enfeixo aqui sucintamente, são-me transmitidas por alguém que, vibrando de emoção, assistia no meio da turba a essa grande prova de aplicação e de talento de uma patricícia quase criança, de cuja alma a harmonia brota como a água límpida de uma nascente fecundante e perene.

O que o auditório inteligente e prático do concurso Scharwenka percebeu, de um modo claro e positivo, é que essa menina de olhos tristes e rosto ingênuo não é só a pianista, a dedilhadora impecável de fugas e de sonatas mais ou menos complicadas e terríveis, mas uma sensível, uma iniciada nos divinos mistérios da concepção musical, um espírito criador e que todo se deixa penetrar pelo arrebatamento ou pela dor das almas, suas irmãs.

Ouvindo-a, esse auditório habituado a julgar grandes capacidades sentiu ter diante de si alguém destinada a varar fulgurantemente os tempos desconhecidos do futuro em uma irradiação de sonhos e de poesia. Na verdade, só criaturas assim, em que o sentimento da arte é espontâneo, se deveriam dedicar à arte.

De família de artistas, Sílvia e suas duas irmãs, as gêmeas Suzana e Helena, obedecem à fatalidade do atavismo, neste caso invejável e benéfico. Elas não são, como tantas outras meninas que de todo o meu coração lamento, umas sacrificadas do piano, algoz de inúmeras vítimas neste mundo de Cristo! Ao contrário, são três espíritos que se dedicam à música com sinceridade, com paixão, porque foram formados ao som de harmonias superiormente interpretadas, em um ambiente em que, de cores esparsas de uma paleta, brotavam figuras humanas, e de encadeamentos de acordes, almas apaixonadas. O espírito dessas crianças trouxe, ao nascer, a estampilha do seu destino. Aí estão umas belas propagandistas do talento e da sensibilidade brasileira na Europa! Certamente que o Brasil nunca se arrependerá de as manter como pensionistas no estrangeiro. Sílvia, no Conservatório, as suas irmãs no curso de Vianna da Motta, o inolvidável pianista, considerado como um dos mestres, talvez mesmo — o mestre mais autorizado, de Berlim, afirmarão a essas sociedades requintadas do velho mundo que nestas terras novas da América a mulher não é só servidão e materialidade, mas que sabe sentir e interpretar o que há de belo e de superior no mundo.

À proporção que escrevo estas linhas, surge na minha memória, evocada pelo assunto de que trato, a imagenzinha pálida de uma menina que eu conheci na minha infância, a quem a família destinou para gênio musical sem sequer lhe consultar as aptidões naturais.

Essa era certamente uma dessas milhares de vítimas do piano, a que já aludi, imolada a ele pelo egoísmo materno. Era espantoso o programa de trabalho dessa criança. Levantava-se às seis horas e, mal tomados o banho e o café, sentava-se em frente do seu — Gaveau — vigiada por uma tia severa, que exigia dela a máxima perfeição e paciência nos estudos.

Eram três horas de exercício de teclado consecutivas, findas as quais engolia às pressas o almoço para vestir-se e partir para o Conservatório.

De volta, satisfeita a necessidade de uma pequena refeição, a pobrezinha era obrigada a cumprir todos os seus deveres caligráficos, executando com escrupulosa minúcia e limpeza (e ai dela se o não fizesse) toda a espécie de sinais passados pelos mestres: claves, pausas, acidentes, escalas, transportes, divisões de compasso, um inferno! Jantava entre uma lição pequena de português e uma de contas, e à noite, antes de ir para a cama, a tia vigilante e incansável presidia de novo a duas horas de exercício, que ela tinha por obrigação fazer no seu suave e prestativo — Gaveau.

Este programa não se cumpriu durante um mês ou dois, mas durante muitos anos. Tinha a pobrezinha onze, quando se apresentou em público, em um primeiro concerto; como fosse miudinha, os seus pés não alcançavam os pedais.

Tinha a expressão vaga das crianças que não brincam; o rosto murcho e branquinho, o peito estreito, os próprios cabelos descoloridos, como sentidos pela falta de sol cotidiano. Foi um sucesso.

Ela tocou fugas de Bach e sonatas de Beethoven, com uma maestria espantosa.

Choveram-lhe flores aos pés; naquele tempo o entusiasmo era mais fácil, e ela agradecia a ovação com arzinho de sono e de fadiga, até que em um dos intervalos do concerto alguém teve a estranha lembrança de oferecer... o quê?... uma boneca!

Foi a primeira boneca da sua vida. A pianista arregalou os olhos, de onde lhe saltaram lágrimas de entusiasmo e teve um ataque de riso tão violento, que foi necessária a intervenção de um calmante para que ela pudesse continuar o concerto.

No dia seguinte a linda boneca foi encerrada no fundo escuro de um armário, para não perturbar os estudos da infeliz criança...

Essa vítima do piano e da inconsciência de pais ambiciosos nunca teve, verdadeiramente, um dia de infância.

Fez-se mulher, amarrada ao piano, que de resto ela odiava instintivamente como a um inimigo da sua felicidade. A sua arte não comovia ninguém.

Era de uma técnica perfeitíssima, mas de uma frieza de pedra.

No dia em que vestiu o seu primeiro vestido comprido, fato que a mãe retardou, tanto quanto lhe foi possível, foi pedida por um velhote, com quem se casou sem amor, só para se libertar do piano, que fechou para sempre. Assim, todo o sacrifício do seu passado ficou inutilizado por um movimento de rebelião tardia.

Esta história dava um romance. E dizer que há milhões de almas assim pelo mundo! As outras almas, conquanto tenham na sua vocação desesperos incompreendidos pelo vulgo, no fundo são felizes, porque se dedicam a um amor que não engana e sabe recompensar os sacrifícios que exige.

Não serve a Arte quem quer, mas quem nasceu para ela; e este é o caso das três irmãs Figueiredo.

É este o caso desta deliciosa Brandés, cuja voz, expressão e atitude na sua estupenda criação da parte de Helena na *Rafale* ficarão para sempre gravadas no meu espírito em traços definitivos e inapagáveis.

Quanto talento e quanto estudo são precisos para se chegar àquela perfeição!

Feraudy, Brandés... aí estão dois artistas que me deixam saudades!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIV, n. 8706, p. 1, 04 ago. 1908

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/16952

CENA DE COMÉDIA

- BONS DIAS, Manoel!
- Tu aqui!?
- Como vês. Estás só?
- Completamente.
- Nesse caso venho fazer-te um pouco de companhia. Pela tua saúde não pergunto, tenho sabido por tua mulher que estás bom.
- Como assim? tens vindo cá à casa?!
- Não; precisamente quando venho a tua casa é que eu não vejo tua mulher.
- Então onde?
- Em toda a parte, por aí.
- És mais feliz do que eu, que, andando o dia inteiro pelas ruas, nunca a encontro por acaso. Mas insisto: Onde a viste?
- Espera... segunda-feira na rua do Ouvidor...
- Ia ao dentista.
- Terça-feira, em casa da D. Rufina.
- Fazia anos a Rufininha, e ela não podia faltar.
- Quarta-feira, no corso.
- A mãe veio buscá-la.
- Quinta à porta da Candelária, com o ar de quem acabou de ouvir um sermão!
- É inesgotável a paciência das mulheres!
- Sexta-feira...
- És um calendário!
- Escuta: sexta... ah! sexta na barca de Niterói.

- Que diabo foi ela fazer a Niterói?
- Não sei. Sábado, na Avenida Central, às 2 da tarde, e no "rink" às 9 da noite.
- A irmã veio desencaminhá-la, para ver patinar os filhos.
- Como hoje, domingo, é dia de descanso, pensei que ela talvez não saísse e vim vê-la, de tal modo me habituei à sua presença...
- Perdoo-te a insolência e ainda por cima te ofereço uma cadeira: senta-te.
- Obrigado. Requinta a tua amabilidade, mandando-me dar um copo de cerveja, se acaso a tua mulher não levou a chave da adega...
- Que lembrança! Enquanto não vem a cerveja, toma um charuto... presente do Vale.
- Tanto melhor; o Vale é meu inimigo; tenho o máximo prazer em concorrer para a sua ruína.
- Bom. Agora, acomodado e satisfeito, — desabafa.
- Os desabafos de um homem satisfeito são quase sempre inofensivos, e é para obstar que eu te aborreça, que tu me cercas assim de tamanhos carinhos... Não há ninguém no mundo que saiba como tu defender o sossego do seu espírito. Nasceste para marido.
- É o que me diz minha mulher. Adiante.
- Arrefeceste-me o ânimo. Não posso continuar.
- Vou reavivar-to. Estranha-se, então, por aí, que eu conceda tantas liberdades à minha mulher?
- Que diabo, tudo que é excessivo é notável...
- Alguém aludiu a isso na tua presença?
- Não...
- Sem reticências.
- Não.
- Bom. Nesse caso, a observação é só, só, só tua?

— É só, só, só minha.

— ... Mau... o caso complica-se.

— Como assim?!

— É cá uma ideia.

— Pondo agora de parte a tua ideia, em que não posso penetrar sem explicação, deixa-me dizer-te que o que hoje constitui um reparo unicamente meu, porque por estimar-vos tenho os olhos fitos³⁷ em vós, pode e será por certo amanhã de todo o mundo. Sabes o que é esta nossa sociedade...

— Sei. E então?

— Então, vendo uma senhora casada continuamente aqui, ali e acolá, sem o seu marido, acabará por formar dela um juízo, tanto mais perverso, quanto mais injusto...

— Mas, filho, se o que a diverte a ela me aborrece a mim? Se tenho plena confiança no seu critério e, de resto, não me sobra o tempo para espetáculos e passeios, a que aliás ela não vai só, mas com sua mãe ou sua irmã?

— Muitas vezes a encontro sozinha...

— De dia, claro, a compras... ao dentista... que diabo! Nós estamos longe da idade média! Também eu todos os dias encontro moças sozinhas na rua, e não me ocupo em imaginar de onde elas vêm ou para onde elas vão.

— Sempre tiveste um feitio muito especial; mas deves desconfiar que os outros não são como tu e que, vendo presentemente uma senhora como a tua só na rua, acabam por formular duas hipóteses.

— Duas?! está bem; isso já me dá um certo sossego. Antes duas do que uma...

— Decididamente, não és o homem da impaciência!

— Não. Sou o homem da reflexão. Continua. Uma das hipóteses, é?...

³⁷ N. da E.: No jornal, estava grafado "feitos". Corrigimos para "fitos", por considerar ter sido erro tipográfico. No livro *Eles e elas*, grafou-se "fitos".

— Que sendo tu homem político, pensem que lanças tua mulher através de todos os acidentes da cidade à cata de simpatias, relações, que engrossem a corrente que te leve até uma cadeira senatorial. Conheci uma senhora que pedia votos para o marido aos caixeiros do armário em que comprava, ao dentista que lhe obturava os dentes, ao seu florista, ao seu perfumista, ao seu sapateiro, ao seu cocheiro, ao seu confessor, e por intermédio de amigas ou conhecidas: aos confessores, sapateiros, perfumistas, floristas, parteiros, dentistas etc. dessas mesmas amigas ou conhecidas! Uma lástima! Não há praga mais ridícula do que a esposa de um futuro deputado em véspera de eleições, quando ela quer cooperar para os triunfos políticos da sua cara metade.

— Prevalecem-se, talvez, das suas prerrogativas e...

— Sim. São abusivas. Falam com toda a gente, sem distinção de classe... querem ter a vaidade de dizer ao marido: dei-te tantos votos! Trabalhei por ti como ninguém mais! e outras asneiras. Ah, francamente, quando vi tua mulher outro dia entrar na barca com um vestido sério, mas que se impunha pela sua elegância, e uma bolsinha na mão... tive a sensação de que essa bolsa ia recheadinha de papéis... os clássicos papeizinhos das urnas, e senti um calafrio percorrer-me a espinha.

— Coincidência de alguma corrente de ar que te constipasse na ocasião.

— És fleumático. Serás até capaz de acrescentar que em tais casos agradecerias de joelhos a tua mulher todos os passos que ela desse na propaganda do teu nome.

— Certamente. É sempre lisonjeiro para um marido saber que sua mulher se interessa pela sua prosperidade.

— Ideal!

— Vamos à outra hipótese.

— A outra? Sabe-la tão bem como eu.

— Dize sempre.

— Para quê? Tu não ignoras a malignidade do nosso povo... de resto, bem provocada por um certo número de namoros que se não vexam da exibição...

— Mas que tem minha mulher com o namoro dos outros?

— Dos outros?! nada. Está claro; nada!... E tu?

— Eu?!

— Sim. Tu que tens com o namoro dos outros?

— Nada... E tu?

— Também não tenho nada!

— Ora, pois, se não temos nada com os amores alheios, entretenhamo-nos a falar dos nossos. Tu estás apaixonado.

— Eu?!

— Ainda não tinhas dado por isso?!

— Não...

— Toda a gente já percebeu. Até minha mulher, que é míope!

— Queres fazer romance?

— Não; quero avisar-te de um perigo, para o qual deslizas vertiginosamente. Vieste falar-me como amigo interessado pela minha honra, vou falar-te como amigo interessado pela tua felicidade. Conheço-te desde que me conheço, o nosso afeto é como de irmãos gêmeos; foi isso que te autorizou a dizer-me o que disseste, é isso que me autoriza a dizer-te o que te vou dizer.

— Estou curioso.

— Acredito que atribuas a uma outra causa o sentimento que te agita; mas a verdade está longe de ser a que pensas. Supões ter zelos de minha mulher *por mim* e de fato os tens *por ela*. Que salto foi esse?! — sossega e escuta-me com paciência.

— Não te entendo.

— Vais entender-me: tu amas minha mulher.

— Estás louco!

— Volta a ti... Sem o pensar, estamos realizando aqui uma destas cenas ultra modernas, em que a lealdade se confunde às vezes com o cinismo. Volta a ti, repito; estás pálido como um cadáver, e enquanto te vir com essa cara não terei coragem de continuar.

— Que ideia... que ideia!

— Olha para dentro de ti... mergulha o teu olhar até bem ao fundo do teu coração, e responde-me depois se me enganai.

— Enganaste-te, enganaste-te, pois, parece que te enganaste!

— Nada de precipitações!

— Que juízo fazes tu de mim e o que te autoriza a dizer semelhante barbaridade? Estás louco... positivamente, estás louco!

— Em vez de me responder com essas palavras que não querem dizer nada, dize-me: que levará teus passos ao encontro de cada passo que minha mulher dá na rua?

— O acaso!

— O acaso deixaria de o ser, se nos servisse todos os dias com a pontualidade com que te serviu. Deve haver um nome para essa espécie de magnetismo amoroso que atrai de longe os indivíduos à presença do objeto amado... Os meus estudos de física foram muito imperfeitos para que eu possa determiná-lo...

— Basta, basta; não imaginas o mal que me fazes!

— Não basta; tenho ainda a dizer-te que não foi só o acaso, o instinto, ou o que quer que seja, que te fez tão contraditório com minha mulher. Tu soubeste, de véspera, por mim, que ela iria à casa de D. Rufina. Sim ou não?

— Não sei... sim... parece-me que sim!

— Soubeste, de véspera, por mim, que ela iria ao dentista na segunda-feira, ao meio-dia. Sim ou não?

— Sim...

— Soubeste, por mim, visto que me lamentei de não poder acompanhá-la, que ela iria ao curso! Logo... aí estão três encontros que eu tenho o direito de não julgar casuais.

Ainda não voltaste a ti... tens a expressão de quem acaba de esbarrar com um fantasma... o fantasma da Verdade que te surpreende, hein?... sossega.

— O que dizes é absurdo. É torpe; é...

— É humano.

— É falso.

— É tão verdadeiro que, em vez de saltares num arranco, desmentindo a minha acusação num grito, tu empalideces, embaraças-te em negativas frouxas e revelas no teu assombro que descobri em ti um segredo, que de ti mesmo estava oculto...

— Eu não tenho segredo nenhum, nenhum! Amo tua mulher como uma irmã, porque é tua mulher e nada mais... e é por isso que me interessa... Sufocas-me, deixa-me respirar, ir-me embora, adeus... que ideia a tua!

— Não vás; escuta ainda: vou acordar na tua memória um fato que perfeitamente explica a minha atitude de hoje. Foi este: no dia em que me casei disse-te a ti: — João, conquanto mais moço do que eu, tu tens sido tudo para mim; sem o teu auxílio eu não teria nome, nem profissão; sem a tua amizade eu não teria tido horas felizes na minha tormentosa mocidade... Até hoje não ocultei de ti ações nem pensamentos, fortunas ou revezes. Nesta hora, que eu considero a mais perturbadora de toda a minha vida, à falta de crença religiosa que me impila a vir confessar-me a um sacerdote, como é de uso, confesso-me a ti, afirmando-te que o afeto que nos liga desde a meninice será mantido por mim até a morte, com o mesmo respeito, a mesma lealdade de todas as horas, antigas e presentes, desgraçadas ou felizes. Choramos abraçados, junto àquela estante, e nesse último abraço de solteiro senti soluçar os meus amores mortos e que também foram teus: minha mãe... minha irmã... tua irmã...

— Por que evocas o passado?..

— Porque só ele explica o presente. A nossa amizade era uma coisa muito pura, para ser despedaçada por um impulso de amor próprio... ofendido...

— Mas por que hás de crer num sentimento que não existe e forjar uma ideia de crime onde não há a mínima...

— Para; não prossigas. Já não estás convencido do que dizes, esqueces-te de que és transparente para mim. Não foi hoje que eu descobri o teu segredo... não foi! Ele veio-se-me revelando aos poucos... até a ultima vez que vieste almoçar comigo. Estávamos no terraço... olhavas com impaciência para a porta, à espera de vê-la... e quando enfim ela entrou com uma braçada de rosas no avental, tiveste um sobressalto tão vivo que minha mulher deu uma daquelas suas gargalhadas infantis, perguntando-te se tinhas medo dela! Lembras-te?

— Lembro-me...

— Coraste... peguei-te nas mãos; estavam geladas. Tremi...

— Por que não me disseste?! Por que não me avisaste?!

— Psiu... psiu... minha mulher chegou. Ouves as suas gargalhadas? Entra contente da rua... Não tarda aqui. Disfarça.

— Fujo.

— Não; fica. Eu estou de sentinela.

— Não, não; deixa-me fugir!

— Fica, já disse. Não dramatizes o teu sentimento, domina-o. É o teu dever.

— Ah, mas que espécie de homem, então, és tu, que...

— Sou um homem antigo, que ainda crê na honestidade das mulheres honestas e na lealdade dos amigos provados como tu!

Abraçam-se longamente. Ouve-se o riso moço de uma mulher que se aproxima.

(Do livro Eles e Elas)

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIV, n. 8713, p. 2, 11 ago. 1908.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/17021

O FUNDO DO QUADRO

VENHO DE PERCORRER UM BAIRRO POBRE. Trago o vestido cheio de pó e a alma cheia de melancolia. A minha primeira impressão, cortando para a rua do Riachuelo, por um atalho fronteiro à minha casa, sob ramadas de mangueiras e de cajueiros em flor, foi a de encontrar, à meia encosta, uma pobre e desguarnecida maca de hospital, onde uma mulher moça, apenas coberta com um lençol, mostrava ao céu, afogueado por um sol ardentíssimo, o rosto coberto das pústulas das bexigas. De onde saíra essa desgraçada, se o terreno que atravessávamos é um velho pomar meio abandonado, onde os pássaros cantam livremente e livremente dois ou três cavalos tosquiavam as ervas rasteiras do chão?

Saíra de um casebre tão pequeno, tão baixo, que, estando a poucos metros da minha casa, eu ignorava a sua existência; casa armada de caixotes e de folhas de zinco, sem esgotos, sem água, sem a mais pequenina sombra de conforto, mais digna do nome de toca, ou mesmo de covil, do que de habitação humana... Fora dali, de entre aquelas paredes, que o vento sacudia com o sopro da sua raiva, e a chuva trespassava com as suas correntes frias, que uma mulher moça, com um filhinho recém-nascido ao lado, igualmente devorado pela mesma febre, saíra a caminho do hospital ou, mais provavelmente, do cemitério...

A pobre maca lá ia morro abaixo, ora sombreada pelas ramas do arvoredado velho, ora batida pela luz brilhante e cáustica do mais quente sol que nos tem alumiado neste extravagante agosto. Parei, dando tempo a que se sumisse na última curva do caminho esse mísero tabuleiro da desgraça, de que nem uma cortina velava o sofrimento!

Foi então que eu percebi que, pela encosta do morro de Santa Teresa, como por todo o lindíssimo morro de Santo Antônio, começam a construir casas que são verdadeiras barracas destinadas a cambalear como ébrios ao primeiro tufão,

e a desabar sobre os moradores à mais pequena deslocação do terreno rampado e quase abrupto, em que são construídas. Santa Teresa é um bairro caro, de vida difícil, e eu, que me dirigia para uma parte pobre da cidade, tive nesse início da saída um palpite de mau agouro.

Não, felizmente, não encontrei nenhuma outra maca comovedora; bastou essa, que parecia, entretanto, caminhar ao meu lado durante todo o tempo que percorri certas ruas da cidade nova, onde águas paradas em sarjetas estriavam de verde a linha exterior das calçadas. Como o meu objetivo era de estudo de local e de população, eu não olhava superficialmente por onde passava; entretanto, vi perdido o meu esforço, porque a inesperada maca com que topara logo ao sair de casa sugeria-me ideias muito diferentes daquelas de que eu tinha feito o meu programa. Por uma natural associação de ideias, lembrei-me de que ainda na véspera um órfão menor, do meu conhecimento, fora intimado a destruir, numa casa consertada pelo seu tutor, há dois anos apenas e sob todas as exigências de saúde pública, um sótão muito mais habitável do que essas casas de tábuas, e ainda com a circunstância de estar muito mais afastada da área da cidade do que as outras, pois é tal casa situada numa rua, que do Paraíso só tem o nome, e do inferno apenas não tem a designação.

Se a Municipalidade e a saúde pública, tão mal avisadas, obrigam a tantos sacrifícios os proprietários, exigindo deles tamanhas e tão assíduas contribuições, que nos pode admirar a todos que os capitalistas se esquivem de edificar casas correspondentes à necessidade da população?

Quem tem dinheiro quer empregá-lo, é certo, mas com o descanso, sem imposições continuadas e impertinentes. Se o governo não pode, ou não deve fazer casas para os operários e os pobres em geral, que não impeça ao menos de fazê-las aqueles que as podem fazer, atenuando as imposições exageradas, desanimadoras e monstruosas, com que os oprimem.

Uma cidade crescente, e do movimento do Rio, precisa de facilitar ao capital emprego em obras que a tornem mais cômoda e mais bela. Que haja todas as exigências da higiene e da estética na execução de cada plano, grande ou pequeno das casas a edificar, de acordo; que se mantenham visitas sanitárias em tempo de epidemias, de acordo; mas que se imponham deveres mais pesados do que os de qualquer outra cidade para execução de qualquer obra de pedreiro que garanta quatro paredes sólidas e um telhado digno desse nome, isso não, porque o resultado aí está: não podendo, por dignidade e por pudor, morar na praça pública nem no campo, sob as estrelas, os infelizes sem lar sujeitam-se a viver dentro dessas pocilgas sem luz, sem higiene, onde qualquer bafo de moléstia encontra ambiente propício à sua propagação.

Pobre gente, infeliz gente.

A maca que eu vira de manhã já deveria há muito ter entrado no hospital, e todavia eu continuava a vê-la diante de mim, desacompanhada de amigos, sob a polvilhação loura do pó muito seco e do sol muito quente.

O meu livro de notas voltaria decididamente vazio das impressões que tinha ido buscar. Para fixar alguma coisa, notei, por fim, que todas as janelas abertas por onde eu passava, ou estavam apinhadas de crianças e mulheres sôfregas de ar e de luz, ou se abriram para salinhas com mais gente dentro do que elas pareciam dever comportar...

As colmeias têm repartições regulares; as casas dos maribondos são modelos de equidade.

Os mais pequenos e insignificantes de todos os animais procuram nas leis da sua geometria instintiva criar uma habilitação conforme as suas necessidades. Só o homem, o mais desequilibrado de todos os animais, se sujeita a enterrar-se em vida dentro de caixões sem capacidade de ar, e a apodrecer sobre a umidade de um solo térreo, onde as águas se infiltram e as sujidades se impregnam... De

O FUNDO DO QUADRO

vez em quando saem desses caixotes, como formigas em correição, um rancho de mulheres magras, com latas vazias de querosene, em busca de água na fonte mais próxima. Lembra Dakar, ou qualquer outra árida possessão africana...

Em frente de tal quadro, a Municipalidade e a saúde pública cruzam os braços na sua teimosia infantil e na sua tirania insensata, e os capitalistas enterram as mãos nos bolsos...

É este o fundo do quadro. Antes eu tivesse ido à exposição.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIV, n. 8734, p. 1, 01 set. 1908

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/17222

O PODER DO MISTÉRIO

ESSA INFELIZ MULHER assassinada na rua do Lavradio há já não me lembro quantos dias, poderia servir magnificamente para modelo de mártir num romance sentimental, ao mesmo tempo que sugere assunto para a futilidade de uma crônica.

Ela morreu, dizem os jornais, com a mão crispada sobre o peito, agarrando freneticamente a figa que trazia pendente do pescoço. No último arranco, diante da morte inevitável, procurou por instinto o amuleto que lhe garantia a salvação; e o amuleto não agiu, por indiferença ou por misericórdia, dadas as circunstâncias em que vivia a vítima.

À força de lermos essas tragédias da cidade, que a literatura dos repórteres explora com tanto afã, chegamos a não nos comover demasiadamente com elas. Realmente, ficaríamos cegos se chorássemos sobre todos os fatos tristes que deslizam pelos noticiários, ou morreríamos cedo, de inanição, se nos puséssemos a gritar contra todas as iniquidades que eles referem. O que nos vale é que a civilização, ao mesmo tempo que requinta as faculdades sensitivas do homem, fabrica capas imponderáveis mas impermeáveis para abrigo das almas dos leitores dos jornais! Contudo há dramas tão imprevistos ou tão pungentes, que varam a impermeabilidade desses mantos e nos alagam a alma de uma onda amarga. Esse assassinato da rua do Lavradio foi um deles; mais doloroso ainda pela revelação de um passado horrível, de torturas lentas que pisaram e repisaram um coração de mulher, que pela sua própria brutalidade. Desse crime nojento, surge redimida e pura a pobre meretriz que errou pela vida, sempre fora do caminho por que desejava andar...

Da legião dolorosa dessas criaturas sem família, sem lar e sem carinho, por que o nosso olhar resvala e logo se retrai, destaca-se de vez em quando uma ou outra figura pálida, desgrenhada, soluço de agonia em forma humana, clamando pela morte ou por vingança, antes de cair na sepultura, varada pela faca de um bandido ou pela bala de um revólver que ela mesma empunhe. Essas aparições sinistras saem da treva maldita como gritos de desespero incontido, ressoando aos nossos ouvidos de um modo trágico e novo...

Nós, as mulheres, vivemos tão separadas umas das outras, as nossas almas ignoram-se por tal modo, que não presumimos que as de certas classes bestiais e inferiores possam ter sensibilidades e delicadezas, como as das outras mulheres. A morte igualitária levanta então de vez em quando o seu manto piedoso de sobre um cadáver de desconhecida, que teríamos repudiado em vida, e relata-nos que dentro daquela carne, que em pó se há de tornar como de toda a gente, se debateu uma alma capaz de cumprir os mais terríveis sacrifícios e as mais puras promessas...

A dessa infeliz mulher da rua do Lavradio era a de uma *mater dolorosa* em peregrinação pelo terror... Terror do futuro, do inevitável dia de uma declaração que lhe queimava o peito e não sabia como lhe haveria um dia de sair da boca... Não! Ninguém, por mais acostumado que esteja à leitura dos fatos dolorosos da cidade, poderia ter lido sem grande comoção a história desse coração de pecadora e de mãe, em que não se contavam horas de felicidade e eram inúmeras as de desespero.

O instinto da vida, que faz gritar por um médico até ao indivíduo que preparou veneno por suas próprias mãos e por sua vontade o ingeriu, fez com que essa mulher, que suspirava pela morte, procurasse livrar-se dela apelando para as virtudes do amuleto que trazia pendente do pescoço.

Esse amuleto era uma figa, e essa figa não a livrou nem do mau-olhado nem do acidente que a atirou para a sepultura.

—

Filosofemos um pouco sobre este caso que é neste ponto que ele se presta para a crônica.

Dizem os sábios que é entre os povos selvagens que os fetiches são mais numerosos e usados com maior fé. Não me parece que eles sobrepujem muito nisso os povos civilizados, porque sociedades que nada têm de selvagens fazem, de objetos materiais e toscos, imagens representativas da sua tranquilidade e da sua ventura na terra. Dentre todos os fetiches, a figa é a mais universalmente considerada como possuidora das mais sagazes repulsas e das mais virtuosas proteções. Os malefícios dissolvem-se em nuvem protetora sobre a cabeça de quem a usa. De âmbar, de coral, de ouro ou de madeira, fabricada em Paris ou vinda da Guiné, perfeita ou mal talhada, ela contém sempre o mesmo poder enigmático, indiscutível e superior, que muda o destino das criaturas, livrando-as de toda a espécie de calamidade. Os nossos ourives poderão não ter nas suas vitrines pulseiras ou anéis, mas não deixarão de ostentar nelas figas de coral de Nápoles ou do Japão, como um voto de segurança pela tranquilidade da população da cidade. Na culta Europa, na febril América, na Ásia, na África, na Oceania, onde houver seres pensantes, há fetiches, sob a forma de um trevo ou de uma aranha, de uma mão fechada ou de um corcundinha, de um besouro ou de uma medalha. Essa crença, mais velha que a religião de Cristo, vem dos tempos imemoriais, como uma herança da inquietação do espírito e do gosto pelo absurdo, que se renova em cada homem que surge. Que importa, aos próprios religiosos, que a sua religião, católica, hebraica ou protestante, interdiga o uso desses objetos de bruxedo, se a sua posse lhes assegura tanta tranquilidade de espírito? Se desde a mais velha civilização do Egito, que por sua vez já o tinha herdado de outros povos, vem até nós, com escalas por todas as civilizações da história, o uso de amuletos como defensores dos assaltos do mistério ou do diabo, é exatamente porque esse poder é absurdo e em todos os tempos o homem gostou do inexplicável... O escaravelho negro dos egípcios tinha o condão maravilhoso de livrar da peste, da fome, da sede, da malquerença e da intriga, de todos os males, enfim, que torturam o homem animal e espiritual, bem como, hoje, o ramo de coral de Nápoles.

Nos museus de antiguidades encontram-se várias espécies de fetiches: ídolos, insetos etc., representados em colares etruscos, fivelas persas, anéis gregos e outros objetos; contudo, suponho que em tempo algum houve tamanha variedade de amuletos como nestes de claro raciocínio e positiva razão, por que vamos passando. Há amuletos com fins especiais para cada bem desejado: — o amor, a saúde, o dinheiro, a glória; representados pelo trevo de quatro folhas, a figa, o hediondo corcundinha e não sei que mais.

Mas de todos esses símbolos do poder ignoto e da superstição, nenhum conseguiu jamais firmar-se numa fé tão segura e tão espalhada pelo mundo como o que representa a mãozinha fechada com o polegar passado entre o indicador e o médio... E foi exatamente este amuleto de tão inquestionáveis virtudes, que não soube livrar dos golpes de um assassino o seio de uma mulher de cuja carne ele sentia o calor e conhecia o sofrimento...

Quem sabe?... talvez fosse por conhecer esse sofrimento que a figa da meretriz se conservou impassível...

Sempre o mistério!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIV, n. 8755, p. 1, 22 set. 1908.
http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/17432

REFLEXÕES DE UM MARIDO

*"Master Ford, awake; awake,
master Ford; there's a hole made
in your best coat, master Ford."
(Merry Wives of Windsor —
SHAKESPEARE.)*

NÃO SEI POR QUE SERÁ que minha mulher, que verberava antigamente com tamanho desassombro todas as infidelidades conjugais de que tivesse notícia, sendo mesmo considerada em casa como a tesourinha mais afiada e impiedosa do mundo contra essa espécie de delitos, procura agora convencer-me, por todos os meios e modos, de não falar mal de certas mulheres e de certos maridos prevaricadores, como se disso pudesse resultar algum dissabor imprevisto para mim. É esquisito; aquele respeito pelo infortúnio alheio irrompeu-lhe do peito como a lava incandescente de um vulcão, de um dia para o outro, sem nem ao menos se fazer anunciar por qualquer sintoma precursor, que me preparasse para a surpresa. Enfim, talvez tenha ela razão quando amontoa argumentos sobre argumentos, sentimentais ou religiosos, com a intenção de debelar este prurido de sarna que me leva a mim... — que diabo, a mim como a todos os homens! — a ridicularizar certos indivíduos, e a cortar-lhes na pele como se a comichão fosse neles. Não há dúvida que para essa espécie de herpetismo moral só as unhas do desabafo!

É o que ela não entende agora, quando, entretanto, ainda há bem pouco tempo ouvia com o máximo interesse todos os casos que eu lhe trazia de fora, saboreando os escandalosos como quem saboreia uma fruta carnuda, que mate a fome. Esse prazer talvez fosse demasiado bárbaro, mas era tão humano que nunca lhe fiz observação nenhuma; aconselhei-a somente, isso sim, a que fosse mais cuidadosa e mais discreta nos seus comentários. Afinal, quem vê caras não

vê corações, e era bem possível que muitas vezes ela, que por não praticar o mal não o supunha tão comum, se pusesse a falar em corda em casa de enforcado! Agora então voou para o extremo oposto. É espantoso! Ainda quando estamos sós, absolutamente livres até da inspeção dos nossos próprios criados, ela me parece a mesma mulher dos primeiros anos do casamento, fremindo de interesse por tudo que de longe ou de perto se relacione com o amor, abrindo os ouvidos aos escândalos conjugais, cujos ecos lhe trago da rua. Então toda ela é atenção, e nos seus olhos, que fulguram, leio clara, limpidamente, a demonstração do gozo perverso que dorme no fundo de toda a criatura humana. No mais vivo ponto de uma cena destas, porém, se se abre uma porta e aparece alguém, seja esse alguém embora a copeira imbecil que nos anuncia o jantar, sobre o rosto lindo e febril da minha mulherzinha, eis que tomba, rígida e pesada, a máscara da mais fria, da mais ativa indiferença! Por quê? É um caso de psicologia curiosíssimo e digno de estudo de um mestre como Dumas, se é que de fato ele entende dessas coisas melhor do que eu. Sempre gostaria que ele me explicasse a reviravolta de sentimentos que transformou em tamanha amizade a antipatia declarada que minha mulher sentia pelo Hildebrando e em quase faceirice a indiferença que sempre nutriu pelas modas.

Agora parece outra, anda sempre florida, com um ar de que se irradia o fulgor de uma inteligência mais viva e de uma graça mais perturbadora. Pobre alma, ela faz aquilo para prender-me... começa a ter ciúmes e, como não os confessa, procura reduzir-me aumentando de encantos... deve ser isso... Será também da idade... Sim... bonita sempre ela foi, mas em solteira a sua beleza era inconsciente, como em geral a beleza das meninas, mesmo as mais faceiras. É preciso que um rosto de mulher tenha sido beijado pela boca ardente de um homem, para que nele resplandeça a expressão da glória para que foi criado. Minha mulher mudou para melhor graças a mim... Pensando bem, eu também tenho mudado... Todos mudam no correr da existência: de tipo, de gênio, até de gostos... Eu por exemplo, já gostei muito de queijo, hoje nem lhe posso sentir o

cheiro; adorei a sobrecasaca e a cartola, hoje detesto uma e outra coisa; fiz loucuras pela mulher do Aniceto, hoje implico com ela solenemente! Ora, se tais transformações se têm dado comigo, que admira que minha mulher, que era impiedosa para com as fraquezas alheias, agora as compreenda e as lastime?

Chega a ter a esse respeito umas ingenuidades engraçadas como outro dia, quando me disse precipitadamente:

— Não gosto que ridicularizes certos maridos diante dos teus amigos, porque tenho sempre receio, quando o fazes, do que eles possam pensar de mim, e de ti!

Coitada, como ela corou depois ao explicar-me o verdadeiro sentido dessas palavras, e como nos rimos! Ao princípio fingi que não tinha entendido bem, mas o certo é que percebi logo todo o alcance do seu pensamento: ela não quer que nos tomem por caluniadores, nem por maldizentes... Em todo o caso sempre gostaria que ouvisse ainda agora o Ananias censurando o procedimento da mulher do outro. Ora, será crível que o Ananias ignore o que faz a sua?! Não. Logo, ou ele se quer robustecer com a teoria de que mal de muitos consolo é, ou nos quer fazer de tolos. Seja como for, não resiste ao prazerzinho de discorrer sobre certas aventuras, até mesmo as mais banais, à força de repetidas, como as que há mais de quatrocentos anos obrigaram Master Farel a monologar com tão especial filosofia sobre as desvantagens do casamento:

— *This' tis to be married...*

Também, se todos os perigos fossem só para as mulheres, onde existiria a justiça? Ai, ai, ai! Que este pensamento morra onde nasceu, no mais profundo ponto do meu cérebro, até onde não penetre o olhar da minha mulher. Pois em que lhe pese, a ela, todos os enredos me entretêm e entretêm tanto mais quanto mais se aproximem da anormalidade e do escândalo. Sempre fui curioso. De resto, não há alma humana que não abrigue nos mais íntimos refolhos o ratinho esperto da curiosidade. E sem curiosidade que valeria a vida? Nada. É por influência dessa qualidade que estudamos tantas ciências, deciframos enigmas

tão estupendos e complexos, analisamos todos os prodígios e todos os fenômenos da natureza, deslindamos intrigas, crimes, chegamos a conhecer, enfim, o coração do mundo e o coração do homem. É por curiosidade que transpomos mares, perfuramos montanhas, exploramos florestas, caminhamos para os gelos dos polos, na ansiedade do desconhecido; é por curiosidade que conhecemos as estrelas do céu e sabemos do movimento do mundo; é por curiosidade que amamos; por curiosidade que cometemos o primeiro pecado e por curiosidade que desejamos morrer velhos, senhores de todos os segredos da vida! Revoltamos a ideia de fecharmos para sempre os olhos na ignorância das coisas, que hão de vir talvez ainda transformar a face da terra, que nos extasia. A minha alma tem, como a de todos os homens, a mesma avidez que nos apura os ouvidos na percepção dos mais sutis rumores, e nos faz transbordar de eloquência à menor convicção... É, sobretudo, esta última faculdade que minha mulher condena há uns meses para cá. Estou quase em acreditar que ela teria um certo prazer em que eu me transformasse agora em surdo-mudo! Desse modo ao menos não passaria pelos tormentos por que passou ontem quando relatei à sua vista, ao Hildebrando, as desventuras do Ananias. E o caso é que o Hildebrando, que é um bom companheiro para essa espécie de conversas, vendo minha mulher impacientar-se, remexer-se na cadeira, fazer cara feia, também ficou aparvalhado, contrafeito, com um risinho amarelo... Pateta. Em todo o caso é um excelente rapaz o Hildebrando e muito meu amigo!

(Do livro *Eles e Elas*)

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIV, n. 8762, p. 1, 29 set. 1908.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/17494

SAUDADES

O PRIMEIRO ROMANCISTA BRASILEIRO de quem ouvi ler trabalhos, quando eu ainda apenas soletrava, foi Machado de Assis. O primeiro escritor que pessoalmente conheci em minha vida, e a quem apertei a mão com o alvoroço de uma admiração de criança imaginosa, foi Machado de Assis; a primeira vez que dancei em um salão de cerimônia, foi com Machado de Assis. Eu era uma menina espigada e alegre, cujos vestidos mal tocavam o chão, ele andava pelos seus quarenta anos, acedendo em dançar, por gentileza para com a dona da casa. Ao levantar-me da cadeira para dar-lhe o braço, eu tremia. Que iria eu dizer ao poeta de tão lindos versos?

E se, além de não atinar com o que dissesse, ainda errasse na dança? Não errei, e ao influxo da sua simpatia, da maneira por que se fez simples para ser compreendido por mim, achei que dizer e rimo-nos muito.

Eu tinha voltado cansada dos funerais e sentara-me à varanda do meu quarto, recordando essas coisas a olhar para o céu nebuloso e para as altas copas das mangueiras queridas. A noite avizinhava-se com uma grande tristeza. Àquela hora deveriam estar chegando do cemitério. Eu não tinha tido coragem de ir até lá, mas queria acompanhar o morto em pensamento, aquele bom homem que eu nunca vira senão com um sorriso de simpatia e um modo afável e em cujas páginas li tanta coisa encantadora e inolvidável.

Eu revia mentalmente certas passagens dos seus livros, — era um modo de rezar pelo poeta — quando, no fundo do meu espírito, esboçou-se um quadro que logo se esvaeceu. Ficou, entretanto, alguma coisa dessa visão interior e rápida. Era isto:

Sob um céu azul de primavera, que diluía em claridades doces o ouro forte do sol, aparecia um pequenino trecho de cemitério; nesse pequeno canto de terra havia uma árvore velha, de ramagens finas e duas colunas truncadas de um túmulo, fortemente enlaçadas pela hera, símbolo da constância no amor. Nesse velho túmulo, de estilo grego, li em sílabas entrecortadas e já denegridas o nome do mestre por quem andamos de luto. Sentada à beira do mármore, uma mulher de trinta anos lia um livro de versos. Era um livro dele. Nada mais? Nada mais.

Sei que a visão escultural do quadro me foi sugerida pelo fino espírito ateniense do nosso escritor e pelas qualidades afetivas do seu coração, representando o estilo do túmulo o da sua prosa inconfundível, e os braços flexuosos, mas inflexíveis da hera, o seu amor eterno.

De toda essa cena, que não foi confeccionada pela reflexão, e se me apresentara no espírito subitamente, como uma vista cinematográfica em uma câmara escura, emanava-se a significação consoladora de que daqui a muitos anos, tantos que os mármore do seu túmulo (ainda nessa hora não fechados), já estejam carcomidos, as letras do seu nome, em parte apagadas, e a hera, que sobe lentamente, tenha revestido as duas colunas, partidas com seus abraços eternos, ainda os seus livros serão lidos com o maior recolhimento, por espíritos delicados que procurem aproximar-se dele através da vertiginosa distância de muitos e muitos anos passados...

A essa hora estariam fazendo o primeiro discurso à beira da cova do finado escritor. Não sei se a pedra sob que ele dorme tem ou não tem arquitetura, e nem isso embaraçaria à minha imaginação. Assim como, na doutrina dos antigos, a alma dos mortos penetrava em tudo, revestindo as coisas inertes com a expressão do seu sentimento, assim, desse túmulo imaginário, me pareceu emanar-se a doce ironia do velho autor brasileiro.

Que a terra lhe seja leve, como leve foi a sua pena no aludido mal.

*
**

É sabido que os dias correm para a morte, como as águas de um rio correm para o mar; todavia, parecemos contar com a eternidade deste curso, tal a surpresa que sempre o seu fim nos causa! Por que não teriam os primeiros poetas fabulistas dado à morte uma feição pura e suave que espancasse o terror que todos os homens, talvez mesmo todos os animais, têm por ela? Por que acrescentar essa impressão de susto, materializando-lhe a imagem em um esqueleto álgido e branco, sem regaço para um sono, sem lábios para um beijo, sem voz para uma cantiga embaladora como as das pobres mães, junto aos berços dos filhos pequeninos?

Por que terem dado à filha do Sono e da Noite dedos descarnados em vez de mãos macias com que cerrasse pálpebras cansadas e gestos hirtos e implacáveis, em vez de aspecto acolhedor e brando? Toda a imaginação tem infantilidades: por que agravar a nossa, com fantasmas quiméricos, mas, nem por isso, menos impressionadores?

Ao menos a crença grega deu à figura da morte uma forma humana harmoniosa. Tânatos, irmão gêmeo do Sono e seu companheiro inseparável, tinha braços para embalar no esquecimento das coisas as criaturas que ia arrancando à vida. Assim, à ideia tenebrosa de cessar de existir, à impressão aflitiva de ir sozinho para o desconhecido, não associava o homem o pavor de uma visão material execrável.

Seria ridículo, bem sei, supor que a figura da morte, tal qual a pintam, de foice afiada nas mãos, ossos alvejantes e secos, órbitas vazias, pudesse de algum modo aumentar o medo que ela só por si nos causa, se todos nós não soubéssemos quanto é tremenda a força das puerilidades...

Digam, embora, que a gente não morre senão uma vez, a verdade é que o terror do último momento diminuiria, se nos lembrássemos que em cada fase da nossa vida fica enterrado um pouco de nós mesmos, que nunca mais ressuscita!

SAUDADES

A infância, a mocidade, modos de ser e modos de sentir, que se transformam, são mortes sucessivas no decorrer da existência, mas que nem por isso nos preparam com mais calma para a outra, a definitiva, cuja aproximação faz a todo indivíduo consciente sentir *saudades da vida*, como ao bondoso mestre Machado de Assis...

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIV, n. 8769, p. 1, 06 out. 1908

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/17564

REFLEXÕES DE UMA ESPOSA

SÓ DOIS ANOS DE CASADOS, só dois, parece impossível, e já ele boceja ao pé de mim com tamanha frequência e tal franqueza, que parece querer mostrar-me o estômago, como se isso me interessasse!

Ah, os homens!... O pior é que no fim de dois minutos, quer eu o queira evitar quer não, eis que principio a bocejar também, até me sair água dos olhos.

Quando um homem manifesta assim o seu aborrecimento ao pé de uma mulher, que quererá dizer?

Quer dizer que essa mulher já nada lhe oferece de interessante e, nesse caso, posso afirmar que meu marido é o homem mais exigente deste mundo, porque onde iria ele encontrar outra criatura mais gentil e mais espirituosa do que eu? Só se ele se casasse com a Réjane ou com a Sarah Bernhardt, de quem fala com tanto exagero que até fico enfadada...

Estou certa que a seu lado ele seria de um tédio menos eloquente. O engraçado é que, se me lamento da descortesia dos seus bocejos, ele diz que é forçado a eles pela dispepsia, mas se digo aos amigos que ele boceja por dispepsia, atalha logo que só o faz quando está com muito sono!... É claro que não quer passar por doente, assim como também é manifesto que as suas crises de preguiça só o acometem quando estamos sós; se vem alguém, seja embora esse alguém o Dr. Silveirinha, que só fala em assuntos aborrecidos de eletricidade ou de medicina, já meu marido parece outro homem...

Se ao menos ele gostasse de frequentar a sociedade; levar-me a toda a parte... mas não; e quando o faz não se arreda de ao pé de mim, sempre de ouvido à escuta, recomendando-me cuidado no modo de falar, como se eu fosse uma criancinha! Se por acaso tem um momento de distração e eu o aproveito para dizer alguma coisa — que, enfim, não sou muda nem idiota — ele é o primeiro a

escarnecer de mim, como outro dia, que soltou a mais estrondosa gargalhada que tenho ouvido em toda a minha vida (de mais a mais ao pé do barão!), só porque eu disse acidentalmente que os cabelos da Vênus de Milo eram cor de vinhático! Ora se isso é asneira não foi inventada por mim; se eu disse tal coisa, foi porque a ouvi de alguém; mas vá lá agora saber a quem, para conferir-lhe a responsabilidade!

Quando chega a hora das responsabilidades ninguém aparece. Em todo o caso não era assunto para rir; é mais inocente entretermo-nos a falar da cor dos cabelos de deusas consagradas e eternas, que nunca vimos nem veremos em nossa curta existência, porque vivem empalhadas em museus a centenaes de léguas das nossas casas, do que cochicharmos contra a vida alheia. Tudo isso indica que ele já não me ama, que se sente constrangido ao pé de mim ou que deseja aprisionar a minha alma no meu peito para que eu morra sufocada, sem desabafo.

Não foi para isso que eu aprendi francês e música.

Música eu sei e até muito melhor do que ele — que só de solfejo tive dois anos — e entretanto outro dia, quando eu disse na sala que o João Benedito é um êmulo de Wagner, meu marido sussurrou-me ao ouvido rapidamente:

— Não digas asneiras; o João Benedito não é compositor! — Como se também não fosse um grande pianista! Terá ele ciúmes do João Benedito? Quem sabe... só o ciúme explicaria alguns dos seus atos, como o de não gostar, quando se vê coagido a levar-me a certos banquetes, que eu fique perto de pessoas de mais consideração. Pensará ele, porventura, que eu não tivesse percebido que, sexta-feira, no jantar do Souza, ele tanto andou e tanto fez que mudou o cartão com o meu nome para junto do talher do conselheiro Braga, que é surdo como uma porta? Compreendi-lhe a manobra num relance e, durante todo o tempo que estivemos à mesa, meu marido, descansado e feliz, comeu como um nababo!

Foi a primeira vez que, numa festa, eu o vi com ar tranquilo... Era porque ele não podia imaginar que o Braga encontrasse entre os gelos dos seus oitenta anos a florzinha de um madrigal que me oferecesse para delícia de uma dessas curtas horas de *flirt* que toda a gente cultivava. Mal sabe meu marido que os velhos são os piores. Mas quando eu falo em zelos, ainda ele se ri... Que não, afirma que não é ciumento; não se opõe a que eu use as mais indiscretas formas de vestidos, que é sempre pela *toilette*, na sua opinião, que as mulheres procuram conquistar os homens e humilhar as outras mulheres, suas rivais. Na verdade, ele não conta o dinheiro que me dá — compra as joias do Rezende, compra todos os chapéus e todos os vestidos modelo da Maison Pompadour... Irradia, sê elegante, sê chic, mas não fales — é o seu lema. Isto comigo, que sempre fui considerada como a mais tagarela da família, e a mais bem-falante! Meu padrinho até me chamava — a menina dos ditos inéditos.

Se é bem verdade que cada homem inventa um martírio novo para o uso doméstico, convenhamos que o deste é bem singular...

Quando estamos sós, boceja, não acha que dizer, esgotou os assuntos nas palestras do escritório, da confeitaria, ou do bond; pergunta-me sempre as mesmas coisas, mal responde ao que eu pergunto, arrasta-se da mesa para a cadeira de balanço, da cadeira de balanço para a sua secretária, enche-me a casa de papelada e de revistas sem graça, cheias de máquinas, e, quando vem por acaso alguém de mais espírito visitar-me, põe-se de sentinela, não aos meus olhos, mas à minha língua para que eu não fale demais!... Se eu lhe dissesse que ontem, em casa de mamãe, conversando eu com meu tio ministro sobre coisas sérias, meu tio riu-se até às lágrimas, sem poder conter-se, não sei por que ideia associada ou por que esquisitice, meu marido ficaria logo afogueado e oprimido, como quem vai ter uma congestão. O melhor é não lhe dizer nada e seguir os conselhos da tia Joaquina que mil vezes me preveniu: “menina, o sistema de contar tudo que se passa aos maridos, é muito prejudicial para as mulheres.”

“Os homens afligem-se por muito pouco; quer moral, quer fisicamente são uns fracos; pois não lhes basta às vezes uma simples dor de dente para os fazer gritar? Qualquer febrinha torna-os impacientes e nervosos, qualquer reumatismo obriga-os a gemer... Será a sua carne mais sensível à dor do que a nossa? Qual! O que lhes falta é a paciência, a educação do sofrimento com que nós nos fortalecemos para lutas da vida e do matrimônio, principalmente as do matrimônio.” Tia Joaninha tinha o direito de falar e de conhecer bem os homens porque casou quatro vezes. Quatro maridos, quatro sentimentos, quatro tumultos, e sempre a falar mal do casamento, a Tia Joaninha! Entretanto nenhum dos seus defuntos a mandou calar, como o meu marido me mandou a mim ontem na sala, só porque eu disse ao Azambuja que o maior poeta da França no século dezenove foi Gambetta. Meu marido apressou-se logo, muito aflito, como se disso viesse mal ao mundo: — Ela quer dizer Victor Hugo. — Chega a ser desaforo ele afirmar que eu quero dizer coisas diferentes das que digo! Meu pai, que era um homem muito ilustrado, tinha grande admiração por Gambetta e falava nele frequentes vezes para que eu o possa ter esquecido. Quererá meu marido, simples engenheiro mecânico sempre enfrornado em algarismos, saber mais do que meu pai, advogado e político de fama? E ainda o estúpido do Azambuja por adulação ou não sei o quê, exclamou logo com arzinho de desculpa, todo lampeiro: Percebi que foi lapso! — Oh, suave, oh, encantador Azambuja!

Aposto em como ele não percebeu coisa nenhuma... Eu, se quisesse teimar, ninguém me venceria; mas não quero; fico com a minha razão e deixo os outros com a sua indelicadeza. Nas lutas do casamento as mulheres são sempre as mais generosas.

Umas sacrificam a sua beleza; outras, o seu orgulho; eu terei de sacrificar o meu espírito. Serei a mais abnegada.

(Do livro *Eles e Elas*)

Assim como lendo o meu último artigo sobre Machado de Assis e encontrando nele erros de imprensa que fortemente o prejudicaram eu não procurei retificá-los por confiar que a fina inteligência dos leitores o tivesse de algum modo corrigido, assim espero que esses mesmos leitores não atribuam à autora, mas à sua personagem, certas frases extravagantes deste artigo, tais como deusas empalhadas, comeu como um nababo etc., etc.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIV, n. 8776, p. 1, 13 out. 1908.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/17630

QUE TRISTEZA

NUNCA VI EM UM SAIMENTO FÚNEBRE tantos olhos marejados de lágrimas como no de Artur Azevedo.

Não eram só os olhos acostumados a vê-lo, todos os dias na intimidade do lar, que ele adorava e para cujo conforto trabalhava sem tréguas, aqueles em que a dor de perdê-lo se traduzia em pranto; nem eram só os das mulheres, sempre mais sensíveis, e que iam de vários pontos da cidade levar um preito de carinho e de saudade ao amigo ou ao escritor, que prestou sempre uma atenção piedosa a todas as queixas dos fracos e deixa um lugar vazio na literatura da sua terra; — mas eram também os dos homens, sempre mais dominadores da sua comoção e que mal podiam conter as lágrimas. Vi homens já de cabelos brancos, na idade em que o sofrimento da vida dá aparências de insensibilidade às criaturas mais amorosas, enxugarem os olhos empapados e tristes. A expressão de surpresa, de pena, transmitia-se de alma para alma, mesmo através do silêncio.

Chorava-se não só o homem de talento, o mais popular dos nossos escritores, como o homem bom, acolhedor, benévolo e justiceiro. Nos cantos da sua sala, vozes fracas de velhinhas lamentavam a perda do seu protetor; vozes engasgadas de rapazinhos órfãos gemiam esta sua segunda orfandade...

Pobre Artur!

—

Há uma grande família ao desamparo com esta morte: a dos artistas dramáticos brasileiros. Eu não sei que obsessão, que força atrativa tem o palco, que ainda prende tantas vidas e dedicações que ele tão mal retribui... Um ator que velava acabrunhado o corpo de Artur Azevedo, no dia da sua morte, disse-me, sem retirar os olhos do leito mortuário:

— Acabou-se tudo para nós... foi-se a nossa última esperança. Era dele ainda que nos vinha um pouco de alento para o esforço desta luta continuada em que vivemos. Falam e escarnecem de nós por aí porque a epopeia da nossa vida desprezada e angustiosa não pode ser avaliada por ninguém de fora. Só ele, o nosso grande amigo, só ele descia piedosamente até o âmago do nosso sofrimento, para infiltrar-lhe um bálsamo de consolação ou de esperança!

Ele estava tão convencido, tão seguro de um porvir melhor para nós todos, que nos transmitia com a sua crença uma ilusão de felicidade que jamais tornaremos a sentir, agora que o vejo ali naquela cama, inerte e mudo para sempre. O teatro brasileiro acabou... Que será de nós todos, artistas, sem a defesa do seu braço valente e do seu coração apaixonado? Porque a verdade, difícil de entender mas profundamente dolorosa, é que nós não nos podemos defender sozinhos. O público tem-nos antipatia, uma certa prevenção, que servirá sempre de obstáculo a qualquer tentativa da nossa parte para uma reconciliação. Nunca faremos as pazes, agora que de mais a mais nos falta quem as pudesse sugerir...

Acabou-se tudo. É o fim do fim...

—

O espírito generoso do nosso morto ilustre fica bem evidenciado no respeito, no interesse vivo, amoroso, que ele votava ao trabalho alheio. Não era um egoísta, abraçando apertadamente nos braços todos os louros que pudesse abarcar. Foi sempre até um despretensioso de glórias, o que explica não ter colecionado em um volume ao menos as muitas e muitas poesias líricas e lindas que escreveu durante toda a sua vida, e os seus contos em verso ou em prosa, muitos dos quais primorosos.

Na sua paixão pelo teatro, ele mal percebia em uma pessoa aptidões, ou apenas alguma disposição para a literatura dramática, incitava-a logo a escrever para o palco. Não me esquecerei nunca do modo por que ele, tendo lido em uma destas minhas crônicas o esboço de um drama que a mim mesmo me parecia

inexequível e extravagante, vindo à minha casa me animou a passá-lo para uma forma teatral, desejoso de ver engrossar a onda das produções dramáticas brasileiras.

Outro qualquer, mais vaidoso, estimaria o quase isolamento em que ele se encontrava nesse gênero de literatura, na certeza de que tanto maior fosse esse isolamento, mais sobressairia nele o seu vulto de comediógrafo. Essas ideias mesquinhas não se aninharam nunca no seu grande espírito.

Todavia, teria sido bom que ele tivesse demonstrado um pouco menos de indiferença, pela sua própria obra, muito mais bela e muito mais valiosa do que a maior parte de nós todos supõe. Quantos e quantos volumes de boa literatura dariam as páginas esparsas de Artur Azevedo? Quantos contos deliciosos ficam esquecidos por essas colunas de jornais, e quantos encantadores sonetos dormem abafados em álbuns de salão ou em velhas folhas de almanaques que ninguém já lê?

Para essa espécie de abandono literário, deveria o Estado inventar um remédio, quando o caso valesse a pena, encarregando uma pessoa competente de pesquisar em papeladas de redações e bibliotecas escritos de autores mortos, para reedições definitivas.

—

Que se vai fazer em prol dos filhos deste homem que tanto reclamou em vida dos governos do seu país e do coração do seu público a favor de órfãos e de viúvas pobres?

Ouvi sussurrar confusamente sobre vários alvitre, como por exemplo o da aquisição da sua esplêndida galeria de gravuras e de quadros para a Escola de Belas Artes, onde ela ficaria denominada pelo nome do seu colecionador. E de tudo o que ouvi foi o que me pareceu mais sensato e mais nobre.

Aventava-se ainda a ideia de subscrições populares, de benefícios, em espetáculos organizados pelos artistas dramáticos de várias companhias, e não sei mais o quê. Seja o que for que se faça, o que é imprescindível é que se faça já.

QUE TRISTEZA

O tempo é um inimigo dos mortos, por mais que eles tenham sido bons e justos e amados em vida; cada hora que passa afasta-os do interesse e do pensamento dos que ficaram ainda no mundo.

Bastaria que todos a quem ele auxiliou ou defendeu, como jornalista, que todos a quem ele divertiu como comediógrafo, e que todos a quem deleitou como poeta contribuíssem com uma quantia mínima para a subscrição, se subscrição se fizesse em favor da sua família, para que em poucos dias estivesse a essa família assegurado o pão do futuro. Mas essa espécie de gratidão poderá ser invocada sem o receio de uma resposta indiferente?

Pobre Artur! Que tristeza...

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIV, n. 8790, p. 1, 27 out. 1908
http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/17758

OBRAS D'ARTE

NÃO HÁ NADA COMO UM HÓSPEDE DE POUCOS DIAS, para nos fazer conhecer a cidade em que nascemos e que habitamos há longos anos! A permanência em um só lugar amortece nas pessoas, mesmo as mais curiosas, o desejo de ver, de esquadriñar, de saber tudo o que esse lugar lhes pode oferecer de interessante, de imprevisto ou de deleitável. O habitante de uma capital movimentada, artística ou pitoresca, deixa de dia para dia, sob pretextos preguiçosos e causas fáceis de remover, visitas a bairros, a templos ou a jardins de que ouve falar continuamente, de que tem uma certa vaidade bairrista e onde, entretanto, não vai, por falta de ocasião, de iniciativa, de não sei o quê. Esse mal não é só nosso. Há poucos meses, conversando eu com uma parisiense deliciosa, moça, elegante, instruída, e que nunca saiu de Paris senão para, há dois anos, vir para o Rio de Janeiro, disse-me ela ante os meus arroubos para com a Vênus de Milo, que nunca a vira em sua vida! Ao meu espanto, ponderou que, passando pela porta do *Louvre* quase todas as vezes que saía, sempre com fitos determinados, adiava a visita ao interior do museu para uma hora de mais vagar, na certeza de que as suas preciosidades não lhe fugiriam de ao pé de casa. Sim, as preciosidades do *Louvre* não lhe fugiram de ao pé da porta, mas foi ela que, sem esperar, partiu para longe do Museu e, desde que o fez, arde em desejos de lhe conhecer as suntuosas galerias de arte!

No fim da palestra ela afirmou-me com observação e candura:

— Creia, os estrangeiros conhecem Paris muito melhor do que os parisienses, e uma das razões por que estimo ter-me ausentado da minha terra é que ao voltar para ela levarei curiosidades que lá nunca senti e que procurarei satisfazer com toda a ânsia.

Se essa moça tivesse tido uma hóspede inquiridora, inteligente, a quem quisesse revelar os mais belos segredos da sua cidade inigualável, certamente que um dos primeiros lugares a que ela se teria dirigido propositadamente, com o único fito de uma visão inesquecível, seria exatamente a esse *Louvre*, pelo qual passava à pressa, pensando em outra coisa...

Também eu tinha passado aqui muitas vezes pelo belo edifício da Caixa de Conversão, sem me lembrar de ir ver lá dentro a sua alta cúpula de ouro, nem a sua escadaria de granito, até que, pelo prazer de acompanhar hóspedes amáveis e desejosos de conhecer o Rio por dentro e por fora, lá penetrei um dia destes. Foi uma felicidade.

Na sala principal Belmiro de Almeida trabalhava no seu formoso tríptico mural de grandes dimensões, que, vestindo toda a longa parede fronteira às janelas, ilumina o recinto com a poesia da sua concepção, a leveza das suas tintas suavíssimas e a perfeição da sua técnica. É espantoso como um trabalho de minúcias tão esmeradas dê à vista um resultado tão simples, e como na sua recepção luminosa o autor harmonizou as três partes da sua composição, na mesma sobriedade de colorido.

Como quase sempre acontece nas pinturas decorativas, as suas figuras são simbólicas e idealizadas. No primeiro painel à esquerda, evidentemente destinado a agradar a todos os gostos, a toalha lisa das águas estende-se desde o primeiro plano até o último, tranpassada das claridades brancas de uma manhã ainda nebulenta, dessas que prognosticam um dia azul. Sentem-se promessas de sol na atmosfera. Nos cais comercial, extenso, maciço, tumultua o povo no esforço do trabalho, carregando e descarregando navios que chegam de outros climas, outros povos, cheios de fardos, cheios de gente.

Os cascos negros dos navios mercantes, as toldas das lanchas, as velas dos barcos e as chaminés dos vapores perdem um pouco da sua materialidade, sem todavia se deixarem por definir... E um escaler, quase em tamanho natural, admiravelmente desenhado na curva puríssima da amurada, enche ousadamente o primeiro plano sem ofender a delicadeza da tonalidade. E como está pintado aquele largo trecho de mar!

No painel da direita, um lavrador forte e moço, suado pelo esforço de lavrar a terra que enche todo o quadro com as diferentes cores das suas diversas culturas, caminha, guiado pela Providência, para deitar num cofre a moeda que o seu labutar lhe granjeou. A figura da Providência é mais para ser adivinhada do que vista; as suas formas humanas esvaem-se nas de uma visão de sonho.

Entre estes dois painéis de águas sulcadas e terras lavradas, vê-se o grande quadro em que a Prosperidade, de sorriso enigmático e olhos luminosos, sentada no seu trono bisantino de ouro e pedrarias fulgurantes, toca com as pontas dos dedos as cornucópias da fartura e da felicidade.

Dos seus cabelos negros, da sua carne morena, evola-se uma sedução irresistível. Sob o seu trono de ouro incrustado de esmeraldas, estende-se um tapete de relvas de luxo, em que cada fio de graminea se desabotoa numa flor. E a seus pés, nesse tapete todo circundado por linhas geométricas de mosaicos, por filas de arbustos cultivados e por guarnições de mármore artísticos, jaz um leão grande e sereno, que nenhum Hércules teria força para sufocar...

Mas a cabeça da mulher entronizada, inteiramente fora do tom, sem contudo lhe quebrar a harmonia; essa cabeça, fortemente naturalista, de um naturalismo delicado e melindroso, com um ténue sorriso apenas esboçado, que lembra o da Mona Lisa no quadro maravilhoso de Leonardo, essa cabeça, pela poesia humana e tranquila das suas linhas, pelo tom quente da sua carnação de crioula que acentua no trópico a modalidade da raça superior adaptada ao meio, essa cabeça, que é o centro do quadro e o ponto de convergência de toda a composição, ficará sendo, ou eu me engano muito, uma das mais encantadoras obras de arte do nosso incipiente património intelectual.

O que é de lamentar nessa sala, porque lhe dá positivamente um aspecto extravagante, são as suas três paredes restantes, cobertas a papel. O luxo de uma decoração como a que Belmiro de Almeida executou ali exige um complemento digno dela. Um pouco mais de arrojo e que se conclua essa obra influenciada, segundo creio, na sua primitiva, pelo espírito esclarecido do Dr. Bulhões Jardim.

Diziam todos que esse ministro era um homem simples, sereno, de hábitos e gostos provincianos. Não sei; nem me parece que as qualidades pessoais dos ministros importem a ninguém, desde que a influência delas não se manifeste nos negócios públicos; em todo caso, o que é para louvar é que fosse esse homem modesto na sua vida íntima quem tivesse compreendido, não por vaidade, mas pela intuição exata das coisas, que a melhor maneira dos governos protegerem os artistas é dar-lhes trabalho. A arte ainda é a única coisa imperecível que as gerações transmitem às gerações futuras. Se um cataclismo fizesse desaparecer pelo desmoronamento ou pelo incêndio o palácio do Vaticano, todo o mundo choraria com sinceridade, não a perda das suas riquezas materiais e extraordinárias, não as perdas de vida que arrastasse consigo, mas as esculturas da sua galeria de arte, mas os seus Miguel Ângelo, mas os seus cinquenta e dois quadros que constituem as Logias de Rafael e os seus inimitáveis arabescos cristãos; mas toda essa alma que de século em século tem transmitido aos homens os mais extasiantes e divinos segredos continuará ainda, através dos séculos, a iluminá-los.

—

Antes que a exposição feche as suas portas, quero lembrar ainda a quem bem não tivesse atentado nelas, as pratas de Lisboa, trabalhadas pela casa Leitão e exibidas no anexo.

Passei a vê-las, demoradamente, uma tarde destas, e confesso que considere esse tempo como magnificamente aproveitado. Nós, por falta de dinheiro, e também um pouco por falta de tradições caseiras e amor a certas elegâncias íntimas, ainda não ligamos ao luxo das baixelas uma atenção muito particular. As bandejas, as salvas, os candelabros, as fruteiras antigas, lavradas com desenhos característicos, bem executados por modelos de mestres de vários tempos, não representam utilidades de momento, destinadas a servirem meia dúzia de anos e depois irem indiferentemente para o balcão de um leiloeiro; mas

qualquer coisa que na eternidade da sua solidez exprima a constância, a segurança e a felicidade de um lar.

Compreendendo bem isso, a prataria da casa Leitão traz já no seu estilo o cunho antigo da velha arte portuguesa, que sugestiona convivências com velhos espíritos de reis, de poetas e de navegadores...

Uma oficina de arte como é esta nobilita um país e honra um povo.

A famosa ourivesaria portuguesa, que não teve rival em certas épocas da história, e de que não encontraremos símile em nenhum país de arte, tinha deixado luminosíssimos vestígios na tradição artística e provas magníficas, em ouro e prata, trabalhados em objetos de culto católico, que ainda se conservam em algumas igrejas e museus de Portugal, como custódias, vasos, galhetas, candeias, tocheiros e turíbulos; ou em baixelas e objetos de uso doméstico nas casas nobres, ricas e antigas do reino. Mas se a grande ourivesaria decaiu com o tempo, não se perdeu a sua tradição, conservada pelo povo mais humilde, — que são ainda os cavadores e carreiros dos campos, que distendem a dedo e a pinça o fio do precioso metal refulgente, para a fatura dessa filigrana que se entretece e trama em delicadíssimos arabescos, para tomar a forma conservada e transmitida de geração a geração, com os mesmos motivos de debuxo, que lhe dão na multiplicidade das suas linhas o carácter regional e nacional. O que a casa Leitão veio fazer de grande e de louvável foi reatar a tradição, ampliar e desenvolver a velha arte, sem lhe alterar o carácter definitivo, que a valoriza, e sem desprezar os motivos populares que lhe deram corpo e vida, e que representam em coisas novas o espírito de antigas épocas de grandeza e luxo, quando uma arte suntuária correspondia ao esplendor de casas fidalgas, desaparecidas, aniquiladas ou diminuídas em seu fastígio pelos ventos niveladores da moderna democracia.

Além dos admiráveis azulejos de Jorge Colaço, a exposição do anexo, posto que magnífica, nada mais tem de pura arte portuguesa, tradicional e caracteristicamente portuguesa, senão os produtos da casa Leitão.

E estou certa de que, se algum dia aqui fizermos uma exposição universal, de nenhum país da Europa receberemos, nestas duas especialidades tão sedutoras de arte ornamental, nada que sobrepuje ou iguale o que Portugal nos veio agora mostrar.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIV, n. 08804, p. 1, 10 nov. 1908

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/17878

NO TORVELINHO DOS ÚLTIMOS DIAS DA EXPOSIÇÃO, a minha pena desorientou-se e declarou-me definitivamente, categoricamente, desobedecer à minha vontade distraída, no cumprimento do dever semanal destes artigos. Não estamos na hora de escrever coisas novas, mas na de cerrar os olhos para recordar as que acabam de desaparecer...

Tendo frequentado a *Cidade maravilhosa* com o delírio de um espírito ansioso por aspectos novos; tendo assistido, com uma espécie de deslumbramento já infiltrado de saudades futuras, à sua morte gloriosa, revejo-a se quero atentar em outras imagens e tenho a certeza de que não conseguiria falar senão dela, mesmo que me quisesse entreter com outros assuntos...

A noite de sábado, vista do alto terraço do pavilhão da agricultura, ficará no meu espírito, enquanto a fortuna da sorte me conceder o dom da memória, como um dos espetáculos mais comovedores, mais perturbadores, mais lindos de toda a minha vida.

Nunca o céu escuro me pareceu tão leve e transparente, nunca a massa inerte das rochas brutas se me afigurou tão traspassada de sentimento e de poesia; nunca o mar se assemelhou, como então, a um espelho destinado a refletir, na pureza do seu cristal ilimitado e imaculado, as linhas fantasistas daqueles zimbórios e daquelas torres revestidas de chamas...

A fonte luminosa fazia cantar mais alto, sobre o rumor das vozes humanas, a doce voz das águas cujos segredos têm a sedução de tudo que sabe conservar bem o seu mistério... Não há em toda a natureza voz como a das águas para sugerir a meditação. Tais contrastes, naquela cidade efêmera, produzem efeitos originais e inesquecíveis.

A nossos pés, lá embaixo, nas avenidas e nos jardins, o povo tumultuava a pé, de carro, de automóvel, cerrado, entrelaçado como as malhas de um tapete policromo, de flores movediças.

Nunca ocorrera tanta gente à *Cidade maravilhosa*.

A exposição morria gloriosamente.

—

No que ela foi mesquinha foi em anedotas. O nosso povo é demasiadamente bem comportado quando trata de se divertir. Numa feira ao ar livre são indispensáveis sons de gargalhadas e de charangas. De um artista ouvi eu o lamento que à nossa exposição faltou cor. Não havia bandeiras! A pompa dos nossos pavilhões era anêmica. Ao sol, eles mostravam faces opiladas de doentes gordos e bem-vestidos.

Realmente, faziam falta ali o vermelho berrante, o amarelo não menos gritador, o azul harmonioso, todos os tons festivos enfim dos trapos representativos da soberania de diversas nações.

À noite, o manto das lâmpadas transformava o aspecto dos edifícios cobrindo-os com pele nova, dando-lhes a alma, que o gesso e a cal escondiam nas horas claras.

Era, talvez, por se destacar daquela lividez de conjunto, que o pavilhão de Caça e Pesca, graciosamente arquitetado em madeiras do país, tinha um aspecto tão atraente e insinuante. Tenho-o agora exatamente diante dos olhos, reproduzido na primeira página do Álbum da Inspetoria de Matas e Jardins, nitidamente impresso e magnificamente coordenado. Só exemplares assim, feitos com o máximo capricho, conseguem achar lugar nas bibliotecas, sempre pequenas para a invasão dos catálogos de toda a espécie que estes certâmens espalham.

Tenho visto pessoas saírem do palácio dos Estados como ouriços das tocas. De cada bolso atafalhado saem-lhes prospectos de fábricas de calçado ou de chapéus; de pudins ou de ruberoide, fora os cartões postais e os folhetos que carregam nas mãos...

Os fundos das malas voltam para os Estados cheios de papelada. Em casa dos que habitam o Rio, já não há móvel sobre o qual não se encontrem impressos de todos os feitios e de todas as cores, com estampas representando máquinas de fazer manteiga ou de pregar botões, de tosquiar grama ou de extrair água do fundo da terra, de tecer palha ou de fazer ladrilhos.

Tudo interessa no momento. As *réclames* das fábricas e das casas comerciais multiplicam-se assombrosamente porque há famílias numerosas de que cada membro traz para o lar sereno, na ambição desmedida da posse, não um, mas dois ou três desses papéis explicativos!... Não há estantes que cheguem, Shakespeare, Molière, Camões, o próprio Cantu, que de nada parece dever admirar-se, veem com assombro aglomerarem-se por detrás deles, ou sobre eles, rimas de prospectos, em que se apregoam as vantagens de tal ou tal graxa, de tal ou tal sabão.

Foi o reinado da desordem nas casas. Não era só a papelada que entrava em casa pela porta da rua para sair pela da cozinha, que atrapalhava as donas de casa ordeiras. Eram os hábitos transtornados, as horas das refeições alteradas, os estudos dos filhos feitos com pouca atenção, com o sentido de irem ou o cansaço de terem vindo da exposição... Toda essa anormalidade de vida, que sabe bem aos moços e mal aos velhos ou maduros, era entretanto compensada com uma noitada na Praia Vermelha, ao saborear um chá da Velhice Desamparada, servido por moças da nossa sociedade mais fina, entre meneios de ventarolas, flutuações de quimonos de seda, aroma de flores tropicais e aquela rutilação fantástica de luzes, que era o supremo encanto da nossa extinta exposição nacional...

Extinta?! Estará ela realmente morta para todo o sempre? Assim diz a sua certidão de óbito; entretanto, cabe-nos o direito de dizer que ela não parece ter morrido de morte natural. Mataram-na, antes de tempo. Foi um assassinato, contra o qual clamamos. Era agora exatamente que a exposição começava a revelar belas condições de vitalidade. Cessada a epidemia de varíola, que afastou os forasteiros, ei-los que aí vinham em bandos, visitar agora a *Cidade maravilhosa*, ver nela o pavilhão do seu Estado natal e os produtos da sua agricultura e das suas indústrias. Os trens sucediam-se, despejando gente na cidade. Os hoteleiros começavam a ver enfim realizadas as promessas que a exposição lhes tinha feito no seu início e que a epidemia lhes tinha arrancado pela raiz; os expositores começavam a sentir o bafejo da animação aquecer o seu entusiasmo arrefecido, e foi nesse momento de transição que o sopro frio de um decreto apagou de uma vez as... as... quantas mesmo, João Luso? As milhões de lâmpadas da saudosa e rutilante exposição nacional?

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIV, n. 08811, p. 1, 17 nov. 1908.
http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/17948

UMA OBRA SIMPÁTICA

“EM NENHUM PAÍS DO MUNDO vi jamais um céu como o do Rio de Janeiro”, diz Gina Lombroso-Ferrero no seu livro *Nell’America Meridionale*, em que exalta a nossa natureza incomparável, em frases de que o leitor sente a sinceridade da devoção. “Dir-se-ia que, ao contrário de todas as outras regiões nas quais é o mar que reflete o céu, na baía de Guanabara seja o céu que reflita o mar, tão variado se nos mostra ali o espetáculo celestial”, observa a escritora deslumbrada pelos efeitos de luz dos nossos poentes, pela beleza errante das nossas nuvens, que ora se despenhavam em catadupas brutais de chuva pesada, ora se rasgavam, como rendas finas, para mostrarem no fundo azul do firmamento a face cristalina e puríssima da lua...

Até aqui, do nosso céu maravilhoso, o viajante não procurava ver, senão, como única particularidade notável e citada em prosa e verso — o Cruzeiro do Sul. Manda a boa verdade que se diga que a tais curiosos, menos sábios, tem essa constelação proporcionado certas decepções... Mme. Ferrero confessa, porém, não ter sentido senão deslumbramento e surpresas. O capítulo consagrado ao nosso porto é um hino em que o entusiasmo ascende ao mais alto diapásão, até concluir deste modo imprevisto e sentido:

“Há lugares em que se desejaria viver, pois na baía Guanabara quase que se desejaria morrer, para se ficar para sempre fundida naquela natureza inigualável, como um dos seus áto[m]os.”

Quem tiver a ventura de ter vista e tiver na alma uma centelha de poesia; quem, apesar do hábito (que banaliza tudo) de ver a nossa baía diariamente, a tiver contemplado de bordo em um alvorecer ou em um entardecer, perceberá que as expressões da distinta escritora italiana, conquanto originais, não são criadas pelo estilo, mas por uma impressão verdadeira e talvez já reproduzida.

Este livro, que é evidentemente um livro simpático ao Brasil e feito por impulso espontâneo, o que o torna mais valioso, merece ser lido com certo carinho. Não estamos muito acostumados a que, em obras tais, os viajantes nos tratem nas suas críticas com muitas deferências, assim como ainda não aprendemos a dissimular com altivez o enfado que nos causa uma ou outra opinião menos favorável sobre o nosso país, mesmo quando no fundo da nossa consciência ela não nos pareça de todo injusta... Mas a verdade é que, embora nos custe ouvir os nossos defeitos apontados por gente estranha, o fato é que essa prática tem uma ação muitas vezes estimulante e benéfica. Aos povos, como aos indivíduos, deve-se fazer notar os seus defeitos para que os corrijam ou para que se defendam.

Neste livro de Gina Lombroso Ferrero, escrito um pouco sobre o joelho, na pressa de partir para outros horizontes e novas civilizações, há, destoando da afinação dos louvores, alguns reparos à nossa indolência, à nossa timidez e a certos males físicos que acometem o estrangeiro em nossas plagas. Entre esses males vem citado um, que a muita gente parecerá ridículo e que é entretanto pavoroso para o colono desprevenido e a quem a escola do seu país não forneceu a menor noção de higiene.

Esse mal ridículo é o bicho do pé. Quem vive na cidade desconhece por completo esse inimigo insidioso, quase invisível, que só cresce, engorda e³⁸ depois de enterrado entre o sabugo das unhas e a carne dos dedos dos pés. O europeu das classes baixas, pouco cuidadoso com o seu corpo, que vai habitar o campo, é no princípio da sua estadia atacado por esse flagelo.

Se por descuido ou por ignorância não procura livrar-se dele à ponta de bisturi ou de alfinete, ou se o faz sem desinfecção, eis que chega ao extremo de não poder andar e de temer amputações e tristezas irremediáveis. Como todos os mistérios são sagrados, ninguém desvendou ainda qual a razão por que o bicho

³⁸ N. da E.: Parece faltar um verbo, depois do "e". Mantivemos como está no jornal.

de pé (que de longe em longe se dá também ao luxo de entrar nas mãos), só acomete os recém-chegados. Invade os invasores, como para os pôr à prova de resistência e de coragem. Este inimigo, entretanto, já vai sendo combatido com menos covardia pelos colonos novos, a quem os velhos instruem, mas ainda arranca muitos gritos às crianças e obriga os adultos fracalhões a gemidinhos e caretas.

Quanto à nossa indolência, ela é uma lenda mais do que uma realidade. Não conheço capital nenhuma do mundo inteiro em que se realize a soma de trabalho que se executa no Rio. A população carioca arfa sob o jugo de um labor continuado, brutal, estúpido, desde o primeiro dia do ano até o último, sem nem sequer desabafar em uma queixa o seu esforço ininterrompido. E a prova de que a nossa indolência é uma *blague* aí está no curto prazo em que foi remodelada esta cidade e em que ela foi expurgada de uma epidemia que a vitimava há tantíssimos anos. Mas, conscienciosamente, poderemos defender os povos do interior, dos sertões, como defendemos nesse sentido os das capitais como a nossa, como S. Paulo, como Rio Grande, como Belo Horizonte? E ainda outra pergunta: faremos obra de patriotismo afirmando que os nossos camponeses são muito ativos e que de norte a sul do Brasil corre o bafejo que tudo impulsiona da coragem e da iniciativa particulares?

Quando uma voz se levanta para dizer uma sentença, é bom não a negar antes de refletir. Fora dos grandes centros, a atividade do brasileiro dilui-se em coisas vagas que a inutilizam.

Não me parece que Gina Ferrero tivesse acertado com as razões da nossa democracia e tenho pena de que se não tivesse referido, embora com a mesma ligeireza de pena com que aludiu a quase tudo, à politiquice que desgraça certos pontos do nosso país.

É verdade que por esses ela não andou, pois só fez suas jornadas pelos Estados mais prósperos do Brasil.

Da mulher brasileira Gina Ferrero não poderia ter dito mais nem melhor, assim como disse da nossa hospitalidade e da nossa intelectualidade. Alguns enganos da nossa história passada, que aparecem no livro, só podem³⁹ e de fato só prejudicam a escritora, não tendo para nós absolutamente nenhuma importância. De resto, este livro que fala de nós não nos é dedicado, mas aos seus compatriotas, aos italianos que abandonando o seu lar querido vieram continuar na América as tradições de trabalho, de arte e de honra dos seus antepassados. Este livro é como que uma palestra em família, em que a autora chama a atenção dos seus patrícios para as belezas e os defeitos da sua nova pátria de adoção. É com simpatia que ela se refere aos progressos agrícolas do Estado de Minas; e à sedução de se ouvir falar mais italiano em S. Paulo que na própria Itália, onde se abusa dos dialetos.

Bom seria que todos os viajantes inteligentes e observadores que nos visitam dissessem, como Gina Lombroso Ferrero, o que pensam de nós.

Por mim estou-lhe agradecida.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIV, n. 8818, p. 1, 24 nov. 1908.
http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/18016

³⁹ N. da E.: A frase parece incompleta. Mantivemos como está no jornal.

FEIÇÕES POPULARES

CONVERSANDO HÁ DIAS COM UMA AMIGA INTELIGENTE, recém-chegada da Europa, por onde viajou por largos meses, pedi-lhe que me desse a sua impressão — não das cidades nem dos usos e costumes das velhas civilizações, sempre interessantes do continente percorrido, — mas a que lhe tinha produzido, à sua volta, a nossa cidade carioca nos seus aspectos de rua e de povo. Se essa amiga não tivesse outras qualidades que a distinguem, teria, pelo menos, a da insuspeição, por ser natural do Rio de Janeiro, para onde veio recambiada pelo mal estranho da nostalgia.

Depois de uma referência de louvor às nossas duas belas avenidas, a minha informadora desabafou num suspiro, que nenhuma espécie de reflexão teria já força de conter, o desapontamento, o desgosto, que lhe causava a vista do nosso povo no tumultuar das ruas e das praças. Sentia-se ofendida, pelo modo desmazelado por que tanta gente bate os chinelos ou os pés descalços sobre os asfaltos; por que tantas mulheres, principalmente negras, não se vexam de ostentar à clara luz do sol saias sujas, unidas ao corpo desengonçado; por que tantos homens, de calças escorregadias e camisas de meia encardidas caminham pelas calçadas como pelos seus quintais, no desassombro de quem se sente perfeitamente à vontade...

Certamente que ela se não esquecera, nesses vinte e tantos meses de peregrinações por terras estrangeiras, dos hábitos da nossa, mas acreditava que até ao tempo da sua partida para o velho mundo a nossa gente do povo fosse mais limpa e mais recatada ao seu modo de trajar.

Tinha com certeza havido uma reviravolta. Este abandono é novo.

Creio que nisto ela está enganada: este abandono é velho; e nem é preciso ter-se vindo de outros climas e outras educações para o notar com desgosto.

Os nossos populares odeiam a blusa, que é arejada, que flutua, e que disfarça a falta de várias peças de vestuário. Mas por que odiarão eles a blusa que todo o operário europeu adota como trajo prático, cômodo e decente? Compreende-se que não suportem o casaco, que peia os movimentos e dá ao homem, sem colarinho, uma aparência também pouco agradável e nada correta. Mas a blusa é larga, é livre e é fresca, porque é geralmente feita de tecidos leves, de zefir, e parece querer impor-se à nossa gente de trabalho que, mais do que ninguém, sofre e sua pela ação do calor.

Não sei que haja bairros privilegiados na cidade, por onde quem adore a limpeza e o decoro não tope nunca senão com gente, embora humilde, mas cuidadosa com a sua pessoa. Creio que não há tal bairro, porque o próprio Botafogo, que é considerado como o mais elegante, é talvez um dos que maior número de cortiços contém. Em todo o caso há ruas em que a frequência das camisas de meia de algodão e das saias *sans dessous* começa mal rompe o dia, para só desaparecer ao fechar da última porta sonolenta de botequim barato.

Há tantos anos que não vou à Europa que já confundo muitos dos seus aspectos e das suas particularidades.

Uma das coisas de que eu agora desejaria lembrar-me para uma comparação, — vão se rir talvez — é das carroças; não porque isso trouxesse ao meu espírito um gozo particular de estética, está claro que não seria em tal assunto que eu fosse procurar deleites intelectuais, mas porque me parece incrível que o tipo das nossas carroças, fragorosas, pesadonas, guiadas não por um boleiro, mas puxadas por um carroceiro cujo esmagamento nos parece a todo instante iminente seja ainda aceitável em qualquer parte do mundo culto.

Não seria caso de estudo e de intervenção municipal? Eu não posso olhar para essas almanjarras brutais, ameaçadoras, que não pense na morte, que me não pareça ver sobre as pedras da rua uma antevisão dolorosa, carnes espapaçadas, sangue a correr...

Haverá talvez quem objete que no mundo todo as carroças são iguais e nesse caso eu só desejaria uma coisa: é que se criasse um tipo novo para as do nosso uso.

Ah! pudéssemos nós todos concorrer para tornar a nossa cidade confortável, macia, de aparências agradáveis e boas sugestões... Quem me lê não supõe naturalmente que eu tenha a ideia absurda de querer ver aqui carregadores de casaca nem cozinheiras de costume *tailleur*; mas vestidas com decência e sem imundície. Um avental branco ou de riscado é uma peça de vestuário que predispõe à simpatia de quem passa por ela. É, pelo menos, um atestado de trabalho que impõe respeito.

Pois bem, saia quem sair de manhã cedo por essas ruas de compras e mercado, raramente verá uma cozinheira de avental; e se a encontra de bolsa ou cesta na mão, esse fardo é carregado com desprezo visível, a contragosto. A vaidade da profissão escolhida não transparece nos gestos das nossas *cordons-bleu*, mais dispostas à vagabundagem pelas ruas do que ao exercício variado e artístico do seu ofício.

É pena. Se ao menos nós tivéssemos um trajo nacional, característico, popular, uma ou outra falta ficaria atenuada pela nota do pitoresco que dele resultasse...

Ainda uma destas manhãs, passando eu casualmente pela rua Evaristo da Veiga, vi em uma esquina uma pretinha velha que daria motivo para uma bonita aquarela. Ela estava sentada num banquinho, à sombra de uma árvore, toda vestida de escarlate; escarlate a saia, escarlate o paletó abotoado até o pescoço, e escarlate a trunfa à baiana, bem-posta sobre a sua cabeça pequena emoldurando-lhe o rosto enrugado e simpático. Diante dela, um tabuleiro forrado por uma toalhinha branca e engomada, via-se uma tigela com pipocas, outra com mendubi torrado e uma terceira com mendubi e açúcar em pó. Parei para vê-la, com um prazer de que ela não poderia imaginar a causa.

Se eu fosse pintora teria achado um assunto e um modelo; mas, infelizmente, como nem amadora de fotografia sou, não pude dispor de um Kodac para a reprodução daquele tipo, que desaparece...

Essa encantadora velhinha fez-me cismar nesta coisa: se a falta de ordem e de asseio no nosso povo baixo provém da falta de educação, por que serão as

velhas africanas e as baianas legítimas mais escrupulosas na sua *toilette* do que as nossas crioulas, se não tiveram para isso mais ensinamento nem melhores exemplos do que elas?

Sei que certos costumes não se corrigem ao primeiro bico de pena, mas que fatalmente se alteram pela insistência de muitos bicos de pena e ao influxo das observações de viva voz. De qualquer modo, é preciso convencer o nosso povo de que a aparência das coisas vale pelos fatos que elas representam. Quem, por laborioso que pareça ou que seja, sue miséria e arraste à luz do sol e à vista de todo mundo desmazelo e desídia, não inspira confiança nem consideração a ninguém.

É doloroso para mim ter de dizer estas coisas; mas digo-as com a isenção de quem deseja com os seus reparos contribuir um pouco para que elas se transformem de um modo completo e radical.

Há com certeza no globo, em qualquer dos seus continentes, cidades cuja população seja tão mesclada e de que certas classes baixas tenham uma aparência mais desleixada do que tem a nossa; mas essas nem nos consolam nem devem ser citadas para que não sirvam de desculpa a ninguém. Bem ao contrário, parece-me que devemos aludir esforçando-nos por imitar-lhes o exemplo, só às cidades em que o mais humilde operário ou a mais rude criada saiba dar à aparência da sua pessoa um ar de nitidez e de boa saúde, que inspire aos outros de mais elevada posição o maior respeito; às cidades em que até os varredores de rua e arrecadadores de lixo têm jornais e se interessam pela sociedade de que fazem parte; a cidades, enfim, em que a vida não seja uma simples função material e grosseira, exercida sem consciência, mas alguma coisa superior, penetrada de poesia e de idealidade.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIV, n. 8832, p. 1, 08 dez. 1908.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/18146

OS VÍCIOS DELES

Quatro horas da tarde. Isidora acaba de servir chá com bolos às suas amigas Madalena, Luciana e Marta. O gato preto Nhonhô persegue no chão as sombras movediças da trepadeira da janela, de folhas chatas como borboletas. As senhoras palestram.

ISIDORA — QUAL É O VÍCIO que as mulheres perdoam com mais facilidade aos seus maridos?

Luciana — O do fumo.

Marta — Dizes isso porque és casada com meu irmão, fumante tão incorrigível que nem para dormir tira o charuto da boca. Também por isso está ficando com o bigode manchado, crestado e com os dentes amarelos como as teclas de um piano, martelado por muitas gerações. Se sofresses do fígado como eu, ou não o beijarias nunca na boca, ou já terias morrido. O tabaco é um veneno de uso grosseiro e consequências terríveis; basta lembrar que o cancro na língua é quase sempre produzido por ele. De mais a mais dispendioso, porque o havana é um luxo caro, que arruína a bolsa e o organismo de uma assentada. Não era à toa que Alphonse Karr afirmava:

Fumer est un des plaisirs les plus bêtes et les plus coûteux.

Não sei se é dos mais estúpidos, mas é o mais constante de todos os vícios, porque é de todas as horas, e o que mais rouba a energia e a independência dos homens. Um fumante sem tabaco é um homem inútil. Roubem-lhe a cigarreira e roubar-lhe-ão as ideias e a disposição do trabalho. O fumo é um vício que escraviza, que nulifica, que toma para si todas as faculdades produtivas dos indivíduos. Senão vocês reparem: tal ou tal matemático, e isto para citar homens afeitos a abstrações, sente-se positivamente incapaz de resolver problemas, que em outras circunstâncias lhe pareceriam fáceis, se, ao meter a mão no bolso à cata

do cigarrinho, verificar que o deixou em casa, a uns tantos quilômetros de distância. A essa catástrofe o cérebro nega-se a qualquer trabalho digno. O despotismo do cigarro é mil vezes maior que o do czar de todas as Rússias, porque ele escraviza e submete à inação mais desesperadora o próprio pensamento!

Há escritores que só produzem ao sabor e ao atordoamento de cigarros consecutivos; o cigarro entra assim a fazer parte integrante do seu ser moral. Ah! a esse é que eu não perdoo nada. Ele é a expressão reles, malcriada, de vício barato, uma coisa ínfima, que entrou para as rodas superiores como certas criadas de servir entram para a aristocracia — levadas pelo capricho de alguns homens de gostos depravados.

Não conheço nada mais petulante do que um cigarro, e quanto mais ordinário é, mais se acentua nele essa qualidade agressiva. Vocês talvez não acreditem, mas a verdade é que, cada vez que eu encontro um colegial meninote de cigarrinho na boca, sinto vontade de cuspir; e notem que eu não faço tal coisa senão por enjoo ou por doença. Esse ato é, portanto, determinado em mim por uma impressão de repugnância e de vexame, que não sei reprimir. E é talvez porque de todos os vícios esse é o mais generalizado e de que se abusa com mais desfaçatez, que eu tanto o abomino. Felizmente, meu marido não fuma.

Quando o beijo, é como se beijasse uma criança.

Luciana — Deus me livre. Que horror!

Marta — Eu não lhe perdoaria a boca amarga, os pelos do bigode queimados, o hálito estragado, as unhas cor de âmbar...

Madalena — Pois eu gosto do cheiro do tabaco, e para mim um homem que não fuma parece-me incompleto... Mas eu sempre quereria que me explicassem por que, sendo nós mais fracas, segundo a proclamação universal, não nos deixamos dominar pelos vícios, como os homens fortes; porque mesmo o teu, Marta, se não fuma, joga...

Marta — Infelizmente... Mas vejam como são as mulheres: como aludi ao vício do marido dela, ela não quis deixar na sombra o do meu...

Madalena — Sabe que isso não é segredo para nós... Mas aí está: de todos os vícios, o do jogo é o único intelectual; e, como é sujeito a períodos de repouso, favorece o espírito para reações.

Luciana — Qual reações! Nos intervalos de descanso o jogador não pensa senão em recomeçar o jogo; vive assim numa perene ansiedade, devorado por ambições, gasto por noites consecutivas e toda a espécie de desordens físicas e morais.

O jogador é quase sempre fraco de caráter, supersticioso, desconfiado, casmurro... Para ele, glória, família, trabalho, amor, tudo se dilui nas duas cores dos quatro naipes de um baralho e na rapidez dos minutos na roleta do azar... Felizmente, o marido aqui de Marta é apenas um diletante, não é um profissional; entretanto, suponho que ela se deva aborrecer, porque necessariamente ele preferirá ir jogar o *pôquer* no seu club a levá-la aos espetáculos, às recepções das amigas ou a ler alto para ela ouvir, em casa, os romances do Eça ou de Machado de Assis...

A mulher de um jogador aferrado é uma vítima ignorada no silêncio das noites, curtindo saudades do passado e sustos pelo porvir, sempre com medo de ver entrar o marido em casa arruinado ou louco, quando não volte cadáver, nos braços de parceiros mais felizes...

Se o fumo estraga a saúde em picadelas lentas de alfinetes, que transformam o fígado e o baço em colchões velhos e informes, o jogo mutila-o depressa a machadadas fundas e bem vibradas.

É uma paixão com sopro de vendaval, que tudo leva diante de si, essa do jogo, e a que mais alheia o homem da sua família e dos seus deveres... Ante a tentação de um tapete verde — a honra é um espectro de papelão e o amor uma fantasia de crianças... De sério e de interessante no mundo só há os dados do azar...

Seria esse o vício que eu menos perdoasse a um homem, se ainda não houvesse outro pior...

Isidora — As mulheres?

Luciana — Não. O vinho.

Marta — Esse é torpe.

Madalena — É bestial. A inconsciência da bebedeira dá à fisionomia do homem mais inteligente e mais fino uma máscara de porco imundo. Haverá amor de mulher que resista a tão rude prova?

Acreditará alguém que a esposa de um alcoólico possa ter por ele alguma espécie de consideração, sem a qual não existe a felicidade na família?

Eu não. E custa-me até imaginar que um homem culto se entregue ao vício da embriaguez. O vinho é um vício de taberna, de ruas escuras, um vício execrável de ignorantes e de brutos...

Isidora — Entretanto...

Madalena — Entretanto, bem o sei, há muitos homens educados, responsáveis muitas vezes por um nome de família bem considerado na sociedade, que não resistem a ir tomar com frequência os seus copinhos de *whisky*, quando não de parati, à beira dos balcões, esquecendo-se no convívio das garrafas da própria dignidade, dizendo asneiras, chorando como um dia de chuva, rindo como um palhaço ou clamando como um possesso. A falta de compostura dos bêbados ofende até as paredes. Não há nada mais ridículo nem mais repugnante. Felizmente, o meu marido não bebe senão à comida; mas então, ai de todo o pessoal da casa se lhe não puserem junto do prato a sua garrafa de Bordeaux!

Marta — O meu também; e igualmente não dispensa o seu cálice de cognac e café. Mesmo que chova a cântaros, não havendo cognac em casa tenho de o mandar buscar... É uma maçada!

Luciana — O meu de vinho gosta pouco; mas não passa sem cerveja, pelo menos três garrafas por dia...

Marta — Oh!

Madalena — Oh!

Luciana — Uma ao almoço, outra ao jantar e outra à noite.

Madalena — Não deves consentir nesse abuso, ele assim ficará obeso!

Luciana — Oh! Minha querida, que mulher terá prestígio bastante para impedir ao marido a satisfação dos seus desejos? E tu, Isidora, que nos dizes de teu marido, ele não bebe?

Isidora — Não; meu marido não bebe senão água...

Marta — Faz ele muito bem. Parece-me que também nunca o vi fumar...

Isidora — Não; meu marido não fuma.

Luciana — Joga?

Isidora — De longe em longe, uma ou outra paciência, comigo...

Madalena — Mas nesse caso teu marido é um poço de virtudes. É um monstro!

Isidora — Vais ver: como parece forçoso que todo o homem se submeta à humilhante contingência de um vício, meu marido não pode resistir ao do amor.

As mulheres fascinam-no, como os jacarés às crianças. Ele vive sempre alheado de mim no deleite das suas paixões de aluguel ou de empréstimo e, o que lhes posso afiançar, é que isso me ocasiona as mais dolorosas revoltas de amor próprio, e me dá a certeza de que, embora o vício das mulheres seja entre todos os vícios o de mais curta duração na vida de um homem, é também aquele que uma esposa, embora diga o contrário, menos perdoa...

Marta — Pois olha, filha, para mim, de todos os vícios, esse é o único compreensível...

Luciana — Eu ainda digo mais: é o único desculpável!

Madalena — Sim, nos maridos das outras...

(Do livro *Eles e Elas*)

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXIV, n. 08839, p. 1, 15 dez. 1908.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/18206

SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO

*I know a bank whereon the wild thyme blows,
Where ox-lips and nodding violets grows;
Quite over-canopied with lush woodbine,
With sweet musk-roses, and with eglantine.*

(A Midsummer Night's Dream)
Shakespeare.

POR ESTAS NOITES ABRASADAS de verão impiedoso tenho tido verdadeiras saudades do nosso lindo Sumaré e pergunto a mim mesma se será justo que a população afogueada de uma cidade se veja privada desse refúgio clemente depois de o ter conhecido e exatamente na quadra em que ele mais é apetecido.

Não faltam ao Rio de Janeiro arrabaldes pitorescos, onde vamos ao cair da noite procurar um pouco de ar com que nos retemperemos das horas de suor e de fadiga, que são todas as passadas nesta estação, desde o romper até ao deitar do sol; mas nenhum desses arrabaldes oferece aos passeantes as vantagens do abandonado Sumaré, porque nenhum tem um percurso de bond tão longo, nem tão fresco, nem tão perfumado, visto que todo ele é feito entre florestas que à noite recendem, ou sobre píncaros de montanhas a centenas de metros acima do nível do mar e da cidade, que se mostra toda pelas planícies e colinas baixas, como uma renda de ouro, de desenhos fantásticos, em que se emaranham linhas curvas e linhas retas, e das avenidas, pontilhadas pelo gás ou pela eletricidade.

O bond, veículo que parece ter sido inventado exclusivamente para uso do Rio de Janeiro, ainda mais: que se nos afigura como um produto carioca, nascido, como os inhames, das entranhas ardentes desta terra de democratas e de pobretões, como um socorro natural, correspondente às suas necessidades; o bond, onde o carioca se sente como em sua casa, exerce no verão, além das suas

funções locomotoras, comunicativas e sociais, as do único ventilador capaz de refazer as forças da população diluídas pelo esalfamento de um ambiente de forno...

Na verdade, o bond é o magno recurso dos que não têm a dita de veranejar por essas lindas cidades e vilas serranas, onde a água sai das fontes como se saísse das geladeiras e onde a atmosfera é leve e transparente como o cristal bem lavado. No Rio, o bond é uma espécie de sanatório ambulante e piedoso, que desloca o ar pesado como chumbo para o tornar respirável, refrigerando assim os habitantes amodorrados, espapaçados, da urbes incendiada, em uns tantos minutos de ilusão barata...

Ainda na noite de Natal, em que das próprias estrelas caía mais calor do que luz, foi à misericórdia de um bond que pedimos lenitivo para o sofrimento do calor. Recorremos ao Silvestre. E posso afirmar que, enquanto o elétrico zunia pelas estradas ermas, em demanda desse recanto estreito da montanha, nós íamos como que dentro da própria primavera. O ar afagava-nos cheiroso, fresco, repleto de pios de aves e estridulações de insetos, e era tal o gozo, que à nossa mente acudia o desejo absurdo de que o Silvestre imutável, o Silvestre empedernido, o Silvestre firme nas suas convicções geológicas de granito e de terra tão velha como tempo, se pusesse a recuar, a recuar, e os trilhos por onde íamos a estender-se, a estender-se indefinidamente...

Mas, ai de nós! O Silvestre é ali. É ali e é o fim. Bebido o copo de água fresca na doce fonte, a que a poesia nacional ainda não deu um título digno dela, não tivemos outro remédio senão voltar para trás, quando o nosso empenho seria ainda ir para diante. E ao voltar, parando o bond no encruzilhamento da Lagoinha, estendemos um olhar saudoso por aquele caminho, mais adivinhado do que visto através a negrura da noite...

E era por ali, que se ia àquelas paragens mágicas, de nomes doces e vistas deslumbrantes; esses cumes de montanhas sucessivas que de Santa Teresa, a minha amada e pobre Santa Teresa, vão até à Tijuca maravilhosa, à Tijuca de águas escondidas e rumorosas, de bambus colossais, de framboesas vermelhinhas e de jardins abundantes... Se neste verão torrador, neste verão que nos transforma a todos em S. Bartolomeu grelhados, funcionassem os bonds da Carioca à Tijuca, a população da cidade poderia ainda ter uma esperança de salvação. Quem julgasse que ao depauperamento do seu organismo bastava uma viagem ao Sumaré, ao Sumaré que à noite é um poema em que parece terem entrado de colaboração Virgílio e Dante, Boccaccio e Shakespeare, iria só até ao Sumaré; os mais combalidos pela ação mortificante dos trinta e não sei quantos mais graus à sombra, poderiam esticar o seu passeio a outra estação intermédia ou até à Tijuca.

A dosagem é uma cláusula muito importante na medicina: a linha do Sumaré facultaria a cada indivíduo a razão de ar puro que lhe fosse precisa.

Como todas as pessoas prudentes, eu não gosto de bulir em casa de maribondos, com que este assunto talvez tenha certas afinidades perigosas, mas embora correndo o risco de alguma ferroadada maligna, não resisto ao desejo de lhe atirar a chamazinha inocente deste fósforo, não para o atizar, está claro, mas para ver se lobrigo a esperança de que a linha do Sumaré se franqueie ao público antes de terminado este verão...

Por mim, confesso, não posso pensar sem tristeza nesses grandes trabalhos abandonados: paredões, pontes, quilômetros e quilômetros de trilhos e dormentes vertebrando de madeira e de aço a espinha corcoveante da serra verde, da serra cheirosa, refúgio salutar de grande parte dos habitantes desta cidade para os quais Petrópolis é um mito; Friburgo, um sonho; Teresópolis, um ideal irrealizável...

Não será um crime consentir-se que a ferrugem roa aquelas ferragens todas, expostas às intempéries, sem vigilância nem cuidados; que as barreiras se desmoronem sobre os caminhos feitos a machadadas e a picareta, por entre florestas e pedreiras brutas, e que assim se inutilize um esforço digno de absoluta consideração? E não é uma tristeza negar-se à cidade, depois de se lhe ter oferecido, uma regalia tão extraordinária e que tanto lhe aumentava a importância?

Mal terminando, aqui ficam estas duas perguntas, a que ninguém responderá.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXV, n. 8853, p. 1, 29 dez. 1908.
http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/18338

OS VELHINHOS

NÃO SEI SE EXISTE em algum país do Mundo lei comparável em beleza a essa promulgada pela previdente Inglaterra a favor dos seus velhos.

Por mim não conheço outra tão nobre nem tão justa. O governo britânico, criando as pensões para a velhice pobre do seu país, estabeleceu um exemplo que impõe a todas as outras nações poderosas a obrigação estrita [e] inadiável de o imitarem.

Saber que em toda a vastidão da Terra, no formigamento humano, há menos umas tantas almas arrastadas pelo sofrimento de uma sorte adversa, de uma sorte madrasta e brutal; saber que entre milhões e milhões de velhos miseráveis, famintos, andrajosos, que tateiam esparsos o ar do nosso planeta, há num dos seus recantos abençoados um punhado deles tranquilizados e confortados, traz a alguns espíritos inquietos e sensíveis uma espécie de consolação que a muita gente parecerá abstrusa, mas que outra tanta compreenderá por certo...

Quem pode pensar sem piedade nos trôpegos anciãos de lábios murchos e olhos enevoados, que, não tendo sabido ou não tendo podido juntar no tempo das loiras messes as sementes da abundância futura, passam pelas mais duras e as mais humilhantes angústias que o destino pode infligir aos homens?

Pode-se ser bom ou ser mau; ser trabalhador ou ser vadio, ser avarento ou ser pródigo, e deixar de ser qualquer dessas coisas pela ação da vontade ou a intercorrência de qualquer acaso feliz ou infeliz; mas deixar de ser velho no tempo da velhice, deixar de ser fraco na ancianidade, é que a nenhum humano ser é dado neste mundo, salvo se não fugiu para o outro em melhor estação...

Esse esmorecimento de sentidos, essa debilidade geral, essa incapacidade para o trabalho, para a luta, é de todas as coisas da vida a mais profundamente amarga e a mais profundamente injusta. A natureza não devia ter submetido o homem às suas leis gerais de expansão e de aniquilamento; mas, pelos dons excepcionais que lhe forneceu ter-lhe proporcionado no fim da vida forças que lhe permitissem irradiar do espírito todos os dons adquiridos pela sua observação e pela sua experiência. A fraqueza da velhice inutiliza todos os tesouros acumulados durante os tempos viris. A última quadra da existência humana não deverá inspirar piedade, mas admiração. Se um homem trabalhou com ânimo nos dias da mocidade, sem conseguir guardar no fundo da arca um pedaço de pão garantidor da existência (e a quantos isso acontece!), que rancor não rugirá no fundo do seu peito, chegada a hora em que o braço se lhe negue a cavar no chão duro as migalhas que lhe matem a fome! Se um homem dissipou aos quatro ventos, abundantemente, todo o dinheiro que lhe passou pelas mãos, como os grãos de cereais por entre os dedos de um semeador, que pena por não ter sabido guardar um punhadinho ao menos dessas moedas no fundo de um bolso, providentemente! Se um homem cedeu todos os seus bens, por bondade, ou trabalhou só para o bem alheio; que triste olhar para a ingratidão dos seus beneficiados!

Depender? nem dos filhos. O mundo tem ensinado que o mais enérgico e o mais fértil de todos os sentimentos é o egoísmo.

Quem pensa em si com juízo e envelhece com, ao menos, algum dinheiro na carteira, não envelhece tal, continua a viver; os velhos são os outros, os que, sacudidos pela sorte como uma árvore pela ventania, se viram espoliados de repente dos seus pomos de ouro, das suas folhas de esmeralda, das suas flores rutilantes, e, secos, despídos, cobertos de neve, tiritam, sem ter nem ao menos a esperança de uma outra primavera que os bafeje e os transforme! Os velhos são os pobrezinhos que, leves como plumas, são ainda assim pesados a quem por misericórdia lhes dê uma côdea de pão que lhes magoa as gengivas ou uma caneca de água que lhes arrefece o estômago dolorido; os velhos...

Os velhos são muitos, somos todos nós, hoje ou amanhã, suspirando saudades, caindo depois na indiferença senil, na inconsciência da primeira infância e da última quadra.

Para a carne amolecida dos velhos é então preciso um colchão macio, como para a carne débil dos bebês. Eles requerem cuidados materiais: alimento leve e a horas certas — sono sossegado — e uma doce mão carinhosa que os ajude a andar sem tropeços pela casa.

A Inglaterra generosa, a Inglaterra sábia e justiceira acaba de estender essa mão a todos os seus velhinhos trôpegos e desamparados. Eles têm agora um arrimo natural, porque é o de uma mãe a seus filhos, e, seja qual tiver sido a sua vida passada, não sentirão rancor pela sua sorte, nem por ninguém.

Em Londres, como em outras cidades grandes ou pequenas do reino, não faltam com certeza asilos para a velhice desamparada, mas o asilo é a caridade, seja ele embora do Estado; o asilo segrega os indivíduos do seu meio, das suas afeições, do seu ambiente, para lhes dar o mesmo aspecto que dá a outros indivíduos, a mesma sopa, o mesmo bonet, o mesmo uniforme, o mesmo quarto, o mesmo selo de necessidade...

Um telegrama de Londres para a *Notícia*, de sábado, dizia que diversos velhos, que em virtude da lei deveriam começar nesse dia a receber do Estado as suas pensões de velhice, tinham falecido de síncope provocadas pela alegria.

Tal seria a miséria, as tragédias íntimas e longas do sofrimento desses desgraçados, para que a simples certeza de as ter acabado de vez os fizesse morrer de alegria!

Morrer de alegria! poderiam eles nunca ter imaginado semelhante coisa?

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXV, n. 08860, p. 1, 05 jan. 1909.
http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/18396

ESPÓLIO SAGRADO

JÁ AS REVISTAS EUROPEIAS nos mostram em gravuras nítidas cenas do último terremoto da Sicília e da Calábria; já os nossos cinematógrafos exibem fitas reproduzindo outras cenas dessa mesma catástrofe; já os nossos cronistas traduziram com paciência e sossego observações do sábio Lombroso sobre a psíquica de tais e tais indivíduos nessa hora terrível e ainda a Itália de vez em quando nos envia telegramas, afirmando-nos que a Terra aqui e além estrebucha, fazendo fugir espavorida para os campos gente das grandes cidades, como das pequenas povoações.

Deve ser horrível, porque sofrer-se inesperadamente o choque de qualquer fenômeno brutal, mas definitivo, é alucinante; mas viver-se noite e dia com medo de que esse fenômeno se reproduza, porque ele se nos anuncia em pequenas ameaças, é de pôr os cabelos em pé!

E logo serem essas ameaças na Itália, que é o museu do mundo!

Quem por exemplo poderia ter lido sem um sobressalto angustioso aquele telegrama do dia 14 do mês passado, anunciando o terremoto ondulatório que pôs em perigo de morte tantas das mais belas cidades da Itália?

Quem se terá conservado impassível ante a ideia assombrosa, terrificadora, de ver desaparecer dessa Terra de sábios e de artistas, mãe intelectual do espírito moderno, as melhores porções da sua alma de poeta e do seu corpo de lutadora?

Quem não teria sentido agitar-se com mais velocidade o sangue nas veias, lendo que em Florença, pátria espiritual de todos os artistas modernos, as estátuas da cidade ruíram sacudidas pela violência brutal do tremor da terra? As estátuas de Florença não são massa inerte; pelos veios do seu mármore ou pelos

laivos do seu bronze, circula o gênio italiano, o ideal de cérebros divinos que nelas tinham cristalizado o seu sonho, para bem eterno da humanidade, que se renova e que nessa antiga fonte de pureza e de arte ia dessedentar-se de sua sede de ideal e de perfeição.

As estátuas derrubadas de Florença têm a alma augusta de Miguel Ângelo, de Benvenuto Cellini, de Giovanni da Bologna,⁴⁰ de Donatello e de outros mestres inimitáveis. A carne dos seus corpos de deuses ou de leões, de reis ou de amorosas, de tigres ou de poetas, de guerreiros ou de santos, conserva na dureza fria da pedra ou do metal de que é feita o ardor e o entusiasmo da sua hora de concepção, o calor do beijo fecundo da Inspiração e do Trabalho que a criou. Essa carne eternamente jovem e eternamente bela, derrubada agora dos seus pedestais, rolando no solo convulsionado pela ira de um fogo latente, uma ira de inferno, inspira-me ao mesmo tempo terror e piedade: piedade pelo que ela deve sofrer, fisicamente, como um corpo vivo, terror pelas injúrias que à sua formosura ocasionasse a queda brutal...

Homens e mulheres que morrem engolidos por cataclismos distantes despertam em toda a gente a simpatia que o sofrimento impõe. São seres da nossa mesma espécie, com a mesma intensidade de paixões, os mesmos desejos, os mesmos ideais, as mesmas esperanças que nós. Mas são anônimos. Da sua fisionomia, do seu coração, da sua voz, da intimidade dos seus hábitos não se irradiava para nós uma impressão pessoal, que nos alterasse ou modificasse o nosso modo de ser ou de sentir.

Por mais que ponhamos em nós o caso, sempre, e por melhores que sejamos, ficamos longe dele.

Ai das multidões desaparecidas pelas catástrofes sensacionais!

⁴⁰ N. da E.: No jornal, grafou-se "de Giovani, de Bologna". Porque a cronista estava listando nomes de artistas, supomos que ela tenha querido se referir a Giovanni de Bologna, motivo pelo qual modificamos o texto.

Figuramo-nos os quadros mais pungentes; trocamos impressões apavoradas, pintando a expressão dolorosa de mães buscando filhos desaparecidos, homens vendo morrer à fome, sob escombros milagrosamente suspensos sobre as suas cabeças, as esposas e os filhos; todas as atrocidades de uma situação sinistra e horrenda, mas, por mais que choremos e nos metamos em espírito, fraternalmente, dentro dessa catástrofe, há no fundo do nosso ser egoísta o raiozinho de uma consolação: a de não conhecermos pessoalmente nenhuma dessas desgraçadas criaturas, a de não nos sentirmos presos a qualquer delas senão pelos laços da solidariedade humana, e nada mais. As guerras, os terremotos, as inundações, as rajadas da ventania infrene, todos os clamores da natureza em fúria, levando diante de si cadáveres em roldão, mas cadáveres cujas faces apenas imaginamos, não despertam no fundo do nosso espírito a mesma sensação de saudade, de interrogação muda, e de susto, que este abalo de terra agora provocou derrubando estátuas de mármore impassível, mas cuja expressão já infundiu um dia em nossa alma a beleza de um sonho, a radiação de um entusiasmo, a ideia da eternidade...

As estátuas de Florença (se o telegrama não mente, o que praza aos céus), rolando dos seus pedestais, danificando os seus membros e as suas feições nos ladrilhos dos museus ou nos asfaltos das praças públicas, acordam na alma de todo o mundo um grito de maldição e de desespero, porque todo ele se sente roubado por essa catástrofe. De toda a parte, de todos os continentes, dentre todos os povos se voltam olhares de esperança ou de saudade para a serena multidão branca dos mármore antigos que povoam a Itália dos Médicis, a Itália das catedrais, dos batistérios e dos campanários, a Itália das ruínas, dos coliseus, das colunas e dos arcos de triunfo, a Itália da Renascença iluminando tudo com o seu talento, o seu vigor e a sua poesia...

Essa multidão branca, parada, de olhos de pedra ou pálpebras de bronze tem derramado ondas de luz e de benefícios por toda a vasta superfície do globo. Onde chega um raio dessa claridade desabrocha a flor milagrosa de um gozo

eterno, porque é puro, como a gota de leite que nutre a criancinha, porque é perfeito e é inspirador. Nós todos, seja qual for o continente em que tenhamos nascido e em que habitemos, não podemos ouvir com serenidade dizer que as estátuas de Florença ruíram por terra. Que estátuas? É como se ouvíssemos dizer que em uma cidade onde estava a nossa família pereceram, devoradas pela onda ou pelas chamas, milhares de famílias cujos nomes se ignoram...

As estátuas de Florença... Ah como revejo as mais belas, com deleite, no pensamento que não esquece! mas assim como não se crê, mesmo às primeiras evidências, na morte de uma pessoa a quem amemos, também não creio, não quero crer, que baqueassem dos seus pedestais as mais belas obras da estatuária florentina... O mesmo tremor assassino que ameaçou de morte o Perseu e o grupo maravilhoso do Rapto das Sabinas sacudiu as entranhas dessa luminosa, dessa matizada Veneza, cidade das cores brilhantes e fugitivas, feita de águas que correm, de asas que voam, de mármore que flutuam... Se esta Veneza prismática desaparecesse hoje do mapa do mundo, que imaginação, por mais exaltada e poética, a imaginaria aproximadamente quando, daqui a muitos séculos, a quisesse em mente recompor? Aquela praça de S. Marcos circundada pelas suas arcadas de um estilo puro e clássico, com todo o pavimento coberto pelo tapete movediço dos pombos e a sua basílica suntuosa coberta de mosaicos; aquele grande canal ladeado de palácios, por cujas águas azuis gôndolas negras deslizam silenciosamente, e outros, os pequenos canais, de águas sombrias e fundas, feridas à noite, aqui e além, pelo reflexo sanguíneo de um lampião pendente de uma parede ou de um arco de ponte; e o palácio dos Doges, cheio de mistérios e de tradições, com as suas galerias subterrâneas, as suas portas infernais e calabouços para a água fria dos canaletos... os seus templos religiosos, a sua Academia, os seus museus de arte antiga, os seus palácios históricos e as suas indústrias modernas: rendas de labores finos, cristais de tons refrangentes, mudáveis, como a luz que o céu de Veneza espalha sobre as águas lisas da Laguna mansa...

A linda Veneza, cantada pelo poeta del Fuoco com toda a harmonia da sua língua ressoante e opulenta; essa Veneza inconfundível, única, em que fulguram os gênios de Tintoretto, de Ticiano, do Veronese, em tetos e em muros que a própria inconsciência do tempo e das coisas deveria respeitar; essa Veneza que parece ter surgido do fundo do mar, toda feita num reino desconhecido, só para se mostrar aos astros e ao céu; essa Veneza... não é só uma cidade italiana; é a pátria universal de todos os namorados sonhadores, de todos os amantes, de todos os poetas! Oh, se ela desaparecesse, toda a mocidade no mundo teria razão para chorar...

O mesmo rugido, a mesma chama que se estendeu sob o solo da cidade dos Doges e da fantasia, abalou a sossegada Piza, fazendo tremer nos muros, [no] Campo Santo[,] os rubros corpos de Orcagna no “Triunfo da Morte” e as pálidas figuras de Giotto, e lá fora na praça do Domo, a graciosa torre inclinada, seu célebre *campanile*.

Não posso esquecer-me do repouso que foi para o meu espírito de viajante obrigada a atravessar à pressa as mais barulhentas capitais da Itália, mal tendo tempo de observar e de sentir a vida de cada uma delas, essa cidade morta, que as águas claras do Arno poetizam, e em que não posso pensar senão através de uma claridade azulada, infinitamente doce...

E como Florença, como Veneza, como Piza, outras muitas terras da Itália sentiram rugir-lhes nas entranhas a ameaça tenebrosa da morte... Mas tudo passou, nenhum tremor convulsivo se agitará jamais, e sacudindo-se das cinzas ela faz ressurgir as suas cidades desaparecidas.

E que não nos falem mais em terremotos!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXV, n. 08895, p. 1, 09 fev. 1909.
http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/18706

RUMO AO MAR

A CAUSA? POUCO IMPORTA A CAUSA que provocou a minha curiosidade; o fato é que no penúltimo domingo ao calor do sol do meio-dia desembarquei pela primeira vez na minha vida no velho forte de Villegaignon. O capitão de mar e guerra Pereira e Souza, comandante da fortaleza, confirmando a proverbial gentileza dos nossos oficiais de marinha, tinha vindo esperar-me à ponte, e foi a seu lado que percorri a ilha, muito maior do que se me afigurava vista do litoral e que me parecia agora uma localidade renascendo dentre os escombros de uma grande catástrofe. Logo à entrada vi pilhas de material de construção, e senti o aroma resinoso das tábuas novas, acamadas ao ar livre e que davam à ilha ainda um doce hálito de floresta.

Para que tudo aquilo? Quereriam reconstruir toda a ilha? Foi então que eu soube: não se tratava propriamente de uma reconstrução, mas de uma construção, pois não se reconstrói o que nunca existiu.

No aquartelamento de marinheiros nacionais não havia alojamentos. Como as toupeiras ou as formigas, esses marinheiros dormiam embaixo da terra, em corredores abobadados e, naturalmente, escuros como todos os subterrâneos.

Só no fim de sessenta anos nesta terra de calor e de umidade (e é isso que me espanta), se percebeu que todo o homem carece, para a boa nutrição do seu organismo, de ar respirável nas suas horas de repouso e de sono. Bem esclarecida, esta administração fez já edificar alguns dormitórios, cujas paredes barradas por dois ou três frisos de venezianas renovam continuamente o ar interior dos salões.

Compreende-se o motivo por que ao tempo em que foi construída naquela ilha uma praça de guerra, se fizessem tais acomodações subterrâneas; elas teriam por fim abrigar de assaltos e de balas o pessoal da sua guarnição; o que se não

compreende é que, durante sessenta anos ou mais, em largos períodos de tranquilidade tal regímen não tivesse sido alterado. Hoje, os canhões de Villegaignon não têm funções bélicas, são canhões para salvas, enfileirados na muralha, polidos e reluzentes, enquanto que a seus pés, lá embaixo, à beira do mar, os velhos canhões mortíferos da revolta se deixam roer lentamente pela ferrugem e pela salsugem. A ilha sem sombras, a ilha luminosa tem um aspecto alegre nessa manhã de domingo. Ouve-se música. Entramos na sala de recreação, uma sociedade dos marinheiros e onde figuram alguns retratos desenhados por um deles.⁴¹ A sala está repleta, demos uma volta e saímos bem impressionados com o ar de satisfação de toda aquela gente, para nos dirigirmos ao vasto e limpo refeitório, onde, sobre os mármore bem lavados das mesas, brilhavam talheres, pratos, canecas e cafeteiras de alumínio.

— Antigamente a nossa baixela era de ágata, informou um oficial, mas a ágata não resiste à ação do tempo com a mesma aparência, e por isso em todos os estabelecimentos da marinha ela foi agora substituída por este metal.

Renovar... eu não ouvia outra palavra, desde os alojamentos até os utensílios de cozinha tudo sofria alteração; e por essas alterações todos se mostravam contentes e interessados.

Depois de visitar a nova e bonita residência do comandante e de em caminho saudar as três palmeiras que, por terem resistido às balas da revolta, foram já cantadas pela pena ilustre de Olavo Bilac, parti para a ilha das Cobras.

Saía fogo das pedras quando subimos a rampa do aquartelamento do batalhão naval; em cima, porém, nos salões do edifício moderno, amplo, francamente aberto aos quatro ventos, corria uma viração deliciosa.

Logo à entrada a diversidade do meio a que estou afeita, a variedade do cenário, a correção dos tipos militares perfeitissimamente bem disciplinados, as continências à alemã, com o som seco da pancada na perna, a ordem e o esmero

⁴¹ N. da E.: Parece faltar algo nessa frase. Mantivemos como está no jornal.

que já transpareciam em tudo, fizeram-me pensar no primeiro capítulo de um romance a fazer-se, em que se sucedessem páginas à de Amicis em variados quadros militares...

Era a hora do jantar; um oficial provava o rancho bem cozinhado, de aparência agradável e a convite do segundo comandante Belfort Vieira, que me recebia fidalgamente, percorri todo o estabelecimento, ao influxo das mais simpáticas e melhores impressões.

Com o uniforme branco, de correame branco, tudo branco, sem o mínimo friso de couro ou polimento, o batalhão infundia logo ao primeiro relance uma ideia de ordem, de bem-estar e de asseio irrepreensíveis. Aí parece que tudo se refaz também. Os alojamentos admiráveis, as macas suspensas de uma armação de ferro pintado a branco e elas brancas também; o refeitório enorme com os seus mármore e os seus metais polidíssimos, e fora, nos pátios interiores, as notas rubras e pitorescas das fardas de lã arejando ao sol para que Deus as livre da traça e do bolor, tudo era tema de interesse para os meus olhos. Mas foi depois, fora de portas, que pude verificar em absoluto a disciplina correta do batalhão naval. Em dois minutos uma companhia formava-se à primeira chamada para uma partida. Não pode, creio eu, haver maior prontidão. Depois desta prova assisti ao exercício de esgrima de baioneta, celebrado sem a menor quebra de ritmo, com uma precisão e uma obediência à ordem verdadeiramente admiráveis. Assim os tiros, disparados, por não me lembr[o] quantas carabinas, mas muitas, soavam como um só tiro no espaço atônito. Sempre acompanhada pelo distinto capitão de corveta Belfort Vieira, descemos depois às enxovias, às negras masmorras onde o poeta Gonzaga curtiu saudades e desesperanças...

As enxovias, eu não direi que elas me parecessem alegres, e bastaria de resto a ideia da sua aplicação para tal sentimento não poder passar por mim nem a dez palmos acima da cabeça, mas confesso que a minha imaginação, ajudada por certas descrições ouvidas não sei quando, pusera escabelos e palha, onde encontrei camas de ferro com lençóis e colchões e nunca supusera que em tais

antros se fixassem à parede arandelas de gás e lâmpadas elétricas... Felizmente, nessa hora de visita os presos militares e civis recreavam-se em um jardim ao fundo da galeria, concorrendo a sua ausência para a espécie de alívio que senti vendo as células escrupulosamente limpas e vazias. Ao regressar ao pátio superior assisti ainda a alguns exercícios, vi os novos uniformes de cáqui cor de mel, talvez muito práticos em tempos de escaramuças, mas positivamente muito menos bonitos do que os brancos e mesmo os azuis; e, sempre cercada pelas gentilezas do comandante Belfort Vieira e seus auxiliares, desci a rampa para tomar de novo a lancha com rumo à — Escola Modelo de Aprendizes na mesma ilha.

Tenho-me limitado a contar perfunctoriamente o que vi, na certeza de que os fatos são mais eloquentes do que quaisquer comentários; mas se tudo o que vi de animador e de agradável nesta escola tivesse de ser apontado, mesmo que fugitivamente, como tenho feito até aqui, não sei onde iria parar este artigo! Basta dizer que este estabelecimento é a base de toda a remodelação moral e intelectual da nossa marinha, o ponto de partida para um futuro esclarecido, inteligente e nobre, de cujos benefícios, aliás, ela já começa a sentir o influxo. Superiormente dirigida pelo comandante Mourão dos Santos, oficial distintíssimo, que é, a par de um verdadeiro *gentleman*, um disciplinador sem um minuto de esmorecimento, o que se depreende, mesmo em uma rápida visita a esse estabelecimento exemplar, à Escola Modelo de Aprendizes desta capital está destinado o mais importante papel entre todos que esta atual administração criou ou melhorou e merece a simpatia de todos os brasileiros verdadeiramente interessados pelos destinos do seu país. A criação de escolas de aprendizes marinheiros foi ordenada por todo o Brasil, e assim já não afluem dos Estados para se engajarem na marinha nacional criaturas analfabetas e inconscientes, desclassificadas, mas indivíduos iniciados nos seus deveres e nos seus direitos, perfeitamente instruídos.

Uma coisa me pareceu perceber em todas as visitas a que me estou referindo: é a paixão, o entusiasmo, o verdadeiro interesse que todos os oficiais demonstram pela obra de reorganização material, intelectual e moral, por que está passando a marinha no ativíssimo período desta administração. Por mim, regoziquei-me com ver que aos marinheiros e soldados navais são administradas, além dos conhecimentos inerentes à sua profissão, noções de geografia, aritmética, história pátria, higiene e educação cívica, estando talvez nisso o segredo deles se tornarem cada vez menos rixosos e serem mais respeitosos e mais respeitados nas ruas.

No pátio da Escola de Aprendizes, brincavam alegremente cerca de quatrocentos rapazes, quando o atravessamos para entrar no edifício, que percorremos com crescente interesse e não pequeno orgulho; porque enfim aquilo é bem uma Escola Modelo — alegre, sem quebra da sua feição militar, e onde tudo foi previsto e é irrepreensivelmente mantido. Depois de termos percorrido todas as aulas, alojamentos, enfermarias, rouparia, arrecadação, cozinha, os magníficos banheiros, de termos folheado alguns livros da biblioteca e descansado um momento na amável sala do comandante, verificamos que o sol desaparecia e as águas da baía se arrepiavam mudando de cor. Era tempo de voltarmos. Decididamente o dia fora curto para tanta coisa!

Enquanto a lancha vogava a esmo pela baía, ao sabor da viração do anoitecer, eu concluía no meu raciocínio que a estas escolas de aprendizes espalhadas de norte a sul do Brasil, está destinado o principal papel para a maior grandeza e dignidade da nossa armada. Se em todos os tempos temos tido oficiais preeminentes, muitos dos quais fixaram seus nomes na história com brilho imorredouro, a verdade é que só tínhamos marinheiros boçais, cujos instintos eram apenas reprimidos pelo terror dos castigos disciplinares. A ação de fazer de tais animais homens bem orientados, perfeitamente conscientes dos seus deveres patrióticos, técnicos e profissionais, é a ação mais moralizadora e que melhor pode servir ao belo lema do atual ministro da marinha: Rumo ao mar.

Ao distinto oficial de marinha que me proporcionou ensejo para tão agradáveis e tão inesquecíveis impressões, o meu agradecimento.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXV, n. 08902, p. 1, 16 fev. 1909.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/18768 .

SONHAR É VIVER!

— QUAL SERÁ A RAZÃO por que as mulheres sonham mais do que os homens ou têm, pelo menos, muito melhor memória para reproduzirem, nitidamente, depois de acordadas, os sonhos que tiveram enquanto adormecidas?

— Não sei.

— Nem eu. Pois se quisesse assistir a uma cena invariável, mas em todo o caso interessante, deverias vir à minha casa de manhã cedo, à hora do café. Enquanto meu sogro e eu percorremos os jornais, na ânsia dos telegramas, todo o pessoal feminino de casa relata com detalhes minuciosíssimos as incoerências das suas fantasias noturnas, e é curioso observar-se a atenção com que se ouvem mutuamente!

— Geralmente, as senhoras são muito delicadas...

— Tanto mais que, como eu, devem estar um tanto desconfiadas de que parte das baboseiras que se confiam sejam inventadas na ocasião...

— Não sejas perverso e acredita antes que, menos preocupada durante as horas de vigília, a imaginação das mulheres trabalhe mais do que a nossa durante as horas do sono. Em minha casa dá-se o mesmo fenómeno. Minha sogra reproduz na família o tipo dos interpretadores de sonhos do antigo Egito, da Fenícia ou da Assíria, entidades, como sabes, que faziam disso a sua profissão e que eram nela constantemente consultadas pelo povo supersticioso.

Não imaginas: minha sogra ouve a narração de um sonho como um sacerdote pode ouvir a confissão de um moribundo: com magno respeito; no fim dá a sua sentença. “Foste mordido por um cão?” prepara-te para o sofrimento de uma injúria ou de um prejuízo. “Comeste uvas pretas?” vais derramar lágrimas sentidas. “Viste desembainhar-se uma espada diante de ti?” correrás grandes

perigos... “Partiste ovos para fazer uma fritada ou um doce?” prepara os ouvidos e a paciência para intrigas e mexericos. “Teu caminho foi atravessado por uma cobra?” de ti, ou de pessoa da tua família, nascerá um filho, dentro de poucos meses. “Montaste um cavalo preto?” aí está um mau presságio para negócios de interesse... “Viajaste em mar de rosas?” serás feliz...

— Mas como estás instruído...

— É que também eu ouço invariavelmente os sonhos da família à hora do café matinal.

— Infelizmente cá em casa a nossa Sibila não é a minha sogra, mas a nossa cozinheira, e aflige-me ver minha mulher, tão respeitável e tão sensata, chamar a mulata à sala para lhe perguntar o que significa sonhar com pombos brancos ou fogo no telhado.

— Isso significa...

— Não digas; eu não me interesso absolutamente pelo assunto.

— Pois é um assunto curioso.

— Examinado sob outro aspecto; mas agora não tratamos propriamente de sonhos — mas de mulheres.

— Que é assunto mais interessante ainda...

— Conforme... lembra-te que estamos tratando das da nossa família.

— Ainda assim...

— Dizia eu que muitos dos sonhos que ouço diariamente me parecem fabricados na hora em que os impingem; e nesta minha opinião há menos malícia do que curiosidade. Sabes que tenho plena confiança na veracidade de minha mulher, mas por isso não deixo de estranhar que ela possa reproduzir, duas horas depois de acordada, sonhos enormes bem concatenados, divididos em cenas como as comédias em que não há inverossimilhanças nem atropelos. Pode-se acreditar na existência de um sonho sem inverossimilhanças?

— ... pode...

— Hesitaste. Vá lá que se possa, uma vez ou outra. Sempre, não. Quanto à minha cunhada, essa quer positivamente fazer romance à força: como não se casou, descreve os raptos de que foi vítima, em braços de rajás ou de imperadores de muçulmanos ou de cristãos...

— A natureza tem com a imaginação os seus acordos...

— Creio; o que me irrita é, não só o modo por que são relatadas as peripécias absurdas desses sonhos sem nexos, como a atenção que os outros lhes prestam. É quase doloroso para mim ver perder-se tempo à toa...

— Não tens para onde fugir?

— Não; naquela hora a sala de jantar é a parte mais fresca da casa e onde tenho as minhas comodidades para a leitura do Jornal. Olha, nos sonhos de minha mãe acredito eu.

— Porque são de tua mãe. As mães são as únicas mulheres em que os homens creem incondicionalmente.

— Não é por isso; é porque representam uma preocupação diária que a diverte e a absorve: o galinheiro.

— Na verdade, as velhas sonham muito frequentemente com as galinhas. Eu também tenho o meu sonho habitual: fugir de um touro que me persegue, o diabo de um touro malhado, que parece ter contratado com o supremo empresário das minhas visões sonambulescas todos os sonhos que eu possa ter na vida!

— Mas tu não perdes tempo contando à família esses episódios, com certeza?

— Não; mesmo porque ela já os sabe de cor. A minha pobreza de imaginação nisso é espantosa; tanto que minha mulher muitas vezes me pergunta, sorrindo, ao dar-me os bons dias:

— Como se portou o teu touro esta noite? E, confesso-te que não é sem uma certa humilhação intelectual que lhe respondo: bem, ou mal — conforme. Tu se não sonhas é porque tens bom estômago. Para mim o sonho é uma função

material da vida. As mulheres têm mais um órgão do que nós, que lhes aumenta a sensibilidade e lhes faz vibrar todos os nervos, do calcanhar ao cérebro. Dormindo ou acordadas, elas são como as célebres harpas da lenda: suspensas dos salgueiros e continuamente tangidas pelo vento...

Como tu, eu também detesto uma espécie de sonhos, mas só uma: — os literários. Não ignoro, por certo, que num conto ou num romance tudo é ficção; mas, desde que essa ficção, por mais absurda, por mais extravagante, por mais inverossímil, não procure iludir-me com uma impressão de realidade, ela se dissolve a meus olhos na mais aguada das indiferenças. Não me interessa saber o que tal ou tal autor sonhou, mas o que viu, o que sentiu e o que criou com plena consciência da sua razão. Como recurso para explicar disparates, o sonho é um processo estafado pelos escritores de todos os tempos. Eu, autor, preferiria passar por doido a atribuir à inconsciência do sono as concepções originais e fantásticas da minha imaginação. Quanto aos outros, quer sejam pesadelos, quer sejam sonhos de amor, eu gosto deles, porque multiplicam as sensações da minha vida e me fazem conceber ideias que, acordado, eu não teria nunca. Em uma das raras noites em que não fui perseguido pelo meu touro, sonhei que era um rato, e que ia ser engolido por um elefante. Afirmo-te que as impressões sofridas nesse momento angustioso não têm paralelo em outras quaisquer da minha vida... Fiquei sabendo o que é a ameaça de uma morte inevitável e horrível.

— Ouvindo-te a ti, eu penso no que sonhará um guarda do Jardim Zoológico!

— Sonhará talvez que beija a boca de uma mulher formosa, o que:

*Bien que ce soit en songe,
Ça fait toujours plaisir;*

como diz a canção; ou sonhará outra qualquer coisa e, assim sendo, o seu sono não será como o da morte, se é que no da morte, como refletia Hamlet, não se sonhe por acaso também...

To die — to sleep: — To sleep! perchance to dream — Oh! como eu desejaria crer que a ilusão continuasse!

— Quem sabe...

— É talvez por acreditar que tudo acaba com a matéria, que eu adoro o sonho. Quero sentir a vida, até no sofrimento. Por tal motivo te direi que, se as mulheres sonham mais do que nós, como afirmaste, têm nisso ao menos a compensação da sua infelicidade.

— Que infelicidade?!

— Ora essa!... Uma pergunta: — tu gostarias de ser mulher?

— Eu?!

— Sim, tu.

— Deus me livrasse!

— Aí tens.

(Do livro *Eles e Elas*)

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXV, n. 08909, p. 1, 23 fev. 1909.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/18832

ALMAS FRACAS

NO ALMANAQUE DE MME. DE THEBES, de 1909, vem esta predição à página 24:

“Mauvaise année pour l’amour, mauvaise année pour l’argent. Celui-ci et celui-là auront leur habituel contingent de drames et de scandales, mais le plus grand drame et le plus grand scandale naîtra d’une haine de femmes. Les haines féminines vont produire leur plein effet. Gare aux rousses, gare aux vengeances, gare aux intrigues! Les combinaisons d’amour et d’affaires s’aigriront vite, tourneront mal, et sage sera celui qui saura les éviter.”

Os astros não mentiram. Mal o ano começa e já o ódio de algumas mulheres explode, desenrolando-se em tragédias de fazerem arrepiar de pavor as próprias pedras. Na Itália a esposa do maestro Puccini, movida por um ciúme selvagem, um ciúme brutal, persegue, difama, desonra com imputações injustas e caluniosas uma pobre moça até fazê-la suicidar-se no auge do desespero, com um copo de veneno! A morte foi a única porta por onde a vítima de tal ódio pôde fugir à sua perseguição. Atroz!

No Brasil, outra espécie de ódio, o da vingança, põe nas mãos de uma paulista, educada para mestra de meninas, uma arma de fogo e uma faca de ponta, e essas mãos, destinadas a folhear livros de moral e a acariciar crianças, disparam essa arma de fogo contra um peito humano e manejam essa faca de ponta num corpo ainda quente e palpitante, com o denodo de um carniceiro, retalhando uma posta de carne sobre o cepo de um talho...

Horrível e horrível!

Entretanto, este crime de S. Paulo suscita uma série de reflexões que precisam de expansão. Por mim, não compreendo que se mate a alguém, a não ser em defesa da vida, própria ou alheia. Não admito a ideia de que sangue

derramado lave a honra de ninguém. O dom da vida é um dom sagrado, que em caso nenhum pode ser suprimido por mãos humanas, nunca absolutamente isentas de impureza e de pecado. Mas isto são opiniões próprias, opiniões minhas e com as quais sei perfeitamente que a maioria das pessoas não está de acordo, o que nada as altera. Analisando, porém, os fatos à luz artificial dos preconceitos, este crime de S. Paulo merece mais a benevolência do júri que tiver de o julgar, que todos os assassinatos cometidos por homens, por motivo de adultério, e em que eles têm sido quase que invariavelmente absolvidos.

Não é cedo para se dizer isto. A razão é clara. Que alegam os assassinos de mulheres em face do tribunal? Alegam que foi por desafronta da sua honra que puniram a faca ou a bala a esposa delinquente. Que pode alegrar esta desgraçada? Que foi por desafronta da sua honra, do seu passado de agonias, do seu filho ignorado, do seu futuro para sempre perdido, que ela puniu a faca e a bala o homem que a traíra. Reparem bem: há três homens culpados no crime desta mulher. Primeiro o pai, que a abandonou criança, sujeitando-a às contingências perigosas das casas de pensão; segundo o amante, que a desonrou quando ela era ainda inexperiente e ingênua, e que depois, vilmente, covardemente a abandonou; terceiro o marido, que a não aceitou, redimida pela sua dolorosa confissão, pelas suas lágrimas e pelo seu novo amor! Ah, a dignidade dos homens é uma coisa intangível! Ele ainda a açulou à perpetração do assassinato, farejou a vítima pela cidade, como um perdigueiro fareja a caça desprevenida, atraiu-a com cortesia e palavras amenas, levou-a para a cilada diante de si, com brandura, com amabilidade, como um verdadeiro *gentleman*. Entretanto, se esse homem em vez de lavar assim a sua honra tivesse, não perdoado a esposa, porque ela era menos culpada que infeliz, mas a tivesse, de alma forte, aceitado no seu infortúnio, ainda algum dia poderia talvez ser feliz com ela; assim é que nunca mais!

Percebe-se que, se essa mulher tivesse querido vingar a sua honra, vingar o abandono do filho inocente, a tiros de revólver ou a golpes de faca, alucinadamente, como fez, não teria esperado tanto tempo. A sua ação brotou da renúncia ao seu amor feita pelo marido, a maior paixão da sua vida, toda a sua esperança, talvez!

Vê-se que ela não era uma leviana, do contrário, em vez de ir para localidades do interior ensinar o *a-b-c* a crianças para ganhar o seu sustento trabalhosamente, teria embarafustado por outros caminhos mais alegres e mais fáceis...

Não; ela não podia ser uma leviana, e por isso lhe notavam tristeza, concentração, e um ar de recato, que aprouve ao namorado.

Era uma infeliz, remoendo vergonhas, arrependimentos, sufocando no fundo do coração moço esperanças que nasciam e de que ela tinha medo... Também a sua alma era fraca; do contrário teria confessado ao noivo o que depois confessou ao marido; também a sua alma era fraca, e por isso não exigira aos brados, do amante, da família do amante, do mundo inteiro reparação e justiça!

Mas, como se pode exigir que sejam fortes as almas das mulheres, constantemente acobardadas pelas leis de uma sociedade madrasta e ingrata para elas?

Enquanto a modesta professora de meninas trabalhava para ganhar o amargo pão de cada dia, remoendo angústias sopitadas no fundo do seu coração, tremendo com medo de não chegar jamais a conhecer a felicidade de um lar honesto criado pelo seu desvelo e pelo seu amor; enquanto a humilde professora de primeiras letras sentia alterarem-se-lhe o cérebro e a saúde pelas lutas tremendas da sua alma traída, lutas que lhe determinaram o *surmenage* atestado pelo médico; o homem que a tinha enganado com promessas mentirosas, sonhos de ouro que não quis depois realizar, o homem que a desfrutara e que a abandonara depois como a um trapo inútil, contratava com outra o casamento, construindo um futuro prometedor de risos e de prosperidades.

E a essa outra ele não confessaria nunca — para quê? — que havia desonrado uma normalista pobre de quem tivera uma filha e que abandonara à sua sorte de trabalhar para viver... Entretanto, saberia exigir dessa outra o magno respeito para o seu nome de marido!

Mais cuidado agora, moços sedutores de meninas ingênuas. O exemplo está aberto e, como vedes: os astros protegem o ódio das mulheres...

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXV, n. 08915, p. 1, 02 mar. 1909.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/18884

O CATIVEIRO ESCOLAR

AO MESMO TEMPO que uma senhora me escreve expandindo a sua indignação e a sua queixa contra o colégio de Sion, de Petrópolis, por não ter consentido às suas filhas, como, aliás, a nenhuma pensionista, que viessem passar com seus pais os três dias de carnaval, obrigando as pobres crianças a redimir com orações forçadas os desvios e pecados dos outros mortais; uma outra leitora, esta anônima, interroga-me sobre se deve pôr sua filha em um pensionato ou em um colégio externo.

A pergunta vem desacompanhada de informações que me induzam a uma resposta definitiva. Como aplicação a todos os casos, porém, direi que a minha desautorizada opinião no assunto, visto que nunca em minha vida estive internada em um colégio, é que só devem recorrer aos pensionatos os pais que se veem na dura contingência de não poderem educar seus filhos perto de si, ou por viverem em lugares sem recursos de ordem intelectual ou por terem criado em casa uma situação incompatível com a educação moral da criança. Não afirmo que este meu modo de ver seja o justo; tenho medo da minha sentimentalidade e aconselho, por isso, a leitora, tão empenhada por uma orientação segura, a bater a outra porta mais competente.

Entretanto, como o assunto, agora que estamos em vésperas de reabertura de aulas, pode interessar a mais alguém, transcrevo para aqui uma pequena página inédita que li no — Curso Lacombe — e em que externei o meu modo de pensar nesta questão. Falei assim às crianças:

“Minhas amigas!

Tendes reparado? Toda a gente clama contra sua sorte nas horas de angústia, mas ninguém lhe exalta a clemência nas horas de contentamento. É que, infelizmente, a ingratidão é um sentimento comum na criatura humana,

principalmente na idade de menos reflexão, e que eu não vos quero dizer qual seja, para não vos aborrecer... É esse sentimento que faz com que não saboreemos conscientemente a felicidade durante o tempo em que a fruímos, para só a apreciarmos depois de perdida, através da saudade. Não digo que não seja às vezes um pouco difícil percebermos se somos felizes ou não, de tal modo confundimos pequenos dissabores com grandes desgostos; mas, apreciando então os fatos com calma e reflexão, perceberemos muitas vezes que somos mais venturosos que supomos.

Por exemplo, todas vós sabeis que uma pessoa qualquer vale muito mais pelas qualidades do seu coração e da sua inteligência que pela posição que ocupa na sociedade. Ter nascido rico ou pobre, em berço de cetim ou em enxerga de palha, não pode constituir motivo de orgulho nem de vergonha para ninguém. O que torna os indivíduos distintos, úteis e estimados é a cultura da sua inteligência, o domínio da sua vontade, a retidão do seu entendimento, tudo que se adquire pelo desejo de aperfeiçoamento moral e pela ação dos bons exemplos. Nascemos como as pedras brutas; essas, mesmo as mais preciosas, carecem de um lapidário cuidadoso, amoroso, que lhes arranque da limpidez oculta e ignorada as faiscações azuis das suas chamas. O nosso lapidário é o mestre. Infelizmente, assim como as pedras brutas caem muitas vezes nas mãos de um artífice descuidado que as não faceta convenientemente, também nem sempre encontramos no nosso caminho mestres que saibam curvar-se para a nossa pequenez e para a nossa ignorância com interesse e carinho, e que, aliviando o nosso esforço de aprender, façam ressaltar as nossas aptidões ocultas, como o lapidário faz ressaltar a alma de fogo de dentro da pedra fria.

Ter bons mestres, eis uma das grandes felicidades da vida. Meditai um momento, e vereis que pelo menos essa vós a tendes.

Nesta casa o ensino difunde-se como a luz do sol, que faz ver todas as coisas sem que tenhais o trabalho de as procurar às apalpadelas. A ignorância, minhas amigas, é como uma caverna negra, ressumante de umidades

escorregadias, de que se não sai sem tropeçar em muitos obstáculos, degraus mal firmes, portas fechadas a mil voltas de chaves ferrugentas, muros sem buracos que se têm de transpor aos saltos, toda a espécie de dificuldades em que se despende a energia acumulada para uma vida inteira!

Quando se quer sair da ignorância, sem uma lanterninha ao menos que vá adiante indicando o bom caminho, sem um conselho paciente, o estudo é um martírio e o tempo consumido nele uma fase exaustiva que não deixa saudades.

E não cuideis que sejam poucos os que estudam assim, desamparados de toda a proteção.

Ao mesmo tempo que nesta casa cheia de conforto, varada pelas brisas perfumadas do jardim, vedes diante de vós os rostos expressivos de mestras amigas, que vos sugerem com o olhar, maternalmente, as respostas que tereis de dar a esta ou àquela pergunta difícil, lembrai-vos que há outras meninas da vossa idade que leem e releem lições aflitivamente, à procura do seu verdadeiro sentido, sem que nenhum dedo amável lhes aponte a sua significação, facilitando-lhes o esforço. Outras meninas ainda, sentadas em duros bancos de escolas, repetem materialmente os seus temas, sem gosto, sem interesse, porque as suas professoras, indiferentes e hirtas, nunca procuraram desenvolver nelas a curiosidade pelas coisas do espírito e pelos encantos da natureza.

Sois felizes, porque tendes bons mestres e ainda há outra razão de felicidade superior, em que talvez não penseis: não sois pensionistas!

Entre todas as coisas boas da vida a liberdade é a melhor.

Não tendes tempo de enfado, porque às horas de obrigação escolar sucedem-se outras variadas: a da passagem pelas ruas a caminho de casa, vendo quadros movediços e interessantes: veículos que deslizam cheios de gente; tipos populares, alguns já vossos conhecidos; animais de luxo ou de trabalho; senhoras elegantes; e certas vitrines de bonecas ou de *bonbons*, junto às quais tendes por hábito descansar um segundo, só um segundo, porque há pressa de entrar em casa... Sendo externas, sois felizes, porque não sentis, com outras necessidades, a sofreguidão de aspectos novos, sofreguidão que atormenta as almas tristes das pobres pensionistas...

Um internato é uma prisão, uma gaiola em que os canários perdem a noção do gorjeio. Imaginai que, das cinco horas da manhã às oito da noite, as inocentes prisioneiras trabalham todos os dias, meses após meses, anos após anos, nas mesmas salas desguarnecidas; que passeiam nas suas horas de recreio sempre nos mesmos pátios ou nos mesmos recantos de jardim; que comem em longas mesas sempre os mesmos alimentos desenhados; que, se saem à rua, têm de cadenciar seus passos com os das outras pensionistas encarreiradas como formigas; e que se deitam em dormitórios longos e frios como corredores e em leitos triviais, sem terem sentido antes pousar-lhes nas faces o beijo do papai ou da mamãe, essa bênção suave que assegura a felicidade do bom sono e dos bons sonhos.

Neste instante em que vos falo, enche-se-me o coração de pena por essas outras amigas presas, na idade exatamente em que o corpo e a alma bradam com mais energia pela variedade, o movimento e os carinhos maternos. E, tanto mais penso nelas, quanto vejo no rubor das vossas faces, no brilho dos vossos olhos, no cuidado do vosso cabelo, no jeito do vosso vestuário, que a mão providente, a mão leve, a mão inigualável de vossa mãe perpassou por vós carinhosamente antes de saídes hoje de casa.

Não vos queixéis da sorte e estudai com alegria, compreendendo esta grande felicidade que vós gozais talvez inconscientemente: a felicidade de ter bons mestres, a felicidade de poder cumprir todos os dias deveres de trabalho e deveres de família, a felicidade de comer o pão do vosso jantar reunidas aos vossos irmãos e de dormir o vosso soninho sob as telhas paternas!"

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXV, n. 08922, p. 1, 09 mar. 1909.
http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/18948

UMA OBRA ÚTIL

NÓS, OS BRASILEIROS, temos sempre um sorrisinho de desdém para a ignorância dos franceses, ao confundirem, por exemplo, Buenos Aires com o Rio de Janeiro ou o nosso idioma com o espanhol ou o tupi; entretanto, sem sairmos das raias da geografia, poderemos afirmar que nós mesmos conheçamos perfeitamente o nosso próprio país? Está claro que ninguém aqui confundirá o nome da nossa capital com o da capital argentina, nem designará a nossa língua com o nome da espanhola; mas não faltará quem, mesmo no seio de muito boas famílias onde se faça música e se arranhe um pouco de francês, se lhe perguntarem de repente quais as capitais dos nossos Estados, confunda entre si os nomes mais modestos, dando à capital de Sergipe a designação da do Rio Grande do Norte, ou a do Rio Grande do Norte à de Alagoas...

Por mais depressa que o erro seja corrigido pela pessoa que o cometer, o engano ou a vacilação terão pelo menos provado o desinteresse com que pensamos no que é nosso. A verdade positiva, a verdade lúcida, é que os brasileiros não conhecem o Brasil, de que a propaganda deve por isso mesmo começar por casa. Nesta mesma folha, neste mesmo lugar, aparecem de vez em quando excelentes artigos do Dr. Curvelo de Mendonça, revelando aspectos, costumes, necessidades e qualidades do nosso povo do interior nortista, e esses quadros, pintados com robustez e franqueza, dão-nos muitas vezes impressões mais imprevistas e originais do que muitos que nos vêm do estrangeiro com referência a tipos e almas alheias.

A ideia que nós, brasileiros, fazíamos do Brasil é que em parte nenhuma do mundo a natureza é tão bela nem tão pujante e que nem há povo melhor! Isso bastava para o nosso orgulho. Proclamávamos a nossa hospitalidade (ainda é uma das nossas frases prediletas), e não nos importava indagar do resto. Junte-

se a essa certeza a convicção de que no Brasil só era pobre quem quisesse sê-lo, e está explicada a causa da nossa beatitude. Mas os países civilizados são muito complexos para se conservarem intactas neles certas tradições de felicidade e de quietação.

Em cada dia, em cada hora do nosso viver coletivo, começaram a surgir ideias novas e novos sentimentos. Transformava-se tudo, desde o clima até o pensamento. Dos campos, de onde vinha o rumor da fartura, rompeu o clamor do desespero; a população das cidades aumentou, a rotina da vida antiga partiu-se em mil bocados; uma agitação formidável sacudiu todo o nosso organismo social e compreendemos que havia no Brasil alguma coisa mais do que belas paisagens e do que a bondade da sua população...

Aprende a conhecer-te a ti mesmo é um aforismo que deve ser aplicado aos países, mais do que aos indivíduos, e foi para chegar a um resultado tanto quanto possível perfeito desse conhecimento que o Brasil criou a Diretoria Geral de Estatística, e em boa hora a confiou à chefia inteligente e nobre do Sr. Dr. Bulhões Carvalho.

Eu acabo justamente de folhear o “Boletim Comemorativo da Exposição Nacional” feito por essa repartição do Estado, e digo com prazer que admirei como em tão pouco tempo tivessem realizado com tanto esmero e tanto método uma obra que pela sua natureza deve ser de investigação e execução lentas. Em um país de disciplina e ordem bem estabelecidas, esses trabalhos fazem-se sem grande esforço; aqui presumo que eles requeiram, por enquanto, uma grande dose de paciência! Embora toda a gente saiba que o governo não pode conhecer as necessidades da nação e fazer uma administração séria sem o elemento das estatísticas conscienciosamente feitas, nem todos se submetem ao cumprimento de certas obrigações determinadas pela lei. Para justificar isso basta lembrar a dificuldade com que entre nós se executam os recenseamentos da população, aqui na capital. Quando o prefeito Passos quis fazer com êxito o recenseamento no Rio de Janeiro, teve de gritar pela boca de todos os jornais que inutilizaria,

logo após a apuração, todos os boletins, fazendo desaparecer nas cinzas o perigo temido do sorteio militar. Foi graças a essa promessa que sempre se conseguiu alguma coisa.

De agora em diante crescerá a dificuldade dos recenseamentos, exatamente pelo espantinho do sorteio militar. Ou eu me engano muito, ou a população feminina brasileira vai suplantará em número a do sexo forte. Quem puder subtrair seus filhos à lei obrigatória procurará fazê-lo por todos os modos, porque o espírito brasileiro é anti-militarista, como o é, aliás, o português, de que descende e do qual acabo de ler no excelente livro *A Ditadura*, do erudito escritor José Pereira de Sampaio (Bruno), o seguinte:

“É um fato de trivial observação que o povo português tem uma grande e invencível repugnância pelo serviço militar, mas esta repugnância não tolhe que, uma vez na fileira, o soldado português seja, como é, um dos melhores do mundo etc.”

Deixando de lado estas observações, a mim me parece que os — Anuários da Estatística — anunciados neste “Boletim Comemorativo da Exposição Nacional de 1908” vêm, ao mesmo tempo que prestar o seu serviço de comprovação dos fatos consumados, servir de estímulo, e estímulo forte, a muitas das nossas populações. Tal Estado, vendo oficialmente demonstrado que outro Estado a ele equiparado em tamanho e forças, tem mais escolas ou melhor agricultura do que ele tem, envidará os seus esforços para dar da sua atividade intelectual e moral uma prova mais brilhante em futuro próximo. Essa disciplina não pode deixar de ter vantagens superiores. A estatística é um verdadeiro espelho onde quem quiser aparecer bonito, deverá preparar-se primeiro para tal resultado.

Quem ler com atenção, interesse patriótico ou apenas espírito de curiosidade o belo prefácio que neste — boletim — a que me venho referindo, faz o ilustre Dr. Bulhões Carvalho, prefácio que pena é não vir repetido em francês na mesma obra, para ser compreendido por pessoas alheias à nossa língua, e que

achariam nessa leitura uma orientação imparcial sobre as coisas do Brasil; quem ler esse prefácio, dizia eu, terá em uma curta hora conhecido as principais particularidades da nossa natureza e da nossa vida social. Todas as informações são aí dadas com limpidez, todos os casos analisados com segurança.

O “Boletim Comemorativo da Exposição Nacional de 1908”, impresso em excelente papel, com excelentes gravuras e litografias, faz honra às oficinas da tipografia da Estatística.

E aqui está uma obra de que eu nunca antes imaginaria poder escrever um dia e que elogiei com o máximo prazer e a mais completa convicção.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXV, n. 08929, p. 1, 16 mar. 1909.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/19012

DE SANDÁLIAS A BOTINAS

DISSERAM OS JORNAIS de quinta-feira da última semana que o Sr. prefeito tinha andado a passeio pelo morro de Santa Teresa, determinando para esse bairro um certo número de melhoramentos. Lendo essa notícia pensei: como teria o Sr. prefeito andado por Santa Teresa? A pé? Apesar de supor ser S. Ex. um homem de energia e de ação, não julgo isso muito provável, tanto mais que nesse caso o noticiaria teria a lamentar qualquer coisa como, pelo menos, a luxação de um pé de S. Ex. em um dos precipitosos buracos da ladeira do convento ou em um dos pontiagudos pedregulhos da rua dos Junquinhos.

Não; S. Ex. não andou a pé por estas bandas, por onde nós nos equilibramos, ora nos calcanhares, quando evitamos molhar as solas das botinas nas poças da bendita água da chuva — que é só a que há em certos pontos de Santa Teresa; ora nos bicos dos pés, quando procuramos indecisamente certos pontos de apoio. Para se caminhar sem perigo pelas estradas e ruas deste morro sem par, não é só mister o ser-se cauteloso, mas o ser-se morador antigo do lugar ou ter-se um curso completo de ginástica. Para os passeantes eventuais ou habitantes novos, é que as duas farmácias deste bairro sem doenças têm as suas prateleiras abarrotadas de frascos de arnica, rolos de algodão hidrófilo e de gaze fenicada para ligaduras, o que constitui todo o seu sortimento. Ai, delas, se substituírem as sandálias rústicas e esburacadas de Santa Teresa por um calçado elegante e moderno... Não; o Sr. prefeito não arriscou o verniz das suas botinas em tão cansativa empresa.

Nesse caso, pensemos: como teria vindo S. Ex.? A cavalo? Ora aí está uma ideia acertada. Com certeza veio a cavalo, apeando-se aqui, apeando-se ali ou acolá, descendo barrancas, galgando barreiras, vendo do alto do chapadão de Nova Cintra, que o saudoso Dr. Luís Cruls tanto ambicionou para instalação do

Observatório Astronômico, o mais deslumbrante espetáculo que o Rio de Janeiro pode oferecer à vista humana, percorrendo ora as estradas por onde corre o bond, ora as ruas silenciosas do lá vem um, cortando de uma ladeira para a outra por travessas sem nome, mas com ervas irrompendo alegremente pelos interstícios da pedraria desconjuntada. Coitadas das patas do cavalo do Sr. prefeito!

Não; o Sr. prefeito não andou a cavalo por Santa Teresa, porque do contrário todos nós, velhos moradores desta aldeola, teríamos tido conhecimento do fato nessa mesma hora. Não há lugar mais próprio para passeios de cavaleiros e de amazonas, mas, como também não há memória de os termos visto no morro, galopando à sombra das velhas árvores do França ou do Silvestre, ou subindo e descendo por qualquer das ladeiras da cidade, em cujo mapa esta nossa montanha é como um polvo de braços distendidos, é claro que, se o Sr. prefeito tivesse subido a ela a cavalo, quer pelos lados da Glória, quer pelos do Rio Comprido, logo toda a sua população saberia da novidade e passá-la-ia adiante. Como a tal respeito nada se ouviu nem cochichou, é porque foi outro o meio de locomoção escolhido por S. Ex. Quem sabe? talvez o automóvel, o veículo vencedor, alma da vida moderna, verdadeira expressão da atividade do nosso tempo. Surge-me, porém, uma dúvida, se me quero fixar nesta probabilidade: — a não ser por guindastes, como teria chegado cá acima o automóvel da Prefeitura? Falhando esta hipótese, ocorre-me que talvez o Sr. prefeito tivesse percorrido Santa Teresa de bond, recostado no banco de um elétrico especial. Se assim foi, não esperem os devotos ouvir da missa nem metade.

Não tirando a Santa Teresa o seu ar retraído e campestre, dando-lhe, ao contrário, ainda mais árvores e mais sombras, pode a Municipalidade fazer deste torrão precioso e lindíssimo um dos mais belos paraísos da Terra. Eu, pelo menos, não conheço nenhuma cidade do mundo em que haja uma situação tão maravilhosa, nem mais digna do carinho das autoridades locais; entretanto, raramente se edifica uma casa bonita em Santa Teresa, por cujas ribanceiras se derramam casebres que parecem construídos para o abrigo de uma só noite...

Em horas de vendaval, estremeço muitas vezes, imaginando que a ventania ou a enxurrada vão arrastar, desconjuntando-os, essas paredes e esses telhados, levando-os de roldão com entes humanos pelo morro abaixo!

Como considerei sempre com admiração os gostos finos e o espírito artístico do arquiteto do palácio Monroe, verdadeira joia da nossa cidade, quando o vi assumir o cargo de prefeito senti (e julgo ter transmitido a esta seção as minhas impressões) a esperança de que ele seria, não o reformador, mas o criador de Santa Teresa e do morro de Santo Antônio, passagem obrigada para o Silvestre, para o Sumaré e centro da cidade na sua parte mais populosa e mais ativa.

Infeliz Santo Antônio! agora para lhe taparem as imundícies, o seu tapete policromo e habitual de lixo, único luxo com que ele cobria o seu burel de barro cor de sangue, erguem ao longo da linha uma muralha de penitenciária, que lhe vedará o ar franco e sempre renovado da barra e lhe tirará as esperanças de uma outra sorte mais digna dele!

Parece incrível que se desaproveite assim uma das partes mais salubres e mais belas do centro da cidade, deixando como um escárnio em face do luxuosíssimo teatro municipal as picadas rústicas por onde formigam mulheres e crianças imundas com latas de querosene à busca de água...

A grande obra que eu esperava do Sr. prefeito era esta: criação do bairro de Santo Antônio, remodelação do de Santa Teresa. Mas, esperava por quê? Por ter fé nas suas aptidões, no seu critério artístico bem demonstrado, e por me parecer que essas obras eram urgentíssimas, quer como higiene, quer como prova da nossa civilização adiantada...

Teimosa nas minhas esperanças, como em tudo, creio que ainda hei de ver desenrolarem-se jardins por entre avenidas circulares, desde o nível da cidade baixa até ao solidéu de Santo Antônio, assim como aformosear-se o bairro abandonado e que escolhi, como o mais belo da cidade, para viver.

A favor deste, desperta a atenção do Sr. general Souza Aguiar. S. Ex. promete-lhe alguma coisa; não promete muito, mas, enfim, já nos sentimos todos contentes e curiosos. Alguém mesmo, de influído, atirou-se do França, com o *Jornal* na mão, para minha casa, pedindo-me que lembrasse a desapropriação do hotel da Vista Alegre, para demoli-lo e fazer-se dali um jardim com terraço, que constitua um dos miradouros lembrados pela Prefeitura.

O ponto é magnífico e estaria a fácil acesso para toda a gente da localidade. Já sei que mais tarde terei de pedir para ali uma banda de música para os domingos... As crianças do bairro não têm onde se reunir e brincar, e exultam com a ideia de que correrão pelo terraço com os seus arquinhos ao som da marcha da *Carmen* ou do *Tannhauser*. Será bom não as deixar crescer antes de verem realizado esse desejo...

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXV, n. 08936, p. 1, 23 mar. 1909.

http://memoria.bn.br/DocReader/178691_03/19072

REFLEXÕES DE UMA ESPOSA

“QUEM DIRIA... por causa de um alfinete! realmente em amor não há frivolidades, tudo é sério. No amor... como na natureza; não vemos, tantas vezes, brotarem árvores frondosas de sementinhas que são como finos grãos de areia quase imponderáveis? Uma criança sopra um punhado dessa poeirinha loura e ela, caindo por acaso em terreno propício, forma uma floresta tenebrosa de altas madeiras resistentes... Se eu estivesse refletindo em voz alta estas coisas, meu marido interromperia a leitura, que lhe está franzindo a testa para afirmar-me que o amor não é como a natureza, porque é a própria natureza, criadora, destruidora, onipotente. Eu lhe responderia logo que esse é o amor selvagem; o dos homens civilizados deve compartilhar da natureza e da arte, como esses parques em que rescendem rosas, se aveludam gramados e resvalam cisnes em lagos transparentes. Se o amor fosse unicamente natureza, o homem seria animal, unicamente.

Mas, Deus me livre que ele me ouvisse, porque então rolaria logo sobre mim uma avalanche de conceitos esmagadores e, não contente com as suas demonstrações irrespondíveis, porque ele não admite que eu professe teorias diferentes das suas, ainda me obrigaria a ler (que horror!) passagens de certos livros filosóficos e com os quais me importo tanto como com a transformação das religiões ou com a passagem de um astro pelo meridiano da China! Pois sim! Se o amor fosse só natureza, não sei o que seria dessa história de fidelidade conjugal, porque se é verdade que, no reino dos animais inferiores, aves e bestas se acasalam para a constância de um só amor, é porque eles nem têm imaginação, nem usam alfinetes como nós! Sempre quereria saber se uma loba seria capaz de aturar do seu lobo as implicações que ontem sofri daquele senhor! É inacreditável! Vestimo-nos no mesmo quarto. Ele assiste calado ou falando em

fatos indiferentes à minha *toilette*. Vê como me penteio; como me perfumo; como distribuo o pó de arroz pelo rosto e pelo colo; como abotoo o meu vestido e ponho na cabeça o meu chapéu; entretanto, não me faz nem a mais insignificante observação a respeito de qualquer dessas coisas, para só começar a censurá-las quando já está fora de casa. Então já se sabe, lá vem a moedeira das perguntas: — se não tenho uma criada que me acolchete os corpinhos; — por que será que o meu véu está mais repuxado da esquerda que da direita; se não tive espelho para ver o quilo de pó de arroz acumulado entre as sobrancelhas: — por que teimo em usar um penteado tão exagerado! Ontem, chegou a dizer, para fazer espírito, que a minha cabeleira era tal qual a de um cometa em que se tivesse enrodilhado o mundo! Enfim, tudo isso eu lhe perdoaria se não fosse a embirração com o pobre do alfinetinho que ele me descobriu, não sei como, na gola do vestido! Já se sabe, a propósito veio logo a cantiga:

— Se eu fosse mulher era objeto que não punha em cima do meu corpo! Alfinete é desmazelo. Alfinete é incúria. Alfinete é desleixo. Alfinete é desalinho, e é descuido, e é negligência! Dizendo a mesma coisa por diferentes palavras, ele vai envenenando o prazer que porventura eu possa sentir no meu passeio. Afinal, não sou de pedra, tenho nervos, sensibilidade. De mais a mais ele caluniava o alfinete, recurso dos aflitos, providência de rasgões inesperados, protetor do recato e do pudor! Quantas vezes em um baile um alfinete reúne duas pontas de renda sobre um seio indiscretamente desnudado, ou, em uma noite de ventania, prende um xaile rebelde obrigando-o a agasalhar um busto carecido de defesa. Quantas vezes na sua vida modesta os pobres alfinetes que *ele* abomina terão evitado a vergonha e a morte de muita gente. Ah! Será preciso ser-se mulher, para se compreender a alma das coisas humildes e serviçais? Ainda assim, não foi a injustiça para com os alfinetes nem a implicância com a minha *toilette*, que ontem me acendeu na alma a vontade de me divorciar... mas aquele gesto inexplicável... esquisito... surpreendente, com que ele, ouvindo a Barbosinha queixar-se de não ter um alfinete para prender uma flor ao peito, me pôs a mão no pescoço dizendo, sem me dar tempo para nada:

— Minha mulher tem aqui um inútil... E antes que eu protestasse sussurrou-me ao ouvido: — ainda bem que te posso livrar desta indecência!

Calei-me para não armar um escândalo. Estou convencida de que se não fosse a prudência das mulheres o casamento seria uma fonte abundantíssima de escândalos. Por causa disso, que noite passei! E que pesadelos, que chuva de alfinetes sobre o meu coração, e que multiplicação de Barbosinhas diante de meus olhos!

Ainda por cima ele me quer fazer de tola, procurando convencer-me de que não cometeu aquela ação grosseira para ser gentil com a outra, mas só para me corrigir da minha mania de andar pelas ruas como uma pregadeira ambulante... E, quanto mais eu me desesperava, mais ele se ria!

Isto é vida?! Afinal, não sou uma criança... não necessito que me eduquem por meios brutais.

Ele foi tão desassissado naquele ato como o é, quando responde, todas as vezes que me queixo, com outra queixa idêntica ou pior!

Se lhe digo que tenho uma dorzinha reumática em um artelho, ele, em vez de se interessar piedosamente pelo meu sofrimento, afiança que também não anda bom, com uma pontada no peito, ou com uma unha encravada em um pé.

Julgará que sou uma doente imaginária e inventará os seus achaques para curar-me da mania dos meus, ou a sua vaidade será tanta que até na variedade e quantidade de doenças, queira ser superior a mim?

Tudo é possível. Há muito quem inche as bochechas para dizer:

— Eu já tive febre amarela!

Ou:

— Eu já tive bexigas!

Como se dissesse:

— Eu já descobri o meio de aproveitar a força motriz das correntes marítimas!

Ou:

— Eu descobri a natureza e os costumes dos habitantes de Marte!

Será o orgulho da sua resistência física, ou a glória de ter encarado de perto a morte e de tê-la vencido que faça tanta gente contar como façanhas dignas de nota coisas que não passam, afinal, de acidentes ocorridos a contragosto na sua vida?

As próprias crianças manifestam a mesma espécie de vaidade quando ostentam as cicatrizes deixadas no seu corpo por certas diabruras reclamadoras de palmadas, como se fossem provas de coragem merecedora de admiração!... Desta culpa está livre a minha memória e a minha pele. Cicatrizes só as tenho no coração, e a mais dolorida pareceria tão insignificante a olhos estranhos, que a esconderei para sempre de toda a gente incapaz de compreender que a ofensa feita pela ponta de um alfinete seja às vezes mais ofensiva que a produzida pela ponta de um sabre — porque é ridícula.

(Do livro *Eles e Elas*)

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXV, p. 1, n. 08950, 06 abr. 1909.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/19198

PERGUNTAS EMBARAÇOSAS

TENHO UMA AMIGA PAULISTA que tem a mania das perguntas embaraçosas.

Uma tarde destas flanávamos pela Avenida, quando, ao ver passar um belo *landeau* particular puxado por uma parelha de bestinhas pardas, de crina em pé e passo ligeirinho, ela indagou de mim (logo de quem!) franzindo os beiços em um sorriso desdenhoso:

— Dize-me: por que prefere o Rio de Janeiro as bestas aos cavalos, mesmo nas suas equipagens de luxo?

Olhamo-nos. Não sei que expressão ela notou em mim, que se riu.

Recolhi-me um pouco à meditação e depois respondi:

— Questão de clima... Os cavalos suportam mal o calor.

Inventei aquela resposta, como teria inventado outra qualquer, com que salvasse os meus patrícios de uma preferência ridícula, afirmando logo em seguida que não nos faltam, entretanto, lindas parelhas de cavalos de raças superiores, linhas elegantes e atitudes dignas de serem copiadas pelos melhores escultores modernos, como as que na velha Grécia inspiraram os escopros de Fídias, de Praxíteles e tantos outros artistas imortais. Ficasse certa de que nenhuma cidade do mundo tem mais harmonia de conjunto, nem mais desenvolvido o instinto de beleza e de arte do que o Rio. Lá porque tinha visto um *landeau* reluzente e severo, puxado por umas bestinhas lépidas e gordas não avaliasse, por esse modelo, todas as outras equipagens particulares. Se não há em todo o Distrito Federal um cavalo que mastigue em manjedoura de nácar, ou à mesa de um imperador, que durma em cocheira de mármore, que se cubra com mantos de púrpura, que tenha vasos de ouro para a água da sua sede, use rédeas incrustadas de pedrarias resplandcentes ou tenha um diploma de membro de

um colégio de sacerdotes, como o Incitatus, de Calígula, há, entretanto, muitos e muitos outros, cuja fartura e bom tratamento causam inveja a muita gente...

Quis o demônio do acaso que exatamente nesse instante passassem por nós dois *coupés* de casamento, ambos de primeira classe, o que há de melhor no gênero, conforme a frase da praxe, cocheiros e lacaios bem postos, abotoados nas suas librés azuis, entre a fecunda florescência de *bouquets* de flores de laranjeira, que se despenhavam, punhadinho aqui, punhadinho acolá, desde as suas cartolas, lapelas e pinguelins, até as cabeçadas das bestas brancas, de orelhas espertas e crinas em pé.

— Ainda bestas! Se não seria muito mais nobre e muito mais belo, comentou a minha amiga, ver esses carros de cerimônia tirados por cavalos, de cabeça altiva, crina flutuante, passo bem ritmado, o que daria a esses coches a solenidade, que lhes falta, exatamente porque são levados por uns animais nascidos para as *charretes* das estradas ou para carros de menor importância.

Palavra, que estes *coupés* de casamento parecem-me criados pela imaginação burlesca de algum libretista de opereta...

O Rio não preza o cavalo, porque o cavalo é caro; porque é de todos os animais o de maior luxo e que exige, portanto, maior soma de cuidados. Vocês não são estetas. São práticos, por outra: são comodistas... Ainda por outra: são preguiçosos. Desculpam-se para tudo com o clima. Na certeza de que o clima — *não ajuda* — não cultivam alfaces, nem exibem animais de raça. Pois fica certa de que uma capital a que falem cavalos ornamentais é como uma mesa de banquete em que falem flores, e não só flores como luzes... e não só luzes como a sopa ou os guardanapos! Convince-te de que os dois animais de linhas mais clássicas, mais harmoniosas e mais puras que há na natureza são o cavalo e o cisne...

— Pensei que ias dizer: o automóvel!

Ela não fez caso da minha interrupção, despeitada e continuou:

— Ainda assim o cisne só na água; em terra, as suas perninhas curtas e o seu feio andar de palmípede, estragam-lhe a suavidade puríssima da forma.

— No *Chantecler* entrará algum cisne?...

— A personagem que represente o papel de ingênua, talvez... Aí está: o galo, principalmente o galo comum nos nossos galinheiros, de penas rutilantes, porte altivo e crista escarlate, é um animal belíssimo e de uma expressão que justifica a preferência que lhe deu Rostand, para a sua peça.

Mas eu por mim não comparo nenhum animal ao cavalo.

Se leste a Bíblia debes lembrar-te de que tendo Jó murmurado algumas palavras de dúvida, ouviu retumbar do meio das nuvens enoveladas a voz atroadora de Deus, perguntando-lhe se ele, a exemplo das suas criações prodigiosas, seria capaz de ter dado ao cavalo tanta força e tanta coragem, e de o ter ornamentado com as suas longas franjas de crinas flutuantes...

Foi, portanto, o cavalo, entre tantos seres criados, o que o Senhor ofereceu como o modelo da perfeição na Terra ao espírito vacilante do homem atormentado. A voz do cavalo, quando relincha, não se confunde com a de nenhum outro animal, tem sonoridades de instrumento metálico, soprado pela boca formidável de um guerreiro sem pavor; e nos seus gestos, quando escarva o chão com impaciência, ou ergue a cabeça em ar de desafio, há qualquer coisa de espiritual, que me faz pensar no mistério das almas...

Quando Ricardo III da Inglaterra oferecia o seu reino por um cavalo, conhecia o valor do aliado que buscava... era mais esperto que vocês, que os substituem pelas bestas, as bestinhas de trote ligeiro, sem outro valor mais do que o da sua resistência física e o seu preço mais acomodado. Que besta figura na história, a não ser a de Balaão?

— Esqueces-te do Asno de ouro, de Apuleio, do burro de Sancho Pança, e...

— Não prossigas. Evocaste agora a sombra do admirável Rocinante, companheiro de martírios e de ilusões do grande herói manchego... e basta a sua memória para fazer vibrar a minha comoção e dar força à ideia de que, entre todos os animais, não há nenhum mais merecedor de respeito do que o cavalo.

De resto, desde o Olimpo, que pôs no dorso do Pégaso as asas da poesia que ele sempre, com o mesmo denodo e o mesmo brio, vem galopando de lenda em lenda, através da história até nós. A começar pelo fabuloso Hipogrifo, com escala pelo — Centauro — meio cavalo, meio homem, pela rutilante quadriga de Apolo e os não menos famosos Bucéfalo de Alexandre e cavalo da amazona Hipólita, até o do general Boulanger, a moderna república francesa, vê que estupenda galeria se desenrola diante de nós... Aqui, no Rio, só vejo, a bem dizer, cavalos nos tálburis, e esses magros e tristes como remorsos. É uma cidade burguesa a tua; de economia e de pressa: bond ou automóvel! Que fazem do dinheiro os milionários desta terra? Que equipagens ostentam nas avenidas? Que bailes oferecem anualmente, nos seus salões? Não me dirás?

— Não te direi.

Assim conversando, tínhamos chegado à esquina da rua da Assembleia, por onde passava um elétrico da Light, comboiando dois bonds mais. Paramos em uma das calçadas da Avenida, esperando poder continuar o nosso caminho. Notei que a minha querida amiga olhava para esses veículos com uma expressão um tanto ou quanto espantada. “Bem, ela agora vai elogiar este servicinho do Rio de Janeiro”, pensei eu. Pois não, senhores; voltou-se para mim e desfechou-me outra das suas perguntas embaraçosas:

— Tenho reparado que nestes comboios de dois ou três bonds, que unicamente no Rio são permitidos, é só o rebocador que leva o travessão para evitar o salto do passageiro para a entrelinha.

Por quê? Não seria natural, se isso é medida de precaução para com a vida desses mesmos passageiros, de precaução, que a companhia a adotasse em todos os seus carros? Ainda se eles viessem separados, o disparate não me parecia tamanho... Que respondes a isto?

— Não respondo nada e agora suplico-te: não me faças mais perguntas, pelo amor de Deus!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXV, n. 8964, p. 1, 20 abr. 1909.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/19312 .

SI CETTE HISTOIRE VOUS EMBÊTE

HÁ CINCO ANOS VERANEEI uns quatro meses em Teresópolis, que já então gozava, muito injustamente, dos seus foros de cidade.

Morando em casa particular, afastada do movimento turbulento e fictício dos hotéis, tive ocasião de observar de perto os costumes da sua gente e de sentir positivamente a sua vida, pela comparticipação que tomei nela. Assim como quem quiser conhecer bem uma cidade deverá palmilhá-la, desdenhando as comodidades do bond ou do carro, quem desejar conhecer uma pequena localidade com intuitos superiores aos de lhe gozar unicamente o clima e as paisagens necessitará imiscuir-se na vida da sua população. Foi o que eu fiz, e disso me proveio certa melancolia. À parte uma meia dúzia de proprietários e outra de funcionários, juízes, telegrafistas etc., tudo o mais que constituía o fundo da população fixa da terra, vivia mal. O trabalho dos homens era mal remunerado, as mulheres não tinham iniciativa, as crianças mostravam nas faces pálidas e nos ventres desenvolvidos sinais de doença. Indaguei: bebiam a água infectada dos córregos, dormiam sem condições de higiene e alimentavam-se como dormiam. Daí, quem sabe, talvez que por lá houvesse também o tal inseto — barbeiro — habitador das choças mineiras e que o ilustre Dr. Oswaldo Cruz acaba de denunciar à Academia de Medicina como uma causa calamitosa da falta de saúde dos nossos camponeses, cuja vida e felicidade nos devem interessar profundamente.

Pensei, à vista de tal desconforto, que os habitantes pobres de Teresópolis, que é talvez o ponto mais maravilhoso de toda a fertilíssima e salubérrima Serra dos Órgãos, viviam assim por ignorância e tive curiosidade de saber qual seria a frequência das suas escolas, supondo pelo menos a existência de duas nesse

arraial, quero dizer: vila... pelo amor de Deus, que cabeça a minha! — cidade! A minha surpresa não foi pequena quando me afirmaram que em vão eu procuraria escolas primárias por essas alturas, onde as cobras passeiam no verão, desassombradamente, em busca de água para a sua sede, e as formigas atacam com furor desapiedado toda a espécie de cultura.

Olhei à roda indagadoramente: na verdade, onde estavam os pomares, as hortas e os campos de cereais para a fome dessa pobre gente, quando já não fosse para o seu comércio?

De algumas propriedades particulares de grande tratamento, como a do conselheiro Teodoro Machado, no Quebra Frascos, um verdadeiro paraíso; como a do Dr. Carvalho, a caminho do Prata, em um vale de uma curva lindíssima; como a encantadora Ermitage do Sr. Vieira e como a quinta Lebrão, tinha eu já provado excelentes frutos: figos brancos e figos pretos, pêssegos, uvas, marmelos e maçãs... Qual seria a razão por que as temíveis formigas, inimigas da lavoura, poupavam os brotos novos das figueiras e dos pessegueiros desses senhores, para não deixarem nem uma partícula de folhagem nas dos quintais dos pobres? Disse de mim para mim que seria porque os pobres não tinham tempo de atacar esse inimigo e exterminá-lo à força de vigilância e a poder de água a ferver e de enxadadas... como tinham os empregados das chácaras referidas, pagos para isso. Refletindo com mais sossego, pensei então que a falta verdadeiramente não era de tempo, mas de uma certa atividade natural, e de noções que só as escolas podem difundir.

Se Teresópolis não tinha escolas primárias em que os mestres, a par da leitura e da escrita ensinassem os rudimentos de agricultura às crianças nascidas e criadas para trabalhar nos campos, era porque o Estado atravessava uma crise tão grave, tão aguda, tão desesperada, que lhe não permitia o cumprimento de tais obrigações; mas, como não há mal que sempre dure, dentro de alguns meses, aqueles garotos que pululavam pelas estradas, sem alegria, porque nunca os ouvi sequer assobiar, entrariam para um colégio gratuito e aprenderiam a ser alegres, a ter higiene, moral, e a cultivar a terra convenientemente, aquela lindíssima terra de camélias, de hortênsias inigualáveis e de inigualáveis batatas!

A distância que separava naquele tempo Teresópolis do Rio, era de seis horas, e esse lugar afamado era frequentado no verão, como agora, pela gente alegre e farta da cidade, que lhe dava uma rápida visão do seu adiantamento e do seu bem-estar. Suponhamos por isso o que seriam (e o que serão ainda) as outras terras mais segregadas do nosso convívio, localidades do interior, afastadas do centro, não por poucas horas de caminho de ferro e de lanchas, mas por uns poucos de dias de viagem a cavalo ou de trole.

Lendo sexta-feira no “Jornal do Comércio”, em uma carta escrita por um correspondente para o “Economist”, que o Brasil “deveria ensinar ao povo a agricultura, taxá-lo levemente”, e “facultar-lhe o ensino elementar necessário ao estado humilde em que ele se acha”, lembrei-me com amargura dessas lindas terras serranas, onde o ar é leve, o solo fecundo, regado por águas excelentes e em que tamanho era o abandono das coisas. Um veranista recém-chegado traz-me, porém, a consoladora notícia de que já não há falta de escolas primárias em Teresópolis, embora tudo mais, apesar da estrada de ferro já chegar até o alto, permaneça mais ou menos na mesma. Ainda a formiga e o bicho tiram a vontade ao povo de cultivar a terra, sendo ainda a vida relativamente cara, e tanto que esse mesmo veranista em excursão à cascata do Imbuí, em dias da semana passada, sentindo a alma em êxtase, mas o estômago vazio, indagou se não haveria por ali quem lhe vendesse algumas frutas.

Disseram-lhe que sim, e foram-lhe buscar três bananas e por essas três bananas pediram-lhe a insignificância de quinhentos réis!

Descendo da alta e eloquente poesia do Dedo de Deus, ou do campo das Antas, vale a pena comentarmos de passagem o preço de tais frutas que, mesmo deliciosas como são, pela facilidade da sua cultura quase espontânea, deveriam ser vendidas por baixo preço. A três por um tostão, como são vendidas na cidade, já as bananas são caras; mas a três por quinhentos réis, assumem a categoria de joias... embora de pechisbeque.

Segundo li nos jornais, nesta questão interessante e útil da pomologia no Brasil, o belo exemplo parte de Barbacena, onde a vila do Sr. Rodolfo Abreu realiza verdadeiros milagres de aclimação. É pena que este agricultor inteligente e sábio não tenha imitadores aferrados aqui e em todos os Estados da União.

O Rio, que é inquestionavelmente uma cidade de jardins, não tem um horto de acesso fácil, bem organizado e bem mantido, como por exemplo o grande e belo Horto Botânico de S. Paulo, onde os particulares vão pedir conselhos e aprender a cultivar convenientemente as plantas, quase sempre entregues, entre nós, às leis do acaso. A Sociedade de Agricultura tem feito muito, mas parece que não lhe abundam os meios para fazer tudo que deseja; e era a essa sociedade que o governo deveria facilitar todos os recursos para a difusão dos seus ensinamentos e propaganda. Assim mesmo, graças às suas distribuições gratuitas de sementes e de árvores frutíferas, já se têm formado, mal ou bem, por aí, alguns pomares, e as suas iniciadas exposições anuais de frutas, flores e hortaliças conseguirão o resto. Teresópolis, vendo nos catálogos e nas notícias dos jornais louvores às suas batatas, às suas alcachofras e às suas couves-flor, empenhar-se-á em melhorar-lhes cada vez mais as qualidades, para grandes exportações e o mesmo farão outras terras, para fartura e alegria de todos.

É pena que as senhoras que vivem no campo e que podem dispor de alguns recursos não se dediquem por curiosidade a certas experiências e culturas. Nós estamos vendo todos os dias em catálogos franceses, como novidades muito apreciáveis, quer para a alimentação do homem, quer para a dos animais, espécimens da flora brasileira que nos são quase ou totalmente desconhecidos. Um catálogo do ano passado apresentava o cará, que chamamos aqui — cará do ar — como um fruto especialíssimo e digno de aceitação nas melhores mesas europeias; outro catálogo, igualmente francês, deste ano, recomenda com vivacidade o Topinambour, fruto de origem brasileira. Conhecem?

Eu não. Em todo caso, já mandei vir do “Quai de la Mégisserie”, em Paris, sementes desse fruto, de que talvez haja abundância, quem sabe? a poucos metros do meu quintal!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXV, n. 8971, p. 1, 27 abr. 1909.
http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/19376

ARTISTAS ILUSTRES

MAIS DOIS OU TRÊS DIAS de espera e teremos a ventura de ver no palco brasileiro mais uma celebridade dramática da ilustre França.

As velhas tábuas do Lírico, já pisadas por Sarah Bernhardt, Emmanuel Rossi, Coquelin, Duse, Réjane, Féraudy e Susanne Desprès, não se sentirão agora menos orgulhosas sob o peso de Mr. Le Bargy, o impecável ator, societário da Comédia Francesa, que pela perfeição e pela perspicuidade da sua arte, o poder do seu talento, o ardor do seu entusiasmo e a alta elegância da sua pessoa aristocrática, seduzirá a plateia carioca, como já de há muito seduziu as do seu e de outros países.

Desde as *Femmes Savantes*, em que se estreou, no papel de Clitandre, em 1880, a sua carreira parece que não tem sido outra coisa senão uma brilhante e ininterrompida cadeia de triunfos, coroados pelo aplauso de todo o público francês, pela sociedade na ilustre casa oficial do Teatro de França e por uma cadeira no Conservatório de Paris.

Duas qualidades importantíssimas na profissão do ator, distinguem, além do talento e da experiência, a personalidade artística de Le Bargy. É que, segundo afirmam várias pessoas competentes, é talvez ele o ator que melhormente fala a língua francesa; dizem-me que a sua pronúncia é perfeita e modelar. Esta a primeira qualidade, que deve ser grandíssima para ter sido notada em uma casa onde se fala o melhor francês do mundo, e onde artistas de alto valor, como foi Frédérick Lemaître, não têm entrada, somente por se não terem podido corrigir de certos defeitos de pronúncia.

A segunda qualidade, também importante para um artista dramático moderno, é o apuro do vestuário, a elegância suprema do que em todo o mundo se convencionou chamar, em francês — a *toilette*. É Le Bargy em França o árbitro

de todas as elegâncias masculinas, e o seu guarda-roupa é discutido como o do velho rei Eduardo da Inglaterra. Já ouvi dizer que se Le Bargy tivesse a fantasia de usar cabeleira branca encaracolada e calções de cetim, ver-se-ia de um dia para o outro imitado por toda Paris... e por todo mundo!

O nosso *smartismo* incipiente e, como tal, exagerado, vai ter finalmente para se guiar um dos melhores e mais perfeitos modelos.

Com Le Bargy e depois dele vêm Silvain, Gabrielle Dorziat, Silvie — a adorável Silvie que nos deliciou em meia dúzia de ingênuas perfeitíssimas, — os dois Albert Lambert, pai e filho, Mme. Silvain e ainda outros artistas da Comédia Francesa. É coisa sabida, mas que entre nós não perde por ser confirmada, que em nenhum teatro da França — o que vale por dizer do mundo — se represente, em conjunto, como na Comédia. A estabilidade da companhia, a segurança absoluta do futuro dos artistas, a indispensabilidade da dignidade pessoal, a disciplina inteligente, o prestígio tradicional da casa, a admiração e o respeito do mundo inteiro que a cercam, a excelência da seleção no repertório, a superioridade da direção suprema do estabelecimento, sempre confiada a homens de letras de alta cultura e de provada capacidade e autoridade, — se porventura podem imprimir a certos respeitos um cunho de oficialismo à Casa de Molière, é absolutamente certo que conseguem dos artistas, todos educados, que lá entram, tudo que eles podem dar em trabalho, em talento, em capricho, em brio artístico. E é por isso que, por mais que a gente de cultura e de gosto veja grandes artistas no mundo, incluindo os de Paris, representarem as mais belas peças, só muito raramente conseguirá ver espetáculos tão completos em todas as minúcias e tão superiormente perfeitos como os da Comédia Francesa.

Já lá vão uns quinze anos depois que eu vi pela primeira vez este mesmo ator Le Bargy, brilhando intensamente entre um dos mais notáveis núcleos de artistas que tem tido a Comédia — o velho e glorioso mestre Got, Worms, Coquelin[,] Cadet[,] Féraudy, Leloir, Pauline Granger, Marthe Brandés — então no esplendor da mocidade e da elegância, e outros artistas, que davam aos

Cabotins, de Pailleron, a mais brilhante e perfeita unidade que me tem sido dado admirar em teatro. E depois de se ter assistido a alguns espetáculos na Comédia, é realmente difícil suportar algumas companhias dramáticas que a crítica nos inculca como de primeira ordem, — salvo quando à frente delas vem um artista como a Sarah, como a Duse, como a Réjane, como a Désprés — para só falar das que o nosso público já conhece.

Foi por ter feito, in mente, estas rápidas considerações, que sobremaneira me alegrou a vinda de um grupo de artistas — e dos melhores da Comédia Francesa. E considerei ao mesmo tempo que, na falta de escolas presentes e na quase impossibilidade de escola futura, por não haver, que eu saiba, no nosso país pessoa que reúna todas as qualidades de competência e de energia para dirigir um estabelecimento de ensino dramático que aproveite ao anárquico e disparatado elenco dos nossos artistas existentes — muito aproveitariam os nossos atores e as nossas atrizes se fossem assiduamente observar o que fazem, o que conseguem no teatro os artistas franceses, mas observar com o ânimo disposto a aprender, a comparar, a penetrar fundo na simplicidade dos processos, na sobriedade que está sempre em primeira plana e refreia por um equilíbrio próprio, o exagero, o desmancho dos entusiasmos fáceis — aliás tão gratos às plateias pouco educadas, ou muito mal educadas — por artistas inferiores, que a *réclame* e a desorientação da crítica muitas vezes logram impingir por gênios e prodígios.

*
**

A *season* teatral vai, enfim, ser este ano no Rio de Janeiro como nunca foi em época alguma.

No Lírico, Le Bargy, Albert Lambert, Silvain, Dorziat, Silvie, Madeleine Taillade, — que também nos deixou boas recordações, assim como o excelente Henri Burguet, admirável na *Rafale*; e ainda, no Municipal, Réjane, Blanche Toutain, Signoret — o extraordinário cômico, Monteux e toda a magnífica *troupe* do Teatro Réjane. *Excusez du peu!*

Só o nome de Réjane, essa adorável Réjane em quem se condensam todas as graças femininas e parisienses, soa por todos os lados como se de cada uma das suas sílabas pendessem guizos de ouro e de cristal. Ela aí volta com o seu *frou-frou* de saias elegantes, os seus aromas capitosos, o seu sorriso, em que o ar da malícia não prejudica o de uma intelectualidade superior.

Ninguém a esqueceu; e pode assegurar-se que, com o desejo de tornar a vê-la, já toda a gente sente as mãos dispostas para a redonda salva de palmas com que lhe daremos as boas-vindas no instante em que ela aparecer no palco do nosso suntuoso Municipal.

Todo o edifício vibrará longamente à repercussão desse aplauso espontâneo, tão grande como a impressão de encantamento que a sua passagem radiosa deixou no nosso teatro Lírico.

**

Como *hors d'oeuvre* destes finos manjares do espírito, temos tido nesta estação encantadoras peças do gênero ligeiro, em línguas mais ou menos guturais, para nós pouco compreensíveis e que, todavia, têm regozijado a nossa cidade macambúzia e burguesa. Mas, para fazê-la rir, no riso sadio e bom, no riso cada vez mais raro, o verdadeiro riso desinfetador das almas empoeiradas e sujas da cidade, virá o nosso querido e velho amigo Vale, e virá com ele a grande cômica Jesuína Marques, figura eminente nesse gênero de arte caricatural, tão raramente procurado pelas mulheres de qualquer país.

E entre o riso das farsas, o assombro das tragédias ou o ceticismo das comédias-dramas, o nosso inverno deslizará deliciosamente.

Mal descer o pano de um teatro, já o público voltará olhos curiosos para outro. Poderemos, enfim, comparar atores e autores simultaneamente.

No fim de tudo, porém, à hora em que as cigarras começarem nos rubros ramalhões dos flamboyants o seu canto estrídulo e anunciador do verão, e as companhias estrangeiras estiverem sobre as águas inquietas a caminho dos pátrios lares, ao recapitularmos tudo o que vimos na série tumultuosa e

deslumbrante de espetáculos vistos, reconheceremos que, ao artista Ferreira da Silva, que já há algumas semanas trabalha entre nós ao lado de Cristiano de Souza, artista distintíssimo e justamente considerado pelas suas qualidades bem acentuadas e bem dirigidas, cabem grande parte dos melhores aplausos que tivermos conferido.

Ferreira da Silva é inquestionavelmente um artista feito, um artista instruído e fino, cujo nome voaria da simpatia dos *boulevards* por todas as capitais do mundo, se ele fosse francês. Vi-o uma noite destas no *Azebre*, interessante peça de Henrique Lopes de Mendonça, e a impressão que nesse papel de violinista boêmio me deu o artista português foi a da mais completa perfeição na arte de representar. Ninguém é mais do que ele, simples, natural e moderno, nem melhor do que ele compõe um caráter dramático, com feição própria, original, criadora, estudando-o na sua mais recôndita psicologia, e reproduzindo-o na cena, inteiriço e completo, com o máximo de relevo e de expressão.

É uma delícia ver representar assim na nossa língua, nesta língua forte, eloquente, expressiva, que, mais do que outra qualquer, fornece ao artista dramático uma imensa variedade de tons, de expressões próprias, de inexaurível pitoresco, e da qual, ai de nós, tão pouco e tão mal se sabe servir a maior parte dos artistas de teatro, — cuja arte consiste principalmente em *falar*.

E baste, por hoje, — que o meu entusiasmo pelo teatro, se lhe eu soltasse as rédeas, seria capaz de dar comigo nas alturas... da terceira coluna.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXV, n. 9027, p. 1, 22 jun. 1909.
http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/19908

CARTA ABERTA

À EXMA. SRA. D. ANITA PEÇANHA

O ACASO NÃO PERMITIU que nos encontrássemos nunca na mesma sala, mas como permitiu que nascêssemos ambas no mesmo país (o que à vista dos míopes não parecerá autorizar coisa nenhuma), ousou escrever a V. Ex. esta humilde carta, na esperança de que o seu assunto seja de igual interesse para nós duas.

Não me pejo do arrojo, porque é já bem conhecido o atrevimento dos escritores quando tratam da felicidade ou do bem-estar de terceiros. Creio mesmo que esse atrevimento pode ser considerado como uma das mais nobres virtudes da sua profissão.

Não perderei tempo em desculpar-me e limitar-me-ei a dizer a V. Ex. por que motivo esta carta, em vez de ir discretamente fechada e pelo correio, vai assim, sem diminuição do seu respeito, aberta e pelo jornal. É que tenho a impressão de que em uma carta fechada eu entraria sozinha no palácio e que assim entro acompanhada pela pequena legião dos meus leitores, que, embora invisível, dará às minhas palavras o influxo da sua simpatia. Além do que, a letra de forma tem um certo magnetismo que por si só predispõe à benevolência, melhor do que a mais fina caligrafia, sem contar que a minha é péssima e notoriamente feia.

Há ainda uma circunstância: uma carta escrita à mão é muito particular, muito pessoal; enquanto que uma assim impressa representa menos uma carta do que uma voz. Isto é, portanto, uma voz subindo do meio da multidão e nada mais.

Conhece V. Ex. com certeza aquela frase de Gambetta: — “*La République manque de femmes*” e que revela a opinião que esse político admirável tinha sobre o valor que para o brilho e a simpatia de um regime tem a delicada, radiante e sentimental colaboração da mulher.

Creia V. Ex. que essa frase arguta, tão justa que ficou célebre, pode ser aplicada à nossa República sem que com isso se desdoure ninguém.

De fato, todos os nossos presidentes têm levado para o palácio a graça, o carinho, o perfume feminino com as suas esposas e as suas filhas; mas também é certo que, por circunstâncias extraordinárias, todas as esposas dos nossos presidentes têm sido senhoras concentradas e tristes, aceitando o seu alto encargo luminoso como quem aceita uma cruz, difícil de arrastar!

Nenhuma delas afastou do rosto o véu dos seus sofrimentos e cuidados particulares, nem mesmo quando por deveres oficiais se encontravam no meio de festas populares; nem uma delas deu o exemplo de sociabilidade, mostrando-se habitualmente em passeios pela cidade, ou abrindo os seus salões em recepções brilhantes; nem uma delas lançou um olhar de investigação e de simpatia para os ângulos escuros da sociedade em que se acotovelam as classes desfavorecidas, vivendo todas, enfim, dentro do seu prestígio, como se vivessem no meio do deserto!

Sabe-se que muitas dessas senhoras praticavam atos caritativos, não negando esmolas a quem lhas pedia, sem, contudo, saírem para isso da sua costumada apatia. Não basta.

Já não me posso referir do mesmo modo às filhas, embora moças, e muitas delas instruídas, dos nossos presidentes, porque a essas falece a mesma autoridade para agir. E depois é enorme a diferença que vai da alma de uma menina para a alma de uma mulher.

A ingenuidade, a inocência, o otimismo, a timidez natural da juventude, tão cheia de alvoroços e de ilusões, dão uma noção da vida comum bem diferente do que ela é.

O que ilumina e transfigura a razão da mulher é o beijo do Amor e é a maternidade. Esta então é a escola mais sublime que pode haver para a piedade humana, e a maternidade, que é apenas um instinto mal definido na criança, é uma realidade na mulher casada, mesmo que essa mulher não tenha filhos, porque esposa amante, vendo que a natureza ingrata lhe nega a criança esperada (inconscientemente, desde a sua primeira boneca), expandirá o seu desejo de acariciar, de proteger e de criar, acariciando, criando e protegendo alguém ou alguma coisa. Esse exercício do sentimento desvenda horizontes infinitos. Há senhoras sem filhos que se dedicam com cuidados extremos às plantas, aos animais, ou aos filhos alheios, aos enjeitadinhos e desafortunados. Chegada a estação própria, o coração faz os seus milagres. Árvores que não dão frutas atraem os ninhos e protegem-nos, às vezes, ainda melhor do que as outras, dentro da densidade das suas ramarias mais bastas...

Não sei se V. Ex. tem filhos[;] ouço, porém, dizer que é moça, inteligente e formosa, e esses predicados são já uma garantia de brilho para o curto período presidencial que o marido de V. Ex. iniciou. E mesmo por ser curto e não podermos perder tempo, é que ousei escrever a V. Ex. esta carta ainda dentro do mês de luto pelo presidente extinto. Não lhe vou, porém, falar de festas nem de esplendores, mas pedir-lhe o seu carinho e a sua atenção imediata para certas associações maternas do Rio de Janeiro e pelas quais as mulheres brasileiras não se mostram ainda suficientemente apaixonadas. O Hospital das Crianças,

dirigido em S. Cristóvão pelo ilustrado médico Dr. Fernandes Figueira; o Instituto do Dr. Moncorvo; os asilos correcionais de menores a que o Dr. Alfredo Pinto dedicou tão inteligentes cuidados, os asilos de órfãos, as Crèches...

O simples motivo de uma visita de V. Ex. a qualquer dessas casas animará outras senhoras poderosas a lhe imitarem o exemplo.

Manter um berço na Crèche; afagar com a sua fina mão a carapinha rude de um molequito sem pais; provar a sopa de um asilado; demonstrar pelas mulheres de trabalho, operárias de fábricas ou criadas de servir, o seu interesse ou a sua simpatia, são coisas que não esquecem, ficam na lenda porque se gravam fundamente no coração do povo.

Está claro que lhe não quero indicar o velho e trabalhoso e um tanto desmoralizado papel de “Anjo da Caridade” — sempre de asas abertas, aparecendo como por encanto à beira dos leitos dos moribundos, ou andando por certos bairros pobres da cidade, de tugúrio em tugúrio (suponha-se por exemplo, o morro de Santo Antônio), a distribuir moedas de ouro e de prata... Longe de mim tal pensamento. Não se fala aqui em caridade, mas em exemplos de assistência e de bondade cívica.

Geralmente, o nosso maior entrave aqui é o receio da opinião pública. Basta ver como andamos na rua, sempre com a preocupação de que estão a olhar para nós! A própria esposa do presidente receia que a sociedade diga que ela exorbita, quando, sem sair da esfera das suas atribuições femininas, ela só concorre para a glória e o prestígio do governo de seu marido.

É bom não esquecer que toda a mulher bem colocada na sociedade tem o dever de irradiar de si uma ação benfazeja e moralizadora. O egoísmo assemelha-se mais a um animal, ouriço ou porco-espinho, do que mesmo a um sentimento humano. A mulher pode mais do que pensa, principalmente em um país novo, que precisa de todos os concursos, país em que a vida é uma luta bárbara, país que se faz, e em que a ignorância é tamanha.

São as senhoras ricas que se podem agremiar e entreter, com a manutenção de escolas, contra o analfabetismo, com a manutenção dos hospitais e das creches.

As pobres não têm tempo.

É preciso ter-se fortuna para certas dedicações; entretanto, só as miseráveis deixariam de concorrer com o seu tostão para o cofre de certos asilos.

Para principiar eu rogaria a V. Ex. que indagasse do Sr. ministro da justiça, o preclaro Sr. Dr. Esmeraldino Bandeira, alguma coisa sobre o Patronato dos Menores.

Ele diria a V. Ex., melhor do que eu, que a pequena *crèche* que essa associação mantém, à Lapa, é deficiente para o número de crianças que lhe vão pedir agasalho. E que será uma casa com dezesseis berços para uma população como a da nossa cidade?

Das grandes alturas é que se podem descortinar os grandes horizontes; circule V. Ex. a vista pelos do Rio de Janeiro, já que seria quase absurdo pedir-lhe que o fizesse pelos de todo o Brasil!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXV, n. 9034, p. 1, 29 jun. 1909.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/19974

OS OUTROS

SE NÃO FOSSE O RECEIO DE PARECER MAL, eu não subscreveria aquelas ações da Grande Olaria Brasileira — porque, por mais que me engodem, não tenho fé naquilo. Convém, em todo o caso, que o meu nome figure na lista dos subscritores, que são os melhores da praça... O efeito de se aparecer em certas companhias é sempre proveitoso, e de mais a mais muita gente censuraria o meu retraimento, se eu me furtasse à solicitação da empresa. Bem pensado. Eu não tenho obrigação de a servir; que diabo, afinal ponho ali cinco pares de contos que poderia empregar muito mais proveitosamente em outros títulos, ou deixá-los sossegadinhos no banco e com certeza o Teles e todos os da sua confraria ainda acharão pouco e me morderão na pele com a doce gana costumada. Se ao menos todos eles fossem como o Alípio, que só tem um incisivo e não sei se mais um queixal perdido lá pras profundas solidões das gengivas, ainda seria bom, apesar do que já é sabido que os que não mordem chupam, e lá se vai o sangue do mesmo modo! Eu então sou uma vítima. Também é constar que um pobre diabo tem meia dúzia de vinténs e é caírem-lhe em cima como um bando de urubus em um animal putrefato, a ver quem lhe tira o maior bocado. Se um infeliz milionário consentisse em satisfazer a todos os pedidos de dinheiro que lhe fazem, em muito curtos dias ficaria mais pobre do que Jó. Ninguém presume que defender uma fortuna dê mais trabalho do que defender uma esposa formosa, porque, por mais cobiçada que seja uma mulher, uma fortuna sempre o é mais; basta dizer que ninguém teria coragem de pedir uma mulher a seu marido — e dinheiro é a cada esquina: agora para um empréstimo, dali a nada para um benefício, ou para as célebres festas de caridade, ou para as obras de uma igreja, ou para as ações de uma companhia, fundada para a exploração do cacau no sul ou do linho e do

trigo no norte! E, sem convicção, sem vontade, só para não se fazer figura triste, para que se não diga de nós o que Mafoma não disse do toucinho, toca a desembolsar quantias mais ou menos importantes para a direita e para a esquerda! Irra, que é demais! Ainda quando quem pede é um pobre diabo como aquele de ontem, de sobrecasaca no fio, chapéu sebento e que se contenta com pouco, vá lá; mas quando quem pede merece uma certa consideração, é que é terrível... Eu não sei quando hei de acabar de ser tolo. Sempre me hei de lembrar que no dia em que constou que eu tinha tirado cem contos na loteria, tive pedidos suficientes para, somados todos eles, distribuir noventa e oito contos e trezentos e trinta e dois mil-réis! Felizmente o boato tinha sido falso, porque o saldo não me daria então para satisfazer os meus compromissos na praça... Com os olhos nestes exemplos, ninguém que hoje em dia tire a sorte grande consente na divulgação desse fato... Os ricos têm medo dos pobres como as ovelhas dos lobos.

Eu, felizmente, não tenho medo de ninguém, nem rejeito os meus atos pela batuta da opinião pública, maestra de ouvido agudo e direção caprichosa. Não, senhor, não contemplo com a tolice alheia como o Benevides, que afinal assinou como eu na lista da Grande Olaria só por causa dos outros. Ele está farto de saber que o diretor daquela panelinha é um fabricante de ideias sesquipedais. Agora inventou aquela história de tijolos, de telhas e não sei que mais, alegando a péssima qualidade dos materiais de construção no Rio de Janeiro.

Quando ele fala, com a sua verbosidade convincente de trapaceiro-mor, parece a quem o ouve ver-lhe sair da boca, já não digo tijolos e telhas, mas filas de edifícios perfeitos, lindos, de uma construção eterna. Parece incrível como haja sujeitos que tragam fantasia para o comércio e colham nas malhas da sua rede até os peixes mais desconfiados ou mais conhecedores das traições da água! São de força.

Não há nada mais milagreiro do que o talento sem escrúpulos. Só de mim colheu aquele patife dez contos. Do Azambuja outro tanto.

Esse pode, é apertado, mas quando se vê coagido pelas circunstâncias espirra grosso. Para se perceber que ele é sovina basta ver as *toilettes* da mulher, uma verdadeira cozinheira em dia de passeio. Também, se não fosse pelo medo do escândalo já ele se teria separado dela, que não lhe deu filhos e não diz duas palavras sem cometer pelo menos quatro erros. Mas isso é o menos, porque não há nada em que tão pouco se repare nesta nossa terra como nos erros de linguagem... A mim, com franqueza, até se me afiguram um pouco pedantes as pessoas que se exprimem com muita correção. Assim mesmo, se não fosse ainda por medo do ridículo, eu, apesar da idade, como tenho agora tempo de meu e mais descanso, ainda talvez estudasse aí com qualquer professor de nomeada essa história enfadonha e terrível da colocação dos pronomes... A dificuldade estaria em arranjar alguém com capacidade para guardar um segredo, porque Deus me livre que constasse lá fora a minha pretensão. Com que sorrisinho de escárnio olhariam para mim as mulheres! Apontar-me-iam com certeza umas às outras com dedinhos cruéis:

- Olha, aquele é que é o menino da escola!
- O Nhonhô já saberá o A. B. C.?
- Sempre deve conhecer melhor as letras de banco que as da cartilha...

Nada; a opinião dessa gentinha deve ser mantida dentro da maior dignidade e do maior prestígio. E isso não me falta; um pouco pelo meu garbo e talvez também pelo meu modo de vestir... Nada impressiona o espírito feminino como a estética. Eu ainda poderia fazer-me um pouco mais elegante, encomendar uns ternos claros... pôr uma rosa ao peito... mas tenho um certo escrúpulo, que diacho, na minha idade podem notar, apesar de que me enfada solenemente a roupa escura!

OS OUTROS

Transijo em andar enfronhado nestas casimiras sombrias por deferência aos hábitos da nossa sociedade, mas não por gosto! Se eu não fosse um homem de ideias independentes, como sou, nem este leve Panamá poria sobre a minha calva brilhante e digníssima. Mas é que tenho a fortuna de ser superior a esses preconceitos desarrazoados. Que me importa a mim a opinião dos outros! E... bem pensado, quem são os outros? Maravilhosa descoberta: os outros somos nós!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

(Do livro *Os outros*.)

O Paiz, ano XXV, n. 9069, p. 1, 03 ago. 1909.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/20328

OS VENCIDOS DA VIDA

DESEJANDO UM LUGAR, para uma velhinha desamparada, no Asilo de S. Francisco de Assis, fui em um dia da última semana bater à porta dessa casa de assistência municipal. Fazia um calor terrível, e na rua do bairro em que está encravado o asilo, avenida do Mangue, o pó tinha uma densidade sufocante. Quando o automóvel que me levava parou à porta do estabelecimento, eu pensei de mim para mim que não era com certeza aquele o lugar mais próprio para moradia de criaturas fracas e cujo organismo já não oferece garantias de grande resistência aos ataques atmosféricos, porque ninguém dirá que pulmões de oitenta anos e mais não careçam de ar mais puro ainda que os da gente moça. Aquela atmosfera grossa, pesada do Aterrado, afigurava-se-me dever ser como uma mordança para as bocas desdentadas dos infelizes velhinhos.

A minha primeira impressão, vista a casa pelo lado exterior e logo ao primeiro relance, foi de desconfiança. Quanto teria preferido parar no portão de uma dessas velhas chácaras umbrosas, em sítio mais resguardado e mais tranquilo e ter de caminhar uns tantos metros entre gramados até os umbrais do asilo, do que topar com eles assim tão rentes à calçada barulhenta e escaldante de uma das ruas de mais passagem e maior movimento de veículos que há no Rio de Janeiro.

Nunca tive, porém, uma impressão tão viva do poder que têm os muros de isolar do ambiente exterior o recinto que cercam, como na hora em que penetrei no interior dessa casa hospitalar.

Ali respirava-se, havia frescura relativa, e esse ar de sossego, de suavidade, em contradição com os rumores e a agitação de fora. Apresentada ao Sr. Dr. Rego Barros, diretor do asilo, por um seu amigo e parente, tive ensejo de

percorrer a seu lado todo o edifício. Era uma visita inesperada, uma visita insuspeita e ao mesmo tempo dessas que, como os instantâneos fotográficos, colhem impressões a plena luz e sem ter dado tempo para arranjos prévios.

Tanto melhor, eu teria assim a certeza do que esperava a minha recomendada.

Como a nossa visita começasse pelos dormitórios, verifiquei logo que a cama, que é o que mais seduz a uns ossos de octogenária, oferecia garantias de conforto. Nos imensos salões bem lavados, de paredes caiadas e janelas abertas, as caminhas de ferro, pesadas e firmes, enfileiravam-se todas branquinhas, e traçadas unicamente aos pés pelo linho cor de vinho dos cobertores dobrados. Só com o ver essas camas, de aparência virginal como as camas das colegiais, senti a impressão do carinho e de higiene do estabelecimento, ao mesmo tempo que da candura dos velhos. Ali não há lugar para febres nem para insônias; os olhos fecham-se naturalmente, como os olhos das crianças, mais para o sono que para o sonho. Ao entrar dentro daqueles lençóis, mudados duas vezes por semana, ao pousar a cabeça naquelas almofadas, o indivíduo renuncia ao seu passado de mulher ou de homem, que a vassoura da miséria reduziu a lixo, e encontra naquele conforto material a única satisfação que ainda pode gozar na vida. A minha sensibilidade inventa motivos, que talvez não existam de fato, para me estremecer diante de coisas mudas. Um dormitório de velhos, visto na ausência deles, acreditem que seja capaz de inspirar não uma crônica ligeira como esta, mas um canto de poema. Que romance, um asilo de velhos!

Já agora, o leitor andará comigo até o fim da visita. Dos dormitórios descemos às salas de refeição, à cozinha, reluzente e caprichosa, à rouparia, laboratório etc., passando por áreas ladrilhadas, galerias do ar livre, e escadas escrupulosamente bem lavadas. E assim, de compartimento em compartimento, chegamos ao jardim, onde uma multidão de trezentos e cinquenta e tantos velhos, de ambos os sexos, vestidos com o uniforme azul ferrete do estabelecimento, se entretinha palestrando ao ar livre. Alguns velhos fumavam tranquilamente, recostados nos bancos, à sombra das árvores; outros passeavam isoladamente ou em grupos.

Como os homens estão separados das mulheres, não é difícil de observar a diferença de temperamento dos dois sexos. Na seção dos homens havia um ar mais indolente e mais sossegado, conquanto figurasse entre eles alguns indivíduos ainda bem conservados, de cabelos apenas grisalhos, atitudes arrogantes e andar lesto. Colhidos pela mesma rede nas águas da pobreza, estavam ali uniformizados, irmanados, homens decaídos de posições elevadas com outros homens analfabetos ou patetas.

Cama, roupa, mesa, uma ração de tabaco e liberdade para saírem à rua em certos dias da semana, bastam para a sua felicidade de animais esgotados pelos insucessos da fortuna, pelos seus próprios vícios, ou pela ingratidão dos mais felizes.

Na seção das mulheres, menos numerosa que a dos homens, havia uma expressão de mais atividade e de mais resignação, ao mesmo tempo que de mais velhice. Aí era grande a percentagem de africanas, verdadeiras figurinhas de carvão com a carapinha de algodão em rama. Algumas passeavam arrimadas a bengalas toscas, todas pendidas para o chão; outras conversavam entre si nos bancos, com mais vivacidade do que eu notara nos homens.

Menos resignadas do que eles à ociosidade havia entre elas quem se entretivesse costurando trapinhos ou fazendo renda de almofada.

Vendo-nos na sua roda rompeu dos lábios de uma delas um viva ao Sr. Dr. Rego Barros, ali presente com a sua família. E, sem indagação, todas, uma a uma, se apressaram logo em informar-me de que era a esse senhor, seu atual diretor, que as asiladas devem a sua libertação naquela casa, antes dominada por um regime impiedoso, de verdadeira escravidão. E não seria preciso que o dissessem para se perceber quanto todos aqueles vencidos da vida se sentiam ali à vontade. As únicas queixas ouvidas eram desgraçadamente queixas irremediáveis: lamentações das cegas, a que a piedade do Dr. Guedes de Melo, que as visita desinteressadamente, não basta para as consolar completamente; ou as imprecações de uma maníaca de olhos verdes contra as feitiçarias de uma parceira, ou ainda os gemidos de uma hemiplégica sergipana de que a família se desembaraçou atirando-a como um fardo inerte para ali... Mas as negrinhas

velhas quiseram dissipar a nuvem negra do sofrimento, que tais expansões fazia descer sobre as nossas almas, e propuseram um samba. *Um samba, minha gente, prá festejá seu doutô!*

E assisti então comovida a um dos espetáculos mais extraordinários e mais enternecedores que tenho visto em minha vida. Uma dúzia pouco mais ou menos de pretinhas trêmulas, de cabeças cobertas de neve e beiços murchos, entoando num fiozinho de voz as inconfundíveis e soturnas melopeias africanas, começou a dançar arrastando os pés, umas em voltas miudinhas, outras em avanços e recuos com uma das mãos no quadril e a outra espalmada no ar.

Uma aura de saudade pelos velhos tempos de outrora fazia vibrar ainda naquelas carnes flácidas ou ressequidas a doce nota da ilusão. Entre elas, uma, a Balbina, baixinha e trôpega, confundia-se o palpitar do entusiasmo com o arfar de um esforço superior à idade...

E eu ficaria ali mais tempo entre as amáveis velhinhas, se não fosse ainda preciso ver mais dependências do asilo, como os magníficos banheiros, o necrotério, a lavanderia etc.

Saí satisfeita, embora com a impressão de que as acomodações do edifício são deficientes para a mendicidade de uma terra de população crescente e grande como a nossa, e saí também admirada da ordem e sobretudo da limpeza observada em uma casa, encravada como aquela está, à beira de uma rua em que as camadas de pó se sobrepõem umas às outras ininterruptamente...

Enfim, é já consolador verificar que há um regaço amigo para os que, desamparados de todas as afeições e de todas as forças naturais, caem no duro chão da miséria. Estas visitas fazem bem à alma.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXV, n. 9083, p. 1, 17 ago. 1909.
http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/20462

A GRANDE ARTISTA

SAÍAMOS DO MUNICIPAL de ver pela segunda vez — *Le Refuge* — essa comédia original e formosa, em que Réjane tem um dos seus mais impressionadores papéis na figura de Juliete, quando uma distinta e sagacíssima parisiense que vinha caminhando a meu lado, no anseio de trocar impressões, estremeceu de espanto ouvindo dizer a meu marido esta frase que se lhe afigurou uma barbaridade e uma pretensão inqualificável:

— Os parisienses ignoram o justo valor da Réjane; nós conhecemo-la melhor.

Deus de misericórdia, que riso de escandalizada ironia irrompeu dos lábios dessa inteligentíssima senhora.

Como assim?! Seria crível que o Brasil, onde as grandes atrizes são julgadas não pelo seu talento nem pela perfeição do seu trabalho, mas meramente pela sua certidão de idade, julgasse a sua crítica mais competente que a da França intelectual, a França ilustre?

Um tanto desnorteada, eu esperava em silêncio a explicação do caso, que também a mim me parecia curioso e estranho.

Realmente, por que motivo estaríamos nós mais habilitados do que os próprios parisienses a compreender o valor e a bem julgar o trabalho de uma artista parisiense que só por exceção sai do seu país, de que ela encarna maravilhosamente o tipo, no fulgor da sua graça, no magnetismo da sua sedução?

Numa terra de letras e de que a literatura é a maior fortuna e melhor glória; numa terra de arte, arte suprema, qualquer que seja a sua forma, poesia, música ou pintura; numa terra em que a crítica é exercida como uma profissão superior e em que o teatro está acorrentado a um passado remoto por tradições famosas e

uma história brilhante, certamente que esta extraordinária artista, que em boa hora foi convidada a vir inaugurar o nosso teatro Municipal e a batizá-lo com o seu talento e o seu prestígio, deve ser julgada com mais segurança e maior entusiasmo do que entre nós.

Era isso o que eu pensava antes de ouvir a razão da afirmativa a que aludi e que, por outras palavras, era esta:

Os moradores de Paris não podem admirar como nós todos os recursos desta artista, que entre eles tem vivido toda a sua vida, porque nunca a viram, como nós a temos visto aqui, desenrolando sucessivamente uma galeria de tipos os mais diversos e antagônicos e desempenhando cada um deles com uma superioridade espantosa.

Lá, o espectador vê-a numa semana (e isto o excepcionalmente amigo de teatro) para ver em outros dias e em outros teatros outras atrizes, das quais algumas também famosas. Quando esse indivíduo volta de novo a vê-la, já os detalhes do último papel em que a aplaudiu estão um tanto diluídos na sua memória, ou confundidos com os de outras personalidades. Além disso, as peças lá não se sucedem umas às outras precipitadamente como aqui. Uma comédia que faz sucesso paralisa-se em cena. Por esse mesmo motivo será representada com mais apuro e mais rigorosa interpretação de sentimento, mas, em todo o caso, essa circunstância não permite com facilidade a um espectador comparar os atores que está vendo a esses mesmos atores vistos na véspera dentro da pele e das vestimentas de personagens completamente diversas dessas que estão personificando.

Só quem viu Réjane, um dia em *Zazá*, esse primor de interpretação em que há de tudo, desde a canalhice de um bastidor de café barato de província até as lágrimas amargas do ciúme e a sentimentalidade digna da tristeza; só quem a viu, fazer num dia a Clotilde da *Parisienne*, *coquette* e cínica, e logo no outro a maravilhosa Sabine Rével de *La Course du Flambeau*, alma trágica da saudade, do sacrifício e da paixão; só quem a viu [ilegível] em uma noite o tipo endiabrado

dessa estonteante Jacqueline de *La Passerelle*, para logo duas noites depois vê-la hirta na fé inabalável da devota e fidalga Agnés, duquesa de Croncy, desse formidável — *Israel* — de Henry Bernstein; só quem dentro do curto espaço de trinta e seis horas pode observá-la na ingenuidade *bonne enfant* da boa *Madame Sans Gêne*, e na sentimentalidade amorosa de Margarida Gauthier, imorredoura flor do vício que seduz a todas as artistas a que Réjane deu, sobretudo no último ato, um poder assombroso de emoção e de realidade; só quem depois de a ter visto com a alma da Fanny Legrand da — *Safo* — de Daudet, a vê no papel cômico da Mrs. Watson, da *Paris-New-York*, em que fala, gesto, expressão vêm com o timbre de uma natureza diferente e uma educação em tudo diversa da europeia; só quem a viu criar sucessivamente e impecavelmente papéis de *vaudeville*, como o de Marthe Ceroidier, no — *Le Roi* — papéis apaixonados como o da protagonista de *La Femme Nue*; e de intriga, como o de Mrs. Vidal, no *Raffles*; só quem vê passar diante dos olhos, com pequenos intervalos de uns para os outros essa interessantíssima galeria de tipos femininos bem diferentes uns dos outros, cada qual com os seus característicos, as suas minúcias, a sua expressão distinta, porque jamais as suas atitudes se confundam nem o ar de um lembre o do outro; só quem teve a felicidade de assistir a uma série de dezessete peças feitas pela mesma atriz em toda a escala do sentimento, desde o que obriga à careta cômica até o que faz irromper em gritos e lágrimas as mais sérias e profundas agonias do coração humano, só quem teve essa felicidade pode bem conhecer toda a maleabilidade de espírito, toda a estupenda capacidade de expressão desta admirável e extraordinária atriz.

Ora, essa felicidade não a tiveram nunca os parisienses, nem a terão jamais porque Réjane não pode representar em Paris nem metade do número de peças que representou aqui, — porque essas peças pertencem lá a outros teatros, e os seus papéis principais a outras artistas. De sorte que, infelizmente para eles, os parisienses nunca poderão ter uma ideia perfeita, como nós ficamos tendo do alto valor artístico de Réjane, do seu talento múltiplo, variado, sem limites, dentro da

sua arte, tão extraordinário, tão fenomenal que pode resistir a esta prova suprema e tremenda da apresentação seguida de dezessete tipos de mulher, os mais disparatados entre si, sem um momento de descaída e atingindo alguns a nota mais alta a que na escala dramática pode subir um grande artista, isto no espaço de mês e meio, em quarenta e poucos dias de êxtase e de assombro para todos que podem compreender o esforço necessário a tão descomedida empresa. Que pena temos de que os franceses não possam chegar nunca a conhecer quanto vale e o que pode fazer esta comediante excelsa e sem par!

A primeira estação do Municipal não podia de nenhum modo ter sido mais bela nem mais brilhante, e dela ficará sempre na nossa sociedade uma memória feliz.

Houve quem dissesse que os espectadores se tinham por tal forma identificado com os mármore do edifício que também eles pareciam de pedra. Mas se é verdade que os aplausos não estrondeavam calorosamente naquele ambiente perfumado e luxuoso, não é menos verdade que em todas fisionomias se lia a impressão forte de um gozo intelectual sentido plenamente, sem nenhuma reserva, e na última récita de assinatura, ao sair o público do teatro, após a audição da estafada *Dama das Camélias*, não eram só as senhoras que tinham nas faces vestígios de lágrimas. O fascinador talento de Réjane fizera rebentar, de olhos áridos como a rocha, a água milagrosa e bendita da comoção.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXV, n. 9090, p. 1, 24 ago. 1909.
http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/20538

SEGREDOS INDECIFRÁVEIS

"UM CONTO DE RÉIS POR MÊS, nem mais nem menos; um conto de réis por mês, parece muita coisa e não me chega para o buraco de um dente. Ando há mais de seis meses para obturar um queixal e não vou ao dentista por falta de verba... Um conto de réis por mês e ainda não paguei ao armazém nem ao alfaiate, nem à modista de minha mulher. Entretanto, um conto de réis é dinheiro.

Há muito desgraçado por aí que só com metade, e às vezes menos, sustenta a família desde as sogras até aos netos. Como se arranjam? não sei; mas eles por aí andam gordinhos e considerados pelas mesmas ruas por onde eu passo e abastecendo-se nos mesmos fornecedores.

São os tais prodígios. Aos outros o dinheiro chega para tudo e muito mais.

Muito mais — são os extraordinários; e a maior despesa das famílias no Rio de Janeiro é constituída pelos extraordinários: camarotes, *toilettes*, consultas dos médicos, confeitarias, dentistas, farmácia, recepções, o diabo! Ainda no verão muitos alugam chalés em Petrópolis e andam para cá e para lá como uns malucos, sempre de carteira aberta e sorrisinhos nos lábios. E a um homem então como eu, simples, acomodado às circunstâncias da vida, o dinheiro escorrega-lhe todo da algibeira pelo plano inclinado das obrigações, negando-se a ser utilizado nas coisas efêmeras e regaladoras. Vestir, comer, morar e não tenho licença para pensar em mais nada. Com a breca! Deve haver um mistério que me obriga a pagar talvez pelo triplo as mercadorias e os regalos que os outros adquirem por tuta e meia. Algum poder oculto preside ao meu destino com o intuito de aniquilar o meu esforço.

Se não fosse ridículo, eu iria consultar a respeito alguma cartomante... mas um homem de cartola e fraque preto, cujo nome é citado frequentemente nos jornais, não se pode expor assim sem mais nem menos à malícia de uma mulher. E que diria quem me visse entrar ou sair da sua casa?

Não sei onde li estas palavras: — quem evita os comentários da opinião pública, se não merece louvores também não merece injúrias, e nesse caso ganha mais do que perde. Pode ser que eu não tivesse lido estas palavras em parte nenhuma e elas tenham sido muito bem ditas ou pensadas por mim mesmo, em qualquer ocasião remota, a propósito ou fora de propósito disto ou daquilo! Quem lê muito e pensa muito não sabe nunca o que é seu ou o que é dos outros.

E foi talvez por este mesmo critério que o Jeremias publicou como de lavra própria, com o seu nome por baixo, uma poesia de Victor Hugo.

De mais a mais em francês, conquanto o Jeremias não saiba francês; talvez por isso acreditasse que a poesia pudesse passar por ser dele. Aí está um a quem não falta nada: fuma do melhor e de mais a mais charutos, veste-se bem, como não posso vestir-me e ainda olha para a gente assim como por favor. Tem o ar arrogante de quem sente o bolso pesado. Os de fisionomia preocupada somos nós, os que como eu, embora ganhando um conto por mês, no fim de uma quinzena, pagos os colégios dos filhos, o açougue, a leiteria, o pão, os criados, o gás, a lenha, o aluguel da casa, pomos a mão no bolso para comprar uma gravatinha de fantasia e já não achamos no fundo desse bolso senão amargos resíduos do cobre extinto, uns frangalhitos de algodão azinhavrado. Dizer que os outros não têm filhos? Não posso dizer tal. Toda a gente tem filhos, e os filhos de toda a gente andam calçados e vão a colégios e aprendem música. Os meus até não aprendem música, que é a ruína dos lares cariocas; aprendem só coisas úteis, incluindo grego, latim e bordados a ouro. E no entanto, aí está: com as minhas economias e previdências não consigo guardar em cada fim de mês um simples tostão para o clássico pé-de-meia, vendo-me ainda na contingência de transferir certos pagamentos para o mês seguinte. Realmente eu sempre gostaria de saber

como é que os outros se arranjam... Se eu fizesse em voz alta estas ponderações, não faltaria quem me consolasse com palmadinhas nas costas, asseverando-me ao mesmo tempo:

“— Meu caro, aos outros o dinheiro chega para tudo e muito mais, conforme a sua expressão, porque os outros não pagam como você a roupa que vestem, a carne que comem e o carro em que passeiam. Você não imagina a falta de escrúpulo que há por aí a esse respeito...”

Ora, eu tal não posso crer. Seria preciso para isso que o comércio fosse todo constituído de palermas; e não é assim. Ao contrário: hoje é tudo unha por unha, dente por dente. Pelo menos comigo, se eu deixasse de pagar ao meu padeiro, ao meu leiteiro, ao meu vendeiro ou ao meu senhorio durante uma certa quantidade de meses, tenho pleníssima certeza de que em dado momento eles viriam todos latir à minha porta como uma matilha esfaimada, exigente e terrível. Haveria escândalo. Todo o mundo saberia do caso horrendo e não sei com que cara eu ousaria depois sair à rua. E isso que me aconteceria a mim, por que não há de acontecer aos outros? Serão todos mais felizes do que eu? A razão ainda pode ser também uma questão de habilidade, na distribuição mensal dos ordenados e pagamentos: um mês fica-se a dever a este, no outro àquele, paga-se de dois em dois meses um atrasado a um ou a outro dos fornecedores e conta-se com o futuro para alguma coisa.

Esse jogo, porém, poderá bastar para dar a certas casas o ar de prosperidade que elas têm?

E será crível que seja sobre esse tapete movediço de especulações que se firme o luxo que muitos ostentam, e que me arrelia, porque afinal de contas com os mesmos recursos não saímos na minha de um trivial, se não mesquinho, pelo menos cansativo? Quando nesses lares fantásticos a mulher é bonita, ainda se pode suspeitar de um motivo que justifique a sua prosperidade. Mas quando é feia? Mas quando é de provada e indiscutível honestidade? Não sei; e o tormento de se não poder decifrar o segredo de que deriva a felicidade dos outros é

desesperador. Entretanto, não sou estúpido, nem conheço mesmo ninguém que seja mais atilado do que eu. Ninguém. A questão não é de esperteza, é de caráter; é o que todos dizem, sou um homem honesto. De acordo; mas sempre quero ver se os outros, que o não são em tão elevado sentimento, são menos considerados do que eu... conheço certos patifes, diante dos quais as mais severas cartolas da cidade descrevem ao vê-las uma enorme parábola desde as cabeças dos respectivos donos até quase ao chão... São uns felizardos esses senhores, porque, afinal, chegada a hora dos necrológios — que é aquela em que a honestidade já os não pode atrapalhar em nada, essa e outras excelsas virtudes são-lhes atribuídas alto e bom som pelos noticiaristas, orientadores da opinião pública. Ser velhaco em vida, ser honrado depois de morto... que felicidade!"

(Do livro — *Os outros.*)

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXV, n. 9097, p. 1, 31 ago. 1909.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/20608

O PERIGO DAS CARTAS

ORA, AQUI ESTÁ UM ASSUNTO que entrou pela minha casa adentro sem convite, procurando logo instalar-se entre o meu tinteiro e a minha pena. E, atrás dele, Deus sabe que eu não correria nunca, porque, para isso, seria preciso adivinhá-lo, e o dom divinatório não faz parte das minhas qualidades psíquicas.

O fato, aviso às meninas solteiras, tem certas escabrosidades e foi-me oferecido com dois intuitos: primeiro, o de aliviar uma consciência, e esse ponto é o que interessa ao correspondente; segundo, o de me sugerir uma comédia, e esta outra circunstância é que devia servir de isca à minha curiosidade. Agradeço a intenção, mas não aceito o assunto, por falta de jeito para o gênero de literatura que ele indica; dou, entretanto, já ao caso a expansão que o correspondente me pede, para tranquilidade do seu espírito atribulado e paz de outras almas que esse mesmo caso iria ferir mortalmente, se o deixassem na sombra, como um bandido, à espera das vítimas, de punhal na mão e máscara na face.

Ora, pois, o nosso Rio está mesmo o que se chama — uma perfeição — fornecendo ambiente para histórias de todas as cores, desde as mais castas, como as das *soirées blanches* da inimitável Réjane, até às mais carregadas, como as das outras *soirées* da mesma artista. Estou um tanto desconfiada que nesta história anda a fantasia de braço dado com a realidade; em todo o caso, mentira ou verdade, ela aí vai, um pouco por minha conta, e muito por conta alheia.

A pessoa que me escreve, naturalmente um rapaz ainda muito moço (começa já o enredo), diz ter muito jeito para imitar qualquer caligrafia. Um dia, um advogado seu amigo fê-lo ver a letra de uma mulher, cuja assinatura encobriu, e pediu-lhe que a imitasse, escrevendo ao mesmo tempo palavras que ele, advogado, lhe ditava e que eram, nada mais, nada menos, do que palavras de amor. E a quem eram dirigidas essas expressões apaixonadas? Ó pasmo! À própria pessoa que as ditava com soberana tranquilidade.

Era uma coisa para rir, afirmava ele; brincadeira de rapazes. E todos os pretextos para o riso, como se sabe, devem ser aproveitados para a higiene da alma.

Já esta primeira cena não é má. Tem o seu cunho de originalidade, e dá azo a um pouco de psicologia. Toda a gente sabe que a vaidade é como os balões; incha ao menor sopro, quando a pele do indivíduo ainda não esteja furada pelos dardos da mestra adversidade, e quem escrevia, percebe-se pelo estilo, pouco mais é que um menino. A infeliz habilidade de imitar letras alheias, insuflada com jeito, fez escorregar por mais de uma vez no papel velino das cartas amorosas a tinta pérfida da traição.

Um dia uma carta... dias depois outra carta... semanas depois ainda outra. E o falsificador ia cavando inconscientemente um abismo na vida de uma desconhecida. Num dia de mais lucidez indagou:

— Diga-me cá: para que servirá, afinal, toda esta trapalhada? O outro, mais forte, respondeu:

— Ora, para que há de ser, homem! Para rir, já disse! Imagina que desejo possuir autógrafos amorosos de todas as mais belas mulheres do Rio, só pela consolação de não as ter a elas e para a glória da minha vaidade de macho. Toma charutos. E agora um cálice de cognac... Continua. Hei de dar-te um terno, que esse teu está mesmo no fio... O chapéu também, coitado... está bem precisando de uma aposentadoria. Hei de aposentar o teu chapéu! Continua:

“Vem esta noite às...”

Uma vez o calígrafo estava sozinho no escritório do amigo, quando viu entrar uma senhora elegante, de ar bondoso e distinto.

Essa senhora ia consultar o seu advogado e, como ele não estivesse, sentou-se à sua secretária e traçou, com mão serena e firme, numa letra rasgada e franca, um recado, que deixou às moscas, bem exposto, na larga folha do almoço. Depois, calçando vagarosamente as luvas, dirigiu com doçura ainda algumas palavras ao falsificador e saiu.

Ela estaria ainda na escada e já ele vibrava de espanto, reconhecendo, nas letras que essa senhora tinha deixado sobre a mesa, o mesmo talho inconfundível, original, que ele tantas vezes tinha imitado a pedido do amigo. Um relâmpago iluminou-lhe a consciência e sentiu um sobressalto inexplicável; o primeiro. Qual seria a verdadeira razão por que o advogado queria possuir cartas de amor dessa mulher de ar tão digno e tão sério? Alguma coisa acordava agora no seu espírito, geralmente entorpecido, para lhe gritar com violência, com desesperadoras sacudidelas morais, que as cartas que ele tinha escrito não tinham sido feitas só para rir! E onde estariam elas? Se pudesse reavê-las, rasgá-las, inutilizá-las!

Numa alucinação de louco, principiou a remexer gavetas e pastas. Topando com o seu chapéu novo sobre a mesa, atirou-o com repugnância para o chão, porque ele representava um prêmio aos seus serviços, e ia arrancar do pescoço a linda gravata de seda recebida nessa mesma manhã do amigo, quando este entrou no escritório.

Houve exclamações, pedidos, o diabo!

O advogado sorria, pensando que o rapaz se tivesse excedido, como em certas vezes, no botequim vizinho; mas, afinal, convencido da verdade, mandou-o fechar a porta à chave, acendeu um cigarro, recostou-se todo, e, com certa vaidade, expôs um plano estratégico de sua invenção. A coisa era simples. Ia ver. (Esta cena também não me parece má.)

Aquela senhora, que acabava de sair do seu escritório, era a senhora Z., mulher de um seu colega e amiga da Sra. X. Não confundisse as consoantes. Ele era íntimo da família Z., mas era amante da Sra. X. Tivesse em vista que em todo o tempo o amor pode mais que a amizade. Ora, o marido da sua amante X era um homem terrivelmente ciumento, um monstro de olhos verdes, cujas fúrias futuras deviam ser previamente atenuadas. Como? Por um processo talvez não muito leal, mas, com certeza, de seguros efeitos: o de se fazer passar na hora inevitável em que se visse descoberto, não por amante da Sra. X, mas por amante da Sra. Z.

Vá lá, que nem Shakespeare seria capaz de tão engenhosa ideia! Fora para esse trabalhinho catita, que o induzira a escrever aquelas cartas sentimentais com a caligrafia da Z.

— E essas cartas? Onde estavam essas cartas?! Rugiu o calígrafo, indignado.

Entregara-as à Sra. X., para servirem de escudo na defesa dos seus amores, quando estes fossem descobertos. Essas cartas serviriam para provar ao Sr. X. a inocência da sua mulherzinha. A intimidade que reinava entre ela e a Z. justificaria a posse dessas cartas e a assiduidade de certas visitas... O plano era perfeito. A Sra. Z., sempre confiante e bondosa, era um tanto estúpida e deixava-se estender na intriga, como massa de pastéis.

A X. tinha prática da sociedade e era uma mulher apaixonada, ardente desde as unhas dos pés até os enchimentos do penteado.

Desse modo, quando o ciumento X. tivesse a indefectível denúncia dos vizinhos, de que ele, advogado, lhe frequentava a casa a horas pacatas do meio-dia, a Sra. X. teria apenas de confessar ao marido a leviandade de ter consentido nos encontros, em sua sala, desse mesmo advogado com a sua amiga Z. Nada mais honesto, nada mais simples, nada mais natural. Ou bem que se é amigo, ou bem que se não é...

Trêmulo de indignação, vendo diante dos olhos o rosto pálido e tranquilo da bela Sra. Z., sacrificada nesse enredo torpe por dois amigos em quem confiava, o falsificador perguntou ao advogado se essas cartas já teriam, porventura, representado o seu papel.

— Não, respondeu-lhe lentamente o outro, sacudindo as cinzas do cigarro; estão guardadas para maior de espadas. O Sr. X. é um homem discreto, honesto, e com o maior respeito pela dignidade alheia. Se algum dia ele ficasse de posse de um segredo de qualquer das amigas de sua mulher, nunca o denunciaria a ninguém. Havia ainda outra circunstância: a X. pensava que as cartas eram realmente escritas pela Z. e só por isso as guardava. Tinha-lhe raiva agora, seria capaz de a engolir inteira. Entretanto, aparentemente, a sua amizade era a mesma. Que artistas, as mulheres!

Tinha entendido? Pois era assim.

Com o remorso a roer-lhe a alma, o falsificador rogou em todos os tons ao amigo que esclarecesse a senhora X., pedindo-lhe as cartas da... outra. Ele negou-lhe essa graça, assim como a de lhe indicar o verdadeiro nome dessa que ele mascarava com o da penúltima letra do alfabeto. Em desespero de causa, o moço, arrependido, lembrou-se de mandar a uma novelista a sua história, por motivo deste raciocínio:

“É impossível, diz ele, haver ao mesmo tempo, na mesma cidade, dois casos assim. Vindo já à tona da imprensa este, é provável que a Sra. X., esclarecida, reduza a cinzas as provas que tem em suas mãos, para a condenação de uma inocente, compreendendo que é mais nobre cair sozinha quando sentir o terreno fugir-lhe embaixo dos pés, do que arrastar alguém na sua queda...”

Como o raciocínio não me parece mau e o assunto, com o arranjo de um final, tem realmente suco para uma comédia, em que floresça o cinismo moderno, aqui o deixo para quem o quiser aproveitar, impondo, porém, uma condição: a de o aproveitar com talento e com arte.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXV, n. 9104, p. 1, 07 set. 1909.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/20688

PELO TEATRO

HÁ DIAS, NOS SEUS “ECOS DOS BASTIDORES”, a *Notícia* estranhava, com a maior razão, o mutismo em que muitos escritores a quem a criação de uma escola dramática no Rio de Janeiro mais pode interessar, se têm conservado nesta hora em que exatamente se debate tal assunto entre nós.

Embora certa de que a opinião de uma mulher é, em tais casos, mal ouvida, visto que a sua interferência é sempre julgada intrusa nas questões de superior jurisdição; venho com o direito que me assiste de profissional das letras, e com toda a solenidade, responder à referida censura trazendo a público o meu voto pela fundação e manutenção de uma escola dramática na capital do Brasil.

E faço-o por estas razões que me parecem claras e decisivas:

Primeira: — O teatro nacional estimulará a literatura dramática brasileira, fornecendo aos nossos autores, desprotegidos até aqui de toda a espécie de acoroçoamento material ou moral, uma nova válvula de expansão e uma nova fonte de recursos. A este artigo juntemos esta outra consideração: quanto mais rica e quanto mais variada for a literatura de um país, mais esse país cresce de importância e de valor. Um bom livro vale mais que um grande cafezal; portanto, fomentar o desenvolvimento da literatura nacional é praticar um ato de justiça e de patriotismo.

Segunda: — A escola elevará o nível intelectual e moral do teatro brasileiro do futuro, e como o futuro sai do passado, compete-nos a nós trabalhar para esse aperfeiçoamento.

Entendo que a escola elevará o nível intelectual e moral do teatro porque ela não soltará no palco indivíduos analfabetos e mais ou menos inconscientes das suas responsabilidades, mas pessoas educadas, elucidadas, e para as quais a sua profissão tenha sido conquistada com alguns sacrifícios que a enobreçam.

Quais são esses sacrifícios? O estudo da língua portuguesa, a sua correta dicção; o estudo da língua francesa, tão frequentemente invocada em certas frases da nossa sociedade, e de que figuram no teatro tantas traduções; e outros estudos preliminares que deem um certo verniz aos atores e atrizes e lhes facilitem a representação dos mais finos tipos de qualquer sociedade europeia ou americana.

Terceira: — O respeito do público pela gente do teatro e o respeito da gente do teatro pelo público.

Quarta: — O aperfeiçoamento do nosso modo de falar.

Sabendo todos nós que a companhia educada pela escola pronuncia as palavras da nossa língua como essas palavras devem ser pronunciadas, é natural que a imitemos, corrigindo-nos dos poucos, raros, ou muitos vícios de linguagem que porventura tenhamos.

Quinta: — Num país novo, em que se debatem elementos tão heterogêneos, ninguém se deve opor à fundação de nenhuma escola, seja ela de primeiras letras ou de últimas, de *a b c* ou de filosofia, de ofícios manuais ou de belas artes.

Se há quem queira aprender, haja quem saiba ensinar. Este é o problema discutido e a resolver; entretanto este problema talvez não seja tão difícil como à primeira vista parece, e nem ele deve embaraçar a criação da escola de arte dramática entre nós. Se não tivermos ao princípio mestres em casa, podemos pedi-los a Portugal, S. Paulo pediu instrutores à França para a sua polícia, no que fez muito bem — à vista dos resultados obtidos; o Chile pediu à Alemanha instrutores para o seu exército e, dizem todos, com magnífico proveito; nós pediremos ao país da nossa língua instrutores para o pequeno exército dos nossos futuros artistas, no que provavelmente faremos igualmente muito bem.

Mas isso é outra questão: se vamos esperar que haja mestres aqui para fundarmos a escola, nunca teremos a escola, porque para ela nunca haverá

mestres. Quem se preparará para ensinar declamação, dicção etc., com estudos especiais e demorados, se não tiver diante de si a perspectiva de se utilizar do seu trabalho? Ninguém. Entretanto que havendo uma escola haverá quem se aperceba de bons elementos para a servir, tirando dela glórias e lucros correspondentes.

Tenho ouvido dizer que se pensa em formar a nova escola com um grupo de artistas em que, condescendendo com os elementos velhos, se estabeleçam rigorosos ditames para os novos, de modo que uns não embarquem os outros e tudo caminhe para o melhor resultado.

A mim se me afigura que fazer uma escola dramática não é fundar companhias, mas prepará-las com muito trabalho, muita energia e muito critério. Na nossa impaciência, porém, entendemos que os alunos da nossa escola dramática começarão pari passu a ouvir as preleções dos mestres e a decorar as tiradas para a cena, realizando ao mesmo tempo dois trabalhos diversos. Seja. Em todo o caso, tudo o que se fizer será melhor do que o que há; porque o que há não é nada. E não é justo que um povo em que há tantos intelectuais, com faculdades criadoras, não tenha um teatro que de algum modo possa corresponder à sua cultura. Por enquanto no Brasil ainda não se tomou a sério a profissão das letras; a mais nobre e a mais gloriosa de todas as profissões nos países civilizados; do contrário nenhum governo poria em dúvida qualquer auxílio que fosse preciso prestar à literatura pátria.

A quem perguntar para que servirá [uma] escola dramática aos dramaturgos e comediógrafos, poder-se-á responder com esta outra pergunta: — para que servirão os campos arados, revolvidos, adubados aos semeadores de trigo? Nas mancheias de sementes atiradas à terra, umas são chochas, outras bem providas e ainda outras insignificantes.

E que acontece? as más perdem-se; mas as boas, não tendo caído em solo duro, seco e ingrato, germinam luxuriantemente e desfazem-se em pão que alimenta e consola. Desgraçadamente, os escritores brasileiros têm vivido a semear o trigo das suas ideias sobre terreno rochoso e árido, sem que nem por isso se mostrem cansados nem desiludidos, embora eles próprios se riam intimamente da sua fé e da sua teimosia...

Pois semear trigo ou semear ideias, tudo é criar, tudo é trabalhar, tudo é dignificar a terra em que se vive.

Não há muitas noites, na mesma sala em que escrevo estas linhas, tive a dita de ouvir um drama, ainda sem título, de João Luso; um drama cheio de pensamento, de sentimento e de ação. Ao terminar, ao felicitá-lo, pensei comigo mesma com alegria: se temos autores assim sem termos ainda teatro, que será depois!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXVI, n. 9132, p. 1, 05 out. 1909.
http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/21042

O NARIZ POSTIÇO DAS OPINIÕES

— QUÊ! PENSARÁS NA REALIDADE que é só pelo carnaval que a gente anda de nariz postiço? Pobre amigo, mas eu fazia uma outra ideia do teu espírito, quero dizer da tua perspicácia... Não, caríssimo, não! Desde o primeiro dia do ano em que, de casa em casa, arredondamos a espinha dorsal em medidas, depondo aos pés de SS. EEx. os votos de felicidade eterna e os ramilhetes das nossas flores de retórica banal, até o dia de finados, em que, alegres como pintassilgos, nos vestimos de luto como as coroas e atravessamos as ruas de olhos baixos — para não rirmos de certas pilhérias que nos fazem cócegas; desde a semana santa, em que jejuamos em família, para irmos comer no restaurante o belo do bife sangrento com batatas, até o Natal, em que, sem religião, sem nada, fazemos versos a Jesus e rapapés aos três reis magos, e enchemos nas confeitarias as algibeiras e as mãos com pacotinhos de "bonbons", para a distribuição carinhosa às crianças em nome dos anjinhos, em que não cremos, ou no do barbado S. Nicolau, que não nos é simpático; desde que o sol nasce, enfim, até que a lua brilha no zênite, para deslumbramento e gozo deste nosso planeta, trazemos no bolso, como um talismã indispensável, o nosso rico nariz de cera, já tão adestrado, pela força do hábito que, nas repetidas horas em que se faz necessário, não espera que o busquemos com mão impaciente ou jeitosa, mas salta-nos por si só para a face, tão disfarçadamente, que ninguém o percebe, nem mesmo nós!

Vê, por exemplo, se sem o nariz postiço da modéstia, um sujeito qualquer que use cartola, fale alto, olhe de cima para quem lhe roce as abas da sobrecasaca numa passagem casual, pode dizer com sinceridade esta frase, que lhe sai dos grossos lábios entre baforadas de fumo: — Na minha humilde opinião...

A sua “humilde opinião”, se for contrariada, saltará para o adversário com um surto de pantera ou outro animal de idêntica inocência...

Muitas vezes o indivíduo tem bem positiva, bem nítida na consciência a força dos seus argumentos e da sua razão, ao emitir, envolvidas nessa fórmula modesta, as suas convicções firmes e não raro despóticas. “Na minha humilde opinião”, diz ele, o que se deve fazer é isto, e isto, e isto! É o que se deve fazer, e é o que se faz. Pronto.

Não admite réplicas nem recusas, a humilde opinião de sua senhoria.

Em tais temperamentos, é de crer que o nariz tenha saltado por si do negro fundo do bolso para a luz clara da face, num desses maravilhosos passes de prestidigitação moral, de que afinal de contas já ninguém faz caso...

No que acho uma graça suprema, é na flagrante contradição em que este mesmo indivíduo cai, se alguém lhe contesta a sua humilde opinião! Então ele cresce de vulto, as pupilas dilatam-se-lhe, a pele enrubesce-se-lhe desde a linha do colarinho até a do chapéu, e, numa arrogância de ser superior, pergunta com ar de atrevimento e de desdém:

— Você sabe com quem está falando?!

Se o outro afirma que sim, e faz face ao arreganho, vem o mundo abaixo, ou as duas humildes opiniões se esbofeteiam no espaço com um denodo que faz tremer as nuvens e abalar nas torres os velhos sinos de bronze...

O nariz postiço das opiniões toma repentinamente diferentes feitios, conforme o sentimento que é chamado a interpretar, neste ele é tão arrebitado quanto no outro foi descaído, como que a querer entrar pela boca, para se esconder lá dentro encolhidinho e cândido... Mas, quando ele funga admiravelmente, é quando afirma a franqueza que o caracteriza. Ainda ontem eu ouvi do mais chicanista de todos os advogados, deste mundo e do outro, em uma questão em que evidentemente ele procurava enredar o interlocutor, e em que logrou o seu intento, a frase correntia, embora trepidante: — Com a franqueza que me caracteriza, eu te direi...

E o que ele disse, meu amigo, foi uma dessas insinceridades que bradam aos céus a ponto de ensurdecem as onze mil virgens de uma só pancada, e você sabe, por experiência própria, como as virgens são crédulas!

Acontece às vezes que esta mesma frase nasal puxa por outra da mesma espécie, como uma locomotiva por um vagão. Ainda agora mesmo ouvi a uma certa pessoa vaidosa e dissimulada como Tartufo dizer assim, e com pasmosa naturalidade:

— Com a franqueza que me caracteriza, sempre lhe direi que na minha humilde opinião...

A verdade é que estas fórmulas já estão cansadas e sem prestígio.

A que ainda me sugere um pouquinho, não direi de credulidade, mas de curiosidade, é esta, também muito frequente e com que muita gente se arroga qualidades superiores:

— Poderei ter muitos defeitos, mas esta virtude ao menos eu tenho: sou generoso, ou honesto, ou leal etc.

Destarte as imperfeições são sempre hipotéticas, mas as virtudes são certas. Nesse sentido há ainda uma frase mais típica e mais corrente; é a seguinte:

— O meu defeito é confiar demasiadamente nos outros; ou ter boa-fé; ou ser tolerante; ou ser bom demais!

Deste modo, os defeitos que eles confessam são qualidades invejáveis e belíssimas!

Ser bom demais, então, é uma delícia, que a minha falta de perspicácia não me permite compreender bem. Se é defeito o ser-se *bom demais*, que extraordinária virtude será a perversidade! O que te digo é que, apesar de compreender quanto devem ser penosas tais confissões, sinto arrepiar-se-me o bigode a um arzinho de ironia, que vem do fundo da minh'alma à comissura dos meus lábios sempre que as ouço por aí nas ruas, nas salas ou nos cafés. E aí está um dos motivos por que eu conservo a barba; a boca do homem é indiscreta mesmo quando fechada; franze-se para o beijo, se percebe diante de si a boca rubra de uma mulher formosa; dilata-se na expressão amarga da piedade; se passa rente a uma fraqueza humana; arqueia-se no desdém, entreabre-se, comprime-se, encolhe-se ou distende-se à vontade, mudando de expressão por detrás do bigode, como uma mulher muda de vestidos por detrás de um biombo.

E é por isso que a mim mesmo muitas vezes pergunto: se tão frequentemente usamos de nariz postiço, por que demos em tirar à sinceridade da boca a sua máscara natural? Não me dirás?

— Não...

— Por quê?!

— Porque o teu palavreado me fez sono... horrível...

— Deveras?! pois olha, eu poderei ter todos os defeitos, mas ninguém fala melhor...diabo! ainda bem que já adormeceste...

(Do livro — *Os outros.*)

—

Não resisto ao desejo de chamar a atenção dos meus leitores para o concerto que hoje à noite, no salão do Instituto de Música, realizarão as três irmãs Figueiredo. Pelo seu talento, pela sua dedicação ao estudo, pelo sentimento que tão admiravelmente as faz interpretar o pensamento dos mestres de mais complexa e mais difícil interpretação, pela simpatia que emana das suas pessoas tão gentis e atraentes, por curiosidade de observar os progressos que tenham feito nos dois anos em que, longe da pátria, estiveram a aperfeiçoar-se na Europa na sua arte, e pelo dever de as saudar na primeira vez que aparecem em público depois da sua ausência, — é natural que o salão do instituto se encha hoje completamente de amigos e admiradores das nossas jovens patrícias, dignas por todos os títulos da nossa maior admiração.

Deixar de ir a este concerto é incorrer em faltas de diferentes espécies:

— Falta de gosto.

— Falta de cortesia.

— Falta de patriotismo.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXVI, n. 9153, p. 1, 26 out. 1909.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/21288

UMA CHAGA URBANA

HÁ EM UM CONTO, creio que de Fialho de Almeida, uma mulher de tão estranha e poderosa formosura, que basta vê-la de relance para que toda a gente se sinta presa e fascinada por ela. Todas as linhas do seu corpo são de uma harmonia impecável. Dir-se-ia uma deusa grega animada por um sopro divino.

Os seus olhos negros e aveludados são como noites consteladas, cheias de mistério e de sonhos; a boca escarlate e mimosa desafia o beijo como um morango maduro desafia a dentada; a sua pele acetinada e branca faz pensar em carícias lentas, mesmo às mãos menos voluptuosas; o cabelo, de um louro quente, desenrola-se-lhe em ondas largas em que há reflexos de sol e aromas de primavera; enfim, ninguém encontra um senão no seu perfil delicado e no seu gesto recolhido e casto.

Singular mulher, que, sendo moça e linda como nenhuma, é concentrada e triste. Aos seus pés desmancham-se em rimas luminosas madrigais de poetas famosos e grinaldas de flores de namorados sem ventura. Ela não ri nem escarnece dos corações votados ao seu culto. Não há capricho nem piedade na expressão com que recebe as extremadas confidências dos seus adoradores: há só tristeza, há só mistério, há só uma luz indefinível, que parece descer do céu para envolvê-la toda em um nevoeiro de lágrimas que a torna intangível apesar de diáfano.

Como será o coração dessa mulher que não ri, mas de cujos dedos afusados, de unhas luminosas, caem esmolas benfazejas dentro dos rotos chapéus dos mendigos, e afagos sobre as cabecinhas hirsutas dos pequeninos maltrapilhos das ruas?

Em que pensaria essa formosa cabeça de virgem, quando visse passar, enlaçados, casais de namorados felizes, ou quando topasse com alguma mulher ainda moça amamentando um filho pequenino?

Um dia, entre os seus apaixonados, surgiu um moço de índole mais fogosa e mais trêfega do que todos os outros. Também ele era belo e forte, mas despreocupado de tudo que não fosse o amor da sua dama.

Quando ele a via, os joelhos dobravam-se-lhe como para a adoração, mas os seus olhos atrevidos fixavam-se nela com ardor, e a sua língua não vacilava ao dizer-lhe, em todos os tons, que a amava! Cruzando as finas mãos sobre o peito bem resguardado pelo vestido casto, ela tremia, e dos seus lindos olhos borbulhavam lágrimas. Também ela o amava, mas os seus lábios trêmulos quedavam-se mudos e os seus passos se apressavam em uma fuga incompreensível.

Ele não era um menino. Tinha a experiência do amor e por isso adivinhou que a sua paixão era correspondida. Ela corava e tremia quando o via e os seus olhos diziam-lhe o que a boca lhe negava.

Seria por pudor... seria por educação... seria por ter feito ao Altíssimo algum voto de castidade... seria?... por que seria que ela, amando-o, não respondia às suas súplicas? Ramos de cravos ou de violetas atirados de manhã e à noite à varanda do seu quarto: ternas serenatas em que ele lhe cantava em versos o seu grande amor e a sua formosura: cartas, bilhetes, recados, ficaria tudo para sempre sem resposta?!

Em uma noite de insônia e de desespero, o atrevido namorado vendo entreaberta a janela da sua noiva desejada, encheu-se de resolução e escalou a varanda enluarada como a de Roxane.

Verão. Janela aberta para que por ela entrasse o aroma dos jasmineiros e uma frescura da aragem. No leito virginal, de colunas de pau-santo embutidas a marfim e dossel de sedas claras, ela dorme reclinada em almofadas, tranças mal presas, meio pendentes; rosto iluminado pela doce luz da lâmpada suspensa. Ele

parou, extático. Nunca a vira tão linda. Na própria intimidade do quarto o mesmo cuidadoso pudor fizera-a abotoar até o queixo o linho branco da sua camisa de noite, tal qual fazia aos vestidos com que se apresentava na rua ou nos salões.

Na mudez do seu rosto pálido e adormecido a mesma nuvem de melancolia espalhava aquela doçura desesperadoramente misteriosa, que revestia a sua beleza clássica de uma expressão humana e celestial...

Mas o nosso cavalheiro não era um artista contemplativo, era um homem insofrido, impaciente, apaixonado.

Contentar-se com o vê-la na inércia do sonho e partir seria pouco para quem corra os perigos de uma ascensão iluminada pelo luar a tão alta janela. Assim, ajoelhando-se rente ao seu ídolo, ele desatou com mãos sacrílegas os laços dessa casta camisa de noite abotoada até o queixo, na ânsia de contemplar a brancura do colo e os contornos dos seios delicados do maravilhoso corpo que ela cobria. O despertar, um grito de terror inenarrável, uma luta que ele por mais forte venceu, e a casta camisola abriu-se sobre o peito da pobre moça, agora estarecida e com as faces lavadas de lágrimas. Mas logo o moço namorado se ergueu e recuou espavorido. O pequeno seio lácteo e rijo que ele imaginara, como o complemento da absoluta perfeição daquele corpo, era um seio negro, fétido, roído por um cancro...

—

Eu não sei se a história é tal qual eu a contei, nem isso importa; o que me interessa nela agora é o assunto, em que eu encontro pasmosa analogia com a nossa formosa cidade do Rio de Janeiro.

Também ela, a formosa entre as formosas, tem o seu seio canceroso que faz arrepiar os que mais a amam, quando o veem de perto e lhe sentem o mau cheiro peculiar... Somente, a virgem do conto escondia pudicamente a sua chaga, o terrível segredo que a fazia cobrir-se de tristeza, e a nossa cidade ostenta-a à plena luz do sol, como se isso lhe fosse uma glória!

Não é preciso muita perspicácia para saber-se que o seio canceroso da nossa formosa cidade é o morro de Santo Antônio! Eu já não sei quantas vezes, sem receio de parecer importuna, tenho suplicado remédio para o infeliz!

Agora estou contente ou, pelo menos, esperançada, porque o *Jornal do Comércio* se deu ao trabalho de, pelo feio zig-zag dos fundos do teatro Lírico, subir até o aldeamento africano, talvez muito pitoresco e apreciável às margens do rio Zambeze, mas absolutamente deslocado nas lombadas do morro a cavaleiro sobre o Rocio e Carioca, centros civilizados do Rio de Janeiro. Cortada uma grossa fatia ao cume da montanha, ou para melhor dizer na colina, que bela, que maravilhosa esplanada se poderá ali fazer para observação da cidade e da baía!

Jardins de Semíramis, como pareceríeis ridículos em comparação aos socialcos e terraços floridos do nosso Santo Antônio!

Enfoncé o Pincio de Roma e todos os parques e avenidas espiraladas de outras cidades de maior fama...

Que fada prodigiosa virá bater com a sua varinha mágica no *panamá* do nosso prefeito, para que se opere o milagre de tão suspirada transformação? Verei eu ainda mudadas em frescos gramados, entre renques de árvores e lâmpadas elétricas, aquelas ribanceiras esmaltadas de latas velhas, trapos imundos e cacos de vidraçaria?!

Nós falamos do desleixo da Bahia e não poupamos a velha cidade de S. Salvador, sempre que aludimos ao asseio das suas praças e das suas ruas...

Sorride, baianos, sorride com toda a ironia de que for capaz o vosso amável e tolerante coração, lembrando-vos de que em nenhum dos recantos da vossa cidade na sua parte mais civilizada se aglomeram impudentemente, como aqui no morro de Santo Antônio, tantos resíduos infectos e tantos sobejos vergonhosos.

É doloroso, na verdade, que a linda princesa da Guanabara tenha, como a formosa mulher do conto português... um seio canceroso!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXVI, n. 9209, p. 1, 21 dez. 1909.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/22018

GUERRA À GUERRA!

NO NÚMERO DE VINTE DE SETEMBRO ÚLTIMO, do magnífico jornal italiano *La Donna*, de que é representante no Rio de Janeiro o Sr. Américo Ropetto, li há dias uma página que reproduziria de bom grado nestas colunas, se traduzir não fosse para mim uma tarefa quase insuportável, mesmo quando se trate de um trecho de insignificantes dimensões.

Trata essa página de um apelo ardente feito por uma jovem milanese — Antonieta Moglia — a todas as moças suas patrícias, para a fundação de uma sociedade em favor da paz.

É admirável ver-se surgir tão altruística e luminosa ideia de um espírito de menina, exatamente na idade em que, se alguma delas pode pensar na fundação de algum grêmio, será num grêmio dançante sob a denominação piegas de qualquer flor miudinha... Mas Antonieta Moglia parece ter tido a fortuna de contar entre as suas educadoras uma senhora de largo espírito, cujos ideais recolheu insensivelmente, como quem respira um bom ar salubre, para os manifestar depois em plena juventude, fortalecidos e ampliados.

Na verdade, não basta ter belos sentimentos e nobres aspirações, se tudo isso tem de ficar para sempre mergulhado em uma vontade inerte. É preciso agir, sofrer, atirar as suas ideias, com fragor, de encontro aos rochedos tradicionais da má vontade ou da indiferença, para que os grandes ideais se convertam pouco a pouco em realidades. Já não há utopias no mundo: há homens teimosos ou perversos que se obstinam na rotina ou no erro por aberração, na crença de terem atingido uma perfeição de que ainda estão longe! A necessidade da guerra é uma dessas aberrações estúpidas e clamorosas, contra a qual a moderna civilização se insurge, mas a que ainda uns restos de selvageria e de barbarismo dão um triste e nefasto prestígio.

É preciso ter-se estado na guerra, disse-me um dia um militar, ter sofrido e visto sofrer as rudes brutalidades, todos os sacrifícios físicos e morais que ela inflige ao soldado, mesmo ao mais belicoso, e que julgará submeter-se a tudo até com certa voluptuosidade para a maldizer como a mais injusta de todas as violências que jamais pudessem arrastar um homem! Não há orgulho, vaidade, brio, nem ambição que justifiquem a angústia, a impiedade ou o terror do último momento que precede ao de começar uma batalha. O mais obscuro cérebro ilumina-se em um relâmpago com uma claridade que o assusta. Ao instinto da própria conservação que lhe faz percorrer um arrepio pelas carnes, o soldado compreende que vai, deixando-se matar, matar outros homens, como ele inocentes e dignos de uma vida longa... E não há nisso covardia: há coração, há o instinto da humanidade.

Dizia Garibaldi, considerado como a verdadeira encarnação do espírito guerreiro, que, acabada a guerra pela liberdade, ele se sentiria feliz em travar a maior batalha que jamais se tivesse ferido no mundo inteiro, contra a própria guerra. Fazer guerra à guerra foi a sua última e mais ardente aspiração.

Mas o que o feroso general não pode fazer, poderemos fazê-lo nós todos, homens e mulheres de boa vontade. O exemplo de Antonietta Moglia salta as barreiras da Itália e percorre o mundo como um facho de luz pura e redentora. Não o deixemos passar em vão. Como as mulheres italianas, por que não se hão de congregar as brasileiras num trabalho persuasivo, embora lento, em favor da paz? Como — *La società delle giovinette italiane per la pace*, por que não teremos também nós uma sociedade de brasileiras com iguais intuitos? A ocasião é propícia. São sempre propícias as ocasiões para fazer o bem, e trabalhar pela paz é trabalhar para a felicidade das multidões anônimas, para o bem da família humana, já tão atormentada por grandes revezes irremediáveis. A paz só pode trazer benefícios. Que traz a guerra? Pobreza, tristeza, orfandade. Nem ao menos os ódios ela apazigua. Acabada uma guerra, ficam sempre nas duas nações

combatentes resíduos de ódios que se não apagam jamais, antes fomentam mais entranhados e disseminados pelo povo. Tais ou tais gentes, que viviam arroteando os seus campos descuidadamente, não cogitavam em querer mal a este ou àquele país até o dia em que o seu governo lhe foi buscar à casa um ou dois filhos, para os atirar à guerra como carniça para os urubus. Esses filhos não voltam, ou voltam aleijados, e essas gentes, que antes só tinham coração e olhos para a sua família e o seu trabalho, sentem agora no coração um ódio irreprimível contra certas nações que antes lhes eram simpáticas ou indiferentes...

E eis aí um dos mais insignificantes resultados da guerra, e tanto que mal contam com ele!

Por mim não posso ouvir falar com serenidade nesses conflitos de que todos os efeitos são sempre funestos e exultaria por isso de ver, não só a mulher brasileira como a argentina, a uruguaiana, a chilena, ou mesmo todas as mulheres do continente americano, empenhadas nessa grande obra de amor e de bondade.

Se a preocupação da política moderna é evitar a guerra, ajudemo-la nós todas, procurando no lar ou na escola, em qualquer ocasião, sob todos os pretextos, encaminhar o espírito dos nossos filhos, dos nossos irmãos ou dos nossos discípulos, para o luminoso e leal caminho da paz e da confraternização humana.

O ódio das nações nasce, alimenta-se e cresce muitas vezes devido a pequenas quizílias de má educação, frases grosseiras ditas impensadamente por quem não tem o bom senso de saber conter as suas antipatias muitas vezes infundadas, provocando assim reações fatais e perigosas. Um dito de um, uma resposta de outro, hoje... amanhã... depois... fermentam pouco a pouco a paciência e azedam o sangue para, ao menor estremecimento, se dar um dia a explosão. Para que tal não se dê, será preciso trabalharmos todos muito e muito e muito no sentido de abaixar a temperatura dessas exaltações pelos meios talvez lentos, mas eficazes de uma propaganda vigorosa, metódica e inteligente.

GUERRA À GUERRA!

De quais deles se servirá a *Società delle giovinette italiane per la pace* para o alcance do seu fito? Inspiradas pelo exemplo da Lisístrata grega, que só no Amor percebeu forças para vencer as guerras, negar-se-ão todas as moças desse formoso país do amor a casar-se com militares, entrando nos seus contratos de casamento, mesmo [ilegível] civis, a cláusula do divórcio em caso de abandono do lar pela guerra? Ignoro-o. E Deus sabe quanto os estatutos dessa sociedade me interessam!

Entretanto, tenho quase certeza de que, como a famosa Lisístrata grega, dirão ou pensarão as donzelas italianas: — nós não queremos que os nossos noivos façam a guerra, mas que sejam aptos para fazê-la!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXVI, n. 9216, p. 1, 28 dez. 1909.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_03/22116

NUVEM NEGRA...

LA RELIGION EST IRRÉVOCABLEMENT devenue une affaire de goût personnel, disse o límpido Renan, na suposição de estar anunciando uma doce verdade. Pois enganou-se o amigo. Em alguns países desse mesmo continente em que ele nasceu e viveu, lendo, escrevendo e observando, a religião está-se tornando não uma questão de mero gosto pessoal, mas uma coisa opressora e terrível, cujas consequências ninguém poderá prever sem um arrepio de susto.

Nada menos de dois telegramas de procedência diversa, conquanto ambos da Europa, e estampados na mesma folha e no mesmo dia aqui no Rio de Janeiro, demonstram o estado de fanatismo retrógrado em que se acalcanham certas populações europeias.

Um desses telegramas, de França, diz que os alunos de diversas escolas da cidade de Angers se recusam a estudar pelos livros recentemente condenados pelo clero. Ora, com certeza esses livros aprovados pelo ministério de instrução pública da França não se destinam a ofender preconceitos ou sentimentos religiosos deste ou daquele estudante, mas a respeitar as ideias de todos eles, sem melindrar, pela propaganda de uma só religião, os adeptos de outras, que porventura se achem reunidos na mesma classe. E esse respeito pelos ideais de cada um é, além de um dos mais belos característicos da escola moderna, uma das suas maiores necessidades, principalmente em um país como a França, em que os preconceitos de religião e de raça são tão mesquinhos que os israelitas são sempre mal considerados e guerreados pelos cristãos e até mesmo pelos irreligiosos!

Parece-me a mim que religião não se aprende no colégio, folheando livros trabalhosamente, mas sim em família, sem esforço, pelas tradições paternas e pelos exemplos recebidos nos períodos impressionáveis da infância e da adolescência...

E uma prova de que a influência religiosa da escola é nula ou quase nula, existe no fato, muitas vezes comprovado, de que geralmente os rapazes menos crentes, e mesmo a maior parte dos ateus, foram os rapazes educados em colégios de padres; o que indica ainda que o excesso do fervor religioso, como o de todas as coisas, produz resultados contraproducentes. A uma senhora educada em um convento ou colégio de freiras de Itu, ouvi eu há anos dizer, em resposta a alguém que a arguia por nunca a ver na igreja à hora da missa:

“— Durante dez anos da minha vida ouvi missa todos os dias de manhã muito cedo e em jejum. Considero por isso que paguei todas as minhas dívidas adiantadamente e que ninguém tem o direito de me censurar. Quem sabe mesmo se eu não paguei demais?!”

Se em menina esta senhora se tivesse limitado a ir à missa aos domingos, com a sua mamãe, e fossem só as mãos ingênuas da sua ama que lhe tivessem unido as suas para a oração da noite, talvez que ela guardasse ainda no fundo do seu coração, profundo e inalterado, o sentimento do céu. Não afirmo, como muita gente faz, que os colégios religiosos fazem freiras ou descrentes, sendo de extremos resultados; mas desconfio que o ensino leigo favorece mesmo mais do que o religioso, quase sempre opressivo, a fé de cada um.

Se os estudantes de Angers querem defender e guardar intacta a crença dos seus velhos avós, não devem cogitar de ler religião nos livros, mas deixarem-se apenas penetrar por ela na atmosfera do seu lar querido...

O outro telegrama, muito mais assombroso, descreve o castigo infligido a uma mulher do povo que sofreu a pena de sete dias de prisão e de vinte e quatro horas de jejum absoluto, só por ter, como vendedora ambulante das ruas de Viena d'Áustria, embrulhado uma mercadoria qualquer em um pedaço de jornal em que figurava a efígie de um santo!

Não pode haver sintoma mais significativo. A coisa chega às raias da loucura pavorosa. A desgraçada mulher, besuntando inocentemente com umas tantas gramas de manteiga, de queijo ou de presunto, o rosto seráfico, mas barbudo, de santo Onofre ou Tertuliano, Umbelino ou Gregório, Antão ou o [que] quer que fosse, mal imaginaria estar cometendo uma irreverência digna de tamanha punição!

Mas a culpa teve-a, e era esse quem deveria ir para a masmorra, quem se entreteve por mero espírito de adulação em ofender a reconhecida modéstia dos mártires canonizados, estampando a figura de um deles no papel barato da imprensa cotidiana, destinada a outras homenagens mais práticas ou mais artísticas.

Vão ver que a pobre analfabeta pensou que aquilo era o simples retrato de um ministro de Estado, de um príncipe, de um sábio ou de um poeta!... Perigosa simplicidade...

Mas também não deixa de ser perigoso que os santos nos venham agora fazer concorrência, gastando com as suas belas pessoas os *clichés* que nos são destinados a nós, artistas, industriais, políticos, filantropos... e a quem, enfim, essa maneira moderna de consagração traz certas vantagens mais positivas e menos provocadoras...

Seria demasiadamente simples quem indagasse: — Se as barbas conspurcadas com o sebo de porco não fossem as de um santo, dizimador guerreiro de outras eras, ou asceta egoísta das montanhas, mas fossem por exemplo, as de Pasteur, o benfeitor, ter-se-ia portado do mesmo modo a polícia de Viena?

Rir-nos-íamos se o caso fosse para rir; mas não é. O caso é aterrador; é como uma dessas nuvenzinhas negras, vistas de bordo em alto-mar pela marinhagem de um navio mal aparelhado, sem forças de resistência. Ao princípio essa nuvenzinha negra parece apenas um pequeno ponto no horizonte; mas logo o vento forte da tempestade a engrandece e espalha e cobre com ela toda a face enorme do firmamento, ameaçando de a fazer desabar fragorosamente sobre a frágil embarcação!

Enquanto o fanatismo religioso não faz outras vítimas mais do que as voluntárias, como essa pobre histérica recolhida a um hospital de Turim, de que nos fala também um telegrama destes últimos dias, a qual se coroara com espinhos pungentíssimos, atravessara as mãos com cravos e se ferira nas costas, por amor de Deus; vá! sua alma, sua palma. O seu fanatismo não prejudica senão a ela e aos que a rodeavam, e não souberam, ou não quiseram desviá-la dessas tolices trágicas e nefastas. Mas o zelo excessivo da polícia de Viena, maltratando pelo martírio da prisão e da fome uma pobre criatura indiferente e que tratava de ganhar a sua vida honestamente, mercadejando pelas ruas, isso é que me parece mau prenúncio, triste prenúncio...

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXVI, n. 9230, p. 1, 11 jan. 1910.

http://memoria.bn.br/DocReader/178691_04/169

ESCREVEM-ME:

“Com este sol de rachar pedras e estas tempestades súbitas ninguém sabe como há de ir à rua em circunstâncias de cerimônia. Um dia destes um amigo meu, tendo de ir acompanhar um enterro à hora formidável do sol forte, quase desmaiou só com a ideia de ter de envergar a sua pesada sobrecasaca preta e de pôr o seu alto chapéu de pelo lúcido. Nunca o pano do seu terno solene lhe pareceu tão felpudo, tão grosso nem tão pesado, assim como nunca a sua cartola se lhe afigurara tão alta nem tão excessivamente grotesca! É esquisito, dizia ele, contemplando esses objetos graves, antes de se decidir a pô-los sobre a sua aterrorizadíssima pessoa, como a ação da temperatura modifica as opiniões da gente nas grandes como nas pequenas coisas! Quando em junho mandei fazer este terno e comprei este chapéu, tive a consciência de adquirir objetos de alta elegância e impecável correção, agradáveis ao tato e impondo à vista alheia consideração e respeito. Entretanto, hoje, excluindo mesmo o medo do abafamento que eles fatalmente me produzirão, como se me não bastasse o desta temperatura de trinta graus à sombra, todas as suas qualidades as vejo subitamente transformadas em defeitos irremediáveis e terríveis.

E o meu desventurado amigo, vendo que a hora do enterro se aproximava e que precisaria obedecer às praxes da nossa sociedade, enfiou os braços, gemendo, nas mangas da sua grande sobrecasaca, pôs na cabeça para logo a tirar e tornar a pôr, sucessivamente, a sua cartola, que lhe dava a sensação de ter encolhido ou de se ter a sua cabeça dilatado, e saiu para a rua bufando e congestionado, depois de me ter escrito este bilhetinho:

⁴² N. da E.: Este texto viria a integrar o livro *Eles e elas* (1910). A informação não foi dada no jornal, diferentemente do que ocorreu com a maioria dos textos destinados a esse livro.

— “Amigo! Como não tenho mulher nem filhos, faço-te a ti esta recomendação: se eu morrer no estio, não convides ninguém para o meu enterro e aos poucos amigos que me quiserem acompanhar à última morada permitelhes que o façam de Panamá e flanelas claras. Aconselha-lhes também ventarolas.”

Quando recebi este bilhete do meu amigo, vestia-se minha mulher para uma visita de certa cerimônia. Estava exatamente pondo em frente ao espelho o seu chapéu novo, em que se balançam sobre tufos de tule fino uma considerável quantidade de cachos de lilás feitos em escomilha ou não sei quê; enfim, flores de uma composição muito cara e muito complicada, tanto que só por causa delas nos custou esse chapéu noventa e cinco mil-réis. Era de cem. A modista foi extremamente amável dando-o por noventa e cinco, na opinião da minha mulher. Como um traste desses não é para andar em casa, nem mesmo para sair todos os dias, mas para as grandes exceções de luxo, apesar de pobre e um pouco desfalcado na ocasião, comprei-o.

Li alto o bilhete do meu amigo, enquanto minha mulher observava no espelho o efeito do seu chapéu e corrigia o veuzinho.

Rimo-nos muito e saímos bem-humorados, apesar do calor. Tínhamos andado aí uns dez ou doze metros quando ela objetou:

- O sol está muito forte. É capaz de desbotar as flores do meu chapéu...
- Abre a sombrinha...
- Não basta...
- O bond não tarda...
- Sim. Mas do ponto terminal do bond à casa das nossas amigas ainda é um estirão e com este sol...
- Que se há de fazer?
- Alugar um carro. Antes gastar dez mil-réis em um carro do que estragar um chapéu de cem mil-réis!
- Noventa e cinco...

— Grande diferença!

— Realmente... eu bem disse que essa cor era muito delicada...

— Em resumo. Para não estragar as flores do chapéu da minha mulherzinha aluguei um carro que nos levou ao nosso destino; e como a visita tinha de ser demorada, despedi economicamente o carro à porta. Voltaríamos à hora da sombra aproveitando o bond.

Assim fizemos; mas ao chegar de volta à Avenida desencadeia-se tal tempestade, que em vez de corrermos a tomar o outro bond do largo de S. Francisco, que nos levasse diretamente à casa, embarafustamos por um cinematógrafo, com o fim, não de nos resguardar a nós, que somos moços e estávamos de perfeita saúde, mas para livrar da ruína certa os lilases do chapéu de minha mulher.

Por infelicidade, nós tínhamos justamente visto na véspera à noite, naquele mesmo cinematógrafo, aquele mesmíssimo programa!

O acaso fora mais uma vez estúpido! Mas que fazer? Enquanto aturássemos lá dentro aquela maçada, talvez cá fora o tempo melhorasse...

Foram mais dois mil-réis lançados assim à conta do chapéu de flores. Dois e dez — doze. A sessão foi comprida.

Pelo menos sete fitas! Saímos derreados. Chovia ainda, chovia mais, muito mais, e eram horas de jantar.

— Vamos assim mesmo? perguntei. Por única resposta, minha pobre mulher levantou os olhos para a larga aba do seu chapéu de noventa e cinco... não, de cento e sete mil-réis. Compreendi. Encostei-me ao umbral e pus-me a esperar resignadamente, olhando para as pedras alagadas da rua. O fragor da água em vez de diminuir aumentava, aumentava atordoadoramente. Vendo que minha mulher se encolhia toda e parecia vexada, propus que, para disfarçar, entrássemos de novo e assistíssemos a uma outra sessão. Seria ridículo ficarmos ali à espera eternamente! Para isso foi preciso comprar mais duas entradas e despende, portanto, mais dois mil-réis por causa do chapéu.

O pior é que tivemos de ver pela terceira vez as mesmas cenas sentimentais, o que constituiu um suplício inarrável.

Quem se deveria estar regalando com aquela chuvinha havia de ser o meu amigo, tão queixoso horas antes. Esse já com certeza teria voltado do cemitério, mudado de trajes e estaria agora jantando no seu restaurante, folgadoamente, regaladamente.

Quando, acabada a sessão, saímos para a sala de espera, verificamos que a chuva só tinha feito uma coisa: — aumentar.

— E agora? perguntei eu.

— Só um automóvel.

— Um automóvel?! mas, filha, com este tempo ele não nos leva à casa por menos de uns vinte mil-réis!

— É preferível gastar vinte mil-réis a estragar um chapéu que custou noventa e cinco!

— Não! o chapéu já nos está em cento e nove mil-réis: contando as quatro entradas do cinematógrafo e dez mil-réis do carro...

— Paciência. Que se há de fazer? Por que não trouxeste guarda-chuva? Esta mania de andar só de bengala!

— E tu? Por que o não trouxeste também?

— Havia de ser muito bonito; eu de vestido claro e chapéu de tule e de flores com um guarda-chuva preto na mão!

— Parece impossível como vocês, mulheres, se sujeitam a esses caprichos da moda!

— Ah! somos só nós? Já te esqueceste da carta do teu amigo? Quem sabe até se ele não apanhou uma congestão cerebral por causa da sobrecasaca e do chapéu!

— Qual!

— Talvez aquele automóvel que está ali parado nos levasse por um preço razoável...

Enfezado, chamei o automóvel e meti-me nele com a minha mulher, sem mais discussões.

— Se não fosse o chapéu, dizia ela pelo caminho, eu não me importaria. Até gosto de apanhar chuva, de improviso, quando estou com vestido de lavar e chapéu simples... e afinal ir da Avenida ao largo de São Francisco não é uma distância assim tamanha!...

— Certamente que não...

— E à minha saúde nunca fez mal a chuva...

— Nem à minha...

— Até parece que estimula o sangue. Obriga a andar depressa...

— Por força... Se em vez de estarmos sentados naquelas duas estafadíssimas sessões do cinematógrafo tivéssemos corrido para o nosso bond, estaríamos já em casa, jantando com apetite...

— Sim. Mas compreendes... Em que estado teria chegado o meu chapéu!...

Quando fui pagar ao *chauffeur* já à porta de casa, ele exigiu a soma de trinta mil-réis e uma gratificação ainda por cima. Paguei, despedi-o e entrei casmurro para o quarto de *toilette*, onde encontrei minha mulher já de chapéu na mão, observando as flores com um arzinho melancólico: afinal, apesar das precauções, sempre alguns lilases tinham pendido, umedecidos, para a copa de palha de arroz e de tule branco, manchando-a levemente de verde e de roxo! “Será preciso, dizia ela, mandar substituir, ao menos estes três cachos por outras flores...”

— Ora, filha, isso não valerá a pena...

— Como não?! um chapéu modelo, novo, de noventa...

— Perdão! o teu chapéu mesmo sem a tal substituição que projetas, não nos custou noventa e cinco mil-réis, mas cento e quarenta! Para um ricaço, isso não é nada, bem sei, mas para nós que mal começamos a nossa vida, confessa que é terrivelmente caro!

— Que se há de fazer... Uma senhora não pode deixar de sair de chapéu!...

— Mas nesta estação de sol ardente e chuvas inesperadas sai de vestido de linho e chapéu desafiador de tempestades!...

— Dizes isso porque és homem.

Calei-me e, como a visse amuada, desprezando a sopa do jantar e o vinho que lhe pus no copo, mandei no dia seguinte substituir-lhe os três cachinhos estragados do chapéu, por outras três flores iguais.

A modista, por ser para nós, fez essa rápida e insignificante substituição só pela quantia de trinta e cinco mil-réis. Para outro qualquer seria quarenta, disse ela. No fim de tudo fiquei ao menos com essa consolação; mas, contando com fretes, gorjetas etc., perdi a noção exata do preço do chapéu. E é melhor assim.

Poderá fazer desta carta o uso que entender.”

Como contém um aviso: — publico-a.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXVI, n. 9244, p. 1, 25 jan. 1910.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_04/393

CRIME PREMEDITADO

QUEM ME AJUDARÁ A DEFENDER este formoso morro de Santo Antônio da ameaça de morte com que o afligem agora? Será possível que toda a gente desta cidade maravilhosa seja indiferente à beleza e ao futuro deste sítio de tão pitoresca topografia, a ponto de consentir, sem reflexão nem tino, no seu arrasamento?!

Se os sindicatos estrangeiros têm muito desejo e grande necessidade de arrasar morros, que se atirem com unhas e dentes ao do Castelo, já meio desmantelado e arruinado, que afeia a cidade e lhe intercepta em grande parte o ar puro da barra, tão indispensável à sua respiração. Há mais de uma rua começada na Avenida Central à espera de que o monstro acabe de cair, para que ela possa continuar o seu caminho interrompido até ao mar.

Compreende-se que o Castelo desapareça, para que da baía o viajante logo ao primeiro golpe de vista alcance grande parte da cidade, que ele hoje encobre com o seu corpo de corcunda mutilado e inútil. Aplanada a sua área, o Rio de Janeiro parecerá, contemplado do mar, de redobrada extensão e tresdobrada beleza. À noite, o estendal de luzes, que a sua silhueta torta e negra hoje encobre, acrescido com as lâmpadas das novas praças e novas avenidas, fará da nossa capital a mais deslumbrante e a mais feérica capital do mundo. Sentinela emudecida e cega, a sua morte pode ser considerada mais um alívio do que um desastre. Depois, em um dos pontos mais belos ou mais centrais da sua área aplanada, elevaremos um monumento glorificador à sua memória e tradições, e com isso lhe pagaremos o nosso tributo de gratidão e de saudade.

O arrasamento do morro do Castelo trará, pois, à cidade todas as vantagens: trar-lhe-á do mar ar puro para os seus pulmões infectados e descortiná-la-á amplamente aos olhos do viajante, que entre, ou que passe.

Mas o arrasamento do morro de Santo Antônio, não. Ele poderá favorecer melhormemente interesses práticos e pessoais, traduzidos em lucro monetário, ao sindicato estrangeiro que o premedita; mas esse mesmo sindicato não poderá nunca apresentar argumentos sérios e convincentes de que tal obra seja benéfica e necessária à cidade. Ao contrário. O morro de Santo Antônio, já não sei quantas vezes o tenho dito neste mesmo lugar, é, pela sua própria topografia, um dos sítios mais lindos e mais aproveitáveis do Rio de Janeiro.

Esses mesmos senhores ingleses, americanos ou franceses, que se propõem eliminar do solo carioca esta redonda excrescência — como um cirurgião se proporia a tirar pela rasa um tumor maligno de um corpo são — se o vissem bem no centro, bem no coração da sua Londres ou da sua Paris, não ousariam talvez lembrar sequer aos seus respectivos governos a necessidade de tal operação! É verdade que tais governos não lhe teriam dado azo para isso, visto que em qualquer capital civilizada da Europa um morro como o de Santo Antônio estaria desde muitos anos transformado em um dos seus bairros mais famosos e mais queridos. Arrasá-lo por quê? Ele não prejudica em nada a higiene da cidade de que não encobre belezas nem abafa o ar. Os seus inconvenientes não são por culpa sua, mas pelo criminoso desmazelo em que o conservam os poderes públicos. Quando sulcado por largas avenidas arborizadas e rematado no cimo por um parque em que ficará bem assente o observatório e talvez, por exemplo, e para lembrar alguma coisa mais, o palácio do Parlamento, um hotel etc., esse sítio constituirá uma espécie de sanatório para o corpo e para a alma. Dali se desvendará grande parte da cidade e da baía sem notável esforço de ascensão nem perda de tempo, visto que a montanha, além de ser central, não é de altura desmesurada.

O que ele é atualmente, todos nós o sabemos: um cancro. O que ele poderá vir a ser: um jardim. Mas um jardim como há raríssimos nas cidades de maior luxo e grandeza, um grande jardim, entremeado de residências, desembocando alegremente em vários trechos da cidade: largo e rua da Carioca, largo do Rocio,

ruas do Lavradio, dos Arcos, Evaristo da Veiga e Senador Dantas. E por todos esses caminhos macadamizados, iluminados à eletricidade, subiriam carros até ao *plateau* admirável. Esse luxo não é coisa efêmera, nem mera fantasia de poeta. É uma necessidade para o complemento da beleza da nossa capital; é o aproveitamento inteligente de uma qualidade rara que ela possui por obra e graça da santa natureza, e que não foi, ou parece não ter sido ainda compreendida!

Por muito tempo afaguei a esperança de que o ex-prefeito Dr. Passos, a quem o Rio de Janeiro deve uma estátua de profundíssima gratidão, viesse morar alguns meses, ao menos, da sua vida, em Santa Teresa e fizesse aos santos o milagre que eles já não têm força de fazer por si. Mas o Dr. Passos veio da Europa para tornar a voltar para a Europa, e não me parece ter percebido em ninguém nem sequer o esboço de um gesto com que se procurasse retê-lo mais algum tempo entre nós, e sabe Deus como precisamos de quem saiba e possa trabalhar! E se pensei no Dr. Passos é porque só um homem de grande energia, como a já demonstrada por si, será capaz de empreender essa obra de beleza, de redenção e de justiça.

A vista dos prefeitos agora deve-se voltar para os morros. Pior que o do Pinto e o do Livramento, o de Santo Antônio requer atenção imediata. Forneçam aos seus pobres outras moradias, mais salubres e dignas da nossa civilização, nos subúrbios ou em qualquer outra localidade, e tratem depois de sanear a montanha sem a arrasar, que a sua terra não faz absolutamente falta à enseada da Glória, muito linda assim, naquela curva airosa e sem monotonia. A avenida à beira-mar está muito bem como está, ora em linhas retas, ora em linhas ondeantes, o que lhe dá diferentes e encantadores aspectos. De resto, a nossa baía requer respeito; não lhe roubem mais nada — ou eu grito. Se as montanhas cariocas parecem demais aos senhores estrangeiros, e também demasiada a largura da Guanabara, a coisa irá ao ponto de proporem o arrasamento do Corcovado e outras montanhas, para um istmo daqui a Niterói... Não! A

natureza dotou a nossa cidade com os mais maravilhosos dons que jamais se viram reunidos em um só lugar: defendamo-los de toda a espécie de especulação que os⁴³ deturpe. Quando eles se tornem, como o Castelo, num embaraço para a vida orgânica da população, vá; mas quando além de belos eles são inofensivos à parte da cidade que os rodeia, clamemos todos para que não lhes bulam senão para os tornar mais belos e melhores.

O meu protesto aí está.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXVI, n. 9258, p. 1, 08 fev. 1910.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_04/585

⁴³ N. da E.: No jornal, grafou-se "que as deturpe"; supondo que o pronome se refira aos "maravilhosos dons", alteramos para o masculino "os".

CRIME PREMEDITADO

O SR. JORGE SMILLS, que, pela *Tribuna* do dia 11 do corrente, com tanta deferência, respondeu ao meu artigo da última terça-feira no *Paiz*, ou não me leu com muita atenção ou, inconscientemente, alterou a intenção de parte de minhas palavras. Procurarei agora por minha vez responder tópico por tópico ao seu artigo, que tenho à vista.

Não creio que a permanência do morro de Santo Antônio prejudique o saneamento da cidade (que é já hoje uma das mais saudáveis do mundo), a não ser que o deixem para sempre assim como está, convertido em uma aldeia africana, vergonhosa e suja, do que Deus nos livre e guarde. Quando insisto, como já tantas vezes tenho feito, pela conservação desse morro, não é com o fito de que ele continue a ser o que tem sido até aqui, um lugar de abandono; mas que, pelo contrário, o transformem em um sítio aprazível, cortado de avenidas circulares arborizadas, com habitações públicas e particulares, casa do Congresso, hotéis etc., e rematado em cima por um grande parque. Os senhores arquitetos teriam ali excelente campo para demonstrarem os recursos da sua arte e do seu bom gosto, e a cidade lucraria, com o aproveitamento desse morro central e de uma configuração tão regular, um dos seus melhoramentos mais originais e mais belos. As outras montanhas da cidade: Tijuca, Santa Teresa etc., são e serão sempre arrabaldes, e quanto aos morros da Favela, do Pinto e da Conceição, não podem, pela sua própria topografia e situação, ser comparados ao de Santo Antônio.

Em todas as partes do mundo civilizado a estética tem muitíssimo que ver com os melhoramentos com que se projete alterar-lhes o aspecto primitivo, e, portanto, tais melhoramentos não se devem realizar senão depois de larga discussão entre as autoridades competentes no assunto, e senão depois de muita

reflexão e muito estudo. Está claro que a higiene deve estar sempre de acordo com todas as soluções de tais problemas. O morro de Santo Antônio não é tão feio.

Ele tem a forma de uma imensa tartaruga.

Dirão que a tartaruga não é positivamente o animal de mais perfeitas e harmoniosas formas, mas é, com certeza, das mais simples e regulares, e neste caso, aplicadas ao dorso da montanha, das mais aproveitáveis. Tirada do seu vértice uma grossa, mesmo bem grossa fatia, ele se reduzirá a uma colina, majestosa em todo o caso, e muito mais bela pela sua situação do que por exemplo o Pincio, que é um dos orgulhos de Roma.

Se o morro está recamado de casebres e por isso infiltrado de espurcícias, a culpa não é dele, mas de quem consentiu que tais atentados se consumassem. Quando estiver recamado de casas, não de tábuas de caixotes velhos e de telhas de zinco, mas de alvenaria, de tijolo e de estuque, os inconvenientes dessas infiltrações terão desaparecido, e a atmosfera, agora saturada de miasmas, será impregnada do aroma das murtas, das magnólias e das acácias das alamedas e dos jardins... Então produzirá benefícios e dará renda ao fisco, porque as autoridades poderão exercer ali, como em qualquer outra parte da zona urbana, a necessária fiscalização. Pensar o contrário é de uma ingenuidade quase ridícula. Pois então as casas edificadas em montanhas muito mais altas do que essa não satisfazem todas as exigências da Prefeitura e da Saúde Pública? Ouso afirmar que reedificado, ou antes, edificado convenientemente o morro, os poderes municipais receberão de todo ele os impostos a que tiverem direito.

Certamente que adoro o bairro de Santa Teresa, cuja salubridade não cesso de proclamar, conforme observa o Sr. Smills. Direi, entretanto, que para mim, particularmente, que habito nesse morro uma casa a cavaleiro do de Santo Antônio, o arrasamento deste último só poderia trazer a vantagem de redobrar a extensão do panorama que desfruto das minhas janelas, o que valorizaria ainda por cima a minha propriedade. Quer isto dizer em português claro e limpo que para mim, individualmente, a supressão do morro de Santo Antônio seria uma obra vantajosíssima.

Mas eu não falo em meu nome, mas no da cidade, que adoro. Por enquanto, o ponto desagradável e feio de todo o trajeto da Carioca ao Silvestre, é exatamente a parte do morro de Santo Antônio, coberto de feias ruínas, de lixo e de muralhas altas e desgraciosas como as das penitenciárias.

Mas está claro que essa face do morro deverá ser também completamente modificada.

Por mais poderoso que seja o sindicato, ele não terá o poder de convencer-me de que será capaz de fazer um traçado de linha de bonds mais sedutor para Santa Teresa do que o atual, quando o Santo Antônio estiver convertido em avenidas e jardins, tendo a ligá-lo a Santa Teresa essa obra característica dos arcos, que temos o dever de conservar como um documento histórico da nossa civilização. Que pretenderão fazer dos arcos após o arrasamento do morro de Santo Antônio? Demoli-los, naturalmente. Que ideia patriótica e simpática! As velhas civilizações conservam os seus monumentos com respeito e com amor; nós pensamos em inutilizar o único verdadeiramente típico que possuímos. Ora, quem tem uma pena na mão deve defender essas coisas; é o que eu faço e o que farão outros jornalistas amantes desta cidade tão privilegiada pela natureza.

Buenos Aires, sigo a responder tópico por tópico ao Sr. Smills, não foi tornada plana pelos homens. Tivesse ela um morro como o de Santo Antônio e eu aposto em como faria dele um dos pontos preferidos da sua população. Os miradouros e os terraços, em que dali se pudesse debruçar sobre as águas do Prata e sobre a zona mais povoada da cidade, seriam, como naturalmente virão a ser os daqui, os sítios mais frequentados por quem deseje apreciar ao mesmo tempo os sucessos das águas e os das ruas e praças principais da cidade a seus pés.

O trânsito até o alto do morro será fácilimo, que nem tão íngreme ele é, de mais a mais diminuído na sua altura pelo largo platô em que lhe achatassem o vértice. Os limites que à nossa cidade põem os morros da Tijuca, da Gávea e de Santa Teresa, dão bastante espaço para que ela cresça ainda e se espreguice!

O governo poderá reunir artistas e higienistas para estudarem este assunto, dando depois das suas observações um parecer imparcial. Está claro que

um sindicato poderosíssimo, como dizem ser esse que propõe ao governo o arrasamento do morro, tem nas suas mãos meios formidáveis de conquista, que seriam para temer se os nossos governantes não fossem probos e não soubessem escolher gente proba para tais estudos e pareceres. O ministro da viação ponderará esta opinião, externada com a maior sinceridade, embora ao correr da pena.

Seria o caso, por exemplo, de lembrar uma consulta ao nosso ex-prefeito Dr. Passos, que deu sobejas provas do seu bom gosto nesta cidade, que remodelou, tendo depois disso viajado e observado muita coisa bela. A opinião desse senhor não pode ser suspeita. Ele é um corajoso, um competente e um patriota, e tem bem na memória a topografia do Rio e as suas necessidades; veremos para qual dos dois lados pende a balança, se para o lado do sindicato, se para o meu.

E podemos ficar certos de que a higiene da cidade nada sofrerá com a conservação do velho Santo Antônio, de faces redondas, por onde os ventos da barra resvalarão, circundando-o todo na sua larga carícia benfeitora. Entretanto, por que não arrasará o mesmo sindicato o morro do Castelo, e não lhe aproveitará a área arrasada para a construção de ruas e de prédios? Por que não transformará os feios morros do Pinto e da Favela em vilas operárias higiênicas, cortadas de conduções baratas para os pobres e os operários da cidade?

Feita esta pergunta, permitam-me ainda uma súplica:

Se levarem de vencida o arrasamento do morro de Santo Antônio, não aterrem com ele a enseada da Glória; levem-no antes para... Copacabana, ou para o Amazonas. Continuo, como veem, a considerar um crime a realização de semelhante obra.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXVI, n. 9264, p. 1, 15 fev. 1910.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_04/655

CRIME... CONSUMADO?

AINDA O MORRO DE SANTO ANTÔNIO?! Sim, ainda, e a culpa não é minha, mas das circunstâncias que me obrigam a insistir no assunto. Pelo que vejo, os meus argumentos são inúteis, visto que o arrasamento do morro é coisa decidida e talvez já decretada. O sindicato está radiante e como favor *talvez* nos conceda a conservação dos arcos, o que é já para agradecer. Apesar, porém, da inutilidade dos meus debates, volto ainda à questão por esta mesma folha, onde, não de agora, mas de há anos, por várias vezes, tenho externado a minha opinião sobre as vantagens que para a estética da cidade e para gozo da sua população, principalmente nas noites ardentes de verão, seria o aproveitamento do resignado morro em avenidas e jardins.

Se, por exemplo, o Sr. Jorge Smills se der ao trabalho de consultar a coleção do *Paiz*, verá, quer encaixadas em artigos de assuntos vários, quer em crônicas especiais, que a obra do embelezamento desse local às faldas do qual nasci, *ça va sans dire*, é há muito tempo uma das minhas preocupações. Quem estiver, como o meu distinto contraditor, informado sobre a situação da casa em que habito, com passagem quase obrigada por esse morro, compreenderá a razão do meu interesse, um pouco egoístico e muito sincero. Diz o provérbio que “longe da vista, longe do coração”, embora eu não dê razão absoluta ao ditado, considero que quanto mais familiares nos sejam os lugares e as pessoas mais os devemos querer e defender. E é por isso que, embora, como deduzo das palavras do Sr. Smills, o fato já esteja consumado, venho ainda teimosamente acender a minha vela à beira da sua sepultura e, à laia de oração fúnebre, rezar a ladainha, mais uma vez, das minhas ideias sobre o que não foi, mas poderia ter sido, o velho morro, hoje vergonha desta cidade poderosa e fascinadora.

Não há quem no Rio de Janeiro ignore a história desse pobre outeiro, concedido a uns, vendido a outros, desprezado por todos e disputado agora, à última hora, por um grupo de pessoas de belas intenções, mas que não se detiveram talvez a meditar na sorte do monstro senão sob a hipótese de o aniquilar de uma vez. Com um pouco de calma, de observação, mirando-o sob todos os aspectos, essas mesmas pessoas talvez lhe tivessem achado remédio mais suave e vivificador.

E o próprio governo, que não se sujeitará agora, em caso de arrependimento, a *uma grande indenização*, talvez tivesse, por tudo ao seu alcance, facilitado a realização dos ideais de estética, de salubridade e de lucros do mesmo sindicato, se as suas propostas fossem acordes às já tantas vezes expendidas por mim a respeito desse local e confirmadas por autoridades insuspeitas, como o engenheiro francês Buvard, que, de passagem por esta capital, admirou a situação topográfica de Santo Antônio, declarando-se absolutamente contrário ao seu arrasamento.

Dirão que ele também se opôs ao arrasamento do Castelo, mas a sentença de morte deste já começou a ser executada e está averiguado que ele (este sim) rouba à cidade a ventilação da barra e tapa-a como uma cortina de remendos aos olhos de quem chega ou de quem parte por mar. O mesmo não acontece ao Santo Antônio, interior, redondo, e que ficará ainda mais baixo do que é, desde que lhe tirem do vértice uma fatia de alguns metros de espessura.

Um dos inconvenientes notado pelo Sr. Smills da influência das cachoeiras descendo do morro em verdadeiras avalanches de barro, e *dando um metro de lama acima do solo* (expressão sua) em tempos de chuva, à parte baixa da cidade, é um argumento apresentado sem grande convicção, pois não é crível que se possa imaginar correrem cascatas de lamas por avenidas asfaltadas, ruas de parques macadamizados e por entre prédios feitos com todas as regras da arquitetura e da higiene.

O morro de Santo Antônio, engrinaldado de alamedas e de gramados, não poderá mandar rios de lama à cidade.

Terá bueiros, terá socalcos, terá taludes — esse perigo é, portanto, pueril. Se o barro corre em pastas vermelhas pelas ribanceiras do morro, é exatamente porque o desgraçado está inculto, selvagem, talvez mais ainda do que no seu tempo primitivo.

Não estou de acordo com a opinião expressa pelo Sr. Smills de que os arcos sejam obra profundamente desgraciosa.

Vista do alto, essa arcaria imprime ao panorama da cidade uma nota pitoresca e airosa. De Paula Matos, de Santa Teresa, do próprio Santo Antônio, como talvez de mais algum ponto elevado, poderá quem quiser observar a justiça desta opinião.

Mas, embora feia, essa obra é a única obra histórica, verdadeiramente típica que possuímos e que o governo e o povo têm a obrigação de defender. O argumento de que, pelo mesmo motivo sentimental, se deveriam então ter conservado as horríveis casas da rua Estreita de S. Joaquim, é um punhadinho de poeira lançada aos olhos do leitor distraído... As casas dessa rua não tinham nada de notáveis, nem eram monumentos de nenhuma espécie. Seria absurdo levar tão longe o amor patriótico pelas construções dos tempos idos se clamássemos pela conservação dos prédios coloniais sem importância nem estilo, que se desfazem pelo cupim nos velhos cantos da cidade. Os destroços do edifício onde funcionou o primeiro Senado Brasileiro eram destroços, sem vestígios de arte, nem de caráter de espécie alguma.

Com o cunho monumental, o único documento de pedra e cal que possuímos do tempo antigo é a arcaria do aqueduto da Carioca.

Uma ou outra relíquia que exista no Castelo ou em qualquer outro sítio poderá ser transportada sem prejuízo para outro ponto da cidade. Roma, a venerável, está cheia desses atestados, sendo alguns deles bem mais insignificantes e bem mais desgraciosos do que os nossos arcos.

Embora o assunto, como diz o Sr. Smills, esteja resolvido e não careça por isso de discussão, lembrarei ainda, como um exemplo aproveitável para a minha argumentação, o aproveitamento das Buttes-Chaumont, colinas aproveitadas tão inteligentemente em Paris, que constituem um dos seus mais afamados passeios. O elegante cronista do Cinematógrafo, na Gazeta, disse domingo que só o Dr. Passos, tantas vezes, aliás, invocado por mim, neste lugar, seria capaz de transformar o malfadado Santo Antônio em um bairro de flores, de música e de civilização... Não sou tão exclusivista e neste mesmo instante acode-me ao bico da pena o nome ilustre do rasgador da Avenida Central, Dr. Paulo de Frontin, como o de uma pessoa de gosto e de energia bastante para realizar tal empreendimento, mesmo sem ser prefeito.

Alegra-me saber que o sindicato dispõe de muitos milhões e que tem no seu plano a formação de bairros operários e outros melhoramentos grandes e radicais. Entretanto, não me sorri, confesso, a ideia, como já disse, de ver aterrada a enseada da Glória, cuja curva representa uma das belezas do litoral sobre a baía. As reformas das avenidas Central e Beira-Mar também não me alvoroçam. Não duvido que tais obras sejam excelentes, mas em uma terra em que há tanto a fazer, parece-me ridículo embelezar o que já está embelezado e procurar melhorar o que ela já tem de melhor e de mais belo! Entretanto, avenidas planas, há-as lindíssimas em muitas capitais do mundo, mas um jardim habitável, elevado bem no coração da cidade sobre o tumulto das ruas e das águas, como poderia ser o Santo Antônio, para isso... para isso é que é preciso um acordo da natureza com os homens e esse acordo, como se vê, nem sempre se realiza!

Os milhões do sindicato terão muita aplicação entre nós, onde há ainda tanta coisa feia, desajeitada e carecendo de remodelação. Toda a zona entre S. Francisco e parque da República pede socorro aos brados, por feia e mal construída, seguindo as linhas paralelas da rua Senhor dos Passos, Hospício etc.

A parte da cidade sujeita às grandes inundações não é só a que fica ao sopé do Santo Antônio, mas também a ocupada pelos bairros de S. Cristóvão, Vila Isabel e Engenho Velho. À hora em que comecei este artigo, veio bater à minha porta uma vítima das águas na rua do Matoso, cuja casa modestíssima ficou

dentro de um charco, de que ela, quase cega, foi retirada em braços; e ainda há poucos dias, noticiavam os jornais ter aparecido por detrás da igreja S. Francisco Xavier o cadáver de um homem moço, que se presume ter sido afogado e carregado para esse sítio pela violência da enxurrada. O vale aí é enorme, e o sindicato terá também nele excelente meio de expansão, para melhoramentos do Rio e desdobramento dos seus capitais: abrindo avenidas, corrigindo as causas das enchentes, aproveitando e embelezando os rios etc.

É preciso verem que eu não quero a concessão do morro de Santo Antônio para mim! Quando lembro que, por entre árvores e flores, ele pode ostentar palácios, casa do Congresso, hotéis, colégios em que a cinco minutos do largo da Carioca se abram janelas para o ar puro da barra e para a liberdade do espaço azul, o que seria um magnífico recurso para a mocidade das gerações futuras, é pela convicção de que tal melhoramento não pode ser contestado.

Particularmente, eu só desejo a prosperidade do sindicato e o florescimento de todo o capital estrangeiro que venha engrossar a torrente dos nossos negócios e da nossa importância. Não olho para as coisas só através da lente da poesia.

E agora, para finalizar: soube há dias que o projeto do aproveitamento do Santo Antônio para uma vila, não sei por que denominada — pênsil — já foi em 31 de julho de 1909 apresentado ao governo, com o pedido de concessão e oferecimento da indenização de cerca de quatrocentos contos ao concessionário. Mas essa história ficará ainda para outra vez, visto que o meu destino não parece ser outro agora senão escrever a respeito do morro de Santo Antônio!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXVI, n. 9271, p. 1, 22 fev. 1910.
http://memoria.bn.br/docreader/178691_04/741

NICÁCIO UP TO DATE

... ANTES EU NÃO TIVESSE ACEITADO o convite da mãe do Nicácio para o jantar, porque, afinal de contas, aquilo de o ver comer feijão preto, com toucinho e carne seca, com tanta naturalidade e tamanho apetite, magoou-me a sensibilidade de não sei que nervinho vibrátil do meu organismo inocente... Nunca supus que um rapaz de monóculo, de rosto sempre repuxado pela mais irônica das expressões; um rapaz que se esmera na *toilette* a ponto de mandar vir de Londres as suas casimiras, do Japão o óleo de camélias com que empasta a sua luzidia cabeleira negra, e diretamente da Turquia, em tubos de cristal, a essência de rosas com que aromatiza as cambraias e as sedas da sua roupa branca, fosse capaz de se satisfazer, como qualquer desses pobres burgueses de que ele tanto se ri, à mesa da sua própria casa, com o prato nacional e pesadão da feijoada. Mas sempre imaginei que o Nicácio se alimentasse de acepipes escolhidos e que para os seus *menus* viessem perninhas de ratos grelhadas em grelhas de ouro da China, asas de fragatinhas mimosas da Noruega, e trufas brancas da Itália... Sendo diferente em tudo de toda a gente, ele deveria também comer coisas diferentes das que os outros comem. Sempre o vi, na esquina onde lhe fazemos roda, desdenhar, entre aqueles tão seus peculiares guinchinhos de sarcasmo, dos pobres transeuntes que passavam a caminho do restaurante vizinho:

— Lá se vão eles comer, dizia o Nicácio, e quando dizia — comer — escarrapachava a voz, como se dissesse: — pastar! Uma pequena pausa e uma caretinha completavam o efeito que ele tinha em vista, até que prosseguia:

— Basta olhar para esta gente toda para se perceber que toda ela vai jantar por obrigação, porque chegou a hora. Entretanto, vai comer coisas pesadas. Olhem, pra aquele sujeito da bigodeira ruiva, esse vai ordenar logo para segundo prato churrasco do Rio Grande com farofa. Sigam-no e verão. Eu tolero o

churrasco uma ou outra vez na vida como prato de almoço. Mas aquele indivíduo não distingue um almoço de um jantar, a não ser pela sopa... e há de ser a de ervilhas com pão torrado que este outro que vai aqui de sobrecasaca e de lunetas há de pedir ao *garçon*. Adivinho isso pela cor da gravata. A psicologia da gravata é análoga à do paladar. Homem que use gravata roxa gosta de doce de batatas, tanto quanto o que usa gravata de um róseo amarelado prefere a tudo o salmão. Aquele vai de gravata verde a caminho das ervilhas, do abominável *purée* de ervilhas do restaurante... enquanto que este doutor magrinho, de olhos tristes e cartola severa, tem em mente comer ostras à baiana com bastante pimenta. Bastante, neste sentido, vai, embora erradamente, como sinônimo de muito. A fantasia não dá para mais.

O paladar do brasileiro tem qualquer analogia com a casca do sobreiro, que é, como vocês sabem, a árvore da cortiça... Só o alimento muito condimentado, muito forte, em que se tenham desfolhado sucessivas réstias de alhos e de cebolas, de parceria com as abomináveis folhas de louro e ramalhões de salsa, é capaz de lhe sensibilizar a membrana palatina. O alimento feito com arte, com delicadeza e com simplicidade não só nos dá a sensação perfeita do seu sabor natural, como nos faz espirituosos e saudáveis; e, entretanto, aqui acham-no insípido e intolerável... E dizer que quase todas estas moças que aí vão faceiras e galantes preferem comer galinhas gordas a comer franguinhos tenros, e saboreiam com mais prazer um naco de carne de vaca assada com batatas do que uma fatiazinha de vitela *aux champignons*. Também *champignons* só aprecio os do Cairo, cultivados por um alemão maníaco que lá fez dessa cultura a sua especialidade... esses são magníficos, cheiram a violeta e a nardo; mandamo-los vir diretamente do Egito... Assim como *cêpes*. As que há no nosso mercado parecem feitas de couro na infusão de vinagre. As excelentes, as únicas verdadeiramente deliciosas, são as apanhadas nas caneleiras de Ceilão. Essas têm o sabor da especiaria e uma cor de mel dourada que lhes dá um aspecto de pétalas de flor no outono... Se vocês perguntarem àquele gordo comendador que dirige

os seus honrados e pesados passos para o prato do massudo macarroni do hotel, o que são as *cêpes* de Ceilão, ou o que são de bom as maravilhosas eirozes do Pechora, preparadas em uma pequena localidade da Rússia, com tomates persas cultivados nas estufas do palácio Zuhmaroff, esse pobre comendador arregalará os olhos e nem ao menos saberá dizer que *cêpes* são *orelhas de pau* e as eirozes são enguias! Ah, meus amigos, como ainda estamos atrasados neste assunto tão essencial à vida...

É como o vinho. Não sabemos beber. O Bordeaux mais apurado das nossas mesas envergonharia a mesa do francês mais mesquinho. E o Porto? Essa droga que vocês despejam aos cálices, como se fosse parati, só para aquecer, só para escaldar a garganta já irritada pela cumari? Visitei um dia uma adega à margem do Douro, saboreei um dedal de vinho de um dos seus mais velhos tonéis e fazendo-o remontei-me aos tempos divinos dos deuses pagãos, compreendendo Baco de um modo absoluto e perfeito. E eu no Brasil detesto o vinho do Porto, como um dos mais impudentes da terra...

De monóculo entalado na órbita direita, a face enviesada, os lábios curvados em uma linha de acentuado desprezo pela vida rotineira e característica da nossa cidade, o Nicácio assombra-me pela sua elegância e a sua maldadezinha de rapaz superior que tem a propósito de cada assunto uma frase literária, dita quase sempre em francês; que fala da sua biblioteca como das suas camisas; e que prepara um livro em que busca provar a impudência dos plágios do velho Horácio. Não pode haver obra mais útil, nem espírito mais radiante. A minha veneração pelo Nicácio não diminui nem quando ele, pela mesma teoria da correlação da preferência das cores com as preferências do paladar, diz de uma senhora gorda, que passa, de vestido marrom com pintas brancas, que ela se empanturra de pés de moleque à sobremesa! Resolvido a achar espírito em tudo que ele diz, louvo-lhe até as grosserias sem graça. Para imitá-lo começo a refrear os meus apetites. Já não aceito o pirãozinho de farinha de mandioca com o ensopado de camarão apimentado; afasto o tutu como se fora um inimigo. A

roupa velha, se me aparece ao almoço, faz-me rugir de cólera. Toda a família estremece. Exijo *cêpes* de Ceilão e *champignons* do Cairo. Não conseguem arranjar tais gêneros nos nossos melhores armazéns! Sinto-me desgostoso da minha inferioridade. Nicácio é o meu modelo, mas eu não posso segui-lo, por me faltarem os meios que lhe sobram. Daria alguma coisa para vestir-me de Londres e perfumar-me com essências do Japão e da Turquia, para poder provar os plágios literários de poetas latinos e alimentar-me com acepipes raros que inspiram ideias originais e encantadoras. E foi no auge dessa idolatria pelo espírito e pelo *chic* do meu amigo, que um simples acaso me sentou à sua mesa de família e que o vi comer o feijão preto que eu já repudiara da minha mesa como um produto africano, indigno da nossa civilização!

Talvez eu tivesse ficado um pouco triste pela desilusão do homem, mas que prazer senti pelo prestígio do feijão!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

(Do livro — *Os outros.*)

O Paiz, ano XXVI, n. 9278, p. 1, 01 mar. 1910

http://memoria.bn.br/docreader/178691_04/829

UM DEVER ESQUECIDO

NÓS TEMOS, ÀS VEZES, — e felizmente que não é sempre! — maneiras singulares de tratar os nossos hóspedes. Ainda não adotamos, para essa função delicada, um critério geral e harmônico; e é talvez por isso que tanto divergem as opiniões dos estrangeiros que nos visitam, quando eles, de volta aos seus países, acaso as publicam em jornais ou em livros. Uns enchem de amabilidades o nosso orgulho patriótico, que incha como uma bola de borracha cheia de ar perfumado; outros insinuam um veio de ironia em cobre, na placa de ouro em que no regresso nos enviam os seus cumprimentos; e outros vão dizer de nós cobras e lagartos, mas muito mais cobras que lagartos.

Ora eu estou certíssima de que tudo depende da maneira por que tratamos aqui os viajantes. Todos sabem e todos sentem quando cativa o coração um bom acolhimento em casa alheia.

Muitas vezes os donos da casa não têm doces finos e vinhos generosos que nos ofereçam. Mas se nos tratarem com afabilidade, aliás fácil nas pessoas bem educadas; se nos mostrarem simpatia, carinho, interesse pela nossa amizade e gratidão pela nossa visita, se nos envolverem na irradiação da sua bondade, se forem, enfim, amáveis e sorridentes, nós regressaremos à casa encantados e felizes e só teremos boas palavras quando nos referirmos às pessoas que visitamos. O mesmo se dá com os estrangeiros que visitam um país; as boas ou más impressões que dele levam têm a sua origem na forma por que nesse país foram tratados. Há certos países na Europa onde ninguém volta por gosto, porque logo ao entrar neles se lhes sente o atraso ou a deficiência de civilização pelas maneiras dos funcionários do fisco e, em seguida, pelas inúmeras dificuldades que para qualquer passo neles se encontram.

Mas, enfim, como não pode haver um código que regule o modo de tratar estrangeiros em visita ao nosso país, o melhor seria deixá-los tranquilos e livres de maçadas, não os importunar quando eles, sendo por qualquer título notáveis, mostrassem querer esquivar-se às delícias da notoriedade internacional. Ora isto depende principalmente da imprensa. Quando um homem notável viaja incógnito e manifesta aos repórteres o desejo de incógnito se conservar, parece-me que é um dever o respeitar-lhe a vontade e que o mais digno será deixá-lo em paz.

Não compreendo, por exemplo, o modo por que a nossa imprensa tem tratado este Dr. Frederico Cook — se é, de fato, o Dr. Cook que está atualmente entre nós, — pois que os retratos que os nossos jornais deram dele em nada se parecem com os estampados nos jornais e revistas europeus e americanos. Este homem — que basta ser estrangeiro em visita ou em trânsito, para ser respeitável — foi recebido e está sendo acolhido com troças e remosques. Ora, seja ele ou não seja o Dr. Cook, é evidente que não temos o direito de o tratar mal; e, se acaso abusamos da nossa posição de donos da casa, isso só nos pode prejudicar a nós e não [a] ele. O ofendido tem sempre razão.

Mas, se é efetivamente o Dr. Cook, o explorador do polo, que nos visita, então sobe de importância o nosso desaso. Porque, de duas uma, ou acreditamos, como ainda me parece que muita gente acredita, que esse homem atingiu realmente o polo norte, e neste caso devemos tratá-lo como um herói de quase sobre-humana façanha e rodeá-lo de consideração e respeito; ou não acreditamos que ele tenha chegado ao polo, e neste caso devemos considerá-lo um intrujão, e como tal abandoná-lo a si mesmo, sem injuriá-lo com troças e ironias, a que não temos direito — porque, absolutamente, não foi a nós que ele pretendeu embarçar, tanto que até se apresentou aqui, como nos demais países sul-americanos, com um nome que não é o do explorador do polo ártico.

Se ele se tivesse aqui apresentado como explorador, se viesse fazer aqui conferências sobre a sua chegada ao polo, se viesse, finalmente, procurar provar-nos que atingira o limite ártico do planeta, vá que o troçassem os que em tal não creem, conquanto o nosso dever fosse ouvi-lo primeiro para julgá-lo depois. E ainda assim... julgá-lo, quem? Nós da imprensa? Mas que sabemos nós do polo, a não ser o que os outros exploradores e o próprio Dr. Cook têm contado na América e na Europa? porque é também preciso e justo não esquecermos que a viagem, de volta da qual o Dr. Cook, em competência com Peary, declarou ter atingido o polo, não foi a sua primeira viagem às regiões dos gelos perpétuos. Ele já tinha feito várias viagens de exploração, de que tinha dado boa conta; e se o descobrimento do polo tem realmente interesse para a humanidade, a humanidade já lhe devia bons serviços de pioneiro do polo. Quanto a mim, pessoalmente, o descobrimento do polo não me interessa. Sou friorenta, como boa filha deste país tropical, e a ideia de que o meu destino, descoberto o polo, possa por uma maldade do acaso obrigar-me um dia a ir até lá, faz-me tremer de frio! E se me oferecessem, não só o polo norte, mas ainda o polo sul por contrapeso, diria como o presidente dos Estados Unidos: — “Muito obrigada, mas não sei que hei de fazer de tal presente.”

De que serve e para que presta, porém, a minha opinião a respeito? Que importa ao mundo que eu considere um mero *sport* as viagens ao polo, se o mundo se interessa vivamente por elas e anseia pelo seu definitivo resultado?

O que é fato é que essas viagens são perigosíssimas, as mais penosas que se façam na terra, e que é, segundo afirmam todos os competentes, necessário ter fibra de herói para empreendê-las, isto infelizmente provado pelas muitas vidas que esse terrível *sport* tem custado.

Muito embora Cook não haja atingido o polo, é inegável que tem sido já várias vezes um desses heróis, cujo ânimo, cujo desprendimento, cuja intrepidez espantam o mundo. Neste caso, com que direito nos riremos dele? Pela sua

fraqueza em declarar que descobriu o polo sem o ter descoberto? Mas como se pode provar a fraude, se fraude houve? A afirmação de Peary pode muito bem ser filha do despeito. É verdade que, se não me engano, uma sociedade científica de Estocolmo declarou que as provas apresentadas por Cook não eram concludentes. Mas eu nem chego a compreender como se possa provar a chegada ao polo. Lá só há, dizem, céu e gelo, não consta flora nem fauna característica, diferente das das outras regiões do extremo norte nevado.

Não havendo por lá nem vestígios de humanidade, não há funcionários que visem passaportes ou que forneçam certidões de permanência. Como, pois, provar que o polo foi alcançado?

Estou curiosíssima por saber de que maneira Peary, o rival de Cook, vai provar que atingiu o polo, na conferência que a convite da Real Sociedade de Geografia vai brevemente fazer no “Albert Hall”, de Londres. Mas duvido que apresente provas concludentes, provas que provem, sem sombra de dúvida, a sua capital afirmação. E o que me parece é que o polo ainda por muito tempo continuará a ser o mistério, o grande mistério gelado, em que se crê ou se não crê, mas que não se desvenda e cada vez mais se fecha ao passo humano pela barreira intransponível da água empedrada. Creio, é certo, na audácia do homem; mas o Moloch do gelo ainda há de tragar muitas vidas, antes de abrir francamente o caminho ambicionado...

E ambicionado por que e para quê? Pois não bastam à humanidade insofrida as regiões amenas da boa terra fecunda, em que o sol splende e aquece, em que germinam frutos, e em que as inúmeras e variegadas flores encantam os sentidos mais delicados e enchem de poesia e de graça a vida do homem?

O polo é sáfaro, o polo é estéril, o polo é rebarbativo, o polo é hostil, o polo é inútil.

UM DEVER ESQUECIDO

Pois deixemos em paz o polo e os seus exploradores. Mas, se explorá-lo é ação meritória, ah, então, meus amigos, não ofendamos nenhum deles com a nossa impiedosa ironia e com os farpões da nossa pilhéria, principalmente nenhum que nos honre com a sua visita, e que modestamente se nos apresente sem solicitar a nossa réclame, encolhido na discreta obscuridade de um nome suposto ou verdadeiro, em todo caso sem brilho.

Se é realmente o Dr. Frederico Cook que está no Rio de Janeiro, eu julgo-me muito à vontade enviando-lhe os meus cumprimentos de boas vindas.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXVI, n. 9292, p. 1, 15 mar. 1910.
http://memoria.bn.br/docreader/178691_04/991

DE POÇOS DE CALDAS

SACUDIDA PELO TREM DA MOGIANA, como feijão em peneira, coberta de pó de que o véu de viagem não conseguiu livrar-me; cheguei a estas doces paragens mineiras de Poços de Caldas em uma tarde sem rutilações de crepúsculo, mas também sem chuva; tarde amena e em que todo o céu se mostrava de uma só cor uniforme, de pérola azulada. Para referir o aspecto desta vila balneária tem-se forçosamente de aludir ao céu, que é o que mais se vê nela, e todo a envolve na sua fascinação azul dos dias de sol ou no seu sudário de cinzas dos dias pluviosos.

E de chuva têm sido mais ou menos os dias de Caldas, desde aquele em que me instalei no afamado e conhecido hotel da Empresa, agora repleto de hóspedes, como nunca vi, até este momento em que no sossego do meu quarto rabisco estas linhas entre uma caixa de perfumaria, um prato de frutas e a clássica moringa de barro das mesinhas dos quartos de hotel.

Aos que conhecem este, da Empresa — e grande parte da população do Rio já nele pernoitou duas dezenas de dias pelo menos na sua vida — direi que ele está extraordinariamente aumentado, espreguiçando-se em braçadas de quartos para um e para outro lado, sem conseguir ainda assim acolher todos os pedidos das pessoas, que, da capital do país ou dos Estados, como dos confins dos sertões, solicitam lugares para passarem nele esta estação de águas. O gerente enlouquece; faz combinações; inventa, com prodigiosa retentiva, transformar um corredor em um quarto, ou dois quartos em três! Mas quando pensa em descansar um pouco⁴⁴ a sua imaginação atormentada, vê entrar pela porta adentro uma família a quem ele telegrafara negando quartos e que, apesar de tudo, vem.

⁴⁴ N. da E.: No jornal, grafou-se "pouso"; supondo ter sido um erro, substituímos por "pouco".

Vem na certeza de ficar. Vem resolvida a dormir em cima ou embaixo da mesa da sala de jantar, se não houver outra acomodação. E, como isso não convém a ninguém, o gerente treme, recolhe-se às profundezas da sua meditação e em um supremo esforço aboleta a família com as suas malas e as suas caixas de chapéus em um quarto cedido por um hóspede solteiro, que tolerantemente se vai reunir a outro hóspede das mesmas condições.

Ninguém se zanga por isso.

À noite aparecem no salão para as valsas, as quadrilhas e as *scottish* alegres. As moças resplandecem, veem-se joias e veem-se vestidos dignos de uma noite de gala no Municipal.

Verdade é que, ao lado das eoliennes e sedas, se movem com a mesma alegria ingênuos vestidos de cassa ou de lã e talvez não sejam as donas destes as que se divirtam menos.

A vantagem principal a atrair a multidão para este hotel é o seu passadiço para a parte propriamente balneária do estabelecimento. Faça sol ou faça frio, chova, chuvisque ou troveje, o hóspede sai quentinho do seu leito e, sempre na doçura morna de um ambiente carinhoso e igual, desliza pelas passadeiras dos corredores internos até os banhos, ou com o mesmo destino, pela galeria envidraçada sobre o ribeirão, que vai agora cheio, barrento, impetuoso!

Ontem fui vê-lo em uma hora de estiada, do alto das pontes, e era tão forte o movimento das águas, que chegava a entontecer quem nelas fixasse a sua atenção.

Este modesto ribeirão de Poços de Caldas corria em ondas grossas e turvas, formando redemoinhos aqui e além, como um grande rio de opiniões tumultuosas e ameaçadoras, invadindo parte de um jardim lateral do hotel e dando assim uma nota nova à placidez da paisagem que nos circunda. Hoje as águas aquietaram-se, mas o céu ainda não sorri em rasgões azuis por onde a alma espreite a esperança de um tempo seguro e belo. Entretanto, os hóspedes distraem-se em palestras pelos corredores ou no *recreio*, parte do estabelecimento destinada às salas de leitura, bilhar e outros jogos. E é curioso ver como as moças concorrem às mesas verdes da roleta tentadora.

Não há timidez nos seus gestos. Demonstram uma certa intimidade com as fichas multicores, que as suas mãos de anéis rutilantes vão semeando sobre o tapete, com gesto leve e airoso.

O espetáculo é, sobretudo, interessante depois da *toilette* da tarde. É então que as mãos lampejam pelas chamas dos brilhantes e que as penas ou peles brancas das *boas* macias deslizam, aos movimentos das jogadoras, de sobre os seus ombros, para as cadeiras ou para o assoalho... sem alcatifa. Há muito quem maldiga o luxo de Caldas. Eu não. Com um pouco de filosofia a gente gosta de tudo. O caso é mesclar sem rancores, às exuberâncias dessas *toilettes* vertiginosas, as saias e as blusas modestas das nossas *toilettes* pacatinhas...

Ver mulheres bem-vestidas é espetáculo sempre agradável, embora pareça haver às vezes uma certa disparidade nessa circunstância com o meio em que se está.

Mas saíamos um pouco do hotel e vamos dar uma volta em frente dele, pelo grande jardim e futuro parque, centro do povoado.

A primeira vez que vim a Caldas, esse largo era um campo desnivelado, com lugares atolados, pontes esburacadas, vegetação rasteira e espontânea, onde os grilos cantavam. Passados cinco ou seis anos voltei a Caldas e encontrei o mesmo campo com os mesmos atoleiros, as mesmas pontes velhas, o mesmo abandono. Desta vez, que é a terceira, quis a fortuna que eu tivesse a surpresa de encontrar muito diversa esta doce vila em que tanta gente vem beber a saúde para o corpo e para o espírito!

O que era um campo de sapos e de grilos é hoje um enorme parque, onde, se ainda faltam sombras, há lindos relvados à inglesa, bordados aqui e além por grupos de plantas, com ruas bem niveladas e iluminação elétrica. Nesse parque projetam fazer um grande lago para exercício de remo ou para idílios dos forasteiros felizes.

Deslizando pelo parque, corre o citado ribeirão de Caldas, com as águas bem dirigidas, entre margens guarneçadas por duas faixas de cimento e de grama que, de resto, a força d'água de ontem parece ter danificado um pouco. Também o Sena danificou cais que pareciam eternos, não maldigamos por isso as obras marginais do ribeirão de Caldas!

Insensivelmente passamos do jardim às ruas do povoado e bem diferentes me parecem também do que eram a última vez que as vi. Agora já há passeios largos, cimentados, por onde possamos passear, bebendo o ar puro desta terra de sossego e de paz. O prefeito de Poços de Caldas, Dr. Francisco Escobar, moço inteligente e apaixonado pela obra piedosa do embelezamento deste torrão, que, apesar de não ser de açúcar, é doce por ser ameno, levará a cabo em pouco tempo melhoramentos que farão desta vila (não sei se é vila ou cidade) a primeira entre todas as vilas de águas ou de vilegiatura no Brasil.

Mas dessa Caldas de amanhã, prometida pela energia e pela inteligência do Dr. Francisco Escobar, falarei em outro artigo, que este não se deve alongar muito para não fatigar o leitor, que, porventura, nunca tenha subido a estas alturas. E agora, que o sol rompeu as nuvens pardacentas, em uma promessa divina de melhor tempo, vou à fonte Quinze de Novembro beber um copo da sua excelente água, ainda mal conhecida, apesar de considerada como o melhor dissolvente do ácido úrico, e dessa fonte, que muitos reputam milagrosa, visitar o sábio e amigo Dr. Pedro Sanches, cujo nome simpático não pode nem deve deixar de ser citado em uma crônica, embora feita, como esta, sobre o joelho, mas escrita em Poços de Caldas e a respeito de Poços de Caldas, de que ele é o bom e solícito patriarca, felizmente inamovível.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXVI, n. 9299, p. 1, 22 mar. 1910.
http://memoria.bn.br/docreader/178691_04/1083

DE POÇOS DE CALDAS

II

NESTA PIEDOSA VILA DE POÇOS DE CALDAS — digo piedosa porque nela encontra alívio uma multidão de artríticos em que figuram, sobretudo, os reumáticos — houve nesta semana em que lhes escrevo nada menos de três bailes, sendo um de luxo, em que *smokings* e casacas flutuavam em valsas, ao som da orquestra, conjuntamente com as sedas moles dos vestidos modernos, estrelados de joias e de flores de pano.

Nesse baile elegante, organizado por um grupo de senhoras do — hotel da Empresa — e realizado no salão de um club recreativo, houve *cotillon*, com não me lembro quantas figuras imprevistas e graciosas, ceia, sorvetes, chocolates, tudo! E o curioso é que ao mesmo tempo em que nesse salão se balouçavam uns tantos pares felizes, ao som de valsas escolhidas, o salão do hotel da Empresa regurgitava de moços e de moças, rodopiando em valsas e mazurcas até as 2 horas da noite! As dores articulares, que empurram para estas paragens benéficas tantas vítimas queixosas, transformam-se aqui magicamente em pruridos dançantes. Tudo joga e tudo dança. Não há noite em que o pianista não venha executar o seu vasto repertório de salão, no piano jamais cansado do hotel, assim como não há noite em que os pares se confessem exaustos. E isso é bom sinal. É sinal de saúde; é sinal de alegria e de sociabilidade. Enquanto se dança não se fala. No falar é que está o perigo nestas vastas agremiações, sempre mescladas e muitas vezes perigosas.

A arte de viver bem num hotel de duzentos, ou mais hóspedes, seria difícil de manter em harmonia sem o ritmo da dança irresistível, que tem aqui o poder, não só de nivelar diferentes classes, como de atirar para longe, por inúteis, as

muletas de certos doentes aquáticos. Mas não é no salão que tenho encontrado os prazeres da minha vilegiatura; é fora de portas, ao claro sol deste céu inigualável, concha cerúlea enorme de uma limpidez quase ofuscante. Quando não são de chuva, as noites são veludasas e os astros têm um esplendor de diamante lapidado, visto ao sol. Mas são, sobretudo, as manhãs, de um azul de anil dissolvido em água cristalina, que eu mais tenho gozado nesta vila mineira, em passeios de carro ou a pé, pelas ruas ou pelas devesas das cercanias.

Sempre que estendo os meus passos para longe, sem fadiga, porque neste clima repousante o caminhar não custa o mesmo esforço que entre nós no Rio, trago uma alegre impressão da bondade nativa do povo do lugar. Ou é a mão de um rapazinho descalço e desconhecido que me oferece silenciosamente, mas expressivamente, um galho de oncídio cor de ouro, ou é uma senhora, a quem peço uma indicação do caminho, que me convida a entrar na sua casa e a sentar-me para descansar, ou é um velhinho caipira que, vindo a tocar o seu burro pela estrada, responde às minhas perguntas com a maior urbanidade, desenvolvendo por si os temas que me interessam. Não será este um povo de iniciativa, mas é com certeza um povo inteligente e bom e em que me parece sentir latejar um certo anseio de instrução e de progresso. Embora esta percepção seja puramente instintiva, eu a registro em público com a máxima confiança. O impulso começa a fazer-se sentir numa pequena trepidação, mas há de forçosamente aumentar e seguir o seu caminho. Para isso às vezes basta um homem, e a mim me parece que Poços de Caldas achou esse homem; que os fados o protejam, por intermédio do seu governo, e, dentro de poucos anos, esta vila, que já goza de foros de cidade, estará cortada de extensas alamedas arborizadas, ensaibradas e floridas. Tudo isso já está indicado, visto que as ruas da vila são extensas, largas, direitas e já bordadas de árvores ainda muito novas, mas que não levarão muito tempo a crescer. Mas a maior glória da Municipalidade será a sua grande avenida, apadrinhada pelo nome de Francisco Sales, por enquanto apenas traçada, num estendal de lama se chove, ou de pó se faz sol, sem casaria e sem árvores, mas que pela sua situação e pelo rio cantante que a divide ao centro em duas longas linhas paralelas, deve ficar uma beleza depois de pronta. Quando?

Quem o saberá! Não será para mim, com certeza, a sombra das suas árvores; já me alegro, entretanto, com poder prognosticá-la com convicção.

Geralmente, nestes lugares de estação aquática, são as empresas das águas que mais concorrem, ou devem concorrer, para o embelezamento e conforto da localidade, facilitando aos banhistas passeios e diversões que os prendam e seduzam. Jardins, avenidas que circundem o estabelecimento, ruas ou caminhos que liguem esse estabelecimento às fontes disseminadas de águas minerais etc., tudo é naturalmente preparado e mantido pelas empresas, que assim coadjuvam a Municipalidade no tornar atraente o lugar a que está vinculado todo o seu interesse.

[ilegível] em Poços de Caldas se [ilegível] sei é que não há lugar [ilegível] ser tratado com o maior [ilegível] pelo seu clima delicio[so] [ilegível] de forastei[ra] [ilegível] pública e a reforma feita na de Minas pelo preclaro espírito do Dr. João Pinheiro, manifestei o desejo de visitar as escolas de Poços de Caldas, e esse desejo foi logo correspondido com um convite que o satisfaz.

Em companhia do prefeito, Dr. Francisco Escobar; do Sr. Luiz Augusto de Loyola, inspetor escolar e presidente do Conselho Municipal, e do redator do *Correio de Poços*, Sr. Emílio Castelar da Gama, e de uma senhora paulista, professora em São Paulo, D. Angelina Aguiar, iniciei a minha visita à infância de Minas pela primeira escola do sexo masculino, regida por D. Evangelina de Freitas Mourão.

Havia na minha curiosidade, a par do interesse que me desperta necessariamente a instrução do meu país, o desejo de conhecer o aspecto de uma escola... de roça. Mas, logo ao primeiro relance, percebi que não era numa escola de roça que eu entrava.

O prédio amplo, de altos tetos, largas janelas abertas para uma vasta paisagem larga e tranquila; os assoalhos caprichosamente esfregados, as paredes brancas, em que por adorno havia um grande mapa geográfico; as flores bem tratadas, ladeando os degraus de pedra da entrada, fizeram-me logo supor a afinação do conjunto. Os meninos, alguns descalços, mas todos limpinhos, levantaram-se ao lado das suas carteiras e cantaram o hino à bandeira com

arreganho patriótico; seguiram-se depois algumas lições, entre elas uma de leitura pelo sistema de palavração, em que a mestra, carinhosa e inteligente, demonstrou os recursos de que bem dispõe na sua profissão, recursos pouco vulgares porque não são só adquiridos pelo estudo, como também desenvolvidos pela vocação. Era assim lavada, branca, arejada pela brisa larga dos campos, que eu tinha imaginado uma escola, quando escrevi o meu — Gigante Brazilião, nas *Histórias da nossa terra*, cujo volume a mestre pusera por gentileza sobre a mesa, ao lado da qual me sentei...

A segunda escola que visitamos foi de meninas, regida por D. Isabela Moreira, e em que sessenta crianças muito graciosas, adiantadas, bem trajadinhas, com os seus laços nos cabelos e as suas faces de maçã madura, se mostravam radiantes pela novidade da nossa visita.

Que lindos rostos, branquinhos, alegres e rosados!

Mais cuidadosas com as filhas do que com os rapazes, as mães a essas mandam-nas para a escola, a todas, de sapatinhos. Há, entre as brasileiras, muitas italianas. Os italianos apressam-se em pôr os filhos nos colégios brasileiros, no que dão uma grande prova de simpatia e de inteligência.

Nessa escola há oitenta meninas matriculadas, mas nunca menos de sessenta de frequência.

Visitamos ainda mais duas escolas, uma de rapazes e outra de meninas e notamos em todos o mesmo ardor no aprender e a mesma paciência e bondade ao ensinar.

É pena que não disponham as três últimas de casas tão próprias e tão higiênicas como a primeira, mas fatalmente elas as terão em pouco tempo, porque a causa da instrução pública deve ter a primazia entre todas as que preocupem as autoridades locais.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXVI, n. 9306, p. 1, 29 mar. 1910.
http://memoria.bn.br/docreader/178691_04/1163

CRÔNICA DA SAUDADE

TAMBÉM NÃO HEI DE ESTAR A ESCREVER-LHES seguidamente só a respeito de Poços de Caldas, por maior que possa ser a minha gratidão por este maravilhoso vale, mais maravilhoso ainda pelo bem que brota, ativo e borbulhante, do seu subsolo, do que verdadeiramente pelo seu aspecto exterior, que seria talvez um pouco triste se não fora a porcelana de Sèvres do seu firmamento, tão límpido, tão cristalino e tão lavado.

Águas benéficas, céu benfazejo, clima suave. Que mais desejar? A cidade, talvez. Oh, a cidade, a capital, o bulício, o movimento que nos atordoa e que julgamos aborrecer! Como tudo isso nos faz falta ao fim de pouco tempo, nesta quietude, neste silêncio, nesta paz diurna da vilazinha generosa, que só à noite se agita, portas adentro do hotel, porque pouca gente sai de sob as telhas à noite, com medo do sereno — ou do médico, que sempre recomenda aos banhistas cuidado com o ar da noite.

Certo um espírito observador, não cansado ou *surménagé* — como agora se diz, poderia, nas fisionomias dos hóspedes dos hotéis sem fisionomia, algo estudar de psicologia comparada, anotar costumes de gentes de zonas distantes ou opostas, aprofundar caracteres, verificar diferenças de educação, de gosto, de tendências. Mas para isso fora mister saúde e pachorra, e talvez também, de quando em quando, a entrada nos pequeninos can-cans de albergaria pejada. De modo que, quando me acho fora da minha cidade e da minha casa, a princípio sempre me distrai a novidade das coisas ainda não vistas, ou revistas, após longos intervalos; mas depois vêm a saudade, a nostalgia dos sítios amados que a gente nunca aborrece. E quando esses sítios são dos mais belos do Rio de Janeiro, pode a gente quase afirmar que são dos mais belos do mundo. A saciedade é o aborrecimento. Mas então por que nunca me aborreceu o perfil da

Serra dos Órgãos, na altura de Teresópolis, que eu tenho em frente, há seis anos, das janelas da minha sala e do meu quarto? Por que busco eu todas as manhãs, há dois mil dias, no horizonte do meu lar, o recorte caprichoso dos penhascos agudos, os dentes da serrania azul ou cinzenta, segundo a hora, mal abro as minhas janelas para o banho matinal de luz do meu ninho?

É porque a serra do Mar, toda ela belíssima na extrema da baía admirável, tem naquele ponto sem par a sua beleza culminante, e o nosso olhar para ele se dirige instintivamente, como em uma galeria de arte para uma tela de Rembrandt, de Rafael ou de Velásquez, que esteja entre as obras-primas do salão que visitamos. Ah, nunca me aborrecerão, cem anos que eu viva, as belezas naturais da minha terra, nem delas se saciarão jamais os meus olhos deslumbrados. E enche-me de indignação e de desespero a ideia de que espíritos acanhados, movidos por interesses mesquinhos, pretendem eliminar uma delas, e das maiores, a que mais pode servir à estética da remodelação da cidade.

Bem sei que se não faz muito caso de uma voz feminina; mas, embora esteja convencida de que para os efeitos de sua arte o escritor não tem sexo, sempre se poderá dizer no fim da campanha contra a destruição do morro de Santo Antônio, que as mulheres sabem, ao menos, gritar. É o que eu faço, há muito tempo, nesta coluna agasalhadora do *Paiz*. Grito. E se o meu grito, como o do poeta, não chega ao infinito — que é um pouco longe demais para a minha voz — chegará talvez um dia, quem sabe? à força de repetido, aos ouvidos dos homens que possam impedir a perpetração desse crime. Iterativamente, e cada vez com mais força, se devem dar os avisos às autoridades desatentas. Não é impossível que elas se voltem um dia para o avisador teimoso e lhe prestem alguns minutos da sua preciosíssima atenção.

E não será preciso mais nada.

A limpeza do lindo monte central da cidade, que estava marcada, improrrogavelmente, para 5 de março, foi adiada. Para quando?

Ainda não terá sido feita em 5 de abril? Provavelmente, não.

Mas é preciso, é mesmo urgentíssimo fazê-la, auxiliando da melhor forma a pobre gente que por lá se acoita em pocilgas ignóbeis, onde, segundo os jornais, o vício prolifera e viça o crime, para que toda ela se aboiete alhures, e para que se desinfete, a grandes jorros de sublimado e de formol, a terra das abas contaminadas, dando extermínio aos micróbios pululantes que de certo as hão de infestar — como é natural num lugar onde falta por completo a água purificadora, e onde a Saúde Pública não foi nunca, pelo receio de se conspurcar.

Como se deixou criar e medrar assim um bairro à parte, fora da lei, um falanstério de miséria e espurcícia, bem no centro da cidade, guardada pelo dragão multicéfalo da Inspetoria da Saúde Pública?

Por que hão de ter os seus habitantes esse triste privilégio de escaparem à lei que para todos foi feita e contra todos é inexoravelmente executada? Porque são pobres, respondem, cheios de bons sentimentos, os jornais. Muito bem; mas não esqueçamos que eles são uma parte mínima, uma parcela insignificante dos pobres da cidade, onde os ricos são a exceção. E é inegável que as autoridades sanitárias nunca pouparam os outros pobres, o grande número, os que pululam nos bairros modernos. E é ridículo ver-se entrarem as brigadas sinistras nas casas construídas, segundo a lei draconiana da Saúde Pública e segundo os preceitos regulamentares da Prefeitura, para colar tiras de papel nos interstícios das caixas de água, eliminar ferozmente latas velhas, estilhaçar fundos de garrafas quebradas, nos quintais e nos muros, tudo isto em frente ao morro de Santo Antônio, onde a inspetoria sabe — porque ela sabe-o muito bem — que não é observado nenhum dos artigos da sua lei, e onde não vai, talvez porque não haja por lá caixas de água, onde possa grudar as suas serpentinas de papel branco, que fazem sorrir numa cidade onde os vastos reservatórios que a abastecem do líquido precioso são todos eles descobertos, como a convidar perenemente e amavelmente os mosquitos à desova.

Daqui de longe estou a lembrar o que tantas vezes tenho visto das minhas janelas: em filas de cinco ou seis, esses honrados mata-mosquitos, agentes executores da Saúde Pública, com escadas ao ombro e baldes na mão, e rolos de serpentinas debaixo do braço, entram na nova praça dos Governadores, nas

avenidas Mem de Sá e Gomes Freire, param à porta de casas novíssimas, algumas das quais têm apenas três ou quatro semanas de idade, entram, invadem-nas, incomodam às vezes horivelmente os moradores e, dali há pouco, vejo-os, cá de cima onde moro, a farejar pelos quintais, encavalados nos muros, medindo e destapando as caixas de água novas em folha... e não posso deixar de comparar este zelo pela limpeza e a higiene de prédios recém-surgidos das mãos dos arquitetos, com o abandono das barracas atamancadas, sem ar, sem água e sem luz, que lhes ficam a cavaleiro na aba do morro! Para mim a comparação faz-se de instinto; é só erguer um pouco o olhar e ver o núcleo defeso à ação da higiene pública; é só baixá-lo um pouco e ver abrigada na azáfama da sua solicitude premonitória.

Ora, havemos de concordar que isto sem música de Offenbach é quase triste.

Mas por que me recordo eu de tudo isto, aqui tão longe, na vila remansosa, onde não há Inspetoria de Saúde, nem brigada sanitária, nem serpentinas hermetizantes? Por que, neste bem estar, que não chamarei bucólico, pois em boa verdade a poesia da vila não é, de modo nenhum, virgiliana, mas que vem do sossego, da tonificação do ar, da ação sedativa do banho termal, nesta pacificação universal que me rodeia, por que voa o meu pensamento para a minha cidade bem querida, por que lhe revejo eu, de tão longe, as belezas e os defeitos, as suas maravilhas e os seus ridículos, ambos imensos? É que a saudade é estimulante; sinto que é ela que empena as asas do meu pensamento, assim como é o amor que lhe empresta os olhos com que ele, vagabundo incorrigível, está a ver nesta hora quieta de província toda a vasta urbs do meu berço, ao mesmo tempo aqui e lá, no Hotel da Empresa e na Avenida Central.

Poços de Caldas.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXVI, n. 9313, p. 1, 05 abr. 1910

http://memoria.bn.br/docreader/178691_04/1252

2ª CRÔNICA DA SAUDADE

POR MAIORES QUE SEJAM e mais constantes as amabilidades que me dispensam, com farta generosidade, as pessoas que me rodeiam por estes lindos e aprazíveis lugares do interior, algumas das quais tão cariocas como eu; por mais solícito que seja o carinho em que me envolvem e mais cativantes as provas de simpatia com que me cumulam, o certo é que cada vez mais me pungem as saudades do meu querido Rio nativo. Não é propriamente que eu anseie por voltar à cidade tumultuosa e que a sua visão movimentada me tire o sono; mas é que penso nela constantemente, com um desejo quase irreprimível de ver e de sentir o que por aí se passa, o que por aí se diz, o que por aí se projeta. E, entretanto, quando aí estou verifico frequentemente que não sou das mais curiosas: muitos fatos que todos os jornais relataram com minúcias de reportagem e furores de publicidade passaram-me despercebidos, e não raro chegam ao meu conhecimento em conversas caseiras, ou referidos por visitas que muito se admiram de os eu não conhecer.

É que aí o trabalho constante absorve-me inteiramente e distrai-me de tudo que não tenha alguma relação com as preocupações da minha atividade. Realmente, o vadiar é uma arte, talvez uma arte bem útil, mas uma arte que eu não possuo, ou que não sei aproveitar, como tanta gente aproveita. A proficuidade do repouso é evidente; ele serve a refazer as forças do organismo enfraquecidas pela labuta da vida, a revigorar o espírito fatigado pelo esforço da produção, a adubar a saúde, enfim, que é uma planta preciosa, de frutos opimos e sombra fresca. Feliz quem sabe descansar, repousar, preguiçar no *dolce far niente* reparador e benéfico. Mas nem todos podem gozar completamente essas delícias. A uns, quando fogem das cidades para descansar, tange-os o delírio ambulatório; a outros, a cruel mania da caça, uma das mais fatigantes; a outros, ainda, o furor hípico de intermináveis cavalgatas por montes e vales; e a outros, finalmente, a necessidade de carregar pedras...

Por mim, é certo que muitas vezes, aqui por fora, deixo repousar o corpo numa cadeira de balanço... mas o espírito não repousa, o pensamento viaja.

E logo me atiro aos jornais do Rio, para, tanto quanto possa, entrar na vida da capital, sentir-lhe o movimento e a febre, misturar-me à multidão que se agita nas suas ruas, nos seus jardins, nas suas avenidas.

Foi assim que li um aviso ministerial, que provavelmente não teria lido se aí estivesse. Era do Sr. ministro da agricultura ao Sr. diretor do Povoamento do Solo. E logo me lembraram outros atos, de administração verdadeiramente moderna, do mesmo ministro, e logo se me afigurou que este administrador da nova pasta é uma figura muito interessante e curiosa de gestor, porque me parece ter feição própria; os seus atos revelam uma personalidade original e nova na política ativa do país. É, enfim, um administrador muito diferente dos outros que tem tido a República; e o pouco que por enquanto tem feito em meses apenas de direção de um ministério recém-criado, reveste-se de um tal cunho pessoal, que se compreende tenha desorientado um tanto ou quanto a crítica dos jornais. Não há tempo ainda de se sentirem os resultados da política deste ministério; ninguém poderá com segurança afirmar que sejam absolutamente bons ou totalmente maus.

Mas o que é inegável é que ela revela uma grande atividade, uma orientação previamente determinada, parecendo obedecer a um sistema estudado de conjunto; dá a impressão de que quem dirige essa política sabe o que quer e compreende que há inúmeras coisas a fazer. Com este ministro, ou eu me engano muito, ou ficará provado à saciedade o maior absurdo praticado pela administração republicana — a supressão, em um país que não se vexa de ser essencialmente agrícola, do ministério da agricultura. Sinto já por aqui, nos centros rurais onde me encontro, o renascimento de esperanças na lavoura abatida. Augura-se um futuro melhor, devido à ação de um ministro que me dizem ser lavrador inteligente e industrial importantíssimo, ação que parece ter compreendido uma face nova do problema agrícola brasileiro, isto é, que antes

de melhorar a lavoura se deveria melhorar o lavrador. Porque a verdade, a verdade verificada, é que o lavrador no Brasil, se excetuarmos algumas poucas regiões dos Estados mais adiantados, está por fazer. O nosso lavrador, principalmente o pequeno lavrador — que deve ser e é em toda a parte um elemento econômico de primeira ordem, — está na infância da sua arte, cultiva a terra como a cultivam os cafres mais obtusos, sem nenhum dos conhecimentos elementares que poderiam guiá-lo...

Ora, parece que há, finalmente, quem tenha feito alguns movimentos enérgicos para dar de futuro à lavoura algo mais que os braços que sempre lhe faltaram — para lhe dar cabeças. Braços fortes, braços resistentes, braços ativos, que valem se lhes falta a cabeça, a inteligência, que lhes dirija os movimentos, de modo que não seja desperdiçada nenhuma parcela da força dos seus músculos? Se metade do que os governos têm gasto desde o império, para dar braços à lavoura, fosse empregado em dar cabeça ao lavrador, em dar-lhe o preparo indispensável a todos que se dedicam às artes complexas, outra seria a situação da lavoura no país, outras seriam as condições econômicas da Nação, cuja prosperidade só da lavoura, unicamente da lavoura, exclusivamente da lavoura tem de vir.

Mas agora reparo... onde fui eu parar! O aviso que me sugeriu estas reflexões, também influenciadas pelo meio em que ora estou — que é absolutamente rural, nada tem com isto, nem é mesmo, dos atos do ministro da agricultura, o que tenha o maior alcance ou o maior brilhantismo. Mas é revelador de bom-senso, e isso basta para ser simpático. O aviso manda apenas mudar as denominações de vários núcleos coloniais do Estado, batizados com nomes de gente.

É uma mania enormemente generalizada no nosso país e, por desgraça, é original nossa, pois não me consta que tenha ridicularizado outros países, esta de dar a centros de população, aldeias, vilas e cidades, nomes de pessoas conhecidas e até desconhecidas.

Quem viaja pelo interior é que pode calcular, pelas que vê, quantas povoações têm nomes de personagens surpreendentes. As marginais das estradas de ferro são inumeráveis. Dão primeiro o nome — por exemplo, do Sr. Joaquim de Aguiar Mascarenhas, a uma estaçãozinha isolada no caminho.

Dali há pouco há duas ou três casas ao pé da estação, um ano depois há vinte ou trinta, e alguns anos mais tarde há cem ou duzentas, conforme as condições do local; e aqui temos um centro populoso com o nome do Sr. J. A. Mascarenhas.

Nós sempre tivemos escassa imaginação para denominações de lugares e pouco senso para a escolha dos nomes dos filhos. Àqueles damos quase sempre nomes impróprios, e os menos próprios são justamente os de pessoas; a estes damos nomes arrevesados, muitas vezes estrangeiros, tirados de romances de fancaria e absolutamente estranhos à nossa língua; outras vezes de homens excessivamente notáveis na história, nomes que se tornam ridículos e soam falso aplicados aos seus novos portadores.

Não são raros na nossa terra os George Washington, os Benvenuto Cellini, os Alexandre Magno, os Júlio César, os Marco Aurélio. Há famílias todas compostas de celebridades da Grécia e de Roma. Já me encontrei com uma Carlota Corday de Azevedo; falei uma vez com o Sr. Danton Gambetta de Lamartine, e as figuras mais ilustres do Senado romano têm se dignado conversar comigo muitas vezes.

E dizer-se que seria considerada tirânica uma lei que regulasse estes assuntos! Enfim, ao menos para os núcleos coloniais *legem habemus*, graças ao aviso do ministro da agricultura. Isto é talvez o início de uma salutar reforma, cuja importância social não será muito grande, mas que, em todo caso, nos aliviará do peso de algumas toneladas de ridículo; e o ridículo, que apenas amesquinha os indivíduos, fere sempre fundo a dignidade dos Estados.

E que mais me trazem as folhas do Rio? Notícias de crimes mais ou menos sensacionais — facadas, assassinatos, roubos e furtos; além de suicídios, muitos suicídios, e desastres quase diários. Como que sopra um vento de tragédia sobre a minha cidade. Pelas novas avenidas, parece daqui de longe, o que mais está custando a entrar é a civilização, o resto de civilização que ainda nos falta, que adoça os costumes e tempera as almas, extraíndo-lhes pouco a pouco a acidez venenosa que lhes resta do antigo estado primitivo.

Naturalmente, quando eu aí estou sucedem os mesmos desastres, cometem-se os mesmos crimes e praticam-se os mesmos suicídios. Eu, porém, é que não leio os jornais com a mesma atenção.

E olhem que ler cá pela roça as folhas da capital é de arrepiar!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXVI, n. 9320, p. 1, 12 abr. 1910.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_04/1340

NOTAS DE UMA VIAJANTE

SETE HORAS DA MANHÃ, céu leve e azul e, no curto caminho do hotel à estação da estrada de ferro, movia-se uma procissão de cerca de trinta hóspedes, de bolsa ou de maleta na mão, acompanhados de outros hóspedes amáveis que lhes iam dizer à *gare* os últimos adeuses. As crianças e as mocinhas que partiam voltavam os olhos saudosos, não para as colinas nuas das cercanias de Poços, nem para o feio e velho casarão do Hotel da Empresa, de onde tinham saído, mas para as *charrettes* de altas rodas e para os cavalos que ali ficavam ao dispor de outros hóspedes que haveriam de vir, para aproveitá-los no serviço do transporte à Cascata ou à Caixa d'Água, no tumulto risonho de um grande bando de passeantes dos dois sexos e de várias idades.

Dizem que as relações feitas nas estações d'água, na água se fixem num momento e na água se diluem logo após; em todo caso, a comunicabilidade entre os hóspedes de um mesmo hotel, durante um período de convivência forçada, só pode ser comparada à que se faz a bordo dos transatlânticos nas viagens longas. Nestes, embora pareça o contrário, talvez seja mais fácil limitarmo-nos a um pequeno grupo, e restringir a nossa sociedade à de meia dúzia de indivíduos que nos sejam mais simpáticos pela sua aparência, pela sua nacionalidade ou pela sua educação...

Em um hotel de banhos termais, de onde não se possa sair à noite, porque o sereno deve ser evitado, nem se pode sair de dia se chove ou se chuveia, porque a umidade deve igualmente ser evitada, nem tampouco se pode sair se o sol está ardente, porque o calor incomoda grandemente a quase todas as pessoas e pelos arredores não há sombras de árvores nem de caramanchéis que as possam

abrigar, em um lugar assim, os hóspedes sentem-se como que insulados, longe da vida exterior que cerca o estabelecimento, como se estivessem em um navio no meio do mar, ao mesmo tempo que se encontram mais ou menos em família, porque são todos, quase sem exceção, da mesma nacionalidade, falam a mesma língua e têm, mais ou menos, hábitos semelhantes.

De mais a mais neste Brasil imenso, dir-se-ia que toda a gente se conhece entre si! No fim de meia hora de palestra em qualquer salão de vilegiatura em que o tempo não falta para certa ordem de lucubrações, descobrimos que o nosso interlocutor é filho, neto, primo ou sobrinho de um velho amigo da nossa família ou da família do nosso vizinho, e eis já aí um motivo para simpatias e familiaridades.

Vendo-se, pela força das circunstâncias, confinados todos no mesmo salão, a não preferirem girar pelos longos corredores hospitalares, ou recolherem-se [ilegível] quartos, que hão de fazer [ilegível] assim?

Dançar.

Na véspera ainda da nossa partida houve um *cotillon* que, apesar de organizado de um momento para o outro, faria as delícias de salas mais exigentes.

Nele não faltaram nem prendas graciosas nem marcas imprevistas.

Enquanto moças e rapazes trocavam entre si flores, fitas, cartões com versos ou provérbios, em que o acaso os reunia para os mesmos passos de valsa do estilo, as pessoas idosas relembravam gostos de outros tempos, costumes caídos em desuso e já quase ou totalmente esquecidos... e um escritor mineiro, João da Veiga Miranda, escrevia sobre os joelhos estes versos, que os rapazes entoaram em um hino, no centro do salão, em louvor de uma senhora boníssima, cujas fadigas da idade madura não a arredam da convivência da mocidade alheia, a que o seu espírito empresta ainda viço e fulgor:

“Neste convívio feliz
de tão venturosos dias
cheios de enlevos gentis,
de inefáveis harmonias,
Alguém nos veio encantar,
as horas tornando suaves,
as horas fazendo voar
qual bando de alegres aves!

Dona Adelina, alma e vida
do salão, dos brincos nossos,
será a lembrança querida
desta temporada em Poços!...

Alegre sempre e bondosa,
de uma graça feiticeira,
embora pareça idosa,
é a mais jovem companheira,
Em torno ao seu vivo olhar
e ao som da sua bela voz,
sentimo-nos infiltrar
de magia, todos nós

Dona Adelina, alma e vida

Seja, pois, esta cantiga
uma sincera homenagem
à nossa querida amiga
da alegria a bela imagem,
Que um bom destino conserve
na su'alma, toda a vida
essa encantadora “verve”
que a faz, por nós, tão querida.”

Mas versos, músicas e danças giram talvez ainda nos sulfurosos ares de Poços, enquanto o nosso trem corre silvando pelas estradas até Cascavel, onde tomei outro trem, igualmente da Mogiana, que me conduziu à nascente vila paulista de Tambaú.

É indescritível esse trecho de viagem sufocadora, ardente, secativa. O pó da terra vermelha levanta-se em novelos densíssimos, infernais, envolvendo o trem incômodo estreito, que vai a trancos e barrancos, como um bêbedo doido,

cortando campinas afogueadas pelo sol, malvestidas de vegetação. Não há florestas que refresquem os caminhos com as frondes das suas árvores, nem grandes montanhas que projetem nessas mesmas estradas a sua sombra.

Onde não há cafezais há grandes manchas de terras incultas, em que as cabeleiras das gramíneas esbranquiçadas e as touceiras de barba-de-bode mal ondulam ao tênue sopro de uma aragem quente.

Daqui a algum tempo, quem nestas regiões precisar de um mísero pau de lenha, terá de ir cortar a um cafeeiro! De longe em longe, entre colinas calvas, aparece ainda um ou outro bosque, mas relativamente insignificante e sempre ou quase sempre afastado da linha. Digo quase sempre porque muitas vezes a poeira cor de cacau era tão densa, tão impenetrável, que ninguém através dela poderia adivinhar qual espécie de paisagem era a que bordava as margens dos caminhos!

Viajar na Mogiana em dia de calor é um verdadeiro martírio, um suplício inquisitorial.

As estradas, e muito principalmente as cortadas na famosa terra-roxa, deveriam ser todas empedradas, mas não sei se alguma o é.

Quando cheguei a Tambaú vacilei em decidir se era um ente humano ou uma estátua de terracota! Trazia, além disso, a convicção de que, quem quiser ver florestas e matas terá de ir... ao Rio de Janeiro, como ao Rio de Janeiro terá de ir quem estando em Poços de Caldas quiser tomar bom leite de Minas! O que por lá tomei era, além de escasso na quantidade, escasso na gordura, e, parece incrível, muito menos nutritivo do que o que me fornece a vacaria carioca do meu bairro!

Em Tambaú esperava-me um trole que após quase três horas de rodagem por caminhos acidentados e terríveis, mas em alguns pontos pitorescos, me depôs à porta da poética habitação de uma fazenda de café, em que escrevo estas linhas, já repousada, refrescada, depois de alguns dias suaves, entre sombras de paineiras em flor, aroma de jardins bem cultivados e murmúrio de águas constantes e cristalinas. A janela do meu quarto abre para o pomar, cheiroso; vejo

em frente, entre murtas e laranjeiras, um cacto gigante, apontando com os seus gordos, altos e inúmeros dedos, para o céu imaculadamente puro da manhã, e ouço um bem-te-vi, escondido por aí em alguma jaboticabeira, cantar desaforadamente, insistentemente, como se tivesse o propósito de se fazer entendido por mim! Deste doce remanso só lhes poderei falar de tranquilidade, quietação, doçura...

Não é isso que interessa o leitor; fecho, portanto, a minha pasta e vou beber o ar fresco dos campos que em uma extensão enorme cercam a residência querida em que repouso o corpo e o espírito e em que nem ânimo tenho de abrir um livro ou folhear uma revista...

Fazenda de S. Valentim — Porto Ferreira.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXVI, n. 9327, p. 1, 19 abr. 1910.
http://memoria.bn.br/docreader/178691_04/1436

VIA FÉRREA... DOLOROSA

A ALEGRIA DE VOLTAR aos meus penates foi precedida em S. Paulo por um grande terror: o terror da viagem na nossa primeira via férrea.

Só quem se não aventurou ainda no inferno dos carros-dormitórios, ou no purgatório dos carros-salões, nas viagens diurnas, pode supor que nós temos realmente uma estrada de ferro de primeira ordem na antiga D. Pedro II, cujas condições para o viajante em pouco terão melhorado desde que passou a ser a Central do Brasil. Temos agora a vantagem, no percurso entre Rio e S. Paulo, da supressão da baldeação de uma para outra linha, na Cachoeira ou em Taubaté, o que já é uma comodidade.

Ainda assim, a chegada dos trilhos da Central a S. Paulo levou vinte e tantos anos a realizar-se.

Se todos os seus melhoramentos forem conseguidos a iguais intervalos de tempo, daqui a uns duzentos e tantos anos ela terá talvez alcançado a perfeição. Felizes então os que viajarem à noite em camas confortáveis; porque que são hoje os carros dormitórios? — um corredor de lés a lés, com camas de um e de outro lado, embaixo e em cima, cerradas por uma cortina indiscreta, que serve a dois leitos!

Calor, mau cheiro de bordo e de poeira — e à falta de poeira, um calor sufocante pela falta da renovação do ar, que, sem a poeira, não pode entrar com as janelas fechadas, ou que entra com ela, se as janelas abrimos ao reclamo dos nossos pulmões afogados.

Mas ainda isso não é nada, porque tudo isso poderia ser dominado pelo sono — se se pudesse dormir. Mas quem pode dormir no último carro, no carro do coice de um comboio da Central?

Porque o carro-dormitório só não fecha os comboios noturnos quando, em vez de um, lhe atrelam dois; então vai sempre um deles antes do outro — talvez porque seja impossível colocar os dois no fim lado a lado!

Parece incrível que de tantos diretores inteligentes e competentíssimos que tem tido a Central, ainda nem um sequer se haja lembrado de dar outra organização aos trens noturnos, mandando colocar atrás do carro-dormitório um vagão de carga ou de lastro, bem pesado, que prendesse o precedente, de modo a fornecer-lhe o máximo possível de estabilidade. A razão deste descuido, que é uma desumanidade, está talvez no fato de viajarem sempre os diretores em carros especiais, mais limpos e mais confortáveis e colocados sempre antes dos dormitórios ordinários — oh! bem ordinários! — em que se deitam, para as torturas de uma noite inteira de sacudidelas violentíssimas, os passageiros pagantes.

Porque, meus amigos, é positivamente horrível uma noite passada nos leitos dos carros da Central — que lembram as peneiras metálicas das máquinas de escolher café. Ninguém dorme, ninguém repousa, ninguém sossega, a não ser nas breves paradas das estações do percurso. E pela manhã, quando a gente quer, no angusto lavatório do carro, encher d'água a bacia, para descascar o rosto e as mãos da poeira crassa da noite, a água salta da bacia aos solavancos do carro, e o nosso corpo oscila com violência e a nossa cabeça, ourada pela vertigem, tomba para um e outro lado, desequilibrada, como as dos bêbedos... É uma tragédia sem sangue, mas que nos deixa não menor impressão de tormento e de intrepidez no organismo abalado.

E é, sobretudo, uma vergonha e um opróbrio; porque, ainda que nos pagasse a nós, em vez de lhe pagarmos nós a ele, o Estado nunca deveria ter o direito de nos manter a todos como a novos Sancho Panças nos leitos que nos oferece à venda na sua estrada de ferro principal.

Li em um jornal que iam ser estabelecidos, nas viagens do Rio a S. Paulo, trens de luxo. Muito bem; isso será útil a quem possa pagar o excesso, que, sem dúvida, há de ser elevado, das passagens, mas inútil e até vexatório para a imensa maioria dos viajantes comuns, neste nosso país de gente empobrecida pelas onerosíssimas condições da vida, onde apenas se poderão contar por dúzias os homens de fortuna considerável.

Oh! a reforma da Central, nas suas relações com os passageiros, precisa de ser radical e completa.

Ela ainda não tem, como têm as suas congêneres do mundo inteiro, uma segunda classe de carros, e ostenta sem véu algum o absurdo das suas duas classes únicas — primeira e terceira!

Não tem um carro para passageiros não fumantes.

Não tem um carro para senhoras que viajem sozinhas.

Não tem um carro-restaurant, nem um carro-botequim.

Nada. Viaja-se por noites e dias inteiros, sem nenhum conforto, nem higiene, em absoluta promiscuidade; e se nos aperta a sede nos dias tórridos, ou teremos, para matá-la, de carregar nas malas garrafas de águas minerais com o competente copo, o que já é uma maçada, ou de fingir que a mitigamos, iludindo-a com a água morna das vasilhas de estanho ou de ferro, bebida por canecas do mesmo metal — isto nos carros da primeira classe, assim chamada por um escandaloso abuso de classificação.

E tudo isto pode ser melhorado e reformado sem grande esforço; e o exemplo de que todos estes males podem ser evitados, já o temos no próprio país e mesmo nas barbas da Central, em São Paulo. Basta uma viagem de três horas na S. Paulo Railway, até Santos, para se ver que a Central nunca teve administração que fizesse caso dos passageiros.

E os carros limpos, confortáveis e agradáveis da Inglesa não são de hoje, já há muitos anos que ela os tem infinitamente superiores aos da Central, podendo tê-los inferiores, sem prejuízo de maior para os seus passageiros, em razão da pequeníssima extensão da sua linha, que os seus trens percorrem toda em menos de cinco horas, e só de dia.

No sentido de que venho tratando, isto é, nas comodidades do viajante, a Central não melhorou coisa alguma nos últimos vinte anos.

Os nossos costumes é que se modificaram um pouco para melhor: já não são tão frequentes como dantes os passageiros que descalçam as botas *coram populo* e afagam o que dentro delas estava, nos carros da primeira classe. E já se não acrescenta tão amiúde a sordidez do chão com as salivações intemperantes dos fumadores e dos enjoados.

Quer isto dizer que parte do que mais difícil era de melhorar, que era o passageiro, está melhorando. Só se não melhorou o que era muito mais fácil — o material de locomoção, a solicitude da administração para com o viajante, que continua a ser pessimamente servido, como há vinte ou mais de vinte anos, por uma linha férrea que aumenta de importância de ano para ano, que tem por zona privilegiada a flor do país, e que tem tido e tem ainda presentemente na sua direção superior o que na engenharia brasileira há de mais elevado, mais distinto e mais ilustre.

É de pasmar! Dir-se-ia que nenhum dos diretores da Central, passados e presente, viajou jamais em um carro comum dessa colossal empresa do Estado, como simples passageiro particular, ou que, tendo nela viajado, nunca viajou em outra.

Se este desabafo de uma imbele vítima — e quantas vezes vítima! — da Central, pudesse chegar aos ouvidos e mover a decisão do engenheiro enérgico e ilustríssimo que tem nas suas mãos hábeis e inteligentes as rédeas desse corcoveante, chucro e selvagem cavalo de cem cabeças, como teria eu sido útil aos milhares e milhares de desgraçados que as contingências da vida obrigam a transportar-se frequentemente de um ponto a outro do nosso vasto território servido pelas esgalhadas e longuíssimas vias férreas que da capital da República se estendem, sem contraste, por esse interior adentro!

Talvez que eu viesse a merecer assim, dos pósteros, a estátua a que me não pode dar jus a minha pobre literatura hebdomadária. Mas quem, com toda a certeza, viria a tê-la, seria o diretor da Central, se conseguisse não já tornar deliciosas as viagens, mas apenas suportáveis — e decentes.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXVI, n. 9334, p. 1, 26 abr. 1910.
http://memoria.bn.br/docreader/178691_04/1530

NO BOJO DO COLOSSO

MANHÃ DE 13 DE MAIO, manhã de chuva, que desastre! Se há nada mais aborrecido do que a chuva, quando se deseja o sol!

Ah! e eu ansiava por que o dia fosse um desses dias todos azul e ouro, o *glorious day* dos nossos invernos miraculosos.

Por quê? Porque, graças à amável intervenção de Thiers Fleming, tinha em poder um convite para assistir à entrega da bandeira e da rica baixela de prata oferecidas pelas senhoras de Minas ao *Minas Gerais* e determinara ir a essa cerimônia, primeiro porque jamais vi outra semelhante, segundo porque isso me proporcionaria ocasião de ver o enorme vaso de guerra, que se me afigura, visto de longe, do alto da minha varanda, como um gracioso e leve *bibelô* de marfim em uma proporcional bandeja de esmalte azul... Como as próprias coisas materiais mudam de aspecto, segundo o modo por que são vistas! O *Minas Gerais* *bibelô* é de fazer torcer-se de riso o oficial mais míope da sua guarnição. Mas quem decididamente não tinha vontade de se rir era eu, olhando para os fios frios de água que desciam do céu pirracento, como se não tivessem outro propósito senão o de me desafiarem a paciência, já tantas vezes posta em prova.

Ir... não ir? as indecisões são sempre atormentadoras. Agora parava a chuva, e dirigíamos um passo para a escada, mas logo recomeçava e recuávamos o passo dado esperando outra estiada; e, quando a estiada nos pareceu garantidora de chegar mais ou menos até o cais a salvamento, eram quase 4 horas, e foi às 4 da tarde que partimos em uma lancha do Arsenal de Marinha, com rumo ao belo monstro poderoso, engolidor de pólvora, vomitador de fogo e de morte...

Sempre que visito um navio de guerra, sinto o meu espírito ensombrado por uma grande nuvem escura, que toda se orla de vermelho no debuxo de uma forma estranha e dolorosa. É a imagem terrível da guerra, com enormes garras afiadas, com as fauces escancaradas no esforço de um grito que enche o mundo de terror; com os olhos furados por duas brasas ardentes e faiscantes, com os membros descomunais, movendo-se em passos e gestos furibundos, que pouco a pouco se levanta diante de mim, surgindo de cada boca de canhão, de cada mesa de enfermaria, de cada sarilho de armas, aparecendo e desaparecendo pelos vãos das escotilhas, esgueirando-se aqui para mostrar-se além mais compacta, mais escura, mais ameaçadora! E toda eu me confrango ante essa imagem nefanda, fantasma antigo e aterrador dos povos que só têm criado a perversidade, a dor, o luto e o rancor eterno, em que se abebera a ideia da vingança, que nunca se satisfaz!

Mas se todas as vezes que tenho visitado um navio de guerra volto de lá oprimida, tristonha, pensativa, por que desejei com tanto afã ver de perto este, que é o maior de todos, e em que, portanto, mais avultaria a impressão dolorosa que dele eu deveria trazer?

Não sei. Seria talvez porque pessoa amiga e que de perto acompanhou a sua construção por cartas me informava de vez em quando dos seus progressos, aludindo a ele como a um corpo vivo, em que a nossa Pátria querida se personificasse já com o apego do sopro que a anima e a imortalizará.

Talvez fosse por isso; talvez não fosse. A vaidade andaria também a instigar-me os sentimentos patrióticos, induzindo-me a ir observar de perto um dos mais belos vasos de guerra da marinha moderna mundial!

Fosse pelo que fosse, o caso é que parti para o *Minas Gerais* com a influência com que uma menina de quinze anos parte para um baile em que terá de estrear um lindo vestido!

O céu transfigurou-se. De carrancudo, pardacento, ameaçador, fez-se azulado, transparente, semeado aqui e além de flocos brancos, leves e delicados. E a lancha, cheia de senhoras, deslizava sobre as ondas como a corbelha de rosas da fada boa da história, a corbelha mandada pela rainha da terra à rainha dos mares, por ter esta restituído à praia uma mendiga, pobre como a mais pobre, linda como a mais linda. Como se chamaria? Vamos que se chamasse Paz — que é de todos os nomes o mais belo, e sigamos o nosso caminho, que, continuando por este modo, não chegarei ao fim, e estou que o leitor é como eu, que não gosto de artigos compridos.

Uma decepção me esperava ao pisar no imenso convés, alegre como nenhum outro vi, e em que rodopiavam nas voltas de uma valsa moderna oficiais da marinha brasileira e italianos e moças risonhas e contentes.

A decepção era que a entrega da bandeira já se tinha efetuado, na hora designada e à luz de um sol radiante, como convém ao que ilumine o Brasil na data mais formosa da sua história. Ora, pois, tinha-me falhado uma das mais importantes e com certeza a mais comovedora parte da festa a que desejei assistir, mas era preciso agora não perder tempo e, antes que voltasse a chuva ou caísse repentinamente a noite, ir percorrer de popa à proa e de cima a baixo, esse enorme e lindo navio, cujas dimensões me pareciam ainda muito maiores do que eu pudera supor.

A proverbial gentileza dos nossos oficiais de marinha foi mais uma vez confirmada por um, o 2º tenente Milcíades Alves, que, abandonando as delícias do baile ao ar livre, teve de peregrinar conosco, escadas acima até a ponte de observação e escadas abaixo até os compartimentos inferiores, mostrando-nos todos os segredos do seu navio formidável. Pois, coisa notável: a horrenda figura de fumo preto e garras amarelas, que se põe, sempre que visito um vaso de guerra, diante de mim, arrepiando-me a alma, como a vista de um cão feroz ao pelo de um gato; essa figura que eu detesto e que desejaria, pobre D. Quixote

feminino, atravessar de lado a lado com uma lança mortal, de modo que para todo o sempre jazesse inerte no frio chão; essa figura da guerra maldita não ousou perturbar a serenidade do meu coração durante todo o tempo em que estive no *Minas Gerais*! Todo branco, simples e belo na sua força e na sua grandeza, esse navio parecia abrigar antes uma outra imagem superior e casta: a imagem da Paz — que ele vem assegurar, com a sua proteção e a sua soberania.

Ele estará como uma sentinela à porta de um templo sagrado; os seus canhões retumbarão em salvas de regozijo nas datas da confraternidade humana e a sua bandeira de cetim, doada por mãos patrióticas e bondosas de mulheres, tremulará sempre ao sol claro da justiça e da razão. Ah! essa bandeira, eu não a vi subir ao alto, entre as formalidades imponentes do estilo, mas vi-a descer lentamente, em um aceno demorado às terras e às águas da Pátria, ante a guarnição perfilada, em continência e de armas apresentadas, ao som do hino nacional e aos reflexos gloriosos do mais belo pôr-do-sol que imaginar se possa.

A cidade parecia ter posto luminárias nas suas torres, nas vidraças da sua casaria, nas claraboias dos seus telhados, fulgurando entre névoas violáceas sobre o fundo escuro das montanhas. E o mesmo astro que acendia essas luzes em terra palhetava de ouro, em tapetes esparsos, a superfície azul da baía, cortada aqui e além pela esteira ondulante das barcas e das lanchas velozes. O hino vibrava no ar limpo, lavado pela chuva da manhã e cortado, lá muito no alto, por uma imensa e ondeante fita de asas... Eram as fragatas ou gaivotas, que voltavam aos esconderijos de algum rochedo ignorado, para o doce sono da noite. Quantas? Quem poderia dizê-lo?

Incontáveis, seguindo uma após outra, e tão unidas, e tantas, que eram como um só festão de flores aladas e vivas, querendo do céu coroar a bandeira do *Minas Gerais* na previsão de um destino glorioso...

—

A lancha-torpedeira do navio trouxe-nos em cinco minutos ao cais. Mal houve tempo para, tendo entrado, tornar a sair! As próprias ondas pareciam mesmo um pouco espantadas de tamanha velocidade e afastavam-se em alas fundas para deixar-nos passar. E agora, que desse passeio só me resta a lembrança, quero fixá-la aqui, em uma saudação, bem da alma, à nossa marinha recomposta.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXVI, n. 9355, p. 1, 17 maio 1910.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_04/1810

NÃO VALE A PENA

NÃO, MEUS SENHORES, não vale a pena.

Não vale a pena, repito, fazer-se aqui o menor sacrifício, o menor esforço, o mais pequeno gesto de acoroçoamento em prol da nossa literatura, seja qual for o seu gênero, sejam quais forem os seus intuitos.

Escrever, no Brasil, para quê? Por quê? Por vaidade? Não. Escrever entre nós não pode tornar vaidoso nenhum escritor, a não ser na sua própria consciência, visto que os seus méritos naturais e a sua arte, ou o seu ofício, como quiserem, não impõem respeito nem admiração a ninguém.

Escrever, portanto, para quê? Para ganhar dinheiro? Mas esta ideia faria rir a torcer-se até a um chim de louça, e dos mais sisudos, na certeza de que em qualquer outra ocupação se pode ganhar infinitamente mais dinheiro do que em escrever para o público, nesta nossa adorada terra de bacharéis.

Ainda outra hipótese: por patriotismo? Considerando que é a pujança das suas respectivas literaturas o que principalmente torna os países considerados e superiores? Ora, adeus! Deixemos essas cantigas de patriotada para os imbecis.

Escrever, então, por quê?! Por necessidade de expansão individual?

Sim, eis a verdade psicológica, o segredo dirigente dessa estranha mania de se fazer literatura para o público, em um país em que o público não lê...

Não, meus caros senhores, não vale a pena ter entusiasmo nem trabalhar pelas nossas letras; fiquem esses cuidados para outros países mais incultos, menos habilitados a julgamentos rápidos e definitivos, os países selvagens, em que toda a gente que vá, por exemplo, a um teatro de estudo, de ensaio, de concurso, conserve diante da cena aberta uma atitude serena e respeitosa, uma atitude interessada e digna do seu grau de pouca ou nenhuma civilização.

Nós, já muito apurados, não queremos saber de histórias; compramos com o nosso rico dinheiro o prazer delicioso, quase divino, de grunhir parvoíces e dizer pilhérias por entre os mármore polidos e os parapeitos de ônix do nosso formoso Municipal, com o mesmo direito com que as dizemos por entre as ripas de pinho e as lonas sujas dos circos de cavalinhos. E *viva Dios!* e viva a polícia! e morra a literatura. Para que precisaremos nós dessa senhora, façam o favor de me dizer?! Nós não precisamos dela para coisa nenhuma! E a prova disso é que, se vamos a um desses espetáculos brasileiros, estamos para ali sem cogitar de que não assistimos a um espetáculo comum, mas a um espetáculo especial, de comparação, de observação, de estímulo, que devemos ter o maior empenho em não perturbar... Mas as peças nacionais são exatamente as recebidas com certa prevenção e desconfiança, e ouvidas mais por condescendência do que por curiosidade.

Nós queremos bater palmas, até fazer inchar as mãos, a qualquer *vaudeville* de origem estrangeira, imitado de outros *vaudevilles* já nossos conhecidos, com a constante reprodução de cenas desalinhas e torpes; mas não consentimos imperturbavelmente em ouvir uma peça de autor brasileiro, digno por todos os motivos da nossa consideração, e apresentada em um concurso com direito a prêmio.

É espantoso.

Quem estivesse atento, como eu estava, à primeira representação dos — *Impunes* — de Oscar Lopes, observaria que, mesmo antes de se abrir o pano para o primeiro ato, já havia no ambiente um ar de hostilidade de mau agouro. Essa impressão foi comunicada aos atores ao primeiro bafejo da sala, principiando eles logo a sentir que estavam pisando em falso. Não era preciso mais nada para a imolação da obra.

Ora, penso eu, representando estas peças brasileiras um esforço para a formação do nosso teatro nacional, o interesse do público deve harmonizar-se com o dos seus autores, de modo a fazê-las patentear, sem temores e sem

constrangimentos, tanto os seus defeitos como as suas qualidades. O que não é justo é começar a estrangular qualquer desses trabalhos mal eles comecem a se anunciar... Venha o julgamento depois.

Ao Sr. Oscar Lopes não faltam nem talento, nem originalidade, nem audácia, qualidades preciosíssimas em um autor de teatro, e por isso não temos medo de que o insucesso dos *Impunes* — peça em que, aliás, essas virtudes se concretizam, o desanime de futuros trabalhos do mesmo gênero. Ao contrário, o desafio anima à luta todos os batalhadores esforçados. Agora, para quem está de fora, observando tudo com serenidade, é que acode perguntar de si para si se tal teimosia e tal dedicação serão bem empregadas em um país em que as letras só matam a fome quando são feitas em massa de trigo para a sopa; e só fazem arregalar olhares admirativos quando são dirigidas a qualquer banco poderoso e pagas ao portador...

Vivemos a elogiar a literatura francesa. Mas há tempos para cá as comédias e os dramas franceses reproduzem banalmente as mesmas situações e os mesmos problemas sociais. Algumas dessas peças são realmente encantadoras e merecedoras dos nossos aplausos; outras, porém, são fastidiosas e tolas e, contudo, nós as aceitamos, senão do mesmo modo, pelo menos sem protestos nem insultos. Por quê? Porque são escritas em francês!

Decididamente a nossa intelectualidade só nos enche a boca quando a comparamos com a dos outros países sul-americanos que a não têm...

E, entretanto, acreditei-me, tudo que se possa fazer em um país em favor da sua literatura, é pouco.

Não me lembra em que livro de Jorge Ohnet há uma página forte e estranha, em que o autor do *Mestre de Forjas*, pondo de lado as figuras convencionais dos seus romances, saúda a França moderna, afirmando que todo o seu poder, todo o seu prestígio, toda a sua glória, todo o seu merecimento, lhe advêm da pena dos seus poetas, dos seus romancistas, dos seus dramaturgos!

Prestigiando a sua literatura, a França encheu de libras as gavetas dos seus livreiros, dos seus fabricantes de papel, dos seus jornais e dos seus teatros...

À sombra de cada uma dessas indústrias formigam mil interesses diversos, que se encadeiam e se fortalecem à sua custa.

Operários, caixeiros, costureiras, lavradores, químicos, industriais, que multidão se sente impelida e amparada pelas ficções dos senhores literatos!

Temos agora disto um exemplo bem claro. Edmundo Rostand ideou um drama em um galinheiro e executou magistralmente a sua concepção ousada. Pondo de lado o dinheiro que o seu trabalho fez ganhar aos aderecistas do teatro e ao próprio teatro em que o seu *Chantecler* foi representado; pondo de lado os lucros obtidos pelo editor que lhe comprou a obra e os da tipografia que vendeu a esse editor o seu papel etc., etc., imagine-se ainda que formidável soma de francos tem essa obra literária proporcionado a industriais de toda a ordem: joalheiros, chapeleiros, louceiros, que sei eu?

Não há vitrine moderna em que o famoso *Chantecler* não se faça representar, só, ou acompanhado pela bela *Faisane* ou a pretensiosa *Pintade*! Vemo-lo nas fivelas de cinto, em metal de todas as cores; em couro, nas bolsas, em cetim no tecido das gravatas, em penas nos chapéus das senhoras; em celulóide nos bibelôs de salão ou brinquedos de crianças; em madeira ou marfim nos cabos de bengalas ou de sombrinhas; em brilhantes e rubis nos broches; em gravura nos papéis de carta; em bronze nos pesos de papel; e, assim, em vidro, em papelão, em massa, em pedra, em barro, por todos os modos e feitios!

E estes industriais que se serviram das ideias luminosas do poeta, para, especulando com o entusiasmo público, ganharem com isso muito dinheiro, como olharão para ele quando o virem passar?

Com respeito? admiração? agradecimento?... Talvez...

Fosse aqui, e esse olhar reproduziria apenas esta convicção: “mal sabe aquele patife o partido que eu tirei das suas puerilidades...”

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXVI, n. 9383, p. 1, 14 jun. 1910.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_04/2196

A SEGREGADA

EXMO. SR. MINISTRO da justiça.

Molho a minha pena obscura e humilde no igualmente obscuro e humilde tinteiro da minha mesa de trabalho para, em um rasgo de ousadia que a mim mesma me espanta, rogar a V. Ex. que haja por bem fazer mercê a uma patricícia nossa que não tendo outra culpa senão a da faceirice, culpa, aliás, naturalíssima em mulheres da sua idade e que de mais a mais assenta maravilhosamente bem à sua beleza nativa, está, entretanto, condenada a permanecer no fundo de um cárcere, sequestrada da vista de toda a gente que, como eu, queira pagar-lhe de vez em quando os tributos da sua muito alta admiração. Posso afirmar que não falta no Rio de Janeiro quem deseje ver subir os degraus de mosaico e de mármore do palácio em cujo triste porão habita e tomar lugar condigno em um dos seus salões mais bem iluminados, essa brasileira formosa, cujos lábios todavia não se descerraram nem para a queixa amarga nem para o doce suspiro, e que se conserva no seu canto de repúdio com o mesmo semblante a um tempo malicioso e ingênuo e com a sua mesma expressão perturbadora e inconfundível.

Procurei-a um dia destes, para apresentá-la a uns hóspedes ilustres, só pela vaidade de lhes mostrar um tipo de beleza autóctone, e em vão percorri os vastíssimos corredores do seu palácio indagando dela, chamando por ela. O guarda, único, que encontrei rondando esta e aquela porta, interpelado por mim, respondia com evasivas, de olhar desconfiado, como quem arde por comunicar um segredo e tem ao mesmo tempo medo de o fazer. Por fim, compreendendo a sinceridade do meu interesse, dignou-se responder-me que ela estava enclausurada entre grades de ferro, no porão do edifício. Agora ninguém mais lhe poria a vista em cima. Estava presa por ordens superiores.

Pois saiba V. Ex. que não descansei enquanto não consegui penetrar no calabouço da linda sacrificada!

O claviculário fez ranger a chave no portão de ferro acenando que podíamos entrar, embora a luz já fosse escassa. E zig-zagueando por entre empecilhos de diferentes espécies — baixos relevos em gesso deitados no chão como tampas de sepulturas, retalhos de telas roídas pelo caruncho, restos truncados de estátuas, tábuas de quadros e papéis rasgados e esparsos em profusão, conseguimos chegar até a parte mais funda do saguão, onde a descortinamos de pé, voltando para o nosso lado o rosto sorridente...

Sim, era bem ela, a *Faceira* de Rodolfo Bernardelli; e, entretanto, à primeira vista, pareceu-me diferente, como que encolhida, mais pequena, envergonhada da sua situação. A sua carne moça como que se arrepiava, pelo medo muito compreensível de que os seus pés descalços, baixados do costumado pedestal e afundados agora nos detritos alastrados no solo, se ferissem em alguma lasca de pau ou em alguma ponta de prego enferrujado...

Ao seu sorriso delicioso de *coquette* instintiva, mesclava-se, à luz fugidia da tarde no ocaso, um laivo de ironia fina, e nem por isso menos amarga, e a sua atitude airosa ia, à proporção que a contemplávamos, ressaltando dentre os gessos truncados, como uma radiante afirmação de vida no meio de um cemitério...

Pobre *Faceira*, baixada da culminância de um pedestal de exposição para se quedar de encontro a uma parede sem cor, como uma criança de castigo, longe do nobre convívio, a que se habituara, de mármore e bronzes do salão de escultura!

Pobre *Faceira*, condenada ao isolamento, como uma celerada, ela que só fez o bem, porque é a formosura e a graça; que só suscitou ideias fascinadoras, por ser a própria fascinação; que tem direito às maiores homenagens, por ser uma das mais legítimas glórias da estatuária brasileira!?

Que feio pecado, ou antes, que terrível crime, teria perpetrado essa jovem índia para sofrer os rigores de uma condenação tão vexatória?

Saiba V. Ex. que ela está sequestrada, aferrolhada, por uma razão de que não tem absolutamente culpa.

Está presa... por ser de gesso!

Exatamente a fragilidade da sua condição requer um cuidado extremoso, absoluto, do carcereiro que a guardar; conservá-la assim é mantê-la sob uma ameaça de morte; e a pobre selvagem parece ter percebido isso mesmo sem deixar, contudo, de sorrir e de olhar para alguém que nós não vemos, e por quem ela espera talvez para a salvar...

Tem esta por fim, como V. Ex. já muito bem percebeu, rogar a quem o possa que se faça justiça, sendo a nossa *Faceira* reproduzida em mármore e posta em lugar condigno na grande galeria das esculturas, onde penetra a luz do sol em beijos quentes e vivificadores e o olhar dos visitantes a possa contemplar sem estorvo, com todas as vantagens.

Creio que a minha súplica vai bem endereçada, visto que é ao ministro da justiça que se deve clamar por ela; mas se erro, queira V. Ex. desculpar-me e endereçar a quem competir este meu requerimento, não vendo nele senão a mais alta prova da minha consideração, tanto pela arte nacional como por V. Ex.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXVI, n. 9390, p. 1, 21 jun. 1910.
http://memoria.bn.br/docreader/178691_04/2290

RESPEITO ÀS BARBAS

OH, COMO É ADMIRÁVEL a consciência artística dos tenores, e que independência a sua! Realmente, só um deles seria capaz de esquecer no fundo de alguma caixa ignorada do camarim as másculas barbas pretas que tivessem de caracterizar o tipo que ele devesse representar em cena... Que fiquem esses detalhes para os escrupulosos de menor importância; um tenor só compreende uma obrigação: a de ter voz — e mais nada. Para que há de ele, com este calor de inverno tropical, cingir aos queixos a barba negra de Francisco I, se pode cantar do mesmo modo com o rosto nu como um padre católico ou apenas enfeitado por um leve bigodinho de moço conquistador? Todo o mundo sabe quem é o duque do *Rigoletto*, autor dos famosos versos:

*"Souvent femme varie
Bien fol est qui s'y fie..."*

que o espantoso Verdi reproduziu no seu popularíssimo:

La donna é mobile qual piuma al vento...

Ora, se todo o mundo sabe que aquele sujeito que tais coisas diz é o Francisco I de *Le Roi s'amuse*, de Victor Hugo, ou ainda melhor, que aquele sujeito é o rei da França, Francisco I, que, por ter uma cicatriz no queixo, ou num beijo, usava a barba toda como disfarce; se todo o mundo sabe isso, não pode considerar como sincero um Francisco I sem barbas, porque um Francisco I sem barbas é como uma ave sem asas, um burro sem orelhas ou uma igreja sem torre, isto é, uma coisa incompreensível e incompleta por falta exatamente do seu traço mais saliente e mais característico.

A psicologia de um tenor deve ser muito menos complicada do que a de outro qualquer artista, seja qual for o gênero de arte que este professe e tenha de desempenhar no palco. Geralmente os artistas do teatro procuram, com o maior escrúpulo, entrar na pele, cabeluda ou pelada, das personagens que têm de figurar na cena; mas um tenor não contemporiza com essas necessidades nem desce da sua dignidade para se dar ares deste ou daquele; ele é sempre ele, quer esteja à mesa do seu hotel, de veston e cadeia de relógio, a comer bifes com batatas, quer esteja de gibão de veludo fazendo *tenutas* à luz da ribalta!

E haver ainda homens que ignoram a voz que têm, queixando-se ao mesmo tempo dos esforços que empregam para ganhar honradamente o pão da vida! É bom saber-se que a natureza esconde, às vezes, tão bem os seus tesouros que os próprios lugares que os contêm nem dão por isso! Desse modo não seria mau que toda a gente, assim como vai ao dentista de seis em seis meses fazer inspecionar a dentadura no receio de alguma cárie inapercebida, vá também a um mestre de canto experimentar a voz, na esperança de alguma surpresa! A de ter voz de tenor garante a um indivíduo não só a fortuna, mãe de tantas delícias, como a tranquilidade de espírito que prolonga a existência e a mocidade, visto que um tenor não terá de consumir horas do seu sono estudando através das páginas da história, na sua fonte originária, tal ou tal caráter, tal ou tal fisionomia; não terá de correr atrás da verdade da intenção deste ou daquele libretista, porque não está para canseiras inúteis, nem quer alterar a placidez da sua fronte, nem a comodidade dos seus gestos rígidos, não pela paixão da ideia ou do sentimento da personagem que encarna, mas pelo ritmo da música que desfere por entre os lábios sorridentes e inebriados...

Um barítono debate-se. É sucessivamente lindo ou medonho. Rigoletto aleijado; Falstaff pançudo; Fígaro lépido ou gracioso Escamillo. Um tenor não está para maçadas, quer a sua comodidade, prefere conservar de papel para papel o seu ar lavado de *bibelot* a reproduzir faces humanas devastadas ou sublimadas pelas paixões que as agitem.

Às vezes, por condescendência, ainda um ou outro cola à cara umas barbas características, mas lá vem uma vez em que as esquece no fundo de alguma caixa do camarim.

Foi o que aconteceu outro dia às de Francisco I, apesar de que estas eram tão notáveis, que são até hoje designadas pelo nome desse rei!

A verdade é que as barbas têm mais importância do que por aí se supõe, nestes tempos em que tamanha guerra se lhes faz!

Um escultor célebre, Sterne, afirmou mesmo que as ideias de um escritor barbeado diferem grandemente das ideias desse mesmo escritor antes de se barbear, o que nos induz a crer que talvez seja devido à circunstância de se não barbearem nunca que as mulheres deram a ser mais firmes do que os homens nas suas opiniões...

Tem-se feito para aí conferências sobre tamanha variedade de assuntos, que nem sei como este, tão prestativo, escapou até hoje!

Desde as solenes barbas bíblicas, orgulho dos hebreus, flutuando em largas ondas sobre peitos largos, ou representando, nos filósofos da Índia, o símbolo do seu poder e da sua sabedoria; desde as barbas honradas do intrépido guerreiro e vice-rei da Índia, D. João de Castro, dadas em penhor aos vereadores de Goa, que de aspectos variados, que de preconceitos, que de grandes e de pequenas coisas, ridículas e sagradas, as barbas podem sugerir a um conferente da erudição e da *verve* de Medeiros e Albuquerque, por exemplo!

O tema não é pueril e pode simultaneamente ser gracioso e ser trágico, ser dramático ou burlesco. É questão de cavar na história com paciência e fazer ressuscitar diante do auditório rostos de várias raças, diferentes épocas e pertencentes a indivíduos de diversas profissões. Tal marujo é logo reconhecido pela faixa de pelos que lhe orna o queixo de orelha a orelha; tal financeiro, pela sua barba *carré*, ou tal galã pelo seu bigode retorcido etc. O que nos parece, agora, puramente um capricho, foi muitas vezes determinado pelas leis de um país ou decretos de um rei! Quantos casos a relembrar, quantos versos e provérbios a

RESPEITO ÀS BARBAS

citar, quantas anedotas a dizer a respeito do uso das barbas e do seu feitio, desde as de Moisés, flutuando ao vento agreste e livre do Sinai e iluminadas pelos clarões azuis dos relâmpagos formidáveis, até as suicinhas reles e postiças dos industriais perseguidos e pilhados pelo moderno Sherlock Holmes!

Mas basta de barbas, que já me levaram longe demais as de Francisco I, coisa que eu nunca esperei em minha vida! Dirão que o tenor podia ter representado o tipo desse rei antes dele barbar.

Todo o homem é imberbe antes de barbar!

Mas então, para que o bigode?!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXVI, n. 9397, p. 1, 28 jun. 1910

http://memoria.bn.br/docreader/178691_04/2386

REFLEXÕES DE UM FILANTROPO

“E DIGAM QUE NÓS NÃO SOMOS FILANTROPOS, quando há entre nós almas, como a deste senhor que ofereceu agora vinte contos de réis à Maternidade do Rio de Janeiro, pedindo ainda por cima que lhe não divulgassem o nome! Bem pensado, dar vinte contos já é um arranco; mas dá-los na sombra, minorando a dor da miséria como o frescor do relento minora a secura da terra calcinada, oh, isso é obra que nestes tempos práticos, em que ninguém mete prego sem estopa, toca as raias do absurdo e do maravilhoso. A pena que eu tenho é de não poder fazer o mesmo, porque ninguém é tão caritativo como eu, e nesse caso não daria só vinte, mas cinquenta! Aqui o meu amigo conde também não vacila; é quase assombroso como ele desentranha da carteira notas novas em folha cada vez que é abordado pelas nossas adoráveis damas de caridade, e isto é tanto mais admirável aos meus olhos, quando eu lhes fujo, e só Deus sabe o que me custa fugir de mulheres.

É natural. O Romão também faz o mesmo.

Ainda agorinha no escritório, quando o vi entrar de repente com um ar muito enfiado, de quem deseja evitar um credor, cheguei disfarçadamente à sacada, lobrigando logo aqui à esquina, a inquirir com a vista para todos os lados, como para descobrir uma presa que lhe tivesse fugido, o grupo abnegado das nossas heroicas albergadoras de S. Bartolomeu, — percebi em um ápice de que se tratava e também eu me encolhi discretamente, por delicadeza. Fechei a janela. Estava muito vento. Romão aplaudiu: dizia eu muito bem, estava iminente uma dessas nossas tempestades de arrasar árvores e torres. Fora só por isso que ele se recolhera ao meu escritório, dando tempo a que a ventania passasse... E nunca céu mais azul se arqueara sobre os telhados da nossa rua da Alfândega... Ora, na verdade, não custava nada ao maroto do Sr. Romão ter sido sincero e dizer logo a razão da sua visita intempestiva. Eu teria tomado outras precauções e não chegaria à janela. Foi a imprudência deste meu ato que originou, certamente, a

invasão terrível, elas viram-me... sabem que sou amigo do Romão, adivinharam a marosca e assim, mal me voltei de fechar as vidraças, zás! eis que ouço um rugeruge de vestidos de seda e uma música de passos delicados e ligeiros pela escada acima!

Foi uma entalação!

Olhamos um para o outro, enfiamos as mãos nos bolsos, contando pelo tato o rico dinheiro deste fim de mês, que logo por infelicidade foi o mês de maiores despesas que tive durante o ano, e esperamos com um sorrisinho amarelo e heroico a visita perfumada e deliciosa das albergadoras de S. Bartolomeu. Foi então que, na angústia suprema do momento inevitável, eu me lembrei deste meu bom amigo, o excelente conde, ex-sócio da casa e que nesse momento escrevia cartas em uma sala contígua. Por uma dessas inspirações, que só iluminam os cérebros geniais como o meu, corri, abri a porta de comunicação e anunciei em um sussurro apressado ao meu prezado amigo a visita gentil das nossas gentilíssimas patrícias...

Ele, coitado, não pôde reprimir um — ó diabo! — agastado, mas logo compôs a fisionomia e se ergueu todo urbanidade, todo simpatia, caminhando para a outra sala, onde o deixei à vontade em companhia do Romão e das albergadoras. Estavam lindas, isso estavam; vi-as através de uma frincha da porta, todas roçagantes, iluminadas pelo fulgor das bichas de brilhantes, sacudindo as mãos em cumprimentos demorados que faziam tilintar pulseiras, rindo, com tremores de cabeça que lhes imprimiam ondulações às plumas dos chapéus grandes, à mosqueteiro. O conde, amabilíssimo, como para prolongar a doçura daquele instante, sacou muito devagarinho da algibeira farta uma nota nova de cem mil-réis — oh, ele não se negava nunca! — e ofereceu-a sorrindo à mais elegante das albergadoras.

Fazer um benefício, mesmo insignificante, a S. Bartolomeu, dizia ele, por intermédio de senhoras tão distintas e tão amáveis (infinitamente amáveis, interrompeu o Romão), era para ele um prazer inefável, quase divino! E acrescentava, sem dar tempo a pausas: que já nessa manhã oferecera outro tanto à boa irmã Pulquéria para o seu asilo de órfãos. Favorecia a pobreza com a maior satisfação e beijava as mãos de quem lhe lembrava deveres de caridade...

As senhoras confessavam embevecidas, em uma incontida explosão de sinceridade, que ele era um homem raro! Se todos fossem assim, mas qual! Só Deus no céu sabia os vexames por que elas passavam naquela árdua missão de angariar donativos para o seu albergue! E dizendo isto voltaram-se para o maroto do Romão. Com o ar mais natural do mundo, ele puxou por uma nota de vinte; mas, como tem maus fígados, não quis sofrer sozinho e apontou com o queixo, à dama do seu maior conhecimento, para o lugar do meu esconderijo. Precipitei-me para o fundo da sala, de modo que, no momento em que as albergadoras entraram, estava eu todo absorvido a procurar, entre as folhas esparsas da correspondência do conde, uma nota de tintas e de vernizes mandada pelo Timóteo, de Cantagalo! Fiz-me de surpreendido e, depois de ter explicado em voz alta ao conde a minha preocupação, realmente a nota dos vernizes fazia-me uma falta horrível, ofereci, com um gesto à Cyrano, porque sou generoso, uma nota de cinquenta mil-réis à mais velha das albergadoras.

Contemplei o Romão. Estava desapontado.

Tive ao menos a alegriazinha pérfida de humilhar o Romão, causador de tudo. Imitando o conde, também eu afirmei às gentis albergadoras de S. Bartolomeu ter infinito prazer em poder ser útil a alguém ou a alguma coisa por seu intermédio. Nós os homens andamos sempre tão arredios do suave caminho das consolações! A obsessão dos negócios faz-nos parecer indiferentes a tudo e, entretanto, beijamos as mãos de quem nos faz lembrar certos deveres de humanidade... Eu estava a dizer estas coisas, e a ver o bigode do meu alfaiate, a quem pago por prestações semanais e a quem destinava aqueles cinquenta mil-réis, eriçar-se raivoso nos fios ruivos do penacho de uma das damas! Quando elas saíram, cheias de cumprimentos, de agradecimentos, de sorrisos, atirei uma praga ao ar... contra o calor e fui abrir a janela de par em par. O Romão apoiou a minha resolução.

Fazia eu muito bem! estava uma atmosfera sufocante, abrasadora. Ele ia para a rua, tomar um *chopp* na Brahma ou um refresco no Castelões. Parecia-lhe agora poder andar à vontade por onde lhe parecesse. O perigo estava passado. Tive vontade de o descompor. Que tolice! Então um homem, por causa de uns

miserabilíssimos vinte mil-réis, sujeita-se a fazer uma figura tão triste e ainda por cima compromete os amigos?! Se ele na rua não tivesse fugido àquelas pobres senhoras, tão amáveis, coitadas, elas não lhe teriam seguido no encalço e embarafustado imprudentemente atrás dele pelo meu escritório, nem eu teria dado o dinheiro do meu alfaiate nem incomodado o conde, que afinal já tem muito com quem repartir o seu. Basta ouvi-lo falar durante duas horas, para ficarmos cientes dos grandes benefícios que ele prodigaliza, não só a estranhos como a parentes. Também é um homem esquisito, não dá um presente que não diga a outrem que o deu... foi ele quem me contou que sustenta uma viúva com duas filhas, pelo simples motivo de ter sido casada com o seu melhor amigo, e ter ficado paupérrima; quando a verdade é que ele gosta dela... foi ele quem me disse, e a todo o mundo, que estabeleceu um cunhado com o capital de trinta contos, de que jamais verá nem dez réis... e que paga os estudos de seis rapazes, cujos nomes me indicou, e que não cobra os aluguéis ao Belmiro e ainda perdoou as dívidas ao Santarém. É de uma modéstia sublime, o meu amigo conde... Só a mim não me dá nada! Dizia meu avô, que era homem antigo, não haver gente tão perniciosa à sociedade como a que alardeia os benefícios que faz.

O preceito delicado de que a mão esquerda deve ignorar o que dá a direita, perde cada vez mais a sua aplicação, e é por isso que eu me espanto de que ainda haja alguém que ofereça nada mais nada menos de vinte contos de réis, de uma assentada, exigindo que lhe ocultem o nome. Este é dos meus, que ainda assim, se eu fosse rico, não daria só vinte... mas quarenta. Em todo o caso, já foi bonito e eu não posso exigir que os outros sejam como eu..."

(Do livro *Os outros*)

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXVI, n. 9425, p. 1, 26 jul. 1910

http://memoria.bn.br/docreader/178691_04/2782

COMO A FLOR DO LÓTUS...

Acabo de receber uma carta interessante, assinada por duas frequentadoras do teatro Lírico, pedindo uma palavra minha sobre o caso da Simone Darcier, no belo drama *Une femme passa...*, de Romain Coolus.

Para as minhas correspondentes, como, aliás, para outras senhoras, cuja opinião ouvi na plateia na própria noite da representação dessa peça, o papel da protagonista tem um desfecho que a põe fora da realidade da vida. "Uma mulher de carne e osso, afirmam elas, nunca agiria⁴⁵ assim. Não lhe parece?"

Não, minhas queridas senhoras; não me parece. Para mim, a figura nobre de Simone Darcier é perfeitamente humana e está dentro da minha casa nesta hora em que lhes escrevo. Acreditai: existem, embora raras como a flor de lótus — que de cem em cem anos floresce apenas uma vez — almas femininas, aqui como em França, ou em toda a parte, capazes da mesma heroicidade, do mesmo devotamento ativo em que se desdobrou a da escultural ficção do escritor francês.

Não sei por que duvidastes da realidade daquele tipo quando, na nossa própria sociedade, não seria difícil encontrar esposas que tenham perdoado aos seus maridos faltas idênticas à do Dr. Darcier...

Bem sei que não se trata aqui de um mero sentimento de resignação forçada pelas circunstâncias e que tantíssimas vezes sela os lábios da esposa ultrajada para que se lhe não escape por entre eles a mínima queixa ou a mais disfarçada censura, mas que toda a vossa estranheza brotou do espanto causado pela atitude de Simone na hora terrível das explicações, do: — sei tudo! Mas quem nos diz, minhas senhoras, que, por trás de tantos casos que nos têm

⁴⁵ N. da E.: No jornal, grafou-se "agonia". Supondo ter sido um erro tipográfico, substituímos por "agiria".

parecido extravagantes em famílias alheias, que temos entrevisto ou que nos têm chegado aos ouvidos, já alterados por sucessivas narrações na aragem do — diz-se, — não se erguerá um vulto de mulher, altivo como o de uma deusa — dizendo ao marido as mesmas coisas que a formosa Simone disse ao seu?! Sim, serão raras como a flor do lótus, mas existem, para glória da mulher e prestígio do Amor, essas almas feitas de um só sopro divino, que sabem dominar os seus instintos feminis, a sua vaidade, o seu amor-próprio, o seu desespero íntimo e mais doloroso, para estenderem a mão firme ao infeliz transviado e trazê-lo para o seu caminho, não por amor delas, mas para o bem dele. Não há só lodo na terra que pisamos. Por entre os lamaçais enganadores, cobertos de vegetação atraente e rasteira, há caminhos seguros em que se pode andar sem medo de traição.

As mulheres honestas não são raras, como a literatura nos quer fazer pensar; mas as mulheres que à honestidade aliam uma tão alta compreensão dos seus grandes deveres, uma bondade tão perfeita como a de Simone Darcier, essas sim serão raras, mas existem, porque não só existe tudo que a imaginação do homem concebe como casos exequíveis e lógicos, como porque em todos os tempos e em todas as raças há seres à parte, fora do nível das vulgaridades, capazes de raciocinar com limpidez e bom-senso, mesmo nas horas de perigo e de tormenta, e capazes de mergulhar na onda mais temerosa, para salvarem um naufrago... Mas, perguntará quem não conhecer o drama de Romain Coolus: qual o ato assombroso que, no dizer de tanta gente, colocou essa extraordinária Simone Darcier fora da sua mesquinha contingência de ser humano, afligido, como todos os outros, pelas torturas do ciúme e do amor?

O ato assombroso dessa mulher é o de ter perdoado o adultério do marido, não pelo modo lamuriento ou ameaçador por que as mulheres perdoam, afinal, quase sempre, tais delitos aos seus respectivos esposos, mas pela maneira altiva e nobre por que ela o faz, sepultando no fundo do peito o seu amor-próprio ofendido, obrigando ao silêncio a queixa da sua carne ainda moça, desprestigiada, para salvar o marido na hora em que o vê aniquilado, impondo-

se-lhe, como um guia moral, a estrela rutilante a que ele deve seguir e obedecer cegamente na vida. E ele obedecerá, porque a linguagem que ouve o ilumina e assombra. Não era certamente aquilo que ele poderia esperar. Simone fala-lhe como uma grande amiga; a esposa desaparece na treva do amor perdido...

Inteligente, ela percebe que as suas lágrimas seriam inúteis, que bem diz o provérbio: — nunca as lágrimas de uma mulher fizeram voltar o homem que a deixou... — e desdobra o seu coração, heroicamente, num sentimento feito pelo sacrifício, mantido pela razão: será uma irmã forte daquele homem fraco, procurando, para salvá-lo, conduzi-lo para uma outra espécie de amor, amor que não ilude, que não se vinga, que não deprime, mas que recompensa e fascina — o amor da ciência! A alma da mulher que ama verdadeiramente tem profecias admiráveis. Simone não sentiu o golpe repentinamente, viera pouco a pouco, de desconfiança em desconfiança, de zelo em zelo, de certeza em certeza, preparando-se para a hora do desenlace, que afinal chega sempre na vida...

Sentindo desaparecer o seu prestígio, ela relanceou a vista espavorida e viu os livros do marido, os companheiros fiéis da sua mocidade, incitadores de sua glória e esteios de sua fama. Eles fariam o que ela não pudesse fazer; as suas páginas teriam mais força do que os seus braços, as suas sentenças mais convicção do que as suas súplicas; eles salvariam o homem que ela sozinha não teria forças para salvar e que não poderia repor no seu pedestal glorioso, só pelo clamor dos seus gritos ou pelo desafoço das suas mágoas... Como toda esposa que não tem pelo seu marido só o amor vulgar, mas admiração pelo seu espírito e respeito pelo seu nome, ela impõe-se o dever, sagrado e nobre, de fortalecer esse espírito num instante de crise em que ele poderia fazer soçobrar o brilho do nome, embora não conte com a possibilidade, jamais, de que ele volte a amá-la!...

Mas voltará, e com um amor mais profundo, mais sincero e mais perfeito; um amor maravilhado, feito de amizade e de gratidão, que nunca mais o deixará arredar-se dela nem por um minuto.

Mas a Simone, a essa sim, os cabelos brancos chegarão antes da idade, e ela não os pintará para iludir ninguém.

Nós temos a mania de julgar tudo pela mesma tábua-rasa dos sentimentos comuns. Se o que é natural é que tal mulher esperneie com ataques, ou se submeta como uma mártir silenciosa, ou se atire ao marido com frases terríveis e grandes ameaças, quando ele, urgido pelas circunstâncias, lhe confessa amar outra mulher (e mesmo que essa mulher seja uma *guese*, como a amante de Darcier, que enganava o marido, não com um amante, mas com dois!), afigura-se-nos incrível que uma esposa tenha força moral bastante e superior penetração de vista, para, de um modo elevado e digno, dar um conselho a seu marido, em vez de um empurrão.

Mas a verdade é que, entre os milhares e milhares de mulheres que, mesmo nesta nossa cidade, em que tão mal se diz delas, sofrem tais decepções com seus maridos, talvez não fosse difícil, repito, encontrar algumas capazes de agir como a escultural Simone.

Tudo o que o pensamento humano concebe pode ser executado por um ente humano, de mais a mais quando nisso seja inspirado por um amor verdadeiro e uma razão clara e forte.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXVI, n. 9432, p. 1, 02 ago. 1910
http://memoria.bn.br/docreader/178691_04/2886

UMA FESTA LITERÁRIA

FOI PENA QUE AS QUARENTA POLTRONAS da Academia Brasileira de Letras não estivessem quase todas ocupadas na bela noite da recepção de Paulo Barreto... Digo quase, porque ninguém ignora que algumas dessas cadeiras pertencem a escritores que vivem fora do país ou em Estados afastados da capital.

Concedendo mesmo que um ou outro dos acadêmicos residentes no Rio de Janeiro não pudesse, por motivos muito imperiosos, comparecer à festa solene da recepção de um novo colega, ainda assim o número de lugares vazios era tão grande e punha na sala um vácuo tão frio, de uma indiferença tão inexplicável e absurda, que não podia deixar de ser notada e causar estranheza a toda a gente que se apinhava ali, em toilette de festa, em torno do estrado dos consagrados, com ouvidos curiosos e as mãos fremindo para os aplausos justos. De resto, era difícil conceber a ideia de que todos os ausentes tivessem sido impedidos de assistir a sessão da sua casa, por motivos de força maior...

E nunca a sala da Academia esteve mais linda. Os ramos multiplicavam-se enchendo o ambiente com o aroma capitoso das angélicas abundantes, como a prepará-lo para a vibração da palavra moça do recipiendário. E o discurso claro, sóbrio, elegante do novo acadêmico foi ouvido de princípio a fim com um sorriso de deleite e de simpatia. Através da sua comoção, que não seria pequena certamente naquele instante inesquecível e brilhante da sua vida literária, ele deveria ter percebido isso mesmo, gozando o prazer, bem raro, de se sentir compreendido e amado pelo seu público.

Com o mesmo talento, que tem, a mesma novidade de estilo, a mesma observação da vida e das coisas da sua terra, o novo acadêmico não teria despertado na alma da população carioca o interesse que despertou, se em vez de ser jornalista ele fosse apenas escritor de livros.

A não serem o teatro e o jornal, os outros gêneros literários como que isolam os autores do calor ardente da comunidade.

O jornalista, mesmo o mais aristocrático ou o mais independente, é um familiar, um amigo de todos os dias, espectador como nós das mesmas cenas, misturado a nossa vida pela cadeia forte das opiniões.

Os outros escritores são mais ou menos idealistas, mais ou menos sonhadores, e a bem pouca gente interessa o sonho dos outros...

A última sessão solene da Academia de Letras atraiu-me muito especialmente, não só por ser a de recepção do escritor original que é Paulo Barreto, não só por se fazer nela ouvir a palavra sempre brilhante e sempre artística do escritor admirável que é Coelho Neto, mas também porque ela evocava a figura inconfundível de um poeta cuja obra leio sempre com ternura, porque ele me deu em vida, todas as vezes que o ouvi, a sensação de ser um bom, pelo menos literariamente falando, porque ninguém como Guimarães Passos parecia prezar tanto o talento alheio, recitando com entusiasmo ou carinho versos de poetas patrícios, seus contemporâneos, alguns seus desafetos, fazendo-lhes ressaltar o capricho das rimas ou qualquer outra das suas qualidades mais notáveis, provando assim, a par de uma frescura de memória incomparável, uma bondade incomparável também. A homenagem de um artista a outro artista, da arte que ambos professam, muito principalmente quando sejam ambos da mesma época e da mesma roda, não é coisa assim tão comum que passe despercebida a quem a observe de fora. E não pode haver homenagem mais agradável a um poeta do que a de saber que um outro poeta o saiba de cor. Era tal a memória de Guimarães Passos que se conta dele este caso: uma vez Artur Azevedo, vendo-se atormentado pelo pedido insistente de alguém que exigia dele um soneto velho e perdido, respondeu a esse alguém que se esquecera completamente daqueles versos e não sabia agora onde encontrá-los.

Mas o homem não se resignou, queria o soneto, custasse o que custasse, e tanto indagou, e tanto se queixou, e tanto impacientou o boníssimo Artur, que este, em desespero de causa, mandou-o ter com Guimarães Passos como a um último recurso. E o homem foi e o saudoso Guima recitou-lhe o soneto de princípio a fim, sem um tropeço, sem a mínima hesitação, palavra por palavra, como se o estivesse lendo em grossas letras sobre um papel branco. Felicidade do pedinte, pasmo do Artur, que todavia costumava dizer:

— É o diabo... Se morre o Guima, enterra-se com ele a minha obra de poeta!

E o poeta dos *Versos de um simples* e das *Horas mortas* quem o recita?

Não sei...

Entretanto, há nessas páginas graciosas ou melancólicas muita ideia a reter, e muita harmonia a repetir no carinho das salas pequenas, diante de um auditório compenetrado, desses que não estremecem só às lufadas febris dos gênios, ou às tiradas brilhantes dos atrevidos, mas que sabem sorrir, e sentir no sorriso o doce encanto da arte leve e discreta, ou sabem cerrar as pálpebras para verem dentro da própria alma a sombra fugidia do mesmo sentimento infiltrado em versos despretensiosos, escritos na areia, que a água lambe e leva, como estes das *Horas mortas*:

O SABOR DAS LÁGRIMAS

As salsas águas do mar
As fundas feridas curam,
Por isso muitos procuram
Na praia o corpo banhar;
Mas dizem que o sal batendo
Nas chagas dói de tal sorte
Que a criatura mais forte
Sempre se cura gemendo.

Por isso eu choro, que as bagas
Do pranto, caindo n'alma
Trazem depois doce calma
Saram-me as íntimas chagas;
Mas as lágrimas, que são,
Como a água do mar, salgadas,
Curam, porém, desgraçadas,
Causando sempre aflição.

Note-se que abri o livro ao acaso, sem a preocupação da escolha.

Estas sessões da Academia têm, além do brilho das consagrações, para o que ela foi criada, a doçura de uma romaria ao passado, que tanto mais interessa ao público quanto ele ainda é recente. Entre as pessoas que estavam no vasto salão do Silogeu, qual delas não teria conhecido a pessoa elegante e altiva de Guimarães Passos, quer andando na rua com o chapéu de feltro a ensombrar-lhe o rosto moreno, de tipo mais espanhol que brasileiro, quer nas festas literárias, de casaca perfumada pela grande gardênia branca da botoeira? Ninguém.

O que é incontestável é que a Academia venceu a quizília ou má vontade que porventura lhe tivesse um ou outro cá fora. Em toda a parte do mundo a mocidade combativa gosta de dar as suas marteladas, mais por troça que por maldade, à porta dos templos sagrados.

Aqui houve também as suas marteladas, mas não foram muitas, e é natural que agora, com a entrada de um moço, que começou demolidor, para a Academia, os outros moços, em vez de golpearem a martelo as suas portas, achem mais prudente bater-lhes com os nós dos dedos, na esperança de poderem lá entrar. Pela unanimidade da consideração da imprensa e pelo açodamento com que tanta gente procura assistir as suas sessões solenes, é evidente que a sociedade brasileira preza a Academia. O que falta agora é que a prezem igualmente todos os acadêmicos, deixem-me insistir, para que dos novos recebidos se não possa suspeitar que só os estimam e acolhem os poucos que assistem a essas sessões, as quais sempre compareceu, além do chefe do Estado e alguns dos seus ministros, o que a sociedade brasileira tem de mais elevado, de mais elegante e de mais culto. De vinte e quatro membros da Academia que me consta estarem nesta capital, só dez foram receber o novo colega. Nem ao menos metade dos presentes. É realmente pouco. Estas ausências da maioria não podem de modo algum fortalecer o prestígio da instituição. E, todavia, a Academia pode dizer-se que iniciou este ano os trabalhos para que foi criada; começou o vocabulário brasileiro, distribuiu o serviço do dicionário geral para a propaganda

da sua ortografia e publicou o primeiro número da sua *Revista*, volume de umas duzentas e cinquenta páginas. Esta atividade prova, se os acadêmicos não esmorecerem, que a Academia é uma instituição útil e que dela muito pode esperar a intelectualidade brasileira.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXVI, n. 9446, p. 1, 16 ago. 1910.
http://memoria.bn.br/docreader/178691_04/3082

CARMEN DOLORES

PARA QUE CARMEN DOLORES CONSENTISSE em deixar-se morrer foi preciso aturdi-la, subjugá-la, torná-la inerte pelo efeito de uma forte injeção de morfina. Foi o que, na hora do saimento, me disseram as próprias filhas, que dia e noite vinham de há muito assistindo com verdadeiro assombro à luta heroica, tremenda, sem par, daquele organismo devastado, a desfazer-se fisicamente de minuto em minuto, de segundo em segundo, e aquela inteligência que na própria dor parecia encontrar elementos novos de robustez e de clarividência.

Não se pode conceber um duelo mais terrível do que esse entre a vontade humana e a natureza implacável. E, por ironia da sorte, desde que a tremenda condenação pesou sobre ela, a escritora sentira rebentar-se-lhe na alma, com toda a seiva primaveril, uma floresta de sonhos e de ideias formosas a realizar.

Mais do que nunca ela queria viver, viver muito tempo ainda para se dedicar completamente à sua obra literária, começada tarde, infelizmente, e que pensava em enriquecer de novas concepções, que lhe acudiam em tropel, para a fatura, sempre lenta, de romances e de peças de teatro. E tanto essa ideia a absorvia agora, que, mesmo varada por dores lancinantes, com a fronte coberta de suores frios, os dedos entorpecidos, a carne a sumir-se-lhe entre a pele e os ossos, o corpo vergado, torcido como um trapo pela brutalidade das crises do mal que a matava, escrevia ainda as suas crônicas costumeiras, com o mesmo, ou ainda mais brilho de conceitos, com a mesma, ou ainda maior ironia nos comentários, e a mesma maleabilidade no estilo moderno e fácil, que sempre a distinguiu dentre todas as cronistas do nosso jornalismo. Receando talvez acabar antes de poder transmitir ao papel tudo o que tinha na ideia, Carmen Dolores queria escrever agora depressa e muito, desdobrando, freneticamente a vida que lhe fugia e que ficaria assim cristalizada nos seus pensamentos e ideais. A sua obra literária era o seu testamento. Não lhe bastava a crônica transitória, que nasce para morrer no mesmo dia; queria deixar páginas mais consistentes e

traçava com mão febril e pressa delirante o arcabouço de um drama, de que parece ter deixado feitos um ou dois atos. Os últimos foram com ela para a sepultura, e foi pena, porque já na sua primeira peça — *O desencanto* — Carmen Dolores provara as suas belas aptidões para esse gênero difícil da literatura.

Além de teatro, a escritora deixou firmada a sua competência no romance e no conto. Sobretudo no conto. E quando eu disse que infelizmente a sua carreira nas letras fora começada tarde, disse-o com a ideia de que muito maior seria a sua bagagem literária se ela tivesse sido começada mais cedo.

Com a sua ilustração, mais de uma vez Carmen Dolores nos afirmou nas suas crônicas ter estudado como um homem e com os melhores mestres do seu tempo, tendo concluído cedo os preparatórios que lhe dariam ingresso em qualquer das nossas escolas superiores, se a isso ela se tivesse proposto, ilustração aliás provada à saciedade nos seus escritos; com a sua observação da vida, o seu talento excepcional, o seu temperamento vibrátil, a sua coragem de lutadora e a sua capacidade de trabalho, Carmen Dolores ter-nos-ia legado, a par do nome de jornalista brilhante que deixou, uma obra prodigiosa, se acaso tivesse começado a trabalhar aos vinte anos. Houve ao menos, na sua demora em entrar para a carreira literária que tão ardentemente a solicitava, a glória de ter começado como bem poucas vezes acabam, mesmo os que nela mais lidam e mais se esforçam: — magnificamente.

Não sei quem terá agora coragem para pegar na pena da escritora desaparecida e continuar com ela a encher aos domingos a primeira coluna do *Paiz*. Foi tal a intensidade de vida que a pobre Carmen deu sempre a essa seção, que não será fácil encontrar quem de bom grado lhe assumas as responsabilidades. Seja quem for o jornalista que o fizer, poderá estar certo de que por muito tempo ainda a saudade da cronista morta esvoaçará entre os olhos do leitor e os períodos alegres ou pungentes da sua crônica domingueira.

— —

É já a segunda colaboradora desta folha que desaparece assim, em pleno vigor do espírito. Não conheci a primeira, senão através dos seus escritos frequentes em que brilhava também, como nos de Carmen Dolores, a chama de um talento forte e de uma ilustração nada vulgar. A encantadora Corina Coaracy.

Também essa parecia ter nascido para servir de acha à fogueira colossal da imprensa diária. Toda ela era nervos e toda ela era graça. Tinha, como Carmen Dolores, o espírito combativo do polemista: o ânimo enérgico, o gosto pelas discussões ao mesmo tempo que a intuição fina da arte.

Lia muito, criticava com acerto, fazendo como a recém-morta voar a pena ligeira sobre assuntos ligeiros ou torná-la pesada sobre os assuntos pesados, espalhando elogios ou censuras com sinceridade, sem temer de ferir convenções nem pessoas.

É triste nesta hora de melancolia evocar a figura desta mulher de talento em quem já ninguém fala e que deixou, entretanto, na nossa imprensa um rastro de espírito muito fascinador; mas é, entretanto, doce dar à morta de hoje, na solidão do seu túmulo, a sombra de uma companheira tão sua semelhante!

As homenagens prestadas a Carmen Dolores no seu enterro, em que se fez representar o presidente da República, se à pobre morta nenhuma espécie de consolação ofereceram, deram-nas a nós outros a impressão de que ao menos o tempo das ingratidões e da indiferença pelas letras passou... Há, porém, uma outra homenagem a prestar a essa escritora: a de lhe enfeixarem as crônicas melhores em um volume bem editado, bem cuidado e em que figurem o seu retrato e a sua biografia. Será a única maneira de não deixar morrer com ela a maior e a melhor parte da sua obra.

E é do que se deve tratar agora, que tudo o mais são palavras que o vento leva para o destino ignorado a que leva todas as coisas atrás das quais ninguém corre... E a figura desta escritora original, ardente e vigorosa merece ficar em destaque permanente na galeria dos nossos escritores, de todos os tempos.

— —

Ao *Paiz* que ela tanto distinguiu com a sua preferência e tanto ilustrou com as irradiações do seu espírito, o meu profundo pêsame.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXVI, n. 9453, p. 1, 23 ago. 1910.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_04/3174

UM GRANDE SERVIÇO

HÁ UM ANO, pouco mais ou menos, escrevendo eu neste mesmo lugar sobre a morna tristeza e profunda apatia do nosso povo rural, recebi várias cartas, de vários pontos do interior, atribuindo-me má vontade para com os nossos campônios, quando em verdade o meu sentimento era bem outro!

Lamentava eu a falta de ambição da nossa gente do campo e o seu nenhum instinto para procurar na própria natureza, em cujo seio vive, elementos que tornem a sua existência mais alegre, mais útil e mais sã. Tal censura não significava malquerença, mas interesse pelo bem-estar de uma classe que na sua humildade é talvez, entre todas, a que melhor poderá impelir o país para a felicidade de um futuro próspero e digno. Vá que eu olhasse para essas coisas, como olho ainda, mais pela visão puramente da arte do que pela visão dos interesses patrióticos e sociais; isso pouco importava, porque no fundo o desejo era o do mesmo aperfeiçoamento.

Fazendo a propaganda, pelos meios ao meu alcance, da alegria contra a tristeza; da música contra o silêncio sombrio; das danças contra os retraimentos e as caladas cachimbações em soleiras de portas, à beira das quais não sorri uma flor; da ambição pelo dinheiro, que torna a mulher lépida e o homem esperto e desembaraçado; da boa alimentação, contra a alimentação viciada ou deficiente; da escolha da boa água, contra a da água bebida ao acaso de córregos ou de rios infectos, que torna as crianças barrigudas e feias e as adultas amarelas e tristes; fazendo a propaganda contra a indiferença, o desmazelo, a apatia, a falta de amor pela natureza e de instintos pela poesia, que melhora a vida de todo o ente racional, e a que os nossos caipiras parecem indiferentes, eu só revelava o desejo de os ver melhorar de sorte. Não é com palavras que se conseguem realizar ideais

tão belos, mas não há dúvida que elas vão às vezes até mais longe do que pensamos, levando em si o gérmen de grandes e absolutas transformações. E é esta a recompensa dos que labutam na imprensa. As minhas palavras não podiam ter entrado nas cabanas dos analfabetos, mas entraram em algumas casas de telha vã, dos povoados que lhes ficam próximos, visto que de algumas delas recebi os protestos e as queixas a que há pouco aludi. Mas o tempo é bom conselheiro. Os queixosos terão tido, de então para cá, momentos de reflexão que os façam compreender que falei deles como amiga.

A que atribuí eu a falta de alegria, de asseio, de pitoresco e de conforto na vida íntima dos nossos camponeses?

À sua ignorância.

O nosso povo rural das classes baixas vive atolado até aos olhos na mais culposa, na mais profunda ignorância que seja possível a alguém imaginar.

Nascidos na solidão das serras ou das vastas campinas, quando muito mais ou menos próximas de lavouras em que predomina ainda a rotina, os pobres homens de enxada desconhecem completamente o valor da sua inteligência, que mesmo que num ou noutro seja grande, é sempre estéril, por não ter sido nunca penetrada pelo mais tênue raio de qualquer ensino. Mas esse tempo de lúgubre ignorância pode-se desde já dizer que pertence ao passado, e seria ingratidão e injustiça que, tendo eu aqui clamado contra tão triste abandono, não me apressasse agora em atirar às nuvens os foguetes de festa, vendo que o governo atual se empenha em corrigi-lo de um modo positivo e completo.

Li no *Paiz* de sexta-feira, 9 do corrente, "estar já em execução o programa do ensino ambulante de agricultura prática, instituído para iniciar os lavradores na prática dos modernos processos culturais da terra."

Esfacelando-se a velha rotina, novas ideias trarão aos homens novas iniciativas, e outros horizontes se rasgarão diante dos olhos dos próprios cavadores e capinadores.

A larga distribuição gratuita de folhetos contendo ensinamentos sobre o modo de combater moléstias de plantas e de gado; sobre a melhor maneira de extinguir certas pragas; de fertilizar campos estéreis ou fazer face aos tempos de longas estiagens ou de chuvas exageradas; a demonstração das vantagens das culturas mecânicas; as desinfecções para expurgo dos insetos nocivos às plantas (quantos pomares têm sido completamente devastados por essas fazendas do sertão, por ninguém saber dar remédio ao mal que os destrói), a higiene das casas e dos campos, — despertarão até no homem mais rude a curiosidade pelos processos modernos de trabalho, acordando-lhe no íntimo o desejo de estudar para bem penetrar na razão de coisas tão opostas àquelas em que foi criado. A escola ambulante transformará a vida dos sertões, como um facho de luz viva transforma um recinto trevoso num outro iluminado e brilhante.

As consciências irão acordando do seu longuíssimo letargo, e a vida, tendo maiores exigências, será contudo mais vigorosa e mais alegre.

Já das escolas profissionais, espalhadas pelo Brasil, e todas com grande frequência, se irradia por toda a região que as circunda o enorme benefício da curiosidade pelos estudos agrícolas e a fé de que eles tragam ao país a fortuna de que o país carece; porque a verdade é que a grande lavoura agoniza, agoniza em estos de dor angustiosa, desiludida do seu poder antigo. O tempo é outro. Os homens são outros, os processos para viver têm forçosamente de ser outros. Ficar encravado no passado, quando tudo mais caminha aceleradamente para diante, é absurdo e loucura. Antigamente muitos homens serviam a uma só ambição; hoje todos os homens servem à sua própria ambição, é preciso fazê-los fortes e dignos de a servirem bem, para o bem de todos.

Num país das dimensões do nosso, as escolas ambulantes não poderão realizar os milagres que realizam as da Suécia, que parece terem servido de modelo às nossas, ou de outro qualquer país europeu de fáceis comunicações, cortados como são por vias férreas, cujos apeadeiros são sempre perto de povoações e aldeias, o que permite aos mestres levarem sem grande trabalho o ensino aos seus discípulos. Aqui está tudo disseminado. Entre uma vila e outra há dezenas e dezenas de léguas a percorrer de trole ou a cavalo, desde que as lições tenham de ser levadas até onde, exatamente, haja delas maior necessidade... Mas não faz mal.

O prodígio há de cumprir-se. E de todos os benefícios que o Sr. ministro da agricultura pensou em fazer à sua terra, nenhum tem com certeza maior alcance moral do que este, que levanta uma classe enorme, nulificada pela ignorância, ao nível superior de gente apta para um trabalho inteligente, conscienciosamente executado. Já que os nossos serranos e sertanejos não podem vir às escolas, que vão as escolas até eles, e pouco a pouco ir-se-á produzindo a sua transformação intelectual e moral. Os seus lares tornar-se-ão, insensivelmente, mais risonhos e mais confortáveis. As próprias habitações dos cavadores mais obtusos deixarão de ser tocas para serem casas. Eles afeiçoar-se-ão a indústrias novas. As mulheres aprenderão a tecer, com as fibras das plantas têxteis dos seus campos, panos para os seus aventais ou sacos para seus colchões, deixando assim de dormir em catres sem lençóis ou em meras esteiras de tábua, para repousarem à noite sobre a lã tosquiada dos seus carneiros, ou sobre as palhas limpas do seu milharal ou a paina fofa das suas paineiras maravilhosas.

Uma noite bem dormida predispõe ao trabalho e à alegria. Com a prática de uma indústria virão outras e, ao mesmo tempo que os maridos aprendam a servir-se, lá fora, nos campos, das máquinas modernas e dos modernos processos de cultivar a terra, elas, dentro de casa, redimidas de tantos anos de inércia e de

bestialidade, substituirão por frescos potes de barro as latas de querosene em que conservam a água; cultivarão canteiros de hortalica no chão, antes batido, dos seus terreiros, darão com a sua atividade e o seu carinho um ambiente amoroso e feliz às suas residências de camponeses pobres...

E isso, que parece tão pouco, transformará completamente a vida brasileira. O campo, deixando de ser hostil, como é atualmente, para ser atraente e simpático, chamará a si milhares de indivíduos que na fascinação das cidades e no pavor de um isolamento ríspido o evitam agora, procurando empregos longe dele, num encarniçamento tanto mais terrível, quanto maior é para esses empregos a concorrência nas cidades. E do estrangeiro os colonos virão por seus pés, sem que ninguém os chame, tentados pela doçura de uma convivência mais agradável e de um trabalho mais inteligente. As escolas agrícolas e as escolas ambulantes parece-me a mim que estão destinadas a transformar por completo a vida rural brasileira. Todas as classes do interior lucrarão com o seu influxo. Já era tempo.

E agora é esperar que o prodígio se cumpra, e há de cumprir-se.

E assim as gerações futuras deverão a sua prosperidade, a sua alegria, a sua saúde moral, tudo que dependa de uma educação bem orientada e bem executada, à clarividência e à energia do ilustre homem de Estado que é o Sr. Dr. Rodolfo de Miranda.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXVI, n. 9474, p. 1, 13 set. 1910.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_04/3462

SIC TRANSIT GLORIA...

"AÍ VEM A RAINHA! aí vem a rainha!"

Houve um sussurro. Olhei. D. Maria Pia atravessava vagarosamente a nave da capela de Queluz, entre os seus dois filhos, ainda rapazinhos de calções curtos e colarinhos à mamã. Na majestade do seu porte elegantíssimo, no fulgor da sua cabeleira ondeada, de um louro ardente, na própria cor do seu vestido de verão branco e lilás, a rainha de Portugal realizava diante dos meus olhos de criança — eu tinha onze anos a primeira vez que fui à Europa — a visão perfeita de umas certas princesas encantadas que a minha velha ama Maria mulata me descrevia nas suas histórias de fadas e cavaleiros prodigiosos.

Lembro-me perfeitamente que durante a missa não desviei a minha atenção, nem por um minuto, da família real, e tanto que fixei bem na memória o tipo emaciado e muito branco do rei D. Luís, trajado de flanela clara, com os cabelos cor de cerveja franjando-lhe a nuca espessa, e as mãos papudas cruzadas no genuflexório; e os rostos redondos dos príncipes, vermelhos e sadios, de olhar inquieto e impaciente, mortos, naturalmente, por saírem da capela e irem para o parque montar nos seus cavalos ou saltar os seus papagaios.

Tão vivas foram em mim as impressões da minha primeira viagem que me parece que ainda foi outro dia que presenciei esta cena, e ela já pertence a um passado tanto mais longínquo, quanto entre ele e o presente se interpõem acontecimentos de grande vulto.

A rainha dos cabelos de ouro, toda nimbada de idealidades, como as da história da minha ama, guardando embora a sua alta e inconfundível distinção, tinha já um ar mais humano a segunda vez que fui ao seu reino, onde me aconteceu chegar por ocasião do casamento do seu filho mais velho.

Seria naturalmente porque os meus olhos, despidos já do véu de ilusão da meninice, fossem vendo as coisas de um modo muito mais positivo, ou porque nessa dezena de anos em que o príncipe deixara de pensar em papagaios de papel para levar uma noiva ao palácio real, a rainha tivesse algum cuidado que a humanizasse, a verdade é que ela já me não parecia uma visão de sonho inabordável, mas uma mulher de carne e osso e rosto pensativo. E, no entanto, dizia toda a gente: toda ela era frivolidade e *toilette*...

Casava-se D. Carlos, e da janela de um primeiro andar vimos passar o cortejo. Maria Pia, a radiante rainha moça que eu tinha na ideia, envolta na cor lilás de um vestido de verão, entre dois rapazinhos de pernas nuas e cabeleiras encaracoladas, conservava a sua linha esbelta e linda. Os príncipes tinham-se transformado em homens de bigodes, homens fortes, de andar pesado e de olhar atrevido. A figura de D. Luís esbate-se-me na memória, em uma massa esbranquiçada de expressão diluída e mole. Na sacada de onde eu me debruçava, algumas senhoras compara[va]m o luxo da rainha mãe e a simplicidade da princesa Amélia, que tinham visto na véspera, mal ajeitada em uma capa cinzenta.

Ninguém a suporia uma francesa, diziam.

Entretanto, a sua singeleza deveria conquistar simpatias do seu povo; a mim parecia-me incomparavelmente mais atraente, mais sedutora e mais artística a silhueta de Maria Pia, incorreta de feições, mas incomparável de porte.

Poucos dias depois contava-se que entre as duas princesas passava já a sombra de uma nuvem. Verificando que a princesa Amélia era excessivamente religiosa, D. Maria Pia advertira-a, aconselhando-a a diminuir as suas assiduidades à igreja, assegurando-lhe que o povo português não gostava de fanatismos. D. Amélia replicara-lhe altivamente que nenhuma conveniência a obrigaria jamais a alterar os hábitos da sua educação.

Começava o duelo; teria ele continuado até que a mesma dor sofrida em comum lhe tivesse posto um termo? Quem sabe! E aí está todo um romance a construir sobre o largo alicerce desta pequena anedota, caso ela seja verídica.

Quando alguns anos depois voltei à Europa e visitei Lisboa, já a pálida figura bonachona do rei D. Luís tinha desaparecido havia não sei quanto tempo, e o pequeno príncipe de pernas nuas, que eu vira dando a mão à sua mãe na capela do palácio de Queluz, era o rei D. Carlos I, pai de dois rapazes fortes e bonitos: D. Luís e D. Manuel.

Os dias sucedem-se sem se parecerem; está em nós ou nas coisas que vemos a sua diferença? Está em tudo. Mas se o nosso modo de sentir, e o aspecto das próprias coisas que nos parecem imutáveis, muda com o tempo, nada é tão sujeito a essa violação como o aspecto físico da criatura humana. Quem viaja e traga [sic] na retina tal ou tal imagem, se volta um dia aos lugares percorridos, em vão procurará encontrar neles a mesma expressão antiga. As cidades que a saudade fizera aumentar de proporções parecem-lhe mais pequenas ou inferiores, e as próprias pessoas desinteressantes.

Foi de um passeio do Chiado que eu vi pela última vez a rainha viúva D. Maria Pia.

Ela passava sozinha, dentro de um belo *landeau*, descoberto. Fazia frio. Toda ela se sumia sob as pregas fartas de uma grande manta de peles pardas, e se fazia pequenina como para deixar espaço a que algum ente imaginário se viesse sentar a seu lado... A sua cabeça, de larga cabeleira ondeda, pareceu-me pequenina então, coberta em parte por um toucado de veludo que mal lhe escondia as madeixas de cabelo ainda afogueado. Ao nível da linha da portinhola via-se a curva roxa de um grande ramo de violetas.

Parei, a ver. O carro descia a rua vagarosamente.

Lembrei-me: fora naquela mesma nuança — de roxo que eu vira a rainha pela primeira vez, quando ainda menina, eu olhava para a realidade como quem olha para quimeras. Somente esse roxo era o roxo dos lilases, a flor da primavera

e do sol radioso; este roxo agora era o das violetas, do frio e da viuvez; flor da velhice e da saudade...

E tive pena, não sei por quê, daquela mulher que ali ia sozinha, toda encolhida a um canto do carro, como se levasse consigo a mágoa de uma dor qualquer!

E as dores vieram, formidáveis. Mataram-lhe o filho, mataram-lhe o neto... As fantasias da sua vida de grandeza, de fausto, de luxo desmedido, transformaram-se em sustos e decepções.

Também ela supusera, talvez, ser uma princesa fantástica, de vida à parte, como as das histórias infantis, e nessa crença de ser extra-humana abusou da realidade das coisas... Mas o sofrimento, como a morte, não poupa ninguém, e os que só tarde choram nem por isso chorarão com menor angústia. De toda a família real portuguesa agora destronada, nenhuma figura me parece tão complexa nem tão interessante como a de D. Maria Pia. E foi também a mais resistente. Os seus nervos de mulher frágil sustiveram-na inabalável através as três gerações de reis que nestes últimos trinta anos governaram, — ou desgovernaram, o velho Portugal: D. Luís, D. Carlos, D. Manuel.

Viu morrer o marido; passou da sua cabeça radiosa para a impassível cabeça da nora a sua coroa de rainha; viu morrer o filho ensanguentado; vê desabar o trono e fugir sob os seus destroços o último neto...

Também ela foge, também ela vai perseguida pelos urros da fera cansada e que supusera sempre humilde e inerte a seus pés... Também ela sente que uma voz tremenda a acusa pelos seus desvarios mundanos, o seu luxo, a sua insaciedade de dinheiro... E os seus olhos tristes fixam-se nas terras da Itália, de onde, moça e linda, saíra com saudades para fundar, sem amor, uma família de príncipes em Portugal. E agora, que após tantos anos essa família está dispersada pela morte e pelo exílio, ela volta desgarrada ao velho ninho para lhe pedir um pouco de piedade e de esquecimento; mas nesse próprio ninho ela será sempre a estrangeira, a banida, a hóspede...

Sic transit gloria!...

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXVI, n. 9502, p. 3-4, 11 out. 1910.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_04/3886

CARTA A UM DESANIMADO

QUANDO ONTEM PRELIBÁVAMOS JUNTOS o gozo passageiro de um sorvete, em que as cores nacionais se esbatiam nos tons desbotados do creme e do pistache, assegurou-me você ter tomado a resolução de atirar a sua pena de escritor para o inferno e ir tratar muito burguesmente de ganhar dinheiro, seja com uma fábrica de conservas assassinas, seja com o invento fácil de sabonetes, cuja causticidade arranque couro e cabelo da humanidade, seja com o que for, enfim, contanto que isso lhe dê a glória que a literatura lhe nega na nossa sociedade.

Ao princípio acreditei em uma *blague*. Para que se tem vinte anos, senão para se dizer coisas contraditórias àquelas que nos dominam? Atirar a sua pena, tão literária e tão fina, para as profundezas do inferno seria um crime, se a situação desse país não ficasse delimitada pelas três faces de papelão das mágicas, onde não seria difícil ir buscá-la depois. Perpassou-me mesmo pela mente a ideia extravagante de que, abandonando a crônica, em que o seu espírito rutila, você atirasse a sua fantasia em *maillot* e manto lentejoulado para as tábuas podres do nosso palco.

Devo ter arregalados os olhos, com manifesto ar de dúvida, pelo modo por que me assegurou, redobrando de energia:

— Sim, senhora, deixo a literatura de uma vez e mergulho de corpo e alma no mar dos negócios e das indústrias, levando comigo a admiração da sua paciência e da sua constância.

Não é preciso perguntar-me a razão desta renúncia; ela está aí, bem patente e bem clara. De que vale trabalhar com amor, dar toda a palpação, toda a vida do meu ser superior à literatura do meu país, quando o meu país é completamente indiferente ao meu valor e ao meu esforço? Na sua vida de

mulher, retirada do convívio brutal das turbas, o seu espírito guarda ainda um pouco da ilusão e do idealismo com que nasceu; e quando, no interior da sua casa, a senhora escreve os seus livros sinceros, pensará talvez que está trabalhando para a glória da sua terra, quando, de fato, não o está senão para a ruína do seu editor!

Acredite, minha amiga, toda a sua bagagem literária não pesa na mão de um político tanto como um simples quadradinho de papel em que se inscreva o voto de um eleitor ignorante. Entre duas pretensões, uma sua, outra dele, embora a sua fosse justa e a dele absurda, seria a dele, fatalmente, a atendida.

O nosso governo não preza nem considera as letras.

Nesse ponto senti um friozinho arrepiar-me a imaginação; mas, para o não interromper, não disse nada e você continuou:

“Gabem depois os franceses, como fez agora o *Figaro*, com relação à peça do Dr. Graça Aranha, o esforço do Brasil em revelar-se intelectualmente ao velho mundo.

Mas com que parte entra nesse esforço o governo brasileiro, faça o favor de me dizer? Mandou ele já, porventura, ou auxiliou sequer, a tradução, para o francês, dos nossos livros principais? O curso da Sorbonne, sobre história e coisas do Brasil, as conferências realizadas em várias capitais europeias: os artigos literários em *La Revue*, feito tudo pelo nosso ministro na Bélgica, o melhor propagandista da nossa terra no estrangeiro, o notável escritor Oliveira Lima, não são obras de exclusiva deliberação sua?

— São.

Creia, minha senhora, os escritores não têm aqui a consideração que merecem, quer da parte do povo, que não sabe ler, quer do governo, que só [lê] os anais da câmara e os relatórios que ele mesmo fabrica.

Os outros artistas ainda assim [têm] as suas compensações. Telas borradas, muitas das quais, por fortuna, não passa a influência além das quatro paredes da sala em que se fixam, são compradas pelo Estado por dezenas de contos, além de

que o pintor que as executou já algumas vezes gozou das vantagens, justíssimas aliás, de um prêmio de viagem, que, além das utilidades práticas, faz recair algum brilho sobre o seu nome.

Os músicos começam também a ter os seus prêmios de viagem. Não é nada, não é nada, é, pelo menos, a vida assegurada na Europa por uns dois ou cinco anos. Continuando nesta minha carreira literária, eu não poderei ir à Europa nem por três meses! E ainda sou eu que assopro a fama dos pintores, dos escultores, dos músicos, sem que nenhum dos ingratos me leve consigo, porque a nós, os escritores, o governo não dá prêmio nenhum. Você é moço? Tem talento, provado em escritos em que lateja a esperança de uma glória futura? Tome este bordão e esta bolsa e vá peregrinar pelas terras de exemplos fecundos e bons ensinamentos. Enriqueça a sua língua, penetre no sentido das civilizações diferentes; observe aspectos de natureza e de arte e volte cheio de ideias e ideais, seguro da sua forma, conhecedor dos homens e do mundo. Será então um escritor variado, imparcial, moderno. Era isso que o governo brasileiro nos deveria dizer, a nós, no princípio da nossa profissão embaraçosa e hostil.

Mas não; temos que fazer tudo à custa do nosso esforço. Escola de jornalismo não há. Não há um curso superior de letras. Fazemos crítica de arte sem ter educado a vista e a observação em obras de mestres. Conhecemos os museus pelas gravuras industriais, o que não impede de pontificarmos, deixe escorregar o termo, sobre os trabalhos que nos vemos obrigados a criticar.

Se não tivéssemos talento, maleabilidade natural, qualidades extraordinárias de inteligência, os nossos jornais seriam dignos do Tibet e não revelariam o progresso quer intelectual, quer material que tão admiravelmente demonstram. No fundo do meu Estado, quando eu sonhava em vir para o Rio de Janeiro, era sob o influxo da ideia de vencer. Há por lá a prevenção de que só no Rio de Janeiro se abre caminho nas letras! Para isso fiz o meu estilo durante meses e meses de tenacidade e de paixão, escrevendo, rasgando, tornando a escrever, procurando efeitos de linguagem e vocábulos novos, com o afincado de quem procure pedrinhas de diamantes entre grãos de areia ou seixos banais.

Vim para a minha conquista com o olhar cheio de fé e a fronte iluminada de esperanças; mas não foi preciso muito tempo para que as esperanças se apagassem e a fé desaparecesse. O porto de salvação é mais desabrigado e tormentoso do que supomos de longe. Naufraga-se nele com mais facilidade, talvez, que no mar alto. É o que lhe digo, não vale a pena.”

Houve uma pausa. Você começou a tomar o sorvete patriótico, que todo se derretia no cálice abandonado, e foi então que, tendo acabado sossegadamente o meu, eu lhe dirigi a frase que aqui repito:

— É preciso apelar para a voz do patriotismo!

Não sei que chalaça você achou nessas palavras, que se engasgou de riso. Foi preciso esperar que a rajada passasse.

Mas afinal eu não tinha dito uma asneira. A questão era de forma, no que somos soberanamente exigentes, desde que o conselheiro Acácio desacreditou as frases feitas e os lugares-comuns. Mas agora diga-me: em que termos poderia eu exprimir a mesma ideia? Se você, rapaz de talento, atirar a sua pena para o inferno e os outros escritores o imitarem para irem encher o bolso de moedas em vez de encher o papel de pensamentos, a que ficará reduzida a superioridade do Brasil em face das outras nações da América? Até aqui, a única superioridade que reconhecem ao nosso país, na comparação com os outros do continente, é a da sua intelectualidade.

E quem é que constitui a intelectualidade de uma nação, seja ela vasta como a China ou pequena como a República de Andorra? Os seus negociantes? os seus operários? os seus lavradores? os seus banqueiros ou os seus usurários? Jamais! O valor intelectual de um país está todo consubstanciado no valor dos seus poetas, dos seus oradores, dos seus romancistas, dos seus jornalistas, dos seus homens de arte e dos seus homens de Estado e de ciência. Os verdadeiros patriotas somos nós, que, tendo capacidade, porque quem faz o mais faz o menos, para servir outras causas de interesse pessoal e imediato, morremos pelo nosso ideal sem nunca podermos viver dele, e fazemos refulgir em letras de ouro o

nome do Brasil. É da nossa abnegação que nasce o seu triunfo, o único que, a par da sua natureza, ninguém ousa contestar... Se lhe roubarmos esse também, que lhe ficará? O Corcovado? O Pão de Açúcar?

É pouco.

Não há só vaidade, acredite, vaidade puramente profissional na afirmação que deixo aqui; há também o conhecimento de uma sentença que não sei quantas vezes tenho ouvido repetir:

“Entre as nações da América do Sul, o Brasil impõe-se pela sua intelectualidade.”

E diga-me agora o meu amigo: — quem é a intelectualidade do Brasil? não somos nós?

Somos.

Convencidos desta verdade será justo desertarmos as nossas fileiras de combate?

Não.

Nesse caso, em vez de mandar a sua pena denodada e fértil às mãos do diabo, sustenha-a nas suas e escreva páginas de livros ou colunas de jornais, com o mesmo amor antigo e a mesma fé!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXVII, n. 9635, p. 1, 21 fev. 1911
http://memoria.bn.br/docreader/178691_04/5680

A FESTA DAS HORTÊNSIAS

CARTA ABERTA AO SR. ROBERTO ESCRAGNOLLE

NAQUELA LINDA TARDE DE JANEIRO, em que me foi dizer os seus adeuses à estação de Petrópolis, voltei ao Rio pensando no delicioso encanto que daria a essa cidade das flores a instituição de uma festa com que ela, todos os anos, abrisse a sua estação estival.

Que festa? A que essa terra, toda bordada pelo azul das hortênsias, estava sugerindo, indicando, impondo; a de uma consagração, a de uma glorificação dessas flores maravilhosas, e que aí se veem em tamanha profusão — a festa das hortênsias.

O empreendimento não me parece difícil, porque não é dispendioso e resume-se, afinal, em bem pouca coisa. Bastaria, para que ele se impusesse ao interesse da população, que fosse decretado pela municipalidade petropolitana.

E essa mesma talvez não tivesse outro trabalho senão de indicar o dia da sua realização: primeiro domingo de fevereiro ou outro qualquer domingo.

Organizada por particulares, essa festa não teria nunca o mesmo cunho de pitoresco e de poesia; não lograria inspirar a mesma confiança ao público, sempre receoso das pequenas localidades, e sobretudo não assumiria o caráter de festa destinada a tornar-se tradicional com o correr dos tempos. Precisamos ligar um pouco de poesia às gerações vindouras, para que não nos julguem só sob o aspecto da ambição do dinheiro e dos gostos materialistas.

A ideia, aliás, não é de grande originalidade. Londres celebra a sua primavera enfeitando-se toda com festões cor de palha das suas modestas *primeroses*. Desde *milord* até o seu cocheiro, trazem na sua botoeira a flor consagrada. Os próprios mendigos acham jeito de a enfiar na lapela dos seus casacões remendados.

Mas a que, sobre todas, essa festa pode ser comparada é à das águas em França, nos parques de Versailles e de Saint-Cloud, por serem essas feitas pelo Estado.

Como sabe, no primeiro e no segundo domingos de certos meses, é enorme a população que se desloca do centro de Paris para ir a esses parques ver repuxar a água por sobre os dorsos nus das estátuas e os rebordos dos lagos, tanques e bacias de mármore.

Toda aquela multidão aproveita o pretexto do passeio para respirar, fora das suas estreitas habitações da cidade, o ar largo e puro dos jardins.

É uma alegre romaria que vai engrossando todos os anos, e que as administrações dos palácios de Versailles e de Saint-Cloud têm, por certo, em grande consideração.

Toda a gente gasta algum dinheiro nessas excursões, não o atirando, com certeza, para o esgoto das águas, nem para o fundo de sacos rotos. Com essa deslocação popular lucram os caminhos de ferro, os automóveis e carros, os hotéis, os mercadores ambulantes de bebidas, frutas etc.

Se a festa das hortênsias em Petrópolis fosse amparada pelo governo da cidade, veriam todos como os floricultores caprichariam desde já em multiplicar essa brilhante flor azul, de modo a que nesse dia ela pudesse ser vendida aos punhados a cada *touriste* que lá fosse atraído pelo seu esplendor.

Seria o caso de fazerem figurar então as hortênsias por toda a parte: nas mesas dos restaurantes, nos carros particulares, em um simples ramo, ao menos, de cada carruagem de aluguel; nos coretos de música em que a banda da cidade fosse tocar; nas mãos das colegiais reunidas em passeio pelas avenidas; nas varandas dos palácios e nas janelas das casas mais modestas; nos balcões dos botequins, nos canteiros das praças públicas; em arquibancadas, à venda nas ruas etc.

Para que esse cometimento tivesse êxito, seria necessário que interviessem nele a fantasia e a boa vontade da mulher. Comissões de senhoras, proprietárias de jardins de repouso e de luxo, completariam, com o seu bom gosto e os recursos da sua imaginação, o que falta à minha para lembrar aqui.

Acrescente-se a esse programa o cuidado mantido pela polícia para que não houvesse, em tal dia, abusos de especulação com os *touristes*, mantendo-se os mesmos preços de carros e de hotéis, de modo que em nada a ordem pudesse ser alterada e tenhamos a certeza de que ele só daria impressões de agrado a quem o gozasse.

Celebram-se os santos, em que muita gente não crê, por que não se hão de celebrar as flores, que toda a gente ama, e em uma terra que a elas deve o seu principal prestígio?

As hortênsias, para que não houvesse ciúmadadas entre outras flores, seriam, de resto, uma espécie de embaixatrizes dos jardins, representantes de todo o reino floral.

Petrópolis teria nelas cortejados os seus cravos suntuosos, as suas camélias afamadas, os seus lírios variadíssimos e essa ornamental hidrângea alba japônica, que eu acabo de admirar na casa Del Bosco e que é irmã da hortênsia, visto que a hortênsia não é outra coisa senão uma hidrângea azul.

Nesta flor, de origem chinesa, como o senhor sabe muito melhor do que eu, nota-se o caso esquisito de ter sido chamada, por muito anos, na Europa, rosa do Japão.

O Japão parece ter gozado sempre de tantas simpatias, que os próprios produtos da China, desde que sejam belos, são denominados japoneses!

Os primeiros países em que essa flor foi cultivada na Europa foram a Inglaterra e a Holanda. Levada para a França, ela foi ali batizada com o nome de hortênsia, em homenagem à mulher de um relojoeiro, que assim se chamava.

A FESTA DAS HORTÊNSIAS

Embora pareça que estou ensinando o Padre-Nosso ao vigário, como esta carta terá vários leitores que o não sejam, acrescentarei ainda estas informações:

A variedade agora introduzida no Brasil, da hidrângea branca, foi levada para a França em 1864, por um floricultor de Nancy. É de lá que ela nos vem.

Assim como traduz das literaturas de todo o mundo para a sua as obras-primas dos melhores escritores, espalhando-lhes a fama universalmente, assim a França curiosa é a disseminadora de todas as belezas naturais e artísticas de cada país e de cada povo!

Basta. Não é preciso dizer mais, nem quero distanciar-me do assunto desta carta. A ideia aí vai sem esperança, sem brilho, mas nem por isso sem entusiasmo. O senhor, que muito melhor do que eu conhece o gosto e a disposição de espírito das pessoas que nesse meio podem cooperar para o seu êxito, dirá se a acha exequível, ou se ela ficará para sempre inerte nestas linhas, que daqui lhe envio com o meu muito saudar.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXVII, n. 9642, p. 1, 28 fev. 1911
http://memoria.bn.br/docreader/178691_04/5770

TEATRO MUNICIPAL

NO DIA 4 DESTE MÊS, uma comissão composta de quatro atores e autores dramáticos solenemente representou ao Sr. prefeito do Distrito Federal contra o concessionário do teatro Municipal, alegando não terem sido cumpridas as cláusulas do contrato de arrendamento do mesmo teatro, o que a representação assinada por 128 atores e 14 autores dramáticos se propôs demonstrar ou efetivamente demonstrou.

Foi grande o espanto da população, e não menor deve ter sido o do digno general que está gerindo os interesses do município, ao saber que o nosso teatro morto dispunha ainda de 128 artistas vivos, e que a nossa apagada literatura dramática contava ainda, vivazes e ativos, 14 autores — sem incluir neste número os cinco que tiveram para este ano peças escolhidas pela Academia Brasileira, nem os outros cinco que as tiveram no ano passado, o que perfaz, só aqui na capital da República, um total de 24 autores dramáticos, número que, se produzisse uma peça por ano, já poderia abarrotar de literatura teatral todos os barracões de Tália e o suntuoso monumento municipal de Melpômene.

Esta solene representação abalou o espírito do Sr. prefeito; e poucos dias depois, quinta-feira, 16 do corrente, com um enérgico e decisivo traço de pena, este rescindiu o contrato de arrendamento do teatro.

Muito bem. Toda a gente via que um prefeito que soubesse onde tem o nariz teria forçosamente de rescindir esse contrato, que nunca foi tomado a sério pelo arrendatário, nem pela Prefeitura, nem pelo público. O arrendatário de fato — não cogitemos do que o era de nome — o arrendatário do teatro, aparentemente, de trajes e de trato mais fino que o comum dos empresários, não

obstante os seus sorrisos e os seus gestos acolhedores e cavalheirescos, mostrou ter uma habilidade especial e congênita para arredar de si todas as simpatias, todas as amizades, todas as benquerenças — e teve-as de sobra, a ampará-lo em todos os disparates que formam o contexto da vida do Municipal, desde a sua abertura até 16 deste mês.

Pelo seu lado a Prefeitura nunca mostrou preocupar-se com a execução das cláusulas do contrato; e na parte em que este mais lhe deveria merecer — a fundação e o funcionamento da Escola Dramática, permitiu que ela se abrisse sem um programa eficaz e prático, sem um plano de ensino capaz de poder formar artistas, sem um homem de teatro lá dentro, pensando talvez ingenuamente que o admirável talento de Coelho Neto, a competência brilhante do Dr. Fernando Magalhães e o vasto saber de João Ribeiro bastavam para, ainda que com enorme esforço, transformar pessoas, na sua quase totalidade sem cultura, em artistas dramáticos!

É claro que não vale a pena referir-me aqui às oito ou nove lições de declamação que deu o inteligente ator português Augusto de Melo, nos curtíssimos intervalos da sua lida complexa de diretor da companhia, de artista, de ensaiador e diretor de cena.

A Prefeitura (não digo o prefeito, porque a outra parte contratante a quem compete a execução e fiscalização do contrato é a prefeitura estável e não o prefeito mudável), a Prefeitura não viu nada disso, ou viu e não se importou, de modo que a Escola Dramática, no seu primeiro ano, falhou por completo.

No fim, o seu ilustre e deficiente pessoal demitiu-se... e, pelo que disseram os jornais da sua projetada reorganização, que felizmente nunca se fez, vimos que a desventurada instituição de ensino artístico estava destinada a transformar-se de escola dramática em escola cômica. O ato do atual prefeito, pelo menos neste ponto, veio a tempo de evitar um desastre maior.

O pretexto para a rescisão do contrato não poderia ter melhor justificação. Mas...

Mas o arrendatário poderá talvez alegar, em sua defesa, uma espécie nova, rápida e de algum modo congruente, de direito consuetudinário, provando que todas as transgressões do seu contrato foram consentidas pela Prefeitura, e que uma transgressão mais, e no capítulo com que menos se importou a Prefeitura, o capítulo da Escola Dramática, não seria motivo sólido para a rescisão.

Mas (ainda outro *mas*) a Prefeitura, antes do seu ato decisivo e *tranchant*, deveria pesar também os seus compromissos e responsabilidades, salvaguardando ou definindo, no seu decreto rescisório, a situação dos autores que escreveram peças para este ano e que a Prefeitura — não o arrendatário —, chamou oficialmente, por editais, à concorrência, e cujas peças foram escolhidas pela Academia Brasileira e pela respectiva comissão entregues à Prefeitura, para serem representadas em 1911 no Teatro Municipal.

Nenhum desses autores se fiava a escrever de propósito para o palco nacional nem uma simples cena cômica, por falta de garantias e temor de um esforço inútil.

Mas o concurso era feito por um poder público, as peças tinham de ser, *todas*, representadas, visto que o número das escolhidas não ultrapassou o mínimo do contrato; os autores adquiriram, portanto, *todos cinco*, desde o dia marcado nos editais, em que as peças escolhidas foram entregues pela Academia, adquiriram direitos aos proventos das representações ordinárias, da *récita* de autor; e dois deles — que a academia ainda não designou, talvez porque só começa as suas sessões anuais em maio — aos prêmios marcados no contrato rescindido, pois que a rescisão só pode ter efeito contra o arrendatário, que não cumpriu o contrato, mas nunca contra os autores, que só entraram em concurso solicitados, amparados e garantidos pela Prefeitura, tão amparados e garantidos, que sabem muito bem que, no ano passado, ela teve em suas mãos 10 contos da subvenção contratual de cento e vinte para garantia dos seus compromissos dela com os autores laureados, que dela, e não do arrendatário, receberam os seus prêmios.

E nem a Prefeitura poderá alegar, para se esquivar — se porventura quisera esquivar-se, o que não creio — a solver este ano os seus compromissos

com os autores, que fará representar em 1912 as peças escolhidas, visto que os seus editais expressamente chamavam os autores, com prazo marcado para apresentação das peças, a concorrerem para as peças que tinham de ser representadas no Teatro Municipal em 1911.

Por mim francamente declaro que confio nos sentimentos de justiça do atual prefeito, e estou certa de que ele não deixará de compensar equitativamente os cinco autores, dos quais o último sou eu, do esforço que eles nobremente fizeram para o ressurgimento do nosso teatro.

Agora, livre de um empresário sem competência, pode a Prefeitura fazer com quem lhe pareça idôneo e capaz um contrato que preencha os fins que naturalmente ela teve em vista ao criar o teatro Municipal. Fundar a escola sem dependência alguma do empresário, dotá-la com pessoal competente, tendo, pelo menos, um diretor habilitado, em todos os sentidos, para dirigi-la, diretor que terá forçosamente de ser contratado no estrangeiro, porque entre nós não há, que se saiba, ninguém que possa arcar com essa tarefa; aproveitar dos cento e vinte oito artistas dramáticos existentes nesta capital os que puderem constituir o centro da companhia, rodeados dos mais aproveitáveis dentre os outros e dar-lhes um mestre, um ensaiador de competência e de autoridade, que, segundo me parece, também terá de vir de fora.

Escrito aqui entre tantas palavras, talvez isto pareça muito difícil; mas não o é, com certeza, e não faltará provavelmente quem queira o contrato com estas bases principais.

O que é certo é que, se o Sr. prefeito rescindiu o contrato de ontem, em virtude da representação dos cento e vinte oito artistas e quatorze autores, é porque se interessa por autores e artistas, cujo futuro, no movimento civilizador que se está operando no nosso país, os poderes públicos devem ter em vista.

Esperemos...

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXVII, n. 9662, p. 1, 21 mar. 1911.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_04/6038

ESCOLAS E LIVROS

NADA FAZ VIBRAR COM MAIS ALACRIDADE a minha fibra patriótica do que saber que em tal ou tal Estado do Brasil se acentua um grande movimento de progresso na instrução pública. Desta vez a notícia alvissareira veio do Espírito Santo, e em termos tais, que não deixa dúvidas sobre o seu futuro.

O impulso foi dado com inteligência, de um modo decisivo, que não permite regressos nem estagnações.

O Dr. Jerônimo Monteiro soube fazer o que raros sabem fazer nas suas condições: principiar pelo princípio; instruir o povo para que esse povo torne o seu estado próspero e digno.

Enredados pelos liames da política e do interesse pessoal, a maioria dos presidentes de Estado deixam para sempre embrulhadas no papel em que as fixaram as intenções do seu programa, a que não dão vida depois pela inevitável verificação da falta de verbas. Deve ser horrível, mas não deixa de ser curioso que um homem assuma tão grandes responsabilidades sem estar mais ou menos prevenido do que vai encontrar.

Já é tempo dos políticos se capacitarem de que o seu prestígio se alastra e se acentua, à proporção que eles se tornam mais homens de ação, irradiadores de energias benéficas, do que simples tecedores de meadas eleitorais e de intriguinhas vergonhosas.

Não quero ser injusta.

Creio que muitas vezes não será só por essas melindrosas razões de partido que certos administradores menos ambiciosos deixem de fazer o que prometeram ou que as necessidades do povo exija; mas será então o caso, também muito lamentável, da falta de observação e de capacidade para o exercício das suas funções!

O caso agora do Dr. Jerônimo Monteiro, procurando dar a um Estado pobre uma instrução modelar, projeta sobre o seu nome muito maior brilho do que a luz artificial de todas as lanterninhas que a mão hábil da política acendesse em sua honra. O povo está cansado de palavras. Quer fatos. E este a que aludo é o que mais o pode interessar.

Realmente, num país em que, além da ignorância crassa do maior número de seus filhos, a colonização estrangeira tende a aumentar cada vez mais, alastrando-se por todo o interior, é indispensável que aumente também o número de escolas e que elas sejam logo fundadas de um modo definitivo. Pelo amor mesmo da nossa nacionalidade, precisamos defender a nossa língua da invasão das outras e torná-la querida pelos estrangeiros que se vêm estabelecer entre nós. Alguns, como o alemão, por exemplo, em vez de procurar por todos os meios e modos falar português e ensiná-lo aos seus filhos, como seria natural pelas necessidades da sua vida em nosso meio, aferram-se ao seu idioma e o impõem à família, segregando-a da comunhão brasileira.

Está claro que para tudo há exceções; mas ninguém argumenta com exceções.

A vantagem que os países de grande emigração auferem com o abandono de seus filhos é que os seus respectivos idiomas se vão com eles espalhando e radicando por todo o mundo.

E tanto os governos desses países sentem isto, que subsidiam escolas em que se ensine a sua língua, nas terras mesmo as mais longínquas que seus filhos tenham escolhido para sua residência, oferecendo também essas escolas matrícula aos nacionais.

Sirva para prova a notícia, publicada agora em vários jornais, de que o governo italiano auxiliava a manutenção do Orfanato Cristóvão Colombo, que tão tristemente se celebrizou em S. Paulo com o caso da menina Idalina. Qual a razão por que o governo italiano subsidia, mesmo na capital de um estado onde o ensino popular é admiravelmente organizado e perfeitamente mantido, um asilo, e de mais a mais um asilo religioso?

A razão é bem transparente e bem patriótica. O governo italiano subsidia escolas no Brasil para que a sua língua seja ensinada aos filhos dos seus emigrados e eles não se desnacionalizem, tão certos estão esses governos atilados e prudentes de que nada vincula o homem à terra do seu nascimento como o som e a harmonia das palavras que lhe saem da boca depois de lhe terem germinado no cérebro e no coração.

Nós não procuramos fazer triunfar a nossa língua desses propósitos, de que não fazemos caso, e ainda mandamos crianças brasileiras, como essa misteriosa Idalina, que tem posto a polícia paulista em atrapalhações tragicômicas, para asilos italianos e colégios franceses.

Há mais: em vez de fornecermos ao aluno italiano que porventura frequente as nossas escolas um livro em que sejam decantados a beleza da nossa natureza incomparável, o heroísmo dos nossos soldados, a ternura das nossas mães, a fertilidade dos nossos campos, a generosidade do nosso espírito, pomos-lhe nas mãos um livro traduzido do italiano, que só ensina a amar o que ele já ama e mais do que tudo considera: — o brio do soldado italiano, a ternura da mãe italiana, a superioridade do povo e da terra italiana.

O nosso descaso vai mais longe, dando a estudar nas escolas brasileiras, a crianças brasileiras, esse livro admiravelmente sugestivo e empenhado em fazer ressaltar todas as superioridades da Itália sobre os outros países do globo.

Não me consta mesmo que, atendendo às qualidades de inegável beleza dessa verdadeira bíblia de patriotismo, que é o *Coração*, mas Bíblia de patriotismo para os italianos, outra nação a tenha, como fez o Brasil, traduzido para primeiro alimento cerebral da sua população infantil.

As qualidades excepcionais desse livro, que De Amicis escreveu para a glória da sua terra e a felicidade das gerações escolares italianas, faz muito particularmente amar céus, terras, homens e coisas que não são os nossos para que seja nele que os brasileiros aprendam a amar e a defender o seu país.

Foi por pensar assim, naturalmente, que o conselho de instrução pública do Estado do Rio Grande do Sul acaba de excluir esse livro do seu programa escolar. E ninguém poderá negar que ele tenha andado nisso muito avisadamente.

E, a propósito de escolas, lembra-me ter lido há dias nos jornais ter-se verificado que é deficiente o número de colégios públicos, mesmo no centro do Rio de Janeiro, onde muitas crianças pobres terão este ano, e provavelmente em outros que se seguirão, de ficar em casa por falta de matrícula.

Se não tiver verba, a Prefeitura precisará de ter, pelo menos, imaginação para inventar meios de organizar quanto antes novas escolas, na certeza de que uma cidade em que as crianças pobres deixem de aprender a ler por falta de colégios públicos e de livros gratuitos é mais miserável e mais triste do que um armário sem pão e um lar sem luz.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXVII, n. 9669, p. 1, 28 mar. 1911.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_04/6130

PELOS FLAGELADOS

ALGUÉM, QUE CONCEDE À MINHA PENA um prestígio que infelizmente ela está muito longe de possuir, enviou-me o folheto admiravelmente argumentado — *Em defesa dos flagelados do Norte*, da lavra de B. Piquet Carneiro, engenheiro civil, pedindo-me que me interessasse, eu também, pela causa desses nossos irmãos tão sacrificados pelos horrores da seca e tão dignos pela sua coragem, pela rijeza de sua têmpera, da simpatia e da admiração de nós todos.

Ai de mim! pudesse a minha pena, transformada por um talismã maravilhoso, rasgar o seio das rochas e o das terras profundas, e ela, em vez de procurar convencer os homens surdos, iria fazer colear pelo sertões cearenses, das gentes corajosas e trabalhadoras, já não digo as águas dos rios mais próximos, mas até mesmo as do caudaloso e opulento Amazonas!

Como o rio Nilo, glorificado em bronzes e mármore antigos na personificação de um deus poderoso, por espalhar as suas águas fertilizantes por terras do Egito antes sacrificadas, a portentosa torrente do nosso rio seria personificada na gloriosa imagem de uma deusa de bondade e de redenção, por vir refrescar, dessedentar campos e povos mirrados de sede na própria pátria brasileira!

Não há utopias para a engenharia moderna.

A ciência resolve todos os problemas e aclara todas as situações. É por essa razão que Paris e Roma pensam em se fazerem portos de mar, a despeito das desapropriações de territórios riquíssimos aproveitados, a despeito de todas as dificuldades que a cobiça dos homens ou os empecilhos da natureza colocarem diante da sua resolução!

Na verdade a situação dos Estados do norte no período infernal das secas é tão aflitivo e tão trágico, que exige de todos os brasileiros a contribuição do seu esforço para lhe dar remédio definitivo e urgente.

Não será a primeira vez que o homem corrija as injustiças da natureza, nem que uma nação, para salvamento de grande parte da sua população e do seu território, vá até ao extremo de empenhar ao usurário de maiores recursos as suas próprias joias...

Quando um médico em face de uma crueldade da natureza injusta transformar uma criatura defeituosa em uma criatura perfeita, tirando-a do sensibíllissimo ridículo de um aleijão para a comunidade da gente normal e sã, esse médico deve sentir no íntimo do seu ser moral um grande e jubiloso orgulho pela sua obra!

Todas as dúvidas, todas as fadigas, todas as torturas dos seus estudos passados, vê-as justificadas pela glória desse ato de reivindicação e de sabedoria. Não menor glória cabe a um governo de qualquer país restituindo à normalidade da vida e do trabalho produtor parte do seu território abatido por um flagelo de morte e de desesperação. Quando há um doente grave em uma família, é para ele que se voltam os cuidados e os carinhos de todos os seus membros.

É assim natural que todo o Brasil queira concorrer para o restabelecimento dessa linda região de alvas praias e doces claridades, onde o mar das verdes ondas inspirou o poema em prosa de *Iracema*, e onde os palmeirais da carnaúba são, pela sua beleza e a sua fecundidade, os mais decantados do país. Mas de nada vale esta argumentação.

Eu fujo sempre, insensivelmente, para o ideal das coisas! O que é preciso ler-se não são as minhas palavras, são as do folheto a que aludi acima, e que me dá a impressão de ter sido escrito por um homem imparcial e bem compenetrado deste assunto, que eu desejaria expor e servir de um modo eloquente e persuasivo. Mas a linguagem do convencimento requer, além de merecimentos muito especiais, ouvidos que a ouçam com boas intenções.

Faltam-me as primeiras qualidades e não posso assegurar que deva contar com as segundas.

É pena, porque, se há em todo este Brasil povo que mereça ser tratado com muito carinho, é esse pobre povo cearense, trabalhador e aventureiro, colonizador de seringais no Acre, onde, atrás de uma ilusão, ele vai buscar quase sempre a doença e a morte.

Esta página que transcrevo do folheto — *Em defesa dos flagelados do Norte* — dá bem ideia do valor dessa população paciente e tenaz:

"Quem visita a choupana cearense durante o período seco percebe, de um só golpe de vista, os recursos de vida, se bem que insuficientes, dos seus animosos e resignados moradores.

Não longe da casa de taipa coberta de telhas e alpendrada na frente, está o cercado de plantação, onde se destacam os alvos de algodão e a folhagem verde da "roça de manipeba", esses dois grandes recursos nos invernos escassos.

Ali está igualmente o milharal já seco e virado, para evitar que as *neblinas* molhem as espigas; o feijão, esse já foi colhido antes que *estalasse* e guardado com cinza *decoada*, para evitar o gorgulho.

Debaixo do alpendre vê-se armado no tear o pano da rede já começada ou da camisa de algodão; e, pendurada à parede, a rodilha de palha de carnaúba com que fazem chapéus e cordas.

Completa o quadro a resistente criação de cabras leiteiras e de capotes (galinhas) que buscam a sombra do telheiro da fábrica, onde se veem o forno e a roda da bolandeira de desmancho da nutritiva manipeba.

Naquele minúsculo centro de vida tudo se faz: vestimenta, alpercatas, chapéus e utensílios domésticos.

Quando muito, compra-se a chita do vestido domingueiro e o *gás*, pois até o sabão fabricam.

É um povo digno de auxílio."

Se a adversidade é uma grande mestra, os que já foram experimentados por ela estão habilitados a executar grandes obras.

Segundo ainda no sábado afirmava pelo *Jornal do Comércio* o Sr. Artur Orlando, — o Ceará é a região mais prolífera do Brasil, crescendo a sua população como em nenhum outro Estado.

Juntando-se à quantidade a qualidade da sua gente, percebe-se que de benefícios resultarão para o Brasil quando esse estado, sem nenhum entrave, puder dispor de todos os meios de expansão e de educação.

Acabava eu de ler a prosa clara e a argumentação positiva do engenheiro Sr. Piquet Carneiro, defendendo as obras dos açudes, em que avulta o Quixadá, tão discutido e, ao que se vê pela leitura dos *Flagelados do Norte*, tão injustamente condenado, quando o correio me trouxe um outro folheto, de assunto idêntico, assinado pelo ilustre engenheiro Dr. Lourenço Baeta Neves, e intitulado: *Secas e florestas. O Estado e a floresta particular*.

O acaso parece às vezes ter propósitos. Este não deixa de ser curioso. Entre a leitura de um folheto e a de outro, não houve senão a interrupção do virar das folhas.

Na impossibilidade de estender ainda muito este artigo, com referências ao espírito sumamente simpático desta obra de propaganda em defesa das nossas florestas, transcreverei aqui este pequeno trecho que encerra perfeitamente o assunto de que me venho ocupando:

"Pelo que conheço da própria observação, pelo que tenho lido dos mestres que melhor nos descrevem o Norte brasileiro, eu tenho esperanças fundadas, uma quase certeza, de que aplicados no Brasil com segurança e propriedade os métodos que vi em prática no Far-West americano, nós ganharemos muito nessa luta contra as secas.

É minha convicção que ainda muito viremos a conseguir na parte semiárida do Brasil, se estudarmos com cuidado as nossas próprias condições, procurando com bom senso o que mais nos convém a fazer em cada zona

estudada; se divulgarmos, sistematizando-os, princípios racionais de lavoura dos terrenos áridos, por muita gente conhecidos, e em pontos esparsos já aplicados no país; se das ideias novas e experiência de outros povos soubermos tirar a lição prática que se adaptar ao nosso caso; e sobretudo se formos constantes nos esforços empregados na solução do problema; porque a perseverança, que já é para o homem a maior de todas as virtudes, o fator seguro de todos os sucessos na vida, quando aplicada às coisas da natureza, traduzida na continuidade da ação dos agentes modificadores da superfície do globo, assume com o tempo o papel das mais enérgicas ações momentâneas.

A natureza ensina que, pela continuidade, ações de consequências imediatas inapreciáveis, com o tempo, integram-se em grandes resultados. Sejam, pois, perseverantes na luta contra as secas, fazendo o que pudermos ininterruptamente, certos de que a continuidade da ação excederá em efeitos a energia de providências, de momento tomadas nas épocas das crises climáticas, nos períodos agudos da seca."

Sem poder, por absoluta incompetência, optar por este ou por aquele sistema, por este ou por aquele recurso, o que eu sinceramente desejo é que se combinem todos esses esforços para acabar definitivamente com o flagelo das secas nos Estados do Norte.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXVII, n. 9683, p. 1, 11 abr. 1911.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_04/6316

PALAVRAS

NÃO HÁ DÚVIDA: o Rio intelectualiza-se. Nem de outro modo se explicaria o interesse com que parte da sua população corre aos salões de conferências, quer elas tenham por assunto a política, a exploração de terras desconhecidas ou a liberdade do pensamento.

Extinguido o inverno, com as suas séries de conferências nacionais e estrangeiras, quando supúnhamos que o grande político Sr. Clemenceau fechara a porta da última e que tão cedo não a viria abrir nenhum vulto de destaque, eis que nos aparece, em pleno verão, o Sr. Savage Landor, despertando no público amodorrado pelo calor a mais intensa curiosidade pela narrativa das suas aventuras.

Nem parecia, a muita gente, ir ouvir, nessas descrições, a voz de um homem de ciência, mas a de uma personagem viva e escapada, por magia, de algum manuscrito inédito de Julio Verne ou de Jacolliot.

Dir-se-ia uma leitura de romance-folhetim, povoando de interrogações as solitárias regiões do Himalaia que o rijo explorador ia desvendar por palavras e projeções luminosas aos nossos olhos ávidos.

E o salão do *Jornal do Comércio* foi, nesse dia, pequeno para conter a onda de ouvintes e espectadores, como o foi há duas semanas insuficiente para acomodar todos os que desejavam ouvir o ilustre médico Dr. Bittencourt Rodrigues, que há tantos anos abrilhanta, com a sua presença, a prestigiosa sociedade de S. Paulo, e que vinha então ao Rio para falar aos seus compatriotas aqui residentes uma linguagem de paz e de fraternidade.

Mas o que nós todos podemos assegurar é que não foram só os seus compatriotas que se apressaram em ir ouvir os conceitos da sua preleção admiravelmente argumentada e serena. Conheço muitos brasileiros que voltaram dessa sessão política perfeitamente convencidos e encantados.

Embora só por si o assunto interessasse, porque a política é tão atraente para os espíritos como para a imaginação as aventuras de viagem, e ainda mais porque a população desta cidade está intimamente ligada aos portugueses e é apaixonada pelas ideias modernas de democracia, a verdade é que entrou também no afã com que o público correu a ouvir a palavra incisiva e simples do orador como que a manifestação de um pacto...

Desçamos, porém, as escadas do *Jornal do Comércio*, para subir as do Pavilhão Monroe.

É noite de festa.

Adiante e atrás de nós sobe ainda muita gente pela escadaria, e ao entrarmos no salão rompemos a custo pelo meio da turba que se comprime na ânsia de ver, na ânsia ainda maior de ouvir.

Nunca houve curiosidade mais compreensível nem tão justificada. Quem vai falar é o Coronel Rondon.

Enfim ouviremos da sua boca sincera o segredo dessas florestas tenebrosas em que os índios retesam arcos e afiam pontas de setas; e em que rolam águas em quedas portentosas de 80 metros de altura, 90 metros de largura. Não nos sentimos dentro da sala civilizada em que fenecem flores capitosas à luz de lâmpadas elétricas; estamos no seio adusto dos nossos sertões bravios, caminhando com os expedicionários por terrenos ora de areia escaldante, ora de alagadiços e brejais; transpondo sem cansaço, mas com crescente entusiasmo, os penhascos ásperos em que as suas carnes se feriam e o seu peito arfava de esforço; topando aqui e além com aldeamentos abandonados de indígenas medrosos e desconfiados, para daí a instantes observar a bondade e a providência que eles manifestam ao tirar mel de uma colmeia, sem ofender as abelhas ou surpreender o sorriso de uma índia *pareci*, de corpo virginal e olhar inteligente, inundado de ideias...

Olhando para o quadro das projeções luminosas em que se reproduziam as cenas e as vistas agrestes dos híspidos sertões de Mato Grosso, ao mesmo tempo que a voz serena do explorador nos expunha a preocupação das suas verificações e estudos, as canseiras das suas caminhadas expostas a todos os perigos, como se nos falasse das coisas mais naturais e mais simples, imaginávamos com assombro que alto grau de energia precisará despende um homem para depois de tamanho esforço físico e intelectual voltar com vida e razão clara ao seu ponto de partida! Felizmente que ainda há na raça humana desses exemplares de coragem e de resistência. O portador das primeiras lanternas da civilização tem de ter alma impávida e músculos de aço.

Outras conferências sobre transcendentais assuntos de filosofia e de história chamaram a outras salas auditores interessados, não tendo nem o Dr. Faria de Brito nem o Dr. Felisbelo Freire falado para cadeiras vazias, como aconteceria em cidades menos curiosas por coisas do pensamento e do estudo.

Mas a grande glória, a suprema altura a que pode atingir a palavra humana estava nesta luminosa série de conferências destinada a uma mulher — Belén Sárraga.

Depois de Ferri, não ouvi em toda a minha vida orador que tão viva e tão profundamente fizesse vibrar o auditório e lhe empolgasse tão definitivamente a atenção.

Ela não é uma conferente; é uma torrente viva, em que as ideias se precipitam em caudal, sempre na força de uma lógica irresistível, tremenda, indiscutível, conquanto límpida, bela, traspassada de luz. A sua voz, de uma doçura bem feminina, conhece o segredo de todas as modulações e tão bem sabe emití-las, que faz delas simultaneamente — carícia ou látego. Assim, esta mulher de pensamento, esta corajosa semeadora de ideias livres, é também uma artista muito consciente, muito perfeita, e muito delicada na arte de dizer, que tamanho relevo dá ao pensamento exposto e que tamanha sedução exerce sobre os espíritos, ainda os mais frios e os mais ponderados.

Em geral, às sessões de propaganda não vão senão indivíduos a quem essa propaganda particularmente interessa, por estarem de acordo com o seu pensamento.

À parte uma ou outra pessoa curiosa, o que pelo menos, na nossa sociedade, representa um número tão insignificante, que nem me atrevo a calculá-lo, ninguém sai de casa para ir ouvir dissertações sobre um assunto que lhe não seja simpático. Quem encheu a plateia e os camarotes do teatro municipal para ouvir o padre Gaffre? Os católicos. Quem foi encher agora o Pavilhão Monroe com o seu espanto e a sua fascinação? Os livres pensadores ou os indiferentes.

Esse sistema fará perder às propagandas muito da sua eficácia, quando elas não sejam, como esta de Belén Sárraga, de tão notável estrutura que a sua fama atraia a si os próprios adversários! Dessa forma, se a oradora continuasse ainda por alguns dias nesta capital, dentro em pouco, o próprio teatro lírico seria talvez insuficiente para conter a turba dos seus admiradores!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXVII, n. 9697, p. 1, 25 abr. 1911.
http://memoria.bn.br/DocReader/178691_04/6498

UM DIA DO POVO

ESCREVO ESTE ARTIGO NA VÉSPERA DO ANIVERSÁRIO da lei áurea e evoco as figuras, tão diferentes entre si, tão apartadas umas das outras por opiniões e ideias políticas ou literárias e tão unidas e acordes no sentimento que as fazia combater o mesmo bom combate — de José do Patrocínio, que nas lutas da abolição foi a maior e a mais popular; de Joaquim Nabuco, de Joaquim Serra, de Antônio Bento, de Ferreira de Menezes, de João Clapp...

Desses apenas conheci pessoalmente Patrocínio e Antônio Bento, que eram duas figuras à parte, de temperamentos singulares e opostos. Tanto tinha um de impetuoso e impulsivo, quanto o outro de reservado e refletido; mas a ação de ambos foi paralela e igualmente eficaz. O primeiro resplandecia pelo talento e pela atividade na luta. Ele compreendeu que só o sentimento poderia trazer a vitória à sua causa e foi ao sentimento que ele sempre falou e com ele venceu. Para ele a campanha da abolição da lei negra foi uma campanha romântica. Hoje a direção da luta teria de ser outra; e bem podemos dizer que a vitória do abolicionismo no Brasil foi a última vitória romântica.

Enquanto os escravistas falavam à razão, pelas vozes conspícuas de Cotegipe e Andrade Figueira, os abolicionistas falavam ao coração pelas de Patrocínio e Nabuco. Enquanto isso, Antônio Bento, menos brilhante, menos sentimental, nada romântico, atuava em S. Paulo, formidavelmente, com calma, com método, em silêncio.

E, conquistada a maioria, quase a totalidade dos corações brasileiros e dos que pelo Brasil pulsavam, quando Cotegipe pensou em servir-se do exército para amparar a instituição nefasta da escravidão, pôde verificar que o nosso soldado também tinha coração, a campanha estava virtualmente terminada e não havia

mais que abater as armas. A Princesa Isabel e João Alfredo fizeram o resto em 13 de Maio, e o velho estadista baiano morria no mesmo ano com o seu vaticínio pessimista, que teve realização no ano seguinte. Não lhe queiramos mal por isso. Estava na lógica da sua vida política e é bem sabido que os conservadores de um régimen colocam, em regra, esse régimen acima da Pátria, ou com ela o confundem de tal sorte, que não chegam a compreender uma sem o outro.

Para o Brasil a abolição foi o maior bem; elevou-o, dignificou-o, engrandeceu-o moralmente aos olhos de todo o mundo civilizado.

E hoje todos nós estremecemos de humilhada indignação, se nos lembramos de que ainda em nossa vida, há apenas vinte e três anos, qualquer estrangeiro que chegasse ao nosso país podia comprar duas ou três ou mais famílias de brasileiros para o seu serviço e que podia humilhá-las até a correção trágica do chicote, ao abrigo das leis brasileiras, que assim lhe davam direito de vida e morte sobre os nossos patrícios. Nunca houve nada tão aviltante! Por isso, nós, os contemporâneos da escravidão, não podemos ver passar sem comoção íntima e profunda a data aniversária da lei áurea, que suprimiu essa vergonha e definitivamente nos integrou na civilização do mundo.

Bem hajam, pois, todos que por alcançá-la se bateram de qualquer modo, pela palavra, pela pena, pela ação paciente e tenaz. Mas no meu espírito e no meu coração agradecido de brasileira há uma grande mágoa: é que a geração atual parece que vai esquecendo os heróis desse feito sem par, e não há quem cuide de lembrar-lhos, perpetuando no bronze, em uma das nossas praças, a figura do mais representativo e do maior de todos, do grande lutador-poeta, de cuja palavra outro poeta disse à beira do seu túmulo, em outro dia 13 de maio:

.....
*"Nunca a palavra humana
Alcançou mais fulgente e fecunda conquista".*

Que belas seriam então as festas deste dia de maio, se na praça da Abolição, em redor da estátua de Patrocínio, em frente dos medalhões em que se vissem esculpidas as cabeças de Nabuco, de Antônio Bento, de Ferreira de Menezes e de D. Isabel, se reunissem os remanescentes da raça libertada, com todos os da nossa que ainda têm o amor da liberdade, para cobrir de flores o pedestal e celebrar o nome do jornalista benemérito, numa vasta e vibrante comemoração! Como pulsariam os nossos corações, como seria grande e sincero o nosso júbilo, agora que, amortecidos pelo tempo os rancores, que são o resíduo de todas as lutas, podemos todos pronunciar com simpatia e entusiasmo o nome do triunfador de 1888! E assim se animaria de uma vibração nova, generosa e patriótica esta data oficial, por enquanto comemorada apenas como todas as outras datas oficiais, sem brilho e sem movimento, como uma obrigação legal enfadonha.

Dever-se-ia todos os anos repetir ao povo que entre todas as datas oficiais só esta é sua, unicamente esta celebra um feito seu, uma conquista da sua vontade, do seu sentimento, do seu esforço. Todas as outras podem merecer, mais ou menos, a celebração do Estado; mas esta merece também a do povo, porque foi ele que, afinal, coagiu o Estado conservador — que para o ser tinha as suas razões — a executar o feito excelso que se celebra neste dia. Os abolicionistas, que propagaram a ideia generosa e souberam enraizá-la profundamente nas massas, foram todos homens do povo, saídos das suas várias camadas, uns de mais baixo, outros demais alto, mas todos do povo, sem mais títulos do que aqueles que o seu talento ou a sua bondade lhes davam no esforço comum.

Isto deveria ser dito e redito, de forma a ser bem compreendido por todos, extraindo-se do caso a lição que nele há, de que sempre que o povo, o verdadeiro povo, quer uma coisa, pode consegui-la se unir e acordar bem os seus esforços, de modo a torná-los uma homogênea congregação de vontades colimando um escopo comum. E bem útil seriam a lição e o conceito, porque o nosso povo parece que anda bem esquecido disso.

E, como já não há escravistas, toda a gente se poderia reunir na Praça da Abolição. Aos monarquistas dir-se-ia: se o império manteve por tanto tempo a escravidão, foi talvez a isso forçado pelas circunstâncias e coube-lhe, em todo caso, a glória de a abolir. Aos republicanos poderia dizer-se: se os abolicionistas não tivessem feito a abolição, talvez ainda não tivéssemos a República. Aos crentes diríamos: a tirania do homem mais forte sobre o mais fraco, a humilhação e o vilipêndio do homem pelo homem, só podiam ser desagradáveis a Deus. Aos incréus afirmaríamos: a abolição foi um ato de pura justiça social, sem intervenção alguma divina, lídima conquista da vontade humana.

É que os atos verdadeiramente nobres, grandes e dignos podem penetrar todas as almas, contentar todos os espíritos, abrigar-se em todos os corações...

Mas por que se não fez ainda a estátua de Patrocínio? Nós temo-nos mostrado apressados, por vezes, em confiar ao bronze a perpetuação dos nossos homens notáveis; e deste já se não houve falar, nem o seu nome se lê, a bem dizer, senão em 13 de maio de cada ano. Por quê? Será porque não era branco? Quem sabe? talvez seja por isso, visto que a geração atual, já um pouco mais desmesclada, começa a rir-se de quando em quando dos homens de cor que alcançam tal ou qual notoriedade. Nesse sentido, a nossa superioridade moral consiste justamente no sentimento oposto. E lembro-me ainda dos aplausos que o Dr. Ramiz Galvão recebeu um dia, numa festa em que a assinalou sobre os nossos irmãos da América do Norte.

Em todo caso, tratando-se de Patrocínio em bronze, a cor da sua tez não nos faria doer a vista: já uma vez disse Olavo Bilac, com a sua maravilhosa eloquência de poeta, que ele tinha "no rosto a cor do bronze imorredouro".

E, depois, nada impediria que a estátua fosse feita — em mármore. Neste material puríssimo a figura do grande negro resplandeceria ao sol e ao luar, e a gente a quem a cor da pele provoca o riso na razão direta da sua escuridão, talvez do homem talhado na pedra nitente visse antes o espírito superior que o rosto e as mãos de baixo preço.

Por mim, direi francamente que prefiro o bronze. É, pelo menos, mais sonoro e por isso melhor convém para a representação de um homem que lutou e venceu sem outra arma que não fosse a palavra, o verbo alado e vibrante, som articulado, som difuso, som triunfal.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXVII, n. 9718, p. 1, 16 maio 1911.

http://memoria.bn.br/DocReader/178691_04/6776

MONÓLOGO DO ROCHA

"ISTO É DE FAZER ARREBENTAR os miolos com um tiro!

Pois o ministro preteriu-me, a mim, para dar o lugar que solicitei, e que a bem dizer inventei, a um João ninguém, a um homem sem valor nem competência?! Por quê? Qual a razão por que, em vez de ser eu o nomeado, ou mesmo o Zeca Lima, que enfim não se pode comparar comigo em talentos, mas sempre tem mais valor que o Antenor Barbosa, foi este o nomeado? Por quê?! *santa simplicitas!* porque o Antenor é rico, e tanto eu como o Zeca somos pobres, e assim como na natureza estúpida os rios correm para o mar, que já não precisa de água, na nossa sociedade os bons empregos correm para os homens de menos necessidade. É o que se vê. Em um país bem organizado, isto seria considerado como uma torpeza, mas aqui, como não há espírito de equidade nem de justiça, pula-se de pés juntos por cima das conveniências e faz-se o que se entende, sem dar satisfações a quem tem direito a recebê-las. Como agora. De três pretendentes que éramos ao lugar de inspetor escolar do distrito de Santa Generosa, foi exatamente escolhido aquele que por várias circunstâncias deveria estar fora do baralho. Primeiro porque já é um homem maduro, não pode ter a mesma agilidade, a mesma perspicácia, nem a mesma atenção ao trabalho que eu, ou mesmo que o Zeca.

A bem dizer, o Zeca também não daria bem conta do recado. Aquilo efetivamente estava talhado para mim... Mas, enfim, entre o Antenor e o Zeca, antes o Zeca, que é brasileiro legítimo, descendente dos índios Bororós, por parte da mãe, e dos Coroados, por parte do pai. Ainda há outra circunstância: o Antenor tem filhas moças, cuja educação está feita e que por sua vez o ajudam a manter a casa.

Fazem doces para vender.

Só em bandejas de balas tiram mais de um conto por mês! Feias mãos devem ter tais meninas.

Minha mulher tem-nas de cetim, mas eu não sei quando lhe poderei dar os anéis que me pediu. O Antenor, esse é que, com certeza, não dá anéis às filhas; todo o dinheiro que recebe acha-o ainda pouco para pôr no banco. Só no Alemão, tem ele para cima de cinquenta contos. Em propriedades, possui ainda mais. Bem somado, deve estar com os seus... de cento e oitenta a duzentos contos... fora o que lhe dá o secretariado da Sociedade Industrial de Linhas e Cordões. Nesse emprego tem ele, pelo menos, certos, dois contos de réis mensais...

Com os três contos das balas e o rendimento dos aluguéis das casas, o patife mete no bolso os seus seis contos em cada fim de mês. Essa ninharia... Pois ainda lhe parece pouco! Quem toma o gosto ao dinheiro é assim mesmo: nenhum lhe basta. Quem tem cem contos quer mil, quem tem mil quer um milhão. De resto, eu não estou inventando estas coisas; não há quem ignore a fartura em que vive o Antenor. Toda a cidade o conhece, de Copacabana ao mais longínquo subúrbio. Ele aparece em toda a parte, anda nas fotografias dos jornais ilustrados, trata-se por tu com deputados e senadores e, se não se veste nos melhores alfaiates, é por economia, ou, antes, por sovinice.

Essa economia é que eu não faço. Gosto de andar bem trajado. E é por essa razão que preciso aumentar o meu pecúlio. Não me sujeito, como o Antenor, à compra de roupas feitas nem forros de algodão.

Tudo, menos isso. Quero o meu rico corpo bem tratado.

Roupa e mesa — do melhor.

É a minha divisa; mas, exatamente para realizar na vida prática essa teoria, preciso de gastar muito cobre... e o que tenho, positivamente, não chega para tanto. Este emprego que o Antenor me roubou arredondaria o meu orçamento dando até margem para uma viagensinha à Europa no fim de uns tantos anos de aplicação. Mas Deus dá as nozes a quem não tem dentes, o que demonstra bem claramente que os maus exemplos vêm de cima. Não me deve por esse motivo

admirar que o ministro tenha servido o Antenor em vez de me servir a mim, que, além de ter mais direitos ao lugar, tenho maior necessidade e mais capacidade de trabalho, mas, infelizmente, também maior número de queixais... E dizer-se que para agradar ao Ministro e eu lhe fiz um elogio em público, contra a minha consciência, e me atolei na política até aos joelhos! Se o tivesse descomposto, talvez que ele me estivesse a fazer agora festinhas no queixo. Esta gente só festeja a quem teme. Assim, como o ajudei na sua campanha, eis o pago que ele me deu. Já não precisa de mim, põe-me à margem. A ingratidão é a moeda com que a política paga aos seus servidores. Fico-lhe muito obrigado. Nisso ao menos o estúpido do Zeca teve juízo; não se incomodou, pediu o emprego e esperou em casa a resposta muito calado, prevendo, talvez, que o bom bocado haveria de cair por força nas mãos manhosas do ladrão do Antenor. Ladrão, sim. Este, agora, tem-me pela frente. Vá roubar para o inferno! Um homem farto a tirar dos pobres o que há de ser dos pobres!"

SOLILÓQUIO DO ZECA

Ora, ora, ora, quem tal diria, o Antenor! Nunca pensei ser vencido por ele, mas por aquele velhaco do Rocha, da triste figura. Coitado, não lhe valeu de nada queimar os miolos naquele discurso do club, elogiando o ministro. Não sei como um homem que não precisa, porque tem ordenados bons, de várias procedências, se sujeita a fazer tantos rapapés como qualquer pobretão sevandija. A mulher anda coalhada de joias e é cada *toilette* que Deus nos acuda. É admirável como o Rocha, não tendo caráter nem inteligência, fosse preterido, tal qual como eu que tenho uma e outra coisa! Sortes. Por vários caminhos se vai ao mesmo destino... sempre gostaria de ver com que cara ele ficou, quando leu no — *Diário Oficial* — a nomeação do Antenor. Para essa história é que eu não acho explicação. Talvez ande aí dedo de mulher. O Antenor por si só não conseguiria coisa nenhuma. Não tem fibra, não tem talento, não tem nada. É um nulo e, além de nulo,

mesquinho. Quem se teria empenhado por ele? Ah, a Bastinhos! Foi com certeza a Bastinhos. Já o vi uma vez conversando com ela no teatro e agora me lembro que também já os vi junto no Derby... Pois não foi outra coisa. Aquela senhora é toda ministerial! Ele ainda é bonitão... Santo Deus, que mulheres! que torpeza e que vergonha, a desta sociedade do Rio de Janeiro!

CONCLUSÕES DO ANTENOR

Foi preciso que eu tivesse chegado aos quarenta e cinco anos para conseguir um emprego de certa tranquilidade. Agora é procurar pagar as minhas dívidas e tirar as pequenas da beira do fogão. As tais balas, que dizem ter dado bom dinheiro a tanta gente, cá por casa mal têm rendido para o açúcar. Pobres das minhas filhas, poderão ter agora mais tempo para estudar o seu piano e tratar da sua *toilette*. Logo que elas estejam arranjadinhas, hei de levá-las à casa do meu velho camarada Vilela. Se não fosse ele, este emprego teria sido dado ao Rocha ou ao Cazuya, o que seria um desastre, para o emprego... e para mim!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

(Do livro *Os outros*)

O Paiz, ano XXVII, n. 9746, p. 1, 13 jun. 1911.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_04/7146

BAZAR DE ALMAS

POR TER APANHADO de sobre a mesa o jornal dobrado na página dos anúncios, pus-me a lê-los preguiçosamente, sem que disso tivesse necessidade nem intenção especial.

Pois foi esquisito: em poucos minutos comecei a achar nessa leitura um sabor de novidade muito interessante. Era como se eu andasse pelas ruas da cidade vendo através das tabuletas a alma das casas e dos indivíduos.

Pouco a pouco, das três ou quatro linhas em que a economia achava jeito de substanciar em uma fórmula curta uma ideia comprida, vi surgir uma distração imprevista, uma como que viagem pelo ansioso País do Interesse.

E que facilidade de locomoção! A minha cadeira de balanço junta a um terraço cheiroso de rosas e por única bagagem a folha impressa de um periódico. Minto. Quero dizer, enganei-me: o verdadeiro veículo de locomoção que me levava sem perigos de morte pelas avenidas, ruas e becos do Rio de Janeiro era o próprio jornal, pela sua seção mais lacônica e mais sugestiva.

Caramba! como diria um espanhol, parece incrível, que mundo de ideias agita uma coluna de literatura de balcão de uma folha diária. É um romance. É um mundo. É uma agonia. Se eu tivesse entrado em um pátio de hospício na hora em que todos os alienados andassem à solta, apregoando as suas manias ou querendo impingir à força as suas opiniões, não teria mais variedade de assuntos.

O que teria, com certeza, era mais medo! E mais piedade também.

A folha dos anúncios de um grande jornal é a fotografia da alma da sociedade moderna.

Alma sobressaltada, gananciosa, febril. Não é um pátio de loucos, é uma arena de boxeadores (vá lá, boxeadores à moda do Eça) e de mártires, que se oferecem espontaneamente à gula das feras.

Porque esta última imagem possa parecer extravagante, vou explicá-la com a reprodução destas simples linhas:

"Oferece-se na rua tal, número tantos, uma menina de 10 anos, a troco de alimentação e de ensino."

Outra: "Uma moça branca e educada, achando-se em péssimas circunstâncias, pede a proteção de um senhor, às ocultas."

As péssimas circunstâncias explicam tudo. É o empurrão da fome.

Escrevendo tais palavras, a pobre moça vestiu a túnica de Cimodocea. Somente, não é a mártir do cristianismo, mas a vítima das atrocidades do mundo moderno. A outra, a pequena de 10 anos, que é dada pelos pais a troco de pão e de ensino, vejo-a daqui a meses exilada pela polícia, com lanhos nas costas e a boca aberta à espera do pedaço de pão, atirado por cima do muro, pela mão clemente de algum vizinho pobre.

Assim, de pequenas frases desenrolam-se ante os meus olhos grandes tragédias, que me fazem pensar nas palavras do poeta de *L'Innocente*:

"Così da una vana parola nacque una grande ombra."

Os assuntos que se acotovelam, esmurram, gritam, procurando cada qual obter o melhor lugar e atrair mais poderosamente a atenção do público, são de outro gênero, de muito mais intensa vivacidade. Este, acompanhado da figura de uma mulher em fraldas e espartilhada em um colete que lhe desce desde os seios até aos joelhos, cingindo-a na sua dura armação de aço e de barbatanas de baleia em uma compressão rija, de cilício, diz, não diz só, afirma pelo modo mais positivo e categórico, que tal sistema é criado de parceria com as indicações da higiene e da elegância. As tesouras que recortaram essa obra de dedicação foram movidas pelos dedos de um médico ilustre e de um coleteiro superior de Paris!

À vista de tão eficazes qualidades, suspendo a leitura para um minuto de meditação. Estes dizeres impressionam a minha credibilidade. Penso em reter o nome do anunciante ou em ir procurá-lo o mais depressa que me for possível; entretanto, logo adiante vejo outra figurinha espartilhada, com um colete que lhe vai quase aos pés! Para demonstrar a flexibilidade do aparelho, esta retorce-se em posições de saca-rolhas, proclamando as vantagens do seu corte científico.

Traz até o nome de um médico, de um modo a não deixar dúvidas sobre a sua celebridade; diz só: modelo do Dr. Clarens, como se todo o mundo conhecesse o Dr. Clarens.

Ah, a grande arte do anúncio, a grande arte moderna da imposição desmascarada, como ela é maleável e como é esperta!

No desejo de significar muita coisa em poucas palavras, os anunciantes vão excedendo os escritores na prática da síntese. Nós esparramamos a ideia, batemo-la como a um bife, até lhe tirarmos a última gota de suco; eles enramalhetam em meia dúzia de palavras a decifração dos problemas mais complicados da existência humana. Para as mais terríveis moléstias apontam a salvação no uso de um simples frasco de certa droga infalível.

Usurários meigos vêm magnanimamente oferecer o seu dinheiro para hipotecas em um gesto que faria pensar que também a pobreza vai ter um fim... se logo após não viesse um anúncio de leilão do Monte de Socorro. O Monte de Socorro evoca outras cenas de humilde sacrifício ou de patifaria. É a cortina negra sobre uma voragem de ouro de movimento contínuo. Através do anúncio lacônico, vejo procissões de tipos muito especiais a caminho dessa cortina de disfarce passageiro. Assim não perco tempo em períodos de estilo; leio os romances só pelos seus títulos.

Mas que perverso e maravilhoso romancista é este fazedor de enredos, que se insinua despretensiosamente pelas colunas do "aluga-se", do "precisa-se" do jornal. Não há Ponson que o sobrepuje. Faz lembrar Zola. É uma torrente, uma enxurrada, onde há de tudo: promessas de sortes grandes em cascatas de libras

esterlinas; seios opulentos de mulheres embelezadas por pílulas e licores de efeito extraordinário; bálsamos que têm poderes radicais; livros que ensinam a descortinar o futuro e a dominar o mundo; tapetes de coloridos eternos que diríeis tecidos à mão e são vendidos por quase nada; vozes de paralíticos que suplicam esmolas; vozes de namorados que trocam beijos sob a máscara de iniciais fantásticas; lojas que se escancaram e aparecem artigos acabados de chegar de Paris, por preços miseráveis; lunetas que fazem de olhos tortos olhos perfeitos e apuram a vista dos que a têm fraca; viagens tentadoras para carteiras magras e gentes curiosas; móveis em segunda mão, mais novos do que os acabados de sair das oficinas; cosméticos que restituem a peles engelhadas a doce maciez da mocidade; pérolas falsas com o oriente das verdadeiras, o reino da fantasia dentro das acanhadas molduras do interesse, enfim.

Enfim, aquela página de anúncios parecia-me simultaneamente trágica e mágica. Era, mais do que um bazar de coisas, um bazar de almas, contorcendo-se espavoridas nas chamas amarelas do interesse. Que romancista nos oferecerá jamais períodos de tanta realidade e de tão filosóficas ilações?

Nenhum.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXVII, n. 9753, p. 1, 20 jun. 1911.
http://memoria.bn.br/DocReader/178691_04/7234

PREÇOS POPULARES...

COMO O DR. FRÓES SOFRE DE ASMA e não pode apanhar sereno, consola-se em matéria de teatro só com o ir a *matinéés*. Contraria-o essa contingência, porque ele é um homem mundano e de gostos delicados, a quem a casaca assenta e que tem sempre um comentário que, pelo menos a ele, pensa ser espirituoso, sobre tudo que passe sob a sua observação. A nossa literatura interessa-o mediocrementemente; da portuguesa conhece o Eça, no que lhe faz muito favor; agora quanto à francesa, principalmente à dramática, pode-se-lhe tirar o chapéu. É uma autoridade e, para que toda a gente o saiba, ele mesmo o diz. Essa grande maçada da *Illustration*, que enche tanto a casa, assina-a ele só com o sentido nas suas edições de comédias que lê saboreadamente refestelado (segundo conta) nos almofadões do seu leito.

Não pode conciliar o sono, sem ler, pelo menos, uma cena de qualquer dos modernos comediógrafos de Paris. Para que essa comodidade seja completa, mandou pendurar do dossel da cama uma lâmpada elétrica com *abat-jour* de seda verde. Por aí se vê que não é uma qualquer pessoa, o Dr. Fróes!

Pois bem, ontem este meu amigo apareceu-me com uma tal cara de desenterrado que, para disfarçar o meu susto, tive de inventar o pretexto de uma espetadela de alfinete. Ele nem deu por tal; vinha furioso, e quando a gente está furiosa pouco se importa que os outros se magoem ou não. Os músculos faciais agitavam-se-lhe; naturalmente os seus dentes, verdadeiros dentes de lobo, estavam a triturar-se uns aos outros.

Por algum tempo vi aquela figura diante de mim, alta e magra como um ponto de exclamação em uma página em branco; por fim ele sempre se resolveu a falar:

— Então, que tal o Sr. Guitry, hein?

— Guitry?...

— Sim! Ele e o seu empresário, de súcia. Já foi ao teatro?!

— Eu?

— Pois então quem havia de ser?!

— Não.

— Nem vá!

Achei mais prudente calar-me. Dr. Fróes arremessou com violência as luvas para cima de um divã e passou a mão espalmada pela calva cor de cidra. Depois:

— Sabe de onde venho?

— Não posso imaginar...

— Da bilheteria do Municipal.

— Ah...

— A minha amiga sabe também que estou proibido de sair à noite. É ridículo que um homem se sujeite a esta imposição, e só o meu amor à vida pode explicar que eu a aceite sem rebeldia!

Antes eu não pudesse apanhar sol. Os dias não foram feitos para os homens intelectuais, mas para as couves e para os burros...

— Alto lá...

— Não faça caso, são expressões; mas compreenda-me: para que serve o dia? para tratar de negócios. A noite? para a palestra, o salão, a adoração das mulheres e o teatro. O teatro!

Os olhos reviraram-se-lhe. Tive medo de uma síncope. Ofereci-lhe uma cadeira. Não se sentou; e explodiu:

— Esses empresários são uns especuladores indignos; percebem-se-lhes as unhas de rato atrás dos maviosos cantos de rouxinóis com que nos iludem! Sabe o que este teve a coragem de oferecer ao público na sua primeira apresentação de domingo?

— *L'Abbé Constantin!*

Mas quem, a não ser alguma solteirona anquilosada nos gostos da sua mocidade morta, ou alguma menina sem experiência da arte de representar, quererá ainda ver o *Abbé Constantin*, impingido por todas as companhias estrangeiras que nos oferecem coisas novas?! Dá-me a impressão, essa figura de padre, que o Coquelin cristalizou na mais sublime das simplicidades — de uma fruta chupada sucessivamente por uma multidão de indivíduos, e sucessivamente posta por cada um deles na mesma calda incolor com algumas gotas de água de flor de laranjeira e muitos pelinhos de bolor. Também eu tenho bolor na alma, com este tempo, com este tédio! E além do mais esta peça ingênua e romântica nunca foi do repertório de Guitry, nem ele tem que entregar as suas qualidades no papel de velho cura de aldeia. De modo que os pobres populares que possam desperdiçar dez mil-réis numa cadeira — que é, aliás, o preço que pagam os ricos, em assinatura — e forem ver a peça de Halévy, sairão do teatro sem poder ter uma ideia sequer aproximada do gênio de Guitry, dos recursos de Guitry, do valor de Guitry; o que será, sobre a espoliação do preço, a burla do espetáculo. Fora mais leal e mais sério repetir em *matinée* uma das peças da noite, mas das peças de Guitry; pois que o ver este ator nos papéis de Coquelin só pode interessar pela comparação os assinantes que em tal caso terão o gozo relativo de verificar a maleabilidade do talento do grande artista.

— Que se há de fazer...

— Que se há de fazer?!

Isto: obrigar esses senhores a compreenderem que o público está enjoado de ver peças velhas quando elas são de um valor literário medíocre. Para peças velhas não precisamos de companhias novas. Eu sou capaz de representar sozinho todo o abade Constantino, com as suas americanas católicas e tudo.

É só quererem...

— Não quero.

— Vai ver que o senhor Alonso nos oferecerá no domingo próximo como lisonja ao nosso gosto literário — *O mestre de forjas!* — E riu-se. Mas o seu riso era todo feito de sacudidelas nervosas. — O que me vale é que eu conheço tudo.

Tenho o repertório moderno do teatro francês aqui. E espetou um dedo na testa. Até por sinal, para ler as peças da *Illustration* mandei pendurar do dossel do meu leito...

— Uma lâmpada elétrica...

— Com *abat-jour* de seda verde. É isso.

Nesse ponto da conversa entrou na sala a minha amiga Florisbela, com as suas três filhas. Traziam também um ar desconsolado e, antes que eu lhes perguntasse qualquer coisa, contaram-me logo que vinham aborrecidas da bilheteria do Municipal! Dr. Fróes volveu para elas um rosto radiante, tanto é doce encontrar companhia no infortúnio!

— Já não acharam bilhetes, estava tudo cheio? perguntei.

— Não, minha querida, respondeu-me D. Florisbela; não estava tudo cheio, mas estava tudo caro.

— Bom. Mas por que não vão vocês às *matinéas* que são a preços populares?

— A papada da minha amiga estremeceu na mais gostosa e ao mesmo tempo irônica das gargalhadas que eu tenho ouvido em minha vida.

As meninas explicaram:

— Preços *populares* são dez mil-réis a cadeira e cinquenta o camarote...

Dr. Fróes, conquanto desprendido de questões econômicas, já tinha reparado no assunto; agora, agastado, voltou a falar: — Aquilo era uma especulação desagradável, irritante.

Queríamos saber qual era a diferença dos preços populares para os outros das récitas noturnas? Dois mil-réis em cadeira, só dois mil-réis, nada mais que dois mil-réis. Para essa ninharia nem valia a pena ter o secretário da empresa o trabalho de escrever programas e cartazes. está claro que uma pessoa que não vá

ao teatro por achar cara uma cadeira de doze, também não irá para uma de dez mil-réis. A questão não é de interessar-se a empresa pelas classes menos favorecidas da cidade; a questão é de efeito, de tambor, de reclame. Cadeiras que excedam de cinco, camarotes que excedam de vinte e cinco mil-réis, não podem aqui ser considerados de *preços populares*. Também para ver o — *Abbé Constantin* mesmo a cinco mil-réis, acho cara a melhor poltrona da melhor plateia do mundo!

Olhe, eu já não me cansarei a ler notícias nem anúncios desta empresa: Levem o que quiserem, lá não volto.

— Ah, o senhor também conhece — O *abbé Constantin*...

Eu conheço tudo, minha senhora. Gosto tanto do teatro francês, que não durmo sem ler pelo menos uma cena de qualquer comédia moderna. Para isso mandei colocar, pendente do próprio dossel da cama, uma lâmpada elétrica, com *abat-jour* de seda verde...

*

Apesar do mau tempo, no sábado, encheu-se a sala de exposição de quadros de Bertha Worms; o Rio-chic quis assim prestar homenagem não só à pintora, que é gentilíssima, como a S. Paulo, de que ela é um dos melhores ornamentos e onde conta grande número de amigos que se regozijam com os seus triunfos.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXVII, n. 9767, p. 1, 04 jul. 1911.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_04/7392

EM BRANCO E OURO

É DO *GRAND HOTEL DES NARCISSES*, da Suíça, que uma das minhas amigas me escreve:

"Se no doce Éden em que vivo fosse permitido ter saudades da terra, eu te pediria notícias do Brasil..."

Narciso é na verdade uma linda flor: uma pouca de neve com um astro de ouro no centro; e nem a neve apaga o lume vivo do astro e nem o calor do astro dissolve a pureza branca da neve. Por toda a parte encontra a gente contrastes que se dão bem! Além do mais, rescende que é uma delícia. Deveria aclimar-se magnificamente aqui, nas alturas de Teresópolis e de Friburgo; mas deixemos Friburgo e Teresópolis e vamos para a Suíça. É só um momento e não se paga nada pelo transporte.

Pois é assim: apesar de tantos dias de viagem na promiscuidade grosseira de um saco de correio entre a desenvoltura dos cartões postais e a cupidez dos anúncios reclames de drogarias e de fábricas de adubos químicos, o papel desta carta conservou um aroma delicado, sutil, que é, a bem dizer, mais a saudade da flor que a sua essência.

Encosto-o às narinas e imagino-me em frente a um desses grandes, intermináveis vales que a minha amiga descreve, todo coberto por milhares e milhares de milhões de narcisos desabrochados.

Deve ser bonito ver-se de um terraço, ao ar livre, de sobre uma ribanceira dos Alpes, esse mar de leite coalhado de estrelas que cheiram bem!

O curioso, o *chic*, é que no *Grand hotel des Narcisses* tudo, mas tudo, até a arquitetura da casa, é inspirado nessa flor — aliás simplíssima, talvez por isso mesmo: as coisas simples são quase sempre mais sugestivas que as complicadas. Diz a carta, em cujo velino vem estampado um narciso, que tudo nesse hotel, que

é menos uma casa preparada para vilegiaturas preguiçosas, do que um sanatório para gente de nervos fatigados, reproduz de mil modos diferentes as hastes e as corolas dessa flor. Os gradeamentos dos terraços, das escadarias e das sacadas, feitos em bronze dourado, foram todos inspirados por esse modelo encantador, não havendo entretanto em todo o edifício duas grades iguais. Assim, quando os narcisos não sejam fielmente copiados, fazem sentir a sua influência na cor ou no feitio de cada objeto. Para completar o efeito de sedução, tudo é branco e ouro... as escadarias são de mármore, os tapetes, brancos, os vasos de alabastro e de cristal, cinzelados de ouro. Nos painéis das paredes, pintores delicados desenharam virgens louras cobertas de túnicas vaporosas, tangendo liras rutilantes. São brancos os galgos russos do jardim; e encadernados a branco e dourados os livros da biblioteca... Os cutileiros e os fabricantes de cristalaria tiveram de inventar novas formas para modelos dos seus artigos; cada cabo de faca é um narciso, cada cabo de garfo, outro narciso! O copo em que se bebe a água pura da fonte, como o cálice que serve para o vinho ardente ou para o amargo absinto, reproduzem todos, infalivelmente — um narciso. Assim os pratos, as salvas, as rendas dos *stores*, a guarnição das toalhas e a cor e forma das lâmpadas elétricas.

A obsessão da flor está em toda parte: nas esculturas de madeira branca dos móveis, no estuque das molduras, na cinzeladura dos marfins, nos bordados das fronhas e dos lençóis e até nos fundos das caçarolas, nas toucas dos cozinheiros ou na tábua de bater bifes!

É a assinatura da primavera.

O caso curioso, que apresento aos médicos especialistas (vejam que esta crônica fútil tem o fim científico), é este:

A minha amiga é uma neurastênica. Tudo a enfada, tudo a irrita, tudo a molesta e, entretanto, não só não enlouquece, como ainda se sente melhor nesse hotel de repetições, chegando a escrever: "Se neste Éden fosse permitido ter saudades da terra..."

Considerarei isso pasmoso, principalmente depois de ter lido este pequeno trecho da sua carta:

"... enfim, mal abro os olhos, ao acordar, a primeira coisa que vejo são os narcisos do cortinado e das sanefas de seda branca salpicadas de flores de ouro; a segunda são os narcisos do lençol, de ricos bordados dinamarqueses; a terceira, os narcisos do tapete em que ponho os pés ao saltar da cama; a quarta, as do fundo da bacia em que me lavo, e assim sucessivamente, do copo com que lavo os dentes, da toalha em que me enxugo, da xícara em que tomo o café etc.

Mas o grande esplendor, a beleza inenarrável é quando, correndo o largo reposteiro do meu quarto de *toilette*, eu estendo a vista pela paisagem fora. Tudo é branco e ouro sob o céu de um azul esmaecido, quase envergonhado.

Os Alpes, alvos de neve, têm reflexos de sol; o lago lembra o verso de Luís Guimaraes descrevendo uma opala; parece:

"Um naufrágio de luz numa gota de leite"

(mas uma gota enorme!) e, por entre as cidadezinhas de Montreux, Territet, Vevy [sic] Clarens, montes, despenhadeiros e valados estão cobertos, mas literalmente cobertos de narcisos em flor. Fora, como dentro do hotel, são eles que predominam, que enchem tudo com o seu aroma, a sua forma e as suas cores, desesperada e cândida. E nós não nos cansamos de os ver, e tanto que, moços, velhos e crianças, sempre que saímos a passeio, colhemo-los com alvoroço, com delírio, carregando braçadas deles, triunfalmente..."

E é um hotel para repouso que usa de tais processos de obsessão?

A carta é de junho e fala em gelos como se fora datada de dezembro; sugere-me isso uma impressão de frio que me arrepiava... Mas ao mesmo tempo fala em flores; avalanches que se desprendem do alto, rolando por entre eglantinas e miosótis em profusão. Será mentira? Será sonho? Será a verdade?

Sim, é verdade, a minha amiga não mente: é toda feita de virtudes e de piedade, não abusaria da minha boa fé...

E o silêncio que reina naquelas paragens é só perturbado pelo som de músicas delicadas que vêm de longe. "Dir-se-iam rumores do voejar de insetos celestiais..."

Às hóspedes, bem compenetradas do sentimento ambiente, são vendidas pelo próprio hotel e por preço muito exagerado, está claro, umas lindas *écharpes* de escomilha branca estreladas de narcisos de ouro. É levar bem longe o gosto do conjunto, convenhamos!

"... à noite, no terraço envidraçado ou no *hall*, certas mulheres esguias, moças, envoltas nessas longas mantilhas transparentes, evocam ainda, pela sua poesia e pela sua atitude, a lembrança dessas flores maravilhosas e de que trazem sempre umas hastes no cinto ou na mão..."

.....
.....
.....

Depois de muito refletir, compreendi que a medicina encontrou uma fórmula nova para a cura de certos doentes — a poesia.

A velhaca lança mão de todas as experiências. E a verdade é que no princípio se sai bem de todas...

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXVII, n. 9795, p. 1, 01 ago. 1911.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_04/7774

EXEMPLO A SEGUIR

DE 16 A 20 DE OUTUBRO PRÓXIMO, reunir-se-á em Colorado Springs, Estados Unidos, um congresso de lavradoras com o fim de interessar a família americana pela vida do campo.

Tratará esse congresso de estudar os meios de resolver o problema social da educação da mocidade sob novos moldes, que despertem o amor pela terra, o gosto pelos trabalhos agrícolas e o acatamento pela gente do campo.

O assunto é de tanto interesse para nós, que o aproveito com ambas as mãos, no açodamento de quem vê confirmadas por outrem ideias e vantagens por que se tem batido no seu próprio país, na certeza de que ele, mais do que nenhum outro, carece de tais campanhas.

Realmente, se nos Estados Unidos, onde a vida agrícola é muito mais alegre e muito mais movimentada do que a nossa (se não mentem nos seus livros, nem nos enganam as risonhas paisagens campestres e o conforto dos seus interiores rurais divulgados pelo cinematógrafo), ainda há tanta gente que se preocupa em estudar os meios de aligeirar a faina do lavrador, que diremos nós? Não diremos nada, naturalmente. Pois a vida rústica, nesta parte do mundo em que habitamos, é enfadonha e triste. Maiores que fossem os lucros materiais oferecidos por ela, seria ainda assim justo todo o esforço tendente a melhorá-la, mas a melhorá-la de um modo prático, visível e positivo. Se não, digam-me: que estímulos de aperfeiçoamento moral encontram ao redor de si os nossos trabalhadores rurais, que sirvam ao mesmo tempo de incentivo para o progresso e de consolação para as vicissitudes da vida?

Nenhuns.

Abate-os a própria natureza em que vivem, porque a poesia do nosso campo ainda é a poesia selvagem: a floresta hispida e negra, a cachoeira perigosa, as grutas profundíssimas ou as montanhas inacessíveis. A outra poesia, que ressalta do carinho humano, escrita pela relha do arado e pela mão pródiga do semeador, nenhuns olhos a veem, nem a amam.

Ninguém, romancista ou poeta, descreve ou canta os matizes variados das culturas, o perfume dos cafezais pintalgados pela neve das flores; o ondular dos ruivos corutos dos milharais, ou o acetinado dos claros e novos canaviais. As águas humildes das regas frescas em hortas e pomares de pequenos sítios modestos e fecundos ainda não acharam quem as traduzisse em rimas prestigiosas; os terreiros atravessados ao cair da noite pelas manadas de gado que se recolhem ao curral, tangidas pelo caipira hirsuto ou pelo tabaréu, ainda não souberam inspirar aos nossos melhores pintores quadros de simpatia pelas gentes humildes e pelos irracionais.

Isto, que à primeira vista parecerá, mesmo a muitas pessoas atiladas, não ter nenhuma correlação com o fato comentado, seria de um enorme auxílio para ele, porque a influência da poesia e da arte é como a da célebre varinha de condão das fadas boas: onde toca deixa benefícios.

As tradições da nossa lavoura projetam ainda sobre ela uma tristeza de uivo, que só poderá ser dissipada por grandes rajadas de alegria. Mas onde buscar essa alegria redentora?

As raças novas, ou, antes, as raças cansadas que vêm fecundar as nossas terras trazem consigo uma obsessão terrível, que abafa a flor do sorriso mesmo antes que ela desabroche: a obsessão do lucro, a esmagadora obsessão do dinheiro, que vem muito mais lentamente e muito menos farto do que tinham suposto os imigrantes quando ainda nos seus países de origem. Um desiludido não ri; um saudoso não canta, um obstinado é quase sempre um sombrio.

Vendo que, contra a sua expectativa, cada uma das suas bagas de suor não se converte imediatamente numa moeda de prata ou mesmo de cobre, o colono torna-se taciturno ou trata de voltar, pela estrada por que andou até os campos da fazenda longínqua, às cidades, onde o bulício da vida coletiva faz disfarçar aborrecimentos e desilusões.

Infelizmente, não é só o trabalhador mercenário o desinteressado pela felicidade do campo brasileiro; os próprios donos das lavouras nada fazem para as tornar atraentes, e os filhos dos fazendeiros não têm, por essa mesma razão, ideais que os obriguem a continuar e desenvolver a obra paterna.

É contra esse abandono que precisamos lutar.

Como?

Por todos os modos.

Compete à mulher, como primeira educadora do homem, insinuar no filho ainda pequeno o amor pela natureza e o respeito pelos agricultores. São sempre fecundos os germens das simpatias infantis. Tudo a pode auxiliar nesse empenho: um pequeno canteiro no quintal, uma história bondosa de camponeses, um brinquedo apropriado às lides da jardinagem, uma lição de botânica prática ao ar livre, a observação dos animais, a vista de uma árvore ou a leitura de um verso. Isso, que pode parecer coisa nenhuma, são magníficas sementes de curiosidade, que a escola desenvolve depois e mais tarde a ciência acentua, a bem da prosperidade de fazendas ainda mantidas entre nós, na sua maior parte, como fábricas de dinheiro e nada mais.

O grande problema a resolver é o de vincular o homem à terra, não só pela ambição material da fortuna, como por um inquebrantável laço de amor.

Se eu pudesse traduzir para o inglês a minha série de cartas publicadas nesta folha, sob a rubrica — *Correio da roça* —, mandá-las-ia agora ao congresso das lavradoras do Colorado, como um documento de utilidade comprovada pela correspondência particular que tais cartas provocaram e que é, neste país de indiferentes, uma excelente prova da eficácia dessa espécie de propaganda, a bem

EXEMPLO A SEGUIR

dizer indireta. É verdade que nessa correspondência raramente figura um nome de mulher. Pouco importa, porque é já alguma coisa ter chamado a atenção de seus pais ou de seus maridos para assuntos que lhes dizem respeito e em que elas podem servir magnificamente de colaboradoras.

Qual o fito do congresso de lavradores que, com o auxílio da "Dry Farming", se vai reunir brevemente em Colorado Springs? É o de dar prestígio aos agricultores, alegria aos estabelecimentos agrícolas e firmeza de caráter, instrução e bondade às populações agrárias fazendo-as ter conhecimento perfeito da sua profissão e amor ao campo, que será tanto mais povoado quanto for mais atraente e mais amável.

É uma obra de regeneração social de que o Brasil precisa mais do que outro qualquer país da moderna civilização; e nenhum mal lhe adviria de imitar nessa questão a iniciativa das senhoras americanas.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXVII, n. 9837, p. 1, 12 set. 1911.
http://memoria.bn.br/DocReader/178691_04/8336

MME. CATULLE MENDÈS

CONTRA O QUE EU TINHA IMAGINADO, o salão dos Empregados no Comércio, na noite da conferência de madame Catulle Mendès, não se encheu.

Foram poucas as pessoas que tiveram a curiosidade de ir ouvir a gentilíssima escritora francesa, cujo renome aliás já nos tinha chegado, através de crônicas e artigos de correspondências, sempre envolto em referências amáveis e elogiosas.

No terceiro volume da *Antologia dos poetas franceses contemporâneos*, de G. Walch, na sua parte bibliográfica, há as seguintes notas que exprimem, muito melhor do que eu poderia fazê-lo, o valor desta interessantíssima individualidade literária.

"Mme. Jane Catulle Mendès colaborou em diversos jornais e revistas. Publicando o seu delicioso volume — "Les charmes", soube juntar ainda mais glória a um nome já glorioso.

Eis um poeta-mulher, para quem nenhuma poesia estranha, uma mulher-poeta em que palpita completamente a mulher, uma amorosa que é ao mesmo tempo uma artista e uma inteligência. No seu livro "Les charmes", disse um crítico, a personalidade de Mme. Catulle Mendès afirma-se por todos os modos sem se desmentir em nenhum deles. Vemo-la através dos seus poemas "hieratizada" por uma atitude, onde a beleza voluntária, unida à natural beleza, não conseguem esconder a inquietação eterna, a ausência de serenidade em que consiste o doloroso privilégio dos melhores e dos mais fortes."

Depois da consagração de mais algumas linhas à poetisa, termina o bibliógrafo com elogios também à prosadora, referindo-se a uma das suas séries de sutis e penetrantes artigos de crítica, no jornal *La Presse*.

Estamos, portanto, defronte de uma individualidade digna de atenção muito especial.

Não admira muito que nós, que não somos franceses, ignorássemos todos os dotes intelectuais da nossa encantadora hóspeda de poucos dias.

O que me admirou foi ver tão poucos franceses no salão, o que veio confirmar o que eu há muito pressentia, isto é, que a colônia francesa tem decrescido em número entre nós. Por quê? À proporção que vêm grupos consideráveis de americanos, ingleses, alemães, espanhóis e italianos, os franceses retraem-se. Antigamente, no comércio, as tabuletas tinham em grande quantidade nomes franceses que se veem hoje substituídos por ingleses ou alemães. Nos passeios, nas ruas, nos bonds, ouviam-se franceses conversar entre si; hoje, ouvem-se estrangeiros de outras quaisquer nacionalidades. Qual a corrente que tem afastado das nossas plagas o povo a que dedicamos tanta simpatia? Mas ponhamos de parte estas impressões para ainda a propósito de Mme. Catulle Mendès observar outra coisa, também de passagem e sem censura. Temos dito várias vezes que prestamos a todos os artistas ou escritores estrangeiros que nos visitam uma atenção exagerada, enquanto que desemparamos os nossos. Ora, para sermos completamente justos, lembremo-nos de que só excepcionalmente temos animado alguns escritores estrangeiros com o calor da nossa presença e dos nossos aplausos. Aliás, haveria na frequência às suas conferências, além da satisfação de uma curiosidade (se a tivéssemos), também uma tática de propaganda a favor do Brasil intelectual, o que tornaria o patriotismo um tanto caro, força é convir.

Mas a boa e sã verdade é que não nos sentimos muito dispostos a prestar atenção a digressões meramente literárias, quer elas sejam feitas por estrangeiros, quer por nacionais. O Rio, atordado com os grafofones e as buzinas dos autos, não tem tempo para audições subjetivas ou sentimentais. No sarau literário da gentil escritora francesa, mal se poderia ouvir na sala a doçura bem feminina da sua voz.

Todos os autos da Avenida se tinham combinado para ir roncar sucessivamente sob os balcões do edifício da associação.

E, se por amor disso, os que lá estavam perderam algumas frases da conferente, muito mais perderam os que a não foram ouvir, porque a sua conferência foi um puro encanto literário.

Ela veio dizer-nos, o que aliás nós, que indagamos do que se passa na Europa, e sobretudo em França, não ignorávamos, que a mulher francesa não é absolutamente viciosa e frívola, como a pinta uma parte da literatura do seu país. Ela sabe sorrir e sorri frequentemente; mas na sua generalidade conserva com carinho, por instinto e por educação, as mais nobres virtudes da raça e mesmo as virtudes heroicas em que oferece a própria vida em sacrifício da pátria. E a propósito fala-nos, com doçura e entusiasmo, de algumas heroínas da França, a começar da figura singular dessa *Pucelle de Orléans*, Jeanne d'Arc, que miraculosamente saiu da sua aldeia sem saber ler nem escrever, para, à frente de um exército, salvar a França; diz-nos o heroísmo dessa *Amazone de la liberté*, Théroigne de Méricourt, que ofereceu as suas joias para que se construísse o palácio da constituinte; e longamente narra a vida de Mme. Roland, a sua influência antes e durante a grande revolução, a sua defesa por duas vezes perante o tribunal revolucionário e, finalmente, a sua morte, "como uma romana", na guilhotina, depois de ter exclamado diante do povo: "Ó liberdade, quantos crimes se cometem em teu nome!"

E continua a falar-nos da tranquilidade, da ordem e da ternura do lar francês, tão digno como os mais dignos, pois, se à mulher francesa faltassem as virtudes comuns, a França seria um país em dissolução, e todos sabemos que o não é. Ainda modernamente durante a guerra de 70, não foram raras as mulheres heroicas, como Juliette Dodu, escondendo sob os vestidos o seu aparelho telegráfico, na presença dos prussianos, e ligando fios, pela noite fora, para telegrafar ao governo de Paris os movimentos do inimigo; como essa bela e alta figura de Marie Laurent, estabelecendo e dirigindo durante o cerco, só com as

atrizes e os atores seus colegas, no *foyer* do teatro da Porte Saint-Martin, uma enfermaria, em que eram tratados com igual carinho os feridos franceses e alemães.

Tudo isso nos foi dito com eloquência e fina arte pela elegantíssima conferente, que ainda, com delicado tato, nos disse que as virtudes citadas não eram exclusivas da mulher francesa, e ela bem sabia que também o Brasil tem as suas heroínas, como Anita Garibaldi, que, com um filho nos braços, acompanhou o marido em todas as marchas e peripécias da revolução do Rio Grande; e, como essa matrona romana, avó dos FONSECAS, que impeliu sucessivamente seus filhos para a guerra, dizendo a cada um, no momento da partida: — vai, meu filho, ajudar a salvar a tua Pátria!

Nós sabíamos, decerto, tudo isso; a literatura da França, por mais que, sem talvez o pensar, faça por deprimir, abatendo-a moralmente, a mulher francesa, nós bem sabemos que os tipos do romance e do teatro contemporâneo são tipos de exceção, esboçados em relevo forte, e até às vezes brutal, para que neles se baseiem as ações excessivas, complicadas e tremendas da vida hodierna, em que ferozmente predomina o egoísmo em luta perpétua e sangrenta. Mas o que da boa literatura se depreende em desfavor da mulher francesa não é que lhe falem virtudes domésticas nem heroicidades em face dos perigos; o que parece faltarlhe, segundo os romancistas, os dramaturgos e, o que é mais, os fabricantes de estatística, é o heroísmo da maternidade.

Este é o problema vital da França, que já se alarma com a insignificância do aumento da sua população. E, se algum heroísmo falta, porventura, à mulher francesa, em comparação com a de outros países, é, sem dúvida, esse da múltipla maternidade, que as outras suportam alegremente, posto seja o mais pesado de todos — e o mais obscuro. Mas é, com toda a certeza, o mais nobre e o mais útil.

E assim o compreendeu a própria França, em que a palavra dos seus grandes publicistas e sociólogos começa a bradar contra esse mal da supercivilização.

Dadas as virtudes intrínsecas da mulher francesa, não será difícil convencê-la da grandeza desse mal e induzi-la a praticar mais esse nobre e belo heroísmo.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXVII, n. 9858, p. 1, 03 out. 1911.

http://memoria.bn.br/DocReader/178691_04/8662

UMA GLÓRIA DA CIDADE

ENTRE AS PLANTAS ROUBADAS com risco de vida por Luiz de Abreu, no jardim Gabrielle, da ilha de França, e por ele trazidas como penhor de alto apreço a Sua Majestade D. João VI, nenhuma exerceu sobre o monarca tamanha fascinação como uma graciosa palmeirinha de um palmo de altura que ele mesmo quis plantar com as suas macias e papudas mãos nas lindas terras do Horto Real, depois Jardim Botânico.

A plantinha sentiu-se bem. A terra estrangeira aceitou-a como criatura sua. Os jardineiros rodeavam-na de carinhos; e o próprio rei, que amava as sombras e o aroma daquele recanto verde e pacífico, vagando por ele horas inteiras, ia frequentemente visitá-la, observando o seu crescimento.

A princesa solitária, na ambição, talvez, de ver por cima dos altos montes a imagem das irmãs na ilha longínqua, pôs-se a crescer com toda a fúria. Fixada em uma planície, que esforço teria a pobre de fazer para conseguir o seu intento! Enfim, como o raciocínio das palmeiras não pode ser tal qual o nosso, não a censuremos por isso.

O fato é que nenhuma árvore jamais no Brasil logrou cuidados tão especiais.

Embora solitária, a árvore exótica penetrou bem na alma da nossa natureza até chegar o tempo maternal da florescência. Aberta a espata, solto ao vento o penacho fecundo dos seus frutos, começou a espalhar em torno uma profusa e benéfica sementeira. Mas ai dela! para que o seu valor de raridade não visse diminuído o seu prestígio, o zeloso diretor do Jardim Botânico de então apressava-se em lhe mandar colher todos os frutos, para os queimar. A formosa árvore viu assim por muito tempo sacrificada a sua reprodução.

Nem por isso ela deixava de espalhar sobre a terra nas estações do amor a chuva da sua sementeira; até que o diretor egoísta se cansou de reduzir a pó negro os seus frutinhos, e que eles puderam finalmente germinar, não já em chão estrangeiro, mas em terras da pátria.

O luxo de todos os proprietários que faziam a sua chácara era de ornamentar o jardim com uma ou duas filas dessas palmeiras, a que se passou a dar a denominação de imperiais, quer plantando-as rente ao gradil da rua, quer em uma aleia interior em direção à casa de residência. O próprio Jardim Botânico, bem inspirado, alindou-se com uma avenida central dessas árvores, reproduzida em gravuras de todo o gênero e conhecida em todo o mundo como uma das nossas belezas mais notáveis. E assim, a princesa solitária, raptada de um jardim da ilha de França ainda em pequenina, trazida para longes terras, criada pela mão de um rei amoroso, crescida aos beijos de um sol brilhante, acalentada pelas vozes dulcíssimas de sabiás nostálgicos, viu-se por fim acompanhada por centenares de árvores da sua espécie, saídas da sua própria vida para sua glória e seu orgulho.

Tinha-se cumprido o destino. Poderiam vir agora a velhice e a morte.

Mas há qualquer coisa que obriga a palmeira-mãe a resistir, secular e ereta, estrelejando no ar as suas palmas luzidias. É talvez um pressentimento que a faz estar de atalaia à sua nobre raça ameaçada. Têm-lhe dito as vozes dos pássaros e as do vento que as suas filhas, que tão garbosamente enfeitavam portões de chácaras e aleias de jardins, têm desaparecido pouco a pouco das propriedades particulares. As do aterrado, ameaçadas por um inimigo invisível, ora parecem morrer, ora cobram ares de existência nova, tendo, contudo, ainda os seus dias de desassossego: há palmeiras em ruas e praças minadas por cavernas sinistras. Às outras árvores curam-se mais depressa as chagas; acodem pessoas sollicitamente com espessas cataplasmas de barro e de cimento para lhes disfarçar o feio das feridas, obstando ao mesmo tempo que entrem por elas adentro animais pequeninos, mas terrivelmente destruidores. Assim o vento, as abelhas e os passarinhos levam à palmeira-mãe queixas esparsas de todas as suas filhas da cidade.

Nunca, porém, o sobressalto foi tão violento como agora. Decepidas não sei quantas palmeiras que embelezavam a frente de um grande edifício na rua Haddock Lobo, há já quem deseje ver fazer o mesmo às solenes e belíssimas palmeiras da rua do Paissandu.

Há cerca de duas semanas um morador desse local, ameaçado de desastre pela palma seca desprendida do alto de uma dessas árvores, requereu à Prefeitura a remoção dessa palmeira. Compreendo este movimento inspirado pelo terror do desastre. Com um pouco de calma esse senhor verificaria que há outros meios menos radicais que podem ser empregados para proteger os moradores e os transeuntes dessa rua contra a queda eventual das folhas secas das suas árvores. O que me espantou não foi a sua queixa, justificada pelo susto, mas as seguintes ponderações do noticiário ao referir-se a esse fato:

"Pensamos que cabe toda inteira razão àquele cavalheiro, tanto mais quanto, por indagações que fizemos entre vários moradores da rua Paissandu, não é o primeiro fato que se dá quando caem palmas que, não só já por mais de uma vez têm produzido ofensas físicas nas pessoas que por ali têm de passar, mas também as platibandas de vários prédios estão arruinadas devido à queda de palmas.

O ilustre e digno prefeito municipal bem podia substituir aquelas perigosas árvores, que realmente não oferecem nenhum benefício ao público, pois nem sombra produzem, e cuja beleza é toda convencional, pois apresentam verdadeiramente o aspecto de um espanador invertido, substituir, dizemos, por oitis, que são belíssimas árvores, fazendo magnífica sombra e cujo alinhamento ofereceria um aspecto muito mais belo."

A lembrança de substituir as palmeiras imperiais, tão majestosas e típicas, pelos banais oitis, que se reproduzem já por tantas praças e ruas da cidade, não me parece extremamente feliz. Em lugar de abater árvores feitas e de um aspecto tão original, não seria muito mais profícuo exigir que os tratadores da arborização pública lhe dispensassem a mesma solicitude que dispensam a esses mesmos oitis?

Não me parece que as palmeiras deem à turma dos jardineiros da Prefeitura o mesmo trabalho que lhes dão as outras árvores, que exigem estacas, podas e mais cuidados que lhes são constantemente dispensados. Seria pedir muito dizer que retirassem ao menos as suas palmas secas, antes que elas despenhassem das alturas sem pedir licença a ninguém?

Há com certeza aparelhos para esse serviço, assim haja disposição para os aplicar. E tudo me leva a crer que tal medida de precaução será adotada, porque tanto os nossos jardins públicos, como o arvoredo das ruas são agora tratados com o maior carinho.

Se isto não é ainda o paraíso descrito pela fantasista Monna Delza, que viu orquídeas em flor nas nossas árvores urbanas, é com certeza uma das cidades mais bem ajardinadas do mundo. Por isso mesmo, porque a nossa consciência do belo despertou, defendamos as grandes palmeiras do Rio como a variedade mais típica da sua arborização, um dos seus ornamentos de maior destaque que todo o viandante contempla com uma espécie de assombro, bem traduzido agora por Mme. Catulle Mendès, no seu delicioso artigo de impressões da nossa terra e publicado no último número de *L'Étoile du Sud*.

A palmeira é uma glória da cidade.

Repare-se: há nessas árvores altíssimas, nestes "espanadores invertidos", como lhes chamou o noticiarista, qualquer coisa de misterioso que as diviniza, quer estejam sozinhas como sentinelas avançadas, quer estejam enfileiradas, no silêncio religioso de deusas em procissão. Que se conjurem os seus perigos, sem ofender a sua divindade!

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

O Paiz, ano XXVII, n. 9865, p. 1, 10 out. 1911.

http://memoria.bn.br/DocReader/178691_04/8764

A FORTUNA DO SIMÃO

(Reflexões de um amigo velho)

"QUANDO EU ONTEM ENTREI COM O BRAGA na confeitaria e vi ao fundo o Mariano chupando tristemente por um canudo aquela pálida e interminável cajuada, pensei logo com os meus botões:

— Ai, que o Mariano já sabe da fortuna do Simão!

E se não fosse o Braga estar tão agarrado a mim, pelo prazer, coitado, de se mostrar em público com uma pessoa de importância, eu teria ido imediatamente interromper as geladas sucções do meu velho camarada, para certificar-me se a minha sagacidade atinaria com a causa de tão manifesta melancolia. Melancolia não é bem o termo... melancolia tem um sabor fino do moscatel de Setúbal de 1830, vinho para senhoras, muito agradável quando tomado em doses pequenas, mas enjoativo, quando libado aos copos. Não me consta que ninguém se tivesse embebedado nunca com semelhante droga até o ponto de fazer cair assim o queixo triste e desapontado, como o Mariano deixava cair o seu, ao sorver às chupadelas tímidas aquele litro de cajuada, como se temesse afogar pela enxurrada de uma ingestão franca as suas inquietadoras mágoas... Mágoas? Mágoas envolvem ideias piedosas, de compaixão. Só se fosse compaixão de si próprio... mas não seria isso também que ele tinha dentro do largo peito curvado...

E logo me veio à ideia o cabeludo peito do Mariano, quando se desnudava em frente ao lavatório do nosso quarto da pensão para as abluções matinais, pintalgando-se todo de espuma de sabonete, o que me fazia compará-lo a uma agreste planície coberta de ásperas carquejas negras, flocadas de neve. Eu sempre tive muita imaginação; as coisas mais rudes evocavam no meu espírito quadros

e cenas deliciosas; o que não deixava de causar certa invejzinha aos outros, que bem o percebi sempre... Quanto ao Mariano, esse gostava da chalaça, e todas as manhãs era aquele dispêndio de sabonete por conta da casa, que, nas de extraordinários, ele foi sempre parcimonioso... Eu não! eu nunca me prevaleci, nem abusei de situações, porque, enfim, o meu feitio é outro, mas o Mariano não estava para meias medidas e talhava grosso na fatia alheia.

Foi por esse tempo que nos apareceu o Simão, ingenuozito e prestativo, achando graça no que dizíamos e herdando por isso as nossas gravatas e os nossos livros já lidos. Poucos eram; porque eu sempre tive pavor à miopia, e para conservar boa vista poupei-a da única forma por que o poderia fazer: — não lendo; e o Mariano, esse não lia nada, por falta de curiosidade intelectual. Era um materialão; mas, apesar disso, deixou-se afeiçoar com sinceridade pelo novo amigo, supondo-o prestes a herdar de um velho tio quantia, se não me falha a memória, superior a mil contos. As riquezas futuras do Simão davam-lhe o único prestígio que ele podia ter, além o de nos servir de público, batendo palmas às nossas pilhérias. Nossas é um modo de dizer, minhas; porque o Mariano, coitado, só tinha graça quando repetia os meus ditos; e tanto era assim que eu, já por fim, mal falava com ele no quarto, receando que me fosse lá fora prejudicar a facúndia! Quantas vezes em público tive de fazer um sorriso amarelo ouvindo estourar uma das minhas ideias pela boca desengraçada do Mariano! Os outros riam com franqueza, até às lágrimas, e se eu me queixava depois na intimidade ao Mariano, daquele abuso, ele respondia que, se abusava das minhas pilhérias, é porque eu abusava das suas camisas e ficava uma coisa pela outra! Patife! O que me consola é que as camisas eram excelentes e que nem sempre os ditos que eu lhe transmitia eram genuinamente meus... Entre nós dois vivia o Simão, ameno, serviçal, embora boêmio. Escrevia as nossas cartas, saía a comprar-nos cigarros quando nos aprazia ficar em casa, chegando mesmo à perfeição de arrumar as nossas gavetas, aliviando-as de peças que já nos não serviam e que passavam para o seu uso. A futura herança do Simão fazia-nos até achar graça nessas coisas e a nos

sentirmos sensíveis e penhorados por elas. Mas, um dia, o tio esticou a canela sem que o seu último pontapé lhe empurrasse para as algibeiras nem um simples níquel de tostão.

Por isso, valha a verdade, o Simão não deixou de ser nosso amigo nem de ir de vez em quando dormir no nosso quarto e papar o nosso almoço. Por mim não me inquietei, mas não me foi difícil notar que o Mariano mudava, olhando para o outro como para um tipo reles, já sem nenhum valor histórico nem social. A coisa chegava a ponto de o chamar às vezes, por entre dentes, cacete, ao vê-lo chegar, e de o evitar sempre que podia. O desgraçado do Simão não percebia nada, até que nos separamos os três, impelidos cada um por uma dessas rajadas da vida que me obrigou a mim a fazer uma viagem ao Chile; ao Mariano a casar-se com a D. Aduzinda, e ao Simão a empregar-se na Alfândega. Quando nos tornamos a reunir, o Mariano tinha comprado um prédio e o Simão casado, e comprado também um prédio. O único solteiro e sem prédio era eu; mas visitei as propriedades dos dois velhos companheiros, e felicitei-os a ambos pela magnífica residência, embora o Mariano me tivesse particularmente dito que o prédio do Simão fora uma verdadeira espiga, e que muito à puridade o Simão me tivesse dado iguais informações do prédio do Mariano. Enfim, como neste mundo o que é preciso é a gente estar satisfeita com o que é seu e não com o que é dos outros, achei tudo muito bem. Assim devia ser, assim era.

Entre o Simão e o Mariano notei grande cordialidade. Frequentavam-se assiduamente; eram ambos casados, ambos proprietários, precisando ambos trabalhar para viver e sustentar a prole... Entretanto a sorte, que não permitiu ao velho tio do Simão legar-lhe os seus mil contos, fez com que um sujeito caprichoso atentasse na sua casa, simpatizasse com a situação e lhe oferecesse por ela o dobro do seu valor. Mariano logo alcunhou o homem de maluco, quando ouviu tal, mas o Simão, que era o proprietário, achou a coisa muito razoável; em todo caso, pondo-se nas suas tamanquinhas, pediu o quádruplo da quantia oferecida, porque ele tinha muito amor à sua propriedade para se desfazer dela

assim por qualquer coisa... E o tolo do comprador pegou na proposta e pagou tudo sem relutar. Lá teria as suas razões... Todo o bairro se encheu com a notícia da sorte do Simão, que desdobrou o seu prédio em quatro, repentinamente... Foi por isso que, quando ontem entrei na confeitaria e vi a cara comprida e lívida com que o Mariano olhava para o comprido copo da lívida cajuada, ocorreu-me logo que toda aquela tristura preocupada da sua fisionomia se relacionava com a felicidade do amigo, e pensei:

— Ai, que o Mariano já sabe da fortuna do Simão!

Para certificar-me se era nisso em que ele estava pensando, assim que me pude desprender da assiduidade do Braga, fui até ao fundo da sala em que o Mariano chupava as últimas gotas do pálido refresco por um pálido canudo de palha, e bati-lhe familiarmente num ombro.

Por única resposta ele me disse, depois de um grande sobressalto, erguendo para mim um olhar de espanto, em que lhe vi toda a alma:

— Quem diria, hein?! E que me diz você, da felicidade do Simão?

Respondi-lhe que me sentia *também muito* regozijado e mandei servir *Appolinaris*.

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

(Do livro *Os outros*)

O Paiz, ano XXVIII, n. 10159, p. 1, 30 jul. 1912.
http://memoria.bn.br/docreader/178691_04/12956

ÍNDICES

ÍNDICE DE INDIVÍDUOS

A

ABRAÃO, 28
ABREU, Luiz de, 176
ABREU, Rodolfo, 128
AGUIAR, Angelina, 148
AGUIAR, General Souza, 41, 52, 82, 125
ALBUQUERQUE, José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e, 156
ALENCAR, Alexandrino Faria de [ministro da marinha], 120
ALENCAR, José de, 79
ALLIGHIERI, Dante, 98, 117
ALMEIDA, Belmiro de, 32, 112
ALMEIDA, Fialho de, 138
ALMEIDA, Filinto de, 22, 47, 133, 169
ALMEIDA, Júlia Lopes de, 58
ALMEIDA, Presciliana Duarte de, 40
ALVES, Milcíades, 153
ALVES, Castro, 79
ALVES, Francisco, 70
ALVES, Rodrigues, 22, 41
AMICIS, Edmondo De, 120, 166
AMOEDO, Rodolfo, 32, 101
ANDRADE, Maria Guilhermina Loureiro de, 64
ANTÃO, Santo, 140
ARANHA, Graça, 163
ARETINO, Pietro, 6
ARQUIMEDES, 54
ASSIS, Nicolina Vaz de, 60
ASSIS, São Francisco de, 43
ASSIS, Machado de, 48, 109, 116
AURÉLIO, Marco, 150
AZEVEDO, Aluizio, 22, 48, 89

AZEVEDO, Artur, 22, 40, 58, 64, 111, 159

AZEVEDO, Carlota Corday de, 150



BACH, Johann Sebastian, 24, 104

BANDEIRA, Esmeraldino [Ministro da Justiça], 130, 155

BARÃO do Rio Branco, 84

BARBOSA, Rui, 82

BARGY, Charles Le, 129

BARNETT, Sidney, 50

BARRETO, Paulo, 58, 159

BARROS, Dr. Rego, 132

BARTOLOMEU, São, 117, 157

BAUDELAIRE, Charles, 11

BEAUMARCHAIS, Pierre-Augustin Caron de, 156

BEETHOVEN, Ludwig van, 24, 62, 104

BENTO, Antônio, 169

BERNARDELLI, Henrique, 32

BERNARDELLI, Rodolfo, 22, 32, 155

BERNSTEIN, Henry, 133

BERNHARDT, Sarah, 102, 110, 129

BETHENCOURT Filho, 70

BILAC, Olavo, 2, 120, 169

BIZET, Georges, 156

BOCCACCIO, Giovanni, 117

BOLOGNA, Giovanni da, 119

BONAPARTE, Napoleão, 87

BONTURI, Elvira, 122

BRANDÉS, Martha, 102, 104, 129

BRAZÃO, Eduardo, 24

BRITO, Faria de, 168

BURGUET, Henri, 129

BUVARD, engenheiro, 144

BYRON, Lord, 98



CADET, Maria Rita Chiappe, 70, 129
CALÍGULA, 127
CÂMARA, Antônio Alves, 79, 89
CÂMARA, Dom João da, 23
CAMÕES, Luís Vaz de, 98, 113
CANTU, 113
CAPPIELLO, Leonetto, 102
CAPUS, Alfred, 59
CARDUCCI, Giosuè, 98
CARLOS I, Dom [Rei de Portugal], 79, 162
CARMEN (pseudônimo), 48
CARNEIRO, Bernard Piquet, 167
CARVALHO, Bulhões, 124
CARVALHO, Maria Amália Vaz de, 22
CASTRO, Dom João de, 156
CATÃO, Marco Pórcio, 29
CELLINI, Benvenuto, 119, 150
CELSO, Afonso, 40
CÉSAR, Júlio, 150
CHAGAS, João, 53
CHAMBELLAND, Rodolfo, 101
CHOPIN, Frédéric, 36, 62, 100
CHRYSANTHÈME [pseudônimo], 89
CLAPP, João, 169
CLEMENCEAU, Georges, 168
COARACY, Corina, 160
COELHO Neto, Henrique Maximiano, 48, 159, 165
COLAÇO, Branca de Gonta, 96
COLAÇO, Jorge, 96, 112
COLAÇO, Rey, 25
COOK, Frederico, 146
COOLUS, Romain, 158
COPPÉE, François, 63, 64
COQUELIN, Benoît-Constant, 102, 129, 172

CORREIA, Raimundo, 53
CORREIA, Serzedelo, 138
CORTINES, Júlia, 40
COSTA, Carlos, 57
COTEGIPE, Barão de, 169
COUTINHO, D. Francisco de Souza, 69
CRISTO, Jesus, 41, 107, 137
CRULS, Luís, 125
CRUZ, Oswaldo, 128
CUNHA, Olívia, 25
CUNIBERT, Gemma, 36
CURIE, Marie, 56



D'ANNUNZIO, Gabriele, 60, 67, 119, 171
D'ARC, Joana, 175
D'ARIÉVILLE, Maurício, 48
D'AUREVILLY, Barbey, 12
DA VINCI, Leonardo, 112
DALTRO, professora Leolinda Figueiredo, 22
DARCIER, Simone, 158
DAUDET, Alphonse, 133
DELZA, Monna, 176
DEMOLINS, Edmond, 16
DESPRÈS, Suzanne, 24, 102, 129
DEUS, João de, 70
DIAS, Malheiro, 69
DICKENS, Charles, 86
DIDO, 89
DIRCEU, Marília de, 45
DODU, Juliette, 175
DOLORES, Carmen, 22, 89, 160
DONATELLO, 119
DORZIAT, Gabrielle, 129
DOSTOIÉVSKI, 48

DREYFUS, Alfredo, 61
DUCCI, Luiz, 36
DUMAS, Alexandre, 108
DUSE, Eleonora, 69, 102, 129



EDISON, Thomas Alva, 88
EDMUNDO, Luiz, 68
EDUARDO, Rei, 129
ESCOBAR, Francisco, 147, 148
ESCRAIGNOLLE, Roberto, 164



FÉRAUDY, Maurice de, 102, 104, 129
FERRERO, Madame, 74
FERRI, [Enrico ?] 168
FÍDIAS, 127
FIGUEIRA, Andrade, 169
FIGUEIRA, Fernandes, 130
FIGUEIREDO, Aurélio de, 104
FIGUEIREDO, Helena de, 104, 137
FIGUEIREDO, Sílvia de, 104, 137
FIGUEIREDO, Suzana de, 104, 137
FLEMING, Thiers, 153
FLORESTA, Nísia, 40
FONTES, Hermes, 101
FRANCE, Anatole, 48
FRANCISCO I, 156
FREIRE, Felisbello, 168
FRÓES, Flávio, 88
FRONTIN, Paulo de, 144



GAFFRE, Padre, 168
GALVÃO, Ramiz, 169
GAMA, Emílio Castelar da, 148
GAMBETTA, Léon, 110, 130
GARIBALDI, Anita, 175
GARIBALDI, Giuseppe, 139, 175
GARRETT, Almeida, 45
GIOTTO, 119
GONZAGA, Tomás Antônio, 120
GORKI, Máximo, 67
GOT, 129
GRANGER, Pauline, 129
GREGÓRIO, 140
GUARDIA, Clara Della, 102
GUÉDY, Théodore, 101
GUERRERO, Maria, 102
GUIGNARD, Gaston, 101
GUIMARÃES, Fanny, 68
GUIMARÃES Filho, Luís, 173
GUITRY, Lucien, 172



HALÉVY, Ludovic, 172
HEINE, Heinrich, 79
HOMERO, 50, 98
HORÁCIO, 145
HORSZOWSKI, Miecio, 36
HUGO, Victor, 54, 110, 134, 156
HUMBERTO, Rei, 1

I

IBSEN, Henrik, 73
IDALINA, 166
ISABEL, Princesa, 169
ISAÍAS, 82
ISAURA, Clemência, 63

J

JACOLLIOT, Louis, 168
JARDIM, Bulhões, 112
JOÃO V, Dom, 84
JOÃO VI, Dom, 14, 45, 176
JOÃO, São, 43
JUNQUEIRO, Guerra, 98

K

KARR, Alphonse, 116

L

LA FONTAINE, Jean de, 1, 98
LAGE, Antônio, 9
LAMARTINE, Danton Gambetta de, 150
LAMBERT, Albert, 129
LAMBERT Filho, Albert, 129
LAMPREIA, Conselheiro, 69
LANDOR, Arnold Henry Savage, 168
LANNES, Marechal de, 87
LAPARCERIE, Cora, 24
LATOUR, Eugênio, 95, 101
LAURENT, Marie, 175
LAVATER, Jean Gaspard, 103
LÁZARO, 41
LEGENDRE, 89
LELOIR, 129

LÉLY, Madeleine, 102
LEMAÎTRE, Frédérick, 129
LE MOS, Antonio José de, 89
LISZT, Franz, 24
LOBO, Francisco Rodrigues, 89
LOMBROSO, Cesare, 119
LOMBROSO-FERRERO, Gina, 114
LOPES, Oscar, 154
LOPES, Teixeira, 7, 23
LOPEZ, Thomaz, 17
LOYOLA, Luiz Augusto de, 148
LUÍS I, Dom [Rei de Portugal], 162
LUÍS FILIPE, Dom [Rei de Portugal], 162
LUSO, João, 3, 53, 113, 136



MACEDO, Raymundo de, 68
MACHADO, Julião, 72
MACHADO, Teodoro, 128
MAGALHÃES, Couto de, 60
MAGALHÃES, Fernando, 165
MAGALHÃES, Franklin, 53
MAGALHÃES, Sabino de, 89
MAGALHÃES, Stella Parodi de, 11
MAGNO, Alexandre, 150
MALHERBE, François de, 31
MALHOA, José, 23
MANGABEIRA, Francisco, 40
MANUEL II, Dom [Rei de Portugal], 162
MAOMÉ [Mafoma], 131
MARIA, ama, 162
MARQUES, Jesuína, 129
MARQUES, João, 79

MARQUES, Xavier, 79
MASCARENHAS, Joaquim de Aguiar, 150
MÉDICIS, 119
MELO, Augusto de, 165
MELO, Dr. Guedes de, 132
MENDÈS, Jane Catulle, 175, 176
MENDONÇA, Curvelo de, 124
MENDONÇA, Henrique Lopes de, 129
MENEZES, Ferreira de, 169
MÉRICOURT, Théroigne de, 175
MICHAELLIS, Sra., 22
MICHELANGELO, 60, 112, 119
MILLER, Antonietta Rudge, 24
MILTON, John, 98
MIRANDA, João da Veiga, 151
MIRANDA, Rodolfo Nogueira da Rocha [Ministro da Agricultura], 150, 161
MOGLIA, Antonieta, 139
MOISÉS, 43, 46, 60, 98, 156
MOLIÈRE, 113, 129
MONTAIGNE, Michel de, 16
MONTANARI, Mme., 57
MONTEBELLO, Duque de, 87
MONTEIRO, Jerônimo, 166
MONTEUX, Henri, 129
MORENO, 102
MOREIRA, Antônio, 89
MOREIRA, Isabela, 148
MOTTA, Vianna da, 68, 69, 104
MOUNEYRAT, doutor, 88
MOURÃO, Evangelina de Freitas, 148
MOZART, Wolfgang Amadeus, 62
MÜLLER, Lauro, 22, 46

N

NABUCO, Joaquim, 48, 169
NAPOLEÃO, Artur, 69, 92
NEVES, Lourenço Baeta, 167
NERO, 61
NERVAL, Gérard de, 63

O

OFFENBACH, Jacques, 149
OHNET, Jorge, 154
OLIVEIRA, João Alfredo Correia de, 169
OLIVEIRA, Regina Régis, 48
OLIVEIRA LIMA, Manuel de, 163
ONOFRE, Santo, 140
ORCAGNA, Andrea di Cione, 119
ORLEANS, Amélia de, 162
ORLANDO, Artur, 167
OSÓRIO, Anna de Castro, 70

P

PAILLERON, Édouard, 102, 129
PALMIERI (maestro), 11
PASSOS, Francisco Pereira, 41, 60, 124, 142, 143, 144
PASSOS, Guimarães, 159
PASTEUR, Louis, 140
PATROCÍNIO, José do, 169
PEARY, Robert, 146
PEÇANHA, Anita, 130
PEÇANHA, Nilo, 130, 160
PEDERNEIRAS, Mário, 22
PEDRO, São, 84
PENA, Afonso, 130
PERES, Lucília, 58

PINHEIRO, João, 148
PINTO, Adriano Ramos, 7
PINTO, Alfredo, 130
PISTARINI, Luiz, 53
PLATÃO, 64
PRADO, Luiz, 89
PRAXÍTELES, 127
PREVOST, Chapot, 22
PRUDHOMME, Sully, 98
PUCCINI, Giacomo, 11, 122



QUEIRÓS, Eça de, 41, 103, 116, 171, 172
QUENTAL, Antero de, 48



RAFAEL, 8, 112, 149
REDONDO, Garcia, 50
REIS, Aarão, 86
RÉJANE, Gabrielle, 102, 110, 129, 133, 135
REMBRANDT, 149
RENAN, Ernest, 140
REZENDE, Lúcia de, 74
REYS, Luís da Câmara, 99
RIBEIRO, Bento, 165, 176
RIBEIRO, João, 165
RIBEIRO, Tomás, 46
RICARDO III, 127
RICCIA, Pierina, 6
RICHELIEU, 63
RIO, João do, 144
RODRIGUES, Barbosa, 50
RODRIGUES, Bittencourt, 168
ROLAND, Madame Manon, 175

RONDON, Cândido, 168
ROPETTO, Américo, 139
ROSSI, César, 102
ROSSI, Emmanuel, 129
ROSTAND, Edmond, 72, 98, 127, 154



SÁ, Augusto de, 89
SÁ, Moreira de, 69
SABOIA, Maria Pia de, 163
SALES, Francisco, 148
SALLES, Josino de A., 89
SAMPAIO, José Pereira de, 124
SAMPAIO BRUNO, 124
SANCHES, Pedro, 147
SANCHO I, Dom, 78
SANTOS, José Américo dos, 81
SANTOS, Mourão dos, 120
SÁRRAGA, Belén de, 168
SCHUMANN, Robert, 24
SCHURÉ, Édouard, 74
SERRA, Joaquim, 169
SHAKESPEARE, William, 54, 61, 98, 108, 113, 117, 135, 156
SIGNORET, 129
SILVA, Celestino da, 102
SILVA, Ferreira, 129
SILVAIN, Eugène, 129
SILVAIN, Madame [Louise Hartman], 129
SILVIE, 129
SIZERANNE, Maurice de la, 27
SMILLS, Jorge, 143, 144
SCELLINGER, Hélios, 95, 101
SOUZA, Cristiano de, 129
SOUZA, Pereira e, 120
STERNE [escultor], 156

T

TAILLADE, Madeleine, 129
TEIXEIRA, Gustavo, 101
TERRAIL, Ponson du, 171
TERTULIANO, 140
THÈBES, Madame de, 122
TICIANO, 119
TINTORETTO, 119
TOLSTOI, Leão, 48, 98
TOMÁS, São, 47
TOUTAIN, Blanche, 129
TURGUENIEV, Ivan, 48

U

UMBELINO, 140

V

VALE, 129
VANDERBILT, miss 82
VELÁSQUEZ, Diego, 99, 149
VERDI, Giuseppe, 156
VERÍSSIMO, José, 44
VERNE, Julio, 168
VERONESE, Paolo Caliori, 119
VIEIRA, Belfort, 120
VIRGÍLIO, 117, 149

W

WAGNER, Richard, 110
WALCH, G., 175
WASHINGTON, George, 150
WORMS, 129
WORMS, Bertha, 172

X

XAVIER, Joaquim José da Silva, 93

XERXES, 54

Z

ZAMBELLI, Josefina, 57

ZOLA, Émile, 87, 96, 171

ÍNDICE DE OBRAS

A

Abbé Constantin, L', 172
Affaires sont les affaires, Les, 102
Aida, 29
Álbum da Inspetoria de Matas e Jardins, 113
America Meridionale, Nell', 114
Amuada, 32
Antologia dos poetas franceses contemporâneos, 175
Anuários da Estatística, 124
Asno de ouro, 127
Aveugles utiles, Les, 27
Azebre, O, 129

B

Bíblia, 43, 74, 127
Blasphèmes, 24
Bohème, La, 11
Boletim Comemorativo da Exposição Nacional de 1908, 124
Boules de Neige, 48

C

Cabotins, Les 102, 129
Carmen, 125
Cavalleria Rusticana, 11
Chacun sa vie, 102
Chansons des Gueux, 24
Chantecler, 127, 154
Charmes, Les, 175
Cinematógrafo, 144

Coração, 166
Correio da roça, 174
Course du Flambeau, La, 133
Croquis, 48
Cyrano de Bergerac, 67, 102, 138, 157



Dama das Camélias, 6, 133
Desencanto, O, 160
Diálogos, 89
Ditadura, A, 124
Dom Quixote, 74, 98, 127, 153
Dona Branca, 45
Dote, O, 58, 64



Educação Nacional, A, 44
Education nouvelle, L', 16
Em defesa dos flagelados do Norte, 167
Ementário, 101
Ensaio sobre as construções navais indígenas do Brasil, 79



Faceira, 155
Femme Nue, La, 133
Femme passa..., Une, 158
Femmes Savantes, 129
Filles de Feu, 63
Fuoco, Il, 119

G

Glu, La, 24
Gioconda, 67

H

Hamlet, 22, 121
Heras, 89
Histórias da nossa terra, 70, 148
Histórias do meu casal, 22
Horas mortas, 159

I

Impunes, Os, 154
Inocente, O, 67, 171
Intruso, 89
Iracema, 79, 167
Israel, 133

L

Livro das Donas e Donzelas, 22
Lisístrata, 139
Logias, 112

M

Ma cousine, 102
Macbeth, 54
Madame Sans Gêne, 133
Merry Wives of Windsor, 108
Mestre de Forjas, O, 154, 172
Minha pátria, A, 70
Moisés, 60
Mona Lisa, 112



Paris-New-York, 133
Parisienne, 102, 133
Passé, Le, 102
Passerelle, La, 133
Perseu, 119
Plenilúnio, 53
Poesias, 68
Praga social, 95
Précurseurs et Révoltés, 74
Prismas, 89
Propos Fantaisistes, 59



Radamés II, 56
Rafale, 104, 129
Raffles, 133
Rapto das Sabinas, 119
Rayons Épars, 48
Refuge, Le, 133
Ressurreição, 98
Revista da Academia Brasileira de Letras, 159
Rigoletto, 156
Roi, Le, 133
Roi s'amuse, Le, 156



Safo, 133
Secas e florestas. O Estado e a floresta particular, 167
Sombras, 40
Sombrinhas e Postais, 53
Sonata de Kreutzer, 98
Sonho de uma noite de verão, 117
Soror materna, 95

T

Tannhauser, 125

Tartufo, 137

Ti Anna, 23

Tosca, 67

Transfiguração, 8

Triunfo da Morte, 119

U

Últimas poesias, 40

Última Noite, 58

V

Vencida, 69

Vênus de Milo, 60, 110, 112

Velhos, Os, 23

Versos, 40

Versos de um simples, 159

Viático na aldeia, O, 23

Vibrações, 40

Viúva, A, 7

Viúvo, 22

Z

Zazá, 133

ÍNDICE DE LUGARES

A

Abissínia, 8
Academia (Veneza), 119
Academia Brasileira de Letras, 58, 72, 159, 165
Academia de Kraus-Boelt, 64
Academia de Medicina, 128
Academia de Toulouse, 63
Academia dos Jogos Florais, 63
Academia Francesa, 63, 64, 87
Acre, 167
África, 107, 115, 143
Alagoas, 124
Albert Hall, 146
Alemanha, 50, 91, 136, 145, 166, 175
Alexandria, 56
Alto da Boa Vista (Teresópolis, RJ), 25, 96
Alpes, 53, 173
Amalfi, 94
Amazonas, 143, 167
América do Norte, 14, 47, 64, 67, 146, 169
América do Sul, 47, 146, 154, 163
América Latina, 26, 47
América [continente americano], 102, 104, 107, 114, 139, 146, 163
Andorra, 163
Angers, 140
Angola, 84
Apeninos, 94
Aqueduto [da Carioca], 52, 144
Arábia, 8
Argentina, 26, 139

Arno, 119
Arsenal de Marinha, 153
Ásia, 8, 59, 107
Asilo de São Francisco de Assis, 132
Asilo dos Cegos, 33
Assíria, 60, 121
Associação da Estrada de Ferro Central do Brasil, 86
Aterrado, 132
Áustria, 8, 94, 140
Avenida Beira-Mar, 142, 144
Avenida Central (RJ), 28, 42, 95, 101, 105, 127, 141, 142, 144, 149, 175
Avenida do Mangue, 132
Avenida Gomes Freire, 149
Avenida Mem de Sá, 149



Bahia, 14, 52, 64, 79, 115, 138
Baía de Guanabara, 33, 81, 96, 114, 120, 142
Baraúna, 96
Barbacena, 128
Barreira, 52
Bélgica, 163
Belo Horizonte, 64, 114
Berlim, 47, 94, 99, 104
Bizâncio, 57
Blumenau, 91
Boêmia, 94
Bogotá, 26, 47
Bois, 57
Bon Marché, 56, 63
Botafogo, 52, 115
Brahma, 157
Brasil, 1, 3, 8, 17, 18, 22, 23, 24, 26, 30, 45, 48, 50, 56, 59, 60, 63, 77, 78, 79, 80, 84, 94, 96, 102, 104, 114, 120, 122, 124, 130, 136, 145, 146, 151, 153, 154, 163, 164, 166, 167, 169, 173, 174, 175, 176

Bretanha, 101
Bruxelas, 47, 59
Buenos Aires, 28, 56, 124, 143
Buttes-Chaumont, 144



Cabo Frio, 21
Cachoeira, 152
Caixa de Conversão, 112
Calábria, 119
Calle Dieciocho, 56
Califórnia, 14, 89
Cairo, 56, 94, 145
Campo Santo, 119
Campos, 45
Canal da Mancha, 79
Candelária, igreja da, 7, 52, 105
Cannes, 52
Cantagalo, 157
Capela do Palácio de Queluz, 162
Caperi, 94
Caracas, 26, 47
Cartago, 89
Casa de Molière, 129
Casa Del Bosco, 164
Casa dos Cegos, 27
Casa Flora, 20, 82
Casa Leitão, 112
Casa Lisboa, 112
Casa Victor, 20
Cascata do Imbuí, 128
Cascavel, 151
Cassino, 54
Castelões, 157
Catete, 9, 80
Cava, 94

Cavé, 51, 88
Ceará, 79, 167
Ceilão, 145
Central do Brasil, 152
Cerro de Santa Lucia, 56
Chiado, 162
Chile, 26, 47, 56, 61, 136, 139, 177
China, 8, 57, 96, 145, 163, 164
Chuí, 10
Cidade maravilhosa [Exposição Nacional], 113
City Improvements, 46, 81
Clarens, 173
Clavadel Schweiz, 53
Colégio Sion, 123
Colorado Springs, 174
Comédie Française, 102, 129
Conservatório de Paris, 129
Conservatório Scharwenka, 104
Convento de Santo Antônio, 52
Copacabana, 143, 170
Corcovado, 33, 52, 142, 163
Cordilheira dos Andes, 56
Cosme Velho, 89
Cruzeiro do Sul (constelação), 10, 114
Curso Lacombe, 123
Curvelo, 52, 76



Dakar, 106
Dedo de Deus, 128
Diretoria Geral de Estatística, 124
Douro (rio), 145



Egito, 43, 56, 58, 60, 107, 121, 145, 167
Engenho Velho, 144
Escola de Belas Artes, 17, 32, 60, 95, 111
Escola Dramática, 165
Escola Modelo de Aprendizes, 120
Esfinge, 56
Espanha, 17, 22, 45, 91, 175
Espírito Santo, 166
Estados Unidos, 14, 19, 26, 47, 67, 74, 88, 146, 174, 175
Estocolmo, 146
Estrada de Ferro Central do Brasil, 86
Estrada do França, 76, 96, 125
Europa, 1, 8, 11, 22, 28, 36, 45, 47, 50, 59, 60, 67, 68, 94, 95, 99, 100, 102, 104, 107, 114, 115, 133, 137, 140, 142, 146, 162, 163, 164, 170, 175



Fábrica de gelo de B. F. da Costa e Souza & C., 19
Fábrica de pianos Blutner, 104
Fazenda de São Valentim, 151
Fenícia, 121
Flamengo, 83
Florença, 119
Fonte Quinze de Novembro, 147
Forte de Villegaignon, 120
França, 1, 2, 13, 15, 17, 24, 48, 53, 59, 63, 87, 98, 102, 124, 129, 133, 136, 140, 145, 154, 158, 163, 164, 166, 175
Friburgo, 25, 91, 117, 173



Gabinete Português de Leitura, 7
Gamboa, 22, 52
Garraão, 52

Gávea, 103, 143
Genebra, 14
Glória, 81, 125, 142, 143, 144
Glória, Jardim da, 8
Goa, 156
Goiás, 14, 94
Golconda, 84
Grand hotel des Narcisses, 173
Grande Hotel Continental, 56
Grécia, 8, 14, 57, 60, 98, 127, 150
Groenlândia, 96
Gruta Azul, 94
Guiné, 107



Haya, 82
Himalaia, 168
Holanda, 11, 50, 82, 164
Horto Botânico, 128
Horto Real, 176
Hospital das Crianças, 130
Hotel da Empresa, 147, 148, 149, 151
Hotel da Vista Alegre, 125
Hotel Higino, 47



Igreja São Francisco Xavier, 144
Ilha das Cobras, 120
Ilha de França, 176
Ilha de Santa Cruz, 9
Ilha do Diabo, 61
Ilha do Viana, 9
Índia, 1, 22, 59, 78, 82, 156
Inglaterra, 1, 22, 50, 74, 77, 79, 118, 127, 129, 164, 175
Inspetoria da Saúde Pública, 149

Instituto Benjamin Constant, 27
Instituto de Música, 17, 68, 74, 137
Instituto Dr. Moncorvo, 130
Instituto Profissional Feminino, 44
Ipanema, 32
Israel, 60, 140
Itaici, 96
Itália, 11, 45, 53, 67, 91, 94, 95, 96, 98, 102, 114, 119, 122, 139, 145, 162, 166, 175
Itatiaia, 2
Itu, 140

J

Jardim Botânico (bairro, RJ), 9, 29, 50
Jardim Botânico, 176
Jardim Gabrielle, 176
Jardim Zoológico, 121
Japão, 8, 22, 45, 50, 82, 107, 145, 164
Jerusalém, 60
Joinville, 91
Juiz de Fora (MG), 4
Junquinhos, 52

K

Karlsruhe, 8

L

Lagoinha, 25, 76, 117
Laguna (Veneza), 119
Lapa, 52, 81, 130
Largo da Carioca, 52, 70, 96, 117, 138, 142, 143, 144
Largo de São Francisco, 141, 144
Largo do França, 52, 76, 125
Largo do Rocio, 142
Liga contra a Tuberculose, 69

Lisboa, 28, 45, 50, 93, 112, 162
Lima, 26, 47
Londres, 28, 46, 47, 50, 59, 99, 118, 142, 145, 146, 164
Louvre, 56, 63, 112



Madrid,
Manágua, 26
Mangue, 96
Marselha, 45
Mato Grosso, 8, 94, 168
Mercado de flores, 82
Mesquita el Azhar, 56
México, 26
Milão, 11
Minas Gerais (estado), 8, 19, 64, 84, 89, 91, 114, 147, 148, 151, 153
Minas Gerais (navio), 153
Mogi Guaçu (rio), 14
Mogiana, 147, 151
Mônaco, 94
Monte de Socorro, 171
Monte Sinai, 60, 156
Montreux, 173
Morro da Califórnia, 52
Morro da Conceição, 143
Morro da Favela, 143
Morro de Santa Teresa, 76, 106, 125, 143, 144
Morro de Santo Antônio, 52, 106, 125, 130, 138, 142, 143, 144, 149
Morro do Castelo, 142, 143, 144
Morro do Livramento, 142
Morro do Pinto, 142, 143
Morro Paula Matos, 144
Munique, 59
Museu Comercial, 101
Muzambinho, 89

N

Nancy, 164
Nápoles, 107
New Garden, 50
Niágara, 26
Nice, 94
Nilo (rio), 56, 167
Nínive, 60
Niterói, 81, 105, 142
Norte (região), 167
Noruega, 145
Nova York, 26, 64, 67
Nova Cintra, 125
Nova Zelândia, 50, 96

O

Observatório Astronômico, 125
Oceania, 107
Oceano Atlântico, 96
Orfanato Cristóvão Colombo, 166
Oriente, 57, 89
Orléans, 175

P

Pacífico (oceano), 56
Palácio de Cristal, 84
Palácio do Doge, 119
Palácio do Riachuelo, 46
Palácio Monroe, 28, 125
Palácio Zuhmaroff, 145
Panthéon, 87
Pão de Açúcar, 163
Pará, 70

Paraíba (rio), 10
Paraná, 8, 89, 91
Paris, 13, 17, 23, 28, 47, 56, 57, 59, 80, 96, 99, 101, 102, 107, 112, 128, 129, 133, 142, 144, 164, 167, 171, 172
Parque da República, 33, 144
Parque de Versailles, 164
Passeio Público, 80, 99
Patronato dos Menores, 130
Paulo Afonso (cachoeira), 26
Pavilhão Monroe, 168
Pechora (rio), 145
Penha (bairro, RJ), 14
Pérgamo, 89
Pérsia, 54
Petrópolis, 25, 42, 80, 84, 91, 117, 123, 134, 164
Palestina, 56
Pincio, 138, 143
Piracicaba, 74
Pirâmides de Sacará, 56
Pirâmides de Quéfren, 56
Pirâmides de Quéops, 56
Piza, 119
Poços de Caldas, 147, 148, 149, 151
Polo Ártico, 96
Polo Antártico, 96
Polo Norte, 146
Polo Sul, 146
Polônia, 91
Porto Ferreira, 43, 151
Portugal, 22, 23, 45, 59, 78, 79, 84, 91, 93, 98, 102, 112, 124, 136, 162, 168
Praça da Abolição, 169
Praça do Domo, 119
Praça dos Governadores, 149
Praça Quinze de Novembro, 33
Praça S. Marcos, 119
Praia do Russell, 81

Praia Vermelha, 89, 99, 113

Prata, 128, 143

Prefeitura, 143, 165, 166, 176

Prússia, 175



Quai de la Mégisserie, 128

Quebra Frascos, 128

Quinta Lebrão, 128

Quixadá, 167



Real Sociedade de Geografia, 146

Ribeirão de Caldas, 147

Righi, 94

Rio Amazonas, 84, 167

Rio Comprido, 125

Rio de Janeiro (cidade), 14, 19, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 32, 39, 41, 44, 45, 46, 50, 52, 53, 57, 59, 68, 74, 79, 80, 81, 82, 83, 88, 89, 91, 96, 99, 101, 106, 112, 113, 114, 115, 117, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 135, 136, 138, 139, 140, 142, 143, 144, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 155, 157, 163, 164, 166, 168, 170, 171, 175

Rio de Janeiro (Estado), 8, 19, 30, 64, 70, 89, 91

Rio Grande do Norte, 40, 124

Rio Grande do Sul, 8, 89, 91, 114, 145, 166, 175

Rio Purus, 79

Rio Sena, 147

Rio Zambeze, 138

Rocio, 138

Roma, 17, 98, 138, 143, 144, 150, 167, 175

Roraima, 10

Rua da Alfândega, 157

Rua da Assembleia, 127

Rua da Carioca, 142

Rua das Laranjeiras, 83

Rua de S. Cristóvão, 5
Rua de Santa Luzia, 19
Rua do Hospício, 144
Rua do Humaitá, 83
Rua do Lavradio, 22, 107, 142
Rua do Matoso, 144
Rua do Ourives, 53
Rua do Ouvidor, 42, 105
Rua do Paissandu, 176
Rua do Paraíso, 106
Rua dos Arcos, 142
Rua dos Junquinhos, 125
Rua Evaristo da Veiga, 115, 142
Rua Haddock Lobo, 52, 176
Rua Riachuelo, 76, 106
Rua São Joaquim, 144
Rua Senador Dantas, 142
Rua Senhor dos Passos, 144
Rua Sete, 51
Rua Silva Manoel, 76
Rua Uruguaiana, 53, 57
Rua Voluntários da Pátria, 52
Rússia, 48, 98, 116, 145



Saint-Cloud, 164
Salão do Jornal do Comércio, 168
Salão dos Empregados no Comércio, 175
Salvador, 138
San Sebastian, 94
Sanatório de São Luiz, 74
Santa Teresa (bairro RJ), 52, 76, 96, 106, 117, 142, 143
Santiago, 26, 47, 56
Santo Amaro (Iago, SP), 14
Santo Antônio, 125

Santos, 152
São Clemente, 49
São Cristóvão, 52, 130, 144
São Diogo, 52
São Gonçalo, 45
São Miguel, 34
São Paulo (cidade), 8, 14, 24, 40, 43, 83, 114, 128, 148, 152, 166, 168, 169, 172
São Paulo (estado), 52, 64, 70, 91, 122, 127, 136, 152
São Paulo Railway, 152
São Petersburgo, 23
Senado brasileiro, 144
Sergipe, 124, 132
Serra dos Órgãos, 96, 101, 128, 149
Serres du Cours-la-Reine, 59
Setúbal, 70, 177
Sèvres, 82
Sibéria, 22
Sicília, 119
Silvestre, 52, 76, 89, 125, 143
Sociedade de Temperança, 74
Sociedade Nacional de Agricultura, 45, 128
Sociedade Protetora dos Animais, 28
Società delle giovinette italiane per la pace, 139
Sorbonne, 163
Sorrento, 94
Suíça, 14, 53, 56, 91, 173
Sumaré, 25, 52, 96, 117, 125



Tambaú, 151
Taubaté, 152
Teatro da Porte Saint-Martin, 175
Teatro Dal Verme, 11
Teatro Lírico, 24, 56, 69, 102, 129, 138, 158, 168
Teatro Municipal, 125, 129, 133, 147, 154, 165, 172

Teatro Réjane, 129
Teatro São Pedro, 102
Tegucigalpa, 26
Teresópolis, 25, 47, 52, 117, 128, 149, 173
Terra, 2, 6, 22, 50, 56, 57, 82, 96, 118, 119, 125, 127
Territel, 173
Tibet, 96, 163
Tietê (rio), 14
Tijuca (RJ), 25, 32, 33, 52, 53, 80, 85, 96, 117, 143
Tipografia da Estatística, 124
Travessa Flora, 82
Turim, 140
Turquia, 145



Uruguai, 26, 139



Vale das Laranjeiras, 76
Vale do Andaraí, 76
Valparaíso, 56
Vaticano, 112
Veneza, 28, 119
Viena, 94, 140
Vila Isabel, 52, 83, 144
Vila Silvestre Ferraz, 89
Vista Alegre, 52



Washington, 23, 47



Zurique, 14, 53

ÍNDICE DE PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

A

Annales, Les, 1

C

Correio de Poços, 148

D

Donna, La, 139

Diário Oficial, 170

E

Economist, The, 128

Estado de S. Paulo, O, 89

Étoile du Sud, L', 176

F

Figaro, 163

G

Gazeta de Notícias, 74, 144

I

Illustration, 172

J

Jornal, 3, 40, 125

Jornal do Comércio, 8, 50, 53, 61, 67, 79, 98, 128, 138, 167, 168

Jornal dos Pequenos, 70

L

Lecture pour tous, 57

N

Notícia, A, 28, 118, 136

P

Paiz, O, 4, 9, 22, 33, 53, 64, 69, 72, 99, 143, 144, 149, 160, 161

Palcoscenico, Il, 11

Presse, La, 175

R

Revue, La, 163

S

Semana, A,

Staffile, Lo, 11

T

Tribuna, 143

BIOGRAFIA DA EDITORA DESTE VOLUME

MILENA RIBEIRO MARTINS

Mestre e Doutora em Teoria e História Literária pela Unicamp, é professora de Literatura Brasileira e Teoria Literária na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Em 2023/2024, foi pesquisadora visitante no Departamento de História da Harvard University, com bolsa da CAPES/PrInt.⁴⁶ Dentre os resultados de suas pesquisas, destacamos: (1) *Lobato na Escola*, em dois volumes (editora Paulus, 2022), dos quais foi organizadora e coautora, com Luís Camargo e Katia Chiaradia; (2) *Monteiro Lobato livro a livro: obra adulta*, organizado por Marisa Lajolo (Unesp, 2014), e *Monteiro Lobato livro a livro: obra infantil*, organizado por Marisa Lajolo e João Luís Ceccantini (Unesp, 2008), dos quais foi coautora; (3) "Mulheres de 1920" (in *À margem do(s) cânone(s) III*, UFPR, 2021) e "Lar violento lar: contos nada singelos de Júlia Lopes de Almeida" (in *Mulheres na História*, Literar, 2020), em que discute a autoria feminina no começo do século XX; (4) "O livro brasileiro nos anos 1920" (na revista *O eixo e a roda*, v. 29, 2020) e "The Brazilian Publishing Industry at the Beginning of the Twentieth Century", em coautoria com Cilza Bignotto, incluído em *Books and Periodicals in Brazil 1768-1930*, organizado por Ana Cláudia Suriani da Silva e Sandra Guardini Vasconcelos (Oxford: Legenda, 2014) são alguns dos artigos em que analisa a história do livro no Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1453-4532>

⁴⁶ O presente trabalho foi parcialmente realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

